13

CORPO DIPLOMATICO PORTUGUEZ

CONTENDO

OS ACTOS E RELAÇÕES POLITICAS E DIPLOMATICAS

DE PORTUGAL

COM AS DIVERSAS POTENCIAS DO MUNDO

CORPO DIPLOMATICO PORTUGUEZ

CONTENDO

OS ACTOS E RELAÇÕES POLITICAS E DIPLOMATICAS DE PORTUGAL

COM AS DIVERSAS POTENCIAS DO MUNDO

DESDE O SECULO XVI ATÉ OS NOSSOS DIAS

PUBLICADO

DE

ORDEM DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

POR

JAYME CONSTANTINO DE FREITAS MONIZ

TOMO XIII

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

M DCCCC VII

LIBRARY
AUG 21 1970
UNIVERSITY OF TORONTO

JX
821
A4
t. 13

CORPO DIPLOMATICO PORTUGUEZ

RELAÇÕES COM A CURIA ROMANA

REINADO DE EL-REI D. JOÃO IV

E

DE EL-REI D. AFFONSO VI

CORPO DIPLOMATICO PORTUGUEZ

RELAÇÕES COM A CURIA ROMANA

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645—Janeiro 1

Senhor —.....[1]

O Doutor Nicolau Monteiro creo que ja estará perto de Roma, e lhe remetti as cartas d elRey Christianissimo, o qual nas instrucções que se derão a Monsieur de Grimonvilla recomendou muito o assistisse, e tratasse dos negocios de Vossa Magestade para que se recebesse embaixador. Fernam Brandam me escreveo de Roma, dizendo me em hum capitolo o que Vossa Magestade verá da copia junta, dando me conta da graça que Sua Santidade lhe havia feito no officio que devia comprar, e por conhecer o modo, e muita intelligencia, deste homem, dezejei que fosse entretido e satisfeito, ao menos para não fazer *(sic)* nos arbitrios e couzas dos negocios, e dezeja que se lhe satisfaça o que gastou. Por carta de 12 do passado me aviza de Roma o Padre frei Antonio de Magalhais que o Padre frei Dinis de Alemcastro levara alguns despachos de Roma, entre os quais era o eregerse separada a provincia da India, sendo com beneplacito de Vossa Magestade e pello que Vossa Magestade me avia avizado em não ser de seu serviço esta separação de provincias, fis de aqui muitas instancias para a impedir, e a hum relligioso, que veo da In-

[1] *Assumpto extranho.*

dia a tratar disso, e as mesmas fizerão os diffinidores dessa de Portugal, e assi quando não fora o prejuizo do Reino e relligião, ja pello avizo de Vossa Magestade não devia isto de ter effeito. Tambem procurei que o geral se não servisse para as couzas desse Reino do secretario castelhano, mas só do de França, e assi se alcançou, e executou, mas aviza me o mesmo frei Antonio de Magalhais que os despachos do Padre frei Dinis de Alemcastro vão pello secretario de Espanha.

. . . . . [1]

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Janeiro 2

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquelle que amo. Emquanto dura a missão do Doutor Nicolao Monteiro, não ha lugar de nomear outro Agente em Roma, nem seria decente, que havendo aly quem tratasse dos negoceos do Reyno tão pontualmente como Eu espero que elle o faça se manifestasse pessoa algũa com titulo de Ministro meu. Isto supposto he forçado, que Fernando Brandão espere melhor tempo para sua pertenção, e quando ella possa ter lugar, me será muito prezente seu merecimento, assy pelo que sey delle, e me avisastes em outras occaziões, como pelo que ultimamente me informastes com carta de 7 de Agosto. Escrita em Lisboa a 2 de Janeiro de 1645.—*Rey*.

Para o Conde da Vidigueira.[2]

[1] *Assumpto extranho.—Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{6}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 175.

[2] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 439.—*Sobrescrito:* Por ElRey—A Dom Vasco Luis da Gama Conde da Vidigueira, Almirante da India, do seu conçelho, e seu Embaixador em França.

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Janeiro 2

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Sem embargo de se vos advertir no primeiro capitulo da Instrucção que vos levou o Doutor Nicolao Monteiro para passardes a Roma não foseis sem aviso de que serieis admetido, por não acontecer o desar de voltardes de Roma como o Bispo de Lamego, que será muito mayor, e muito mais para sentir em segunda embaixada, me pareceu tornar vos a repetir por esta carta aquelle preceito, que guardareis tão inviolavelmente, que sem certeza moral de serdes admetido, não cometais a passagem áquella Curia; e se dispois de chegado a ella, não fordes recebido em termo de um mez, vos voltareis logo, logo, sem vos deter com nenhum preteisto, salvo for tão grande, que a vosso juizo pareça que eu quereria que vos detivesseis com elle, e ainda assy, será por muito poucos dias, porque não estão as cousas em estado para se poder ter por minha parte mayor sofrimento. Escrita em Lisboa a 2 de Janeiro de 1645.—*Rey*. ⋮ .

Para o Conde Almirante.[1]

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 441.—*Sobrescritto:* Por ElRey—A Dom Vasco Luis da Gama, Conde da Vidigueira, Almirante da India, do seu conçelho, e seu Embaixador em França.

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645 — Janeiro 2

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. O Dezembargador Antonio Monis de Carvalho Secretario dessa embaixada, me remeteo hum papel cuja copia será com esta, com hũa carta a que se lhe respondeo, o que vereis pela copia que se vos remete; e porque as razões do papel parecerão aquy conformes a meu serviço, vos ordeno tomeis noticia do caminho e estado que tomou aquelle negocio despois da feitura do papel, e segundo o que achardes, o podereis encaminhar, tendo por certo, que nunca deligencias daquella qualidade, feitas em Roma, e mais sendo reprezentadas em nome de tão grande Princeza como a Rainha de Inglaterra, podem prejudicar, antes aproveitar muito a meu serviço. Escrita em Lisboa a 2 de Janeiro de 1645.— *Rey*. ⋮ .

Para o Conde Almirante.[1]

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645 — Janeiro 2

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquelle que amo. Ainda que se pode esperar das deligencias, que prudentemente prevenistes, para atalhar a separação da Provincia

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 456. — *Sobrescrito:* Por ElRey — A Dom Vasco Luis da Gama, Conde da Vedigueira, Almirante da India do seu conçelho, e seu Embaixador em França.

de São Domingos da India, todo o bom effeito, para total segurança, se tem ordenado aviso aos Ministros daquelle estado, que em nenhum acontecimento permitão couza de tanto desserviço meu, nem consintão se execute despacho ou Breve por que ella se ordene; de que vos dou conta para que fiqueis entendendo, que me haverey por bem servido de que attendais a este negoceo com o mayor cuidado, que vos for possivel, advertindo a João de Matos e frei Fernando de Menezes o que devem fazer a bem delle. Escrita em Lisboa a 2 de Janeiro de 1645.—*Rey*. ⋮ ·

Para o Conde da Vidigueira.[1]

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Janeiro 2

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Supposto o que me escreveis em carta de 9 de novembro, sobre o tratamento que os Reys e Principes com os Cardeaes da Santa Igreja, *(sic)* não convem alteralo, nem seguir outro differente, sem razão especial, em algũa das pessoas dos Cardeaes, que por hora se não offerece, e assy no cazo que vades a Roma, e deis aos Cardeaes cartas minhas, lhe poreis, nas firmas que vos forão em branco, o tratamento de vós, e no sobreescrito o de primo, que he o que me dizeis uza ElRei de França, e o que mais se conforma com os estilos desta Coroa. O negocio do Santo Officio com os Padres da Companhia está prevenido por mym, na forma que mais convinha, e com esta se vos envia hũa copia da carta, com que mandey responder ás que me enviastes do Padre João de Mattos. Escrita em Lisboa a 2 de Janeiro de 1645.—*Rey*. ⋮ ·

Para o Conde Almirante.[2]

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 463.—*Sobrescrito:* Por ElRey—A Dom Vasco Luis da Gama, Conde da Vedigueira, Almirante da India, do seu conçelho, e seu Embaixador em França.

[2] Idem, idem, fol. 464.—Idem.

Carta d'el-Rei ao Padre João de Mattos, Assistente da Companhia de Jesus

1645—Janeiro 2

Por alguas cartas vossas, e pella copia de outras que escrevestes ao Conde Almirante e elle me remeteo, entendy que se não conformavão os procedimentos que aqui se tem sobre os particulares da santa see appostolica com os descursos que ahy fazeis, e avizais fazem os outros, sobre os meyos que nelles devia mandar seguir, e obrigão me as multiplicadas e apertadas advertencias que sobre isto fazeis, a dizer vos que a minha piedade não se governa pellas leys da pulitica de Italia, senão pellas da christandade de Portugal, com que se governarão e receberão de Deus nosso Senhor grandes merces os senhores Reis meus predecessores, que eu expirimento iguaes e aventejadas, e por esta razão esperey te gora, sem passar a mayores demonstrasões; verey o termo que comigo tem a Santidade de Inocencio decimo que hoje governa, e conforme a elle, porque ja os tempos vão sendo outros, mandarei se proceda na forma que aqui parecer mais conviniente a meu serviço. Agradeço vos muito o zello com que me reprezentais estas materias, e vos encomendo me façaes sobre ellas todas as advertencias que vos parecerem convinientes. Escrita em Lisboa a 2 de Janeiro de 1645.[1]

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Janeiro 2

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Pello que me escreveis sobre Ferdinando Brandão, em cartas de 23 e 30 de outubro, lhe fiz merce de duzentos cruza-

[1] *Copia mandada pelo Governo ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França Vide a* Carta *antecedente, da mesma data.*

Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 465.

dos de penção anua *(sic)* nos frutos do Bispado de Lamego, e sem que se espere pellas letras, lhos mando pagar desde logo, do que vou tomando dos cahidos d aquelle Bispado, por emprestimo. E folgara que o estado das couzas do Reyno dera lugar a lhe poder fazer merce com mayor largueza. O negocio da Cruzada lhe satisfez o Comissario d ella, e o Bispo de Targa o da sua Conezia. Não sou lembrado que concluisse outro negocio meu algum. Tratou minhas couzas com o cuidado, e boa vontade, que me reprezentais, e eu a tenho por esta razão tam boa a suas couzas, que não perderey occazião de lhe fazer merce como elle experimentará nas que se forem offerecendo. Escrita em Lisboa a 2 de Janeiro de 1645.—*Rey*. . .

Para o Conde Almirante.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645—Janeiro 9

Senhor—. . . . . .[2]

Sobre as couzas de Roma me disse o Cardeal *(Mazarini)* que Monsieur de Grimonvilla, que ja he partido, levava particularmente mui recomendadas em sua instrucção as instancias que ha de fazer pellos negocios de Vossa Magestade juntando se com o Cardeal Bichy que me escreve que esperava por elle para as juntarem.

. . . . . .[3]

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 466.—*Sobrescrito:* Por ElRey—A Dom Vasco Luis da Gama, Conde da Vedigueira, Almirante da India, do seu conçelho, e seu Embaixador em França.

[2] *Assumpto extranho.*

[3] *Idem.—Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{6}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 180 v.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, ao Cardeal Bichi

1645 — Janeiro 13

Illustrissimo e Eminentissimo Senhor — A mayor felicidade e o melhor acerto, que as couzas d elRey meu Senhor podem prometter se em essa Curia, consiste em ser Vossa Eminencia o que as governa, e assi para eu acertar seguirei sempre as ordens de Vossa Eminencia sabendo que com isso me ajustarei mais ás d elRey meu Senhor e ao que entendo de sua Real vontade. Ao Padre assistente respondo sobre este particular de minha embaixada extraordinaria e escrevo mais largamente ao Doutor Nicolau Monteiro o qual commonicará a Vossa Eminencia as rezões, que lhe avizo, e o que sabe do bom animo, e tenção d elRey meu Senhor. O Senhor Cardeal Mazarini me disse quam efficaz e affectuosamente hia este negocio recomendado ao Senhor de Grimonvilla entre os principais da sua instrucçam, e assi espero, que com sua chegada obre o valor e generosa resolução de Vossa Eminencia os effeitos, que são dignos de sua prudencia, sendo juntamente ajudados com as instancias de Sua Magestade Christianissima. Peço a Vossa Eminencia se sirva de fazer com que se juntem todos esses Senhores em sua companhia para que ganhando se tempo se resolvão em confferencia as diligencias, que devem fazer, e de comum accordo as executem, de modo que Sua Santidade seja servida de dar reposta a ellas, pois avendo de respeitar só a justiça, como he de crer de sua obrigação, virtude e inteireza, receberá logo a pura devoção e filial humildade com que ElRey meu Senhor lhe manda hũa embaixada de obediencia, e esta esperando saber o que Sua Santidade responde, sem que ajão de continuar as dilações e prejudiciais silencios com que se ouveram em o Pontificado passado, e vai em sinco annos que Sua Magestade reina reconhecido e victorioso, e não he rezão que se lhe continuem novos agravos, e que por mui pio e catholico se lhe negue o respeito e a justiça, sendo fundamento contra sua auctoridade Real, o que ouvera de ser para exaltal a, e assi quer ElRey meu Senhor saber o como deve aver se

agora, pois ficando o mundo tam duplicadamente satisfeito, he ja tempo e rezão que acuda Sua Magestade ao respeito e credito de sua grandeza, ao bem e satisfação de seus vassallos, e á Real auctoridade de sua Coroa.

O Doutor Nicólau Monteiro commonicará a Vossa Eminencia os bons successos das armas de Sua Magestade e de aquelle Reino, e se verá a falsidade com que os inimigos dam suas novas, e em tudo me remetto ao grande juizo de Vossa Eminencia a cujo serviço fico promptissimo e obrigadissimo. Deos guarde a Vossa Eminencia muitos annos. Paris, etc. *(sic)*[1].

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645 — Fevereiro 1

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Emquanto se não recebe avizo do Doutor Nicolao Monteiro, com rellação do estado em que acha os animos dos Ministros da See Apostolica, a respeito das couzas destes Reynos, não ha lugar de tomar resolução sobre o que me escrevestes em carta de 23 de Novembro a favor da boa direcção, e acerto de vossa jornada a Roma. Com o que Nicolao Monteiro avizar vos mandarey responder a resolução que for servido tomar sobre as rasões e discurço da dita carta, que he muy conforme a vossa prudencia, e zello de meu serviço. Escrita em Lisboa ao primeiro de Fevereiro de 1645.— *Rey*. ⋮ .

Para o Conde da Vidigueira[2].

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{6}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 181 v.

[2] Biblioth. Nac., *Mss.* V. $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 481.— *Sobrescrito*: Por ElRey — A Dom Vasco Luis da Gama Conde da Vidigueira Almirante da India do seu conselho e seu Embaixador em França.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Fevereiro 1

Senhor.....[1]

Em a carta de 20 de Abril me fazia Vossa Magestade merce de avizar como se deu por bem servido da que lhe avia escritto sobre as expedições dos Bispados vagos, e a nomeação de protector, sobre o que tudo avia ja recebido outra carta de Vossa Magestade fazendo me com ella sabedor do que avia deliberado, e sobre tudo tenho feito reposta, e como as couzas de França não estão acentadas na Curia de modo que se possa saber a quem faz El Rey Christianissimo seu protector, e as de Vossa Magestade se vão dispondo, avizarei neste ponto confforme ao que for succedendo, e o que se offerecer mais conviente *(sic)*. Com esta de Vossa Magestade não vinha o maço, que nella se accusava para o Padre João de Mattos, porque devia ser o que me avia vindo com a outra, e o tenho remettido ha muito tempo.....[2]

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira Embaixador em França

1645 — Fevereiro 9

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu El Rei vos envio muito saudar, como aquelle que amo. Fico informado, do que montou a jornada de frey Diniz a Roma, e quão escuzadas forão as instancias, que aly fez so-

[1] *Assumpto extranho.*

[2] *Idem.—Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 6.

bre particullares de sua Religião; e posto que ja me tinhão chegado algũas noticias deste seu procedimento, com o que delle me avisastes em carta de 2 de Janeiro, Ouve por bem resolver, que chegando elle a este Reyno, se examinarão os papeis, e despachos que pertender executar, e com o que resultar desta deligencia, mandarey ordenar o que mais convier ao serviço de Deos, e bem de sua Religião. Escrita em Lisboa a 9 de Fevereiro de 1645.—*Rey*· ⋮ ·

Para o Conde da Vidigueira [1].

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Fevereiro 9

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquelle que amo. Com as Instrucções que mandey dar a Nicolao Monteiro, vos será presente, como no modo possivel se prevenio quanto apontastes em carta de 16 de Outubro, a respeito do Enviado ao Duque de Parma, e da pessoa, que conviria despachar a Roma aos effeitos declarados na dita carta. Emquanto se não recebem avisos, do que a sua jornada ha montado, não ha lugar de tentar outro meyo para adiantar meus interesses com a See Apostolica. Com os avisos que se receberem do dito Nicolao Monteiro, se ficará entendendo o mais, que se deve fazer por bem de meu serviço, de que vos mandarey dar a noticia necessaria. Escrita em Lisboa a 9 de Fevereiro de 1645.—*Rey*· ⋮ ·

Para o Conde da Vidigueira [2].

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 493.—*Sobrescrito:* Por ElRey—A Dom Vasco Luis da Gama Conde da Vidigueira Almirante da India do seu Conselho e seu Embaixador em França.

[2] Idem, idem, fol. 494.—Idem.

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645 — Fevereiro 9

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquelle que amo. Com o que ultimamente me escrevestes em carta de 18 de Dezembro do tratamento que a Senhoria de Veneza custuma nos escritos fazer aos Cardeaes, Ouve por bem rezolver que por minha parte se lhe fallasse de vos, que he o mesmo que sempre lhe fizerão os Reys meus predecessores; e tenho por noticia se lhe faz por parte dos de França e Castella. En conformidade desta rezolução podereis uzar das cartas, que tendes em poder com o tratamento referido no caso em que se haja de executar a jornada de Roma, e recebido aly Embaxador meu se poderá tratar de despachar Enviados ao lugar que apontais, com a dita carta, de que fico bem advertido. Escrita em Lisboa a 9 de Fevereiro de 1645.—*Rey*. ⁝ .

Para o Conde da Vidigueira Embaxador em França [1].

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645 — Fevereiro 9

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Não se precebeo aquy bem, o que me escrevestes em carta de 31 de Dezembro sobre mandar pôr mais em breve

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V. $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 510.—*Sobrescrito*: Por ElRey—A Dom Vasco Luis da Gama, Conde da Vidigueira, Almirante da India, do seu Conselho e seu Embaxador em França.

nas cartas de El Rey Christianissimo a palavra Magestade, assy como dizeis, que elle o faz nas que me escreve a mym. Encomendo vos vos *(sic)* o declareis mais, porque se nisto ha algũa couza que emendar folgarey que se faça, e quanto ao que me avisais sobre dividir a protecção de meus Reynos na Curia de Roma entre dous Cardeaes, não ha por hora que tratar emquanto se não offerece mayor probabilidade de se receber minha Embaixada. Quando esta tenha lugar, se tratará de Protector, e parecem mais poderosas as razões que persuadem a haver de ser hum só, ainda que no caso que passeis a Roma primeiro que me aviseis, fora bom Protector, de que vos podesseis valler como me advertis; sem elle foy ja o Bispo de Lamego, e nestas materias convem proceder com toda a cautella e consideração. Escrita em Lisboa a 9 de Fevereiro de 1645.— *Rey*.

Para o Conde da Vidigueira [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Fevereiro 18 e 19

Senhor — Em 16 do prezente pella manhã tive audiencia do Cardeal Mazarini .....[2]

Passou logo ás couzas de Roma dizendo me, que se entendia que Sua Santidade se despunha a differir a Vossa Magestade e a receber seu embaixador e que assi se avizava, porque era notoria a justiça de Vossa Magestade, e devia o Papa satisfazel a ainda quando as rezões do direito de Vossa Magestade ao seu Reino não forão de todos tam conhecidas, e me disse mais que avizavão que Sua Santidade fora deste parecer quando era Cardeal, e acrecentou, que seria bom estarem qua ordens de Vossa

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 512.—*Sobrescrito:* Por ElRey — A Dom Vasco Luis da Gama, Conde da Vidigueira Almirante da India, do seu Conselho e seu Embaxador em França.

[2] *Assumpto extranho.*

Magestade para embaixada, e lhe respondi, que as tinha, e lhe disse, que escrevião de Roma que o Papa estava com grande modo *(sic)* delle, ao que me disse, que Sua Santidade não teria rezão de o ter, e me advertio que indo eu, seria necessario ir bem prevenido com muita gente, e que se desse tambem em memoria o escreverse a monsieur de Grimonvilla, que aperte as instancias, e que com isso, e a reposta do Deputado do clero de Portugal, se saberia algũa resolução. Eu lhe disse que não tivera carta de Vossa Magestade, mas que em hũa particular me avizavão, ser partido para Roma o Baillio Bras Brandão, e que levava ordem de Vossa Magestade para que estando diante de Sua Santidade lhe dissesse, que lhe beijava o pe de mandado de Vossa Magestade e da sua parte emquanto não hia seu embaixador, e lhe pareceo muito bem.

. . . . . [1]

Detevesse esta carta ate oje 19 em que chegou o correo de Roma, e com elle essa carta do Doutor Niculau Monteiro para Vossa Magestade, avizame de sua audiencia de que fico com grande gosto por entender a boa disposição, que Sua Santidade vai mostrando para diffirir os Bispados, e ainda ao recebimento de embaixador o que não contradisse, e conffirma com isso o que me disse o Cardeal Mazarini, e o que se publicou por todas as novas particulares que vem ha tres correos de Roma. . . . .

. . . . . [2]

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Fevereiro 28

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquelle que amo. Em consideração do cuidado, com que me ha servido Fernando Brandão e das recomendações, que delle me fi-

[1] *Assumpto extranho.*

[2] *Idem.— Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* 1, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 14 v. *e* 19 v.

zestes, Ouve por bem fazer lhe merce de duzentos cruzados de penção nos frutos do Bispado de Lamego, com declaração que esta quantia se lhe pagaria de minha fazenda, emquanto se não pudesse aver graça da See Apostolica para se poder assentar a dita penção. E se bem a satisfação, que confesso ter de seu serviço, e os mais respeitos, que ha para se procurar que continue nelle contente, pedião outra mayor demonstração, pareceo que por hora bastaria esta para o segurar das mais merces, que ao diante lhe espero fazer; que serão tais, que sem embargo de se achar com o empenho de Ministro de Sua Santidade na forma que vos avisou, se anime sempre muito a obrar como verdadeiro portuguez, a que o deveis persuadir, significando lhe esta boa vontade, com que me acho a sua pessoa. Escrita em Lisboa a 28 de Fevereiro de 1645.—*Rey*.

Para o Conde da Vidigueira [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645—Março 18

Senhor—..... [2]

Em carta de 2 de Janeiro me recomenda Vossa Magestade que continue as deligencias para que o capitulo geral da Religião de S. Francisco se não fizesse em Toledo, neste ponto, fis todas as instancias, que pude, e no tempo do Papa Urbano 8.° se remetteo a deligencia ao Marques de S.t Chaumond, e succedendo a morte do ditto Papa, e as novidades, que ouve, se venceo pellos contrarios o fazer se em Toledo, mas o que ate o prezente tenho alcançado he, que não vão deste Reino os franceses, pois não podem vir os portuguezes, e assi se tem noteficado aos deste Reino, do que mais succeder avizarei..... [3]

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 521.—*Sobrescrito*: Por El Rey—A Dom Vasco Luis da Gama Conde da Vidigueira Almirante da India, do seu Conselho e seu Embaixador em França.

[2] *Assumpto extranho.*

[3] *Idem.*

Sobre impedir a separação de S. Domingos da India de que Vossa Magestade me trata em carta de *(sic)* do mesmo dia, tenho avizado a Vossa Magestade como me escreverão de Roma, que o Padre frei Dionis *(sic)* de Alemcastro levava a ordem para a separação, mas ao arbitrio de Vossa Magestade e assi me não fica nisso que dizer mais.

. . . . . [1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Março 21

Esta manham foi o Doutor Antonio Monis falar com o Conde de Briana, o qual lhe disse, que tinhão bõas novas da disposição de Sua Santidade para as couzas de Portugal para as quais avia ja deputado congregação de que veo o avizo em carta de monsieur de Grimonvilla com hũa memoria dos Cardeais, que forão nomeados, a qual lhe deu, e vai com esta a copia inclusa, vierão estes despachos por hum extraordinario que se expedio dessa Curia com a nova da creação de 8 Cardeais, e hum de pectore, em que não vem o Padre Mazarini, e são as cartas da data de 6 do corrente. Disse mais o Conde de Briana, que se tratava de hum expediente para a expedição dos Bispados, e que lhe parecia, que não era mui fora de caminho, respondeo lhe Antonio Monis, que se era hum de que ja avia tratado a Vossa merce era impracticavel, dando lhe a entender o de que Vossa merce me avizou lhe avia ditto Monseignor Maraldo, ao que elle respondeo, que não era esse, mas outro novo, de que se expedirião as bullas, dizendo sse nellas que Sua Santidade provia a fulano, e fulano, etc., em tal, e em tal Arcebispado, Bispado, ou igrejas a instancia d elRey de Portugal sem dizer mais na continuação do nome; ao que dizia o Conde de Breana que como Sua Magestade era o possuidor, e o que só com

[1] *Assumpto extranho.— Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 33 v. *e* 34.

effeito provia, e nomeava, a elle só se avia de refferir, e assi parecia que não avia nisso prejuizo, Antonio Monis lhe respondeo, que tudo isso era fugir com sutilezas ao dereito, e que o que de prezente entendia era buscarem este meo para satisfazer as igrejas, e dilatarem o recebimento de embaixador que se seguia necessariamente sendo Sua Magestade inteiramente nomeado pello seu nome, a que deu por reposta, que isso mesmo entendia deste meo, mas que não era muito desviado, que em Portugal se consideraria tudo melhor. Antonio Monis me veo logo dar conta de tudo, e sobre a conferencia das rezoens asima se me reprezentou logo, e o disse, que alem de que Sua Magestade queria os despachos de Sua Santidade na forma em que se passarão sempre a instancia dos senhores Reys de Portugal seus progenitores, avia nisto que recear, e era, que el Rey de Castella faria a parte outra nomeação em as mesmas pessoas, que Sua Magestade nomeava. De tudo quis avizar nesta a Vossa merce deixando o bom juizo, e as deligencias ao grande acerto com que Vossa merce procede em tudo, e confforme as bullas, que ha nesta materia e o direito que Vossa merce sabe tam notorio, e o lugar do Concilio Tridentino que Vossa merce tam a proposito mostrou a Monseignor Maraldo, e a mudança de expedientes, que fazem, cuido que poderão vir a ceder ao que Vossa merce disse ao Cardeal Espada, jurando lhe, que não tinha ordem para aceitar os despachos senão na forma em que se passavão aos senhores Reis de Portugal predecessores de Sua Magestade. Bem vi que a rezão por onde não tive avizo de Vossa merce sobre os particulares atras, seria a muita pressa com que Monsieur de Grimonvilla despachou o correo, e será conveniente que Vossa merce lhe peça o avizo dos extraordinarios, que se offerecerem, porque se afforra nisto muito tempo.

Os Cardeais e prelados deputados para a congregação das couzas de Portugal ha alguns affeiçoados a Castella, mas a maior parte, segundo a noticia que tenho, são pessoas de honrra e de justiça, permitta Deos que o mostrem nesta occazião.

Galantissimas são as rezões que os castelhanos guardão para allegar contra a causa, e stabelecimento de Sua Magestade a que Vossa merce respondeo com a verdade, e com a prudencia, que costuma, e são tão falsas as dos contrarios, que não creo nem ainda delles tão pouco respeito á modestia e vergonha, que queirão sair com ellas a publico, e no que toca as terras, que os olandezes nos occupão, e a guerra que nos fazem, notorio he, que todo o prejuizo della e da relligião catholica se originou,

e teve todo seu principio, e crecimento da uzurpação de Portugal durante a união de Castella, fazendo se desde então poderosos na India e no Brazil, e mais partes, e o que ouve ao depois foi consequencia, mas inda assi pode Vossa merce responder, que o que só occuparão depois da acclamação de Sua Magestade forão as praças de Angolla, São Thome e Maranhão, e que destas duas ultimas está já Sua Magestade restituido, avendo as recobrado os portugueses, e que em Angolla estão inda senhores os portuguezes da mayor parte, e tanto que agora vai Bispo para Angolla em que está nomeado hum relligioso irmão de Gaspar de Faria Severim Secretario das merces de Sua Magestade, e a respeito de outros danos futuros, que podem annunciar os castelhanos pella guerra de Olanda, avizo a Vossa merce a boa nova de que está já quasi concluido o accordo de que cesse toda a hostilidade entre os portuguezes e olandezes, no que interveo el-Rey Christianissimo mandando lá hũa pessoa de qualidade, de quem o Conde de Briana mostrou oje hũa carta a Antonio Monis, em que lhe aviza, que dá o negocio por feito, e que fora tarde, ou nunqua, se o Principe de Orange e os Estados se não valerão contra a companhia oriental de lhe negarem a prorogação de tempo, e poderes, que se lhe acabou, dizendo, que a não darião sem se accordarem com Sua Magestade, e darem logo cartas e avizos para cessar a hostilidade, e se comporem ao depois das duvidas amigavelmente, e assi neste ponto não terão que dizer os castelhanos.

Sobre o que Vossa merce me aviza a respeito de eu passar a Roma antes de eu ter certeza de ser recebido, escrevi a Sua Magestade o que entendia no tempo em que Vossa merce aqui esteve, respondeo me o que avizei, e ultimamente tive carta de que não fosse sem certeza, e assi neste particular me remetto a tudo o que Vossa merce lhe aviza, e vai descobrindo nessa curia, que das ameaças dos castelhanos não cuido nada.

Fernando Brandão me escreveo, mostra estar mui contente com a lembrança que Sua Magestade teve de lhe dar a pensão, tudo o que dis do muito que os castelhanos lhe offerecem he para ver se Sua Magestade lhe quer dar mais, tudo o que Vossa merce me aviza acerca delle tenho por certo, e por mui prudente o modo com que Vossa merce o vai temperando, com esta remetto ao segredo de Vossa merce a sua carta para que veja o que me aviza, e lhe tinha escrito os muitos louvores com que Vossa merce falava delle, he grande discursista, e não conclue, mas cuido que ja oje pellas rezões, que Vossa merce aviza não tratará de fazer maos officios ao serviço de Sua Magestade.

Mui bem, e mui acertadamente fes Vossa merce em não consentir no que lhe dizião que affirmasse de frei Manuel Pacheco estar em serviço de Sua Magestade, e sou do mesmo parecer de Vossa merce que se puderamos não ouvera de apparecer em Roma hum só frade portugues, porque só de discredito servem.

Fico advertido de tudo o que Vossa merce me aviza acerca de Gaspar Coalheiro e rendo a Vossa merce as graças de me infformar tão convenientemente de tudo.

Acerca de aquella pessoa das mãos abertas bom será que Monsieur de Grimonvilla diga tudo o que achar que convem, e ao depois me esforçarei, e farei tudo o que puder. Deos guarde a Vossa merce etc. *(sic)* [1]

Carta do Doutor Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico, a el-Rei

1645 — Abril 3

Senhor — Hontem domingo 2 do prezente a tarde fuy a caza de monsieur de Grimonvilla para conferirmos sobre o que passara com Sua Santidade na audiencia antecedente, e sobre o que poderia tratar ce na seguinte, e despois de estar com elle hum grande expasso de tempo, me sahi a fazer duas deligencias por bem do negocio; a saber hũa com o Conde de Castelmilhano, e outra com o confessor do Cardeal Barbarino, donde deci a Nossa Senhora do Populo em que havia estação naquelle dia, e despois de sahido daquella igreja chegando á Rua de Ripeta a vista de todo o mundo e do dia claro, ouvi desparar pistollas, e vi despois dellas disparadas contra mim espadas nuas.

Sahi neste ponto da carroça, e cahi duas vezes, e despois de ser levantado por dois criados meus, foy Deus servido que eu me rezolvesse recolhendo me com elles em hũa caza, cuidando ainda que tudo aquillo

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 36.

seria arruydo feitiço para me meter medo, por não entender que pudesse caber em peytos humanos procedimento tão de feras.

Soube logo que a hum dos cavallos, a que se tirara primeiro ficara logo morto, e o outro muito mal ferido, e que logo tambem ficara morto hum criado meu, a quem derão os pilouros de hũa pistolla, e com a espada quatro estocadas no corpo, hindo se elle recolhendo sem arma algũa pella não trazer, como os mais a não trazião.

E soube mais que se apontara contra mim hũa pistolla estando no cham, e que tomando fogo na escorva não disparara, e que vindo o meu cocheyro a levantar me, sobre elle e sobre mim vinhão alguns autores desta façanha com as espadas nuas, e que lhe derão hũa estocada, e que foguindo elle o seguirão, e não derão ffee de mim, com o que me ficou lugar para me recolher e escapar de suas mãos.

A hum lacayo meu a que atirarão não acertarão por se emparar de hũa columoza *(sic)* em que os piloyros derão, o cocheyro inda que está mal ferido me dizem que escapará, e asim o que só sinto he a morte daquelle meu criado, de quem dependia o governo desta caza.

Á protecção de Nossa Senhora donde vinha devo o bom sucesso deste cazo em que a minha vida esteve tanto nas mãos da morte.

Com o cappitam e companhia dos esbirros desta Corte me vim a recolher a esta caza, aonde logo me veyo ver monsieur de Grimonvilla e a obrigar me para hir a sua com grandissimas instancias, a que me pareceu devia responder lhe agradecendo lhe a v.te *(sic)* sem lhe aceytar a merce, asim por me terem asegurado do perigo, como por mostrar que não faltava animo para outros mayores, foi ce por me não poder mover a seguill o, elle, nem seus irmãos, que em companhia de toda a nobreza franceza me querião persuadir a fazell o, e deixou me dizendo me que hoje pella menhaã havia de hir a Sua Santidade.

Não foy na menhaã por Sua Santidade lhe mandar dizer que a tinha ocupada, mas que podia hir á tarde, como foy, avizando me disto na menhaã por hum seu gentil homem.

Tornou aqui á tarde, e me disse muy particularmente o muito que a Sua Santidade exagerara aquelle cazo tanto contra as leys das gentes, como contra a authoridade da Sancta See, debayxo de cuja proteção eu estava, e como com aquelle excesso se offendera a Magestade d'El Rey Christianissimo, que não podia deixar de fazer hũa demonstração muy grande, quando Sua Santidade a não fizesse, como o negocio pedia; ajun-

tou me que Sua Santidade apertava as mãos, e mostrava grandes sinaes de sentimento; respondendo lhe que tinha mandado ocupar as vias, e fazer processos, ao que monsieur lhe replicara, que em cazo tão notorio não havia necessidade delles, e que o mandar ocupar as vias era como mandar tanger os sinos, que estivessem em caza do Embaixador de Hespanha, como estavão os malfeytores, que o remedio era que os entregasse, ou se sahisse aquelle Embaixador de Roma, que para tudo lhe offrecia o braço do Christianissimo, e emfim despois de muytas outras couzas passadas, sem em particular concluir algũa por rezão das defeculdades, que Sua Santidade movia, dizendo lhe porem sempre que proveria no negocio, foy a derradeira dizer lhe monsieur que de tudo avizava ao seu Rey, e que entretanto ficava com as mãos atadas, esperando resposta sua.

Antes disto passado veyo aqui hum capp.m *(sic)* de Sua Santidade de seu mandado e ordem a vezitar me e a significar me o muito que Sua Santidade tinha sentido aquelle sucesso, e alegrar se comigo por minha pessoa ficar livre daquelle perigo, no que aquelle capp.am gastou grandes palavras de encarecimento, a que eu respondi com outras de divido obsequio e agradecimento aquella merce que Sua Santidade me fazia, a cujos pez debayxo de sua protecção de novo me prostava, lenbrando lhe a cauza de Portugal e das igrejas, que tanto merecia.

Isto he o que passou hontem e hoje, e eu não estou para dizer mais a Vossa Magestade senão que fico com vida Deus louvado para empregar no serviço de Vossa Magestade como devo. Muy alto e poderozo Senhor etc. *(sic)* [1].

[1] *Copia, na* Biblioth. d'Ajuda, *Mss.* Thesouro Encoberto, tomo 1, fol. 70.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Abril 16

Senhor — Ontem vespera de Paschoa a noite veyo hum gentilhomem do Cardeal Mazarini a falar me, e a dizer me da sua parte, que aquella hora lhe chegara hum extraordinario de Roma, expedido por Monsieur de Grimonvilla com a nova da insolencia, que os castelhanos usarão com o Doutor Nicolau Monteiro acometendo o na sua carrosa com pistoletes, e outras armas em hũa rua, onde lhe matarão o seu secretario, e o tratarão mal, e que elle Cardeal me fazia a saber isto assegurando me de que da sua parte não faltaria em cousa nem deligencia algũa para a satisfação, que convinha, ao que lhe respondy rendendo lhe as graças pello cuidado, e certificando lhe a muita confiança com que eu ficava, e o agradecimento dos bons officios, que tambem me avizou avia feito Monsieur de Grimonvilla. No dia seguinte, que he oje, me chegarão cartas do Doutor Nicolau Monteiro que escreveo pello mesmo extraordinario, com as cartas para Vossa Magestade as quais remetto com esta, e assi mais as que avia recebido do correo passado. Esta acção, que Vossa Magestade verá pellas dittas cartas, foi de maior infamia ao enemigo, que a que lhe succedeo do Marques de los Veles, e capas he ella de abrir bem os olhos a Sua Santidade nesta materia, e assi como a culpa está mais nos que a mandarão, que nos que a executarão, assi a satisfação para ser justa deve ser dada mais nos negocios, que nas pessoas. Fico para pedir audiencia ao Cardeal Mazarini, a effeito de conferir com elle o que pode e deve fazer se nesta materia em ordem a reposta que hão de mandar de aqui a Monsieur de Grimonville, e do que resultar irei avizando a Vossa Magestade; e se o Papa consentira que fosse embaixador não era isto o que avia de por me medo, como elles cuidavão e preveniam, mas vão lá as couzas todas muy dilatadas..... [1]

[1] *Assumpto extranho.— Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 50 v.

Breve do papa Innocencio X

1645 — Abril 20

Innocentius Papa x — Ad futuram rei memoriam. Cum ex onere pastoralis officii a Domino nostro Jesu Christo nobis injuncti ecclesiis metropolitanis et cathedralibus praesertim diu vacantibus de Praesulibus providere teneamur, ut curae animarum christifidelium, et felici gubernio ipsarum ecclesiarum, quantum nobis ex alto conceditur, consulamus merito habita nuper notitia, quod fere omnes ecclesiae Regnorum Portugalliae et Algarbiorum, suarumque Indiarum etiam à pluribus annis respective vacantes reperiuntur de praeficiendo illis personas idoneas, quae verbo et exemplo illas oves pascant, et in fide catholica conservent, ac respective instruant cogitare cogimur. Ne autem ex provisionibus ipsarum ecclesiarum et aliarum ad praesens, et successivis temporibus quomodolibet vacantium quandocumque per nos motu proprio faciendis unquam dici, vel praetendi possit ex provisionibus ipsis inferri, aut illatum censeri aliquod praejudicium charissimo in Christo filio nostro Philippo Regi Catholico ratione juris praesentandi, vel nominandi personas eisdem ecclesiis à nobis praeficiendas, seu pro illis nobis supplicandi; idcirco nos motu proprio, certaque scientia, ac matura deliberatione nostris deque Apostolicae potestatis plenitudine tenore praesentium per quascumque provisiones de eisdem, et aliis praedictorum Regnorum Portugalliae et Algarbiorum, suarumque Indiarum ecclesiis nunc, et pro tempore vacantibus per nos quandocumque motu proprio nostro absque aliqua praesentatione, seu nominatione, vel supplicatione ejusdem Philippi Regis faciendas, et illarum vigore inde sequuta et sequenda quaecumque nullum inferri nec illatum aliquod praejudicium etiam minimum eidem Philippo Regi umquam dici, nec censeri posse, aut debere declaramus, sicque et non aliter in praemissis per quoscumque judices ordinarios, et delegatos etiam causarum palatii Apostolici Auditores, ac Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinales etiam de Latere Legatos, ac nostros et Sedis Apostolicae Nuncios, et quoscumque alios quavis authoritate, et potestate fungentes nunc et pro tempore

existentes, sublata eis et eorum cuilibet quavis aliter judicandi et interpretandi facultate, et authoritate, judicari et definiri debere, ac irritum et inane, si quid secus super his a quoquam quavis authoritate scienter vel ignoranter contigerit attentari, decernimus. Non obstantibus Apostolicis, ac in universalibus, provincialibusque et synodalibus conciliis editis generalibus vel specialibus constitutionibus, et ordinationibus, ac quatenus opus sit, praedictarum ecclesiarum fundationibus, et erectionibus, illarumque etiam juramento, confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis statutis et consuetudinibus, privilegiis quoque, indultis, et literis Apostolicis in contrarium praemissorum quomodolibet concessis, confirmatis, et innovatis. Quibus omnibus et singulis illorum tenores praesentibus pro plene et sufficienter expressis habentes, illis alias in suo robore permansuris, ad praemissorum effectum specialiter et expresse derogamus, caeterisque contrariis quibuscumque. Datum Romae apud Sanctum Petrum sub annulo Piscatoris die XX Aprilis MDCXLV. Pontificatus nostri anno primo [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Abril 21

Acho me com tres cartas de Vossa merce a que devo reposta, a mais antigua he pello proprio, que de aqui foi, e tardou ate agora, sendo escritta em 18 do passado; a outra he de 27 do mesmo, e a ultima he de 3 do presente, e todas com as cartas para Sua Magestade e os mais papeis, que vinhão incluzos, e deixando as outras para tratar ao depois dos pontos, que nellas pedem reposta, a faço primeiro a ultima como de materia nova, e mais importante.

Em 15 do presente a noite me veo a falar hum gentil homem do Cardeal Mazarini com recado seu em que me fazia a saber, que naquella

[1] *Copia, na* Biblioth. d'Ajuda, Sym. Lus., tomo 10, fol. 389.

h ora lhe chegara hum extraordinario de Roma com a nova do assasinato, que os castelhanos quizerão cometter contra a pessoa de Vossa merce que ficara ferido sem perigo, e morto o seu secretario, e que de tudo quizera logo avizar me, para me assegurar que não faltaria para a demonstração necessaria em tudo o que estivesse da sua parte, e que Monsieur de Grimonvilla avia feito a Sua Santidade como convinha. Agradeci lhe tudo, com a certeza que tinha de seu animo emquanto não tinha audiencia sua para lhe render as graças, e tratar de tudo pessoalmente.

No dia seguinte que foi o de Paschoa pella manhã me chegou a carta de Vossa merce que veo com o mesmo proprio, e da inclusa que vinha para Sua Magestade vi todo o successo, em primeiro logar rendi a Deos as graças de livrar a vida de Vossa merce e com isso fiquei com muito alento e confiança para considerar esta acção. Não vejo nella couza algũa em que os enemigos pudessem menoscabar, e abater a auctoridade de Sua Magestade pois Vossa merce não se professava ministro seu, nem mandado da sua parte, mas somente do estado ecclesiastico de Portugal tudo para o bem espiritual, vindo só em consequencia para elle as rezoens necessarias do Reino, Vossa merce tratava das igrejas e bem das almas, e assy podia dizer, que não era o seu Reino deste mundo, e Sua Magestade ficou izento de todo o discredito de seu Real nome. Quanto a pessoa de Vossa merce sobre a estimação, que tinha, e se lhe devia, lhe considero oje mayor honrra, e mayor lustre e credito, que nunqua, dando sse so lugar a que acrecesse a virtude e merecimento de Vossa merce o amor, respeito e piedade de todos, que este successo lhe conciliou em toda a parte com grande abominação dos auctores. Quanto a causa não ha quem duvide, que a justificação della se avançaria muito a vista de tam grande tyrania, pois mostrarão as partes que ja não tinhão de que valer se senão de hũa violencia tam sacrilega contra a justiça, que Vossa merce hia manifestando, e assi a vista disto se deve esperar que Sua Santidade se resolva, e dé a satisfação na rais do crime, satisfazendo logo ao bem spiritual de que Vossa merce trata, e offerecendo a Sua Magestade sua benção para que mande seu embaixador. De modo Senhor que o que só se pode considerar neste cazo he a gravissima injuria, que a Sua Santidade se fes com tanto desprezo de sua protecção, e de sua corte, com tanto escandalo de toda a christandade, e offensa do direito das gentes. Dos auctores não ha que dizer, pois o seu mesmo crime com tantas circunstancias os accuza de modo, que não ha titulo por infame que seja, que lhes não ponha o

mundo todo. Do designio, que tiverão não sei, se não he o que fica refferirido, e se com isto imaginarão que me punhão terror, para que não tratasse de ir a Roma a dar a obediencia delRey meu Senhor a Sua Santidade affirmo a Vossa merce que mayor impedimento fazem com as falsas rezões que lhe allegão, e com o que divertem de a receber, que com todas as armas e roncas, que manifestão, sirva se Sua Santidade de olhar só para o Ceo na resolução de receber me como he justiça, e perca o cuidado de como hei de guardar me na terra, que eu procurarei de deffender me, e Sua Santidade só então poderá ser Senhor de Roma, quando mostrar ao mundo que he inteiro senhor de suas acçoens.

Tenho remettido a carta de Vossa merce a Sua Magestade e ja d'antes lhe tinha avizado meu parecer. Do estado prezente depende tudo, porque se Sua Santidade a vista de tão grande motivo se não resolve em dar satisfação a justiça como delle se espera, despachando os negocios sem mais os retardar, como he rezão, fica forçoso a Sua Magestade tratar de si e de sua coroa como convem, pois não falta por elle a obediencia, e á conta dos que a impedem ficão os danos todos. O que sobretudo me pareceo ao presente advertir a Vossa merce he que pois os castelhanos e ministros delRey Catholico só para impedir os negocios de Portugal são os auctores notorios desta violencia, avendo a ameaçado sempre, como o mesmo governador de Roma, e todos sabem, que ha que buscar os cobardes villãos, que a executarão, nem pedir se nisso satisfação, porque esta se ha de dar só na cauza, e rais do dano, com effeito, provendo se as igrejas a nomeação de Sua Magestade como he justiça, dando Sua Santidade seu consentimento para ir embaixador de obediencia, e fazendo hũa justa demonstração contra o embaixador de Castella, que só deste modo com santa justiça se mostrará Vigairo de Christo, Pay de todos, e Senhor de Roma, e as mais demonstrações em fazer processos, e buscar os assisinadores, são somente justiças pella rama, e pretextos sabidos para o mundo, em hum cazo, que não ha mister provas, nem testemunhas, pois he notorio, e em que são os auctores bem conhecidos, e não são os verdugos, que executarão, mas os que derão a ordem, e os mandarão, esses são os primeiros assasinos. Este successo fes hum grande abalo em os animos de todos nesta Corte, dobrando o odio e abominação contra Castella, e ainda contra os que lhe permittem estas violencias, e os mais prudentes conhecem bem quanto dano isto faz aos negocios geraes de que se trata, e estão todos esperando o verem como Sua Santidade se ha nisto.

Eu tenho pedido audiencia ao Senhor Cardeal Mazarini, e dentro de tres dias espero tel-a, e então avizarei a Vossa merce com os fundamentos que achar. Estão aqui em duvida se Monsieur de Grimonvilla será partido confforme as ordens, que para isso lhe forão muito d'antes, ou se esperará ainda em Roma a reposta do proprio, que mandou, por se aver empenhado a esperar as ordens que lhe viessem, eu lhe não escrevo as graças do que obrou, e das assistencias, que deu a Vossa merce, porque creo que sera ja partido, e lhe escreverei em direitura a Veneza, alem de que ja aqui disse tudo aos ministros.

No toca *(sic)* a morte do criado de Vossa merce tive sentimento e pena pella que cauzaria a Vossa merce a falta d'elle, e a Sua Magestade escrevi, recomendando-lhe mandasse fazer merce a seus parentes, para que tenhão todos animo, e exemplo nelle, e espero me avize Vossa merce o que mais succedeo neste cazo.

E respondendo á carta de Vossa merce de 18 do passado, não sei que até agora me aja faltado algũa das que Vossa merce me tem escritto; e no que toca aos discursos de Roma sobre eu ir, e aver de ser recebido, bem sei que são sem fundamento certo, e tive sempre por remedio o que Vossa merce aviza de apparecer lá para obrigar, mas como Sua Magestade me tornou a repetir, que queria certeza indubitavel, não falei mais nisso deixando tudo aos avizos de Vossa merce, que esses só ha Sua Magestade de considerar nesta materia, e esses só são os por que eu me governo, e não por outros. Com tudo esta novidade não sei o que obrará em Roma, nem em Portugal, e peço a Vossa merce me avize o que, supposta ella, lhe parece, e se toma Sua Santidade algum caminho de assegurar-nos, ou o que se entende d'elle.

Do Padre assistente não sei o que diga a Vossa merce acerca do que me escreveo do padre frei Antonio de Magalhais, pois foi sem fundamento, e creo, que se governa segundo as infformações, que os apaixonados lhe dão, o que sei he, que elle foi o primeiro que me deu a correspondencia de Fernando Brandão, e o punha no Ceo com louvores, e agora me escreve de modo, que o poem no inferno.

Vi a carta da mesma data, que Vossa merce mandou a Sua Magestade e me alegrei do bom modo com que hião respondendo os Cardeais, e ouvindo a Vossa merce, e o que o Cardeal Espada insinuou ao Cardeal Bichy sobre a espera das couzas de Munster era destruir tudo com nũa dilação eterna, como Vossa merce entendeo, e quer andar Sua Santidade

como parte do mesmo modo, que andasse Castella. Quanto ao interdicto parece, que sem mais nada pudera o Vice coleitor tiralo, com menos escrupulo do que fas outras couzas, como Vossa merce aviza, pois inda que dure a contenda, está em outros termos o negocio, e fora da violencia de Castella. Tudo o que Vossa merce respondeo aos Cardeais está com todo o acerto, e discrição, e do mesmo modo o papel, que Vossa merce fes para as memorias está doctissimo, eruditissimo, e assi não quis ficar sem copia delle. Tudo remetto a Sua Magestade e a carta que vinha com a de Vossa merce de 27 do passado, e recomendei a deligencia da torre do Tombo, para que logo se buscasse o ultimo estado dos Reys de Portugal ad supplicationem, vel nominationem, e todas as mais, que disso ouvesse, e Vossa merce pode continuar lá a deligencia dos registros, e todas as repostas que Vossa merce deu sobre isso são as que podião darse na materia com toda a verdade, e erudiçam.

Com grande sentimento fiquei de não ter effeito a pretenção de Pedro Vieira da Silva, Secretario destado, em que Vossa merce fes tudo o que podia esperarse, e os portuguezes pretendentes procederão mui mal, e não só o principal, que se oppos, e levou o beneficio, mas ainda mais os que se forão alegrar com o provimento aprovando o contra a recomendação de Sua Magestade, e sobre tudo escrevi a Sua Magestade o que entendia e lhe encomendei a pessoa de Bras Nunes Caldeira pello que me avizarão de seu bom procedimento nesta occazião, e pello bom animo que mostra em todas foi grande empenho o do Cardeal Datario nesta occazião, e so nisso avera impedimento para se fazerem todas as demonstrações, que convinhão, visto as rezoens, que deu a Vossa merce, todos os papeis que Vossa merce mandava lhe remetti.

No que toca a João de Rezende o licenceado Pedro Mendes dira a Vossa merce o pouco conhecimento que eu tinha delle, porque nunqua o vi, e não sabia seu mao procedimento, e pezame do pobre do irmão a quem enganou [1].

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 51.

Carta d'el-Rei ao Doutor Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Abril 22

Doutor Niculao Monteiro. Eu ElRey vos envio muito saudar. Foy muito bem advertida a deligensia que fizestes com o Cardeal Barberino sobre lhe agradecerdes querer entender meu animo para nomear Comissario aos Religiosos de S. Francisco das Provinsias destes Reynos, continuay neste agradesimento, se o negocio estiver ainda em termos disso, folgara que esta nomeaçam cahira ou em (frei João de S. Bernardino ou em frei Acursio de S. Pedro, destes tenho boa notisia) por serem estes as pessoas de mayores virtudes, letras, antiguidade, e experiensia da Religiam, e de que ella podera receber o benefisio, que tanto ha mister. Encomendo vos muito que nesta forma procureis se acomode a nomeaçam, e nam em outro. Escritta em Alcantara a 22 de Abril de 1645.—Rey.

Para o Doutor Niculao Monteiro.[1]

Carta d'el-Rei ao Doutor Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Abril 22

Doutor Nicolao Monteiro etc. *(sic)*. Entre outras couzas, de que me dais conta em carta de 6 de fevereiro passado, me referis haver vos dito Monseur Espada, que para se poder deffirir á confirmação dos Bispados,

[1] *Copia, no* Arch. Nac., Caixa 17, *Ms.* Tomo 4 B, fol. 302.—*Tem a seguinte cota:* A nomeaçam notada na Carta assima com os entre parentes *(sic)* era de outra letra, que creo seria mam de Sua Magestade. O sobre escritto disia—Por ElRey—Ao Doutor Niculao Monteiro Prior da Collegiada de Sodofeita assistente na Corte de Roma.

era necessario vir primeiro certa informação do Vice Colleitor, que se tinha assentado se lhe pedisse em tempo de Urbano 8.º, o que se não pudera fazer tégora pellos accidentes do tempo; e porque alem do que se pode alcançar pello discurço, tenho outras noticias mais antigas, porque se pode ter por certo que isto he dillação affectada para contemporisar com os Ministros de ElRey de Castella, mandey logo pello Bispo Conde, e pello Bispo meu Cappellão mor entender do Vice Colleitor se lhe era vinda algũa informação sobre os Bispados vagos, ou tinha della algũa noticia. Respondeo a ambos estes Prelados, que juntamente lhe fallarão por ordem minha, que nem se lhe pedira esta informação agora, nem em tempos mais atraz, nem tinha della aviso algum, nem pellos Bispados e igrejas vagas deste Reyno se lhe fez pregunta, ou aviso algum de Roma, com que se convence bem, que esta deligencia com que vos responderão he dilação e destresa de Ministros, e tanto por isto, como porque a informação não he de nenhum effeito, como bem apontou o Embaxador de França a Sua Santidade, e vos dissestes tão acordadamente a Monseur Espada, deveis fazer por todas as vias as mayores deligencias que vos forem possiveis por vencer esta deficuldade, e as mais que receo se vos offereção, advertindo aos Ministros, que não sou eu neste termo o que mais principalmente se quer enganar, senão Deos nosso Senhor, a que todos havemos de dar estreita conta. Tudo o mais que me referis nesta carta me pareceo muito bem, e vejo por ella, e pellas mais, que agora receby, que se não enganou o Estado Ecclesiastico deste Reyno na escolha, e confiança, que fez de vossa pessoa para missão tão importante, como a que vos cometeo. Escrita em Alcantara a 22 de Abril de 1645[1].

[1] *Copia mandada pelo Governo ao Conde da Vidigueira. Vide a* Carta d'el-Rei, *de 25 do mesmo mez,* pag. 35.

Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Conde da Vidigueira), fol. 540 v.

Carta d'el-Rei ao Doutor Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Abril 22

Doutor Nicolao Monteiro. Eu ElRei vos envio muito saudar. Em hũa das cartas de fevereiro passado me pedis reposta para o que vos referio Monseur Maraldo, sobre Sua Sanctidade haver de confirmar os Bispados nas pessoas nomeadas, e prezentadas por mym, mandando lhe passar Bullas assy e da maneira, que se passavão aos nomeados pellos Senhores Reys destes Reynos meus ultimos predecessores, advertindo nos porem, que nesta mesma forma, se havião de passar aos nomeados nos mesmos Bispados por ElRey de Castella, por meyo dos quais, ainda que não hajão de tomar posse nem tirar Bullas, mostrava Sua Sanctidade querer conservar no modo que podia o direito e presunção, que ElRey de Castella porfia ter a esta Coroa. A reposta que lhe destes de repente foi a melhor, que parece se podia offerecer muito de pençado, e ainda que a vossa negação parecia a melhor sahida, que podia ter tão injusta proposta, assy na substancia, como no tempo, por ser feita cinco annos despois de minha restituição tão justificada no titulo, com que a fiz, tempo, em que não ha ja lugar de meyos *(?)*, he tal o dezejo, que tenho de ver providas de Perlados as igreejas destes Reynos, e suas conquistas, que dissimulando o injusto favor de ElRey de Castella, quero aceitar a parte da razão e justiça, que se me faz; e assy vos ordeno, que se Sua Sanctidade mandar passar Bullas aos nomeados por mym, sem alteração nem differença das que se passavão no tempo dos outros Reys, que possuhirão esta Coroa, as aceiteis e expidaes, e lá se avenhão embora os nomeados por Castella, de que procurareis não ter noticia, nem sabedoria algũa; advertindo porem que as Bullas hão de ser passadas não ad suplicationem, como ouve algũas nos tempos mais antigos de Portugal, senão ad nominationem et praesentationem, e que se ha de declarar mais Joanis Quarty Portugalliae Regis, e com as mesmas, e formaes palavras, com que nestes ultimos tempos se expedião as letras dos Prelados, de que ahy tendes os registos,

sem mais nem menos hũa palavra, por ser isto o mesmo, que se tem escrito por vezes ao Padre João de Matos, e o que aquy se vos ordenou, e só podereis admittir a clausula sine prejudicio terciy, procurando comtudo quanto vos for possivel por que té esta se tire das Bullas, e só a consentireis no cazo que não puderdes vencer outra cousa.

A clausula, e modo de o Papa prover os Bispados de seu motu proprio, ainda que nos nomeados por mym (em que tambem se vos fallou) he impraticavel, como ja tendes entendido; e porque ainda que o Papa não satisfaça a sua obrigação dilatando dar Pastores a tantas ovelhas, como as que estão sem elles em vinte Bispados, que tantos estão vagos neste Reyno e suas Conquistas não quero eu deixar de fazer a minha, nomeando as pessoas, que para elles ha, de mayor satisfação, se vos envia com esta memoria das que agora nomeey, que vay a França por hum barco, para vos chegar mais depressa, e as procuras e creditos, para lhe poderdes expedir Bullas, que vos encomendo remetaes (quando Sua Sanctidade se disponha a me fazer justiça) com a brevidade, que sabeis he tão necessaria ao bom governo spiritual de meus vassallos.

Posto que tinha ordenado ao Conde da Vidigueira Almirante da India meu Embaixador a ElRey Christianissimo hora nomeado para dar obediencia em meu nome a Sua Sanctidade, não partisse para essa Curia sem certeza de haver de ser recebido nella como meu Embaixador, montarão tanto comigo as razões, que me representaes nesta vossa carta, que alterando em parte esta resolução, ordeney que logo que Sua Sanctidade mande passar Bullas aos nomeados por mym nos Bispados na forma que fica apontado, parta o Conde a Roma, sem mais outra declaração, nem licença de Sua Sanctidade, porque com mandar expedir as Bullas nesta forma, parece que me reconhece, e que não será possivel deixar de admittir meu Embaixador se chegar a sua Corte. Assy o mando escrever ao Conde, a quem avisareis, em cazo que succeda o que fica apontado, para que possa partir sem dillação. Escrita em Alcantara a 22 de Abril de 1645.[1]

[1] *Copia mandada pelo Governo ao Conde da Vidigueira. Vide a* Carta d'el-Rei, *de* 25 *do mesmo mez,* pag. 35.

Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 541.

Carta d'el-Rei ao Doutor Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Abril 23

Doutor Nicolao Monteiro. Eu ElRey vos envio muito saudar. O que passastes com Monseur de Gremonville sobre a conferencia do que referio a Sua Santidade acerca da expedição dos Bispados, e recebimento do meu Embaxador, de que avizais em carta de 18 de fevereiro, mostra bem o animo, e cuidado, com que este Ministro dezeja adiantar meus particullares nessa Curia, continuay muito com elle, porque o merece seu termo, e todas as vezes, que tiverdes occazião, lhe significareis quão obrigado me sinto a suas obras, e quam dezejoso estou de lhe mostrar agradecimento a ellas nas occaziões que se offerecerem de seu gosto. O que disse a Sua Santidade sobre se haver resoluto na congregação que se fez em tempo de Urbano oitavo, que se devia receber meu Embaixador, passa na verdade, e assy o entendereis, com outras couzas tocantes ao mesmo negocio, dos papeis que se vos remetem em cifra com esta carta em que tereis sumo segredo, e servirão só para vos, e para terdes por elles noticia do estado a que chegarão as couzas naquella occazião. Por França recebi aquy memoria dos menistros que Sua Santidade nomeou para esta segunda congregação, dizem me que todos são pessoas de grande satisfação. Prazerá a Deos que acertem na rezolução, que tomarem, e bem creo eu que se ha ella de procurar por vossa parte tão efficazmente, como se deve esperar de vosso zello, de vossa industria, e de vossa prudencia, de que tenho grande conceito, e de que faço toda a estimação. Ao Cardeal Bique mando escrever as graças da assistencia que vos faz. Sobre Ferdinando Brandão se vos tem avisado. Escrita em Alcantara a 23 de Abril de 645.[1]

[1] *Copia mandada pelo Governo ao Conde da Vidigueira. Vide a* Carta d'el-Rei, *de* 25 *do mesmo mez, pag.* 35.

Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 540.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Abril 23

Senhor — . . . . . .[1]

Com esta remetto a Vossa Magestade a Gazetta, que aqui sahio impressa sobre o que os castelhanos fizerão em Roma ao Doutor Nicolau Monteiro e assi mais hũa carta, que aqui sahio impressa sobre o successo, e não posso encarecer a Vossa Magestade a abominação em que estão os castelhanos por este cazo, que acrecentou o odio contra elles em todas as pessoas desta Corte, e me disserão, que a Rainha Christianissima pessoalmente fizera grandes queixas ao Nuncio recomendandolhe a satisfação, de tudo tratarei com o Cardeal, e espero ir dar as graças á Rainha pello grande empenho que mostra nisto, e do que ouver irei avizando a Vossa Magestade.

. . . . . .[2]

Sobre o negocio do Doutor Nicolau Monteiro me pareceo advertir a Vossa Magestade que seria muito conforme a sua Real grandeza mandar fazer merce aos parentes de Antonio Pinto criado de Nicolau Monteiro para exemplo de outros, que se possão offerecer aos perigos pello serviço de Vossa Magestade, e do mesmo modo a Bras Nunes Caldeira governador do hospital de Santo Antonio que em toda a occazião em Roma se tem mostrado bom portugues, e leal vassallo, sem respeito algum a outras conveniencias.

. . . . . .[3]

[1] *Assumpto extranho.*

[2] *Idem.*

[3] *Idem.—Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 54 v.

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Abril 25

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquelle que amo. Pellas copias de algũas cartas, que se escrevem a Nicolao Monteiro, e serão com esta, entendereis o que se lhe ordena sobre meus particullares naquella Curia, de que por todos os respeitos convira muito tenhais noticia, e mais principalmente, do que se lhe aviza em cartas de 22 do corrente sobre vossa passagem áquella Curia. Conforme áquella resolução logo que tenhais aviso seu, de que Sua Santidade passou bullas aos nomeados por mym nos Bispados na forma em que te gora se passarão aos nomeados pellos Reys meus ultimos predecessores, vos partireis sem dilação algũa, seguindo em tudo a instrucção, que para este cazo se vos enviou; e a Antonio Moniz de Carvalho deixareis continuando meus negocios nessa Corte com titulo de Rezidente, assy, e da maneira, que tinha ordenado o fizesse o Dezembargador Antonio de Souza de Macedo, que assiste em Londres, entregando a Antonio Moniz os papeis, que para Antonio de Souza se enviavão, e lhe fareis hũa instrucção muito larga, de como se deve haver em cada hum dos negocios, que ahy ficão em aberto, e essa guardará, e cumprirá muito pontual e inteiramente, e assy lho ordenareis da minha parte, alem do que sobre este particullar lhe mando escrever. Escrita em Alcantara a 25 de Abril de 1645.—*Rey*.

Para o Conde da Vidigueira Embaxador em França.[1]

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 539.—*Sobrescrito:* Por ElRey—A Dom Vasco Luis da Gama, Conde da Vidigueira, Almirante da India, do seu Conselho, e seu Embaxador em França.

Carta d'el-Rei a Monsieur de Gremonville, Embaixador de França em Roma

1645—Abril 26

Por avizos de França, e pellos que me fez dessa Curia o Doutor Nicolao Monteiro, entendy o bom animo, e particullar applicação com que procuraveis adiantar meus particullares para com Sua Santidade, e ainda que a recomendação, que delles vos fez Sua Magestade Christianissima seja a principal cauza deste beneficio, como o he de outros muitos que recebo de sua grandeza, não tira isso sentirme muito reconhecido e obrigado a este vosso termo, e muito dezejoso de que se offereça algũa couza, em que vos possa dar contentamento, para veres por ella, que sey estimar, e agradecer a obrigação, em que vos estou. Escrita em Alcantara a 26 de Abril de 1645.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645—Maio 3

Senhor — Ontem 2 do presente tive audiencia do Cardeal Mazarini, e comecei nella pellas couzas de Roma sobre o primeiro avizo, que me mandou do successo do Doutor Nicolau Monteiro, e elle respondeo logo dizendo me, que fora mui bom para todos pois isto justificava mais as acçoens de Vossa Magestade e as queixas, que tem França contra o procedimento,

[1] *Copia mandada pelo Governo ao Conde da Vidigueira a que se refere a* Carta d'el-Rei *a este, da mesma data, e no mesmo volume a fol.* 581.

Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 582.

que se vé em Roma, que este assassinio fora em todas as partes abominado, e que tanto mais movia o odio de todos contra Castella, quanto era certo ser comettido contra hũa pessoa totalmente ecclesiastica, a qual tratava só do bem das igrejas, sem ser ministro de Vossa Magestade mas só mandado pello Estado Ecclesiastico desse Reino, e que as igrejas ainda que tivessem algũas circunstancias differentes conforme aos Reinos em que estavão, com tudo em si sempre erão as mesmas em quaisquer partes aonde estivessem ainda dentro em Berberia, porque Deos não he francés, nem portugues, nem castelhano, nem de parcialidades algũas, nem se hia buscar mais que o seu Vigario sómente para o bem espiritual, e que ainda quando fora mandado de ecclesiasticos, que estivessem em as terras do Turco devia ser bem recebido, e ouvido pello bem das igrejas, e que os castelhanos aviam offendido gravemente ao Papa, e sua auctoridade, perdendo lhe o respeito em hũa pessoa a quem elle tinha ouvido, e admittido, e diante de Sua Santidade executavão em Roma insultos, que não se attreverião a fazer em suas proprias terras de Napoles, e que não podendo uzalos nas fronteiras desse Reino de Portugal hião buscar a Roma hum portugues, e que entendia, que o Papa não daria desprazer algum ao embaixador de Castella, e que assi era de parecer, que o Doutor Nicolau Monteiro se sahisse logo de Roma mostrando como não estava nella seguro para tratar dos negocios das igrejas, sem esperar mais tempo, ao que lhe respondi, que alguns dias antes que viesse a nova deste successo escrevera eu a Vossa Magestade o que entendia sobre ser conveniente o fazer retirar de Roma ao Doutor Nicolau Monteiro fazendo se as mais demonstraçoens, que convinhão, e que me parecia, que Vossa Magestade vendo ao depois o cazo, que aconteceo, e o parecer delle Cardeal não deixaria de mandar retiralo, mas que no entretanto, que vinha reposta de Vossa Magestade, era de saber o que podia fazerse, e se sahiria de Roma ate porse em hum dos lugares do Duque de Florença esperando nelle o avizo de Vossa Magestade; ao que me respondeo, que avia agora ao prezente bõa occazião de o retirar com segurança, porquanto partiria cedo hum navio forte de corenta peças de artelharia, que mandava ElRei Christianissimo para levar o Cardeal de Valanciers a Civitá Vequia, e que se darião as ordens necessarias para que o cappitam embarcasse e trouxesse nelle seguramente a Marcelha o Doutor Nicolau Monteiro, e a todos os portugueses, que se quizessem vir com elle, e que em Marcelha estando ja seguro esperaria reposta de Vossa Magestade pois ficava pouco

mais de duas jornadas de Roma, que o Conde de Briana passaria as ordens para o capitão do navio, e me disse mais, que devião sair todos os portuguezes, porque nelles avia inda mais rezão de perigo, pois os castelhanos querião matar ao Prior só por ser portugues sem lhe valer a especiosa causa do bem das igrejas de Portugal de que só tratava, o que não ha nelles, e que ninguem podia segurar de que hum dia se accomulassem os castelhanos, e quizessem matar a todos os portuguezes, que ha em Roma, ao que lhe repliquei, que isso tinha de duvida a sair logo o Doutor Nicolau Monteiro que he não ter inda as ordens necessarias para fazer sair os mais portuguezes com outras demonstraçoens que podião vir nellas, e respondeo me, que se não podia, nem devia fazer tudo junto, que por agora o que importava era sair se como quem se retirava de Roma por se não achar nella seguro, e que do mesmo modo seria ja partido Monsieur de Grimonvilla, dizendo tambem que ninguem se podia dar por seguro, que França não podia mandar embaixador porque não avia de mandar com elle dous mil homens, e dizendo lhe eu, que folgava muito de saber seu parecer para o avizar a Vossa Magestade me disse que não averia theologo, nem pessoa algũa que com rezão dissesse, que Vossa Magestade não avia feito tudo quanto se podia imaginar para representar a Sua Santidade sua obediencia, e que ja ao presente não devia, nem podia mais, pois mandara seu embaixador e a igreja seu deputado, e que a hum e outro quizerão matar, sem Vossa Magestade alcançar algũa satisfação, e levantou a vox dizendo que Vossa Magestade a tinha dada a Deos, e ao mundo, e que agora devia tratar de si, fazendo acudir ás igrejas com os prelados, e ecclesiasticos, que tem no Reino, e mostrar seu devido sentimento, que a elle lhe parecia o mesmo nas couzas de França, e que a mayor pertenção, que tinhão em Roma era o recebimento de embaixador de Vossa Magestade, e que inda que alguns cuidavão, que elle estaria tambem sentido de lhe não fazerem a seu irmão Cardeal, que era tanto ao contrario, que não fazia disso cazo algum, porque sem duvida o fizerão se a Rainha o pedira como ella se offereceo muitas vezes, e o quizerão persuadir a que viesse nisso o Duque de Orlians, e o Principe de Condé, mas, que seu irmão não avia mister agora isso, e que em França lhe não faltaria hum bom Arcebispado, que o ponto era ter se em Roma respeito ao que importava, e dizendo lhe eu, que era trabalho não ter oje França Cardeais em Roma, a que me respondeo, que cedo veria isso remedeado, e pello que me avia ditto de estarem aqui correos dos Barbe-

rinos, e da volta do Cardeal de Valanciers creo, que elles, e os Cardeais, que tem da sua mão querem obrigar se ás partes de França, e que se trata disso com calor, e com bons partidos, e que a essas esperanças se referio o Cardeal no que me disse, e acrecentou, que Sua Santidade favorecia só aos castelhanos, e com muito perigo, pois erão notorios seus successos, e as ventagens, que França tinha sobre elles, e o estado em que estavão em toda a parte, eu lhe disse, que convinha saber se o como França e Portugal irião de mão comum neste negocio de Roma, de modo, que dissesse esta Coroa, que não mandaria seu embaixador sem ser recebido o de Portugal, mas respondeo fugindo ao empenho, e dizendo, que sempre esta Coroa instaria pello dito recebimento de embaixador de Vossa Magestade mas sobre só o mandarem quando fosse em sua companhia o de Vossa Magestade *(sic)* disse, que não era necessario declarar se isso agora, e que a Vossa Magestade se iria avizando o que avia deixando se Vossa Magestade estar sem tratar de Roma, mandando espalhar bons manifestos de todas as rezoens, e satisfações, que Vossa Magestade avia dado.

. . . . . [1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Maio 5

Recebi a de Vossa merce de 11 do passado, com as que vinhão para Sua Magestade que ja lhe remetti, e porque as mais das couzas de que Vossa merce me avizava erão repostas das que eu avia escritto, me não alargo nellas, e quanto a carta para Monsieur de Grimonvilla creo, que Sua Magestade não faltará em mandala, mas o senhor Cardeal Mazarini me disse, que elle seria ja ao prezente partido dessa Corte para Veneza, e dando me audiencia a 2 do prezente conferimos nella tudo o que avia

[1] *Assumpto extranho.— Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 56 v.

sobre o insulto, que os castelhanos cometterão contra Vossa merce e o que podia considerar se, e fazer se em o prezente estado dos negocios; de tudo se fes hũa inteira memoria, que vai com esta, e assi a ella me remetto para que vendo Vossa merce todas as rezões, que se offerecem, consideração que d ellas fas o Cardeal Mazarini, e o em que consiste seu parecer se resolva Vossa merce em o que julgar mais conveniente.

Antes d este assassinato dos castelhanos, e muitos dias antes da nova d elle escrevi a Sua Magestade largamente o que me parecia sobre a resolução, que devia tomar se, e era a mesma, que agora aconselha o Cardeal Mazarini, se bem então a fundei nas dilações, que da congregação se promettião com pouca esperança de se dar satisfação aos negocios, de que Vossa merce trata, e nenhũa de recebimento de embaixador, pella notoria paixão, que se vai conhecendo nessa Curia, e do mesmo parecer tinha sido o Marques de Fontané, em hum discurso, que fes antes d este successo com o Doutor Antonio Monis de Carvalho de que foi tambem copia a Sua Magestade a quem avizei mui por meudo das demonstraçoens que parecião convenientes, e assi ao prezente sobre a novidade, que aconteceo me não fica que dizer couza algũa. Antonio Monis deu ontem hũa memoria ao Conde de Briana para que na forma em que disse o Cardeal se despachem ordens d elRey Christianissimo para o cappitam do navio, que leva o Cardeal de Valanciers a Civitá Vechia a effeito de que querendo Vossa merce sair se de Roma o recolha, e faça embarcar nelle, e a todos os portugueses, que vierem com Vossa merce e os traga com toda a segurança a Marcelha. Tudo fica a prudencia de Vossa merce e da minha parte vai negoceado o requizito, que he necessario para passar a França seguramente quando Vossa merce se resolva a sair d essa Curia, conforme ao que tenho reprezentado, e no cazo em que Vossa merce se não resolva a sair de Roma nesta occazião me parecia a mim, que não devia Vossa merce aceitar mais a companhia de esbirros, que lhe dão, porque de nenhum modo convem, e se a rezão he acharem, que Vossa merce não pode passar seguro a dizer missa fora de casa, nimguem pode negar, que averá muita mayor rezão para que a Vossa merce se lhe dé licença para dizer missa em sua casa.

Quanto aos negocios conforme ao que entendo fora meu voto, que Vossa merce não fizesse agora as instancias e os requerimentos de que tratava por caza dos ministros ate que lhe viesse avizo de Sua Magestade e do estado ecclesiastico do que devia fazer, dizendo, que avia dado

conta deste successo, e que no entretanto o que so podia fazer era receber a satisfação no despacho e provimento das igrejas quando Sua Santidade mandasse prover nellas á nomeação e aprezentação de Sua Magestade conforme ao ultimo estado, como tinha pedido, e era justiça, e digo isto porque se está vendo claramente que do modo em que as couzas procedem, ou se procede nellas servirão só as deligencias de arrastar a justiça pellas cazas sem que della se alcance satisfação.

No que toca á conducção dos capitães de Napoles a Portugal sou do mesmo paracer de Vossa merce, e o mesmo me ensinuou o Cardeal Mazarini, porque pode nelles considerar se tanto de perigo como de custo, sem embargo de ser para estimar o verdadeiro zelo com que obrou nisso Diogo de Souza de Menezes. A carta sobre que Vossa merce me rescreveo, que he a que eu mandava para o Padre João de Mattos pode Vossa merce rasgar, que ja me não parece necessaria. Os portes que Vossa merce lá paga são ate Leão, e de lá para aqui os pago eu.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Maio 8

Não podião faltar a Vossa merce as minhas cartas se não foi por falta do correo porque em todos os passados fui escrevendo, e assi creo que ja serão chegadas a Vossa merce as que faltavão, que erão do ultimo de março. Recebi a de Vossa merce de 17 do passado em que Vossa merce se remette á que escrevia a Sua Magestade, a qual enviei hontem. No que Vossa merce escreve nella que passou com Monsieur de Grimonvilla direi a Vossa merce o que sinto. Em primeiro lugar, quanto ao aver Vossa merce de sair de Roma no correo passado avizei a Vossa merce de como o Cardeal Mazarini era desse parecer entendendo, que assi convinha com outras mais demonstrações, que despertassem a Sua Santidade para

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 59.

ver o estado em que está sua Curia, e a sogeição em que os castelhanos poem a jurisdição de sua justiça, e auctoridade, dizendo mais, que Vossa merce se podia passar a Marcelha a esperar ahy a reposta de Sua Magestade como quem não se achava seguro em Roma, e que se daria ordem ao capitão do navio desta Coroa, que leva o Cardeal de Valanciers a Civitá Vechia, para que trouxesse a Vossa merce e a todos os portuguezes, que quizessem vir se com elle com toda a segurança, ajuntando a isto as mais rezões de que tenho avizado, mas vendo agora o que Vossa merce aviza aver tratado com Monsieur de Grimonvilla sobre sair com elle, e ir fazer a vizita ao Duque de Parma, digo Senhor que a meu ver era a occazião mui opportuna saindo de Roma com o dito Monsieur de Grimonvilla sem dizer cousa algũa como elle encomendava a Vossa merce. A rezão he a pouca satisfação, que se dá nos negocios, e a pouca segurança na pessoa de Vossa merce, e o descredito de sair fora como delinquente cercado de sbirros, e entretanto que Vossa merce fazia esta vizita teria o Papa reposta de Castella, e Vossa merce de Sua Magestade para o que devia fazer, e se tomaria algum assento, e o não dizer Vossa merce couza algũa inda que desse lugar a varios juizos, não nos podião ser de prejuizo, porque se imaginassem que Vossa merce se hia para não tornar recearião disso as consequencias, que podião esperar se de quem se retirava de Roma por não aver nella segurança para o serviço da mesma Igreja com tanto escandalo de todo o mundo, e se resolverião a não fazer demandas dilatorias de padroados para levar o tempo a Vossa merce, e a cortarem as cadeas do cativeiro em que oje se mostra o governo ecclesiastico de Roma, e se cuidassem que Vossa merce hia para voltar logo, e continuar na Curia suas deligencias tambem se não seguia prejuizo, e em hum e outro cazo não sahia Vossa merce de Italia para que não pudesse tornar a Roma conforme á satisfação, que se lhe promettesse, e quanto á duvida, que Vossa merce teve de que poderia fazer se a junta da congregação sobre o negocio das igrejas, digo que julgo esta junta por infinita, e que o será sómente na apparencia se não ouver meyos mais que ordinarios, e que se o Spirito Sancto assistir nella conhecida he a justiça, e a verdade, e assi o será sempre a rezolução, mas se for o espirito de Castella pouco fas o direito contra a força, e assi não averia nisso perigo, com o que de tudo tenho declarado o que entendo. Nas politicas, que aconselhão os estrangeiros para seus interesses sempre he necessario cautella, mas algũas vezes pode ajustar se bem com as nossas quando

aos seus se ajuntão os nossos interesses, e concorrem todos ao mesmo fim, como nesta materia he o mostrar a Sua Santidade o escandalo, que todos recebem, e quanto lhe convem ser pay de todos, e ser Soberano na sua Corte. E para que não falte nada de tudo o que nisto considero, digo a Vossa merce que só hũa rezão ha, que me faça duvidar se convem o sair se Vossa merce de todo de Roma, e de Italia, e he a que se tira a contrario daquella pella qual se governão os enemigos em fazer, e uzar tantas forças, só para que Vossa merce largue os negocios, e se retire, esta he a que mostra, que algum prejuizo grande temem elles da assistencia de Vossa merce, e assi ao contrario nos mostra, que algum bom despacho nos pode vir, pois elles sabem de Sua Santidade *(sic)* e de seu interior governo, que nós, pois estão dentro de sua valia, mas isto he hum argumento, que nem sempre tem certa a conclusão. Se Vossa merce he ja partido a Parma, lá tratarei logo de escrever lhe, e de remetter os avizos que vierem de Sua Magestade que ja oje deve saber do successo por navios em que mandei as cartas, e creo, que ja serão chegados a Portugal. Se Vossa merce, está inda em Roma serve o que fica ditto de mostrar o juizo que faço nesta materia, para que Vossa merce considere tudo com as outras rezões, que eu qua não sei, e de tudo faça a escolha, e tome a resolução, que lhe parecer mais conveniente, e perdoe me Vossa merce a franqueza com lhe *(sic)* digo tudo o que entendo nestes particulares, porque não tira isso o conhecer eu que a prudencia de Vossa merce excede a tudo, e que assi acertará no milhor.

Antonio Monis de Carvalho soube ontem de bõa parte, que esta Coroa dava sua protecção aos Barberinos, os quais fazião declarar pella facção de França todos os Cardeais seus obrigados, que, segundo se affirma, são muitos, e assi trate Vossa merce de viagiar *(sic)* esta declaração, para que tanto que elles puzerem as armas de França ás suas portas os possa Vossa merce vizitar da parte de Sua Magestade, pois todos os que forem de França ficão logo seguindo nossas partes, e em sendo chegado o Cardeal de Valanciers convem, que Vossa merce o vizite com toda a bõa correspondencia, e o vá empenhando em nossas couzas, que todas ficão em grande desemparo sem ministro de França, avendo tantos dos enemigos. Deos guarde a Vossa merce muitos annos etc. *(sic)*. [1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 62.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Maio 19

Recebi a de Vossa merce de 23 do passado, e me alegrão sempre as bõas novas da saude de Vossa merce as quais espero com grande cuidado cada correo. Vi as cartas que Vossa merce remetteo para Sua Magestade e as mandei ja. Permitta Deos que na congregação que fes Sua Santidade se aja tomado a resolução, que Vossa merce pedio de justiça, ou que os grandes indicios, que Vossa merce alcançou do bom principio della se reduzão brevemente a effeito, tudo pode esperar se se entrar nisso o efficas auxilio de Deos, mas pella via ordinaria creo que hão de ser tudo dilações, e tambem creo, que se hão de enganar porque se Sua Magestade não vir effeito não ha de esperar mais tempo sem que mostre seu justo sentimento; que não ha ja quem não conheça quam justamente deve mostralo. Monsieur de Grimonvilla deve ir ja seguindo seu caminho, ou estará em Veneza, porque nesta Corte dizem abertamente que o governo dessa Curia he mais castelhano, que o de Madrid, e armão se com este presuposto. Espero que Vossa merce me avize se teve audiencia de Sua Santidade e o que nella alcançou, com o mais que ouver de que avizar, e não me parece pouco conveniente o mostrar Vossa merce que se não se tomar resolução pode recear, que Sua Magestade a tome, e que os povos mesmos o obrigarão a isso, e se lhe persuade de outras partes, ao que ha muito tempo, que resiste. Com as cartas de Vossa merce remetti a Sua Magestade o papel, que vinha incluzo nellas, e se avia offerecido a Sua Santidade da parte do Emperador, e porque me não ficou copia delle mandando o logo em me chegando, peço a Vossa merce me faça merce mandar hũa. Dos provimentos, que se fazem nessa Curia me não espantarei ate que as couzas tomem outro caminho.

Aqui chegou nova de que os bavarezes desfizerão ao Mareschal de Turena, mas não se sabem ainda as particularidades, com tudo não se di-

lata o Duque de Anguien, que partio hum destes dias com toda a preça para remedear esse successo. O sitio de Rozas vai continuando. Deos guarde a Vossa merce etc. *(sic)*.[1]

Carta do Doutor Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico, a el-Rei

1645 — Maio 20

Fuy hontem 19 do prezente a palacio a proguntar a Monsenhor Espada pella resposta de Sua Santidade, o qual me respondeu que Sua Santidade lha dera verdadeyramente canonica, dizendo lhe que aquella acção sua se podia conciderar como eccleziastica, e como politica, e que conciderada de hum e outro modo tinha feyto o que devia a pay de dois filhos amados delle, se bem encontrados nos requerimentos, porque a acção conciderada como eccleziastica era prover as igrejas, e dar com isto remedio aos damnos que padecião, ao que tinha satisfeyto; e conciderada como politica era decidir a cuja nomeação havião aquellas igrejas ser providas, no que elle se não podia entremeter, declarando que o havião de ser á nomeação de Vossa Magestade, ou á de ElRey de Castella, porquanto nem Vossa Magestade, nem ElRey de Castella, se tinhão comprometido nelle para julgar sobre o particular do direito que pretendião.

Respondi lhe que por aquella acção conciderada como eccleziastica se não ficavão provendo as igrejas, nem remediando os damnos que padecião, pois Sua Santidade as provia em forma que era o mesmo que não serem providas, que Vossa Magestade estava rezuluto a não admitir provizões em forma deferente da em que immediatamente em tempo de seus antecessores forão feytas; e que quanto á mesma acção conciderada como politica ella mesma mostrava ser contra os exemplos politicos em semelhante materia observados, pois em tempo de outros Reys, e ainda em tempo de Phelippe 2°, sempre a Santa See provera os nomeados pellos

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 64.

possuydores, e ainda pellos detentores dos Reynos, sem attentar a mais, ou dicidir, ou esperar que se compremettessem nella para se dicidir o seu direito.

Tornou me a isto que os Summos Pontifices daquelles tempos obrarião como lhes parecesse, conforme suas conciencias, e que Sua Santidade obrava conforme a sua, e acresentou ser aquella acção em favor de Vossa Magestade, e em prejuizo dElRey de Castella, e que asim devia ser por Vossa Magestade aprovada, porque o negocio tinha sinco degraos, de que o primeiro era poder prover Sua Santidade aos nomeados por ElRey de Castella, declarando asim na provizão; o segundo prover os mesmos nomeados pello mesmo Rey sem declarar os provia a sua nomeação; o terceiro prover as igrejas em pessoas nem por ElRey de Castella, nem por Vossa Magestade nomeadas, senão escolhidas por Sua Santidade a seu arbitrio; o quarto provellas nas pessoas nomeadas por Vossa Magestade, sem declarar que as provia a nomeação de Vossa Magestade; o quinto pella nomeação de Vossa Magestade declarando o; e que era certo que de todos estes sinco degraos os quatro estavão sobidos em favor de Vossa Magestade, e contra ElRey de Castella, pello que, ainda que faltasse por sobir o ultimo ficava a acção muito em favor de Vossa Magestade; pois hum só faltava por sobir. A isto lhe repliquey que Sua Santidade naquella escada fazia os primeiros trez degraos postissos, sem os haver nella, porque, alem de que numqua podião ser admetidos, providos alguns na forma delles, era notorio que nem Sua Santidade podia numqua ter tal pensamento, nem ainda que o tivesse, e provesse naquella forma haveria providos que quizessem atreverce a hir a Portugal com provizões de aquella qualidade.

Acresenteylhe que Sua Santidade em prover á nomeação de Vossa Magestade não fazia prejuizo algum a ElRey de Castella, porque sempre em cazo que tivera algum direyto (o que negava) lhe ficava rezervado; e porque me disse que com mais rezão podia dizerce que a provizão feyta por Sua Santidade não era em prejuizo algum de Vossa Magestade lhe respondi que o era em muito, e muy notorio, porque alem de ficar porora privando a Vossa Magestade da posse em que está, tanto contra a authoridade de sua real coroa, se convencia pellas rezões de Sua Illustrissima que provendo Sua Santidade agora naquella forma, e tendo effeyto a provizão, sempre ao diante a Santa See Apostolica proveria na mesma forma, porquanto sendo as rezões que dava para Sua Santidade prover asim agora

fundadas em não poder julgar por falta de compremisso de Vossa Magestade e de ElRey de Castella feyto n elle, estas mesmas rezões melitarião sempre, porque nem Vossa Magestade nem ElRey de Castella n elle se comprementirião.

Torney de novo a referir lhe os damnos temporaes que á Sancta See Apostolica se podião seguir de não haver melhoria n aquella rezulução de Sua Santidade, lenbrando lhe tambem de novo o que já lhe tinha referido em outra audiencia de hum prellado de grande authoridade de esse Reyno que me escrevera que se estava esperando pello que Sua Santidade obrava para conforme a isso se fazerem as demonstrações devidas, e que dicesse eu a Sua Santidade que dezia hum prelado muy zellozo da Sancta See Apostolica que Chrispto Nosso Senhor não entregara os sacchramentos da igreja a castelhanos; foy o prellado que isto me escreveu o Capellão Mor de Vossa Magestade.

Respondeu me Monsenhor que medos não podião ser cauza de se mudarem acções racionaveis, e que Sua Santidade tinha n aquella a rezão que se via, e torney lhe que Vossa Magestade em tratar da authoridade real de sua coroa querendo que seus aprezentados fossem providos na forma em que o forão o *(sic)* de seus antecessores tratava do que a rezão dictava, e que asim que não veria *(sic)* n aquella forma de provizão, como lhe tinha dito, e que era isto couza assentada por Vossa Magestade em seu real consselho, e de que eu tinha certeza, e ordem de Vossa Magestade infalivel; a que me tornou que sem embargo d isso esperava que Vossa Magestade, inspirando *(sic)* por Deos fizesse o contrario, porque muitas vezes os Reys antes de fazerem as couzas dizem que não virão n ellas, afim de que se não fação, e que vem n ellas despoiz de feytas por se confirmarem mais com o que convem ao serviço de Deos e ao bem da Igreja.

Dizendo lhe eu que o commun sentimento da congregação fora que as igrejas fossem providas nas pessoas declaradas por Vossa Magestade a sua petição com se fazer expressa menção nas bullas do nome de Vossa Magestade, me respondeu que me enganava porque todos os Cardeays se conformarão com a rezulução de Sua Santidade, e eu despoiz d ella declarada assim o digo, porque todos a justificão, e porem de antes digo que me reporto ao que acerca de alguns particulares a Vossa Magestade tenho referido.

Rematey a pratica com Monsenhor Espada dizendo lhe que Deos ha-

via de castigar Castella, porque se offende muito dos soberbos, que profecias tinhamos, que dezião que ella se havia de acabar, que Soror Luiza assim o mandara dizer a ElRey de Castella; e que Leanor Rodrigues vira a Christo Nosso Senhor com as costas viradas para aquelle Reyno, e com os braços abertos para o de Vossa Magestade, e que assim esperava o fizesse o seu Vigario na terra.

No que toca á licença que pedi por elle a Sua Santidade para me hir me disse que Sua Santidade lhe respondera que eu podia fazer o que me parecesse, e que só me lembrava que em hir me agora corria perigo dos inimigos, que era o mesmo que me lembrara no particular da jornada a Parma.

Bem entendo que Sua Santidade se não havia de empenhar com me mandar dizer que me não fosse quando eu lhe tinha mandado significar que me queria hir, em cazo que sua rezulução não houvesse de ter melhora; porque o mandar me que ficasse era dar me esperanças certas d ella, no que elle se não queria empenhar. Tãobem entendo que a authoridade appostolica pede que suposto que publicou aquella rezulução em consistorio se não aparte d ella, sem primeiro saber o como por Vossa Magestade se tomava; permita Deos que sabendo o a melhore.

Vezitando despoiz a hum deputado da Congregação me disse debayxo de segredo de confissão, e obrigando com juramento a não descubrillo, que se podia aceytar a provizão das igrejas mottu proprio, porque se passaria hum breve secreto em que sendo Vossa Magestade nomeado por Rey, se declarasse que pella forma d aquella provizão se não prejudicava ao direyto de Vossa Magestade, e porem eu lhe respondi que nem asia havia Vossa Magestade de acceytar aquella provizão e rezullução de Sua Santidade, e que asim esperava que Sua Santidade a desse de novo como a justiça e qualidade da cauza pedia.

Eu me tenho rezuluto em me não hir agora, e esperar resposta de Vossa Magestade, havendo respeyto a que asim o devo fazer, porque vindo mandado de Vossa Magestade mal podia hir me sem mandado de Vossa Magestade, porque vindo rezulução de Vossa Magestade que eu me vá, e com mostras de sentimento d aquella rezolução será provavel que Sua Santidade trate de melhoralla, porque espero que França com a ocazião do meu accidente (que tem sentido muito) obrigue a Sua Santidade á rezolução que dezejo, porque n esta campanha se promete tantas novidades que poderá ser se mude o estado das couzas de maneira, que

poderá ser Sua Santidade nos offreça o que lhe pedimos, com grande gosto; e porque finalmente, em cazo que eu me fora, não faltaria quem dicesse que o fazia por medo, que he couza que em mim não ha, e que sentiria n alma se dicesse, porque no serviço de Vossa Magestade dezejo arriscar mil vidas, e que asim o entendão todos para que sigão o meu exemplo.

Bras Nunez Caldeira me veyo a dizer anteontem que erão entrados n esta corte vinte e tantos soldados de Napoles, e que fora avizado que era para de novo me discomporem, e que o Embaixador de Castella estava sentido não fazerem o que detriminavão, porem afirmo a Vossa Magestade que tão pouco movimento fez em mim este avizo, que imagino, sem embargo do cazo passado, que he a fim de intimidar me, e assi não deixo de sahir fora todas as vezes que convem.

Ao irmão do Cardeal Mazarini dey conta de tudo, e elle a estimou muito, aprovando tudo o que tinha feyto, e dizendo me que asim o havia de escrever ao Cardeal a França. Muito alto e poderozo Senhor Deos guarde a Real pessoa de Vossa Magestade.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Maio 26

Recebi a carta de Vossa merce do primeiro do corrente, e como a mayor parte d ella erão repostas ao que eu avia escritto, não me fica que ser mui largo nesta, senão em dar a Vossa merce as graças do grande animo, e valor com que continua os negocios, sem respeito a temores, nem a difficuldades, e posso assegurar a Vossa merce que tudo isso lhe tem adquerido hum grande nome em toda a parte, e como Vossa merce junta tanto o esforço com a prudencia, e a causa he de Deos, não podemos deixar de esperar lhe mui bom successo. Espero com muito cuidado

[1] *Copia, na* Biblioth. d'Ajuda, *Mss.*, Thesouro Encoberto, tomo 1, fol. 73.

saber o que Vossa merce terá alcançado de Sua Santidade na audiencia, que delle procurava, e permitta Deos que fosse a resolução, que deve esperar se de sua justiça.

Todas as deligencias que Vossa merce vai fazendo são mui confformes a seu grande zelo, e juizo. Do Cardeal Justiniano, e do partido a que he inclinado não tenho noticias, lá as terá Vossa merce com fundamento, e estimarei saber o que acha nelle, e nos demais. Sua Magestade terá ja em Lisboa as novas de tudo, e responderá com effeito, e creo que quando mandar sair a Vossa merce não seria sem lhe mandar fazer os protestos, e requerimentos antecedentes, que fossem necessarios; e de lá deve vir avizado o que ha sobre a nomeação, ou petição, inda que Luis Pereira de Castro me avizou, que tinha sobre isso allegado o que entendia a Vossa merce.

Os Plenipotenciarios de França tem ja reconhecido aos de Sua Magestade em Munster, dando lhes inteiramente o tratamento como tais, que he grande encaminhamento pera tudo, e me custou grandes difficuldades, pellas que aqui se reprezentavão, quererá Deos que com a mesma resolução, e bom successo se continuem as mais deligencias, e que de Portugal nos venhão bom as *(sic)* novas muito cedo. Deos guarde a Vossa merce etc. *(sic)*.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Junho 2

Pella carta de Vossa merce de 8 do passado, que recebi com as que vinhão incluzas pera Sua Magestade vi o que Vossa merce avizava do stado em que ficavão os negocios, e como Vossa merce esperava ter audiencia de Sua Santidade a 9 do mesmo, permitta Deos que fosse com a

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 68.

satisfação, que dezejamos no essencial dos requerimentos de Vossa merce que isso he o que mais importa, que os editais, e nomes dos criminosos inda que fazem estrondo, não fazem effeito, se bem he muito pera estimar o inteiro conhecimento que Sua Santidade mostra da raiz do crime, em não querer dar audiencia ao embaixador de Castella, e em fazer publicar a verdade com os nomes dos castelhanos. Confforme ao que Vossa merce aviza parece, que Sua Santidade quer, que Monseignor Espada vá continuando a correspondencia com Vossa merce, e elle parece, que mostra muito bom animo. Em hũa das copias, que Vossa merce mandava das cartas que vão a Sua Magestade vinhão algũas regras com cifra de algarismo de que não ha copia, nem declaração nesta embaixada, e devia ser algũa, que Vossa merce teria de Sua Magestade, ou lhe terá mandado, e assi só lá a entenderão, e aqui só entendi hũa palavra escritta, que vinha entre a ditta cifra, e era, estar alegremente, e esta me deixou esperanças de algum bom successo parecendo me, que seria de algũa nova de gosto; ao que se ajuntou receber eu por hum extraordinario que veo hũa carta de Genova, em que me avizão averem chegado aquella Republica dous extraordinarios de Roma com despachos de Castella pera o embaixador, que ally está, e outros pera Cesar Farnesio, e que por cartas de fora, que vierão se avizava, que Sua Santidade fizera propor as igrejas de Portugal com grande desgosto dos Cardeais espanhois, e faccionarios, e que se entendia, que aquelles correos vinhão por essa causa despedidos.

Aqui me chegou a gazetta, que se imprimio em Milam em que se falsificava o cazo de Vossa merce com tam extravagantes pretextos, que logo mostrão bem a mentira, ainda quando por outra via se não soubera bem a verdade. Acerca da carta que eu escrevi a Sua Magestade e de que mandei copia a Vossa merce não tenho que dizer mais, senão que avizava só nella meu sentimento, e esse debaixo de outro papel que hia incluzo, em que se continha expresamente aver de preceder primeiro hum requerimento muito em forma, e o tempo necessario pera a reposta, e pera se differir com effeito, e quando tudo isso não bastasse então se podia considerar o que eu dizia na minha carta, a qual não servia mais, que pera mostrar os caminhos que avia, e se me reprezentavão sendo necessario todo o rigor de hum justo sentimento, e tudo deixava ao que Sua Magestade lhe parecesse, e assi lá o podião considerar, mas de todas estas couzas estamos fora porque avendo eu feito despedir hũa barca expressa de Nantes pera que levasse logo a nova, e avizos do successo de

Vossa merce com as suas cartas, e as mais, que eu remettia em que hia aquella de que tratamos, e as bullas pera os capitulos de S. Francisco que Vossa merce me havia remettido tornou a barca a arribar por hum temporal, o qual passado, deu outra vez á vella, mas vendo huns navios no mar, que vinhão na sua derrota parecendo lhe que erão de dumquerquezes lançou todos os despachos e cartas ao mar, como se avia encomendado ao mestre, no cazo em que fosse presa por enemigos, e assi tornou ao porto de França fugindo sem as cartas, e no cabo erão os dous navios de olandezes. Senti isto muito pellas bullas, que hião pera os capitulos da religião de S. Francisco, de que avizo a Vossa merce porque se acazo não avia mandado outra via d ellas, como he costume, se remetta outra com toda a brevidade possivel, e no que toca á carta que eu mandava sobre que Vossa merce me escreve a não mando de novo a Sua Magestade porque suspendo esse avizo e deligencia ate saber em que parão as congregaçoens, que se tem feito, e o que d ellas podemos esperar, e se Vossa merce ja o não fes pode duplicar a Sua Magestade as cartas, que lhe mandou por esta via com avizo do successo, que teve.

No que toca a Fernando Brandão, e seu secretario tenha Vossa merce por mui certo, que seus avizos me não persuadem nada, nem governo algum sentimento por elles, Vossa merce está lá mais perto, e com mais fundamentos pode saber o que elles são, e valem em nossas couzas, e advertir tudo com seu grande zelo, e juizo, pera que se não são os que devem se lhes tire o credito em nossas couzas de modo, que não possão prejudical as, que eu se lá estivera, e entendera nelles proceder falso fora o seu mayor enemigo, mas estou longe, e não posso saber mais, que o que me avizão.

O que avizava a Sua Magestade de que se tratasse primeiro que tudo de embaixador era no cazo em que por falta de satisfação se rompesse essa negoceação das igrejas, e Sua Magestade viesse a pór em execução as demonstraçoens, que lhe dizia, porque ja nesse cazo me parecia milhor não se contentar senão com receberem seu embaixador e acabar se todo o requerimento por hũa vez, porque então era o negocio só de Sua Magestade, e agora he só das igrejas, com outras mais rezoens que se offerecião.

De Lisboa tive cartas de particulares, em que se me aviza que Sua Magestade tinha feito merce ao Bispo de Coimbra de o nomear arcebispo de Lisboa, e ao dos Algarves de Bragua, e que estava pera despedir se

hum navio em que se ajuntarião ja por todas 19 aprezentaçoens de Bispados com que Vossa merce pode ajudar mais sua instancia. As mais novas, que ha remetto com esta. Espera sse por esta festa de Pentecostes a nova da preza de Rozas em Catalunha. O Duque de Anguien he partido pera o Imperio com muito poder, e o de Orleans pera Flandes.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Junho 6

Com a carta de Vossa merce de 15 do passado, recebi as duas, que vinhão pera Sua Magestade, as quais lhe remetti ontem, e sabida por ellas a resolução, que Sua Santidade tomou de prover os Bispados de Miranda, Viseu, e Guarda, por seu motu proprio em as pessoas que Sua Magestade nomeara, affirmo a Vossa merce que fiquei com tal sentimento que o não posso encarecer, basta dizer, que se não foi com lagrimas, como o successo merece, que foi com a mayor pena, e desgosto, que podia imaginar se, considerando o agravo, que Sua Santidade continuava a Sua Magestade e a todo o Reino contra as vivas rezoens de justiça que Vossa merce lhe avia proposto, e que são notorias em todo o mundo, e digo nisto pouco pois procedeo nisto contra suas proprias rezoens, que sabe, e entende milhor, que todos ja do tempo em que era Cardeal, e ainda mais contra os mesmos indicios, e sinais com que tão poucos dias antes avia querido dar a Vossa merce mostras de seu amor paternal, rematando a audiencia com dar a Vossa merce a benção, e lhe dizer, que não vivesse desconsolado, como se contem na primeira carta de Vossa merce pera Sua Magestade, e finalmente o que mais he pera estranhar he resolver se esta materia na ultima congregação contra os assentos das duas primeiras, que se avião feito.

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 72.

Nenhũa duvida pode aver em que os castelhanos tratarão, e agencearão esta resolução, pois era a peyor, que contra Sua Magestade podia aver, e a que elles mais pretenderão, e não sei como o Cardeal Espada não teve noticia de que no tempo de Urbano 8.º se offereceo a Sua Magestade este mesmo meyo pera o provimento das igrejas, sabe o muito bem o Padre assistente João de Mattos, e deve ter as copias das cartas em que o avizou a Sua Magestade assi como tem aquellas em que Sua Magestade lhe respondeo como não avia de consentir em as provizoens, que não fossem feitas em seu Real nome, e do mesmo modo em que sempre se avião feito as de seus Reinos, e he muito de sua obrigação e da que tem ao serviço de Sua Magestade o mostrar a Vossa merce e entregar lhe todos os papeis, que tem disto, e que nesta materia podem contribuir a declaração da verdade e a resolução, que ultimamente lhe foi de Sua Magestade. Ferdinando Brandão sabe o mesmo, e quando quizesse negalo o não podia fazer, pois ainda agora com carta de 15 do passado escreveo a Sua Magestade que esta mesma resolução, que agora se tomou (suppondo ser muito de seu Real serviço) tinha elle alcançado no pontificado de Urbano 8º e este modo de assento foi sempre artificio dos castelhanos, e assi he mais que evidente serem só apparencias fingidas todas as que ellés mostrarão de estar sentidos, e do mesmo modo aquellas com que algũas pessoas quizerão persuadir a Vossa merce que esta resolução fora muito em favor de Sua Magestade, e me admiro das rezoens, que pera isso trazia Monseignor Espada dizendo que por este meyo provendo se as igrejas nos nomeados por Sua Magestade se tirava a ElRey de Castella a posse, que tinha de nomear; quem vio nunqua que estando elle fora da posse do Reino, e tendo o inteiramente Sua Magestade se pudesse considerar em ElRey de Castella a posse das nomeaçoens, que tinha só em virtude da do Reino, e que tendo perdido o principal pudesse conservar o anexo, e o accessorio, ou que estes não venhão em consequencia da posse de Sua Magestade; emfim Senhor que tudo são enganos, invençoens e artificios de Castella pera enganar o mundo, e pera que por via de hum fingido sentimento establecessem mais a injustiça, que se nos fes, e procurassem facilitar ho consentimento de Sua Magestade, e chega tão longe esta traça, e modo de dispor, que hoje veo a esta caza hum criado do Nuncio de Sua Santidade que está nesta Corte, mandado de sua parte a falar ao Doutor Antonio Monis, e dizer lhe como o Senhor Nuncio estava contente do bom principio, que se dera em Roma nos negocios de

que se alegrava commigo, e que assi irião logo melhorando, ao que Antonio Monis lhe respondeo com as rezoens, que convinhão, e assi pello mesmo modo lhe mandarei eu responder, se bem tenho muita satisfação da bondade, e verdade do Nuncio por todas as couzas de justiça, e a tem todo este Reino, e pode ser, que se isso não fora estiverão aqui muito peor as couzas de Roma.

Pello papel, que vai junto com esta verá Vossa merce o que me avizou Gregorio Martins Ferreira do que o Datario disse a Ferdinando Brandão, segundo o que nos desenganão de poder esperar se milhoria, se he artificio, ou se he resolução Vossa merce o terá já sabido com certeza continuando em proceder com esta gente sem respeito a mais, que ao serviço de Sua Magestade como Vossa merce fas, e eu dezejo, pois lá terá Vossa merce mais certas noticias do que elles são, e vallem, que quanto ao que tenho de cartas suas he força, que mostrem elles nellas, que vallem muito e de tudo só creo o que Vossa merce me aviza, e o que vou vendo por experiencia.

Tornando ao negocio, em vida do Papa Urbano 8° avizarão o Padre João de Mattos e Ferdinando Brandão a Sua Magestade de como se offerecia este mesmo meyo de motu proprio de que agora usou Sua Santidade propondo lho como conveniente, e como em Portugal estavão já tantos Bispos nomeados, [1] e desejavão muito ver se com as mitras puderão tanto alem de outros conselhos, que Sua Magestade mandou que se aceitasse este meyo, fazendo sse protestos de não prejudicar, e tirando se certidoens authenticas de como os providos erão os seus nomeados. Vierão me estas ordens á mão pera as mandar ao Padre João de Mattos e a Brandão a effeito da expedição em que elle tinha todo seu interes, considerei eu o grande prejuizo, que nisto havia do serviço de Sua Magestade e das consequencias perniciosissimas, que isto trazia, com que suspendi as ordens algum tempo, e repliquei logo a Sua Magestade com todas as rezoens, que nisso avia, e a replica que fis foi tam bem aceita de Sua Magestade que a vista d ella se revogarão logo todas as outras ordens, que estavão dadas, com toda a resolução vierão outras de Sua Magestade ordenando precisamente que se não aceitassem os provimentos sem ser na mesma forma que se guardara sempre com aquelle Reino, e o mesmo escreveo ao Pa-

[1] *Desde aqui até* — puderão — *está tudo dentro de riscos, tendo por cima da ultima palavra* — **pode isso.**

dre João de Mattos, e com esta remetto a copia da carta, que então tive de Sua Magestade, e em hũas e outras se contem hũa inteira deliberação de Sua Magestade nesta materia; de modo que esta foi a ultima resolução, que aqui especifiquei por entender, que os contrarios se averão vallido destas noticias, ou por via de Lisboa, ou pella de Brandão, sem embargo de saber, que Vossa merce veyo infformado de tudo de Lisboa, e me parecer, que aqui comunicamos este negocio, emfim por remate de tudo isto fes Sua Magestade a Vossa merce declaração de sua infalivel vontade, no paragrafo 6° da instrucção de Vossa merce com o que Vossa merce guiado por ella e por sua muita prudencia assegurou com tantos juramentos aos Cardeais, que Sua Magestade não aceitaria os provimentos de outra maneira, e pello mesmo modo continuou a dizelo a Monseignor Espada pedindo licença pera sair de Roma se Sua Santidade se não resolvesse a tirar o motu proprio, e a nomear a Sua Magestade como he de justiça, vendo pois, que as ordens primeiras de Sua Magestade que se não publicarão, nem executarão, e que forão em todo revogadas não podem dar algum argumento a nossos contrarios, nem servir ainda de allegação, e que a vontade e justiça de Sua Magestade está, e estará sempre constante em as ordens, que Vossa merce trouxe, e nas que tenho, e que Vossa merce tem nisto falado com toda a pureza, e verdade, e que a resolução que se tomou he o mayor agravo, que nessa Curia se podia fazer a Sua Magestade negandolhe o nome, titulo, e direito que Deos lhe deu, me pareceo fazer este expresso, e remettelo a Vossa merce com toda a brevidade, avizandolhe meu sentimento, e o que me parece nesta occasião, sem esperar o correo ordinario pellas dilaçoens, que tras consigo, e o impedimento que trazem as calmas, quando Vossa merce se aja de sair dessa Curia.

Em primeiro lugar acompanho a Vossa merce no sentimento com que ficava, e reconheço os muitos louvores, que se lhe devem em a resolução que tomou de sairse dessa Curia, quando Sua Santidade não melhorasse a que avia tomado nos negocios, e digo a Vossa merce que he só a que convinha nessa occazião. Reprezento logo a Vossa merce que não dando Sua Santidade satisfação ate o tempo em que Vossa merce possa sairse de Roma, que he o mais chegado, me parece que Vossa merce se pode dar por respondido, e desenganado, e não esperar novas dilações, pretendidas só pera entreterem a Sua Magestade, e não pera lhe darem satisfação, e he ja tempo de que Sua Magestade se resolva a vista

da resolução que Sua Santidade tem tomado pois só se esperava o sabela, e inda que não somos italianos tambem sabemos o que importa a nossas couzas, assi d'estado, como da igreja, e peço a Vossa merce que nesta demonstração acompanhe sua prudencia e vallor de tais rezoens, e tão resolutas, que conheção bem o pouco, que podem seus artificios, e que o vejão, e sintão com effeito, e partindo se Vossa merce me parecia, que seria conveniente trazer comsigo os mais dos portuguezes, que pudesse persuadir a o seguirem e por que não averá dinheiro para seu sustento mando ordem ao Licenceado Pero Mendes de S. Payo, que venda para o cazo d essa necessidade as joyas, e tudo o que lá tenho.

De tudo isto que atras digo acerca das primeiras ordens, que Sua Magestade revogou, me parece que Vossa merce se não dé por achado, dizendo, que o que só sabe he o que lhe foi ordenado de não aceitar as provizoens sem serem na forma em que se passarão sempre aos outros Reys de Portugal como o Sua Magestade he, e que as mesmas tenho eu, e as tem o Padre João de Mattos, a effeito de cerrar mais com isso a concluzão.

Pareceo me tambem expedir este proprio pera que sabendo sse de sua chegada, como he certo se saberá, faça isso algum ruido e movimento, que chegue a Sua Santidade e entenda, que tanto que soube a determinação que tomou despachei este extraordinario a toda a deligencia pellas ordens, que tenho de Sua Magestade, e Vossa merce o pode dizer a Monseignor Espada, e que o faço, por que visto não aver embaixador seu em Italia, e eu ficar o mais vezinho me tem mandado, que d'aqui avize a Vossa merce meu parecer, e o que sei de sua Real vontade, e suas ordens, e ao mesmo Monseignor pode Vossa merce mostrar em confiança e ler lhe o ditto capitulo 6° da instrucção de Vossa merce, e mostrar lhe o nome de Sua Magestade nella, pera que com isso veja ainda mais a pureza com que Vossa merce falava, e a com que procede.

Se Sua Santidade se não resolver a fazer a justiça, que pedimos, e Vossa merce se sair de Roma (pois lhe não fica mais que esperar) será bõa toda a cautela na segurança da pessoa de Vossa merce a respeito dos caminhos, inda que he de crer, que pera Vossa merce se sair da Curia lhe farão os castelhanos pontes *(?)* de prata.

Este proprio parte d'aqui oje ás doze horas, meyo dia em ponto do prezente, que he 6 de Junho, com obrigação precisa de entrar, e chegar com os despachos em nove dias, computados do meyo dia em que parte,

ao em que chegar, e entregar tudo a Vossa merce, e vay ja pago dos dozentos mil reis em que se fes o concerto com elle, e se não ouver couza a que seja necessario avizar Vossa merce com brevidade e ser necessaria, ou conveniente sua volta com a mesma diligencia o pode Vossa merce logo largar dando lhe o seu escritto, mas se ouvesse algũa novidade ou de melhoramento ou da resolução de Vossa merce ou outro semelhante avizo, que seja necessario vir me com mais brevidade que a do correo ordinario pera avizar a Sua Magestade ou responder a Vossa merce, e ter aqui noticia do que lá passa, pode Vossa merce expedir logo este mesmo correo com a mesma deligencia por que pera isso se contratou com elle, que tornando o Vossa merce a expedir do modo que digo, elle seria obrigado a vir na ditta deligencia por preço de quatrocentas livras, que são quarenta dobroens, que Vossa merce lá lhe daria, e se Vossa merce se não achar com dinheiro de Sua Magestade pera poder pagar lh os, pode Vossa merce aver este dinheiro pedindo o a Antonio Mendes Henrriques, e que passe letra delle sobre Antonio Pereira da Silva a quem aqui logo o pagarei.

A esta corte chegou hum correo de Catalunha com a nova certa de como a 26 do passado se capitulara entre os francezes e os castelhanos a entrega de Rozes pera sairem os cercados a 28 do mesmo, e oje se espera outro com a nova de sua saida, e entregua da praça dentro da qual estará ja oje a guarnição de França, e se capitulou que os castelhanos entrarião em Castella por Fonte Rabia pera o que lhes he forçoso passar muita parte de França, e cedo continuará o Conde de Harcourt outros designios no Principado, e Sua Magestade da sua parte não se descuidará, e os castelhanos ficarão só poderosos em Roma pera lhe arruinarem o respeito com o que perdem a Sua Santidade por que he custume seu arruinarem a todos seus amigos. Deos guarde a Vossa merce muitos annos etc. *(sic)*.

Muitas couzas achará Vossa merce que vão superfluas nesta carta a respeito do grande conhecimento e juizo, que Vossa merce tem dos avizos, que nella faço, mas não são nacidos mais, que do zelo e da bõa vontade com que desabafo com Vossa merce, e com que tambem da minha parte quis avizar como entendia ser muito necessaria e mui justa a resolução em que Vossa merce ficava de sair se de Roma antes das calmas se Sua Santidade não melhorasse o ultimo assento, que tomou, e saindo se Vossa merce de Roma não deixe de fazer deligencia por saber se está em Ci-

vitá Vechia, ou em outro porto onde possa embarcar se a nau de França, que levou o Cardeal de Valancier pera pór a Vossa merce em França seguro.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Junho 9

A 9 de Junho foi hũa carta a Nicolau Monteiro avizando o sómente como em 6 do dito lhe avia o Conde Almirante mandado hum proprio partido ao meyo dia de Paris, e como esquecera dizer-lhe, que se entendia aqui a cifra que elle mandava nas de Sua Magestade, e que mandasse em papel a parte o que viesse em cifra, escritto pella cifra de que se lhe mandou usar com França, e Roma.[2]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Junho 11

Senhor — Por via de Nantes, e por hum navio, que está para partir do porto do Havre de Grace, por via de Ruão, escrevo a Vossa Magestade, e remetto todas as cartas, que tive do Doutor Nicolau Monteiro com

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 75 v.

[2] *Lembrança authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 79 v.

os mais papeis, que avia de negocio, mas tendo oje noticia de que podia ser, que esta achasse ainda hum navio, que estava para partir de Bayona, me pareceo avizar a Vossa Magestade nella muito em breve os avizos, que tinha do Doutor Nicolau Monteiro para avançar o tempo em que Vossa Magestade pudesse mais brevemente acudir ao que fosse de seu Real serviço.

Por carta do Doutor Nicolau Monteiro feita em 15 do passado me avizou como Sua Santidade sem embargo das bõas esperanças, que lhe avia dado sahira com a mais estranha resolução, que podia ser, propondo, e provendo em consistorio os Bispados de Miranda, Vizeu, e Guarda nas mesmas pessoas, que Vossa Magestade avia nomeado para elles, mas isto de motu proprio sem nomear a Vossa Magestade nem dizer, que o fazia a sua nomeação, de que ficou desconsoladissimo o Doutor Nicolau Monteiro e protestando, que Vossa Magestade não aceitaria tal provizão disse a Monseignor Espada, que se Sua Santidade não ouvesse de melhorar aquella rezolução que tomara, lhe desse licença para partir se.

Sabendo eu este avizo me pareceo despachar lhe hum correo extraordinario para o confirmar mais em seu parecer de sair se de Roma, quando se lhe não desse melhoramento, alem de que serviria este proprio de mostrar como as ordens que elle tem confformão com as que eu tenho de Vossa Magestade para não se admittir, nem aceitar tal provizão, e assi desenganar aos que a agencearão, de que Vossa Magestade não consentiria nunqua em algũa em que não fosse nomeado, e declarada sua apretação *(sic)* como se costumou sempre em semelhantes provizoens.

Avendo despedido este proprio em 6 do presente, recebi ontem 10 delle outras cartas do Doutor Nicolau Monteiro em que me aviza como avia sabido a reposta de Sua Santidade por Monseignor Espada, a qual concluye que Sua Santidade, tinha feito tudo o que devia, assi ao bem ecclesiastico, como ao politico, sendo que com hũa provizão inutil, e que não deve ter effeito algum, sendo tanto em agravo, e prejuizo de Vossa Magestade, nem acodio ao bem ecclesiastico, nem ao politico. No tocante a licença que elle pedira para sair de Roma me dis, que se lhe respondeu aver dito Sua Santidade que elle podia fazer o que quizesse, e so lhe lembrava o perigo que podia ter dos enemigos no caminho, como lhe advertira sobre a viagem de Parma, e que se esperava que Vossa Magestade se confformaria com a resolução, que Sua Santidade avia tomado, e que assi convinha se lhe avizasse, e o Doutor Nicolau Monteiro ficava re-

soluto a não se partir de Roma sem reposta, e avizo de Vossa Magestade, sobre o estado deste negocio.

Todos os que descorrem nesta materia entendem, que este assento que Sua Santidade tomou foi persuadido por muitas agencias dos castelhanos, e eu cuido que poderia ser tambem por se lhe aver dado algũas noticias do que sobre este mesmo expediente se tratou com Vossa Magestade em tempo do papa Urbano 8°, e assi cuida Sua Santidade a prezente que Vossa Magestade poderia vir a consentir nisso, e para o mesmo intento com grande artificio se fingem mui queixosos os castelhanos como todos conhecem.

Confforme aos multiplicados despachos que tenho recebidos de Vossa Magestade em reposta da carta, que fis sobre esta mesma materia em 20 de março de 644 estou mui certo, que Vossa Magestade não aceitará esta resolução de Sua Santidade como prejudicial a seu Real nome e authoridade e caminho aberto para nunqua reconhecerem a Vossa Magestade continuando com os mais Bispados do mesmo modo, e assi não só retifico ao prezente o que então escrevi, mas ainda me parece que oje ha outras muitas e mui particulares rezoens para Vossa Magestade não aceitar tal assento, e tratar o que mais se achar que convem ao serviço de Deos e a Real authoridade de Vossa Magestade.

Pellas vias atras declaradas vão as cartas do Doutor Nicolau Monteiro e todos os papeis, que se offerecerão desta materia, e assi nelles verá Vossa Magestade tudo mais largamente. A muito alta etc. *(sic)*.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 82 v.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645—Junho 12

Senhor —Com a occazião do tratamento, que se avia dado em Munster aos Plenipotenciarios de Vossa Magestade e a victoria da preza de Rozas pedi audiencia ao Cardeal a effeito de darlhe as graças, e me alegrar com elle por hũa e outra couza, e tratarlhe com isso dos negocios, ...[1]

Deste ponto se passou as couzas de Roma de que lhe dei conta aserca da provisão que o Papa fisera dos Bispados de Miranda, Viseu, e Guarda em as pessoas que Vossa Magestade nomeara, mas de seu motu proprio sem fazer menção algũa do Real nome de Vossa Magestade, nem de sua aprezentação e me respondeo que ja o sabia, e que fora hũa acção mal recebida de ambas as partes, porque de hũa e outra estavão queixozos, que elle falara ao Nuncio nesta materia, dizendolhe que inda que Sua Santidade não fizesse a coroa de França os favores e graças que lhe pedisse, nem por isso esta coroa avia de deixar toda a correspondencia que devia sem mostrar sentimento de lhe faltar com as couzas de graça, mas que sobre as couzas de Portugal não podia deixar de mostrar seu sentimento pois erão de justiça, nem retirarse das instancias della, pois elRey de Portugal era hum Rey colligado desta coroa. Diselhe como eu expedira hum proprio ao Doutor Nicolao Monteiro para o avizar, que era de parecer que não lhe dando Sua Santidade melhoramento se saisse de Roma pois sabia que Vossa Magestade não avia de aceitar a provizão de motu proprio, e me aprovou isso dizendo que me tornava a dizer o que dissera senpre que o Papa não faria nada senão apertado da necessidade, e sobre o não estarem seguros em Roma os portuguezes e os catalaens fes hum discurso, que ja me avia feito outra ves

[1] *Assumpto extranho.*

reprezentando que huns e outros fazião mais offensa a Castella, que o Doutor Nicolao Monteiro, pois vinha so da parte das igrejas, e devia ser despachado com toda a segurança ainda quando viera de terras que o Turco posuisse, e que isto fizera reprezentar em Roma, e cuido que para dispor o mandarem sair os francezes e catalães quando o cazo o pedisse, porque acrecentou que se Sua Santidade não mudasse o modo avião aqui de vir a grandes demonstrações, e que nem lá podia estar seguro algum embaixador desta coroa sendo os castelhanos tão poderosos pello que tem em Italia, e permittindo lhes Sua Santidade tanta licença, e acerca de não querer o Papa dar audiencia ao Conde de Cirvela disse que elle estava mal com hum castelhano, e bem com Castella etc. *(sic)*.

. . . . . [1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Junho 16

Recebi a carta de Vossa merce de 22 do passado com as que vinhão para Sua Magestade, que lhe remetti, e pello que vi em todas fiquei conhecendo a resolução em que Vossa merce ficou depois da reposta de Monseignor Espada a effeito de não sair dessa corte sem ter primeiro reposta de Sua Magestade. Avia me Vossa merce avizado de como avia pedido melhoramento de Sua Santidade sobre o despacho que deu, ou licença para partir se, e assi me inclinei a este parecer de Vossa merce seguindo o com o meu na forma que escrevi pello extraordinario, que despachei desta corte, satisfazendo com as rezoens, que se me reprezentavão, e assi nesse particular não tenho mais que dizer, senão que Vossa merce fará em tudo sempre o que lhe parecer mais acertado, e Sua Ma-

[1] *Assumpto extranho.— Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{3}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 83 *e* 84.

gestade com o que for servido avizar reconhecerá quanto importa vir a reposta com brevidade.

Em 12 do prezente tive audiencia do Cardeal Mazarini, e alem dos negocios que lhe tratei, em que o vi mui disposto ao bom successo do serviço de Sua Magestade tratamos sobre as couzas de Roma, e com esta remetto a Vossa merce copia do artigo em que relato a Sua Magestade a confferencia desse particular; e ao depois soube, que ainda com maior demonstração dissera as mesmas couzas ao Nuncio.

No mesmo dia a tarde nos juntamos na igreja da See desta cidade em a ceremonia da acção de graças, que elRey e a Rainha Christianissima forão fazer pella preza de Rozas, e como fiquei junto do Nuncio ouve lugar de tratar deste expediente, que Sua Santidade tomou, e lhe dei as rezoens, que se offerecião de nossa queixa, e da demonstração a que Sua Magestade podia vir, emfim tivemos grandes disputas por rematte das quais não avia, nem tinha o Nuncio que responder mais, que com esperanças de melhoramento.

Dia do Corpo de Deos succedeo achar se Antonio Monis em hũa caza particular com o Nuncio que aqui chegou nomeado para Irlanda, e ficando muita parte da manhã só com elle teve lugar de lhe dizer todas as rezoens, que se lhe offerecerão convenientes por saber que elle era muito da confidencia de Sua Santidade e ser o que lhe deu occazião para esta pratica, e depois de muitos discursos confessou o mesmo Nuncio a verdade concluindo em que Deos allumiasse a Sua Santidade, e que com pouco papel, e pouca tinta se poderia agora remedear tudo. Tambem oje soube que elRey de Pollonia começava a fazer ja demonstraçoens de seu sentimento com queixa de Sua Santidade, todo o mundo reconhece a justiça de Sua Magestade e os agravos, que se lhe fazem, e não sei em que se fundão as resoluçoens, que Sua Santidade vai tomando, Deos as guie, e encaminhe como convem ao bem da Christandade.

No que toca ás rezoens que deu Monseignor Espada a Vossa merce em os cinco degráos que formou, não tenho que dizer, porque Vossa merce lhe respondeo com tal discrição, e juizo, que lhe não ficaria que replicar, a esperança em que ficou de que Deos mudaria o conselho de Sua Magestade para aceitar o provimento de motu proprio como não he fundada em justiça, mas em conveniencias de Castella, não lhe verá effeito, por que não quer Deos que Sua Magestade perca a authoridade de sua coroa só pellos respeitos de seu enemigo. Esta sse esperando cada hora pello

Cardeal Bichy, e em vindo se lhe dará a carta de Vossa merce, e quando o vizitar farei mais particularmente menção de tudo. Recebi a copia da do estado ecclesiastico. Deos guarde a Vossa merce etc. *(sic)* [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Junho 19

Senhor — . . . . . [2]

No mesmo dia *(12 de junho)* achando me na ceremonia da acção de graças para a qual fui chamado como o forão os mais embaixadores, e ficando junto ao Nuncio de Sua Santidade que aqui rezide tive occazião de vir a falar em as couzas de Roma suppondo elle, que eu estaria contente do provimento que o Papa fes nos nomeados de Vossa Magestade lhe respondi, que era tanto ao contrario, que Vossa Magestade tinha rezão de estar mais queixoso que nunqua, e que o assegurava, segundo as ordens que tinha de Vossa Magestade, que tal provizão não seria nunqua recebida pois era contra o direito de Vossa Magestade e de sua Real coroa, e que em vida do Papa Urbano 8.º se offerecera a Vossa Magestade este mesmo expediente de se proverem os Bispados de motu proprio em as pessoas nomeadas por Vossa Magestade, e que avendosse procurado muito persuadir a Vossa Magestade que assi o aceitasse, e que antes da execução se lhe comunicava para saber se primeiro sua Real vontade, Vossa Magestade não só o regeitara mas ainda prevenira com novas ordens a que não se desse lugar a tal pratica, o que ouvindo elle disse ao embaixador de Veneza que lhe parecia? e elle respondeo, que não sabia senão que fora hũa provizão de que nenhũa das partes era contente, então me confessou o Nuncio, que o Cardeal Mazarini lhe dissera tudo o que avizo a Vossa Magestade na outra carta, e me disse, que as couzas de

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 86.

[2] *Assumpto extranho.*

Roma não corrião em bõa forma nesta corte, e que o Nuncio, que hia para Irlanda não tinha inda dado a Roza a Rainha porque não sabia se lha aceitaria, e que o Cardeal lhe dissera, que tudo o que lhe avia ditto escrevesse ao Papa, e não teve que responderme couza algũa contra as rezoens, que lhe dava, e o Rezidente de Florença, que estava perto aprovava tambem o que eu dizia.

Em a manhã da festa de Corpus se achou Antonio Monis em hũa caza particular com o Nuncio, que aqui está para ir a Irlanda, o qual he de muito interior confidencia do Papa, e teve largo tempo, e lugar de lhe falar nas couzas dos negocios de Vossa Magestade em Roma a que elle mesmo o convidou, e depois de lhe dizer todas as rezoens, que se lhe offerecerão, e de responder ás que elle dizia concluyo o Nuncio com dizer, que tambem se fora a elle tomara só a resolução da justiça porque só com essa ficará bem com todos, e que Deos allumiaria a Sua Santidade pois ja agora com pouco papel e tinta podia dar remedio a tudo.

. . . . . .[1]

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Junho 20

Conde Almirante Embaixador amigo: Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Sem embargo do que se vos escreveo em carta de 25 de Abril, sobre haverdes de passar a Roma, logo que tenhais avizo que Sua Santidade passa Bullas ás pessoas nomeadas por mym nos Bispados vagos, na forma em que té gora se passarão aos nomeados pellos Reys meus ultimos predecessores: Hey por bem que, sem terdes avizo, com toda a certeza, de que Sua Santidade declara expressamente, que vos receberá, não vades áquella Curia em nenhũa forma, porque o subcesso do Bispo de Lamego, e o moderno do Prior de Sodofeita, e outras

[1] *Assumpto extranho.— Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 89 v.

considerações de meu serviço, igualmente poderosas, persuadem que não convem partirdes vos com menos segurança, e assy tenho por certo o fareis. Escrita em Lisboa a 20 de Junho de 1645.—*Rey*. ⋮ ·

Para o Conde Embaixador em França [1].

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645—Junho 22

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Com a vinda do Padre Manoel Mascarenhas se soube aquy do perigo que teve em Roma o Prior de Sodofeita com os castelhanos porque o mandou asaltar o Embaixador de Castella, e confesso vos que tive muito particular sentimento deste dezastre, assy pella grande estimação que faço da pessoa do Prior, como porque este sucesso, a que se não atreverão os castelhanos se não tiverão em Sua Santidade confiança para o cometter, me serve de ultimo desengano para o pouco que posso esperar do pontificado de Innocencio 10. Rezolvi me em mandar recolher logo ao Reyno ao Prior, e noteficar ás pessoas que nelle tem Beneficios, e assistem na Curia os venhão comer ao Reyno, por ser assy necessario a sua deffensa, e conservação, e convocar hũa junta, pello decreto cuja copia será com esta, e enviar da mesma sustancia propostas ás universidades de Coimbra e Evora para que considerada por todos a materia, tome por hũa vês, com geral approvação do Reyno, rezolução nas materias de Roma. A Raynha Christianissima escrevo graças do que naquella occazião obrou em meu serviço Monsiur de Gremoville, e a elle as mandey tambem escrever. Levareis á Rainha a minha carta, e a ella, e ao Cardeal Masarine agradecereis o mesmo em meu nome; e com esta occazião a tomay de dizeres a ambos, que todo este dano me rezulta de

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 633.—*Sobrescrito:* Por ElRey—A Dom Vasco Luis da Gama Conde da Vidigueira Almirante da India, do seu Conselho, e seu Embaxador em França.

França não celebrar comigo a liga formal que tem com os mais aliados, porque he certo que se a tivera feito, e se dezenganara Castella, que seguião minhas armas a mesma e igual fortuna que as de França, se levara, para me offender, só do meo dellas, sem lançar mão de outros tão indecentes, e tão alheos de Principe christão; e apertareis o mais que vos for possivel este ponto, valendo vos, para o vencer, de tudo o que se vos offerecer, pois a importancia delle pede as mayores deligencias, e do que passardes me avizareis. Escrita em Lisboa a 22 de Junho de 1645. *Rey*. ⁝ .

Para o Conde Almirante [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Junho 23

Recebi a carta de Vossa merce de 29 do passado com a que vinha para Sua Magestade, que lhe tenho ja remettido, e de hũa, e outra me consta a resolução em que Vossa merce ficava, assi de não sair de Roma sem ter reposta de Sua Magestade fundando se nas esperanças, que tinha de melhoramento como no apresto, que fazia para a viagem de Parma, e confforme ao tempo em que Vossa merce tratava de começala duvido de que achasse a Vossa merce ainda em Roma hum extraordinario que d'aqui lhe expedi com meu parecer, fundado em lhe aver a Vossa merce assi parecido, quando mandou pedir a Sua Santidade licença para tornar se a Portugal, alem dos outros motivos, que considerei, de modo que o que nisto tenho que responder he que não temos nenhũa differença, nem contrariadade no fim a que tudo vai dirigido, pois o fim não he outro, que acertar no serviço de Sua Magestade, e a differença que só ha nos meos,

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V. $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 635.— *Sobrescrito:* Por ElRey — A Dom Vasco Luis da Gama Conde da Vidigueira Almirante da India, do seu Conselho e seu Embaxador em França.

e nos pareceres ainda serve de descargo de cada hum, porque cada hum satisfas com o que entende, permitta Deos, que tenhão bom successo as esperanças, que Vossa merce tem de melhoramento, que eu me darei por muito contente de confessar que me enganei em cuidar o contrario, o ponto está que Sua Magestade mande responder brevemente a Vossa merce para vermos o que lá determinão, e o que nos val a perseverança das humildades, e digo a Vossa merce que tenho em responder a todos os ministros de Sua Magestade, que estão por estas, e outras partes, que todos tocão a arma para Sua Magestade aver ja de fazer demonstraçoens, e o correspondente de Francisco Taquette tem o mesmo sentimento, que he aos ministros de França não ha que dizer, porque ja do tempo de Urbano 8.° clamavão o mesmo, e agora muito mais, e segundo entendo, não ha que queixar delles, porque esta coroa fas oje pellas couzas de Sua Magestade com o mesmo cuidado, que por si mesma, e assi o testemunhão as acçoens, e os interesses, que ella reconhece, que são só os amores d'estado, e quanto ás couzas de Roma já avizei a Vossa merce o que dizia o Cardeal Mazarini, e sei que o disse assi ao Nuncio, e falando eu com o Cardeal Bichy que está já nesta corte, me disse que actualmente estavão tratando de algũas couzas em grande serviço de Sua Magestade, e que o tempo logo as mostraria, emfim ao prezente fazem tudo o que podem, e ainda que seja pello que lhes convem dão só o agravo, que se faz a Sua Magestade, e o que lá fas o agente, que ficou em Roma, não creo que seja com sciencia, nem com consentimento desta coroa, e o Papa não acaba de dar lugar a receber embaixador de Sua Magestade, e como fas o que o embaixador de Castella dezeja pouco vai em que lhe não aja dado audiencia.

O que Vossa merce me aviza em cifra não pude entender com letras do A. B. c. e algarismo, porque não tenho qua tal cifra, e assi tenho avizado a Vossa merce se sirva de escrever pella que temos, ou mandar me copia da outra. Deos guarde a Vossa merce etc. *(sic)*.

Creo que Sua Santidade no stado presente quererá antes melhorar sua resolução no recebimento de embaixador a que ella se siga, do que sem isso declarar a Sua Magestade no provimento por não mostrar direitamente e logo que não acertou no expediente com que sahio, e assi veja Vossa merce se convem ir agora apertando pello recebimento de embaixador [1].

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 93.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Junho 30

Recebi a carta de Vossa merce 5 do presente, com as incluzas para Sua Magestade que remetti; e me alegrei de que tivesse Vossa merce bõa saude para a sua viagem de Parma, e como Vossa merce determinava recolher se antes das mutanças creo, que já será de volta, e dezejo, que seja com mui bõa saude.

Com toda a verdade respondeo Vossa merce ao Deputado da congregação, que com tantos biocos lhe propos o breve secreto, que podia aver para que a provizão de motu proprio não prejudicasse a Sua Magestade, porque tambem he couza impracticavel, pois sendo Sua Magestade Rey em publico não ha, nem deve de admittir qualidades, nem preservativos secretos, e o protestar de fora pello prejuizo he dos que estão de fora, e não de quem está em posse ha cinco annos. Grande couza he, que Sua Santidade nos faça a mesma difficuldade, que fazem os enemigos, que he toda não reconhecer a Sua Magestade, e esperar ainda que elles o reconheção primeiro para mostrar se ainda mayor contrario. O Camareiro secreto de Sua Santidade não andou como bom francès na deligencia, mas com a reposta, que Vossa merce deu a suas rezoens, tornaria confuso, e convertido. De Lisboa me avizão que ja os padres da companhia tinhão eleito seus vogais para ir ao Capitulo geral, e assi ja não hão de tardar muito.

Todos falão na gente, que Sua Santidade fas, e nas gazetas, que vem de Roma, e Genova se dis o que o povo clama como Vossa merce me aviza, dizendo que he para segurar a Curia e receber embaixador de Sua Magestade, mas só em Sua Santidade está tudo, que o demais são vozes de fora.

O Cardeal Bichy me disse, que de parte d elRey Christianissimo se mandara ordem para que se dissesse a Sua Santidade que em recebendo

embaixador de Portugal ficaria satisfeito, e tudo muito em pas com essa Curia, e assi se fazem bõas instancias, queira Deos, que aproveitem como he justo.

Veo carta de agradecimento de Sua Magestade para Monsieur de Grimonvilla, pello que assistio, e trabalhou em Roma com Vossa merce, e lh a remetti ja a Veneza. Outra veo para o Cardeal Bichy, que oje espero dar lhe em sua mão.

Como Sua Magestade aviza a Vossa merce sobre os negocios no maço, que veo de Lisboa, não tenho que dizer mais, só o que me consta por algũas copias, que me vierão, he que Sua Magestade expecificamente torna a conffirmar, e assegurar, que he impracticavel o provimento de motu proprio, ainda sem ter noticia delle, e assi podião dar se esses Senhores por respondidos sem esperar outra resolução de Sua Magestade, pois he tam certa esta, que a mandou Sua Magestade d'ante mão, e se podem desenganar se Vossa merce lhe mostrar o capitulo da carta de Sua Magestade, que lhe vai, para encurtar com isso as dilações.

Rendo a Vossa merce as graças do favor e merce que me fes, em se querer servir das luvas, e outras meudezas, de que me aviza, estimara eu, que fora de tudo, e que tudo fora de muito preço, assi como está a disposição de Vossa merce. Deos guarde etc. *(sic)*[1].

Carta de Fernando Brandão ao Conde da Vidigueira

1645 — Julho 10

Excellentissimo Senhor — . . . . . .[2]

Sempre tive para mi que a vinda do Doutor *(Nicolao Monteiro)* a esta Corte com tanta pressa nam causaria nenhuma mayor utilidade ao

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 97 v.

[2] *Assumpto extranho.*

serviço de Sua Magestade que aquelle que havemos visto; e se lembrará Vossa Excellencia haver eu escrito, que quando puzesse o negocio dos Bispados nos termos em que eu os havia tido para se despacharem por motu proprio Sua Magestade ficava obrigado a lhe fazer huma sinalada merce de que elle he merecedor por este serviço e pello bom animo com que tem posto a vida a tantos perigos.

He regra de direito que o juiz nam deve conceder na sentença mais do que lhe foi pedido no libello; e com este fundamento escrevi a Vossa Excellencia (que por muitas vezes me havia significado, que o Doutor nam trazia nenhum negocio de Sua Magestade) que negoceando a nome do Clero, alcançou para o Clero o despacho das igrejas, e que havendo de pretender outra cousa do serviço de Sua Magestade importava que representasse nova pessoa, quero dizer, que fallasse a nome delRey.

Muy bem sabia eu o pouco gosto, que o Doutor Nicolao Monteiro mostrava de lhe negarem a provisam dos Bispados ad presentationem, et nominationem Regis Joannis 4[1] e podera acompanhar o seu disgosto, ou pello menos dissimular, porem em materias desta qualidade offendera eu muito a minha fedelidade para com o serviço de Sua Magestade e com Vossa Excellencia, se com aquella ingenuidade, que professo, me nam houvesse alegrado com o mesmo Senhor *mesturando nos parabens a lastima de ver que do mesmo serviço que eu tinha feito ao Reyno, outro levava a gloria.*

He commum o desejo de ver ajustados todos os negocios Reaes nesta Corte a todos os bons vassallos, e servidores de Sua Magestade, mas o conhecimento das materias, e das qualidades do tempo he differente em muitos, convem penetrar dentro da casca a sustancia das cousas, e querer contentarse com o apparente he hum querer prejudicar as mayores conveniencias.

Supposto, pois, que Sua Santidade he Pay commum de todos os christãos e que suas deliberações sam assistidas do Spiritu Santo, e acertadas com a mesma razam, sendo todos obrigados a confessar isto, eu muito mais por seu Ministro; e bem pode ser que entenda alguns particulares, que outros ignoram, *que me fazem estimar mais o favor, que Sua Santidade tem feito a Portugal no estado presente, com esta declaraçam dos Bispados, melhor que outras, que se poderam praticar, antes de ser recebida a embaixada de obediencia,* e reconhecido Sua Magestade por Rey que era o ponto principal em que se deve trabalhar, deixando huma ne-

goceaçam segundaria, que nam pode ser concluida com a mesma satisfaçam primeiro que a principal.

Veyo o Doutor em nome do Clero a procurar a provisam dos Bispados representando a desconsolaçam do Estado Ecclesiastico sem Pastores que o governassem, e as suas ovelhas: com quaes razoens havia de instar ao Papa, que lhe concedesse as igrejas *ad presentationem Regis*, quando somente nesta palavra consiste todo o negocio, que o Papa nam fez a hum Rey de França, nem a hum Bispo de Lamego? Que simplizidade! cuidar que havia de alcançar indireitamente cousa com tantas contrariedades impugnada.

Naquella occasiam disse huma pessoa de porte: o Doutor Monteiro se queixa desta resoluçam: e diz, que vem pello Clero! Seu officio era procurar pello Clero, e pedir remedio de sollevar as molestias dos ecclesiasticos, e as decimas que lhe obrigam pagar em Portugal, mas ja que elle nam faz estas instancias, nam falta quem procure que a Sé Apostolica nam permita este exemplo tam prejudicial a sua jurisdiçam, e á Christandade.

. . . . . [1]

Roma x de Julho 1645.

De Vossa Excellencia—Perpetuo devotissimo e obrigadissimo. . .
. . . . . *Ferdinando Brandano.*

Senhor Conde Almirante.[2]

Carta do Doutor Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico, a el-Rei

1645—Julho 20

Senhor—He de tanta importancia a aveeriguar se se ha, ou não ha duvida em as igrejas cathedrais desse Reino deverem ser providas á nomeação, e não á petição de Vossa Magestade, que movido do zello, que

[1] *Assumpto extranho.*

[2] Biblioth. Nac., *Mss.* P, $\frac{5}{33}$ (Corresp. de Fernando Brandão), Carta 3.

ao serviço de Vossa Magestade tenho, me dey por obrigado a referir nesta em particular os fundamentos de hũa e outra parte, e a dizer a Vossa Magestade o que na materia me paresse, pello que vindo ao ponto:

Primeiramente supponho que a provizão das cathedrais que antigamente pretencia aos Papas (Cap. 1.° et 2 dec. 22 post. Seb. Belarmin et alios Garc. de Benefic. 5 p. C. 4. n.° 6) e aos cabidos (Cap. quia propter de elect. Garc. ubi 5 n.° 9) pertence hoje aos mesmos Papas (Reburs Mandire et aliquos refert. et Seq. Garc. p. 5, C. 1.°, n.° 212) por vertude das regras da Chancelaria 2 et 3, com declaração porem que a provizão das em que os Reys tiverem o direyto de aprezentar deve ser feyta a aprezentação sua nas pessoas por elles aprezentadas; porque pellas ditas regras se não derroga (Gla: in reg. cons. 40. Lambert. de jur. patr. p. 3 lib. 2.° q. 1.ª art. 3 Rebuss. in prax. p. 3. Signaturae vbo nec non jur. patr. n.° 64. Con. pract. Cap. 36, n.° 2 et ita servari testatr. Garc. p. 5. C. 1.° n.° 215. Gonçal. in reg. 8. chanc. gl. 51. n.° 49) aos padroados dos ditos Reys, posto que so por costume ou previlegio lhes pertenção.

O que suposto; que as cathedrais deste Reino devão ser providas sem duvida á aprezentação e não a petição de Vossa Magestade parece se mostra claramente pellas rezões seguintes:

1° Porque os senhores Reys desse Reino o conquistarão e tirarão aos moyros de suas mãos á custa de seu sangue, de suas vidas, e de suas fazendas, e das de seus vassallos; pello que lhes compete (Cabed. de patron. Reg. Cor. cap. 37. n.° 1) o direito de aprezentarem nas ditas cathedrais delle.

2° Porque os mesmos senhores Reys fundarão, edificarão, e dotarão as ditas cathedrais; pello que conforme a direyto lhe competia (Gla. in cap. piae mentis, 16. 9. 7. Rocha. de jur. patr. et alii de qq *(?)* Gonçal. gl. 18 a n.° 33. Garc. p. 5. Cap. 9 n.° 36) o de aprezentarem nellas ainda que não tivessem privilegio, não houvesse custume de aprezentarem.

3° Porque para aprezentarem tem privillegio appostolico, o qual paresse que se prova claramente pellas bullas das provizões das ditas cathedrais que ao tempo dos tres Phelipes (que esse Reino ocuparão) se fizerão; porque nomeandosse nellas por Reys desse Reino se declara que a aprezentação das ditas igrejas lhes pertence por privilegio apostolico.

4° Porque ainda que na Torre do Tombo se não ache breve do dito

previllegio, o que seria por se perder em ocaziões de guerra, como se perderão outros, que devem ser cridos, os D. D. do Reyno que afirmão avello (Cabed. d.° cap. 37. n.° 2. Gabr. Pr.ª de man. reg. cap. 29) mayormente havendo fama que os ha (Menoch. cons. 336 n.° 14 et 15) a qual faz prova.

5° Porque na Torre do Tombo ha hum breve de Alexandre 6° passado a 21 de Mayo de 1508 por que consta que disse ao seu Nuncio que prometendo o senhor Rey D. Manoel ao Cardeal D. Jorgue tomar posse do arcebispado de Braga, prometa ao dito senhor Rey em seu nome que por morte do dito Cardeal, o não proverá senão na pessoa que Sua Magestade lhe pedir, do que se mostra, segundo se diz no dito papel da Torre do Tombo, que me veyo, que o dito senhor Rey contrariou a nomeação do Papa por não preceder sua aprezentação.

6° Porque na mesma forma na Torre do Tombo se acha outro breve de Paulo 3 passado em 15 de Julho de 1547 em que se declara não vagar na Curia Romana o bispado de Vizeu, e os mais beneficios que nesse Reino tinha o Cardeal Farnesio do que, como se diz no mesmo papel, se pode entender que o Papa tinha a nomeação nos que vagavão na Curia e não nos que vagavão em Portugal.

7° Porque na mesma Torre do Tombo se acha o breve da criação do bispado de Miranda passado a 22 de Mayo de 1545 o qual uza das palavras (de conssilio et de consensu) das quais segundo no mesmo papel se diz, se induz ser dos Reys ou padroado dos bispados *(sic)*.

8° Porque tendo os Reys de Hespanha ja de tempo antigo o dito privelegio de aprezentar nas cathedrais della, e sendo verdade que D. Affonso o 6° deu Portugal em dotte, com sua filha D. Thereza (consta das cronicas do Reino) ao Conde D. Henrique, e que D. Affonso o Sabio deu os Algarves a ElRey D. João *(sic)* o 3° com sua filha D. Britis deve entenderse que por comonicação tem os senhores Reys de Portugal o mesmo privelegio por ser Portugal parte de Hespanha.

9° Porque por custume immemorial se proverão sempre (Cap. super quibusdam de verber. signif. Velasc. conss. 163 Garc. d.ª p. 5. cap. 9. n.° 82 Goncal. gl. 18. n.° 44 qui afferunt ex immemoriali probari titulum ex fundat.° vel dotatione) as ditas igrejas á aprezentação dos senhores Reys desse Reino nas pessoas por elle apontadas, pello que se fica provando o dito previlegio.

10° Porque ainda que antigamente as ditas cathedrais fossem pro-

vidas algũas vezes á petição, e não á aprezentação dos ditos senhores Reys, isso era por então se reparar pouco em palavras, e não haver para atentar ce nellas, quando na sustancia erão providas as pessoas que elles aprezentavão, que he a rezão por que as ditas palavras não devem hoje fazer duvida, quando consta qual era a verdade, singeleza e sensiridade portugueza.

11° Porque a mesma rezão pede que não sejão providas as ditas cathedrais (Cabed. d.° cap. 37. n.° 5) em pessoas aos senhores suspeitas *(sic)*, quais serão as que por elles não forem aprezentadas.

12° Porque dado, e não concedido, que na realidade não haja o dito privelegio, está o Reino, e pello conseguinte Vossa Magestade em posse (sobre a posse do Reino e de Vossa Magestade fiz hum discurso largo, que inviey a Vossa Magestade a que me remeto) de prover as ditas igrejas por vertude do dito privilegio; porque por vertude delle em tempo dos ditos tres Phelipes se proverão sem duvida algũa, na qual posse deve Vossa Magestade ser conservado conforme a direyto.

13° Porque por custume geral da Christandade se provem hoje á apresentação dos Reys e Princepes della as cathedrais todas de seus Reinos e Principados, e não ha couza algũa para se não uzar com Vossa Magestade o mesmo, antes a ha tanto mayor para com Vossa Magestade se uzar o mesmo, quanto são mayores e mais notorios os serviços que Vossa Magestade faz á Santa Madre Igreja, e fizerão os senhores Reys antecessores de Vossa Magestade.

14° e ultimo, porque sendo, como he, o mesmo em substancia o serem providas as ditas cathredrais á aprezentação, ou a petição de Vossa Magestade, porque sempre ou he de hum modo ou de outro Sua Santidade deve provelas nas pessoas por Vossa Magestade apontadas, não ha rezão para agora se mover aquella questão sobre a materia, porque fica sendo so questão de nome. Pellos quais fundamentos todos, e por cada hum por si, parece se conclue que as ditas igrejas devem ser providas á aprezentação, e não á petição de Vossa Magestade.

Sem embargo porem dos ditos fundamentos paresse pode dizerse o contrario; porque o dito direyto do padroado devia provarse (Consil. Trid. Sess. 25, Cap. 9) para o dito effeyto, e não se prova pellos ditos fundamentos, porque alguns delles suppoem de facto que não consta, e outros dizem de jure, o que não conclue, como pode verse concideradas as respostas que podem dar a cada hum delles.

Porque primeiramente ao primeiro pode responderce que o direyto do padroado se adquire so por tres modos, a saber ou por fundação, ou por adificação, ou por dotação, aos quais (Gla. in d.° cap. pice mentis. Consil. Trid. d.° cap. 9, Goncal. gl. 18 an.° 33. Garc. dita 5 p. C. 9, n.° 36), se ajunta ou do privilegio Apostolico, e não se verificando em nenhum dos ditos modos, ou da conquista, seguesse que pella conquista de seu Reino não ficou adquerido o direito de padroado nas ditas igrejas aos senhores Reys delle, por não ser para isso titulo bastante. O que mais claramente se mostra; porque se o fora, tambem por elle se adquirira o mesmo direito em todas as mais igrejas infiriores as cathredais, das quais consta que por não ser adquirido nellas o dito direyto aos senhores Reys desse Reino, são providas sem aprezentação sua.

Ao 2° que não consta que os senhores Reys de Portugal fundassem, ou edificassem, ou dotassem as cathredais delle, nem ha cronica que tal diga, e Jorge de Cabedo que diz (Cabed. de jur. patr. cap. 2, n.° 7) que os senhores Reys despois de lancados os moiros fundarão e edificarão, e dottarão muitas igrejas infiriores, não chega a dizer que fundarão e edificarão, ou doctarão algũa das ditas cathredais, nem que por esse respeyto lhe pertença a aprezentação dellas, dizendo (Cabed. d.° cap. 37. n.° 2) somente que he de crer que por previlegio apostolico lhe pertence, o que se mostra mais claro, porque as ditas igrejas antes de os ditos senhores Reys conquistarem o dito Reino estavão ja fundadas e edificadas, e posto que algũas dellas fizerão algũas doações *(sic)*, e deixarão alguns legados nem por isso adquirirão o dito direito de padroado nellas, porque se adquire (Cap. feliis. 16. q. 7. Roch. vbo et dotavit, q. 6. Lambert, n.° 1. p. 61. q. 6 art. 1 et 2. Garc. 5 p. C. 9, n.° 60 et seqq.) só pellos doctadores por vertude dos bens com que as doctão, e não pellos doadores por vertude das doacções que lhe fazem, nem pellos testadores por vertude dos legados, que lhe deixão, porque estes conforme a direito somente se chamão bemfeytores.

Ao 3° que não consta do privelegio que se allega, por breve algum, que haja, nem por documento algum, que delle trate em forma, porque as bullas havidas em tempo dos Phelipes não concluem que foy aos senhores Reys de Portugal o dito privellegio concedido; porque ainda que digão que aprezentavão pello privelegio que tinhão os Monsenhores Albisi, Espada e Maraldo contendem sobre isso nervozamente que se entende do privelegio que tinhão como Reys de Castella para aprezentarem

nas cathredais dos Reynos possuydos por elles, e dos que despois possuissem, e que assim não provão haja em Portugal o dito previlegio, que não consta por outro titullo haver nelle.

Ao 4° que alem de que aquelles Monsenhores dizem não deve crerse aos doutores de Portugal como suspeytos, nem os ditos doutores testificão em forma (Cabed. d.° c. 37. n.° 2 et 3. Credendum est) haver nelle o dito privellegio, e somente dizem he de crer que o dito direito de padroado pertence aos Reys delle por vertude de privellegio appostolico, nem ha forma delle em forma que possa provarse conforme aos requizitos que para provarce a fama se requerem (ita DD. comum. ut por Mascard. de probat. concl. 959. an.° 19. Goncal. d. Cap. 9. p. 5. n.° 84 et 85) e em cazo que a houvera não bastava; porque conforme a direito para a fama provar o dito privellegio he necessario que concorresse com ella hũa posse longissima dos ditos senhores Reys aprezentarem nas ditas igrejas da qual não consta.

Ao 5° que pello dito breve de Alexandre 6° se mostra somente a promessa de que trata, a qual he limitada ao senhor Rey Dom Manoel ao arcebispado de Braga e a vacatura delle por morte de Dom Jorgue; pello que mal se pode dizer por elle estar provado o dito direito dos senhores Reys aprezentarem nas ditas cathredais; porque sendo asim limitado, mal pode estenderse aos sucessores do dito senhor Rey Dom Manoel, nem a outras cathredais fora da de Braga, nem ainda á ventura desta por morte de outros arcebispados *(sic)*; quanto mais que o dizerem que do dito breve se mostra que o dito senhor Rey Dom Manoel contrariou a nomeação sem sua aprezentação he couza que não se mostra delle, porque o Papa so lhe mandava prometer que proveria a dita cathredal de Braga na pessoa por que Sua Magestade lhe pedisse, e não na pessoa que Sua Magestade lhe aprezentasse; do que está tão longue de poder induzirce que a dita igreja se havia de prover á aprezentação sua, que antes se deve induzir haver duvida de proverce a sua petição; pois o Papa á petição sua prometia provella debayxo da condição do que trata, e não de outro modo. O que he rezão porque me paresse se deve desterrar da Torre do Tombo, e não aparecer mais nella, nem em outra parte aquelle breve; pois não sendo de algum proveyto he de tão grande prejuizo.

Ao 6° que o dizerse no dito papel que de Paulo 3° declarar pello seu breve que se não entendia vagar na Curia o bispado de Vizeu, nem

outros beneficios que o Cardeal Farnezio tinha nesse Reino se dá a entender que o Papa tinha a nomeação dos que vagavão naquella Curia, e não nos que em Portugal vagavão he couza que não pode dizerse; porque primeiramente he contra o direito deste Reino; porquanto o que os senhores Reys tem para serem providas as cathredais delle, ou seja á aprezentação, ou á nomeação sua tem seu lugar ainda que as ditas cathradais vaguem em Roma; porquanto pella reserva geral das cathradais e mais igrejas que vagão na Curia Romana se não derroga (d.ª gla. in. Reg. 40 Chanc. cum multis aliis G. n.º 40 alleg.) ao direyto dos Reys de nenhum modo, e tãobem não pode dizerse que da dita declaração se segue que a nomeação das cathredais que vagão na Curia Romana he do Papa, porque a dita declaração podia ter outros fundamentos, de que poderá constar no dito breve, alem dos quais podião ser que o dito direito de aprezentar, ou supplicar, que os ditos senhores Reys tem nas ditas igrejas, he bastante (Ex rat.ª G. n.º 20 et ex D. D. n.º 4 post alios Garc. 5 p. Cap. 1.º n.º 85) para se declarar que a dita rezerva geral das que vagavão na Curia Romana se não devia entender no bispado de Vizeu, que o dito Cardeal tinha; quanto mais que na dita rezerva geral não se comprehendem os beneficios dos que tem domicilio na Curia Romana, salvo se forem curiais, ou com rezões que nella entrarem por rezão da mesma Curia, qual o dito Cardeal Farnesio não era; pello que tãobem se podia fazer a dita declaração por este fundamento, mas pello que se aponta no dito papel por nenhum modo.

Ao 7º porque as palavras de consilio et de consensu de que uza o breve da creação de Miranda só concluem que o Papa ou não quereria, ou não poderia crear aquelle bispado sem consentimento do senhor Rey, que então vivia, e porem não se induz dellas que he dos senhores Reys desse Reino o padroado delle, e muito menos o dos outros por ser couza diversa de que se não faz eleição conforme a direito; o que procede mais de plano, porque constando, como consta, ser aquelle bispado tirado do arcebispado de Braga, e não constando, como não consta, que he dos senhores Reys desse Reino o padroado delle, mal se pode dizer que pello dito breve, e palavras sobreditas delle se induz ser o padroado de Miranda, que do dito arcebispado foi tirado do dito padroado, e muito menos que o são os mais de que não trata o dito breve.

Ao 8º que dado, e não concedido, que conforme ao direyto o Rey que dotta parte de seus Reynos fique comonicando ao dottado o previle-

gio que tem nelles, não consta comtudo que os ditos Reys de Hespanha D. Affonso 6° e D. Affonso o Sabio comonicassem aos ditos Conde D. Henrique e D. Affonso o 3° o previlegio de prezentarem nas ditas igrejas; porque não somente não consta que os ditos Reys dotadores o tivessem ja ao tempo que dottarão, mas o contrario se mostra; porque se bem no tempo dos Reys godos se provião as ditas igrejas pellos mesmos Reys (Consil. Tolet. 12. C. 6. Vidalpand. in Coment. ipsius C. 39) despois se proverão pellos cabidos (L. 1. tit. 6. Lb.° 1. recop. et L. 3 n.° 3 et Lb.° 2, n.° 6. Lib.° 1.° ordinam.) e despois pellos Papas á aprezentação dos Reys mesmos, e despois por prevelegio por Sixto 4° concedido, e despois por Adriano 6° (Mariana Lib.° 25. C. 5. Gil Goncalves in Histor. de Salamanca Lib.° 3. C. 18) forão providas a sua aprezentação dos ditos Reys, e como os ditos Papas forão despois (Mariana L. 25. C. 5. et Gil Goncalves dito loco) dos ditos dottadores (Patet in chronic.) não tendo elles ao tempo dos ditos dottes o dito previlegio, mal podião comonicallo aos dottados; quanto mais que ainda no cazo que o pudessem comonicar, e o comonicassem, mal podia hoje haver lugar a elle, porque os privelegios se perdem por non usum (Patet. Soares deleg. Lb.° 8. de previleg. C. 34 per totum Azor. tom. 1. moral. L.° 5. C. 4. q. 8.° Salas deleg. disp. 13. dec. 9. n.° 29) e em Portugal sem se nunca uzar do dito privelegio forão sempre providas as ditas cathredais athe o tempo dos ditos trez Phellipes, não por aprezentação, senão por petição dos antecessores de Vossa Magestade como mais claramente se verá na resposta do numero seguinte.

Ao 9° que tanto he verdade que não consta do custume immemorial que nelle se allega, que antes consta do contrario, porque vistos por mim os livros dos Rezistos das bullas das provizões das m.tas das igrejas passadas antes de Phelipe 2° entrar nesse Reino vi claramente serem providas á petição, e não á aprezentação dos senhores Reys antecessores de Vossa Magestade, e ainda despois de entrado nelle o dito Phelipe 2°, vi que á petição, e não á aprezentação sua foy provido no arcebispado de Braga D. Affonso de Menezes por vertude da rezignação que fez do dito arcebispado D. Fr. Bartholomeu dos Martires, continuandosse asim naquella provizão a forma das passadas, se bem as seguintes forão feytas á aprezentação sua, por se advertir (segundo paresse) que se estendia a Portugal o privelegio que em Castella tinha.

Ao 10° que não consta de ves algũa em que algũa das ditas ca-

thredais antes dos tres Phelipes fosse provida á aprezentação nos *(sic)* senhores Reys desse Reino, e a forma em que se provia era não so de declararse nas bullas que os Papas as provião nas pessoas que lhes pedião os senhores Reys, mas que tinhão rezervadas todas as cathredrais, e que a provizão da que estava vaga lhes pertencia por vertude da dita rezerva, e que por essa rezão ninguem outrem podia prover della, pello que mal se pode dizer que os ditos senhores Reys consentião nestas provizões por se reparar pouco em palavras, quando aquellas lhe prejudicavão tanto.

Ao 11° que alem de que aos Reys se não podem prezumir suspeitos todos os não nomeados por elles, e de que a rezão de suspeyta só convence que não possão ser providos os de que constar, ou se prezumir que são suspeytos, não concluem a dita rezão que devem ser providos os que os Reys aprezentarem, de maneira que exceptua os por quem pedirem; porque asim como nos que nomearem, tãobem nos por quem pedirem se não pode conciderar suspeyta.

Ao 12° que os ditos ..... negão haver a posse, que nelle se alega, dizendo que pellos autos das aprezentações feytas pellos ditos tres Phelipes os quais aprezentavão por vertude do privelegio só a elles e aos seus sucessores concedido se não podia adquerir a Vossa Magestade a dita posse, pois não era seu sucessor, senão sucessor contra elles, accresentando que nem elles tiverão animo de adquerir a dita posse para outrem, que contra elles sucedesse, nem a Dattaria o tivera de largar o que tinha de se proverem as igrejas á petição dos senhores Reys desse Reino pellos ditos autos de provizões feytos á aprezentação dos de Castella, em que havia a rezão do dito privelegio.

Ao 13° que as nomeações dos Reys e Princepes da christandade por que hoje se provem as cathredaes dos seus Reinos e Principados são só as de aquelles que consta terem o dito direyto de aprezentar nellas, por algum dos ditos titullos, e não as dos mais; de que he bom exemplo o Reino de Napoles em que Sua Santidade prove alguns dos bispados em quem lhe paresse, sem ElRey Catholico ter nelles o direito de aprezentar, nem suplicar o Ducado de Florença em que os bispados se provem á petição, e não á aprezentação dos Duques; e o mesmo Reino de França em que ha alguns e alguns mosteyros que na mesma forma são providos; pello que paresse se não ficara uzando para com Vossa Magestade de novidade algũa se as ditas cathredaes se proverem á petição, e não á aprezentação de Vossa Magestade.

Ao ultimo que a rezão de que trata he só suasoria e de consiencia, e que como tal não obriga athe se não mostrar e mover aquella questão, nem a deixar se estando movida.

Conciderado pois o que de ffacto consta, e os ditos fundamentos de direyto por hũa e outra parte para dizer o que me paresse na materia, digo Senhor sinco couzas:

A primeira que não ha duvida alguma que as ditas igrejas devem ser providas á petição de Vossa Magestade nas pessoas por que Vossa Magestade pede por ellas, e exprimindo sse nas mesmas bullas o nome proprio de Vossa Magestade; porque constando, como consta (dos livros do rezisto consta) que as ditas igrejas forão sempre assim providas nas pessoas por que pedião os senhores Reys antecessores de Vossa Magestade, e estando lhes, e a Vossa Magestade por costume immemorial, que para isso he bastante (ex dito cap. Super quibusdam et D. D. n.º 10 G.) e por estillo da Curia que tambem faz direyto (Cap. ex Literis ubi Felin. de Constitution, n.º 4. Cap. quam gravide on nime falsi. Gab. Cons. 193, n.º 1, Lib. 2. Mend. de Comiss. com. 2 vbo Sanctitati vestre) adquerido o de assi se proverem, e não em outra forma, fica claro que o dito direito não está derrogado pellas ditas regras da chancelaria, e que sem embargo dellas devem as ditas igrejas ser providas na mesma forma em que se proverão sempre; mormonte sendo verdade, eomo he, que querendo hum Papa prover o bispado de Vizeu em tempo do senhor Rey D. Manuel em pessoa que elle não pedira o dito senhor Rey lh o não consentio; e lhe rescreveu ressentidissimo hũa carta cuja copia eu tive, em que sem perder o respeyto aaquella Santidade lhe reprezentava o *(sic)* que lhe não havia de consentir aggravo, que nunca os senhores Reys seus antecessores consentirão; e isto com gravidade e authoridade tão real que era muy digna de que se guardasse na Torre do Tombo estampada de letras de oiro, pello que me espanto se não ache.

A 2ª que o haverem de ser providas as ditas igrejas á aprezentação de Vossa Magestade, e nas pessoas por Vossa Magestade aprezentadas não he tanto sem duvida, que lh a não sintão muitos, e que athe eu a quem como o zello de ver as couzas desse Reino de Vossa Magestade no mayor auge, não deixo de sentirlh a grande *(sic)*.

A 3ª que sem mostrar que a sinto, nem que ha na materia duvida algũa, com as mayores instancias que posso, e com as mais eficazes rezões, que se me offrecem, procuro, e hey de procurar, como devo, que as

ditas igrejas se provejão á aprezentação de Vossa Magestade assi e da maneira que no tempo dos Reys Catholicos se provião.

A 4ª que em cazo que Sua Santidade não melhore a rezulução passada mais que em prover as ditas igrejas á petição de Vossa Magestade, e nas pessoas por que Vossa Magestade pedir, exprimindo sse o nome proprio de Vossa Magestade, me parecia que Vossa Magestade se devia contentar com esta forma de provizão por ora; com protexto de não prejudicar ao seu direyto, e de requerell o em tempo, que o possa fazer, sem o prejuizo que agora pode vir ás ditas igrejas pella dilação que trazem consigo requirimentos semelhantes: do qual parecer he tambem o Padre Asistente João de Mattos, pessoa tão douta, tão religioza, e tão zelladora do serviço de Vossa Magestade como he notorio.

A 5ª e ultima, que são muito para ponderar ce as consequencias do contrario; porque alem do prejuizo que se seguirá d isso ás igrejas, que deixarão de prover se, no que se deve reparar muito avendo respeyto á duvida que ha nos fundamentos para se não a dita provizão *(sic)* na dita forma consta que em cazo que Sua Santidade não queira melhorar a rezulução que tem tomado, nem ainda concedendo que as ditas igrejas sejão providas á petição de Vossa Magestade, se siga *(sic)* bem que Vossa Magestade com prova de sentimento tão dettido pode sem duvida algũa fazer algũas demonstrações publicas, e de maneira, que os manifestos que na materia se fizerem não possão ter resposta; não será assim se Sua Santidade declarar que as ditas igrejas sejão providas á petição de Vossa Magestade, porque não faltarão respostas ás ditas demonstrações e manifestos; pois ha tantas como asima disse; nem faltará quem tenha por rezão d ellas as demonstrações por injustas e os manifestos por não justificados; nem finalmente quem fassa outros em contrario, ficando nos o dezar que muito deve sentir ce de serem mais justificados e menos vistos.

Sey que Vossa Magestade o mandara conciderar como mais convem ao serviço de Deus, e ao de Vossa Magestade, e que as pessoas a que Vossa Magestade o encomendar o farão com a madureza que o negocio pede; pello que cesso pedindo a Vossa Magestade me fassa merce mandar o de que mais for servido na materia. Muito alto e poderozo Senhor. Julho 1645 *(sic)*. O Padre Nicolao Monteiro [1].

[1] *Copia muito incorrecta, na* Biblioth. d'Ajuda, *Mss.* Thesouro Encoberto, tomo 1, fol. 34 v.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Agosto 4

Recebi a carta de Vossa merce de 10 do passado, e estimei muito que Vossa merce estivesse ja em Roma com bõa saude, e ainda, que ja o sabia como avizei no outro correo, foi me de mayor gosto o ficar certo disso por esta carta em que Vossa merce me não fala em aver passado perigo algum, e o demais como erão repostas ás que Vossa merce achou minhas, não me fica nesta que dizer mais sobre os particulares dellas.

Pella que Vossa merce escreve a Sua Magestade vi tudo o que se avia passado acerca da vizita do Duque de Parma, e o que respondeo de Veneza, e crea Vossa merce que tudo se avia aqui adevinhado antes de saber se o successo pellas muitas conjecturas que avia, emfim Sua Magestade julgará tudo com mais prudencia, que quanto a mim me parecera não se fazer disto nenhum cazo, e falar se no Duque do mesmo modo que d'antes assi com seus ministros, como com outros quando se offereça occazião, e com este mesmo silencio se poderia dar hum bom castigo, ou mostras de sentimento sem dizer nada, quando Sua Santidade recebesse a embaixada de Sua Magestade, e fossem vizitados os outros Principes sem se fazer cazo algum do de Parma, pois Sua Magestade com elle não tem para que ter mais comprimento. Sem embargo disso aviza Taquette o que Vossa merce verá pella copia, que vai incluza.

Pellas cartas de Sua Magestade que remetti a Vossa merce terá Vossa merce visto quam firme está Sua Magestade em não aceitar motus proprios, ainda sem saber delles, e pouco importa que Ferdinando Brandão seja de outro parecer em que continua com grande força, porque ja estou no seu conhecimento, e sua tenção.

Estou esperando cartas de Portugal que ha dias me faltão, e estimarei que venhão a Vossa merce as repostas de Sua Magestade com que finalmente veremos o que pode esperar se de Sua Santidade.

Não cuido que Sua Magestade se cance em saber as noticias dos procedimentos que os ministros de outros Principes tem com os seus, antes as dezeja, e assi lhe podia Vossa merce escrever tambem as passagens, que lhe fizerão os Governadores do Loreto, e Reggio, pois elles as fazem para que Sua Magestade as saiba, e eu rendo a Vossa merce as graças da merce, que me fas em me avizar de tudo, e a Sua Magestade remetto a carta de Vossa merce.

Francisco Taquette me remetteo dous maços de cartas de Vossa merce hum para o Secretario de Estado, e outro para o Camareiro mor, e do mesmo modo me tem ja remettido outros, por não achar navios, que os levem, e assi com este avizo dirigirá Vossa merce as vias como for mais breve, e mais seguro, mandando de lá hũa a Olanda, e aqui a outra, e as mais partes quando for avizando *(sic)* de navio em Liorne, em Genova, ou em Veneza.

Não querem os castelhanos guardar bem as suas cartas, ou não podem os seus correos escapar aos francezes, pois saem a publico quando elles menos o cuidão, e achão os seus segredos na rua como Vossa merce verá pellos impressos que lhe remetto, que poderão verse como pedras fora da mão. Deos guarde a Vossa merce etc. *(sic)* [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Agosto 11

Pella de Vossa merce de 17 do passado, que recebi entendi que ficava Vossa merce com bõa saude sem que os caminhos, nem as mutações lhe ouvessem causado algum abalo, de que me alegrei muito.

Do que avizei a Vossa merce de que não avendo entre nós differença no fim, a avia só nos meos, e pareceres, não foi minha tenção assegurar,

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 120 v.

que o que a mim me parecia era o mais acertado, porque não sou tam amigo, nem tam confiado de meu parecer, que ache, que dou com elle resolução, e assi de minhas cartas verá Vossa merce os fundamentos, que tive para o que escrevi, e que foi oppinião de hum Cardeal, com todas as rezões, que avizei, e como esta materia entra mais na politica, que no dereito pois he só aquella a que impede este, que he tão notorio, pareceome que era bom Doutor, e inda assi paguei a Vossa merce o que lhe devia em ter a Vossa merce por milhor que todos, pois tudo subordinava ao bom juizo, e resolução de Vossa merce, com que mostrava, que lá se acertaria milhor; queira Deos dar graça a Sua Santidade para se resolver como he rezão á vista da reposta, que Sua Magestade mandar, e ja Vossa merce lá teria algũas cartas com a chegada do Padre Nuno da Cunha, e mais companheiros, inda que não serião sobre o motu proprio, porque não era lá chegada a nova, que ja oje terá Sua Magestade recebido.

No papel incluso remetto a Vossa merce hũa memoria do que passei com o Embaixador de Veneza, que rezide nesta Corte sobre o socorro, que Sua Magestade lhe offerecia a sua Republica nesta occazião presente do Turco para que Vossa merce esteja informado do que ouve, porque algũas gazettas, que qua chegarão falão nesta materia diversamente.

Para o correo que vem espero os mais avizos sobre que Vossa merce me escreve, e neste se não offerece outra cousa, em quanto nos faltão novas de Portugal.

Por náos da India, que chegarão a Olanda se sabe, que os portuguezes e olandezes se avião lá accordados por si mesmos na observação da tregua, e que partião as nossas náos, permitta Deos que cedo venhão novas de serem chegadas. Deos guarde a Vossa merce etc. *(sic)* [1].

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 124.

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1645 — Agosto 16

Conde Almirante Embaixador amigo. Eu ElRei vos envio muito saudar como aquelle que amo. Já vos mandey escrever que mandara ver em hũa junta das pessoas de mayor importancia do Reyno as materias de Roma, e que pello que ally pareceo não conveo por então passar a demonstração algũa das que ha tantos dias me apponta vosso zello. Agora torney a mandar ver a mesma materia, e o que sobre ella acreceo de novo, em outra junta de differentes ministros, e nas universidades de Coimbra, e Evora, como vereis pella copia do decreto que será em companhia desta carta. Com estes papeis, que brevemente virão a minhas mãos, procurarey se tome algum caminho de que se tire mais utilidade, da que se tirou do que até gora se seguio, e he a materia tal que me não atrevy a mandar proceder nella por meu voto só, sem parecer de menistros. Do que rezultar desta deligencia se vos fará aviso: Impraticavel couza he fallar em confirmação de Bispados de motu proprio, despois de haver cinco annos que com tão justificado tittulo estou possuidor desta Coroa, assy se escreve ao Doutor Niculao Monteiro, a João de Mattos, e ao Rezidente da Companhia que lhe suceder, acrecentando, que emquanto Sua Sanctidade não melhorar a resolução nos tres Bispados que confirmou, se lhe não offereção papeis de nenhum dos outros, para que tenho nomeado pessoas. Escrita em Lisboa a 16 de Agosto de 1645.— *Rey*.

Para o Conde da Vedigueira [1].

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 666.— *Sobrescrito:* Por ElRey — A Dom Vasco Luis da Gama Conde da Vidigueira Almirante da India do seu Conselho, e seu Embaxador em França.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Agosto 18

Com a carta de Vossa merce de 23 do passado vy as duas que Vossa merce remetteo para Sua Magestade que lhe irão brevemente por que ha navios para Lisboa.

Em a de 21 lhe dá Vossa merce conta do que passou com o Cardeal Capponi, e deixadas as mais couzas me admirou muito a rezão de bõa esperança, que elle deu a Vossa merce de que hũas tregoas podião ser causa mais effectiva, e mais breve do despacho de tudo, e que poderião esperar se brevemente. Certo, que he cousa muito para sentir o ver a justiça em poder de Castella, e que os juizes queirão ser peores que as mesmas partes, de modo, que querem em Roma, que ElRei de Castella, que he a parte, e o enemigo dereito faça primeiro pas, ou tregoa com Portugal, e reconheça os embaixadores de Sua Magestade primeiro para o seguir Roma ao depois; indigna cousa he de Varões Apostolicos sojeitar a rezão á commodidade, e não sei, que mais possão fazer os parciais, e aliados da caza d'Austria pois esses receberão logo sem duvida aos embaixadores de Portugal, tanto que Castella tiver paz, ou tregoa com elle, e ainda oje confessa o Emperador por seus ministros, que não tem guerra com Portugal, e a Igreja que he may de todos tinha outras rezões mui differentes pellas quais só deve governar se Sua Santidade, e se está dezejando que aja tregoa não sei que rezão tem para a estar em Roma difficultando com não reconhecer a Sua Magestade e a seus ministros. O prover as igrejas e receber embaixador de Portugal, e mandar ao legado, que tem em Munster, que ouça aos nossos, e que faça com os contrarios todos os bons officios de hum mediator neutral e verdadeiro são os modos, e os meios efficazes de quem quer tregoa.

Muitos dias ha, que eu tinha por certo que aquelle homem fora o que descobrira a Sua Santidade e a seus ministros o consentimento que Sua Magestade dera antiguamente ao motu proprio, e assi a duvida em

que so fico he se serião so para elle as seis cartas que Monsenhor Espada vio de Sua Magestade tres de consentimento, e as tres em que mandava ordem contraria, porque não sei se colheria em aquelle tempo algũas de outras mãos, Vossa merce respondeo com a verdade que he sempre a que mais satisfaz.

Vi a carta de 20 do passado em que Vossa merce aviza a Sua Magestade doctissimamente todas as rezões por hũa e outra parte que se lhe offerecião sobre a provizão dos Bispados aver de ser á petição, ou á aprezentação de Sua Magestade, e ultimamente aviza Vossa merce seu parecer. Neste particular não tenho mais que dizer senão, que averá perto de dous meses, que praticando com Antonio Monis sobre esta materia fui inteiramente do mesmo parecer fazendo se hum juridico protesto de que isto não pudesse prejudicar do mesmo modo que Vossa merce agora aviza, porque se remedea tudo sem prejuizo, e vencida a mayor difficuldade virá a mais melhoria em consequencia com o que não tenho nisto que dizer mais.

E no cazo da ultima deligencia, que he só o em que este expediente se pode considerar, elle me parece menos perigoso, que o outro de que se avizou a Vossa merce sobre os nomeados por Castella.

As novas, que ha de Portugal, e as da victoria do Duque d'Anguien vão no papel incluzo. Lembre se Vossa merce de ter correspondencia com o embaixador de Saboya porque em toda a parte correm mui bem com os ministros de Sua Magestade, e do mesmo modo com o Rezidente da Rainha de Inglaterra, de que Vossa merce me não aviza, e crea Vossa merce que depois de Deos e da justiça da causa a mayor esperança que tenho desses negocios he a que me dão a prudencia, e grande juizo com que Vossa merce procede em tudo, e as orações com que acompanha suas deligencias. O Padre Assistente João de Mattos me avizou por carta de 24 do passado o grande prejuizo que na India Oriental fazia ao serviço de Sua Magestade e a sua real jurisdição hum indio que em Roma fizerão Bispo chamado de Mira, e outro que ao prezente mandão chamado Matheus sem ordem algũa, nem menção de Sua Magestade, com outros religiosos que a congregação de Propaganda quer inviar, e assi he muito necessario que confferindo se Vossa merce com o Padre João de Mattos acudão a isto como pede tão importante materia [1].

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 128.

Carta do Doutor Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico, a el-Rei

1645 — Agosto 19

Recebi a de que Vossa Magestade me fez merce de 22 de Junho em que Vossa Magestade me faz merce de significar me o sentimento que teve daquelle assalto, que me fizerão os castelhanos, honrando me muito, de maneira que podera eu procural o para alcançar por elle tanta honra, como a que Vossa Magestade me faz; postrado aos reays pes de Vossa Magestade rendo a Vossa Magestade por ella de todo o coração as devidas graças.

Manda me Vossa Magestade que me recolha ao Reyno, e fassa notificar as pessoas, que aqui comem rendas de beneficios que tambem se recolhão a elle, se Sua Santidade não tiver feyto mais demonstração sobre o meu sucesso, que aqui se deixa ver *(sic)* pello edito, que mandou publicar em 2 de Abril.

Despoiz daquelle edito mandou Sua Santidade publicar outros, em que declarou por bandidos os culpados, dando licença, e prometendo premios a quem trochesse a Roma a cabeça de qualquer delles: não quiz nunca dar audiencia ao Embaixador de Castella, por mais que Cardeays e o Princepe Loduvico cazado com sua sobrinha lhe fizerão sobre isso mil instancias. Não descançou athe haver carta dElRey de Castella, em que a sua instancia o mandou sahir de Roma, de que sahio em termo de oras amanhecendo sem se saber, senão despoiz de amanhecido fora della.

Pudera com estas demonstracções, que Sua Santidade fez de novo, despoiz de aquella, persuadir me a que concideradas ellas, será actenção de Vossa Magestade que eu fique, mayormente despoiz de haver entendido, pellas que tenho despoiz escrito a Vossa Magestade, que ja agora são chegadas, a esperança com que ficava de Sua Santidade de haver de melhorar a rezulução que publicou de querer prover as igrejas, mottu proprio; comtudo emcomendo muito o negocio a Deus, esperando que com a resposta de Vossa Magestade, em que me faça a merce declarar que

não consente naquella rezolução de Sua Santidade, fará Sua Santidade tais demonstrações, que eu me asegure naquella tenção de Vossa Magestade, afim de me deter o tempo que for necessario para a expedissão das bullas, como me deterey naquelle cazo se Vossa Magestade não for servido ordenarme o contrario, porque por mais arriscada que traga a vida, não deixarey de procurar como procuro o bom effeyto do que pertendo, o que não sey se fará outrem com tanto zello, com tanta pontualidade, e com tanta verdade.

Hoje comoniquey ao Cardeal Caponi o que Vossa Magestade me fez merce mandar dizer naquella carta, elle me respondeu que a demonstração que Sua Santidade tinha feyto naquelle cazo era a mayor que nunca se fizera em cazos semelhantes; alegando que em tempo de Clemente 8° houvera aqui hũa rebelião ordida pello Embaixador de Hespaña, que então era o Marquez de Villena, e que sendo que aquelle Papa se vira então muy afrontado, e apertado, sentindosse daquelle excesso o mais que podia imaginarce, o reprezentou a ElRey Catholico, fazendolhe apertadas instancias, para que mandasse sahir aquelle Embaixador de Roma, não pudera alcansallo, nem mostrar por esta via ao mundo a satisfação que Sua Santidade tinha mostrado, fazendo sahir o Embaixador de agora com effeyto; tambem lhe referi o que conthem o decreto de Vossa Magestade, e mostrouce sentido pedindo a Deus que desse a tudo o remedio que convinha.

O mesmo comoniquey a Monsenhor Espada pedindolhe o referisse a Sua Santidade, o que me disse faria, tomando por lembrança o dia das dattas da carta e decreto de Vossa Magestade, foy isto na antecamara do Papa, aonde tambem falley a Maraldo, e anbos dizem que ha de ser necessario novo memorial, e que este não pode prezentarce a Sua Santidade, sem primeiro lhe constar o como Vossa Magestade tem tomado a sua rezullução, mayormente tendo noticia que Vossa Magestade a tomara bem.

O tempo he de mutações em que he perigozo o sahir de Roma, pello que, ainda que em cazo que Sua Santidade não faça de novo as demonstrações que dezejo, não poderey sahir de aqui menos de Outubro em que as mutações se acabão. Espero que Vossa Magestade o haja asim por bem, por me fazer merce, porque eu temo mais os ares, que os castelhanos, e dezejo poupar a vida só por servir a Vossa Magestade, e asim não quizera arriscalla á força daquelles, não temendo (como não temo) a força

destes, porque se estes matirarem andando servindo actualmente a Vossa Magestade terey a morte por gloria. Muy alto e poderozo Senhor, etc. *(sic)* [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Agosto 25

Muito me alegrei de saber, que Vossa merce gozava bõa saude como entendi por esta carta, que recebi de 31 do passado. Vi tambem as que Vossa merce remettia a Sua Magestade e nellas a bõa assistencia de Fernando Brandam, e os bons conselhos, que dá em nossas couzas. As rezões que deu a Vossa merce são as mesmas com que ha muito tempo que me queria persuadir, tal he como isso, mas com lhe não responder a elles, me fui dando por desobrigado de seus conselhos. Sem duvida, que o intimar se congregação para os negocios de Portugal deu motivo a que os discursistas tivessem por certo, que era sobre o meu recebimento, e assi avizarão grandes descursos, sendo o negocio da Inquisição o de que só se tratava, como Vossa merce aviza. Sem embargo de tudo o Cardeal Bichy me disse anteontem, que Sua Santidade estava com grande inquietação, e perturbação por lhe assegurarem, que eu era ja partido desta corte, e que hia para Roma, e que fazia conta das guardas, que lhe serião necessarias para não aver encontro com os castelhanos; não sei donde procederia este rumor de que ja deve estar desenganado, e bem creo eu, que de sua boca não mandará claramente que vá embaixador mas pudera se esperar, que o receberá, se fora, mas ja estamos fora deste ponto, e só se saberá sua tenção depois que chegarem a Vossa merce as ordens de Sua Magestade, e então bastará, que Sua Santidade pella boca de Monsenhor Espada dé lugar á ida de embaixador, nem lhe faltarão modos, se elle quizer.

O que Vossa merce aviza do Cardeal Pancirola ha muitos tempos

[1] *Copia, na* Biblioth. d'Ajuda, *Mss.* Thesouro Encoberto, tomo 1, fol. 71 v.

que o tenho por fino castelhano, e cuido, que na mesma opinião está em França, e he de considerar se será conveniente, que na primeira occazião em que Vossa merce tiver audiencia de Sua Santidade lhe dé a entender isto, com os fundamentos que lhe parecer, para que Sua Santidade dé outro juiz em lugar delle, que não he rezão, que o seja das couzas de Sua Magestade hum ministro que lhe he sospeito, e quando o não tire da congregação ficará pello menos infformado para que a paixão deste Cardeal não obre tanto, pois he certo, que talvez fazem mayor dano os enemigos encubertos, e tollerados, que os descubertos, e conhecidos, isto que digo he para que Vossa merce o considere, vistas as circunstancias, que achar, porque minha tenção he só de advirtir em duvida o que se me offerece para que Vossa merce com o estado das couzas o rezolva.

De Lisboa tive cartas de 2 do passado, mas não de Sua Magestade, e nas outras, que receby se não falla na notificação dos banqueiros, antes se aviza, que cessou, e não ha outra algũa novidade.

Ja Sua Magestade terá agora inteira noticia assi do assacinio dos castelhanos, como do motu proprio, porque alem de outras cartas, que ja avião chegado, chegou tambem a Portugal hum criado, que eu de quá mandei, e levava cartas, e avizos de tudo, e assi com as primeiras creo, que virão as ordens todas de Sua Magestade.

Frey Antonio de Magalhães aviza, que cedo partiria dessa curia, e que avia de vir por esta Corte, bem sei, que não virá muito contente; prouvera a Deos que não ficara lá nenhum frade de Portugal.

As armas de França vão mui florentes, com a victoria, que o Duque d'Anguien alcançou dos bavarezes, que inda que os castelhanos a queirão escurecer, he mui clara, e os progressos a mostrarão. Do nosso Reino não avia novidade consideravel, queira Deos que nos venhão algũas bõas novas de nossas armas. Deos guarde etc. *(sic)*.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 130.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Setembro 1

Dou principio a esta com manifestar o grande gosto, que tive com a bõa nova, que o Dezembargador Christovão Soares de Abreu me avizou por carta sua de que estava nomeado por Sua Magestade para Bispo de Portalegre Vossa Senhoria, e não pudera aver couza, que mayor alegria me desse. Bem se ve quanto reconhece Sua Magestade o que se deve a Vossa Senhoria para mor confusão dos castelhanos, e gloria do serviço de Deos. No que toca ao Padre frey Martinho dos Anjos, queira Deos fazelo hum santo, e hum sezudo portuguez como Vossa Senhoria me aviza, e como elle tem rezão de ser.

Acerca da vinda do Generalissimo da ordem de S. Francisco que vem por França, e do que delle disse o Cardeal Barberino, sei que não tem ordem nem passaporte para estar hum so dia nesta corte, antes prohibição de parar nella, e assi passará de fora sem effeito algum de sua eloquencia, e França não quer que se lhe trate de pazes, ou treguas senão em Munster.

A saida do Conde de Ciurela *(sic)* foi logo manifesta por muitas vias, e logo com discursos do movimento que cauzaria em Sua Santidade para satisfazer, ou para dilatar a justiça de Sua Magestade, ella sempre he a mesma, e queira Deos que Sua Santidade queira reconhecella com effeito, e as novas certas disso so as espero de Vossa Senhoria. A Pedro Mendes de São Payo remetto hũa memoria das novas, que vierão de Portugal para que as commonique a Vossa Senhoria. O que aqui ha de novo, he ter ja o Duque de Orleans rendido a praça de Bethune em Flandes, que ja estava capitulando. A carta de Vossa Senhoria remetto a Sua Magestade. Deos guarde a Vossa Senhoria etc. *(sic)* [1].

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 132.

Carta de Antonio Moniz de Carvalho, Secretario da Embaixada em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Setembro 15

Ha dous correos, que me alegrei com Vossa Senhoria da bõa nova que me avia chegado de estar Vossa Senhoria elleito Bispo de Portalegre; com a confirmação della de que Vossa Senhoria me fas merce avizar me, fico de novo contentissimo, e Deos me he testemunha, e no mundo o Senhor Conde Almirante, de quanto venero, e amo muito interiormente a Vossa Senhoria, e do respeito com que falo em tudo o que Vossa Senhoria entende, e aviza. Deos dé a Vossa Senhoria muito largos annos de vida, para lograr esta, e outras mayores dignidades.

O Senhor Conde Almirante fes hũas jornadas breves para ir ver a fortaleza do Havre de Grace, e será aqui amanhã. De lá me mandou esse maço de Sua Magestade para que se não perdesse o correo de oje, e o remettesse a Vossa Senhoria. Permitta Deos que ache Vossa Senhoria nas ordens delle tal encaminhamento para os negocios, que tenhão o successo, que desejamos. Para o correo que vem poderá o Senhor Conde Almirante responder ás cartas de Vossa Senhoria, que eu inda que já as vy, não me attrevo a fazer lhes reposta sem ir abaixo o nome de Sua Excellencia, o que só digo he, que não cesso de admiral as, e abraçar me com as rezões dellas.

Acerca de Ferdinando Brandão não tenho que dizer a Vossa Senhoria, senão, que sou tão mao homem, que tanto que se avizou do motu proprio de Sua Santidade, disse ao Senhor Conde Almirante, que era negoceação sua, e que a fizera mostrando as cartas de Sua Magestade, e agora se está mostrando com evidencia, e o que pior he, que hum relligioso muito seu amigo em Portugal deu hum papel com as rezões, que avia para que se aceitasse o motu proprio, indo de accordo nas deligencias com seu amigo. Deos seja louvado, e perdoe ao Padre João de Mattos o aver mettido a hum homem tão terribel nos negocios de Sua Magestade, e escrever delle tantos milagres, e cuido, que se agora ficasse com os negocios

metteria outro. Deos o faça santo, que eu tenho visto sempre nelle hũa notavel variedade, e hũas verduras, que não são proprias em a madureza de seus annos, e creo, que tudo procederá de sua muita bondade, mas Deos sabe, que disse muitas vezes o que entendia sobre ser mui acertado de aver elle *(?)* saido de Roma, e entendy bem quanto de lá dezejavão muitos fora a Vossa Senhoria. Ja cessou de todo aquelle respigar de Brandão, de que algum dia falei a Vossa Senhoria, e assi me retenho oje tanto com elle que inda isto que digo he porque falo com Vossa Senhoria de quem estimarei sempre muito receber, e seguir os conselhos.

Muito estimei o despacho do cocheiro de Vossa Senhoria, e não vi merce mais bem empregada, nem mais discretamente concedida para sua qualidade e para o que tem merecido. Vindo o Senhor Conde Almirante farei tambem meus officios pello que Vossa Senhoria encomenda do Licenceado Pedro Mendes de S. Payo, e o Senhor Conde Almirante responderá, e affirmo a Vossa Senhoria que he elle tão prudente, e tão zeloso do serviço de Sua Magestade, e me fas tanta merce, que não ha oje para mim maior lugar, que estar ás suas ordens. Deos guarde a Vossa Senhoria etc. *(sic)*.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Setembro 20

Senhor — Recebi dous maços de despachos de Vossa Magestade hum delles com algũas cartas de Junho, e Julho, que foi o que me chegou mais tarde, e outro com cartas de Agosto, e com este ultimo vinhão outros maços de despachos que Vossa Magestade mandava pera os ministros de Roma, Munster Olanda Inglaterra, e Suecia aos quais forão logo remettidos.

. . . . . .[2]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 139 v.

[2] *Assumpto extranho.*

Entreguei á Rainha Christianissima a carta que Vossa Magestade lhe envia com o agradecimento do que em Roma obrou seu embaixador na occazião do cazo do Doutor Niculao Monteiro.....[1]

Em carta de 20 de Junho me ordena Vossa Magestade, que sem embargo de outra que tive de 25 d'Abril, não passe a Roma sem que Sua Santidade declare expressamente que me receberá, e sem que tenha certeza disto, e fico advertido desta ordem ultima pera obedecer a Vossa Magestade.

.....[2]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Setembro 22

Avendo chegado a esta corte depois de hũa breve absencia, que della fiz me achei com duas cartas de Vossa Senhoria.

Em a primeira de 21 de Agosto me aviza Vossa Senhoria da merce que Sua Magestade lhe avia feito em o nomear Bispo de Portallegre, esta mesma bõa nova me avia qua chegado por outra via, e assi della me alegrei com Vossa Senhoria ja ha alguns correos, e verdadeiramente que me foi de grandissimo gosto, praza a Deos, que todos os Bispados, e logares do nosso Reino se empreguem tam bem como este, e dé a Vossa Senhoria mui larga vida para o lograr.

No correo passado forão remettidos a Vossa Senhoria os despachos de Sua Magestade que aqui chegarão para os encaminhar, e inda que tive algũas cartas de Sua Magestade em a mesma occazião, não me veo avizo em algũa dellas do que se ordenava a Vossa Senhoria, nem se são repostas do motu proprio, queira Deos, que vão, e obrem como Vossa Senhoria

[1] *Assumpto extranho.*

[2] *Idem.—Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 143 v.

deseja, e o que Vossa Senhoria avizava a Sua Magestade em a sua carta de 19 de Agosto em reposta do que Sua Magestade avia mandado era muito conforme ao que convinha. Ha muitos dias, que tenho feito do Padre João de Mattos, e de suas *(sic)* o mesmo juizo, e conceito, que Vossa Senhoria me aviza, e affirmo a Vossa Senhoria com toda a verdade que do Coalheiro não tenho escritto hũa só palavra a Sua Magestade.

Depois de aver recebido cartas de Agosto, me chegarão duas vias mais antigas de hũa ordem de Sua Magestade de 20 de Junho, em que me manda, o que Vossa Senhoria verá pella copia d ella, que vai inclusa, os fundamentos lá os saberião muito melhor, mas duvido muito de que se alcance tam distincta clareza, inda que se se vencerem as bullas como Vossa Senhoria pede, e he de justiça ficará o demais de consequencia, e no cazo em que se vença este negocio peço a Vossa Senhoria que as bullas por onde começar sejão as do Arcebispado de Lisboa que sejão as primeiras que se tirem para o Bispo Conde Arcebispo elleito em que me confesso muito empenhado.

Festejei saber, que Vossa Senhoria avia dado fim ao negocio do Santo officio, que emfim he hum negocio menos para estar mais livre nos principais.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Setembro 26

Recebi a carta de Vossa Senhoria de 4 do prezente, com as inclusas, que vinhão pera Sua Magestade e pera o Inquizidor geral e Antonio de Mendonça, que serão remettidas esta semana, e estimei muito ver, que estava Vossa Senhoria ja livre do negocio do Santo officio avendo lhe alcançado a expedição, que se dezejava, e assi virá a ordenar se convenien-

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 145 v.

temente o da Cruzada, pois Vossa Senhoria trata de todos com tanta discrição, e prudencia, sinto só o avizar me Vossa Senhoria que ficava com dores de cabeça, permitta Deos que não fosse mais, que a cauza que Vossa Senhoria teve da escritura.

Já Vossa Senhoria tera recebido o maço de Sua Magestade que de aqui se lhe remetteo, e as novas, que avia, donde ao depois não ouve outras, e supposto que de Ruam se aviza que ja erão chegadas a Lisboa as naus da India, não vejo ate o prezente por onde se confirme esta bôa nova, se bem por outras circunstancias, que ouve pode esperar se, que seja certa.

A deligencia, que se fazia por parte de frei Antonio das Chag o Escoto, *(sic)* tem os inconvenientes, e deffeitos, que Vossa Senhoria conheceo bem, nem funda, nem ajusta bem as suas pretenções, e com muita rezão, e prudencia acudio Vossa Senhoria a hum excesso tam grande, e sem embargo do que João Baptista prometteo de deixar de falar na materia foi mui acertada a deligencia, que Vossa Senhoria fes com o secretario do Cardeal Barberino, e será conveniente continuar se, por que pera tudo ha em Roma traças, e ao depois custão muito de desfazer. Deos guarde a Vossa Senhoria etc. *(sic)*.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Outubro 6

Por muitas vias sei, que tem chegado a Sua Magestade as cartas em que Vossa Senhoria avizava da novidade do motu proprio com que Sua Santidade saira, e assi teria Vossa Senhoria o avizo de que me trata nesta sua de 11 do passado, e mayor será a afflição de Vossa Senhoria

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 147.

se nos despachos de Sua Magestade que ao depois se remetterão lhe não veo algũa resolução se bem inda a duvido, porque me avizarão em cartas de aquelle tempo, que se hião continuando as juntas a que forão remettidos os negocios dessa curia, e que ainda se não avia tomado assento sobre elles, e como são *(?)* todos tão considerados quererá Deos por lhes sua virtude.

Vy as cartas, que Vossa Senhoria remetteo pera Sua Magestade e a copia do papel que Vossa Senhoria tem feito pera offerecer a Sua Santidade em tendo ordem de Sua Magestade, e affirmo a Vossa Senhoria que está tão douto, e tam bem acabado, que me encheo de bõas esperanças, e de gosto, não ha nelle couza, que não esteja mui propria pera o intento, e mui persuazoria pera a justiça, e como a bõa disposição e a verdade delle vão acompanhadas de tantas orações de Vossa Senhoria espero de tudo hum bom successo.

Estimei muito a satisfação com que Vossa Senhoria ficou do embaixador de Saboya, e sei que terá a mesma do Rezidente de Inglaterra, e creo que ambos não faltarão em a bõa correspondencia, que de hũa, e outra parte tem mostrado sempre com os ministros de Sua Magestade.

Acerca das queixas de Fernando Brandão respondo a Vossa Senhoria em papel apartado, e festejo, que ja elle cante com melhores agouros. As do Padre assistente João de Mattos são de outra natureza, e não sei eu se tinha elle bastante rezão pera inquietarse tanto, e creo, que a mim me não faltava muita pera avizalo, que comunicasse com Vossa Senhoria aquelles negocios pois estava Vossa Senhoria nessa Curia, e em seu zelo, e prudencia muito a satisfação de Sua Magestade acharia toda a bõa comonicação, e companhia.

Remetto a Sua Magestade hũa copia da carta, que me escreveo o Padre frei Manuel Pacheco pera que Sua Magestade avize de lá o que lhe parecer mais conveniente, e no entretanto cuido que importaria ilo detendo, e impedindo o mais que pudesse, que não fosse algum estrangeiro elleito pera Bispo de aquellas partes de que me aviza, e vindo reposta de Sua Magestade então se tratará a materia, e sempre será bom com o conhecimento que me fica em todo o segredo, porque Sua Magestade tirará as infformações, que convem.

Ao primeiro deste tive audiencia do Cardeal Mazarini, em que elle me disse que de Roma se avizava, que Portugal tratava de se apartar da comonicação dessa curia, e que Sua Santidade estava com algum temor,

e eu lhe disse tudo o que avia como Sua Magestade pello seu parecer mandara a Vossa Senhoria ordens pera se sair d essa curia, mas que as mutanças o impedirão, e que assi ficara ate ver o que avia de novo.[1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Outubro 13

Recebi a carta de Vossa Senhoria de 8 de Setembro e com ella grande gosto de saber, que Vossa Senhoria tinha bõa saude. A que vinha para Sua Magestade lhe será logo remettida com a copia d aquella reposta de Dom Vicente Nogueira que me pareceo em tudo mui igual a bõa opinião, que eu tenho de sua fidelidade, zelo, e prudencia, para o serviço de Sua Magestade e bem do Reino, em que naceo. As rezões contrarias da letra B. tambem se parecem muito com seu autor, mas permitio Deos, que o bem, e rebem fosse logo desmentido neste correo, em que remetto a Vossa Senhoria as ordens de Sua Magestade de que não aceita o motu proprio, segundo me aviza, e com isso tem Vossa Senhoria a resolução d este ponto, para poder ver o que podemos esperar nelle, e Vossa Senhoria lhe ajuntará, e disporá as circunstancias d esta reposta de Sua Magestade com tanta authoridade, e prudencia, que a reprezente humilde, e armada, e queira Deos dar graça a Sua Santidade para se resolver no que convem ao serviço de Deos e á justiça de Sua Magestade, e com esta occazião averá lugar de mostrar quam falsos forão os fundamentos do B. e qual he seu animo, e como tratou sempre de embrulhar hum negocio de tanto pezo com arbitrios, e novas contra a verdade, e com cuidado fico esperando o que se responde a Vossa Senhoria supposta a nova ordem, que lhe vai.

. . . . . .[2]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 150.

[2] *Assumpto extranho.*

Sobre as couzas do secretario de Fernando Brandão não tenho que dizer a Vossa Senhoria senão que o aver mandado a Vossa Senhoria o capitulo que elle me escreveo não foi para que Vossa Senhoria pudesse mudar o modo de negocear, mas só para que visse o seu animo, e dobrasse ainda mais as cautelas, como Vossa Senhoria fas, avendo sse em tudo tão acertadamente, como costuma.

Tive noticia certa de que hum João Baptista Lopes tratava com todo o fervor dos negocios do Escoto, avendo despendido ja em peita delles 50$ rs. e que pedia creditos, e tinha interessado para o effeito o Conde Ripa *(?)* e buscado grande valia para empenhar nisso ao embaixador de Saboya, o qual ja avia feito instancia ao Cardeal Barberino para tirar frei Diogo de Montroy, e se deu ao dito Cardeal hum arrezoado in jure pella face... do Escoto *(?)*, achando, que mais secretamente poderião negocear com o mesmo Cardeal este negocio, que com a Congregação toda, e assi se a Vossa Senhoria lhe parecer creo, que convirá muito á tenção de Sua Magestade e ao repouzo de aquella Relligião falar Vossa Senhoria nisto ao Cardeal Barberino, sem o fiar só do seu secretario por que podem empenhalo, e se Vossa Senhoria visse ao embaixador de Saboia podia advertilo da má informação, que lhe dão[1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Outubro 18

Senhor.....[2]

Todos os maços de despachos e cartas de Vossa Magestade, que chegarão, remetti aos ministros para quem vinhão, e com particular gosto esta ultima, que Vossa Magestade manda ao Bispo elleito de Portallegre pella

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 154 v.

[2] *Assumpto extranho.*

muita ansia com que a esperava para saber a resoluçam de Vossa Magestade sobre o motu proprio de Sua Santidade, e por ver quam justamente a avia Vossa Magestade tomado de não aceitar aquella provizão, que era tanto contra o direito desse Reino, e a Real authoridade de Vossa Magestade, e trazia consigo outras consequencias de grande prejuizo nos negocios.

. . . . . [1]

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Outubro 20

Ja Vossa Senhoria terá recebido aquella dezejada reposta de Sua Magestade com carta sua que remetty no correo passado, e se aliviarião as esperanças em que Vossa Senhoria hia sustentando seu sofrimento como Vossa Senhoria me aviza em a sua, que recebi de 21 do passado. Ja se desenganarião todos os que dizião, que Sua Magestade avia aceitado a provizam do motu proprio, ja Vossa Senhoria pode continuar, e concluir suas instancias, queira Deos que Sua Santidade as reconheça, e satisfaça como he de justiça, e com muito cuidado fico esperando o successo.

O nosso Reino está florentissimo com a chegada das naos da India, que vieram riquissimas a Lisboa e se espera hum galeão brevemente, e de outras partes tem concorrido muitos navios, Deos vay abendiçoando a Sua Magestade em tudo, e assi não deve tardar mais tempo Sua Santidade em lançar lhe tambem sua benção.

O Cardeal Bichy se veo ontem despedir de mim, que se hia recolher ao seu Bispado, e sabendo a resolução de Sua Magestade em como não aceitara o motu proprio a louvou muito por ser justissima, e se ale-

[1] *Assumpto extranho.— Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 158 v.

grou por aver elle affirmado em Roma, que Sua Magestade não avia de aceitar tal provizão.

Todas as cartas de Vossa Senhoria remetty ja a Sua Magestade, e forão por pessoa segura.

De novo se não offerece ao prezente mais. Deos guarde a Vossa Senhoria etc. *(sic)* [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a el-Rei

1645 — Outubro 31

Senhor — Com carta de 18 de Outubro remetti a Vossa Magestade a copia de hũa do Padre frei Manuel Pacheco relligioso da ordem de Santo Augustinho, e com ella duas memorias do que o Consul Villa Real por sua via tratou nesta Corte com o Bispo de Babilonia, e considerando ao depois mais na importancia deste negocio para que se chegasse ao fundo delle, e se fallasse com assento em seus particulares ordenei ao Doutor Antonio Monis de Carvalho, que fosse a verse com o dito Bispo, e soubesse o que nisto poderia concluirse. Foy, e deixados muitos discursos, que tiverão de parte a parte acerca da fundação do Bispado, e das delligencias, que a Congregação de propaganda fazia com o Bispo para que tornasse a rezidir em Haspan da Percia, ou o renunciasse, ou nomeasse pessoa, que lá assistisse por seu coadjutor, ou suffraganeo, e da clausula, que tinha de que fosse frances o nomeado, e de como nenhuns obravão lá mais em o serviço de Deos que os portuguezes, nem com mais commodade *(sic)*, alem das muitas que Vossa Magestade teria em estar lá hum Bispo, que fosse vassallo seu para toda a correspondencia da Percia, vierão a tratar nos meyos, que averia para isso, e mostrou o Bispo ser seu designio, e intento, que Vossa Magestade lhe comprasse a fundação, que elle fes de mil escudos cada anno, que comprou em Roma para

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 159 v.

a sustentação do Bispo frances, que lá estivesse, o que tudo lhe avia custado 20$ cruzados, e que se lhe avião de pagar os bens, que lá deixara separados que valerião 15$ cruzados, de modo, que por tudo virião a ser 35$ cruzados, que então faria hũa transacção, ou escritura em que trespassasse em o poder de Vossa Magestade o direito de aquella fundação, e se tirasse a clausula da nomeação de francez pella mesma pessoa, que a puzera, e que se faria com esta Coroa, que não se oppuzesse a isso, e Vossa Magestade ficando com o direito de nomear este Bispado tiraria á Congregação de propaganda o provimento que de antes tinha, e elle empregaria aquelle dinheiro em fazer hum siminario, e dar lhe renda, como intentava, sem tratar de alguns francezes, que se lhe offerecião para serem nomeados, deixando lhe a maior parte dos mil cruzados por anno que estão postos em Roma.

Antonio Monis de Carvalho lhe reprezentou as difficuldades, que avia, e a dilação, que avia para isto se concluir, e finalmente o estado prezente que obrigava a Vossa Magestade a tam grandes despezas na guerra com Castella, e na conservação de suas conquistas, com o que tudo não terião agora tanto lugar alvitres, que erão de grande despeza, e não de muita necessidade, e que se elle queria pello que entendia do serviço de Deos e ainda de sua conveniencia nomear hum portuguez se accomodasse aos termos, que erão possiveis, e que estes se reduzião a duas formas, hũa de accodir ao aperto em que estava de ir, ou mandar pessoa, remedeando esta necessidade com nomear hum portuguez por coadjutor, ou suffraganeo, como elle dizia, e para esse effeito podia pedir a Vossa Magestade que lhe mandasse recompensar com hũa pensão o dinheiro que se lhe tirasse dos mil cruzados, que tem em Roma em o que delles se desse ao suffraganeo, e ficando isto por agora acomodado ao depois trataria do demais. A esta proposta respondeo, que o ponto estava em metter lá hum portuguez contra a clausula de aver de ser o Bispo francez, e que tanto que entrasse hum vassallo de Vossa Magestade em aquelle Bispado se ficavão tomando muitas raizes. Ao que se lhe replicou, que isso fora, quando elle de todo o renunciara, e não fora entrando só com o nome de suffraganeo.

A segunda forma era, que não avendo necessidade para dar se tanto dinheiro, nem estando Vossa Magestade em tempo para fazer despezas extraordinarias em tempo em que as podia escuzar so podia tratar da venda da fundação, e da transacção della, pedindo a Vossa Magestade que lhe

mandasse dar cada anno durante sua vida hũa tal pensão, que lhe recompensasse a que perdia em Roma do Bispado. Respondeo com muitas difficuldades, e com proposições, que não tinhão lugar como de se lhe aver por isso em França hum Bispado, ou hũa Abbadia, ou se lhe dar em Portugal, e em fim desenganado disto, disse que cuidaria no que d'antes se lhe avia se lhe avia *(sic)* proposto, e daria a reposta.

No dia seguinte veo a dala a Antonio Monis de Carvalho e a ter occazião de falarme depois de declarar o que se lhe avia offerecido, que sobre grandes encarecimentos do zelo com que desejava servir a Vossa Magestade e das bõas obras, que na Percia recebera dos portuguezes, queria antes faltar ao amor de sua naçam, e nomear hum vassallo de Vossa Magestade que fosse lá ser seu suffraganeo com tanto que Vossa Magestade lhe fizesse merce de lhe mandar recompensar, e reparar com hũa pensão a parte dos mil cruzados, que em Roma se lhe tirasse pella congregação de propaganda para a pessoa, que elle nomeasse, e fosse assistir em seu lugar, e com isto veo a falarme e lhe dei as graças do bom animo, que mostrava, dizendolhe como Portugal estava ja em posse de nomear hum bispo na Persia, e tivera lá hum, que se intitulava de Sirene, o que elle confessou nomeandoo ainda por seu nome, e assi concluy com dizerlhe, que de tudo avizaria a Vossa Magestade, e a isso me disse, que o nuncio o apertava para a nomeação de hum francez, que lhe propuzera, e que logo de minha caza hia ter com elle, e dizerlhe, que queria infformarse para com isso metter tempo em meyo ate que Vossa Magestade respondesse, e dissesse a pessoa, que queria que elle nomeasse, e me disse que era muito para isso o padre frei Manuel Pacheco pella pratica que tinha da terra, e me falou tambem com grandes louvores em hum frei Joseph do Rozario, portuguez relligioso de Santo Agostinho, que está na Percia no convento de Haspan, e que era bom portuguez. Não sei o que a congregação tirará dos mil cruzados deste Bispo para a pessoa que elle nomear, mas segundo a infformação, que tenho cuido, que serão quinhentos cruzados. Quando Vossa Magestade se sirva desta occazião será necessario que venha a reposta com toda a brevidade possivel, assi para se lhe segurar o darselhe recompensa com hũa pensão do que lhe tirarem em Roma, como para se lhe declarar a pessoa, que Vossa Magestade for servido, que elle nomee.

Tambem tratou de que cederia todo o direito da fundação do Bispado, mas que não seria com menos de hũa pensão de 3$ cruzados por

anno, e assi só na primeira forma por agora se pode achar bõa conta para o serviço de Vossa Magestade. A muita alta, e muito poderosa pessoa de Vossa Magestade guarde Deos etc. *(sic)* [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, à Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Novembro 8

Depois que me chegarão as ultimas ordens de Sua Magestade, que remetti a Vossa Senhoria, entendi logo, que as primeiras que enviou Antonio Monis de Carvalho em 15 de Setembro não continhão resolução algũa sobre a provisão do motu proprio como Vossa Senhoria me avisa nesta sua de 9 do passado, mas ja oje considero a Vossa Senhoria mettido entre as ansias de sua negoceação, avendo declarado abertamente como Sua Magestade não aceitava aquella provizão, e sinty não vir com a declaração advertido o modo com que Vossa Senhoria se avia de aver quando Sua Santidade não differisse logo como esperamos, mas nesse cazo teria ja avizado a Vossa Senhoria, alem de que he tal a prudencia e zelo com que Vossa Senhoria faz tudo que bastava declarar Sua Magestade sua vontade, deixando as mais delligencias a quem as faz sempre com tanto acerto. Sobre os outros pontos me avizou Sua Magestade que se ficavão ainda consultando, e o tempo que se gastou em vir reposta deste mostra quam maduramente se considerão em Portugal, ainda as cousas, que não tem duvidas grandes para que ao depois se não esperasse nisso mudança.

He mui conveniente a delligencia, que Vossa Senhoria fas acerca dos peregrinos, que vem de Portugal para essa Curia sem passaportes, e reconheço bem quam prejudiciais sejão ao bem, e quietação do Reino, e tenho muitas vezes escrito a Sua Magestade, e Vossa Senhoria com o que

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 166 v.

lhe constar delles poderá fazer os mesmos avizos, ainda com mais rezão, e fundamento.

. . . . . .[1]

Não ha ao prezente outras novas, queira Deos que nos venhão mui bõas de Portugal, e que Vossa Senhoria as mande dessa Curia como deseja. Deos guarde etc. *(sic)*[2].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Novembro 7

Receby duas cartas de Vossa Senhoria com as que vinhão para Sua Magestade que lhe remetti, e erão todas de 16 do passado, e estimei muito entender dellas, que Vossa Senhoria tinha bõa saude. Como estas de Vossa Senhoria erão repostas de algũas couzas, que eu tinha escritto, ficame só responder sobre a ordem que Sua Magestade me mandou para que não fosse a Roma sem a ter expressa de Sua Santidade, em que Vossa Senhoria he de parecer, que seria acertado ir eu ainda no tempo de antes da melhora do provimento, mas supposto, que eu sou, e fui sempre do mesmo parecer, como mais propriamente está a conta de Vossa Senhoria como quem está presente nessa Curia o avizar a Sua Magestade de tudo o que entender, que pode ser conveniente a seu Real serviço, deixo de avizalo dessas materias, e vou continuando esta embaixada, e bem tenho para mim por mui certo o que Vossa Senhoria diz de que só a prezença obrigaria a Sua Santidade, e que sem esse aperto não ha de pedir logo embaixador salvo se Deos tem reservado para Vossa Senhoria todo o bom successo destes negocios, que estão em sua divina mão, tam cuidadosamente sollicitados por Vossa Senhoria.

Nesta Corte se divulgou logo a nova de como a Caza Barberina se

[1] *Assumpto extranho.*

[2] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 168 v.

avia ja declarado por esta Coroa com as armas de Franca, que se avião levantado em as portas de seus palacios, quererá Deos que siguão o mesmo outros Cardeais, e que França se veja em Roma mais poderoza, e que todos estes successos redundem em favor de nossa justiça, para se fazer a Sua Magestade aquella, que se espera, e se deve. Com esta occazião me pareceo escrever ao Cardeal Francisco Barberino, e a seu irmão Dom Thadeo as cartas, que remetto a Pedro Mendes de S. Payo para que lh as entregue, e he mui acertada a resolução, que Vossa Senhoria tinha de os ir vizitar, e creo, que ja oje hão de tratar muito de Portugal.

Todos estes dias anda o Cardeal Mazarini, e os mais ministros d esta Coroa mui occupados com estes embaixadores de Polonia, que se irão brevemente, e tratarei logo de procurar, se he possivel, que el Rey Christianissimo mande recomendar de novo aos seus Cardeais os negocios de que Vossa Senhoria vai tratando, e avizarei do que alcançar[1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Novembro 17

Com esta de Vossa Senhoria de 23 do passado recebi as que vinhão para Sua Magestade, que lhe remetti logo, alegrando me muito da cortezia, e bom animo com que receberão as vizitas de Vossa Senhoria o Cardeal Francisco Barberino, e seu irmão Dom Thadeo, e creo, que serão ja agora bons apaixonados de Portugal. Tambem me não pareceo mal o que disse a Vossa Senhoria Monsenhor Espada acerca do recebimento de Embaixador, dizendo que esperava em Deos que chegassem as couzas a bom fim.

Acerca do que elle preguntou de Pernambuco, não ha duvida, que os portuguezes de aquella praça, e todos seus districtos se accomularão

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 172 v.

todos contra os olandezes, aos quais tem mettidos no Arrecife, que he a fortaleza, e os apertavão para os renderem, sendo senhores da terra, e da campanha, mas tudo isto sem ordem, nem sciencia de Sua Magestade com grande sentimento seu, e a razão, que publicarão foi fundada em a ruina, que padecião da religião catholica, e de seus bens, com avizos de que os olandezes os querião despojar, e matar a todos, não sei o fim que isso terá.

De Lisboa me avizarão, que no conselho se resolvera, que se pedisse commissario geral, e que forão nomeados por Sua Magestade para isso frei João de S. Bernardino, que foi ja muitas vezes provincial, e relligioso doctissimo, e de vida mui santa, e frei Diogo do Salvador, e frei Antonio de Guimarais, e outro, e assi pois não pudemos chegar a esse lugar frei Francisco de Souza, peço a Vossa Senhoria com todo o encarecimento de seu servidor, que se sirva de pór todo seu esforço, e intercessão, em que seja o Padre Mestre frei João de S. Bernardino feito comissario geral pois he hum dos que me avizão, que Sua Magestade nomeou, e basta isso para ficar justificada a delligencia de Vossa Senhoria deixando me com isso obrigadissimo, e não podendo ser este sogeito, que seja o Padre frei Antonio de Guimarais, será grande remedio por ser pessoa tambem de muitas letras, e virtudes.

Com esta remetto a Vossa Senhoria dous grandes maços de Sua Magestade em que devem ir todos os despachos, que Vossa Senhoria esperava em reposta das suas cartas do Reino, e alem disso remetto ao Licenciado Pedro Mendes de S. Payo hũa memoria de todas as que me vierão para que a comunique a Vossa Senhoria.

De Lisboa me forão remettidos esses papeis da madre Prioreza do Sacramento para que eu vallesse aquellas pobres relligiosas com o favor de Vossa Senhoria. No que toca á pensão que tem no Arcebispado de Braga, e como he obra de tanta piedade, e justiça, e tão meritoria, não me canso em a encomendar muito a Vossa Senhoria por que sei sua bondade, e zelo, mas em toda a delligencia, que Vossa Senhoria fizer tanto que ouver lugar a effeito de se lhes expedirem as bullas que pedem receberei grande merce *(sic)*.

Pello que aqui se alcançou de hum ministro se entende que de França não darão oje cartas algũas para requerimentos com Sua Santidade nem ainda nas couzas de Portugal, por que querem ver o caminho que Sua Santidade toma nellas, e nas mais que com tantas instancias lhe tem pedido,

mas Vossa Senhoria se poderá valer de todos os Cardeais amigos desta Coroa, pois lhes he notorio o empenho que ella tem feito por Portugal. Eu fico esperando o successo, que Vossa Senhoria teve pela resolução que Sua Magestade tomou sobre o motu proprio. Deos guarde a Vossa Senhoria etc. *(sic)* [1].

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645—Novembro 23 [2]

Recebi a carta de Vossa Senhoria de 30 do passado, em que Vossa Senhoria me respondia acerca do Padre João de Mattos e de Fernando Brandão, e me dis Vossa Senhoria aver lá algũa noticia de que o Vice colleitor escrevera a Palacio não aver Sua Magestade aceitado o motu proprio, e neste particular não tenho ja que alargar me, pois Vossa Senhoria terá recebido a ordem de Sua Magestade com negativa expressa de aquella forma de provisão, e no correo passado remetti a Vossa Senhoria dous maços de despachos de Sua Magestade em que irião os mais negocios respondidos, de que espero que Vossa Senhoria me avize.

Pouco perde o Reino de Portugal nos erros do Padre frei Martinho, elle, que os faz os pagará, nem poderia ter mayor pena, que a má escolha, que fez da companhia dos castelhanos. A hum tal Dom Carlos de que Vossa Senhoria me aviza, não tenho visto, nem se me aprezentou nesta Corte, quando o faça fico com a advertencia, que convem.

A 16 deste ajuntou elRey Christianissimo com a Rainha regente todo o seu conselho, e mandou chamar a elle o Nuncio de Sua Santidade que está nesta corte, e sendo chegado mandou elRey Christianissimo ao Cancellario do Reyno, que lhe propuzesse o que avia, e segundo hũa bõa noticia, que tive constou a pratica de quatro queixas principais que tinhão de Sua Santidade. Hera hũa o negar o capello de Cardeal ao Padre Ma-

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 177 v.

[2] *Escripto em seguida:* extraordinario.

zarini sendo lhe pedido por esta Coroa. A outra não aver satisfeito a notoria justiça de Portugal assi em não aver reconhecido a Sua Magestade, como em se fazer á sua vista hum assacinio tão execravel como o que se fes a Vossa Senhoria, e ultimamente sair com a provizão de motu proprio contra a justiça de Sua Magestade por não ser em a forma devida, sendo hum aliado de França com tão publico, e justo empenho d ella. A outra de que avendo esta Coroa dado sua protecção á caza Barberina, Sua Santidade a perseguio mais procedendo contra o Cardeal Antonio Barberino. A ultima, que Sua Santidade enviara hum breve ao Abbade de la Riviera privado do Duque d'Orleans em que lhe mostrava offerecer hum capello de Cardeal, se elle apartasse ao Duque d'Orleans dos interesses d esta Coroa, procurando sse com isto hũa guerra civil, ou hũa desunião neste Reino, e que o Abbade de la Riviera como leal vassalo d el-Rey Christianissimo entregara o breve, e revelara tudo, e fora prezo na bastilha o que trouxe o breve. Que o Nuncio de Sua Santidade respondera escuzando com rezões a Sua Santidade, e negara de todo a ultima rezão de queixa, e o Cancellario lhe deu por escritto para mandar a Roma tudo o que lhe avia ditto de palavra. Pareceo me avizar a Vossa Senhoria de tudo o que alcancei para que se valha d esta noticia no que se offerecer, e espero hum dia d estes falar com o Senhor Cardeal Mazarini, e do que souber d elle, que será sempre com maior fundamento farei avizo a Vossa Senhoria.

No que toca á visita, que fes a Vossa Senhoria Dom Thadeo não creo que tenhão rezão nessa Curia de conjecturar grandes misterios, pois he publico nella que a fortuna de Portugal vai junta com as delligencias, e amizade de França, e que a respeito d isto começou essa nova correspondencia, sem proceder de couzas de Roma, mas so, que os Barberinos querem mostrar serem bons francezes em reconhecerem o empenho de França por Sua Magestade.

No bom juizo que Vossa Senhoria faz sobre o procedimento e justiça de Sua Santidade para esperarmos que a faça a Sua Magestade não me fica mais que dizer, senão pedir a Deos que lhe dê graça com que assi seja. Deos guarde a Vossa Senhoria etc. *(sic)*. A Sua Magestade remetti a carta que Vossa Senhoria lhe mandava[1].

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 180 v.

Carta do Conde da Vidigueira, Embaixador em França, a Nicolau Monteiro, Agente do Estado Ecclesiastico

1645 — Dezembro 1

Por esta carta, que recebi de Vossa Senhoria de 6 do passado entendi como Vossa Senhoria ficava ja occupado com o fervor, e zelo, que costuma na agencia dos negocios avendo falado a Monsenhor Espada, esperando a audiencia de Sua Santidade que ja estaria infformado de tudo, e assi ao prezente fico esperando as novas do successo, permitta Deos que seja o que dezejamos, e que se aja resolvido na rezão, e justiça, que se lhe pede.

No passado avizei a Vossa Senhoria do que se passara no conselho delRey Christianissimo com o Nuncio de Sua Santidade, e ontem me assegurou o Cardeal Mazarini da bõa instancia, que com elle se fizera sobre as couzas de Sua Magestade, e o Nuncio teve audiencia antes de mim; e aqui se espera cedo pello Cardeal Antonio Barberino.

Espero novas de Lisboa com muito cuidado por se aver Sua Magestade partido para a fronteira em 27 de Outubro a respeito de averem apparecido os enemigos com muitas tropas da parte de Olivença, mas Sua Magestade vinha *(?)* ja em Elvas, e com toda a nobreza, levava de Lisboa muita força. Pello prezente se não offerece mais. Deos guarde a Vossa Senhoria etc. *(sic)*[1].

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{5}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 184 v.

Carta de Fernando Brandão ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1646—Janeiro 15

Excellentissimo Senhor .....[1]

O Bispo eleito se foi para Portugal aos 12 deste, e aos 13 fizerão Assistente das Provincias de Portugal ao Padre Nuno da Cunha que por fidalgo, e por descendente de Tristão da Cunha que foy embajador em Roma com o elefante, e por sua attividade, fará mais com este officio que se fora Embajador de Sua Magestade.....[1] Roma 15 Janeiro 1646.

De Vossa Excellencia—Devotissimo..... *Ferdinando Brandano.*

Senhor Conde Almirante.[2]

Carta d'el-Rei ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1646—Janeiro 29

Conde Almirante Embaixador amigo: Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que amo. Muito vos aggradeço o avizo que em carta vossa do primeiro de novembro passado me fizestes, sobre o que ahy alcançastes do Bispo de Babilonia, ácerca do Bispado da Percia, cuja nomeação me pertence, e porque com estas noticias mando a Nicolao Monteiro procure dar a entender aos ministros da congregação da propaganda fide as razões que ha para se não alterar a posse em que estou, e em que

[1] *Assumpto extranho.*

[2] Biblioth. Nac., *Mss.* P, $\frac{5}{33}$ (Corresp. de Fernando Brandão), Carta 93.

estiverão os Reys meus predecessores, vos encomendo contemporizeis com este negocio o mais que vos for possivel, té terdes outra ordem minha, e se vos avizar do que sou servido se faça sobre elle. Escrita em Lisboa a 29 de Janeiro de 1646.—*Rey*. : .

Para o Conde Almirante Embaixador.[1]

Carta de Frei Manuel Pacheco ao Conde da Vidigueira, Embaixador em França

1646 — Maio 6

Excellentissimo Senhor — Despois de haver escrito a Vossa Excellencia sobre a materia do Bispado da Persia quanto aqui passava, me falou o licenciado Pedro Mendes de S. Payo na pretensão do Padre Mestre frei Andre Telles, que Vossa Excellencia lhe encomenda, ordenando me a mim a não impida. Quererá Nosso Senhor ter a Vossa Excellencia nesse Reyno, e havendo visto o stado das cousas daquella Provincia de Santo Agostinho, haverá loguo alcansado, que os proprios amigos do Padre frei Andre são os que hoje tem por contrarios, e tão oppostos que elles são, e não eu o que nesta pretensão tratão como em todas as mais de o encontrar por todas as vias que podem; e em ordem a mesma pretensão nomeadamente hum frei Luis Coutinho, o maior de seus amigos com spectativas de gigante, escreve aqui ao Cardeal Palloto Protector mil males, e o mesmo ao Geral *(?)* para que o não fassão Presidente do Capitolo, e como destes hade manar esta graça, o declaro a Vossa Excellencia, porque quando se não consiga saiba donde lhe veo o impedimento della; que de mim podendo tão pouco com o Senhor Palloto seguro está, principalmente que não deve o Padre frei Andre hoje, supposto o que digo ser verdade, aspirar a outro remedio que unirse na eleição com os Padres Guilhermes que são aquelles a quem eu sirvo, e assim confidente nos

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{27}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 759.— *Sobrescrito:* Por ElRey — A Dom Vasco Luis da Gama, Conde da Vidigueira, Almirante da India, do seu Conselho, e seu Embaxador em França.

fica sendo, mais, pelo menos, que os que declaramente nos são oppostos, e o que pretende muito em nosso favor, que não poderemos, como creo, alcansar Presidencia que se nos possa lograr por outra via, pois a que no Capitolo passado alcansey para o Confessor de Sua Magestade não bastou ser a pessoa desta qualidade para o Senhor Cardeal Palloto muitos meses depois de passada a patente, a não fazer derogar, que não he menos que isto apaixonado por esses Padres, que o mesmo he aqui pretenderse qualquer minima graça para os meus frades, que perguntar logo de que bando he, e conforme a isso favorecer, ou impedir o negocio, sem respeito não diguo a graças, mas nem ainda a justissa, ainda muy notoria. Pello que ao dito Pedro Mendes declarey tudo, e dice me parecia bem tratassemos do negocio depois de partido Palloto que se parte a somana que vem a presidir no Capitolo dos meus frades da Congregação de Lombardia, que se celebra em Tolentino, e que nos ajudassemos de Luis Alvres de Tavora, que tãobem com o mesmo receo que Vossa Excellencia me havia falado. Não faltão caminhos que anichilarião todos os impedimentos tanto neste, como em maiores negocios, principalmente neste tempo, porem, ahy não se quer alcansar, nem entender quais sejão, e quando vem que se não consiguem, que tardão, e se difficultão, tornãose contra quem os sollicita, arguemos de descuidados, pouco zelantes, máos negociadores, faltos de valias; e esta he a rezão, e pello que em mim experimento, de me compadecer muito de Pedro Mendes de S. Payo, que se consome vivo por servir a Vossa Excellencia, e só o imaginar que Vossa Excellencia se não dará por bem servido delle, o mata, e muito mais sendo de natural tão ardente, como he. Com titolo de criado de Vossa Excellencia se tem introduzido muito com o Cardeal dEste Protector de França, para melhor com seu favor servir a Vossa Excellencia, e fas delle ja muita estimação. Vossa Excellencia pode descansadamente segurarse de seu serviço, zelo e diligencia, e lance o que não vir conseguido a outras causas, serto de que de sua parte não pode faltar, e muito menos no de Commissario de S. Francisco, sendolhe tão encarregado de Vossa Excellencia, em que tem trabalhado, e obrado impossiveis, como de tudo deve dar relação a Vossa Excellencia.

Resuscitou outra ves sua violencia contra mim o Cardeal Palloto mais valente que nunqua no proposito de me lançar desta Curia, e tão obstinadamente que a quantos Senhores e Cardeais della lhe falão na materia em meu favor, scandalizados de semelhante injustissa, a todos perde

o respeito obrigado d'outro para elle maior que todos que he a instancia que de primeiro e de presente lhe fas o Cardeal Albornos, e outros desta facsão pelas noticias que hum padre frei Sebastião Manrrique fogido de Portugal contra as ordens de Sua Magestade lhes tem dado, como ja escrevi a Vossa Excellencia a Paris, de que eu passara por vezes a diversas partes d'Italia, e França vestido de secular; e he grão cousa, que se me fassa aqui por este respeito tão pertinas perseguição que tem dado em que falar a toda esta Curia, e que aja de resultar em prejuiso meu, e dos negocios communs que nella trato do bem e augmento das christandades da India, canonizão *(sic)* de martyres, o que em serviço de Sua Magestade por ordem de seus Ministros fiz, sem que estes que me souberão mandar, e acharão capaz para me empregar nelle, me achem merecedor, quando não para me honrarem, para pello menos não consentirem perca no que dantes tinha. Tudo virão, e experimentarão, presentes nesta Curia o Padre Assistente da Companhia João de Mattos, e o Prior de Sodofeita eleito Bispo de Portalegre, a ambos fiz por muitas veses instancia, e nenhum foi para em ordem a me livrar desta oppressão dar hũa passada, nem escrever a esse Reyno, a quem por reputação entendesse se devia interpor, quando por outra via não era possivel, algo da authoridade real, para della me valer, quando sabem interpor esta para cousas de menos empenho que esta, nesta Curia. A Vossa Excellencia me queixei e largamente, dei conta de tudo por carta minha escrita a Paris, de que não tive reposta, e porque como então logo que me faltou, o attribui a desencaminho da carta, torno agora novamente molestado, e de tal sorte que não saio a meus negocios, a pedir a Vossa Excellencia, e com maior confiança da merce que Vossa Excellencia na sua ultima me promette de seu favor nesse Reyno, queira alcansarme ordem de Sua Magestade na melhor forma possivel, e mais conveniente, para assistir nesta Curia, certo de que o não desmeresem os procedimentos de minha vida, e muy seguro de que com esta merce procederey muito melhor, e que não perde seu real serviço com esta ordem nada, quando não interessar algũa cousa, pello amor, zelo, e fidelidade com que me desejo sempre nelle empregar; e se das occasiões em que nelle me empregarão o Bispo de Lamego, e depois o Padre Assistente João de Matos não se conseguirão os pretendidos fins, conhecerão bem que a culpa não foi minha, e que procedi nellas como fiel, e bom vassalo de Sua Magestade, e com a ventajem ainda do que se podia esperar d'hum Religioso.

Aqui se me leo o capitolo de hũa carta que d'ahy escrevia o Padre frei Luis Coutinho ao Cardeal Palloto, cujas palavras são as seguintes: Partesse esta naveta com tanta pressa, que não posso nesta dizer as satisfações que comigo se tiverão; mas em outra nao de mais força que fica para partir em breves dias direi tudo debaixo da ultima cifra que Vossa Eminencia me mandou, fundada nesta palavra, Martinus, e para então guardo o mais, em que de presente me não posso alargar. Lisboa 14 de novembro 1645. Fiz reparo pellas circunstancias que concorrem á presumpção contra estas pessoas, e quando nos não possão persuadir serão para maiores effeitos estas intelligencias por tantas cifras, não se pode presumir sejão para credito do Rey, nem do Reyno, e seus Ministros. O Cardeal Palloto, ja em outra occasião escrevi a Vossa Excellencia que se bem não fazia publica profissão de castelhano partial, que nas obras o era, o que se vio evidentemente no que obrou no conclave passado, sendo o principal mexedor, e instrumento da exclusiva que se deo ao Cardeal Saquette pellos castelhanos, e da creação deste Pontifice seu tão grande amigo, e confidente, como desdo principio de seu Pontificado athe o presente tem mostrado em todas as occasiões que se offerecerão, de muitas das quais dei parte a Vossa Excellencia. Sobre tudo, se bem o mesmo Cardeal foy Colleitor nesse Reyno, temse averigoado, que dessa pratica se aproveita, e das noticias e comunicação que com algũas pessoas delle tem para dellas fazer negoceação com os castelhanos aqui, e se meter com elles, que he por onde imagina poderá algum dia arribar a mor grandeza. Da parte do Padre Coutinho concorre ser hum dos queixosos, tomando fundamento do muito que esperou sem nenhum, e do pouco caso que delle se faz com muito, se se considera a capacidade do sojeito *(sic)*. Sobre tudo este que aqui veo frei Sebastião com ordem sua, e de seus adherentes contra a de Sua Magestade, já avisei a Vossa Excellencia que a casa do Conde de Ciruela foy a primeira onde entrou, e depois continuou, e trouxera cartas dos mesmos Padres para estes, e para o Assistente de Castella, e desta mandey a copia a Vossa Excellencia, e he certissimo que para os interesses de sua partialidade são estes Padres desta de condição, que não repararão tratar com os diabos quanto e mais com castelhanos, esta he minha opinião, e porque lhes parece que eu os encontrarei ja tenho dito a Vossa Excellencia os esforços que com seu brasso fazem para me lansarem desta Curia. Levará Nosso Senhor a esse Reyno o Padre Assistente João de Matos, do qual poderá Vossa Excellencia saber

os tratos nella deste Padre Procurador dos mesmos frei Sebastião, e quando não baste a copia desta carta que digo na mão do Padre frei João de Lencastre se achará o original, e na do Padre Mestre frei Antonio Botado a mesma do Padre Coutinho. Vossa Excellencia fara de tudo o caso que lhe parecer convem fazer, o reparar, e advertir em semelhantes materias nunqua fes mal, e não ha nesta materia culpa, que se possa chamar leve, nem respeito que o possa em todo aliviar, pois se deixa ver, que quando este vençe os communs, e o amor proprio se prefere ao do Rey e Reyno, ainda que milite de presente em materia, que não toca no vivo, argue pelo menos, que nas maiores sempre tirará para sy, sem respeito a outra cousa; e se bem não posso negar que ha sospeita onde as pessoas são nos affectos encontradas, e eu o estou com estas, o que digo contudo carece della, quando o fasso tão evidente, nem me atrevera d'outra sorte.

. . . . . .[1]

E Nosso Senhor guarde a Vossa Excellencia por largos e felices annos. Roma e Mayo 6 de 646.

De Vossa Excellencia — maior servidor e capellão — *Frei Manuel Pacheco.*[2]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Março 1

Recebi a de Vossa Paternidade de 4 do passado alegrando me de que Vossa Paternidade passe com boa saude, e juntamente fico entregue dos dois papeis latinos que cá me declarou o Padre Macedo por eu não ser latino, e me parecerão feitos com toda a consideração que as materias pedião e folguei de ver o que Vossa Paternidade passou com Sua Santidade das quoais praticas confiro que não está muito fero contra nos, e espero

[1] *Assumpto extranho.*

[2] Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{2}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 199.

que a grande prudencia de Vossa Paternidade ha de obrar grandes efeitos, con que Sua Santidade defira como he justiça; aqui vou continuando as minhas deligencias, e conforme as noticias que vou achando.....
.....[1]

Estimo que a chegada do Vice Coleitor não haja causado grande alteração no Papa, e tambem me pareceu bem dizer elle que quando Vossa Paternidade lhe quisesse algũa cousa lho disese que teria segredo; e se Monsieur de Servient negocear em Olanda tam bem como cuida, poderemos ter melhores esperanças de tudo, e eu lhe fiz mandar daqui ordens apertadas e claras para haver de apertar pellos nosos entereses, e se tem por serto pede eficazmente aos olandeses fação com os castelhanos venhão em hũa tregoa com Sua Magestade como a dos catalãis, do que for sucedendo hirei avizando.

Com Brandão uzo ha muitos tempos do que Vossa Paternidade me adverte nesta carta do qual tenho conhecimento ha sinco annos.
.....[2]

Paris e março o primeiro de 1647.[3]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Março 15

Recebi a de Vossa Paternidade de 17 do passado estimando que na barca que tomarão os castelhanos não tivesse Vossa Paternidade encomendas como diz tinha o frade capucho que de Lisboa veyo sem licença de Sua Magestade. Diz tem com esses presentes alcando *(sic)* do seu Geral que a provincia dos Algarves seja izenta do Comissario Geral o que

[1] *Assumpto extranho.*
[2] *Idem.*
[3] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 26.

oje será de grande embaraço porquanto estava ja o padre Cesar de acordo com o Comissario havendo lhe Sua Magestade ordenado que lhe obedecesse, e o reconhecesse por Prelado, Vossa Paternidade fará nisto o que lhe parecer mais conveniente.

Bras Nunez Caldeira avizará a Vossa Paternidade de huns portugueses que diz entrão encubertos em casa do Embaixador de Castella.

Facame Vossa Paternidade merce favorecer muito ao padre Frei Manoel Pacheco porque sey tem Sua Magestade bom conceito deste religioso. De Portugal havera Vossa Paternidade tido muitas novas pello navio que em onze dias chegou a Genova com cartas de doze de Fevereiro que são mais modernas que as que eu tive.

O Conde de Briana me disse quarta feira que ElRey de França mandara declarar ao Papa que se Portugal ficava em guerra lhe havia de asistir com todo seu poder de mar, e terra, e que assi não poderia socorrer aos venezeanos aos quoais mandara declarar o mesmo a fim de que obrigasem a Castella a vir a rezão com Portugal. E assi sabemos que está o Conde de Penharanda mui entrado da consideração de seu Rey ficar com toda a guerra dentro de Espanha. Vossa Paternidade pegue deste ponto para o fazer entrar muito ao Papa, e aos castelhanos dando lhes a entender que França nos ofrece quatro mil cavalos montados, e desaseis mil infantes, e trinta naos pago tudo á sua custa por todos os annos que a guerra durar, e a Rainha de Suecia dois mil cavalos, e seis mil infantes e dez galiões na mesma forma asima e he necessario que isto se diga com grandes cautelas e agora he o tempo de uzar de tudo e assi trabalhamos aqui. De Munster e Olanda não digo nada crendo o farão os Ministros que lá estão.

O Conde de Briana me dise com grandes segredos que o Cardeal Ursino desejava ser Protector de Portugal o que sirva de avizo.

O Padre Macedo fez aqui hũa obra em louvor do Principe de Condè de que mando com esta hum exemplar.

O Manifesto que Vossa Paternidade me remeteu vi, e me pareceu mui bem e escrevi a Castelete não tratase da empresão, sem nova ordem de Vossa Paternidade, mas sei que esta empreso em Veneza em italiano, e aqui em frances e em latim como Vossa Paternidade havera visto dos que lhe tenho mandado.

O Auditor do Vice Coleytor merece que Sua Magestade lhe faça merce pello bem que Vossa Paternidade me diz procede.

Muito convem que Vossa Paternidade se informe com serteza deste dinheiro que veyo de Portugal para Jerusalem e o Geral de S. Francisco deu ao Viso Rei de Napoles, e sendo verdade mandar Vossa Paternidade advertir ao Geral que o sabe, e o aviza a Portugal, e dizelo tambem ao Papa. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Paris e março 15 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647—Março *(?)*

Recebi a de Vossa Paternidade de 11 do passado com a cifra de que fico entregue e de que tenho mandado copia por duas vias a Sua Magestade que Deos guarde.

Vejo o que Monsenhor Espada disse a Vossa Paternidade do que o Papa esperava de Munster, e a verdade he que tudo he querer dilatar, aqui faco as diligencias que posso, mas não sei o que aproveytarão, de hum dia a outro espero audiencia do Cardeal Mazarine do que pasar avizarei a Vossa Paternidade.

O Manifesto que trouxe de Lisboa fiz aqui traduzir em latim e frances, mas moderado no que dizia dos Barbarinos, e sobre se traduzir em italiano avizo oje a Castelete siga o que Vossa Paternidade lhe tem escrito. Estimarei muito ver o papel que Vossa Paternidade me diz mandará no correio que vem.

Por aqui passou esta somana hum correio de Madrid para Munster, que se sospeita leva a rateficação das pazes de Olanda o que eu não duvido duvidando de outras cousas.[2]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 36.

[2] *Idem,* idem, fol. 27 v.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1641—Abril 5

Duas cartas recebi de Vossa Paternidade neste correo de 5 e 11 de Março e com esta remeto a Vossa Paternidade hum grande paquete que me chegou de Sua Magestade para Vossa Paternidade. E de Lisboa me não avizão cousa que de contar seja somente que havia chegado caravella da Bahia com avizo de que hindo os olandeses cometer os portugueses levantados do Rio de S. Francisco ficarão mortos no campo 300 olandeses e os mais se retirarão.

Como o Manifesto da sahida do Vice Coleitor anda ja traduzido em tantas lingoas me parecia não havia para que imprimir outro, mas eu sempre me sogeitarei ao parecer de Vossa Paternidade que anda com as mãos na obra como dizem na nossa terra, e assi á conta de Vossa Paternidade está o dispor as cousas que tocão a Roma na forma que julgar poderão ter melhor sucesso.

Muito me alegrou o que o Cardeal Grimaldi disse a Vossa Paternidade de que ja por aqui tinha ouvido algũa cousa e creya Vossa Paternidade que se aperta pellos requerimentos, e espero que os de Olanda terão bom sucesso.

Muito vai crecendo a voz d estar concluida a companhia entre olandeses e genoveses, e me parecia que Vossa Paternidade podia falar como de si na materia ao senhor Cardeal Grimaldi representando lhe os inconvenientes que se podem seguir aos geneveses pois perdem o comercio com Portugal. E os que vivem em Portugal e os que vivem em Portugal *(sic)* que são muitos e ricos que pode Sua Magestade lancar mão de suas fazendas o que será infalivel por se quererem metem *(sic)* em passar a nossas conquistas sem permissão de Sua Magestade, e com isto podera ser que o Cardeal escreva a Genova sobre a materia.

Se o Papa não diferir senão despois de concluidos os tratados de

Munster devagar estaremos tendo se por serto que continua a guerra sem se concluir nada em Munster nem Osnebrug.

Mui merecedor he Dom João Baptista de Sua Magestade lhe acresentar a sua pencão Vossa Paternidade pode escrever sobre isto e mandar me a carta porque com ella mandarei outra em que o peça a Sua Magestade.

Phelippe de Afonseca passou a este Reino no meu navio, tanto que chegamos á Rochela se despedio de mim e não soube mais d elle que he tudo o que nesta materia posso dizer a Vossa Paternidade.

O Padre frei Francisco de S. Agostinho trouxe comigo por ter muitas partes mas não o trago por secretario nem lhe entrego os papeis e cifras, con que fico respondendo ao que Vossa Paternidade me advirte en que me fez grande merce e de que eu vinha bem advirtido e posso dizer com verdade a Vossa Paternidade que he notavel cousa o amor con que fala da Companhia e os bens que diz d ella.

Não duvido que haja dado cuidado o papel que Vossa Paternidade fez sobre os Bispados e assi me parecera mui bem imprimir se o dos Exemplos ordenando Vossa Paternidade a Manoel Rodriguez de Matos o faca imprimir.

Do que os castelhanos espalhão nos devemos rir como de dizerem que a India esta levantada contra Sua Magestade e bem se crerá logo que são isto cousas aerias e para tudo era conveniente falar Vossa Paternidade ao Papa e para impedir o dar se a conezia de Evora a Antonio Mendez. E Vossa Paternidade he obrigado de escrever a Sua Magestade sobre este particular dos christãos novos muito largo por ser cousa forte que tal gente queira levar os beneficios de Portugal.

Torno a restituir a Vossa Paternidade a carta do padre que quer passar a Inglaterra visto não termos la ao presente Rezidente e se quiser fazer o caminho por Olanda deve Vossa Paternidade escrever ao Embaixador Francisco de Sousa. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Paris, e Abril 5 de 1647.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 46.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, a Frei Manuel Pacheco

1647 — Abril 5

Por este ultimo correio recebi nos maços de Fernando Brandão tres cartas de Vossa Paternidade de 24 de Fevereiro e 10 de Março e senti de que Vossa Paternidade ouvesse passado indisposto como me diz porque folgarei de lhe ver sempre boa saude.

Com esta remeto duas cartas de meu grande amigo o padre frei Francisco de Sousa para o Geral de S. Francisco e seu secretario as quoais Vossa Paternidade fará se lhe entreguem, e cobrem reposta, e o verdadeiro Comessario geral era frei Francisco, por suas muitas partes e por só a sua prudencia poder atalhar tantas desordens como as que vão nas Provincias de Portugal sem obedecerem ás ordens do Geral: bom será terem hido os despachos que Vossa Paternidade me aviza tinha alcançado Francisco Vieira em rezão da vizita sobre Escoto e em nenhũa forma saiba Francisco Vieira nem nenhũa outra pessoa que eu escrevo a Vossa Paternidade sobre estas materias.

Aqui veio comigo frei Francisco de S. Agostinho que eu estimo por suas grandes partes mas ha muitos inconvenientes para haver de passar a essa Curia eu lhe dei as cartas de Vossa Paternidade e tem em seu poder o papel que Vossa Paternidade me manda para o vermos devagar por não haver esta somana tempo para nada.

Muito me espanta que o padre Nuno da Cunha não haja notificado ao padre Manrrique a ordem de Sua Magestade. Nessa Corte não ha para que tratar com o padre frei Martinho de Castelbranco por ser serto que não voltará a Portugal.

Fico advirtido de tudo o que Vossa Paternidade me diz em cifra em carta de 24 de Março de que mandei quarta feira hũa copia a Sua Magestade, e grande bem será poder Vossa Paternidade descifrar as duas cartas porque dellas alcançaremos muitas noticias. Muito se fala nessa

companhia de Genova e olandeses mas eu entendo não sera cousa de consideração e contudo fico fazendo minhas deligencias.

Do que Vossa Paternidade me diz na carta de 10 aserca do modo con que acha se poderão passar as Bulas dos Bispados mandei logo fazer duas copias que por duas vias mandei quarta feira a Sua Magestade pedindo lhe me respondesse logo por ser materia que eu não posso rezolver e se eu a rezolvera não aceitara naquella forma o provimento nem nenhũa en que o nome de Sua Magestade não fosse declarado porque sete anos de Rey não são sete somanas e para ElRey que Deos guarde ficar mais inteirado fora conveniente que soubesse quem era a pessoa que tratou a Vossa Paternidade desta materia.

De Lisboa tive cartas de ate doze de Março donde era chegada caravela do Brazil em 40 dias e dava por novas que hindo os olandeses cometer os portuguezes levantados do Rio de S. Francisco ficarão mortos no campo mais de 300 olandeses e os demais se retirarão. Em Lisboa se preparava grande armada naval sem sabermos para onde. Nosso Senhor etc. *(sic)* Paris e Abril 5 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Abril 19

Sinto dizer me Vossa Paternidade por esta sua carta de 25 do passado que havia passado com pouca saude, a qual estimarei que Vossa Paternidade logre sempre e me desculpará Vossa Paternidade de não ser o dia de oje tão largo como quisera.

Taquete he serto fará com grande facilidade imprimir o papel de Vossa Paternidade porque com a mesma tem feito imprimir o manifesto.

Antonio Moniz me disse havia remetido a Vossa Paternidade a reposta que lhe fez o Cardeal Barbarino no que teve pouca rezão e a reposta não he gram cousa.

[1] *Copia authentica, na* Bibloth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 46 v.

O Marquez de Fontane tem partido desta Corte para essa havera dez dias e antes se veyo despedir de mim ao qual farei que vão ordens e as mesmas aos Senhores Cardeais dEste, Grimaldi, e Abade de S. Nicolao pera apertarem pellos negocios de Portugal na forma que Vossa Paternidade com elles asentar, e procurarei vão no correio que vem de que avizarei a Vossa Paternidade, e como la estiverem as ordens ajustará Vossa Paternidade o que se deve fazer. O anel fora mui bem dado, e mais quando o Papa o havia de receber de boa vontade e eu sei mui bem que por estas partes se não negocea sem dar e se eu tivera anel desta calidade logo com esta carta o remetera a Vossa Paternidade.

Sei que o frade Cavalgante foi a essa Corte sem licença de Sua Magestade a quem tenho escrito apertadamente sobre esta materia e tambem me dizem foi bem provido que he o con que tudo se alcança. De frey Antonio Botelho não tenho nenhũa noticia e Vossa Paternidade he obrigado a dar conta a ElRey de todas estas materias pois que Sua Magestade não tem nessa Curia outra pessoa mais que a de Vossa Paternidade e he serto que estimara Sua Magestade muito o impedir Vossa Paternidade que a conezia de Evora se não de ao forra gaitas e sera cousa indigna falarse em tal.

A Genova (me escreverão) havião chegado duas naos de Lisboa, e que se apartarão de outras duas que hião para Liorno e Veneza por ellas havera Vossa Paternidade recebido suas cartas, e as novas que ouvesse.

Grande he o partido que nos avizão vão os francezes grangeando nesa Curia com a declaração do Senhor Cardeal Ursino, e da que se espera faça seu pay e o Cardeal Esforça e outros, a Ursino contentarão com a protecção de Polonia em lugar da de Portugal, esta entendo eu que convem darse a Farnesi se elle a quiser, e assi o tenho escrito a Sua Magestade, mas que primeiro Vossa Paternidade com toda a cautella e sem nenhum empenho de Sua Magestade devia apalpar se a aceitaria e estar prevenido das ordens necessarias para que havendo serteza de a aceitar se lhe declarasse logo a graça e de dois mil cruzados de pencões nos Bispados. Veremos o que se me responde. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Paris e Abril 19 de 1647.[1]

[1] *Copia authentica*, na Bibliotu. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 52.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, a Frei Manuel Pacheco

1647 — Abril 19

Recebi as tres de Vossa Paternidade de 17 18 e 25 de março e o ser oje dia tão santo me não dara lugar a responder com muita largueza; de Portugal havera Vossa Paternidade tido novas pellas naos chegadas a Liorne, Genova, e a Veneza.

Com todas as cartas de Vossa Paternidade me alegro sempre muito por virem todas muy cheyas de discursos muito para estimar e ouvir, as novas que Vossa Paternidade me mandou na folha de sua letra estimei por virem algũas de consideração, e he grande o partido que França vai grangeando nessa Curia e se a sua armada chegar a esses mares tão poderosa como se imagina inda será mayor.

Tanto que Vossa Paternidade me remeter os papeis do Senhor Duque de Guisa logo o padre Macedo (que segunda feira pregou em palacio á Rainha) fará o parecer e o remeterei a Vossa Paternidade para que seja o que o apresente ao Duque e elle com isto poder tomar a sua conta livrar a Vossa Paternidade do Cardeal Paloto.

Entendo que em hum mesmo tempo ha Sua Santidade de prover os Bispados receber embaixador, e mandar Nuncio a Portugal, mas qual este tempo será quem o saberá mas hũa hora melhor que outra.

A carta que com esta mando para Francisco Vieira lhe dará Vossa Paternidade por ser reposta de outra que tive sua com os papeis do padre frei Francisco de Sousa.

A Fernando Brandão escrevo oje com todo o encarecimento em rezão dos particulares de Vossa Paternidade, esperando delle obre com todo o calor. Daqui leva o Marquez de Fontané que partio ha oito dias bem recomendado o negocio, e ja tenho mandado carta minha a Vossa Paternidade para o Abade de S. Nicolao as quoais deligencias estimarei muito que montem para Vossa Paternidade viver com a quietação que lhe desejo.

Muito estimo que o Geral de S. Francisco se ache com tão boa infor-

mação do padre frei Francisco de Sousa no qual creya Vossa Paternidade que concorrem grandissimas partes e he merecedor de aventajados lugares, e sempre que haja lugar de o recomendarem ao Geral procure Vossa Paternidade que o fação. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Paris e Abril 19 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Abril 26

Do primeyro de Abril he a ultima carta con que me acho de Vossa Paternidade. A senhora Condessa de Miranda avizo do que Vossa Paternidade me diz em rezão da sua pretenção ou para melhor dizer de Luis de Sousa seu filho, e dou as graças a Vossa Paternidade pella deligencia que fez para haver de ficar o forra gaitas sem a conezia, e estimo o que Sua Magestade diz a Vossa Paternidade sobre estes particulares e o Choine *(?)* Datario cuidará na rezão e passar lhe ha o nojo.

Serto que Sua Santidade não folgará que Vossa Paternidade o aperte mas he força fazel o e ainda com isso não alcançaremos nada que em tal tempo estamos como este; ando atras de audiencia do senhor Cardeal Mazarine, e Conde de Briana, e tanto que m as derem procurarei as ordens que Vossa Paternidade me aponta para o Cardeal Grimaldi e Abade de S. Nicolao e as remeterei a Vossa Paternidade porque entendo se me não negarão e entretanto vá os Vossa Paternidade dispondo.

Sua Magestade escreveo estando eu da outra vez neste Reyno por Eminencia ao Cardeal Bique no que reparei e lhe não dei a carta e avizei a Sua Magestade dizendo lhe como os Reys de França e Castella lhe falavão por vós, e a Republica de Veneza por Senhoria Illustrissima. Somente com isto me mandou Sua Magestade outra carta por vós que dei

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 53.

ao Cardeal e a recebeo muy bem, e fez logo reposta com grande estimação, e assi que cuido ha pouco que reparar, mas advirta Vossa Paternidade que nos sobreescritos deve Sua Magestade de lhes chamar primos.

Chegarão navios de Lisboa e das novas que ouve remeto com esta a Vossa Paternidade hũa copia e hũa carta do senhor Bisconde. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Paris e Abril 26 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647—Maio 17

Recebi a de Vossa Paternidade de 21 de Abril cuja copia mandarei a Sua Magestade com a de Castelete e tenho para mim que asi elle com *(sic)* Dom João tem rezão no que requerem, e assi o escreverei a ElRey e Vossa Paternidade deve continuar em o fazer tambem. Eu tive noticia como era hido a Casal a emprimir os papeis que Vossa Paternidade lhe mandou e deve pretender ajuda de custo para pagar a despesa do caminho, e tem justiça, dias ha que lhe escrevi sobre o particular da Companhia dos mercadores genoveses para a India.

Todas as deligencias que Vossa Paternidade fez com Panzirola e o pregador do Papa me parecerão asertadas queira Deos aproveytem, e tambem Vossa Paternidade pode meter na conta dos Bispos mortos o do Cabo Verde, porque assi mo escreveo Pero Vieyra e o do Funchal esta em Lisboa incapaz de poder tornar a Ilha tendo noventa annos, e ja avizei a Vossa Paternidade por hum extrahordinario que daqui partio como o Cardeal Mazarine escrevia a Grimaldi para que fizesse o Protesto, e a copia do memorial que dey mandey a Vossa Paternidade Vossa Pater-

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 58 v.

nidade *(sic)* nomeando me Grimaldi e Paloto diz os amigos o que não entendia que fosse este segundo *(sic)* e asi folgarei que Vossa Paternidade me diga se me engano.

A guerra entendemos durara esta campanha que he o que melhor nos pode estar no tempo presente porque neste cuido nos poderemos consertar com os olandeses pois tem já os Estados nomeados tres comissarios para Francisco de Sousa tratar com elles e espero que ha de haver bom successo e se os franceses nos virem acomodados com Olanda logo nos hão de rogar; a Corte toda he ida para Amiens, eu entendo que a irey tambem seguindo por ficar mais perto dos negocios.

Sobre os requerimentos e frades que vierão de Lisboa não tenho mais que dizer a Vossa Paternidade senão que antes de me vir gritey sobre este particular em dois Concelhos de Estado, e sey quão contra o serviço, e reputação de ElRey são estas vindas. O Comissario geral tem muito contra si e com pouca rezão, e como esta he por sua parte espero lhe aproveite, ahi he passado hum frade terceiro que vai por seu procurador. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Paris e Mayo 17 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1642 — Maio 24

Recebi a de Vossa Paternidade de 29 do passado dia em que Vossa Paternidade havia tido larga audiencia do Papa e pello que Vossa Paternidade me diz não se recolheo Vossa Paternidade descontente, o embaixador de França, me disserão levava boas ordens, e ao Cardeal Grimaldi tem hido conforme á memoria que aqui dei de que mandei copia a Vossa Paternidade assi que despois de saber o que Vossa Paternidade passa com elles saberei o que mais aqui devo pedir em rezão de Roma, esti-

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 73 v.

mando saber o bom animo de que estão Capone e Cornáro, o requerimento he tão justo que todos os que quizerem caminhar sem paixão acharão a justiça que Sua Magestade e as Igrejas de Portugal tem sendo serto que onde Vossa Paternidade se acha não poderá nunca haver descuidos, nem perder se tempo.

A carta para Sua Magestade e a do senhor Bispo Capellão mor tenho remetido quarta feira via de Bordeos.

De Diogo de Sousa tenho muitas noticias, e quando Deos queira que Vossa Paternidade fale com o secretario Pedro Vieira da Silva sabera Vossa Paternidade d elle o que lhe tenho escrito e dito a ElRei sobre esta pessoa, da negoceação que tratou com o del Bufalo soube e me pareceu não tinha caminho pois a encobrião de Nicolao Monteiro estando em Roma tratando dos negocios de ElRey, o que importa he que a guerra continue como himos vendo porque com isto podera acontecer se ponhão as cousas na forma que nos convem.

Não duvido que furtem as cartas a Vossa Paternidade por ser cousa que me dizem que se uza muito nessa terra Vossa Paternidade avize ao Mestre das postas de França que as que eu d aqui escrever a Vossa Paternidade as não entregue senão a pessoa que levar sinal serto de Vossa Paternidade.

A Sua Magestade remeti por duas vias copia d aquelles nomes que Vossa Paternidade me mandou, para se acresentarem na cifra, mas soube que hum dos navios foi tomado pellos biscainhos, e assi convem mudar Vossa Paternidade os numeros e mandarmos e eu avizo a Lisboa para se não uzar d aquelles. Deos guarde a Vossa Paternidade. Paris e mayo 24 de 1647.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 79 v.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Junho 2

A de Vossa Paternidade de 6 do passado recebi despois do correio partido e com ella o papel em cifra que logo fiz copiar e meter em outra e o remeto a Sua Magestade neste dia 2 do corrente por via de Nantes e fico com grandes esperanças de que teremos bom sucesso. Vendo o que o Papa passou com Vossa Paternidade e Vossa Paternidade se alargou a tudo o que se pode vir *(sic)* en tudo me conformo com Vossa Paternidade e asi o escrevo a Sua Magestade a saber que Farnes seja o Protector e Paloto Comprotector como todos os Principes tem, e que as nomeações venhão logo em segredo a Vossa Paternidade para usar delas a tempo conveniente que se propuserem os Bispados, e antes desta carta de Vossa Paternidade o tinha eu escrito a Sua Magestade, e Paloto não duvidará ser Comprotector como agora não duvidou de o ser de Polonia Ursino, e em falta de Frances *(sic)* me parece Barbarino, mas o outro está primeiro, e muito ha que disse a Sua Magestade que logo nomeasse todos os Bispados, e de que he necessario remeterem se a Vossa Paternidade oito mil cruzados para peitas, não tem duvida, queira Deos que as cartas vão depressa, e que com a mesma venha a reposta; e entretanto deve Vossa Paternidade com toda a cautella hir descobrindo se Farnes aceitará ser Protector, e Paloto Comprotector, e isto sem que entendão o fim nem haja empenho de nossa parte, tambem a carta para Sua Santidade me parece bem dando lha Vossa Paternidade e de fórma que não haja duvida aceitala, e com os mesmos segredos, con que aceitou os papeis. E foi mui boa a lisonja que Vossa Paternidade fez ao Papa com o que lhe disse de Thome Pinheiro o qual me dizem não haver remedio a se querer ver sem ser Procurador da Coroa. Não entendo o que he isto de Cipriano Pantagatho e a prohibição, sirva sse Vossa Paternidade de me declarar isto.

Tudo o que Vossa Paternidade me diz dos judeos sei e sei tambem

que he necessario haver em Portugal mais segredo do que ha, e por remate não tenho mais que louvar tudo o que vejo neste papel de Vossa Paternidade esperando que por meyo de Vossa Paternidade havemos de ver tudo o que toca a essa parte com muito bom sucesso. Pella manham me parto para Amiens donde escreverei a Vossa Paternidade a quem Deos guarde como pode. Paris e Junho 2 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Junho 13

Com duas cartas me acho de Vossa Paternidade de 13 e 20 de mayo, e com a primeira hũa relação do estado dos negocios de que tenho dado conta a Sua Magestade em 11 do corrente, e no tocante aos Bispados achey o mesmo no Conde de Briana, com o qual estive segunda feira devagar, e perguntandolhe se levara o Marquez de Fontanè ordens para falar nos negocios de Portugal, me respondeo que sim, e que depoes lhe tornara a repetir, e que ja que eu lho pedia oje o faria de novo, dizendolhe como Vossa Paternidade se veria com elle, e o informaria de tudo para com isso fazer as dilligencias necessarias, de forma que não ha duvida em que hoje vay a carta, e assim se deve Vossa Paternidade ver com o Marquez, e informalo, e aplicalo, porque quando se despedio de mym hia de bom animo, e eu lhe disse que Sua Excellencia começara os negocios de Portugal, e que assi era razão tevesse a gloria de os acabar com bom successo, e com isto tera o Cardeal Capone lugar de obrar como disse a Vossa Paternidade, e tãobem Vossa Paternidade la tem o Padre Mazarine Arcebispo de Ayx que não podera deixar d'ajudar por estar muy obrigado a Sua Magestade e com razão.

Viva Vossa Paternidade mil annos por se não deixar vencer do seu

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 83 v.

Geral por parte do forra gaitas, e ha negocios que chegados a certos termos convem levalos adiante e a Sua Magestade escrevy o que convinha, e ha dous correyos que a mim me escreveo pessoa de Roma que o Gaitas desistia ja da pertenção da conezia.

Ao Cardeal que for Protector entendo deve Sua Magestade dar trez mil cruzados de penção nas igrejas vagas, e logo cinco em dinheiro de ajuda de custo, e ao Comprotector ametade ou mais se parecer, e os nomeados por Vossa Paternidade estam bem apontados, mas ham de por as armas de Portugal as suas portas, como he costume. As cartas que Vossa Paternidade tem para os Cardeaes vem em boa forma só falta porselhe primo no sobescrito como poem a Mazarino e Bique.

Dom João Baptista me escreveo, e mandou alguns papeis dos impressos mas com muitos erros, a sua carta mandei a Sua Magestade por ser razão que lhe faça merce, e com os papeis uzarei a cautela que Vossa Paternidade me adverte.

Ao Auditor convem que Sua Magestade faça merce visto o bem que se ha portado, e havendoo Vossa Paternidade experimentado, e todos os de Roma escrevem, com esperanças de que os negocios se encaminhão, e de Munster não tem Sua Santidade que esperar por se ter por mais que provavel que a paz se não fara.

O Principe de Conde escreveo que até 20 deste estará dentro de Lerida, sendo assi pouco importa a tomada de Niza de Lapalha, e d'Armenteiras, e o exercito de França em Flandes se vay engrossando de forma que não poderão os castelhanos obrar mais couza de consideração.

Comó Vossa Paternidade la tem as nomeações dos Arcebispados de Lisboa e Braga e Bispados do Porto, Portalegre, Meliapor, Angola, Malaca, e Japão provendosse estes importara pouco que Sua Magestade tarde com as outras nomeações, sem embargo que entendo não tardarão. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Amyeis *(sic)* e Junho 13 de 647.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 89.

Carta de Antonio Moniz de Carvalho, Secretario da Embaixada em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1617 — Junho 20

Em poucas regras recebi de Vossa Paternidade grande merce e favor neste correo, como foy o avizarme novas de sua saude, que dezejo dê a Vossa Paternidade muito perfeyta para a continuacão de obra *(sic)*, que vae pondo em tão bom ponto, como tenho entendido pellas cartas e avizos que Vossa Paternidade tem remetido ao senhor Marquez Almyrante, e ainda que elle responderá a tudo com a prudencia que custuma, não quero eu faltar em mostrar na minha esphera que pago a Vossa Paternidade os muitos respeytos que se lhe devem no reconhecimento do que obra.

O senhor Marquez em 15 do prezente teve audiencia do senhor Cardeal Mazarini em que eu estive, e o acompanhey como custumo; e sobre as couzas de Sua Magestade em Roma disse que o senhor Marquez de Fontane levava todas as ordens necessarias para que com todo o callor asistisse e procurasse com todas as veras o bom sucesso, e que de novo se lhe escreveria. O mesmo me disse o Conde de Briana Secratario de Estado, e accrecentou que ja havia escrito, mas depende tudo de saber se são estes favores tão effectivos como convem, que *(sic)* a experiencia mostrará melhor a Vossa Paternidade.

O senhor Marquez remete a Vossa Paternidade a copia da forma em que já os Plenipotenciarios do Emperador consentem que seja comprehendido Sua Magestade na paz do Imperio com a Raynha de Suecia entre os Reys seus aliados, que ella nomea, hindo Sua Magestade com seu Real titullo, couza de que ao principio blasfemavão, e ainda agora declarão que posto que Suecia o reconheça por Rey, elles não reconhecem outro Rey de Portugal senão ElRey Phelippe 4°, ainda que Suecia só reconhece a Sua Magestade bem se vêe que com esta declaração comprehendem os imperiays a Sua Magestade na paz, mas não são vistas por isso *(sic)*,

visto o que declarão querer qualificalo por Rey, nem prejudicar a ElRey Catholico, fazendo o Emperador e elle hũa mesma caza de Austria, e sendo tantas vezes irmãos, e tantas vezes primos, como se sabe *(sic)*, mas em tudo tem total contradição o que consentem e o que declarão, e asim os suecos, como os Estados do Imperio juntos com os Plenipotenciarios de França pretendem agora que de todo o modo se tire a dita declaração, e que fique Sua Magestade comprehendido pura e simplesmente, asim como Suecia o nomea, e como nisto estão todos unidos deve o Emperador concentillo, e quando queyra declarar algũa couza será só que isso não prejudique a ElRey Catholico.

Argumentando agora deste negocio para os que se tratão com Sua Santidade sobre haver de nomear a Sua Magestade no provimento dos bispados de Portugal, e haver de receber seu Embaixador, afirmo a Vossa Paternidade que não sey como os castelhanos podem querer de Sua Santidade, que sendo cabeça de toda a Christandade, e Pay de todos, faça contra Portugal, o que não faz a cabeça da sua mesma caza, que he o Emperador, que ja consente que Sua Magestade seja comprehendido na paz do Imperio, e que no tratado que elle ha de asignar, vá com seu Real titullo nomeado por parte de França e de Suecia; poiz como pode impedir que Sua Santidade asigne as bullas dos bispados só porque Sua Magestade ha de hir nellas nomeado por Rey.

Se ainda se responder que os Imperiays pella declaração que tem feyta não reconhecem a Sua Magestade, mas somente consentem que outrem o qualifique e reconheça no seu tratado a isto se responde que a dita declaração se não aceyta aos Imperiays, antes os obrigão *(sic)* a que a tirem, como se espera brevemente; e quando se lhes consinta o declarem *(sic)* que não he sua tenção qualificarem a Sua Magestade em prejuizo d'ElRey Catholico, que maior extremo podião esperar os castelhanos de Sua Santidade que respeytallos em a clauzulla (sine præjudicio) assim nos provimentos, como no receber da obidiencia.

2° se responde que basta que o Emperador sendo igualmente da caza de Austria e cabeça della contra ElRey Catholico, sendo seu cunhado, primo e aliado consinta já pello bem do Imperio que Sua Magestade seja incluido na paz delle, e nomeado por Rey no tratado, que elle ha de asignar para que Sua Santidade não fassa menos pello bem da Igreja que governa, nomeando a Sua Magestade como he custume da See Apostolica com o Real titullo com que está possuindo o seu Reyno, sem declaração

algũa, poiz a faz o Emperador como parte e como enteressado ainda no que toca ás heranças de Castella, pella esperança do parentesco que tem seus filhos; e Sua Santidade nem ha de crer que o seja, nem deve nunqua mostrar se parte.

Por estas rezões cuido que Sua Santidade ja querera reparar o que se tem perdido no espiritual, e sem maiz dilação acudirá a tudo como convem, e que ainda que pellos Imperiays se não emmendasse a forma do papel, que se remete a Vossa Paternidade, basta essa, e sobeja para que Sua Santidade admita a sua obediencia hum Rey que ha tanto tempo que reyna, e que vay já nomeado e comprehendido no tratado geral da paz do Imperio.

Poiz quanto a paz de Castella, e á grande pertinacia com que estão os castelhanos em não quererem consentir que Portugal fique em hũa tregoa, posso affirmar a Vossa Paternidade como quem está mui de dentro, e com experiencia de tantos annos em este Reyno, que visivelmente paresse que tirou Deos todas as luzes, e ainda todo o racional a Castella, poiz não acabão de presuadir ce que armão n isso contra a sua monarchia hũa total ruyna, e hũa desolação conhecida porque os castelhanos se enganão em cuidar que França ha de dezistir da comprehenção e tregoa que pede para Portugal, e que asim ficando de fora, elles hão logo de conquistallo, fundam se em que França se foy relaxando de algũas pretenções do nosso Reyno, e que asim hirá fazendo de todas athe ficar Portugal fora da paz. Pregunto agora por que cauza se não concluem logo os tratados? e dirão todos que a principal he sobre as couzas de Portugal, em rezão de que França está obrigada a asistillo de todo o seu poder, e dar lhe socorros de mar e terra, e que quer ficar livre para isso, e que os castelhanos reparão muito no medo dos socorros, receando que haja *(sic)* n isso mais que mudar se o citio da guerra, e ficando em paz França por todas as mais partes, acenda mayor guerra dentro de Hespanha, e lh a abraze pellas fronteyras de Portugal; e não só isso, mas que as tropas auxiliares de França entrando por Castella, em favor de Portugal, se fiquem com as praças portos de mar que tomarem, e cerquem a Portugal d aquella parte de Galiza, como a tem ja cercada pella parte de Catalunha.

N isto reparão os castelhanos, e reparão com muito juizo e rezão, mas a esta luz que Deos lhe dá lhe perturba logo o odio e vingança para que lhe não procurem o remedio a este damno, que era só darem hũa tregoa a Portugal, vendo que França não ha de dezistir de ficar livre para

deixar *(sic)* os ditos socorros, e que essa he a sua rezulução, e que Suecia e os mais aliados hão de dalos; poiz para que se enganão os castelhanos em cuidar que França quer abandonar Portugal; e se lhes parecesse isto por ver que França não faz as forçozas instancias que podera para que Portugal ficasse comprehendido em hũa tregoa, não tratem da superficie disto vão ao fundo, e tratem de penetrar por que França se quiz empenhar mais pellos socorros que pella tregoa, custando lhe os primeiros tanto, e podendo alcançar esta sem custos; conciderem que França se não empenhe toda pellos grandes enteresses que tem de se conservar Portugal, e logo lhes ficará muy clara a rezão de que he verdade que os francezes não querem meter todo o esforço para que Portugal fique em hũa tregoa tambem he verdade que isto he para meterem todo o esforço na guerra de Portugal, com que fique Castella em hũa guerra de que se abraze toda, mandando França a lenha para o fogo, como tambem os mais aliados, sem se queimarem; poiz como está inda cega Castella! que para evitar com honra esta ruyna ella mesma devia procurar que Portugal ficasse com tregoa.

Dirão os castelhanos que se isto fora asim, que os portuguezes folgarião antes de ficar em guerra, e não sentirião tanto o não se lhes querer dar hũa tregoa, pois estando seguros de tantos e tão grandes socorros, não só tinhão certo sua defensão, mas ainda conquistarião muito dentro em Castella. A isto se responde com o exemplo daquelle grande cappitam que foy matar a hum elefante armado, e havendo o morto, ficou debayxo delle, quando cahio, e morreu tãobem oprimido do seu grande pezo, e do seu mesmo triunpho. As tropas auxiliares tanto infestão os lugares a quem *(sic)* socorrem, como os lugares que accometem, e não he tão cego nosso odio contra os castelhanos que queiramos enterrar nos nos triunphos com que os vencermos, nem perder hum dos olhos por lhe tirar anbos os do seu Reyno.

Sua Santidade he tão prudente e tão eloquente que houvera de abrir os olhos e ser o medianeyro desta tregoa, tomando este negocio muito a sua conta, pello remedio de Castella, e pello alivio de Portugal, e provera a Deos que eu lhe pudera dizer estas rezões, ou fazellas ler em secreto, mas tãobem cuido que isso era escuzado, poiz quando ellas forão necessarias muito melhores e com mais juizo e discrição as dissera Vossa Paternidade, a quem pesso perdão de haver cido tão largo, e de deixarme levar tanto do zello e do cuidado, que não reparasse em ser só para á

vista esta materia, e asim fique entre nós, e se parecer a Vossa Paternidade que passe, bem sabe para onde. Deos guarde a Vossa Paternidade Amiens 20 de Junho 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Junho 23

Recebi a de Vossa Paternidade de 27 do passado e em 15 deste mes estive com o senhor Cardeal Mazarine e falandolhe nos negocios de Roma me dise que o Marquez de Fontané levava ordem para fazer as deligencias necessarias assi que visto ser chegado com elle deve Vossa Paternidade ajustar as que se ouverem de obrar e bom he que o Papa persevere ainda em seus prepositos, e mal poderá duvidar de nomear a Sua Magestade quando o Emperador cunhado de ElRey de Castella o não duvida, como Vossa Paternidade verá do papel que com esta mando, e se ficava agora por parte dos suedezes para se tirar a declaração que o Emperador punha no principio, e se entendia se venceria pondo em seu lugar algũa outra palavra de protesto, mas a paz com Castella se tem por serto estar dilatada, e assi não he rezão dilatar o Papa mais fazer justiça acodindo ao remedio de tantas almas.

Com rezão se rio Vossa Paternidade do que o Castelhano referio a Francisco Nunez Sanches o Forragaitas. Entendo não alcançará a permissão em Portugal.

Rezão fora daremse a Gaselete as vinte e sinco pistolas, assi o deve Vossa Paternidade escrever a Sua Magestade, e vindome ordem as mandarei logo. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Amiens e Junho 23 de 1647.[2]

[1] *Copia incorrecta, na* Biblioth. d'Ajuda, *Mss.*, Thesouro Encoberto, tomo 1, fol. 76.

[2] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 99.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Junho 29

Recebi a breve *(?)* de Vossa Paternidade de 3 do corrente com a memoria da supplica feita por Antonio Mendez Henriquez de que na primeira ocasião que se ofrecer avizarei a Portugal.

Grande bem fora para tudo que as revoltas de Napoles e Cicilia continuasem e tambem não fora máo ter Vossa Paternidade ahi o que deseja visto a ocasião presente.

Sua Santidade deve rezolver se a fazer justiça a Portugal, porque esperar pella paz he esperar pella vinda delRey Dom Sebastião, e todos entendem que temos guerra em Europa para muitos annos.

Já desejo saber o que Vossa Paternidade passou com o Marquez de Fontané o qual escreve cá que não ha mais palavras que as que achou no Papa queira Deos que assi sejão as obras para as cousas de Portugal e a Vossa Paternidade guarde como pode. Amiens e Junho 29 de 1647.

Grande he a tardança que temos de novas de Portugal que me tras com bem de pena junto a outras que aqui nos faz padecer o senhor Cardeal Mazarine com seus desenganos, assi que so Deos que he o tudo, temos por nós. Digo isto para que Vossa Paternidade se não fie de franceses se bem he força dissimular e não se dar por entendido e negocear por sua via com grandes mostras de confiança e pellas mais que se ofrecerem porque serão as mais sertas.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 100.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1641—Julho 4

Tomame a reposta que devo fazer á carta de Vossa Paternidade de 10 do passado com muita occupação e assim he força que seja breve.

Ja desejo que Vossa Paternidade me avize de haver falado ao Papa porque de toda a parte se segura que esta bem inclinado para o provimento dos Bispados e fazendoo em forma conveniente bastará por hora, e outra vira para o recebimento de Embaixador, pois de hũa cousa se segue a outra, e de mandar Nuncio por ser enteresse seu, e bom fora estar isto feito antes que la chegára a nova do Principe de Condé haver levantado o sitio de Lerida sem ocasião nenhũa mas ficava em campaña com o exercito junto delhe Deos bom sucesso.

O Marquez de Fontané obrara em nosos entereses como julgar que convem aos de França e a pretenção do Padre Mazarine folgo de saber o que Vossa Paternidade me diz de Paloto.

O paquete de Vossa Paternidade para o secretario Pedro Vieira tenho remetido por via de Bordeos. Diogo de Sousa levou mui boa conezia, e não sei se bastará isso para se hir para o Reyno e enquanto não vier reposta a Vossa Paternidade de Sua Magestade do que lhe tem escrito sobre estas materias me parece deve Vossa Paternidade dissimular no publico, e queixarse ao Papa em particular, e apertar pello provimento dos Bispados. Eu ha muito tempo que sou de parecer que Sua Magestade não mande em seu nome fazer em Roma requerimento para particular nenhum.

Estando em Roma o Bispo eleito de Elvas lhe escreveo Sua Magestade hũa carta que daqui lhe mandei en que lhe ordenava, que tanto que os negocios estivesem correntes pedisse em seu nome despensasão a Sua Santidade para Dom Francisco Lobo meu sobrinho filho do senhor Barão comer com o abito que tem de Christo hũas pençoes. Façame Vossa Pa-

ternidade merce avizar se lhe ficou esta carta entre os mais papeis que o padre João de Matos devia entregar a Vossa Paternidade para que havendo ocasião se não descuide Vossa Paternidade deste particular como do das penções de meu filho.

Escreverão me dessa Curia que mandára o Papa sahir della e que era sahido Luis Alvres de Tavora; e o Geral de S. Francisco o padre Cavalgante mas como Vossa Paternidade me não aviza disto entendo ser falso. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Amiens, e Julho 4 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Julho 9[2]

Tive hoje audiencia do Conde de Briana havendo ontem recebido a carta de Vossa Paternidade de 17 de Junho, e amanhaã chego a Pariz, mas tornarey a voltar se os negoceos o pedirem e entretanto fica aqui o Rezidente.

Ao Conde de Briana torney a recomendar os negoceos de Roma diz que escreverá, mas o certo he que Fontane ajustara primeiro todos os mais e que deixara para o fim o de Portugal, e assi não convem dilatar Vossa Paternidade o falar ao Papa. E se as revoltas de Napoles e Sicilia forem por diante bom negoceo teremos, mas receio que todas parem em nada.

O Cardeal Mazarini anda muy enfadado com os roins successos desta campanha porque Landrecis perder se ha brivissimamente, e Deos sabe qual he milhor para Portugal.

Visto o que o Cardeal Este respondeo sobre Farnez bom sera continuar a practica sem empenho de Sua Magestade, e veja Vossa Paterni-

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss* 1, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 101 v.

[2] *Posto que no documento esteja* Junho, *d'elle se vê que é engano em vez de* Julho.

dade que não queirão os francezes grangear Farnes com a merce que Sua Magestade lhe faz e quando elle a aceyte se lhe podem dar quatro mil cruzados de penção e eu assi o votarey por me parecer razão.

Que a conezia d'Evora se desse a hum ou o outro importa pouco mas conviria que Vossa Paternidade procurasse alcançar a copia da suplica que Diogo de Sousa fez.

Tudo o que o Arcebispo Mazarine disse que tinha que falar a Vossa Paternidade sera nada. Seu irmão anda muy malquisto. Hoje fiz com o Conde de Briana a ultima dilligencia sobre os negoceos veremos o que aproveita de que avizarey a Vossa Paternidade.

A Londrez chegou hum navio que de Lisboa se escapou com trabalho diz que em todo o Reyno havia embargo geral nos navios por razão de huma grande armada naval que se aprestava veremos o em que para. Deos guarde a Vossa Paternidade. Amyens e Junho 9 de 647.[1]

Carta d'el-Rei ao Marquez de Niza, Embaixador em França

1647 — Julho 12

Honrrado Marques amigo Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que preso. Com carta de 3 de abril remeteis duas de frey Manoel Pacheco Religioso da Ordem de Santo Agostinho e residente em Roma; diz em hũa dellas, que refere ser feita em 10 de março passado que tem alcançado havera meyos para Sua Santidade conceder letras dos Bispados, com clauzula nas bullas, tu qui nobis á Portugalliae et Algarbiorum Rege fuisti propositus, e se este aviso de frey Manoel tem a certeza que elle promete, he muito para estimar e para lho agradecer: avisailhe logo que de muito boa vontade aceitarey as Bulas com esta clauzula, e mandareis dar d'alviçaras 20$ cruzados que podereis prometer para os dar a hũa só pessoa, ou para os repartir por maes, e se enten-

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 107.

derdes que esta quanthia he menor que a que se deve por negocio tam grande a podereis acrecentar, e se tambem vos parecer, tendo respeito a qualidade das pessoas que entrão nesta negoceação de que conviera terdes noticia ou a outras razões que convem diminuir a quantia o fareis tambem, escrevendo logo sobre este negocio que pede toda a brividade pello mizeravel estado a que tem chegado o governo espiritual neste Reyno; e por se acaso se conseguir este intento, convem que as bullas se não retardem, vos vay com esta hũa carta para o padre Nuno da Cunha em que lhe aviso as expida concedendo sse com a clauzula que fica appontada, porem não lha mandareis por não romper o segredo que tanto encomenda frei Manoel senam dispoes que tiverdes avizo seu de ter conseguido aquelle intento, e os 20$ cruzados quando não aja lugar de me avizardes, e hirem a tempo deste Reyno os dareis dos effeitos que se vos tem remettido, e vos mandarey remetter outra tanta quantia como for a que nisto despenderdes. O que appontaes de se dar a protecção deste Reyno ao Cardeal Farnez me pareceo muito bem, mas por ora ha certa razão para se sobestar nesta nomeação. Assy o tende entendido. Escrita em Alcantara a 12 de julho de 647.—*Rey*. ⋮ .

Para o embaxador de França.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, a Frei Manuel Pacheco

1647—Julho 19

Recebi juntas quatro carta de Vossa Paternidade de 27 de Mayo 3 10 e 17 de Junho, e como são tantas e eu não com menos occupações responderei conforme o tempo me der lugar.

No correio que vem mandarei carta a Vossa Paternidade para o Marquez de Fontané e já a tenho mandado para o Abade de S. Nicolao

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{28}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 201 *e* 202.—*Sobrescrito:* Por ElRey—Ao Honrado Dom Vasco Luis da Gama Marquez de Nisa Almirante da India do seu conselho de estado e seu Embaxador extraordinario em França.

e não sei donde se podia perder a primeira, para o Marquez del Bufalo a não mando porque havendo lhe escrito da outra vez que aqui estive não foi servido de me responder, mas nem por isso falto em desejar que se ofreção ocasiões en que o possa servir pois me he presente o que ama o bem de Portugal e serviço de Sua Magestade, que estimo lho haja significado por sua Real carta, e espero que por seu meyo havemos de ver mais avançados os negocios de Portugal por que veja e experimente o agradecimento de Sua Magestade.

Sobre o negocio do Padre frei Martinho Comissario Geral, não tenho de novo que dizer a Vossa Paternidade sendo serto que Vossa Paternidade se não descuidará.

Fico esperando pella copia do papel que de palacio se pedia a Vossa Paternidade: queira Nosso Senhor inspirar em Sua Santidade que nos faça a justiça que tanto temos de nossa parte. Sobre Diogo de Sousa tenho ja respondido a Vossa Paternidade que Deos guarde como pode. Amiens e Julho 19 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647—Julho 25

Recebi a de Vossa Paternidade de 23 do passado com a nova cifra de que fico entregue, logo faley com o Conde de Briana dizendo lhe o que Vossa Paternidade me escreveo. Confessou me que era verdade que o Marquez de Fontane não falava em nada por o padre Mazarine não consentir que fale em negocio nenhum sem o seu estar concluido e que o Marquez que tinha medo de fazer outra cousa, mas que me prometia de lhe tornar oje a escrever. O Conde he bella pessoa mas pode o que pode que he pouco, e o Marquez pello que nos toca obrará menos segundo entendo,

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 109.

e assi que vendo isto e o que Vossa Paternidade me diz de que se oje se achara com dez mil cruzados acabara o negocio me resolvi a escrever a Manoel Rodrigez de Matos que esta em Liorne a carta que com esta será que mando aberta en que lhe digo mande a ordem de Vossa Paternidade hum credito de oito mil cruzados o qual Vossa Paternidade lhe mandará pedir na ocasião que parecer e delle pode Vossa Paternidade comprar as joyas ou dar o mesmo credito que inda sera mais estimado mas importa que Manoel Rodriguez mande o credito com grande segredo, e assi ordenará Vossa Paternidade o modo com elle e advirto a Vossa Paternidade que deste dinheiro não ha Vossa Paternidade de despender nem hum tostão senão fazendo se o negocio com efeito recebendo Vossa Paternidade com hũa mão o despacho, e dando as alviçaras com a outra sem se fiar Vossa Paternidade de palavras, e as partes pode Vossa Paternidade segurar com o mesmo credito e com esta condição e cautelas he que remeto a carta para Manoel Rodriguez e o faço sem ter ordem de Sua Magestade, mas entendo convem a seu serviço: bem sabe Vossa Paternidade que ho negocio he provimento dos Bispados nomeando se Sua Magestade ou recebimento de Embaixador, não falo em Nuncio porque tanto que os dois primeiros ou hum for despachado logo o Papa o mandará porque lhe convem, e se em minha mão estivera poder ajudar Vossa Paternidade em outra forma creya Vossa Paternidade que o fizera e se vir o principio pello provimento dos Bispados nomeando se Sua Magestade bem caminhamos, sem a nomeação não ha que falar.

Despois desta feita recebi outra de Vossa Paternidade do primeiro do corrente com a de Sua Magestade que encaminharei e por muitas vezes lhe tenho recomendado as mais das cousas que Vossa Paternidade lhe adverte e o tornarei a fazer, asima digo a Vossa Paternidade como o Conde de Briana me confessara que o padre Mazarine não consentia que o Marquez de Fontane falasse em mais que no seu negocio, e logo mando o Rezidente a casa do Conde mostrar lhe a carta que Vossa Paternidade me escreve para que veja se ganhamos ou perdemos com a hida do Embaixador a Roma, eu senhor faço o que posso e não deyxo perder as ocasiões, mas não posso tudo o que desejo. Se Vossa Paternidade tornar a falar com eses senhores de França lhes pode dizer, que aqui tratão comigo o que querem e que eu replico com rezões provaveis e que se conhecem mas que me não aproveytão e creya Vossa Paternidade que não acho já que alegar nem que arrezoar, o que Vossa Paternidade pode ter por serto

he que a paz com Castella está mais dilatada do que alguns cuidão e que primeiro se hão de fomentar com grande calor as tormentas de Napoles com cuja nova chegou correio ao Cardeal terça feira, e estão aqui mui contentes e eu para o estar de todo espero que vão mais por diante. Não se descuyde Vossa Paternidade do que Francisco Taquete lhe tem escrito sobre Sua Alteza, e com isto não tenho tempo para mais. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Amiens e Julho 25 de 1647.[1]

Carta d'el-Rei ao Marquez de Niza, Embaixador em França

1647—Agosto 1

Honrrado Marques amigo Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que preso: com hũa carta vossa de 2 de Junho se recebeo a copia de outra do Padre Nuno da Cunha em que refere o que passou com o Papa em hũa audiencia larga que teve sua, sobre a confirmação dos Bispados destes Reynos, e na mesma conjunção se recebeo esta mesma carta de Nuno da Cunha e outras muitas, mandolhe responder que me conformo com o seu parecer de muito boa vontade e que se o Papa quizer confirmar os Bispados na forma ordinaria ainda que seja com a clausula de suplicação, expida com estas bulas tãobem as de motu proprio dos tres Bispados que Sua Santidade confirmou com esta clausula, cortando nesta parte por my, por lhe dar gosto, e por acodir as gravissimas necessidades que padece o governo espiritual destes Reynos. Quanto na edição *(sic)* do Cardeal Protector em que me fallaes, não convem por ora tomar resolução, e as razões que para isso tenho são tam justificadas que estou certo volo havião de parecer se fora tempo de volas referir, das pessoas de Dom Diogo Lobo, e Luis Pereyra de Castro tenho a lembrança que pedem seus grandes merecimentos, aggradeço vos com tudo a que me fazeis,

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 114 v.

e he muito conforme ao que sempre exprimentey de vossa verdade e de vosso zello. Escrita em Lisboa ao primeiro de Agosto de 1647.—*Rey*. ⋮ .

Para o Marques de Nisa.[1]

Carta d'el-Rei ao Marquez de Niza, Embaixador em França

1647—Agosto 2

Honrado Marquez Embaixador amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que prezo. Despois de se vos ter feito reposta á vossa carta com que enviastes hum papel de frei Manoel Pacheco sobre hum arbitrio acerca da confirmação dos Bispados, se receberão outras de Nuno da Cunha, em que diz tem por certo que Sua Santidade fará justiça a este Reyno, e se assy for de nenhũa maneira convem uzar daquelle arbitrio; assy o ordenareis, e quando nos dezenganemos, de que não são verdadeiras as esperanças de Nuno da Cunha, então com esta certesa terá lugar o que vos escrevy sobre o arbitrio de frei Manoel Pacheco. Escrita em Lisboa a 2 de Agosto de 1647.—*Rey*. ⋮ .

Para o Marquez de Nisa.[2]

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{28}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 218 *e* 219.— *Sobrescrito*: Por ElRey — Ao Honrado Dom Vasco Luis da Gama Marquez de Niza Almirante da India do seu conselho de estado e seu Embaixador extraordinario em França.

[2] Idem, idem, fol. 222.— *Sobrescrito*: Por ElRey — Ao Honrado Dom Vasco Luis da Gama Marquez de Niza Almirante da India dos seus conselhos de estado e guerra, e seu Embaxador extraordinario em França.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Agosto 2

Recebi a de Vossamerce *(sic)* de 8 do passado a que faço reposta ja desta Villa para donde voltey por a Corte se vir recolhendo a ella, mas fará detença de quinze dias por vir por Normandia.

O Embaixador de França por mais que prometa a Vossa Paternidade não ha de falar em nosas cousas senão no tempo en que tiver por serto que lhe não fara impedimento as suas e ao capelo do Mazarine e julgo que sem embargo do que este disse a Vossa Paternidade deve Vossa Paternidade falar ao Papa hũa e muitas vezes e ver se pode ensacar a determinação do Papa.

No correio passado escrevi largo a Vossa Paternidade e mandei hũa carta com o credito de oito mil cruzados para Manoel Rodriguez de Matos os dar a Vossa Paternidade sendo necessarios para o negocio, e queira Deos que os queirão a troco de fazerem o negocio porque bem barato viremos a comprar, e se as revoltas de Napoles e Cecilia forem por diante creyo que seremos respondidos.

O Vice Coleitor me escrevem era entrado em Roma o qual creyo não falara tam bem como o Auditor a que convem que Sua Magestade agradeça o procedimento que ha tido. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris e Agosto 2 de 647.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* 1, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 121.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, a Frei Manuel Pacheco

1647 — Agosto 2

Recebi a de Vossa Paternidade de 8 do passado com o papel italiano que folguei muito de ver e me parece mui ajustado, e que de todos será estimado, e bem recebido, e procurarei mandar traduzilo em portugues para o remeter a Sua Magestade.

Por ora nos contentaremos com as duas cousas a saber provimento das igrejas e mandar Sua Santidade Nuncio a Portugal, porque com isto acodia ao espiritual que he o que Sua Magestade traz diante dos olhos que o recebimento de Embaixador seu tempo teria.

Não duvido que Bagtaline seja Monsenhor porque o seu dinheiro para muito mais he e sem escrupulo lho pudera Sua Santidade tomar todo pois tão mal o ganhou: que as revoltas de Napoles e Cecilia vão por diante he o que queremos por serem convenientes para tudo. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Paris e Agosto 2 de 647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Agosto 16

Recebi juntas duas cartas de Vossa Paternidade de 15 e de 22 de Julho e com a segunda hum paquete para o secretario Pedro Vieira que lhe encaminharei na primeira ocasião. Fez Vossa Paternidade mui bem no

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 121 v.

que disse ao Abade de S. Niculao porque o Marquez de Fontané he serto não ter falado ao Papa nos negocios de Portugal nem lhe ha de falar ate que o padre Mazarine esteja feito Cardeal assi que Vossa Paternidade por si deve trabalhar e falar a Sua Santidade todas as vezes que puder e seguir em tudo as ordens que Taquete avizar a Vossa Paternidade da parte daquella pessoa por ser o mesmo que telas do Infante e no interim não podem deixar de chegar navios de Lisboa pelos quoais virão rezoluções de Sua Magestade.

O Emperador he cunhado delRey de Castella e depende delle e asi tem feito asaz em consintir que a Rainha de Suecia nomeasse nos tratados a Sua Magestade. Sua Santidade he pai comum e assi deve de fazer mais algũa cousa daquilo que fizer hum enemigo de Portugal.

. . . . . .[1]

Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris e Agosto 16 de 1647.[2]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647—Agosto 23

Estimo serteficarme Vossa Paternidade por esta sua carta de 29 do passado que havião mandado sahir de Roma Luis Alvres de Tavora que inda que meu parente, nunca faley com elle e o padre Cavalente *(sic)* porquanto não erão de utilidade nessa Curia.

Ja tenho escrito a Vossa Paternidade quanta conta pode fazer de tudo o que lhe avizar Francisco Taquete por ser pessoa de toda a confiança e de quem se fia muito por suas partes e fidelidade.

Alegrome de Vossa Paternidade me segurar que assi o Cardeal dEste como o Marquez de Fontané e Abade de S. Niculao obrárão com

[1] *Assumpto extranho.*

[2] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 128.

verdade e bom coração nas materias de Portugal porque eu lhe punha muita duvida ate concluirem o negocio de Mazarine e Duque de Modena, e assi mo tinha claramente dado a entender o Conde de Briana, e o verdadeiro caminho era falar claro ao Papa prometendolhe alviçaras pello que obrar pois a ocasião o pede estando a paz dilatada, e as revoltas de Napoles e Cecilia não pararem e o parecer do amigo de Taquete este he tambem, e eu da minha parte hei feito o que pude na carta que mandey a Vossa Paternidade para Manoel Rodriguez de Matos e de Portugal não nos podem ja tardar navios. do Brazil chegou hum a Rochela que passa a Olanda com avizo de ter chegado a salvamento á Bahia o Mestre de Campo General Francisco Barreto com as caravellas en que de Lisboa partio com munições, e mantimentos, e quatrocentos soldados e foi dita por andarem na barra da Bahia os navios olandeses, com o segundo socorro que se apresta crera Deos dar bom sucesso ao Governador.

Fico esperando pella copia do papel que Vossa Paternidade me aviza tinha feito para por mão do Embaixador de França dar a Sua Santidade, o qual queira Deos seja melhor visto que muitos outros que se tem dado.

. . . . . [1]

Guarde Deos a Vossa *(sic)* Paris e Agosto 23 de 647.[2]

[1] *Assumpto extranho.*

[2] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 133 v.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1641 — Agosto 30

De 5 do corrente he a ultima que recebi de Vossa Paternidade a que ha pouco que responder, e se os castelhanos se ensoberbecerão com o levantar do sitio de Lerida e tomada de Landresis, tambem se puderão abater com a presa de Dismunde e Labasea e com as revoltas de Napoles e Cecilia e puderão estas cousas servir de estimulo ao Papa para nos deferir, pois não tem que se temer de Castella, e estar a paz entre as duas Coroas muy dilatada e termos nós sertos (em caso que fiquemos em guerra) os grandes socorros de França, e de Suecia, dos primeiros estou aquy fazendo os tratados eu com poderes de nosso amo, e o Marichal de Vilha Roey e o Conde de Briana e Monsieur de Telhier Secretario de Guerra por parte de seu Rey de que mandarei a Vossa Paternidade a copia a seu tempo, e em Suecia esta fazendo o mesmo tratado João de Guimarães nosso Rezidente com o Grão Cancilher daquelle Reyno e são em boa forma, e assi se deve Vossa Paternidade tornar a ver com o Papa para lhe declarar o pouco que tem que temer delRey de Castella com as revoltas de Italia, e quão dilatada está a paz, e que quando esta se faça fica Portugal tendo por sy todas as forças de França e Suecia, e outras que não convem declararemse por hora, e que assi julgará se será facil cousa a ElRey de Castella tornar a ser Rey de Portugal, e havendo mister para cada praça que queira ganhar nas nossas fronteiras hum exercito e muito tempo por serem grandes as fortificações que em todas se tem feito que no principio do verão que vem se terão acabado com perfeição principalmente Elvas, Olivença, e Campo mayor que são as mayores, e julgue o Papa se quando o Conde de Monte Rey estando Olivença sem fortefica-ção e levando 18$ homens a não pode levar, nem despois o Marquez de Leganes com 14$ nem o Marquez de Torrecussa com 20$ a Elvas que não tinha fortificação nenhũa como as levarão estando regularmente for-

teficadas e tendo os poderes de França e Suecia e outros para as ajudarem a defender, e assi convem apertar Vossa Paternidade hũa e muitas vezes com o Papa e dar lhe a entender que ha de ser bem servido e juntamente não largar mão da negoceação intentada sobre o Senhor Infante ser logo depositado em seu poder por importar isto muito.

De Roma se me mandou a memoria que com esta mando a Vossa Paternidade com todo o segredo para Vossa Paternidade se informar do que ella trata para com isso podermos dar com serteza conta a Sua Magestade.

Grande diz que he a armada que em Lisboa se aprestava e eu entendo que ha de vir parte a Levante brevemente teremos a serteza. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Paris e Agosto 30 de 647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Setembro 6

Com a de Vossa Paternidade de 12 do passado recebi outra para Sua Magestade que junta com a copia da que veyo para mim tenho encaminhado e a minha por duas vias, e he grande a novidade de porem os Ursinos junto com as armas de França as de Portugal. Com esta demostração (pois são os primeiros que se declarão por Portugal) querera hum obrigar a Sua Magestade que o declare por Protector honrando o com isto, e outro por seu Embayxador a imitação do Duque Savely que o era do Emperador, e lembrado estara Vossa Paternidade que lhe escrevi algũas vezes dizer me com grande segredo o Conde de Briana que o Cardeal Ursino pretendia primeiro que se declarasse por França ser Protector de Portugal porque como era Cardeal tão caleficado ficava com isto mais au-

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 140.

thorizado e despois correo publicamente que o era e que o Duque daria a obediencia em nome de Sua Magestade, e para o não ser se me não ofrecem de presente inconvenientes, e sendo Senhores de tão grande casa que só com os Colonas tem competencia sobre as precedencias Vossa Paternidade he serto que os tera já visitado e tirado delles seus intentos, e o que os moveo áquella demostração e do que Vossa Paternidade nelles descobrir espero me avize, e sendo morto Farnes muy bem cai a protecção em Ursino.

Confesso a Vossa Paternidade que não entendo o modo de falar do Marquez de Fontané em dizer que França não fazia a confederação com Portugal por não ter outro enemigo como Suecia porquanto nunca tão unidas como oje as duas Coroas *(sic)* pois rezolutamente ordenou a Raynha de Suecia a seus Plenepotenciarios que sem França não concluissem a paz com que aqui estão muy contentes e asi cremos cahio a paz em hum poço, e o Duque de Longa Villa sera aqui brevemente. E de Munster se vão sahindo muitos Embaixadores e que todos se venhão he o que por hora melhor nos está, e de mais disto nunca Suecia esteve tão conforme com Portugal como de presente pois estamos fazendo tratado de socorros de parte a parte e assim Fontané fala nisto com pouco fundamento, e o serto he que elle não falara ao Papa nos negocios de Portugal ate Mazarine não ser Cardeal que dizem terá fim para o Natal.

Estimo dizerme Vossa Paternidade que Panzirolo está hum pouco mudado e Capone belissimo porque tudo isto mostra sintirem boa inclinação no mayor, o qual vendo o pouco ou nada que Castella pode esperar de Napoles e que não ha esperança de paz nem de Castella fazer mais progressos esta campanha, he força que nos defira, e assi sou de parecer que Vossa Paternidade torne a falar hũa e duas vezes ao Papa tomando por causa procurar reposta do negocio do Senhor Infante, pois disse a Vossa Paternidade o deixasse cuydar nelle, e trate Vossa Paternidade por todas as vias de ver se o pode concluir por importar muito e para isso não he necessario ordens de Portugal porque eu as tenho delRey para segurar se pagará sem duvida tudo, e asi convem que Vossa Paternidade não se descuide advirtindo que quando isto venha a ter efeito que ha de declarar ElRey de Castella que o faz somente por entercessão do Papa e por lhe dar gosto e he isto asi necessario por rezão de Suecia, e á sombra deste negocio falará Vossamerce *(sic)* em os mais dos Bispados e Nuncio e sempre que venhão de Portugal os protestos havera lugar de

Vossa Paternidade tornar com elles ao Papa porque quantas mais vezes vir a Vossa Paternidade mais lembrado estará, e mais falandolhe Vossa Paternidade en que havemos de ser agradecidos e em ajudas para as obras, e espero que a Vossa Paternidade se hão de dever tão grandes negocios como estes são para o Reyno. E eu vi carta neste correio en que se diz que o Papa estava bem inclinado e assi convem não o deixar esfriar.

Com esta remeto outra carta que no correio de 16 do passado e por erro foi ao Embaixador Francisco de Sousa e a que fiz para elle devia hir a Vossa Paternidade que sera servido tornarma com os papeis que com ella fossem se acaso hião. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris e Setembro 6 de 647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, a Frei Manuel Pacheco

1647 — Setembro 6

Recebi a de Vossa Paternidade de 12 do passado a qual fiz copiar por duas vias, e as tenho remetido a Sua Magestade que Deos guarde, para que mandando ver e considerar as materias de que tratão, que são graves e pesadas rezolva o que se ouver de seguir, e no interim com toda a cautella vá Vossa Paternidade pondo a tudo deficuldades a esse Secretario que com Vossa Paternidade as comoniçou, porque nestes particulares ha muito que considerar nos quoais me não alargo mais pois dependemos de reposta de Lisboa e por isso avizey por duas vias.

As poucas novas que aqui alcancei de Lisboa por navio chegado a Ruão sem cartas mandei pello correio passado a Dom Vicente Nogueira do qual Vossa Paternidade as haverá sabido e seja Deos louvado que em tudo o que levantarão contra Sua Magestade e aquelle Reyno hão ficado mentirosos como tambem no que disserão de Barcelona.

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 144 v.

No correio passado tive reposta do Abade de S. Nicolao en que me diz que com muito gosto favorecerá a Vossa Paternidade, o que eu estimarey muito.

Não me diz Vossa Paternidade nada do Cardeal Ursino e do Duque seu parente e da novidade das armas que pos, nem eu tenho tempo para ser oje mais largo. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris e Setembro 6 de 647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Setembro 18

Recebi a de Vossa Paternidade de 2 do corrente alegrando me dizer me Vossa Paternidade que entendia que nas juntas que se havião feito em presença de Sua Santidade se havia asentado em nosso favor assi que o que agora importa he acabar de sahir a rezolução e que acabe de chegar o Padre Antonio Vieyra com as ordens de Sua Magestade salvo *(sic)* Vossa Paternidade teve algũas pellos navios de França que tomarão Cascais, e são chegados a Tolon por onde eu tive cartas mas não de ElRey, ...[2]

Entendo que nada perdemos no que eu disse ao Conde de Briana em rezão do seu Embaixador que ahi asiste e he ás vezes mostrar que entendemos o que se nos faz e conhecemos as obrigações en que a cada hum estamos sendo serto que enquanto o frade não for Cardeal e os Barbarinos de todo acomodados, não ha Fontané de falar palavra em Portugal, mas sem isso espero que ha Vossa Paternidade de alcançar vitoria e que ha o Papa de acabar de conhecer que está o tempo maduro e propio para nos deferir. Neste correio tive carta do Marquez del Bu-

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 146.

[2] *Assumpto extranho.*

falo de grandes comprimentos; aquy visitey Barbarino e elle me pagou a visita.

Muita merce me fez Vossa Paternidade no que me avizou de Brandão e Diogo de Sousa a que respondo com o papel junto, que Vossa Paternidade sera servido ver e dizer me o que lhe parece segurando se Vossa Paternidade que não trato por hora com Brandão em mais que em compras de quadros e estatuas e outras cousas semelhantes e que o que tóca a negocios me não lembra para que escrever sobre elles a Roma mais que a Vossa Paternidade, porque já conheço tudo o que por lá ha.

Em muy boa altura vai Sua Santidade pondo os provimentos de Portugal dos beneficios e se continuar no bom proposito não estara Brandão contente.

Soube agora que a Namtes tinhão chegado navios de Lisboa e que em Ruão havia cartas de 18 de Agosto en que dizem que ao estreito pasava a nosa grande capitana e Almirante e tres galiões mais amanham espero saber a serteza por ser dia de correio en que hão de vir as minhas cartas.

O Padre Antonio Vieyra tinha partido em 14 e se sospeita estará em Olona de que tambem amanham teremos novas. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris e Setembro 18 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Setembro 20

Recebi a de Vossa Paternidade de 25 do passado a qual fiz logo copiar por duas vias que remeti a Sua Magestade e o capitolo que toca a Entre Douro e Minho ao senhor Conde de Castel Melhor meu cunhado, por quanto mandei despachar hũa barca de Bordeos a Viana, e nella hum

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 161.

criado meu com avizos de importancia a Sua Magestade tocantes a todos os negocios que trazemos entre mãos e de como no fim do mes que vem me determino partir para Portugal se o Padre Antonio Vieyra que aqui esperamos me não trouxer ordens em contrario.

. . . . . .[1]

Fernando Brandão me avizou como as duas prebendas de Portugal ficavão providas em Francisco Barreto, e Christovão de Tavora.

Já desejo saber que Vossa Paternidade tem falado ao Papa porque estes sucesos de Italia e a serteza de que França não fará paz com Castella, e que quando Portugal estando defendendo todas suas fronteiras, tem poder para mandar ao Brazil trinta naos de guerra, far lhe ha isto grande abalo para nos acabar de deferir.

A corte he partida para Fonte Nebló d onde poderá ser que eu a siga. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris e Setembro 20 de 1647.[2]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, a Frei Manuel Pacheco

1647 — Setembro 27

De 2 do corrente he a que recebi de Vossa Paternidade com outra de Diogo de Sousa dentro da qual vinha a do Marquez del Bufalo as quoais faço aqui reposta que Vossa Paternidade lhes quererá dar e assegurar ao Marquez que foy a primeira que tive sua e que Pero Mendez me não mandou nenhũa porque a fazel o não tivera eu faltado com a reposta. Vay sem sobre escrito a carta do Marquez para Vossa Paternidade la lh o por com seus cargos não lhe falando nella mais que de Illustrissimo.

Do capitolo que que *(sic)* em hũa carta escrevy a Fernando Brandão tocante a Diogo de Sousa mando com esta a Vossa Paternidade a co-

[1] *Assumpto extranho.*

[2] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 158.

pia, e á margem por numeros as rezões que tive para o escrever, mando tudo isto não para satisfação nem para que saya da mão de Vossa Paternidade mas para justificar a minha rezão, e por me prezar muito de em todas as materias dar inteira satisfação de meu procedimento, e quando Vossa Paternidade o queira mostrar a Diogo de Sousa que não sahirá nem a copia do poder de Vossa Paternidade, e a mim me fica hũa para se em algũa hora se falar em Portugal na materia a poder mostrar.

Muito me alegra a continuação das revoltas de Italia que espero vão cada dia em mayor crecimento. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris e setembro 27 de 1647.[1]

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Outubro 4

Recebi a de Vossa Paternidade de 9 do passado e fico esperando que no correio que vem me mande Vossa Paternidade os papeis de que nesta faz menção para os tornar a remeter na fórma em que Vossa Paternidade m o ordenar.

Sempre escrevi a Vossa Paternidade que o Marquez de Fontané não havia de falar nos nosos negocios até que fizesse Cardeal o padre Mazarine porque assi m o tinha dado a entender em confiança o Conde de Briana, e se os franceses andavão frios porque não vinhão os tres navios que pedião a Tolon já poderão estar de outro bórdo pois partirão de Lisboa em 3 do mes passado con que já serão chegados de que vai por cabo João de Sequeira Varajão e Vossa Paternidade ou por estes navios ou pellas naos para Genova e Liorne havera recebido cartas de Sua Magestade com ordem para tudo em reposta de quantas lhe tem escrito e com ellas saberá Vossa Paternidade as deligencias que ha de continuar.

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 161 v.

As minhas cartas de ElRey não são ainda chegadas pellas trazer o padre Antonio Vieyra que aqui espero brevissimamente por ter avizo que chegou já a Inglaterra e despois disto chegarão navios á Rochela e a Namtes pellos quoais recebi cartas de minha casa de até 7 de Setembro e das novas que tive mando com esta a Vossa Paternidade hũa copia, e da carta que vay de Sua Magestade para Vossa Paternidade que entendo he com avizo da justiça que se fez em Domingos Leite em Lisboa em rezão das belezas que por elle mandava ElRey de Castella intentar, entendo que convirá muito buscar Vossa Paternidade via (e para ella me parece servirão muito os franceses) para que os cecelianos e napolitanos tenhão noticia deste intentado de Castella, para que se persuadão que no estado en que oje estão todo o conserto lhes será perjudicial, por ser serto o guardarão os castelhanos somente enquanto não puderem executar suas vinganças.

O Cardeal Panzirólo falou a Vossa Paternidade como politico mas não como catholico e eu me persuado que ao Papa o não ha de mover escrupulo para nos difirir senão algũa rezão de estado, ou algum enteresse.

A Corte está em Fonte Nebló para donde eu hirei dentro de dois dias.

Não tenho por serto a nova que se lá deu de estar prezo em Lisboa o irmão de Fernando Brandão antes eu tive carta sua ha poucos tempos. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris e outubro 4 de 1647.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 166.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647 — Outubro 15

Recebi a de Vossa Paternidade de 16 de Setembro em cuja reposta serei breve por andar mui ocupado com a vinda do padre Antonio Vieyra. Entendo nos acomodaremos com Olanda que he o que oje mais nos convem e feito isto logo França nos ha de olhar com outros olhos e tambem Roma. Não torno a mandar o papel que Vossa Paternidade me mandou por entender não ser necessario visto as ordens que sei tem Vossa Paternidade de Sua Magestade que são em conformidade do que Vossa Paternidade dahi e eu daqui lhe escrevemos quererá Deos que obrem o que desejamos e que junto a nossa justiça as revoltas continuadas de Napoles e Cecilia entrada no Milanes das armas de França, sitio de Cremona pello de Modena, e o que tem posto o Principe de Condé a hũa praça de Aragão e o que levantou em Dismunda o Archiduque com tanto descredito fação rezolver a Sua Santidade a rezão por hora não rezolve Sua Magestade o nomear Cardeal Protector.

Brevissimamente terey audiencia do senhor Cardeal e do que se passar darey avizo a Vossa Paternidade, e esta fiz oje por me partir pela manham para Morete com o padre Antonio Vieyra.

Eu sabia que estava desfeita a companhia de Genova e fui eu a causa pelo que daquy escrevy a Olanda.

O Secretario Pedro Vieyra me aviza que se escreve a Dom João Baptista e que se lhe mandão duzentos mil reis de ajuda de custo o que hei estimado muito, agora procurarey outra para Castelete. Guarde Deos a Vossa Paternidade como pode. Paris 15 de outubro de 1647.[1]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 174 v.

Carta do Marquez de Niza, Embaixador em França, ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1647—Outubro 17

Recebi a de Vossa Paternidade de 23 do passado, e quanto á carta de que Vossa Paternidade me mandou copia para lhe tornar a remeter e se mostrar ao Papa me pareceu escusado mandal a visto haver Vossa Paternidade recebido carta de Sua Magestade sobre os particulares de Roma, e no que toca a Olanda sou de muito diferente parecer do de Vossa Paternidade entendendo que nada nos convem tanto como consertar com esta gente largando se lhe o pouco que nas capitanias do norte se lhe tem ganhado, visto não ser o Recife, nem este ser possivel ganhar se lhe, e ainda ganhando se lhe tinha o negocio muitas duvidas porque lá não estão com as fomes que Vossa Paternidade imagina, nem com tão poucas forças que não tragão 24 navios de guerra naquelle mar, nem Portugal está em tempo de continuar com muitas armadas e conforme ás ultimas novas que de lá vierão não sabemos se a que agora se aprestou será ainda partida pelas faltas que lá se padecião e conforme a isto considere Vossa Paternidade se será rezão termos hũa guerra com Olanda e outra com Castela o ponto he Senhor ficarmos desempedidos para a ter com este segundo se não pudermos alcançar hũa paz.

Vou logo para a audiencia do Cardeal Mazarine e por isso não posso ser nesta mais largo do que se passar avizarei a Vossa Paternidade no correio que vem.

Taquete me avizou tinha já remetido a Vossa Paternidade a cafira *(sic)* de 97 carates se o Papa se humanar a nos deferir bem a merece.

Sua Magestade me avizou escrevia a Vossa Paternidade conformando se com o que lhe havia parecido aserca do provimento dos Bispados de que eu fui do mesmo parecer. Guarde Deos a Vossa Paternidade. Morete e outubro 17 de 1647.

Venho a esta hora das audiencias que tive da Rainha do Cardeal e

do Conde de Briana em todos achei mui boa graça, por ter chegado correio com avizo da chegada dos nosos tres galiões a Tolon, os quoais partirão logo a se hirem juntar com a armada de França e assi havia chegado o correio que Dona Olimpia mandou ao Cardeal com a nova do capelo de seu irmão de que lhe dei os parabens e ao Conde de Briana encomendei escrevesse amanham a Fontané que visto ter já feito o negocio de Mazarine tratase agora do de Portugal: diseme que o faria apertadamente, a paz vay despacio.[1]

Carta d'el-Rei ao Marquez de Niza, Embaixador em França

1648—Março 6

Honrrado Marquez Embaxador amigo Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que preso. Ainda as couzas de Roma nam estam em estado de falar em cardeal protector e menos em Embaxador de obediencia para quando seja tempo tenho por de importancia as advertencias da vossa carta de 22 de Dezembro do anno passado, sobre o Duque de Brexano e Cardeal Ursino, agradeçovolas muito e bem mostram ellas e o mais que aly me dizeis, qual he o cuidado com que não perdeis o sentido de minhas cousas.

. . . . . .[2]

Escrita em Lisboa a 6 de Março de 1648.—*Rey*.

Para o Embaxador de França.[3]

[1] *Copia authentica, na* Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{4}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 173.

[2] *Assumpto extranho.*

[3] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{28}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 336.—*Sobrescrito:* Por El Rey—Ao Honrado Dom Vasco Luis da Gama Marques de Niza, Almirante da India, dos seus conçelhos de estado, e guerra, e seu Embaxador extraordinario em França.

Carta d'el-Rei ao Marquez de Niza, Embaixador em França

1648—Setembro 5

Honrado Marquez Embaixador amigo. Eu El Rey vos envio muito saudar como aquelle que preso. A frei Manoel Pacheco mando agardecer pella carta que será com esta o cuidado e acerto com que acode em Roma aos negocios de meu serviço, que aly se oferecem, de mais do que lhe digo lhe agardecereis da minha parte, e da vossa o que trabalhou sobre os Bispos e Missionarios de Angola em que fez sua obrigação como se pudera esperar do vassallo mais empenhado. He grande a semrazão que os ministros de Sua Santidade usão nesta parte, obrigado della me resolvy a dar licença aos tres estados do Reyno mandassem hũa pessoa em seu nome requerer a Sua Santidade sobre este, e sobre os mais particulares destes Reynos, porque ainda que cuido que não he o dezemparo a causa de se não adiantarem não quero que fique nenhũa deligencia que fazer por minha parte. A pessoa que for, de que fico tratando com a brevidade que pede a importancia do negocio ha de passar por essa corte, se se não offerecer logo occazião de navio em direitura a Italia, e ou de hũa maneira, ou de outra se vos fará aviso de sua eleição, e partida, e se enviará copia da instrucção que levar. Entretanto assistireis, e ajudareis dahy as cousas o mais que vos for possivel encomendando as muito a este Religioso, de que tenho bom conceito, e ás mais pessoas que vos parecer podem ajudar estes negocios em Roma. A Dom Vicente tenho muito boa vontade, mas vós sabeis muito bem que seus trabalhos o fizerão incapaz de possuir comendas, beneficios, e pensões, não convem diserlhe isto, mas inteiray o pello modo, que vos parecer, de que estimo muito o amor que tem a meu serviço, e o zello com que delle trata. Pella razão referida provi as comendas de Paulo Affonço a tempo que o estavão ja quando quando *(sic)* aqui chegou a primeira carta de Dom Vicente, tudo lhe dizey pello modo que vos parecer melhor para se não desconsolar. A Angola se faz aviso a Salvador Correa sobre estes missionarios; e aos Per-

lados das Religiões tenho ordenado enviem quantidade de Religiosos áquella parte, que he o que com muito bom juiso apontou frei Manoel. Escrita em Alcantara a 5 de Setembro de 1648.—*Rey*.

Para o Marquez de Niza.[1]

Instrucção ao Doutor Manuel Alvares Carrilho, Agente do Clero

1648—Outubro 11

Doutor Manoel Alveres Carrilho. Despois da vinda do Bispo eleito de Portalegre, ficarão os negocios desta Coroa, que necessariamente havião de hir a Roma, encarregados ao Padre Nuno da Cunha Assistente da Companhia, que os tratou com o zello, e acerto que sempre esperey delle, e pellas occupações de seu officio não pode acudir a tudo, e me reprezentou, por algũas cartas, conviria muito mandar aquella Corte hũa pessoa de tal fidelidade, prudencia, e letras, que pudesse acudir, e encaminhar os negocios, e avisar me com particularidade do que nelles subcedesse, e do mais que aly se offerecer.

1. No mesmo tempo me propuzerão os Bispos eleitos do Porto, Elvas e Miranda nomeados pello Estado Ecclesiastico do Reyno nas Cortes passadas, em nome do mesmo Estado a que reprezentão pella Commissão dos Perlados, as necessidades sperituaes que estes Reynos, e suas conquistas padessem por falta de governo ecclesiastico, pedindo me licença para enviarem a Roma hũa pessoa que pudesse representar a Sua Santidade o estado a que se tem reduzido tudo o que tem nome de ecclesiastico nestes Reynos. E por me parecer justo seu requerimento Ouve por bem conceder lhes licença, e escolher vos para tratar estes negocios. Os que ha de prezente em Roma, e o que nelles haveis de fazer entendereis pella instrucção seguinthe:

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* V. $\frac{4}{28}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 436.—*Sobrescrito*: Por ElRey—Ao Honrado Dom Vasco Luis da Gama Marquez de Nisa Almirante da India do seu Conselho de Estado seu Embaixador extraordinario em França.

2. Hum dos principais, ou o mais principal de todos, he o da confirmação dos Bispados que a principio se procurou alcançar a minha nomeação, que era o ultimo estado e a posse em que achey esta Coroa ao tempo de minha restituição. Despois a suplicação nos antigos do Reyno, e a nomeação nos tres modernos, de Elvas, Leria, e Portalegre, e nos das Conquistas, que era o termo, e differença com que se confirmavão no tempo dos senhores Reys portuguezes meus predecessores, e porque nem hũa, nem outra couza se pode alcançar de Sua Santidade, antes sem embargo do evidente direito da Coroa, do meu, e da minha posse, que parece bastava na forma do Concilio de Terento, se resolveo a confirmar com clauzula de motu proprio, os da Guarda, Vizeu, e Miranda.

3. Por se entender que neste Pontificado se não alcançaria milhor despacho, e as necessidades sperituaes do Reino crecem *(sic)* tanto como sabeis, me rezolvy a mandar expedir aqueles e os mais que tenho nomeado, e espero nomear brevemente com aquella clauzulla, uzando primeiro dos meyos que se apontão na carta que mandey escrever a Nuno da Cunha sobre esta materia de que se vos entregará a copia com esta instrucção. O que aly se lhe ordenou seguireis muito pontual, e inteiramente, sem vos afastares hum ponto d aquella ordem tomando primeiro noticia do que com ella tiver feito o Padre Nuno da Cunha, com o qual haveis de conferir este negocio e todos os mais que levais a cargo como abaixo se vos declarará.

4. Advertindo porem que no cazo de expedirdes letras com esta clauzulla, ha de ser precizamente com reserva da quarta parte, para se destribuir entre as pessoas nobres, e pobres d estes Reynos, como sempre se fez, porque ainda que Sua Santidade não declare ser a rezerva a meu favor, e para eu a repartir como me parecer, basta que se faça, e eu cá nomearey depois as pessoas, e os nomeados expedirão suas Bullas como milhor puderem, se entretanto se não melhorarem as couzas de maneira que as possão tirar na forma ordinaria, e sem as Bullas trazerem esta rezerva, em nenhũa maneira as expedireis.

5. Não parece verosimil que Sua Santidade mude de parecer na confirmação com esta clauzula, antes por ser este o meyo de que já se quiz uzar, segundo se entendeo no Pontificado de Urbano 8.°, e que Sua Santidade dezejou sempre se lhe aceitasse, he de crer, que não só estará da mesma openião, mas que folgará de melhorar com esta forma (ainda que por hora) o direito da Santa See Appostolica, livrando sse de encar-

gos de consciencia, que tanto o devem inquietar, principalmente havendo já adquerido direito ao Reyno em commum com a escolha d aquelle meyo, e aos tres confirmados em particular, que se não uzara d elle foi sem culpa sua, e por eu lh o impedir com o vidente *(sic)* direito que me assiste.

6. Eu não mandey requerer a expedição dos Bispados com com *(sic)* clauzulla de motu proprio, nem propor razões de conveniencia d este meyo para a Santa See Appostolica, só mandey requerer a expedição das Letras na forma em que se concedião ao Reyno no tempo da intrusão dos Reys de Castella, ou nas que se concedião aos senhores Reys de Portugal meus progenitores, que he o que só haveis de pedir, e requerer, e quando Sua Santidade vos não queira diffirir senão com a clauzula apontada, fareis com ella a expedição das Letras sem dilação, pellos grandes danos que das passadas se tem seguido, e por este meyo ser de Sua Santidade, e respeitar puramente ao eccleciastico, em cujo nome requeria o Bispo eleito de Portalegre, quando se lhe concedeo, e não respeitar, ou diffirir a meu direito, nem ao da Coroa, não pôr Sua Santidade, antes de o conceder, as duvidas com que sahirão seus ministros sempre que se requereo o que a my, e a esta Coroa tocava, de que será razão vades informado, por se acazo vos tornarem a falar, ou embaraçar com ellas.

7. Na occazião do Bispo de Lamego, e do eleito de Elvas, e o mesmo sucedeo na do eleito de Portalegre, quando todos pedirão confirmação dos Bispados por minha parte, se lhes respondeo, que primeiro, que se me diffirisse, devia mandar fazer plenaria restituição ás igrejas do que se lhes havia tirado com os procedimentos, que forão cauza da expulção do Bispo de Nicastro Coleitor então d estes Reynos, e que outrossy devia dar satisfação á recluzão que mandey fazer dos Perlados, e de outras pessoas ecclecias-ticas pello crime de lesa Magestade; e posto que então se lhe respondeo o que se podia dizer naquelles tempos porque sempre fuy tendo respeito a tirar estes impedimentos e a justificar em cada hum d estes particulares o procedimento de meus Ministros, tereis entendido, no primeiro da restetuição.

8. Que de duas couzas se queixavão os Ministros Appostolicos dos seculares d'este Reyno. A primeira que sendo lhes declaradas censuras, não erão evitados por elles, antes admetidos ao exercicio, e despacho dos tribunaes. 2.ª que as igrejas estavão esbulhadas de seus bens. Ouverão se meus Ministros despois que fuy restituido á Coroa d estes Reynos com tal advertencia, que emquanto os de Sua Santidade não levan-

tarão, ou absolverão das censuras os contra quem foram publicadas, os não admetirão ao officio, ou despacho, antes os evitarão, e guardarão as censuras muito pontualmente, como se vio no Doutor Paullo Rebello já defunto, de quem se teve a mayor queixa, que não foi admetido senão despois de cinco annos, e despois que Sua Santidade lhe mandou passar graça de absolvição, concedendo lh a os Ministros Appostolicos com tanto rigor e condenação, e en forma tão indecente a menistro de seu posto, que pareceo a alguns, que não devia premitir, antes que quando menos devia mandar replicar sobre ella a Sua Santidade, e sem embargo disso, mandey que a condenação pecuniaria se pagasse, que o castigo pessoal se sofresse, e que o que parecia afronta feita ao lugar, e insignias de ministro, se dissimulasse, cumprindo sse em tudo os mandados da Santa See Appostolica, sem admittir duvida, nem requerimento em contrario. Isto mesmo se uzou com todos os mais, cada hum respeito do em que foi condenado, como tudo virão, e executarão o Vice Colector, e Auditor da Legacia, que estão em Roma, e muitas outras pessoas que se achão naquella Corte.

9. Na segunda se procedeo ainda com igual justificação porque logo que tive avisos do Bispo de Lamego, e eleito de Elvas, mandey entender quais erão os bens que se tinhão tirado ás igrejas com nome e a tittulo de capellas e adniversarios, praticando sse nelles a prohibição geral da Ordenação do Livro 2.°, tittulo 18, não porque quizesse derrogar aquella ley, mas porque havendo de tomar rezolução sobre o entendimento della, e da concordia em que se funda, queria entretanto mandar repor tudo no estado antigo, e restituir ás igrejas, tee se tomar ultima rezolução na materia pellos meyos que forem mais conformes a direito, e dar nesta parte satisfação a Sua Santidade, como sempre dezegei dar em todas. Apontou sse a cappella de Santa Anna de Leyria da Ordem de São Domingos, que não importa menos que toda a fazenda das Duquezas de Bargança, e Caminha, que se julgou por perdida, con fundamento de se não poder deixar áquelle convento, e se tinha mandado dar posse della, em que estava havia annos Dom Francisco Luis de Lencastre comendador mayor da Ordem de Sam Bento de Aviz, mandey a restituir ao convento, sem embargo de todas as sentenças que se tinhão dado em contrario, e em outras de menos consideração mandey fazer o mesmo, e porque não ficasse nenhũa, ordeney ao Bispo eleito do Porto, que he o Ministro Ecclesiastico que assiste no Dezembargo do Paço, e a quem toca fazer seme-

lhantes conferencias com os Menistros Appostolicos, fosse com hum escrivão de minha Camera naquelle Tribunal a casa do Vice Coleitor, por não haver outro Ministro Appostolico no Reyno, dizer lhe da minha parte, que eu tinha mandado executar a restituição refferida, e porque não queria ficasse por executar em algũa parte, lhe encomendava fizesse prover o cartorio da Legacia, e avisasse se faltava, e do que faltava por restituir, a que respondeo o que entendereis da copia da certidão do escrivão da Camera, que se vos entregará.

10. E que havendo neste Reyno muitos bens que pertencião a alguns mosteiros, e comonidades eccleciasticas de Castella, represando os meus Ministros na forma ordinaria, os mandey aplicar a outras semelhantes comonidades eccleciasticas, como entendereis de muitos exemplos de que podereis tirar certidões, não permitindo que fazenda algũa que chegou a ser eccleciastica se converta em uzos profanos, sem embargo de todas as conveniencias leys, ou costumes em contrario.

11. Há outra duvida da recluzão dos Perlados, e pessoas eccleciasticas, se respondeo pello Bispo eleito de Elvas com o direito claro na materia, de que não he necessario informar vos, estay o de novo, de que reconhecendo meus Ministros, que nem os podião deter na recluzão sem lhes dar livramento, nem elles podião ser seus juizes, se fez avizo ao Vice Colector para que lh os nomeasse, como elle fez, e se não chegarão a sentencear se os processos, foi por eu mandar pôr huns em sua liberdade, e outros falecerem confeçando sua culpa, como podereis ver de algũas cartas suas que estão na Secretaria de estado.

12. Não se soube aquy que Sua Santidade, ou seus Ministros declarassem outras duvidas que tivessem, a diffirir as nomeações dos Bispados que lhe fiz, e aos mais requerimentos do Reyno. Da hida do Vice Colector, não ha noticias que tenhão queixas, mandando me particularmente informar do animo com que fora recebida, nem a podem ter justa pellos mutivos com que o mandey a Roma, que de ordem minha se fizerão publicos em hum manifesto, que se imprimio, e traduzio em muitas lingoas, e do que elle refere vos não desviareis.

13. Nesta Corte parecerão os dias atras huns escritos de Castella em que se dezia que aquelle Rey tinha nomeado algũas pessoas em Bispados deste Reyno, se em Roma ouvirdes falar nesta materia, refferireis a zombaria de que aqui servirão estes papeis, e que fora muito arriscado em differentes sentidos, se o Reyno se persuadira, que na feitura delles

entrara concelho de algum Ministro Appostolico, ainda dos que se tem por mais parciais de Castella, e se todavia ouvirdes ahy fallar naquellas nomeações em outro sentido, m o avizareis com toda a brevidade para vos ordenar o que deveis fazer que não ha para que vos dizer agora.

14. A Sua Santidade se tem offerecido alguns papeis, cujas copias achareis em poder de Nuno da Cunha, em que lhe representarão muito por menos os danos que a falta de 26 Bispados (que tantos estão vagos) tem cauzado neste Reyno, e suas conquistas; estes mesmos que vos são prezentes, lhe refferireis todas as vezes que lhe falardes, emquanto elle não confirmar os que tenho nomeado, lembrando lhe quão mal deve parecer a Deos Nosso Senhor, que pello respeito temporal de comprazer a ElRey de Castella, morrão sem sacramentos milhares de fieis nas conquistas por falta de sacerdotes, e de Perlados que os ordenem, e que pedindo tão grande parte do mundo remedio para este, e outros muitos danos a Sua Santidade, e tendo o elle em sua mão, e sendo sua primeira obrigação conceder lh o, lh o nega ha tantos annos.

15. ElRey de Congo enviou a Sua Santidade, com titulo de Embaixadores, dous Religiosos Capuchos, naturaes hum de Italia, e outro de Valença, que havião passado áquelle Reyno como Missionarios da congregação de propaganda fide, e sendo bem recebidos de Sua Santidade, pedirão em nome d aquelle Rey Bispos, e mais Missionarios que pregassem o Santo Evangelho, e ensinassem a doutrina catholica em suas terras, que sem mais informação se lhe concederão, com supposição de que aquelle Rey, como Principe soberano, os pedia justamente para a sua Corte e terras do seu dominio. Acodio a isto o Padre Nuno da Cunha pello que toca ao direito d esta Coroa, e fio eu de seu cuidado e zello que o terá remediado.

16. Importará muito que Sua Santidade, quando se rezolva em não querer mandar Nuncio a este Reyno, concedesse a hum dos Perlados d elle (sem tittulo de Colector, ou outro que não seja Nuncio, porque o não devo aceitar de outra maneira) a jurisdição necessaria para correrem os feitos, e despachos da Legacia, porque como não ha terceira instancia no Reyno, estaa suspença, e perturbada toda a justiça contenciosa e tambem a graciosa, que os Nuncios os antigos, e proximamente os Colectores admenistravão no Reyno, e mais largamente nas conquistas, e d esta falta nascem as inquietações dos Religiosos que tem chegado ao que se experimenta neste Reyno, com grande escandallo dos fieis, e nascem outros

grandes danos. Não ha muito tempo que Sua Santidade quiz enviar a este Reyno hũa pessoa de qualidade, e partes, que fizera muito bem esta occupação, e conservara a authoridade, e interesses da Santa See Appostolica, que hũa, e outra couza não está pouco atrazada com a falta da Legacia, mas como não trazia tittulo de Nuncio, senão de Vizitador da Legacia, mandey significar aos Ministros de Sua Santidade, que não seria recebido se cá viesse, antes que na mesma embarcação em que chegasse tornaria a voltar para Italia.

17. Se com este tittulo de Vizitador da Legacia pudesseis alcançar de Sua Santidade concedesse a jurisdição refferida a hum dos Perlados do Reyno, amitil o hia ao exercicio d ella emquanto não vem Nuncio. Conferireis este negocio com o Padre Nuno da Cunha, e poll o heis em pratica pellos meyos que assentardes, advertindo, que quando consigaes o intento, deveis primeiro ver ambos a forma da comissão, e Bulla que se fizer para que não acerte de trazer clauzulla, ou palavra indeseente, que aly podereis fazer emendar mais facilmente, que depois de vir ao Reyno. E porque vay deixar de exercitar esta jurisdição, a hum *(sic)* Perlado portugues que está no Reyno, a premitir a venha de novo exercitar hum Ministro estrangeiro, não admetireis a pratica d elle, ainda que se vos queira conceder.

18. Logo que chegardes a Roma haveis de buscar o Embaixador de França, e lhe dareis a minha carta que para elle levais, em que lhe encomendo vos ajude com Sua Santidade, e seus Ministros nas occaziões que se vos offerecerem, se acazo tiverdes d isso necessidade e por Ministro de tal Principe, e por quem elle he, espero vos faça todo o favor que puder em vossos requerimentos.

19. ElRey de França meu Irmão tem com Sua Santidade sobre os Bispados de Cathalunha a mesma pertenção, que eu tenho sobre os d estes Reynos, e como aquelles são muito poucos, e estes tantos, e tem por esta razão Sua Magestade Christianissima mais lugar de poder esperar, como sou informado detremina, parece lhe que se eu primitir se tirem Letras com clauzulla de motu proprio, que elle não quer aceitar, posto que não sey se lhe offerecessem, ficará de pior condição o seu requerimento. Por esta razão falareis acauteladamente sobre isto com o ditto Embaixador, nem lh o negando em forma que lhe deis occazião de queixa, ou de desconfiança, nem lh o dizendo a tempo, e por tal termo que vol o possa impedir.

20. A Bulla da Santa Cruzada que se concedeo a estes Reynos des-

pois de minha restituição á Coroa delles, pella forma que vereis da Bulla cuja copia se vos entregará, se acaba o anno que vem, e importa tanto como vos he prezente que se prorrogue, quando não puderdes melhorar a forma (o que procurareis o mais que vos for possivel) na que ultimamente se concedeo, tratareis disso, segundo as ordens que sobre esta materia vos der o Commissario geral Antonio de Mendoça, e por sua via recebereis tambem os credittos necessarios para esta expedição.

21. Frey Francisco Quaresma Procurador geral da Ordem de São Francisco em Roma me escreveo a carta cuja copia se vos entregará; e porque o que me pede sobre alcançar de Sua Santidade graça para se fazer festa, e celebricada *(sic)* particular em hum dia do anno, ás sacratissimas chagas de Christo Senhor Nosso, he muito conforme a minha devação, e á particular obrigação, que tem para ella os Principaes desta Corte, procurareis alcançar esta graça de Sua Santidade para todos meus Reynos, e Senhorios, e o dia que parece mais acomodado, he o em que o senhor Rey Dom Affonço Henriques venceo a batalha de Campo de Ourique, que foi o em que Christo na cruz lhe deo por armas e a seus subcessores suas mesmas chagas. Toda vossa deligencia e cuidado poreis por alcançar esta graça, e vos valereis para isso da authoridade e industria do Padre Nuno da Cunha. O Doutor frey Francisco buscareis logo que chegardes a Roma, e lhe agradecereis da minha parte o fazerme esta lembrança e o darme o parabem de haver tomado por Padroeira destes Reynos a Imaculada Concepção da Virgem Nossa Senhora.

22. Pella copia da minha carta sobre o veneravel Padre Antonio da Concepção, que os Religiosos da Congregação de São João Evangelista me fizerão agora, que tambem se vos dará, entendereis o respeito, e devação que tenho ás vertudes deste Religioso, e como dezejo que sejão prezentes a Sua Santidade para o beatificar sendo justo. Levareis este negocio muito á vossa conta, e tratareis delle com muito grande cuidado, entendendo que demais do serviço que fazeis a Deos, e a este seu servo me dareis a mym muito particular contentamento, e volo terey em muyto serviço, principalmente se alcançardes neste requerimento o bom sucesso que tanto dezejo. De tudo o que nelle fordes obrando me dareis conta em todas as vias, e ao Geral da Ordem para vos hir informando, e provendo os documentos necessarios, e a despeza que nisto se houver de fazer ha de ser toda por conta de minha fazenda, de que me avizareis para volo mandar prover com tempo, e hei vos este negocio por muy encomendado.

23. Da pessoa do Padre Nuno da Cunha faço muito particular confiança pello grande amor que tem a meu serviço, e pello zello, e dezejo que tem da conservação, e acrecentamento das couzas do Reyno, nenhũa fareis sem primeiro lha comonicardes, porque pella experiencia que tem de todos estes negocios, e pello conhecimento dos Ministros com que haveis de tratar, vos advertirá de como vos deveis haver com cada hum delles, e do tempo, e meyos por que haveis de encaminhar, e seguir os requerimentos.

24. Tem algũas cartas minhas sobre couzas particulares e de segredo de que pode acontecer seja necessario uzar, se vier occazião, e elle vola advertir, fareis o que vos disser, e o que vos mostrar rezoluto por algũa daquellas cartas, e o grande respeito, união, e conformidade que deveis ter com Nuno da Cunha vos hey por muyto encomendado.

25. Em seu poder achareis os papeis, e credittos necessarios para a expedição das Letras dos Bispados. O necessario para expedirdes o de Angola, que teegora não foi a Roma, procurareis levar em vossa companhia, havendo os credittos do Concelho da fazenda, e sabendo de Frey Christovão de Lisboa se falta algũa couza por prover nesta parte.

26. Com nenhum negocio de particulares vos embaraçareis, porque nem convem á authoridade da commissão que levais, nem he justo gastar o tempo mais que com ella, advertindo que vos estranharey muito faltardes (ainda que levemente) ao disposto neste capitulo, e muito em particular em negocios de frades.

27. Em Pariz está por meu Embaixador extraordinario o Marquez de Niza do meu Concelho de estado, e por meu Rezidente o Doutor Christovão Soarez de Abreu, em Holanda por meu Embaixador ordinario Dom Luis Portugal *(sic)*, em Muster por meu Embaixador Plenipotenciario o Doutor Luis Pereira de Castro, em Suecia por meu Rezidente o Doutor João de Guimarães. Com estes Ministros vos comonicareis, e ao Marquez e Luis Pereira dareis conta por menor do que fordes obrando nos negocios, para com seu parecer, e concelho o hirdes proseguindo, e o que pedir segredo lhe escrevereis em cifra para o que se vos entregarão as destes dous Ministros.

28. Com esta se vos entregará outra cifra por que me escrevereis as materias que pedirem segredo, advertindo que todas as de negocio o tem para não escreverdes sobre elles a outra pessoa mais que a mym, e eu quando convenha e do que convier mandarey dar conta aos Ministros, e

procurareis avizar me do que for sucedendo por todos os navios que vierem de Italia, e quando faltem, ou quando o pedirem os negocios, me escrevereis tambem por França. Espero procedais em negocios tão grandes como estes são de maneira que tenha contentamento de vos haver escolhido para elles, e creça muito em mym a boa vontade que vos tenho. Luis Teixeira de Carvalho a fez em Alcantara a 11 de Outubro de 1648. Pedro Vieira da Silva o fiz escrever.—Rey.[1]

Carta d'el-Rei ao Marquez de Niza, Embaixador em França

1648—Outubro 14

Honrrado Marques amigo Eu ElRey vos envio muito saudar como aquelle que preso: pella copia da instrucção que sera em companhia desta carta entendereis os motivos e ordens com que mando passar a Roma o Doutor Manoel Alvares Carrilho, encomendo vos o advirtaes de tudo o que vos parecer necessario para poder acertar melhor nos negocios que leva que são todos tam grandes como vereis pella instrucção. Escrita em Alcantara a 14 de Outubro de 1648.—*Rey*. ⋮ .

Para o Marques embaxador de França.[2]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{28}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 475.

[2] Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{28}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 474.—*Sobrescrito:* Por ElRey—Ao Honrado Dom Vasco Luis da Gama Marquez de Niza Almirante da India do seu Conselho de Estado e seu Embaxador extraordinario em França.

Carta do Doutor Manuel Alvares Carrilho, Agente do Clero, ao Marquez de Niza, Embaixador em França

1648 — Dezembro 28

Posto que parecerá a Vossa Excellencia que chega tarde esta minha lembrança, he tão justificada a disculpa, que tenho na dilação, que devo esperar de Vossa Excellencia não só que se sirva de relevar-me della, mas que crea Vossa Excellencia que ninguem me fas ventajens nos affectos de seu servidor; porque de mais da obrigação geral dos negocios, a que sou vindo a esta Curia, e da particular, que Sua Magestade que Deos guarde me pôs, na instrucção de comunicar-me com Vossa Excellencia, eu as tenho intimas de procurar o serviço da casa de Vossa Excellencia, pois alcansei a honra de estar muitos annos no da senhora Conça *(sic)* da Vidigueira, que está no Céo, Dona Isabel Mexia minha prima irmã. Mas nos primeiros dias, que aqui estive o compor a casa, e viver longe o Padre Assistente me foi occasião de não poder saber delle a cuberta, que avia de pôr nas que escrevesse a Vossa Excellencia, e nestes ultimos esteve o Padre Assistente recolhido em exercicios, e assi não me foi possivel escrever mais cedo a Vossa Excellencia: agora o faço com particulares desejos de que Vossa Excellencia se sirva de mim, como de criado seu, e que sintirá muito não faser Vossa Excellencia delle a confiança, que este nome, e a realidade dele merecem.

Aqui achei o negocio dos Bispados em estado diferente do que se imaginava no Reyno porque o zelo do Padre Assistente o tinha muito avante e assi hei de ir nele mais devagar do que querem os interessados. Nam falei ainda ao Papa porque pareceo que convinha que primeiro desmentisse o que os portuguezes aqui tinhão publicado que eu vinha procurar e he força que o Papa entenda que queremos o contrario para que se faça algũa cousa que nam esteja mal a Sua Magestade. Como for bolindo o negocio irei dando conta delle, e dos mais a Vossa Excellencia, e valendo-me de seu grande talento, pois não poderei acertar em nada,

sem a direcção de Vossa Excellencia, cuja pessoa guarde Deos como pode, e desejo, etc., *(sic)*. Roma, e de desembro 28 de 648.—Capellão de Vossa Excellencia—*Frei Manoel Alvares Carrilho.*[1]

Carta do Doutor Manuel Alvares Carrilho, Agente do Clero, ao Marquez de Niza, Embaixador em França

1649—Março 1

Ha perto de dous meses, que avisei a Vossa Excellencia de minha assistencia nesta Curia, procurando (naquella carta, que remeti debaxo da cuberta do Padre Assistente) que Vossa Excellencia de mais de encaminharme no serviço de Sua Magestade me ordenasse o em que aqui podia occuparme no de Vossa Excellencia; mas ou as inquietações, que nos referem dessa Coroa, ou outro accidente devião occasionar algum desvio, com que ou não chegaria a minha carta ou Vossa Excellencia não poderia faserme a honra de mandarme, que he o que mais devo estimar; e assi, para conseguir esta ventura, torno a procurallа, pella mesma via, segurando a Vossa Excellencia de que nenhũa estimarei tanto, como a de darme Vossa Excellencia muitas occasiões de seu serviço, em que possa empregarme.

Na passada disia a Vossa Excellencia o estado, em que aqui se achavão nossas cousas, e como o Padre Assistente, ao tempo que cheguei, tinha em pratica o ajustamento do provimento dos Bispados havendose de tirar bulas para se sagrarem os Bispos e com breves de administração governarem sem tirar bulas do provimento por se escusar o inconveniente de faltar nellas a declaração da apresentação e nome de Sua Magestade, pareceo porem que convinha, depois que eu cheguei, suspender hum pouco esta pratica assi porque não se cudasse que estavamos muito desejosos de conseguir o negocio na dita forma, como por ir fasendo despersuadir o em que aqui estavão certos, e Vossa Excellencia

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* I, $\frac{6}{2}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 184.

veria no capitulo sexto da minha instrucção, que os interessados da nossa terra tinhão aqui feito publico, cousa prejudissialissima, ainda para poder alcançar o mesmo intento, em resão de outras conveniencias, que na instrucção se me representão, e mandão procurar. Por este respeito fui, no principio, com lentesa, e depois de entendermos que estavão desimaginados d'aquelle ponto, querendo apertar por que se me desse audiencia adoeceo o H, e foi isto causa de dilatar-me mais do que me pareceo convinha; agora que anda já bem se fas toda a diligencia porque me ouça, e disem que será nesta somana. Na passada me comunicou o Padre Mestre frei Manoel Pacheco outro caminho, que me dis que Vossa Excellencia tem aprovado, e assentámos, que fisesse a oferta dos 100$ cruzados com as declarações seguintes, que nos ham de difirir logo dar os Bispados na forma que sempre se deram aos senhores Reys de Portugal e mandar Nuncio, e que antes de estar tudo ajustado se não ha de desembolçar real.

Bem vejo eu, Senhor, que isto he excesso d'aquillo que se me manda na instrucção, mas he tão reprovado o motu proprio de todo o mundo, que me parece que farei hum grande serviço a Sua Magestade se conseguir o negocio por outro qualquer meio d'este tenho dado conta ao senhor Infante e espero na primeira pósta resposta sua, que será, sem duvida, de aprovação, porque ninguem reprova tanto o motu proprio como elle, e entendo que no dito preço se nos fas a cousa muito barata. Vossa Excellencia se sirva de avisar-me do que lhe parece, porque aqui não ha outra via tão certa como esta, e eu irei fasendo entretanto que se ajusta, o que devo em resão da minha instrucção; se me deixarem os castelhanos que vieram de Napoles só a fim de me faserem algũa descortesia, bem que não será a mãos lavadas, porque pella misericordia de Deos, eu não sei de que côr he o medo, postoque tratarei muito de evitar toda a occasião de me desautorisarem, e quando o queirão faser trarei tão boa vigia e cautella que saia a cousa muito diferente do que elles imaginão. Trabalho he que assista nesta terra hum ecclesiastico, como se estivera em hũa fronteira, mas, pellos successos passados, eu ja tinha tragado isto, e assim não se me fas máo de levar. Vossa Excellencia me dê mui boas novas suas, e me mande como seu servidor, etc., *(sic)*. Roma, e de março 1 de 649.

Capellão de Vossa Excellencia — *Frei Manoel Alvares Carrilho.*[1]

[1] Biblioth. Nac., *Mss.* 1, $\frac{6}{2}$ (Corresp. do Marquez de Niza), fol. 182.

Carta dos Tres Estados ao Papa[1]

1649 — Outubro 8

Aquellas justas esperanças que tinha Portugal de que Vossa Santidade escutase com piedozos ouvidos os clamores de suas Igrejas, dando remedio a cauza que os incita, não podem acabar de perder se em peitos assim religiozos, e fieis como os nossos, antes com novo esforço obrigaram aos Tres Estados deste Reino (que reprezentam sua inteira Republica) emviassem em seu nome aos sagrados pés de Vossa Santidade o Doutor Manoel Alvares Carrilho, como aquelles que procuram pello suave meio da filial sugeição, e continua suplica alcançar a cummum influencia, que Vossa Santidade Cabeça universal, Pai dos fieis deve repartir com todos igualmente.

Porem porque nas prezentes instancias, e na experiencia das passadas se tem visto cada ves mais ocazionada nossa desconsolação, para que não chegue aos termos do ultimo dano, tornamos outra ves com esta suplica á amada prezença de Vossa Santidade como filhos sempre obedientissimos á Sede Apostolica, e a seus pés sagrados cheios de lagrimas, de instancias, e de razão, pedimos por nosso Enviado se sirva Vossa Santidade de considerar com piedade de Pai, clemencia de Pastor, e rectidão de juiz, a cauza deste Reino, porque Santissimo Padre todos nos asseguramos, que só pode faltar o socorro de Vossa Santidade contra os perigos que nos ameação, em quanto nam se contrapezar nossa justiça com as razoens que até agora detiverão a Vossa Santidade, a fim de que as não ouça; porque ella he tal, que os contrarios temem o mesmo que nos outros esperamos, julgando por sem duvida, que ouvilla Vossa Santidade e recebella será tudo huma propria acção.

E porque o estado a que chegou esta materia, sobre sua qualidade, lhe deu tanto valor, que sem contingencia he hoje a mais importante da

[1] *O titulo d'este documento é:* Carta dos Tres Estados do Reino de Portugal escrita á Santidade de Innocencio Decimo, sobre o dezamparo de suas Igrejas pela falta de Bispos.

Igreja universal, oferecemos a Vossa Santidade hum retrato de nossas mizerias, para que Vossa Santidade pellos olhos, e pello entendimento se informe e obrigue, mandando nos, como em signal de credito que dá a nosas verdades, o pronto remedio dos danos que padecemos.

Os Reinos de Portugal e Algarves (Beatissimo Padre) constam de treze Igrejas Cathedraes, de que as tres Braga, Lisboa, e Evora são Metropolitanas; e nestas e nas outras, que são Coimbra, Guarda, Lamego, Vizeu, Porto, Algarves, Miranda, Leiria, Portalegre, e Elvas, se acha vivo hum só Prelado na Dioceze de Elvas ultima, e das menores de todo o Reino; porem esta tambem sem rezidencia, havendo a Vossa Santidade dispensado, por ser incompativel com o oficio de Capellão Maior que exercita.

Desta falta, estão eminentes sobre nos tão graves riscos na pureza da Fé, emenda de pecados, amparo de pobres, jurisdição espiritual, exercicio de virtudes, conservação da Christandade, que tudo he mais para considerado, que referido. Mas em tanto trabalho nos servem de alivio duas consideraçoens: a primeira haver entendido, que logo que Vossa Santidade conheça nosso estado, disporá seu remedio: a segunda haver crido que este aperto, que bastará a fazer vacillar a fé de outras Naçoens, tem a nossa mais firme, e obediente.

Sendo o que se padece no Reino tanto para sentir, são mais para temer os inconvenientes que podem ocazionar se em suas conquistas, donde a Igreja Catholica se tem visto mais dilatada que em outra parte do mundo; porque pello nome portugues pessue a Cadeira de Sam Pedro mais de sete mil legoas de costa obedientes a seu dominio em Azia, Africa, e novo Mundo.

Na Azia (que comprehende sobre tres mil legoas habitadas de povos, e colonias de nossa gente) faltão sinco Bispos, são os das Igrejas de Cochim, Malaca, Meliapor, China, e Japão, achão se somente dous Prelados, em Goa, e Cranganor, porem entre ambos asim carregados de annos, e enfermidades, que bem podemos dizer iguala as outras a solidão daquellas duas Igrejas.

Na Africa (que descreve semelhante dilatação de nosso Imperio obediente á Igreja Romana) faltão quatro Bispos, que são, que sam *(sic)* todos os que sinalarão naquellas largas Provincias os Sumos Pontifices passados. Não tem ha muitos annos Prelado a cidade de Tangere, fronteira aos mouros, que em gloria da Igreja santificava Africa apezar das trevoas

de Maphamede: a mesma falta padece a cidade de S. Thiago, que comprehende as nove ilhas com muitos povos, que chamamos Cabo Verde, assim a de São Thomé, que se dilata por toda a terra firme de Guiné, fertilissima em converçoens de idolatras; assim a cidade de Sam Paulo de Loanda, cabeça dos vastissimos Reinos de Angola.

Na America falta Prelado a todo o populozo estado do Brazil, cuja jurisdição se estende por mais de mil e duzentas legoas de terra povoada de opulentas villas, praças, e cidades, e destas grandissima parte infestadas das Naçoens do Norte, que vigilantes sobre noso descuido, procurão introduzir suas herezias com aquella astucia com que as derramarão por todo o mundo, e que na perfidia dos judeos dezamparada de seus Prelados acha frequentissima resistencia; donde procede que com grande dor nossa vemos sem remedio arrancar a vinha do Senhor, plantada por nossos sacerdotes, e semear a sizania pellos inimigos do Evangelho.

As ilhas do mar occeano adornadas de excelentes cidades, e de duas Igrejas cathedraes, chorão a commum mizeria pello dezamparo que padecem da Sede Apostolica; porque em Angra, que he a mais populoza, e tem sete ilhas sufraganeas, de muitos tempos a esta parte nam tem visto, nem reconhecido seu Pastor. A cidade do Funchal, cabeça da ilha da Madeira, tambem se acha sem Bispo, despois de lhe haver faltado por alguns annos em seu exercicio pastoral, pella impossibilidade em que o pozerão os dilatados annos que viveo.

Agora (Beatisimo Padre) deve Vossa Santidade considerar, que sendo inumeravel o numero de almas neste Reino, e suas conquistas, quantas serão aquellas que adoeção, e morram em eterno pella falta que lhe fazem seus Pais, Medicos e Mestres espirituaes, que as advirtão, curem, e ensinem contra os abuzos e relaxaçoens a que lhes dá continua ocazião a vezinhança e a guerra dos mouros, de hereges, e de gentios.

E quando para conservação da Christandade tão imensa se necessita de hum grande numero de Prelados, confesores, sacerdotes, pregadores e missionarios, a esse proprio tempo estão as Igrejas veuvas de seus Prelados, sem haver pessoas em tantas e tão largas regioens, que possam ordenar novos sacerdotes, e instituir ministros, que se apliquem ao serviço das almas, faltão os oleos santos em quazi todo o mundo, a sagrada unção, o sacrosanto chrisma (muitos nascem e morrem sem o conhecerem) cessão os sacramentos que Christo Nosso Senhor instituhio para remedio e salvação das almas: a devoção se enfraquece com tal desconsolação

(Beatissimo Padre) que dos catholicos aos gentios d'aquellas partes só o nome parece que se acha por diferença.

O remedio de tão grandes males tem pedido, e suplicado a Vossa Santidade instantemente por des *(sic)* annos inteiros o Reino de Portugal, despois seu Clero, ultima e repetidamente seus Tres Estados, sem exceptuar algum modo de sugeição, como afirmão nossas acçoens, pregoão, e tambem admirão as Naçoens catholicas.

Forão enviados em primeiro lugar aos beatissimos pés de Vosso Antecessor os Embaixadores d'este Reino, que á sua sagrada prezença não forão admitidos, nem lhes foi dado acesso, ainda em foro de pessoas particulares: despois o Estado Eclesiastico estimulado de christianissimo zello enviou o Doutor Nicoláo Monteiro Prior de Sedefeita, para que com igual humildade reprezentasse a Vossa Santidade esta cummum mizeria, que em nossa Igreja se padece; mas em vão oferecemos tambem esta ves como a outra, nossa obediencia a Vossa Santidade; em vão suplicamos segunda vez nosso remedio; pois em lugar de recolher a benção Apostolica (a que aspiravamos, e que mereciamos) se tornou o Ministro do Clero a Portugal, ameaçado na vida, dezesperado na execução, sercado de riscos publicos, e de ameaços secretos.

Mas não afrouxou a actividade da nossa obediencia, porque tão piedoza e justificada missão se nos frustrasse, cuidando com razão que o sofrimento com que levamos tantas demonstraçoens de dezabrimento acressenta novo vigor á nossa justiça, com que de todo a deicha insuperavel.

Assim pellos Tres Estados d'este Reino deliberamos ultimamente mandar o Doutor Manoel Alvares Carrilho, que com maior justiça e confiança reprezentasse a Vossa Santidade o mizeravel estado dos negocios espirituaes de nossa republica, e porque a experiencia nos tem mostrado que não bastarão as apertadas instancias, que tem feito em hum anno continuo de assistencia nessa Curia, para Vossa Santidade nos mandar deferir com o remedio que estas Igrejas pedem, lhe ordenamos que oferecesse este papel aos sagrados pés de Vossa Santidade, a fim de que constando a Vossa Santidade inteira e livremente a verdade, e bom modo por que a expomos, Vossa Santidade se sirva de consolar com caridade paternal as afliçoens padecidas em hum Reino, que não só he filho humilde e obediente da Igreja, mas dos mais uteis á propagação da sua Santa Fé, e o que sobre todos dilatou o patrimonio de Christo pello dispendio do sangue de seus naturaes.

Achase nosso Rei em pacifica e notoria posse, conseguida sem contradição, conservada sem ofença, estabelecido em seus Reinos, reconhecido pellos maiores Principes estranhos, vitoriozo, e poderozo no mar e terra contra a opozição de seus inimigos.

Sendo isto assim, quem haverá (Beatissimo Padre) que se persuada possa aceitarse a confirmação de nossos Prelados em prejuizo do decoro e direito que a Real Magestade pede em seu tratamento, em defeito da regia jurisdição? quando por antigo uzo, pacifico e agradavel á Santa Sede Apostolica as nomeaçoens dos Bispos se fazem pellos Reis, porque para o primeiro se acha em favor de nossa cauza a assistencia do concilio, e o custume praticado da Igreja em actos de inferior justificação; e para o segundo a propria posse da Coroa he o maior privilegio: o que tudo se corrobora com o exemplo de outros Reis nossos e alheios.

Nem contra estes termos se entenda pode convir o remedio, se se concede com taes circunstancias, que nos expoem a outros iguaes inconvenientes aos que de prezente padecemos: porque os Principes sem exceição são obrigados a conservar o direito, pose, e reputação de suas Coroas.

A confirmação dos Bispos (Beatissimo Padre) para governo das Igrejas e cultura da Religião não he graça que supliquemos a Vossa Santidade, senão obrigação em nós outros de suplical a a Vossa Santidade como supremo Pastor (ainda que o não pediramos) deve não abster se de nos dar o proprio que tão encarecidamente lhe suplicamos com vozes, com lagrimas, com afectos, assistindo, como assiste, a razão a nossos rogos.

Este remedio pende de duas cauzas, de tal sorte unidas, que parece não pode haver seu efeito hũa sem outra, as quaes entre ambas procedem do arbitrio e deliberação de Vossa Santidade, e que como graves e poderozas oprimirão a conciencia de Vossa Santidade emquanto Vossa Santidade se não alivia dellas: he a primeira não negar Vossa Santidade Bispos, e a 2ª não deter o direito de seu Rei, despois de o haver reconhecido.

E porque sendo estes actos em Vossa Santidade puramente espirituaes pello fim a que se dirige o santissimo dictamen de Vossa Santidade, he sem duvida, que não devem, nem podem ter dependencia, nem observação a outro respeito, sem que Vossa Santidade ao contrario não deiche ofendido o supremo poder espiritual que ao Principe dos Apostolos São Pedro foi outorgado por Christo.

Desta sorte satisfará Vossa Santidade sem escrupulo á forma do sa-

grado consilio, e ao antigo custume da Igreja Romana, a irrefragavel justiça do Reino ao cuidadozo dezejo de todo o mundo, sem que pello fazer assim possa queicharse o direito de outro Principe, que para estorvar a observação do nosso, se ostenta poderozo diante de Vossa Santidade, pois Vossa Santidade na graça que lhe suplicamos não determina o direito da cauza, mas somente difere *(sic)* ao simples facto da posse.

E se despois de haverse suspendido por mais de dezanove annos a execução de nossa justiça, e acceção de nossa obediencia, se negar o remedio á Igreja Luzitana, e ao Rei de Portugal a bençam Apostolica, força será (ainda que de nos outros lastimozamente ouvido) que estes Reinos se dem por respondidos, e mandem recolher a esta Corte seu Enviado, visto que em demanda de nossa justificação não havemos alcançado algum humano remedio, que não admitissimos. a fim de conseguilla para com Vossa Santidade, ficando desta dor satisfeitos, com que não so o mundo aprova nossas acçoens, mas tambem agrada a Deos nossa paciencia, segundo os sucessos que por sua bondade infinita se serve conceder a nossos intentos: estorvaremos assim que se dilate mais tempo a afronta que nossos Ministros, e com elles esta Coroa receberam nessa Corte Romana pella industria de seus emulos, de que os passados cazos nos desculpão, e avizão.

Porem nesse dezamparo (que ao Omnipotente Deos rogamos nam chegue nunca) huma só couza tornamos a pedir a Vossa Santidade como verdadeiros filhos da Igreja, com todo o acatamento, e reverencia, se sirva Vossa Santidade de querernos ensinar (pois he Mestre universal dos catholicos) a quem havemos no mundo de recorrer e dar nosa razão na extrema mizeria, e necessidade, aonde nos levará sem duvida o ultimo dezengano; suposto que a Igreja de Portugal dezamparada do Supremo Pontifice está certa, e crê firmemente, que Deos clementissimo por sua infinita caridade e alta providencia não quererá largalla da sua mão, nem será servido que lhe faltem humanos meios para conservação de sua sempre pura, e dilatada christandade. Lisboa 8 de Outubro de 1649.[1]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* B, $\frac{14}{50}$ fol. 5.

Carta do Inquisidor Geral ao Papa

1649—Outubro 17

Beatissime Pater—Cum jurisdictio Sanctae Inquisitionis contra haereticam pravitatem a Sancta Sede Apostolica tanquam a capite universalis Ecclesiae dimanet, justum, et necessarium judicamus, ut in dubiis circa illius executionem occurrentibus ad eandem Sanctam Sedem pro resolutione recurramus. Accidit modo, quod Serenissimus Rex noster Joannes pressus necessitatibus Regni ex continuo bello provenientibus, maritimisque coronae expeditionibus, prout debet sucurrere intendens aliisque urgentibus causis permotus, die 6ª Februari currentis anni publicare fecerit Diploma, vulgariter dictum Alvara, cujus transumptus praesentes nostras literas commitatur.[1]

Cum autem exemptio a confiscatione bonorum convictis de haeresi, ibi concessa, cum sacrorum canonum dispositione minime cohaereat, postquam pro muneris nostri debito, quid in hac parte sentiremus, eidem Serenissimo Regi, *(sic)* ad Sanctitatis Vestrae pedes recurrimus, ut quid gerere debeamus, nobis dignetur exponere. Sanctitatem Vestram Ecclesiae Deus *(sic)* servet incolumem. Ulysipone die 17 Octobris anno 1649.[2]

Breve do papa Innocencio X ao Inquisidor Geral

1650—Maio 16

Innocentius Papa 10—Venerabilis Frater, salutem, et Apostolicam benedictionem. Pro munere solicitudinis Pastoralis, et paterna in istud Regum charitate nostra, ea, quae nuper isthic, cum magno Sanctae Inquisi-

[1] *Falta aqui o alvará.*
[2] *Copia, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1056, pag. 56.

tionis detrimento novata sunt, non sine gravi animi molestia ex fraternitatis tuae litteris audivimus: verum, quod recenti edicto continetur, ne ob haeresis, apostasiae, ac judaismi crimina, bona damnatorum fisco acquiri debeant, id sane usus ipse in eodem ipso Regno jampridem edocuit, nedum ad convertionem, et poenitentiam improborum hominum nihil omnino conducere, verum etiam liberius delinquendi, et pertinacius erroribus inherendi ansam praebuisse: ut iidem illi, qui prorsus ejusdem concessione maioris boni, et profectus spe ducti prius annuerant, mox rei experimento moniti mutato concilio: cum ipsi ab ea concessione abhorruerint: tunc etiam ab Apostolica Sede, ne quid in hac re indulgere, ac relaxare vellet inixe postulaverint.

Quare nos praedecesorum nostrorum Pii 5[1], et Gregorii 13 vestigiis inhaerentes indultum praedictum damnamus et improbamus, et quaecumque super eo Decreta, Edicta, vel, ut vocant, Alvarana, quovis colore, praetextu, et auctoritate a quocumque facta, tamquam sacris canonibus contraria, et religionis catholicae bono adversantia nulla, invalida, et irrita esse a praefata auctoritate nostra contrariis quibuscumque non obstantibus, sancimus, et declaramus: tuam, Venerabilis Frater, et aliorum Inquisitorum Portugaliae in re tanti perjudicii reprobanda libertatem, et virtutem plurimum in Domino commendamus, ut que pro eadem constantia retinenda, et Sancti Officii jurisdictione, a qua religionis catholicae puritas, et integritas custoditur, extrenue tuenda quod a vobis plane fit omnibus viribus initamini etiam atque etiam hortamur, ac monemus. Fraternitati tuae Apostolicam benedictionem peramanter impertimur. Datum Romae apud Sanctam Mariam Mayorem sub annulo Piscatoris die 16 Mai 1650. Pontificatus nostri anno 6.° [1]

[1] *Copia, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1056, pag. 57.

Breve do papa Innocencio X ao Bispo da Guarda, Inquisidor de Portugal

1650—Outubro 15

Innocentius Papa X—Venerabilis Frater salutem, et Apostolicam benedictionem. Praestantem fraternitatis tuae, et collegarum virtutem in reprobando proclamate de remittenda judaizantibus et haereticis confiscatione non ita pridem aliis nostris literis eximiè commendavimus, nunc eamdem sui similem agnoscimus in censura propositionum, quae in duobus libellis super provisione Episcoporum isthic novissimè divulgatis continentur. Porrò autem Nos magna cum animi nostri inter tot, praesertim de Portugalliae rebus, sollicitudines, et angores consolatione, factum hoc vestrum audivimus, et misericordiarum Patri Deo omni ex corde grates egimus, quod mentes vestras eo veri zeli consilio, et robore firmaverit, ut non minùs perniciosae, quam falsae doctrinae veneno tam opportunum, et salutare, quemadmodum speramus, antidotum à vobis adhiberi potuerit, quae sanè res, ut in praesens orbi universo insigne studium vestrum erga Catholicae Fidei puritatem, et Sanctae hujus Sedis auctoritatem palàm ostendit, ita in actis, et monumentis Apostolicis consignata tantum pietatis, et constantiae vestrae meritum, et laudes inter benedictiones Ecclesiae perpetuò testabitur. In reliquo, si quid in ea re adhuc agendum remanet, monere nunc vos, et hortari talium profectò virtutum injuria foret. Te Venerabilis Frater, aliosque tui muneris, et gloriae socios praecipuo paternae charitatis affectu in Domino complectimur, et Apostolica benedictione donamus. Datum Romae apud Sanctam Mariam Maiorem sub annulo Piscatoris die xv Octobris MDCL. Pontificatus nostri anno septimo.[1]

[1] Arch. Nac. Papeis varios do Santo Officio (Caixa 26 de Bullas), Maç. 1, num. 282.— *Sobrescrito:* Venerabili Fratri Episcopo Aegitanensi Inquisitori Portugalliae.

Carta do Clero de França ao Papa[1]

1651 — Abril 12

Sollicitudo omnium Ecclesiarum quae maximo charitatis ardore tuam Sanctitatem occupat, haud dubié non patitur liberum esse hilaremque animum tuum, cum ad Lusitanicarum lachrimas ac gemitus convertitur, quas a decem annis veré viduas ac desolatas esse non ignoras. Harum questus nobis insonuere Beatissime Pater, nostroque universi Gallicani Cleri concilio, per oratores Serenissimi Portugalliae Regis Joannis IV delatum est, quantum Respublica Christiana, Religioque iis in partibus detrimentum patiatur. Nōn potuimus certé earum dolori non suffragari, nostrasque voces earum vocibus non accommodare, quibus aures tuae fortius pulsentur; tandemque a tua Santitate votorum suorum summam obtineant. Novit equidem Beatitudo tua, quam alté insita sit rebus omnibus suae naturae defectus ad damna identidem reparandi virtus et cupido, eandem Ecclesiae suae vim indidit et propensionem Christus Dominus qui ab episcopis morti corruptionique obnoxiis eam regi instituit, ne ergo diutius ejus vacuitatem, quam toto desideriorum suorum impetu exoptat resarcire, apud Lusitaniam sustineas Sanctissime Pater neque tantam illius populi multitudinem sine pastoribus vagam e *(sic)* errantem patiaris. Non ignorat universus orbis Sanctitatem tuam, ad haec usque tempora nominatos a Lu-

[1] *É precedida do titulo*: Copie de la lettre de Messieurs du Clergé de France escrite au Pape sur le subject des Esglises de Portugal.

Tem antes d'este titulo a seguinte curiosa noticia: Le 3 Avril Monseigneur l Ambassadeur fut a l assemblée de Messieurs du Clergé de France tenue aux Grands Augustins, ou estant arrivé, la Compagnie deputa Monsieur l Evesque d'Auxerre et autres Evesques et Ecclesiastiques pour le venir prendre a la sortie de son carrosse, e *(sic)* l amener dans la salle ou estoit l Assemblée, ou l ayant fait asseoir Son Excellence haranga. Ensuite le President de l Assemblée qui estoit Monsieur l Archevesque d'Ambrun luy respondit et le remercia de l honneur qu il faisoit a la compagnie et qu elle songeroit aux moyens d'en escrire au Pape. Ce qu estant fait Son Excellence se retira et fut acompagnée par les mesmes Evesques et Ecclesiastiques qui l estoint venu recevoir. Quelques jours apres la Compagnie deputa Monsieur l Evesque de Cominges pour voir Son Excellence et luy donner la lettre que la Compagnie escrivoit au pape.

sitaniae Rege Episcopos suo calculo confirmare noluisse ne Catholici Regis jura infirmare videretur, maluisseque communis parentis amore fungentem, librante veluti aequitatis manu utrumque sustinere, quam aliquid moliri quod alterutrum offenderet. Verum quid inter haec peccavit Lusitanus orbis, ut dum mutuis odiis dissidiisque Reges de suo contendunt Imperio, Religionisque destructo Episcopatu pereat necesse est, auxiliis, officiisque destituatur? Quid miseri populi peccaverunt ut summi totius Ecclesiae capitis priventur communione quae praecipue in constituendis ordinandisque ab ipso Episcopis singularum Ecclesiarum verae et Catholicae communionis fontibus, sita est? Quid miser Portugalliae clerus peccavit qui sine Praesidibus et Pontificibus jacet exanimis trunco simillimus, voluisti ut nobis relatum est, Sanctissime Pater eam Ecclesiae moestitiam proprio motu levare ac solari, selectosque a te ipso Antistites ordinare; verum ut nihil angustius sanctiusque suae coronae adhaerere existimat Portugalliae Rex quam jus summos Sacerdotes tuae Sanctitati praesentandi; ne tantisper etiam illud imminutum pati se posse, per suos Legatos nostro conventui significavit. Abstrahat Beatitudo tua Sanctissime Pater, a mortalium Regum ambitione Ecclesiarum Lusitanicarum jura, et si aliquem laedere vereatur; inserat haec si ita videatur suis diplomatis verba sine detrimento, aut ut aiunt sine praejudicio partium. Imitare Sanctissimae memoriae Gregorium XIII decessorem tuum qui cum Henrico III Galliarum Regi Poloniam egresso Stephanum Battorium Poloni suffecissent saepiusque Pontificem per legatos suos fatigasset Rex Christianissimus, rogassetque ne Stephani Oratores admitteret, respondit Sedem Apostolicam ut pote terrenarum rerum cupidine vacuam ejusmodi dissidiis non nisi ad pacem interesse, intereaque eum Regem agnoscere qui rerum summa potiatur ne scilicet aliquod Ecclesiae damnum eveniat quod a te Beatissime Pater, utriusque juris supra omnes mortales peritissimo, inter particularium Ecclesiarum patronos usurpari solitum esse non ignoratur. Ipsis igitur Lusitanis Episcopatum a decem annis quasi exulantem postliminio restituas, reddasque pupillis defensores, orphanis Parentes viduis Sponsos, Christianae plebi rectores; neque diutius patiaris Catholicos homines totius orbis scandalo confirmationis ordinationisque sacramentis quae solis Episcopis competunt, vacuos esse, vix in Regno pene immenso si adjectas ei Provincias intuearis, infirmorum atque ad ultimam luctam destinatum a Christo oleum reperiri, praedicationemque Evangelii exulem esse; prospiciat sagacissima aeque ac Christianissima carnique inimicis-

sima prudentia tua, ne tandem Ecclesia Lusitanica quae Romanae omnium aliarum Matri et magistrae conjunctissima est et obedientissima, communionis necessitudinem abrumpat aut suis viribus destituta omnino intereat. Ad ejus gentis celeberrima emporia confluunt ab omnibus orbis universi partibus populi variis ac peregrinis religionibus imbuti, videat tua Sanctitas ne si Lusitanos Episcopis verae religionis interpretibus diutius destitutos invenerint, aliae tandem ceremoniae, alii cultus, alia sacerdotia alia religio invehantur. Providebis sine dubio tantis periculis Sanctissime Pater lachrimisque Lusitanicae simul ac Gallicanae Ecclesiae tandem solus dabis quod a plenario totius orbis concilio si ad tantum negotium terminandum cogeretur negari omnino non posse nemo est qui non fateatur. Hoc ergo enixé petimus a te Sanctissime Pater, quem toto saeculo florentem et incolumen ad Ecclesiae bonum exoptamus. Datum Parisiis pridie idus Aprilis anno Domini MDCLI.

Sanctitati tuae — Obsequentissimi ac devotissimi filii et servi Archiepiscopi Episcopi et alii Ecclesiastici viri in generalibus Cleri Gallicani Comitiis congregati — Georgius Archiepiscopus Ebredenensis Praeses.

De mandato Illustrissimorum et Reverendissimorum Archiepiscoporum Episcoporum totiusque coetus Ecclesiastici in Comitiis Generalibus Cleri Galliae congregati — M Tubeuf a secretis.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em França, a el-Rei

1652 — Janeiro 15

Senhor — Logo que cheguei a Pariz recebi huma ordem de Vossa Magestade com huma duplicada para o Residente Christovão Soares, para que em caso que eu não houvesse chegado, hum ou outro procurassemos

[1] *Copia authentica, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1419, *cujo título é:* Livre de Memoires de Monseigneur l'Ambassadeur de Portugal durant son Ambassade de France commencée le Jeudy 9 Mars 1651 — Par commendement de Son Excellence — Cussac .....secretaire.

haver da Sorbona o parecer, que Vossa Magestade devia seguir ou podia, ácerca de *(sic)* provimento dos Bispados.

Logo então respondi a Vossa Magestade com a deligencia que haviamos feito, e a dificuldade, que achamos nos Ministros, para que a Sorbona em corpo de universidade declarasse seu parecer, pela ruim correspondencia que passavão *(sic)* entre as cortes de Roma e França e disse tambem a Vossa Magestade como nos parecera recorrer ao Estado Ecclesiastico junto aqui para negocios, e interesses da Igreja Galicana: o que fizemos indo eu fallar lhes ao convento de Santo Agostinho aonde estavão juntos em assemblea: e avizei a Vossa Magestade da estimação que elles fizerão da materia, e da forma com que se lhe *(sic)* propoz da parte de Vossa Magestade.

Poucos dias depois avizei a Vossa Magestade da resolução, que tomarão de escrever ao Papa, como fizerão, dando me a carta, que enviei ao senhor Luiz Brandão, acompanhadas *(sic)* de duas delRey para os Cardeaes d'Este, Barbarino que de tudo *(sic)* tenho dado conta a Vossa Magestade como tambem dos vagares do Assistente, que podendo dar a carta ao d'Este se contentou de o buscar huma vez, e pello achar nas vesperas da partida lhe não fallou, nem tornou segunda valendo se depois da carta para o Barberino, que como mal visto do Papa, forão de pouco effeito as deligencias que fez.

O que ainda não tenho dito a Vossa Magestade he o officio, que o Cardeal d'Este mandou fazer comigo pelo Agente, que aqui tem, merecedor que Vossa Magestade o saiba pelo grande respeito que mostra ter ao serviço de Vossa Magestade, e foi mandar se desculpar comigo da falta em que hum jezuita o fizera cahir (são as mesmas palavras do recado) pois sem lhe mandar dizer ao que hia o fora buscar: mas que sabendo depois elle Cardeal, quem era, e ao que hia, o mandara chamar, e que não quizera hir, que eu o tivesse assim entendido, que me pedia muito o avisasse a Vossa Magestade para que soubesse em quem havia estado a falta, e que assegurasse a Vossa Magestade, que em seu Real serviço não cometeria elle nem huma, porque dezejava muito ter muitas occasiões em que poder se empregar nelle.

Vendo que o Papa não respondia á carta a fiz impremir, de que mandei a Vossa Magestade alguns exemplares e outros a Roma, e outras partes: e como nem isto bastou fiz segunda instancia aos Bispos que logo me defirirão, deputando hum ao Nuncio com huma tão galharda resolu-

ção, como a de lhe dizerem no fim da conferencia, que o Clero Galicano determinava chegar com esta materia tanto ávante, que se Sua Santidade não defferisse ás suas queixas, até lhe negar a obediencia passarião.

O Nuncio se vio muito sobresaltado, respondendo que aquillo era ameaçar ao Papa: ao que o Bispo replicou, que não era ameaçar mas advertir do que podião fazer.

De todos estes particulares (menos o do Cardeal d'Este) tenho dado conta a Vossa Magestade, e porque ha tanto tempo, e a nenhum delles vi ainda resposta, quasi que me venho a persuadir, que Vossa Magestade não quer usar deste meio por ventura por não arriscar o parecer da Sorbona, e o dos Bispos de França, doutores todos della e a ser julgado por mal soante e erroneo como o passado: comtudo eu Senhor, levado pelo adagio de que quem cala consente tenho chegado a hum tal ponto o negocio, que eu ei de fazer que Vossa Magestade seja reconhecido pelo Papa, e dê Bispos a Portugal, ou o ultimo desengano de que não temos que esperar delle.

Se excedi nas deligencias, e houver, que sim haverá, quem me condene por ellas, haja-as Vossa Magestade por boas, pois nem a reputação de Vossa Magestade, nem a fazenda se empenhão nellas, nem serão damnosas senão para quem pertendesse hir a Roma a fazellas lá, mas devermehão o fazerlhes as vias planas, e o hirem com a segurança de bem recebidos *(sic)*. He pois Senhor o caso.

Desde que comecei a fallar nesta materia logo ouve Bispos que não só dezejarão, mas se me offerecerão para hir a Roma a esse negocio, porem como tiravão a ser á custa de Vossa Magestade, dandolhes a entender que o tinha por comprimento o satisfazia com outro.

De poucos dias a esta parte por via do Coadjutor tomou amisade comigo o Bispo de Bethelehem homem tido não só em Pariz, mas em toda a França por grande letrado, e igualmente virtuoso, porque he hum daquelles que fundarão a missão neste Reino, obra santissima, e de grande serviço de Deos, por ser a instituição della encaminhada a ensinar a doutrina christaa pelas villas, e lugares pequenos, e aonde mais necessaria he: em remuneração desta obra lhe derão o Bispado de Betheleem, que ainda que pequeno he caminho para chegar aos grandes.

Este pois, Senhor, chorando comigo as semrasões em ordem a Portugal, me disse por vezes que pela experiencia que tinha de Roma, entendera sempre, que Sua Santidade não havia de defferir á carta do Clero,

e que era necessario pessoa expressa para que solicitasse a resposta, cargo que só por serviço de Deos tomara elle de muito boa vontade quando Vossa Magestade o houvesse por bem, e o Clero lh o quizesse encommendar. Respondi lhe dando lhe muitas graças, e que avisaria a Vossa Magestade para lh as dar tambem da sua parte encaminhando se tudo a fugir lhe com o corpo, por não por a difficuldade no que se lhe havia de dar. Mas como a obra pelo que se pode entender da pessoa vinha encaminhada pelo Espirito Santo se declarou comigo em que faria a jornada á sua custa, e ainda parecendo lhe depois d esta cessão que me não deixava de todo persuadido fez com o Coadjutor e com o Bispo de Chalons que me viessem rogar aquillo mesmo que eu com grandes instancias houvera de fazer.

Emfim, Senhor, eu me deixei persuadir: fiz terceira instancia ao Clero, que visto que o Papa não defferia por autoridade da Igreja Galicana, convinha chegar com o negocio ao cabo, o que se não poderia fazer sem que do corpo d ella se mandase a Roma huma tal pessoa cuja deligencia conseguisse o fim que dezejavamos ou hum desengano claro e sem rebuço, para o que eu tinha posto os olhos no Bispo de Betheleem por ser pessoa em que com todas as qualidades se achavão os requesitos necessarios.

Abraçou o Clero com grande gosto a minha proposição, e proposta em assembleia *nemine discrepante* não só a julgarão por justa, mas por tão necessaria á França como a Portugal, consideradas as deligencias antecedentes, sem fazerem duvida em ser esta a primeira occasião em que o Clero deputasse ao Papa pessoa expressa.

Deputou o Bispo de graça ao de Betheleem, não só para lhe dizer a eleição, que d elle tinha feito a minha instancia para o mandarem a Roma, mas para lhe pedirem da parte de todos com grande instancia quizesse fazer esse serviço a Deos, e a sua Igreja, e a mim me mandarão dizer depois pelos seus procuradores o que havião feito, e como o Bispo de Betheleem havia aceitado a commissão.

Succedeo depois, que juntos alguns d elles na Cartuxa para a sagração do Arcebispo de Ruão, que havia de celebrar o Nuncio, alarmar se terrivelmente por haver entendido o negocio em outra forma muito differente; e assim dice ao Abbade de Marmicou hum dos procuradores do Clero, que se espantava muito que o não fizerão por minha primeira petição aos *(sic)* Bispos de França, juntos todos em hum corpo, fizessem agora os poucos, que estavão em Pariz, tomando huma resolução tão as-

pera, como a de mandar a Portugal o Bispo de Betheleem a sagrar os Bispos, e que se espantavão *(sic)* tambem muito de mim sendo Ministro tão sizudo querer antes de precederem mais instancias chegar aos ultimos termos da violencia (he o Nuncio, na forma que pode ser grande meo amigo, tem me em muito melhor conta do que eu mereço, e mostra a todos, e em todas as occasiões o pezar que tem de nos não podermos visitar).

Respondeo o Abbade, que Sua Illustrissima não estava bem informado, tanto no que os Bispos havião decretado, como do que eu havia pedido, e então lhe deu conta mui particular de tudo o que até ali se havia feito.

O Nuncio que he hum bonissimo homem levantou as mãos ao Ceo, e deu graças a Deos por tão pia e santa resolução, dizendo que era o unico meio, e só o que havia para que Sua Santidade differisse e consolasse Portugal.

E assim he, porque se não pode dar caso para que o Papa deixe de acudir á sua consciencia, e que se o deixa de fazer he pelo respeito, ou por dizer melhor pelo temor que tem a Castella, que ficando contrapezados *(sic)* com a resolução de França lhe fica huma desculpa muito legal, quando não digamos huma força para defferir com effeito ao que com tanta justiça se lhe pede.

Ao Bispo, de graça se cometeu o formar a carta para o Papa, de que procurarei mandar a copia a Vossa Magestade, e não falta outra coisa para partir o de Betheleem que o consentimento da Corte, que elle, o Clero, e eu temos pedido, e que não poderá faltar; porque tudo quanto se tem processado até agora foi com approvação do Conselho, e da Raynha, que respondeo, dando se lhe conta da minha primeira petição, e pedindo se lhe permissão para as deligencias, respondeo *(sic)* que com o sangue das veias dezejava comprar esta satisfação a Portugal, e que era muito contente que o Clero a procurasse, e que seria muito mais se o alcansasse, já que ella por seus Embaixadores com tantas instancias o não havia podido alcançar.

Chegada a permissão da Corte partirá logo o Bispo, porque nenhuma outra coisa espera. Elle escreve a Vossa Magestade e leva sifra para o fazer de Roma, que lhe dei, e de que constava a copia *(sic)*.

Queria que eu lhe desse instrucção, respondi lhe: *mitte sapientem et nihil dicas* quanto mais que o dall a tocava só a Vossa Magestade; com-

tudo por via de advertencias lhe apontei algumas, e no negocio principal, que Vossa Magestade não admitiria Bispos se não na forma que os houverão sempre os senhores Reys de Portugal, e que quando o Papa nas Bullas quizesse fazer alguma declaração, nenhuma admitisse sem dar primeiro conta a Vossa Magestade que será servido mandar lhe escrever em latim, ou em francez, porque não hande buscando quem lhe interprete as cartas, salvo se Vossa Magestade lhe der lá algum por adjunto para este ministerio; mas advirto, que são poucos os de que ha que fiar, e ainda mal, porque a experiencia o tem mostrado a Vossa Magestade. Este officio poderá fazer o padre Sebastião de Abreu se ainda estivesse em Roma, e Jesuita nenhum outro.

Se este serviço que tenho feito a Vossa Magestade o não deslustrar ser todo meu, creio que haverá Vossa Magestade que lhe fiz algum, pois se me *(sic)* aventurar por quarta vez a reputação, e sem o gasto da Fazenda Real achei hum homem que vai servir a Vossa Magestade de taes qualidades, que quando Vossa Magestade dentro do Reino o buscase para o mandar, por ventura que o não achasse de tantas, e quando bem o houvesse hiria exposto aos mesmos inconvenientes, e perigos, que os passados. Este vai livre de todos, e puramente pelo serviço de Deos, mas porque neste mundo são raras as obras, que não admitão estranhas impreções, fora eu de parecer que Vossa Magestade por se assegurar de todas as partes mandará assegurar a este Bispo, que em Vossa Magestade sómente havia de achar a recompença do que obrasse em seu Real serviço, e nenhum damno faria, antes hum grande bem alentado Vossa Magestade com qualquer ajuda de custo pelo mesmo caso *(sic)*, que nem por toque nem por remoque, nem ainda por huma sombra muito remota mostrou que nesta materia o levava mais que o serviço de Deos só o que eu fiz a Vossa Magestade parecer, como digo assima, que parecerá mais de superrogação, que de necessidade *(sic)*.

Desculpe o meu zelo, e valha me o ser sem custo de Vossa Magestade, porque creio eu que he coisa tão grande que só isso lhe fará o damno, como ser obra minha, mas a quem parecer mal, que se dispa, entre no territorio faça outro tanto, e Vossa Magestade por me fazer merce se sirva de applicar huma pouca de reflexão sobre este serviço, e sobre outros feitos em França de que aviso, e considere Vossa Magestade quem o serve melhor, se os que poupão a fazenda sem obrar coisa alguma, se os que a gastão com luzimento, e obrão como eu, e dê Vossa Magestade a sen-

tença, que todos os mais juizes me são suspeitos. Guarde Nosso Senhor a Vossa Magestade com os aumentos de vida, e estado que seus vassalos dezejamos, e havemos mister. Pariz 15 de Janeiro de 1652.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em França, a el-Rei

(1652?—Principios?)

Senhor—Sendo as materias de Roma dispostas na forma que Vossa Magestade verá pela carta de 24 do passado, e o Bispo de Betheleem disposto a partir a semana que vem, para o que só esperava a approvação da Corte, que não pode faltar, recebi na posta de hontem as cartas de Dom Vicente Nogueira com a mais estranha nova, em que, ainda sonhando, podéra dar.

He ella, Senhor, que Vossa Magestade havia ordenado ao Assistente da Companhia Luiz Brandão, que aceitasse do Papa a nomeação dos Bispos na forma, e maneira, que Sua Santidade a quizesse conceder, porque Vossa Magestade queria mais á sua consciencia, que *(sic)* quantos Reinos tinha o mundo, e que a rasão que Vossa Magestade dava a querer aquietar era haverem se achado algumas dispenças falças, que Vossa Magestade entendia haverem se impetrado, e concedido pela falta que no Reyno ha de Bispos.

Confesso a Vossa Magestade que fiquei tal, e tão fora de mim com tal proposta, que dera esse pouco que tenho, e o muito que devo esperar da grandesa de Vossa Magestade, e de meus serviços, por me ver fora na occasião presente do ministerio que eu exercito, pela grande vergonha, que hei, e hão de padecer todos aquelles que fora do Reino servem hoje a Vossa Magestade, ou são naturaes de seus Reinos.

Que discreta Senhor, andou a Sorbona, em não querer dar seus *(sic)* parecer, se bem só o fez a respeito dos Inquisidores, mas quanto pior fora havello dado, e Vossa Magestade com elle mandar a Roma uma tal ordem.

[1] *Copia incorrecta, na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, pag. 102.

Vossa Magestade me ha de perdoar, ou não me perdoe, mande me cortar a cabeça, porque emquanto a tiver nos hombros hei de gritar como um desatinado todas as vezes que vir semelhantes resoluções; tomando a salva de que não sou theologo, e com as poucas letras que tenho quizera disputar muito com todos os de Portugal, para ver se me podião convencer, ou vencer, por falar mais propriamente.

Em primeiro lugar carregão a consciencia a Vossa Magestade, sendo só a do Papa a carregada, e querem que a falta de Bispos occasione a falcidade das despenças, e que esteja Vossa Magestade obrigado em consciencia a ceder do maior direito que tem na nomeação dos Bispos, renunciando a nas mãos de hum Papa inimigo: seja Deos louvado, que tão bons theologos, e tão boa theologia praticão em Portugal, sendo obrigados a requererem, e protestarem a Vossa Magestade quando tal quizesse fazer, que em consciencia não podia, pois se privava de hum direito seu adquirido por posse immemorial, e que quando bem Vossa Magestade em sua pessoa quizesse dispençar, ainda assim o não podia fazer porque Vossa Magestade he usufructuario de seus Reinos, com obrigação de os manter e sustentar na mesma forma que lhos entregarão, e deixallos assim a longo andar de annos ao Principe seu herdeiro sem lhe defraudar huma tão grande prerogativa com consequencias tão damnosas, que o encobrem a Vossa Magestade os que se querem ver de posse dos Bispados. Apoz esta rasão todas as mais ficão sem força, mas eu quero as apurar mais.

Senhor quem persuade a Vossa Magestade que a falta de Bispos he a causa de despenças falças? Folgara de saber em que entrão os Bispos nas despenças? porque bem que o conhecimento dellas se cometa ao Ordinario, toca isto aos Vigarios Geraes, mas se são falças, ou não, como o podem elle *(sic)* saber, ou que remedio lhes podem dar? Porque ellas são falças de duas maneiras, ou pela narração de quem as pede, e destas houve sempre tantas, que tenho para mim, e ouvi ha muito tempo a hum homem que sabia bem, mais que eu, que todas o erão, porque para se impetrarem narravão o que não havia; e como se concedem com a clausula: *si praesentes veritati nitentur,* qualquer falta que tivesse a narração he a despença falça. A esta falcidade que remedio podem dar quantos Bispos ha no mundo? He a segunda a dos Ministros do Papa, se as passão não podendo, ou dos banqueiros, que as impetrão? Que remedio tambem neste caso podem dar os Bispos de Portugal ás velhacarias, que fazem em Roma; e estas não se fizerão se Vossa Magestade houvera crido a maldade

dos que lá as despachão inimigos jurados de Portugal, como são Fernando Brandão, e seus cunhados, Forragaitas, e Francisco Nunes Sanchez, mas porque tem padrinhos, que os abonão a Vossa Magestade, vemos estas coisas, e outras semelhantes, e ainda temos muitas que ver.

Se quando Vossa Magestade lançou do Reino ao Vice Coleitor mandara por cerco ao Papa, como elle tem posto ás igrejas do Reino, por ventura que estiverão as coisas delle em outra altura bem differente. Que necessidade tinha Portugal de que casassem parentes? Faltão mulheres no Reino? e que proveito tambem se lhes *(sic)* segue, ou a Vossa Magestade, das renuncias dos beneficios, que cada dia se fazem, tirando nos o dinheiro, e enriquecendo Roma com elle? ElRey de Castella, quando mais em braços está com o Papa por dá cá aquella palha o ameaça com que lhe tirará a Dataria e Vossa Magestade mal tratado, e desprezado, e não conhecido por elle consente que o enchão de oiro! Eu não entendo Senhor esta politica, e se a entendo he só para me desconsolar; porque vejo que accometem a Vossa Magestade, e lhe fazem brecha persuadindo o que vai contra sua consciencia, sendo que vão contra ella todos aquelles, que tal aconselhão a Vossa Magestade, e tratão sómente de serem Bispos a preço da reputação de Vossa Magestade, conservada onze annos, e perdida no fim delles.

Que Vossa Magestade os aceitasse *motu proprio* no primeiro, ó *(sic)* segundo anno, passe! mas já *(sic)* depois de onze lhe agravem a Vossa Magestade a consciencia bofé Senhor (deme Vossa Magestade licença para lho dizer assim) que não sei se ficará mais aggravado com sagrar alguns dos Bispos eleitos, que com que os não houvesse e ainda mal porque assim he.

Estão elles muito escrupulosos de que os homens, que em boa fé casarão se ache agora que não o estão, e querem que a culpa seja de Vossa Magestade, e eu folgara saber quem despençou alguns delles para viverem da mesma maneira.

Eu já Senhor, tomei a salva para dizer dezatinos, ou Vossa Magestade me tenha por doudo, e me mande meter na casa dos doidos, ou me deixe liberdade para dizer meu sentimento tão livre, como de quem não espera mais que ser castigado, ou aborrecido por dizer o que convem ao serviço de Vossa Magestade, e a sua reputação. Tenho feito contas comigo, vivi sessenta annos pobre, quero morrer pobre, e que saiba o mundo, que foi por dizer as verdades e por não querer lizongear a Vossa Mages-

tade e a seus Ministros, que quanto he saber para isso não me faltará, porque os mais ignorantes o sabem.

Daqui nasce o pouco caso que se faz de mim, pois sendo Embaixador em França do Conselho d'Estado de Vossa Magestade, e havendo-se me cometido o negocio da Sorbona, toma Vossa Magestade outra resolução sem sequer me mandar avisar, que não fallasse mais na materia, para que eu não chegasse com ella tanto ávante, como o estado em que a tinha, em que cuidava, e cuidava o mundo, que havia feito a Vossa Magestade o maior, e mais authorisado serviço, que vassallo por sua industria lhe podia fazer, pois tinha empenhado o Clero de França a ameaçar o Papa, e não só ameaçar, segundo elle me diz, senão a negar-lhe a obediencia em caso, que não deffirise a Vossa Magestade muito á sua satisfação. Que lhe hei de dizer agora Senhor? com que vergonha lhe direi que sobreesteja na resolução, que a dizer-lhe que a deixe me não hei de atrever.

Os que aconselharão tal a Vossa Magestade bem sei que hão de dizer, que terá o mundo a Vossa Magestade por hum Rey pio, catholico, e ainda santo. Por Deos Omnipotente que enganão a Vossa Magestade: os Reys são Reys, e respeitados emquanto a todo o risco sustentão seu direito, e em o perdendo perdem tudo.

Senhor foi huma traição muito groceira a do Marquez de Villa Real Arcebispo de Braga, e Inquisidor Mor querer por fogo a huma cidade, chamar lá a gente, e virem depois dar no Paço: os mais insensatos homens do mundo não darião nella; porque nem intental-a se poderia, quanto mais executal-a, porque tirar de hum golpe a coroa da cabeça a Vossa Magestade bem sabem os traidores groceiros que não pode ser, mas os refinados bem entendem que tiral-a pessa por pessa he mais facil, e mais seguro. Considere Vossa Magestade que a este fim se encaminhão as disposições.

A Francisco de Lucena emquanto o julguei leal, tive-o por muito ruim Ministro por algumas maximas, que lhe via por em practica, mas depois que o conheci traidor, o tive por hum homem de huma grande cabeça, pela facilidade e doçura com que nos hia chegando ao precipio *(sic)*.

A mesma facilidade, se não a mesma subtileza considero hoje nas pessoas, não sei quaes ellas são, ou sim sei de algumas, que vão encaminhando as coisas ao mesmo fim.

Instituio Vossa Magestade huma companhia meio unico para a con-

servação de seus Reinos, assim o julgarão todos os da christandade, e quando esperavamos que a esta se seguisse outra para a India Oriental, para em todas nos assegurarmos de nossos inimigos, seus mesmos vassallos de Vossa Magestade tratarão de arruinar a primeira (pertenção que só poderá ter ElRey de Castella) chegando a tanto como a se porem arca partida contra Vossa Magestade, disputando lhe o seu poder sobre sua mesma fazenda.

Tratou Vossa Magestade de se aconselhar o que *(sic)* devia ou podia fazer para dar Bispos a seus Reinos, e tendo o parecer dos melhores theologos da Europa, os de Portugal o condenão por mal soante, erroneo, e ainda heretico, e fizerão em Portugal os vassalos, e mais obrigados a Vossa Magestade o que o Papa em Roma se não atreveo a fazer; que digo se não atreveo! nem ainda simplesmente a mandar que não corresse.

Estive eu sete annos em Olanda, tendo mão nos olandezes, e ainda agora fizera o mesmo se lá estivera, mas em lugar das graças, que por isso julgão por cá, que eu merecia, interpetrarão tanto pelo contrario a Vossa Magestade, que lhe fizerão mandar outro Embaixador sem outro fim que o de romper a guerra, o que eu podera haver feito sem este gasto mais, que Vossa Magestade fez, e sem a recompença que fora delle lhe deo.

Foi João de Guimarães a Inglaterra, devia hir para não fazer a paz, pois achou premio em Portugal quando tornou sem ella, que muito longo andar de annos não houvera de ter pela via ordinaria. E quem estes pareceres dá não olha para as danosas consequencias que delles se seguem; porque dado que Vossa Magestade podera fazer a guerra juntamente a Castella, Inglaterra, França, e Roma, que o não cre assim, persuadida pelos castelhanos, e ainda pela rasão entende que nos não pudemos sustentar com tantos, e tão poderosos inimigos, por isso tem feito tão pouco caso de nós *(sic)*.

França nos busca na necessidade, que tem, porque tãobem concidera, que se nella lhe acudirmos que a nossa poderá vir a ser tão grande, que lhe tire a obrigação de nos pagar; o que em França, nem em Roma haverá, se entretivermos os olandeses, se com os inglezes fizeramos paz, e a Castella se oppozera o Principe Nosso Senhor dois annos ha *(sic)*, como fez no passado, e os que confessão tudo isso querem agora, que se remedeem com a consequencia de Vossa Magestade ficar aliviada com o Papa por ver a elles, e a seus parentes nos Bispados ao modo que elles

querem, que cá; *(sic)* mais para o serem no tempo que esperão, que no presente.

Com estes taes quizera eu que entendera a Junta dos Inconfidentes, já que a há, e fora milhor que não a houvera, e pode ser que achara mais em que pegar, que em hum pobrezinho, que por ignorante escreveo, ou se passou a Castella. Se Vossa Magestade me fizer tanta merce, como ler esta carta com alguma consideração facilmente achará, que em nenhum outro..... *(sic)*.

Não continha mais o original *(sic)*.[1]

Carta da Rainha ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal

(1652?)

Reverendissimo em Christo Padre Cardial, que como Irmão muito prezo. Eu Donna Luiza Rainha de Portugal etc., vos envio muito saudar. Não he piquena prova de vosso valor aceytardes a protecção destes Reynos,[2] quando suas couzas estão tam mal vistas nessa Curia: mas por

[1] *Copia incorrecta, na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, pag. 114.

[2] *Carta de nomeação:*

Dom João etc. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que tendo respeito ao muito que importa nomear Cardeal Protector pesoa de tal qualidade authoridade e merecimento que possa amparar e ajudar na corte de Roma os maiores negocios d esta Coroa, esperando da particular afeição que tenho ao Cardeal Virginio Ursino e da que sei me tem a mim e a minhas cousas e confiando de quem elle he e de suas muitas partes e vertudes querera por serviço de Deos nosso Senhor tomar este trabalho e cuidado de favorecer as maes dilatadas e desemparadas christandades que possue ninhum outro Principe, hey por bem nomeal o Protector d esta Coroa e suas conquistas para o ser assim e da maneira que o forão os maes Cardeaes Protectores e melhor se melhor puder ser e rogo e peço muito humildemente a Sua Santidade o conheça e receba por tal, e mando a todos meos vassallos em qualquer parte aonde forem residentes lhe obedeção cumprão e guardem suas ordens em tudo o que tocar ao posto e jurisdição de Protector, e para constar a todo o tempo de que esta he minha vontade mandei passar esta carta assinada por mim e selada com o selo grande de minhas armas que valerá posto que não passe pella chancellaria sem embargo da ordenação em contrario. Dada em Alcantara 16 de Abril 652. *

* *Minuta, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 168, fol. 347.

isto he mayor a obrigação em que nos pondes a ElRey meu Senhor e a mim. Espero que ouvindo vos Sua Santidade com a benevolencia que se vos deve, tenhão os negocios o bom despacho que não poderão alcançar em tantos annos, e tudo o que nisto fizerdes deveis á particular afeição vos tem *(sic)* ElRey, e á grande estimação que elle e eu fazemos de vossa pessoa etc. *(sic)*.[1]

Carta d'el-Rei ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal

(1653—Maio 16)

Ontem as dose e meia do dia foi Deos servido levar para sy ao Principe Dom Theodosio meu sobre todos muito amado e presado filho de hũa febre e achaque do peito de que esteve doente por descurso de oito meses, e senty mais seu falecimento pella perda que com sua falta receberão estes Reinos, que pello amor que tinha a hum filho tanto para estimar como elle era aviso vo lo para que o tenhaes entendido, e me ajudeis a sentir esta perda e me consoleis nella.[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em França, ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal

(1653?)—17 de.....

Ha muitos dias que andava por comunicar a Vossa Eminencia hum pensamento meu, e se o não fiz foi porque era só pensamento. Agora confirmado mais nelle por algũas circunstancias que lhe fui descobrindo,

[1] *Copia, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 170, pag. 449.
[2] *Minuta, no* Arch. Nac., Collecç. de S. Vicente, Liv. 20, pag. 418.

me pareceu este o proprio tempo de o comunicar a Vossa Eminencia. Se Vossa Eminencia o aprovar tello-hei por acertado, e se não pouco haveremos perdido, Vossa Eminencia em ler estas regras e eu em lhas haver escripto.

ElRei Catholico pellos avizos que temos aperta o Papa para que dê Bispos a Catalunha, porem como os não deu a França pela não escandelizar uza do mesmo termo com Hespanha; se bem não falta quem prezuma que Sua Santidade mais por mortificar a hũa que obrigar a outra o deixa de fazer: comtudo chegarão as couzas a hum ponto tão aspero como foi a forma com que o propoz a Sua Santidade o Senhor Cardeal Collona, e a aspereza com que foi respondido; tira se porem della o muito que insta ElRei Catholico o pôco que lhe difere o Papa, seja por este ou por aquelle respeito.

Isto suposto entra o meu pensamento, que vem a ser, que a França concentirá que se dê Bispos a Catalunha á nomeação de Castella, se na mesma forma os der a Portugal, nomeando os Sua Magestade que Deos guarde. Duvidará Vossa Eminencia do consentimento de França, e me podera dizer que sendo seguro, o poderia pedir ella mesma, e fazer este obzequio a Sua Santidade. Respondo quanto ao primeiro que o não propuzera eu a Vossa Eminencia sem grandes fundamentos, e quanto ao segundo de que ella o peça com a duvida de o alcançar não adiantaria a authoridade, e atrazaria muito as pertençoens que tem naquelle Principado, que as tem tomado tanto de coração, que partirá hum destes dias o Senhor Principe de Conty *(sic)* por Generalissimo das armas delle; e bem prezumirá Vossa Eminencia, que sendo hoje sobrinho do Senhor Cardial Mazarino, quam bem será assistido aquelle exercito, e quantas diversoes se lhe procurarão para que os progreços da prezente campanha recompensem as das atrazadas. Leva por seu Thenente General o Marichal de Oquincurt, bem conhecido já dos castelhanos, pello socorro de Rozas, e por seu grande valor.

Todas as couzas, Eminentissimo Senhor que nem encontrão a concequencia, *(sic)* nem a honra, e podem aproveitar ao negocio, se devem intentar; desta qualidade he a que proponho a Vossa Eminencia, a quem peço não faça escrupullo intentalo antes de approvação de Sua Magestade, porque estou certo que o aprovará, e que do avizo que lhe faço recomendará a Vossa Eminencia o proseguillo. Se Sua Santidade está com animo de dar satisfação a Portugal, não vi mais suave caminho que este

para o poder fazer, porque ou ElRei Catholico ha de concentir no acordo ou não ha de falar mais nos Bispos de Catalunha; e se Sua Santidade o não faz poder nos hemos desenganar do pôco que em sua vida tem Sua Magestade que esperar delle. E muitas vezes hum dezengano a tempo, val pôco menos que hum bom suçesso, porque faz lançar mão dos remedios, que sem isso se lhe não procurarião etc. *(sic)*.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em França, ao Padre Mestre Ribarola

1654 — Setembro 4

A ancia com que esperava esta posta mereceu bem as boas novas que Vossa Merce nella me mandou, que não he o menos que tem de boas virem pellas mãos de Vossa Merce, seja Deos louvado, que nos abrio huma porta tão larga, e tão segura como esta, quando não só a não esperavamos, mas nem sonhavamos que se poderia abrir. Não me espanto que Vossa Merce duvidasse hum pouco da nova, porque verdadeiramente ella passava hum pouco alem as marcas da credulidade. De mim confesso, que inda que vi circunstancias que mostravam que não podiam faltar, minhas duvidas, de que fui avizado[2] pelo Cardeal Orsino: e de que houve muitos avizos nesta Corte de que o Papa na Congregação proxima queira nomear os nossos Bispos e admitir nosso Embaixador, porque então me pareceu que se hia dispondo a fazello espalhando aquella voz, para dispor tambem os castelhanos ou que quando chegase o facto os tomase com menos sobresalto, isto me fez persuadir a que o Senhor Cardeal Guige *(sic)* caminhava de bom pé, e me faz crer hoje que está o negocio muito perto de concluzão, e que será infalivel mediante as boas deligencias de Vossa Merce.

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 7.

Ha tambem copias d'este documento, em geral mais incorrectas, no Arch. Nac., *Liv. mss.* num. 1038 *e* 2054, *e na* Acad. R. das Scienc. *Mss.* Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] *N'estes tres sobreditos livros:* minhas duvidas tive, té que soube a voz que se espalhou nessa Curia, de que fui avizado

Vossa Merce lhe disse bem em o assigurar que sem mandar a Portugal tinha eu poderes para concluir o negocio sendo comtudo debaixo daquellas condições que honestamente se possão aceitar, como não sejão comtudo a que Vossa Merce propoz de passarem por motu proprio os trez Bispados preconizados, porque de nenhuma maneira virá nisso Sua Magestade que Deos guarde pelo que senti eu muito que Vossa Merce fosse o primeiro a mover esta pratica que tem grandissimos inconvenientes; que bem que Vossa Merce o fizese por haver entendido que em outro tempo Sua Magestade o aceitaria, no prezente expresamente o impede; alem de que estão as couzas muito alteradas porque se me não engano os Bispos preconizados erão D. Pedro de Lencastre na Guarda, Sebastião Cesar no Porto, e Manoel de Saldanha em Lamego; de que os dois primeiros forão promovidos para Braga, e Coimbra, e asim não tem lugar o motu proprio tanto por esta rezão tanto porque estando Sebastião Cezar criminozo de lesa Magestade, se for nomeado pello Papa ficará Bispo emquanto viver, e a Igreja sem Perlado, e emfim ultimamente Sua Magestade os não quer nesta forma.

O tempo he ja outro, e com que nos contentariamos dez annos ha hoje só para ouvir não he: o Papa nos busca, a conciencia o aperta; se nos quer fazer justiça ha de ser sem nola regatear, e en tal forma que a nossa reputação fique salva; se nesta Sua Santidade vier escuzarei de mandar a Portugal, e se quizerem outra será força esperar; quanto mais que não creio que lá se queira deminuir hum pouco daquillo que aqui direi.

O modo com que no tempo de Castella confirmavão os Papas aos Bispos nomeados, era com clauzula ad nominationem, expessando o nome do Rey, esta he a posse de sessenta annos a que nos devemos pegar, e sobre qne Vossa Merce ha de fazer todas as instancias.

Aos Reis de Portugal se passavão as letras tambem ad nominationem nos Bispados novos do Reyno, como são Elvas, Leiria, e Portalegre, e asim tambem os das conquistas; e os mais do Reyno a que chamão velhos se pasavão com a clauzula ad supplicationem. O mais que podemos fazer será aceitallos nesta forma, mas em nenhuma outra, quebrando primeiro muitas lanças antes que cheguemos a ella, para ver se o podemos alcançar na outra, para que nos deva demais este serviço. E quando Sua Santidade queira acrescentar a clauzula de sine prejudicii tertii, ou a de ad nominationem Regis possessoris, depois de muito debatido, muito con-

tra minha vontade as virei a admitir. Tenho ditto a Vossa Merce não só ao que me posso alargar, mas ao de que Sua Magestade não passará segundo entendo.

Advirto outra vez que sendo Sua Santidade o que propoem, ha de ser elle tambem quem peça as condiçoens, e então lhe admittiremos as em que se conformar com nossos poderes; e quando nos não possamos acordar, então despacharei hum expreço a Portugal, inda que o mais breve caminho era o de se admittir Embaixador nosso que quebrase, e com quem se quebrasem as lanças.

No que parece que se não devem conciderar grandes deficuldades, porque huma vez reconhecido Sua Magestade por Rey, com as qualidades e requezitos necessarios, mais he que admittir-se-lhe Embaixador mormente quando a confirmação dos Bispos ha de seguir necessariamente mandar Sua Santidade Nuncio a Portugal pella grande necessidade que tem delle o Reyno, e pellas grandes inquietaçoens que com sua prezença cessarão; e esta he a segunda couza que Vossa Merce ha de pedir por tão importante como a primeira advertindo que se no titulo ou poderes houver a menor alteração que Sua Magestade o não admitirá de nenhuma maneira.

Nesta forma tenho poder para poder aceitar, ou por dizer melhor acordar com Sua Santidade, porem não nos devemos contentar emquanto pudermos de fazer o com ElRey[1] se contentará, por ora havemos de trabalhar para que reconheça de nossa deligencia hum pôco mais do que pedia. A Vossa Merce lhe parece que isto ha de vir a parar em se pedir dinheiro ao que eu me não poso persuadir, porque da vida[2] por donde vem se não pode esperar semilhante fraqueza. Que se queirão pençoes que se queira mudar de Prottetor, disto não duvido nem Sua Magestade creio que duvidará comtudo Vossa Merce não chegue a individos, com generalidade pode dar a entender que Sua Magestade não faltará no reconhecimento ás pessoas que se empregarem nestes bons officios, que he tudo quanto posso dizer a Vossa Merce, e tudo ate donde se estendem meus poderes. Nosso Senhor etc. *(sic)*.[3]

[1] o com que ElRey: Arch. Nac., *Liv. mss.* num. 1038 *e* 2054, *e* Acad. R. das Scienc. *Mss.* Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] da via: *Idem, idem, idem.*

[3] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 9.

Carta d'el-Rei a . . . . ?[1]

(1654 ?)

Pella vossa carta de 30 de Dezembro passado e por outra que recebi de Francisco de Souza Coutinho meu Embaixador em França entendia que devendo Sua Santidade como Pay universal da Igreja primeiro procurar hũa paz geral entre todos os Principes da Europa para dar descanso a christandade a procurava particular entre todas *(sic)* as coroas de França e Castella deixando este Reyno tão vezinho dos mouros dos mouros *(sic)* de Africa e a mim legitimo Senhor e possuidor delle ha quatorze annos sem avizo algum para se poder acudir pella minha parte e pella de meus Reynos no congresso desta paz. Este procedimento e o que Sua Santidade tem uzado com as guerras e com tudo o que toca a Portugal e o ver se agora que procura tão tão *(sic)* efficasmente desembaraçar a ElRey de Castella de todas as outras guerras para com todo seu poder vir cometter estes Reynos acrescenta o escandalo e da occazião a se fazerem discursos bem indignos em outro tempo de Ministros da Sé Appostolica. Vimos athe agora asolarem as terras do Turco aos christãos de Candia e as dos Tar [2] e cosaios aos de Polonia *(sic)* sem haver quem lhe valesse vimos que a paz de Munster foi mais para dar descanso e deixar tomar assento aos herejes de Alemanha Suecia e Holanda que para os castelhanos da Europa *(sic)* Vimos mais aceza a guerra que nunca em França em Castella e em Italia e so agora para fazer paz entre França e Castella vimos verificada a empreza da pomba da arca *(?)* simbolo de paz entre Deos e os homens que Sua Santidade tomou por timbre no principio do seu governo (confesso vos falando comvosco como amigo em cujo animo tenho grande confiança) que me não posso persuadir que isto serão acçoens de Sua Santidade senão de seus Ministros que não devem ser

[1] *Tem o seguinte titulo:* Carta que ElRey D. João 4.º mandou escrever ao Embaixador *(sic)* que tinha em Roma sobre o Papa não incluir este Reyno nas pazes que se tratavão na Dieta que se fazião ou tratavão fazer.

[2] *O claro é do documento.*

hoje melhores do que quando lançou alguns do serviço da Igreja. E isto he *(sic)* o que justamente devo esperar dos annos de Sua Santidade das suas grandes letras experien *(sic)* e curso dos negocios e dos auxilios que deve receber de Deos para o bom governo da sua Igreja me dá *(sic)* esperanças de que advirtido por vos conhesa a razão que tem para dar mais fé das cousas deste Reyno e fazer dellas maior estimação. França tem cappitulado comigo des o tempo de Luis XIII de me dar soccorros para a guerra contra Castella no cazo de fazer com ella acordos de paz se agora se fizerem sessarão as hostilidades entre ambos os Reys ou entre ambas as Cortes e direitamente hão de passarse a Portugal as tropas que França ocupa hoje na sua guerra da Rainha de Suecia minha Irmã e confedrada hei de receber tambem soccorros mudarseha o sitio e lugar da guerra mas acabar a guerra não ficando Portugal incluido na paz he couza que se não pode crer nem ainda cuidar por maneira que se o intento he a paz entre christãos entre aquelles dous Reys christãos não se concegue sem Portugal e por esta razão tem disculpa quem cuida que he o intento defferente. Tinha Sua Santidade obrigação de se lembrar que podendo só occuparme em melhorar meu partido nas guerras de Castela me empreguei como se as não tivera nas dos herejes levandoos a força de armas das dilatadas christandades de Africa arrancando a sizania de sua doutrina de entre o trigo da sementeira de Christo, e não he menos para lembrarlhe que offerecendome os mesmos herejes pazes soccorros a troco de que lhe largasse parte das terras que lhe tinhão ganhado minhas armas e fazendo por isso as instancias que o mundo sabe o não puderão nunca conseguir no mesmo tempo em que o mesmo mundo vio largar a outros Principes que mais favor achão nos Ministros de Sua Santidade aos mesmos herejes não só terras nas outras partes do mundo mas muitas na Europa vezinha a Roma pedião as necessidades commuas e ainda a razão e a justiça ajudada dos exemplos de outros Reynos da christandade que mandasse por termo ao excesso antigo e hoje incomparavelmente acrescentado nestes quatorze annos de meu reynado com que os Ministros de Roma dezentranhão o dinheiro e a ssustancia do Reyno sufrio athegora enganando meu escrupulo com as esperanças de remedio vivo com incrivel parcimonia no governo da minha caza e aforro ainda nas despezas particulares de minha pessoa por não faltar com as ordinarias que aprezentei tanto em o meu tempo *(sic)* aos Missionarios Apostolicos que vão pregar o Santo Evangelho. A reedificação das igrejas arruinadas pellos

herejes empregando neste cuidado e em outros semelhantes a maior parte das horas dos dias e das noytes em tempo que outros Principes assim seculares como eccleziasticos poem todo o seu estudo e todo o seu dezejo em fazer e enrequecer cazas e em adiantar famillias e de fundar palacios sobre tudo estando meus brios em tão alto ponto quando *(sic)* estavão quando me rezolvi fiado na mizericordia de Deos em minhas mãos e no amor e valor de meus vassallos a tomar a cadeira e cobrar a Coroa que me tinhão uzurpado pareserá que os perdi a quem conciderar o que sofro aos Ministros de Sua Santidade a vista do pouco sofrimento que os outros Principes não desimulão não digo hũa injustiça mas hum pequeno descontentamento ainda que o faço conciderando ser Sua Santidade cabeça da Igreja Esposa de Christo herdeira do seu sangue e que imitando a meus passados em os suffrer e obedecer está o verdadeiro brio e o maior vallor não me tira esta concideração antes m acresenta o merecimento com que nesta parte me avantajo a muitos *(sic)*. Encomendo vos o mais apertadamente que posso que conciderando estas razoens e as mais que a ocazião e progresso do negocio offerecerem a vosso juizo as comuniqueis e confiraes com os Cardiaes d Este e Antonio Barbarino dos quaes por suas virtudes e qualidades e por tão verdadeiros Ministros da Santa Sé Appostolica espero me ajudem em requerimento tão justo como he o de Sua Santidade ou dezistir d aquella paz particular que ententa fazer ou de procurar seja geral entre todos os Principes christãos da Europa pois de outra maneira não pode ter nome de paz nem as suas deligencias de verdadeiro Pay de todos os filhos da Igreja e ajudando vos dos mesmos Cardiaes para que fazendo com Sua Santidade os bons officios que puderem em ordem a este fim o consigaes seguindo o que a vos e a elles parecer mais conveniente para o intento e do que nisto for succedendo espero me façaes avizos por todas as vias estando certo será da minha estimação e do meu contentamento para mim e de grande importancia para estes Reynos tudo o que fizerdes neste particular.[1]

[1] *Copia incorrecta, no* Arch. Nac. *Liv. mss.*, num. 1232, fol. 55 v.

Carta d'el-Rei a Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma

(1655? — Dezembro 21?)

Pella copia da carta que sera em companhia d esta entendereis o que mando escrever ao Cardeal Ursino protector d esta coroa sobre a impetra do beneficio de chantre de Evora que vagou por falecimento de Manuel de Faria Severim, e posto que ha aqui muitas cartas de França que disem partistes para Roma em 12 de outubro e ha outra de Roma de pesoa de confiança que dis vos mandara Sua Santidade deter no caminho e com esta incertesa e sem se haver recebido ninhũa carta vossa de maes de tres meses a esta parte se não sabe onde vos podera achar este aviso para vos ordenar o que deveis faser naquelle negocio tereis entendido que ou de França ou de Roma ou de qualquer parte onde vos achardes fareis por vos e pellas pesoas que vos parecer todas as diligencias que puderdes a favor d aquella pretenção entendendo que no bom successo d ella me vae muito contentamento.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656) — Principio?

Senhor — Em 19 de Agosto do anno passado de 655 chegou de Portugal a Pariz o Padre D. Camilo San Severino, e quando eu esperava segundo as tormentas que elle lá havia passado me chegasem a mim maiores, ainda, das que de la se me ameaçavão, forão as ordens ao con-

[1] Arch. Nac., Collecç. de S. Vicente, Liv. 12, pag. 723.

Minuta sem data, sendo provavel a que pomos, pela razão de a ter a carta (a um cardeal?) que em seguida se encontra no livro, recommendando o mesmo negocio.

trario ao juizo commum que se pudera dizer que sahia dos carceres para o governo do Egipto, pois me mandou Vossa Magestade passar daquella á Embaixada de Roma: pudera fazer grande estimação do lugar só pelo que em si era sem embargo dos outros por que havia passado, se os meus annos não fossem já tantos, e os desgostos os não houvessem carregados de achaques, comtudo pello tempo em que vierão não pude deixar de as estimar muito, e beijar por ellas a mão a Vossa Magestade, como fiz em cartas que levava hum criado meu que foi roubado pellos dunquerquezes; porque vi que era maior a confiança que Vossa Magestade fazia da minha pessoa, que as culpas que se me quizerão arguir contra seu Real serviço tão declamadas de tantos.

No mesmo dia em que recebi as ordens tratei logo de me dispor para a jornada, sem embargo que algumas clauzulas que trazia me puderão fazer não errar quando houvera dilatado a execução: pude entender que a escolha, e a nomiação fora toda de Vossa Magestade, e pude temer tambem que o não fosse as clauzulas, sendo a primeira haver de proceder a aprovação do Cardeal Orsino, e a segunda de não entrar em Roma sem segurança de haver de ser recebido temendo Vossa Magestade mais os riscos de minha pessoa que todos os outros, e eu fazendo destes menos cazo escrevi logo a esta Curia que vinha, se me ordenassem cazas, e que me não respondesem ás cartas porque já me não acharia em Pariz; o mesmo avizo fiz ao Cardeal Protector, e se tivesse alguma couza de que avizarme o fizese a Genova aonde eu procuraria as cartas, porquanto eu partiria por todo o mez de setembro, bem vi que punha termo impossivel de vencer, mas não quiz concelho porque sabia quaes elles havião de ser.

A primeira deligencia que fiz foi escrever a Genova a Lazaro Spinola Embaixador Extraordinario que fora em França para que me houvese huma galé da Republica, que se tinha dado por muito obrigada á boa correspondencia, que eu havia tido com o seu Embaixador, sendo o unico dos Ministros estrangeiros que correrão com elle com vezitas; a razão que para isso tive foi ver que se lhe fizerão naquella Corte as mesmas honras que se fazem ao de Veneza, cujo Embaixador asistido do Nuncio de Sua Santidade trabalhou quanto pode por lhas impedir: estas duas Republicas continuão as contendas antigas, Genova pertendendo igualdade, e Veneza superioridade, que lhe faz *(sic)* nesta Corte, e na de Castella, nas quaes já de annos a esta parte depois que o Emperador tratou de Se-

renissima a Genova não se teve mais que Rezidentes não podendo alcançar em huma e outra o tratamento igual. Em França todos os Embaixadores se cobrem, e a todos se dá Excellencia, e desde a Raynha de Medices para cá, que fez dar este tratamento ao Embaixador do Graã Duque, com que todos os mais pertenderão de o alcançar.

A diferença que ha só nos Embaixadores de testas coroadas aos mais, he que a estes nas entradas os vai conduzindo hum Marichal de França, e na primeira audiencia, e na da despedida os vai buscar hum Principe dos que ali chamão Estrangeiros, como são os da Caza de Lorena, e de Saboia, e nestas duas audiencias os esperão os guardas de ElRey em ala batendo se os tambores: a Veneza se faz isto mesmo menos o leval o Principe ás audiencias, porque huma e outra função fazem os Marichaes. Saboia passava isto mesmo emquanto á entrada, e primeira e ultima audiencia, mas não tomavão as guardas as armas, e asim em meu tempo o Embaixador com que ali concorri que quaze entramos juntos, foi a primeira audiencia sem serimonia alguma por não passar pela dezigualdade; mas a este mesmo dois annos depois a instancia de seus Principes se lhes concedeu a Sala Regia que chamão emquanto a tomarem lhe as armas, e foi de novo á audiencia, e ficarão aquelles Embaixadores com a mesma posse.

A este de Genova que digo, se lhe fizerão todas as honras que ao de Veneza, tomando as guardas as armas na primeira e ultima: he bem verdade que a ambas ellas foi em ocazião que a Raynha sahia fora, e tem-se que se fizera de prepozito, porque tomando se as armas para a Raynha, nem se faltava ao Embaixador com aquella serimonia, nem se lhe deixava de fazer: temperamento que tomou por não faltar a Republica de Genova, nem ofender a de Veneza.

Costumão os Embaixadores que não tem Sala Regia, inda que cheguem dipois vezitar primeiro aos que a tem; isto esperou o Nuncio que lhe fizesse o de Genova, e porque o não fez ficarão sem vezitar se, sendo que havia exemplo em hum irmão do mesmo Nuncio, que sendo em França vezitou primeiro ao outro Embaixador de Genova, que em seu tempo foi áquella Corte. O de Veneza não vezitou por ser já mais ley que costume: o de Saboia seguio os mesmos passos, mas contra toda a rezão e justiça, de maneira que fui eu só o que o vezitei: as rezões que para isso tive forão aprovadas de todos: a primeira e principal que tive para o fazer foi a do tratamento que lhe deu França igualando o nas de-

mostraçoens aos de Veneza; segunda, porque me mandou avizar de que vinha do dia que entrava, e de que o quizesse honrar, mandandolhe a minha carroça; e a terceira porque no estado em que estamos me pareceu que convinha disimular alguma couza, e fazer amigos declarados dos que sabiamos que o eramos emcobertos. De que rezultou ficar me a Republica muito obrigada, ou por dizer milhor a Vossa Magestade, entendendo que eu o fazia, ou por ordem que tivese, ou por saber que nisso daria gosto a Vossa Magestade.

Recebeu Lazaro Spinola a minha carta, respondeu me que era cazo capital na Republica dar recado de Estrangeiros, comtudo que o Doge era parente seu, que como amigo lhe dera conta da minha pertenção, que entendia que se eu escrevese ao Senado, não só me daria a galé, mas teria muito gosto de que eu lha pedise; alguma duvida se me fez, contudo o mesmo seu Rezidente que asiste em França me facilitou, e fez que escrevese como fiz, e porque entendi que podia fazer escrupulo na resposta disse que eu me partia, e que me não acharia já em Pariz, nem poderia saber adonde, e que asim em Marcelha hiria esperar aquelle favor. O Senado o fez tão galantemente que mandou ordem ao seu Rezidente para me despachar hum correio adonde quer que eu estivesse a asigurar me que em Marcelha acharia galé ou galés, ajuntando ao recado muitas palavras em que se mostrava bem o seu efeito para o serviço de Vossa Magestade.

Este correio me achou já em Marcelha aonde estava huma galé que havia hido com sedas, e a cujo capitão a Republica havia despachado huma faluca com ordem que se nos dias que se detivesse chegase áquelle porto o Excellentissimo Senhor Francisco de Souza Coutinho Embaixador do Serenissimo Rey de Portugal lhe oferecese em nome do Senado a galé para o levar nella a Civita vechia, ou a Palos, ou adonde quer que elle tivese gosto: e cuidandose que eu não acharia já esta galé, se deu a mesma ordem a outras duas em que forão o Cardeal Grimaldi, e o Cardeal Antonio, encontrando eu o primeiro ao sahir do Porto de Marcelha, e ao segundo em Savona.

Bem que eu avizei a Roma como no principio digo que sahiria de Pariz por todo o Setembro, e que já as respostas ali me não acharião, sempre determinei esperar ate ver se por ordem do Papa o Nuncio por si, ou por interposta pessoa fazia alguma deficuldade para a minha jornada. Não estava o Nuncio em Pariz, porque por se não encontrar com o Duque de Mantua se sahio a hum lugar fora, e quando tornou havia já

reposta de que se sabia em Roma que eu hia; e sobe eu por hum Padre Superior dos Theatinos, que era venecciano, que o seu Embaixador perguntara ao Nuncio se era serto que eu vinha a Roma porque Sua Santidade o mandava informar disso.

Era isto o que eu esperava porque minhas duvidas tinha, e fazia conta que se me puzessem da parte do Papa, conformando me com as ordens de Vossa Magestade não sahiria de França sem esperar outras, avizando do que passava. Mandei recado ao Nuncio na forma costumada, quanto importava vermo nos, que era adonde o outro dia havia de hir dizer missa, porque lha queria ouvir: mandou me responder, que aos Carmelitas descalsos; fui a hora que me sinallou, e já lá o achei, que me esperava; dei lhe conta do como Vossa Magestade me mandava a Roma, e fundei toda a força das ordens, em ser este o Papa, por cuja via seu antecessor, e pela de Sua Senhoria Illustrissima se mandara tratar comigo, para assim me empenhar mais a me ajudar no que estivese em sua mão; e quando esperava que ja que não dificuldades,[1] pello menos puzesse alguma duvida, elle me tirou todas, e não se fartava de louvar a rezolução encomendando me que a executase com a brevidade possivel; em que mostrou bem que era ela tambem do gosto de Sua Santidade, o que mais provou com que dahi a hum ou dez dias,[2] e dois antes da minha partida me foi vezitar de publico, couza que não deu pouco que discurçar aos curiozos de Pariz, querendo saber do Nuncio os motivos daquella vezita. De maneira Senhor, que estando ainda naquella Corte me asigurei que havia de entrar nesta com toda a sigurança pella parte de Sua Santidade, que a dos castelhanos me não deu nunca o menor cuidado; bem que depois de estar aqui me disserão que na Elba, em Porto Longone, e Piombino havia ordens que se álguns daquelles portos chegase a galé em que eu fosse, a tratassem como inimiga.

Rezoluto eu já depois[3] de acomodadas minhas couzas, pedi audiencia de despedida a Suas Magestades Christianissimas; derão ma, foi me buscar o Duque de Guiza com as serimonias costumadas, e as mesmas me fizerão os Reis.

[1] que ja que não encontrava difficuldades: Acad. R. das Scienc. *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

[2] dahi a oito ou dez dias: Acad. R. das Scienc. *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[3] eu já a partir depois: *Idem, idem.*

A Raynha, que por mais que faça não pode encobrir o ser castelhana rindo se me perguntou se vinha seguro a Roma: a pregunta tinha dois sentidos, e a ambos lhe respondi, dizendo lhe que não podia deixar de asigurar me para o Papa com a justiça de Vossa Magestade, e com quinze annos de posse, e que para o mais portuguezes e castelhanos todos erãomos espanhoes que nos entendiamos, e eu me entenderia com elles. Dahi a dois dias se me mandou o prezente costumado, e o costumado em tudo, porque sendo o valor delle de dois mil escudos de França, que fazem da nossa moeda dois mil e quatrocentos sempre chegão dezimados pellas mãos dos que passão. Deu se me hum serviço de prata que continha trez pratos de mãos com seus jarros, huma duzia de pratos de cuzinha, duas duzias de pequenos, duas salvas, dois frascos, e quatro castiçais, e hum saleiro; foi trazido pellos condutores dos Embaixadores maior e menor; a este mandei quarenta dobroens, e aquelle uma bandeja de prata de bom pezo, e de mais quantia com luvas e bolças de ambar, e outras galantarias, e este deu huma espada bem goarnecida ao meu estribeiro que foi o que lhe levou o prezente.

Em 12 de Outubro sahi de Pariz, e por fazer a viagem com mais comudidade fui em barcos pelo rio Sena arriba, e em sete dias cheguei Auxerre cidade de Borgonha; ali me detive hum e meio por chegar hum pouco achacado, e outros quatro por terra cheguei a Chalon cidade da mesma provincia, e embarcado outra vez no Sena fui em trez dias a Leão donde me detive hum e meio, para me preparar do necessario, que não trazia de Pariz, comprando armas e cravinas para toda a minha gente; e forão quarenta cravinhas para toda a minha gente, e dez pares de pistolas, de que mandei entregar nos armazens *(sic)* e não todas porque nos caminhos se furtarão algumas, e se quebrarão outras. De Lião pelo Rhodano abaixo cheguei em dois dias e meio a Avinhão, de donde em trez por terra me puz em Marcelha.

Ahi cheguei no primeiro de Novembro á noute e me veio logo buscar o capitão da galé, que me esperava, e ma ofereceu da parte da Republica assim, e na forma que acima fica dito. E porque duvidava que chegasse a tempo, não tinha acomodado a galé, com que foi necessario deter me ali quatro ou cinco dias. No seguinte da minha jornada[1] me vierão vezitar os do Governo em corpo de Senado, e me fizerão o prezente que

[1] da minha chegada: Acad. R. das Scienc. *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

costumão fazer ás pessoas grandes, constava de doze caixas de dosses, doze frascos de vinho, e quatro duzias de vellas de sera branca. Ao outro dia lhes paguei a vezita na Caza da Villa; esperarão me á porta e me fizerão as mais serimonias, excedendo antes que faltando nas cortezias.

Sucedeu naquelles dias andarem nas Pomas de Marcelha duas barcas grandes e bem armadas de Malhorca, cuja gente sahindo em terra fez nella alguns roubos de gado, de que tendo avizo os do Governo pedirão ao capitão da galé, que quizese concentir que sahisse as barcas; e porque a sua comição lhe não dava lugar, nem ainda a conveniencia pella amizade de Castella, o povo amotinado, a força entrarão nella couza de duzentos homens, asim e da maneira que se achavão, levando so espada o que mais armado hia. Embarcou se hum dos Echevins, officio que responde ao dos nossos Variadores para governarem a gente: acharão se no cais meu cunhado D. Gaspar de Contreras, e outros trez gentis homens meus que se quizerão achar na galhofa, e não foi mais da minha gente por estar eu a hora que sucedeu o cazo em caza do Bispo que me havia vezitado, e quando voltei ao avizo que tive era já partida a galé; e chegado a caza tornarão em corpo do mesmo Governo a dar me satisfaçoens do que se havia feito com a galé, desculpando se com a furia do povo, a que não poderão ter mão. Eu lhe respondi que a haver chegado a tempo me embarcara tambem, e comigo toda a minha gente.

Em toda a que se embarcou nem havia quem mandase, nem quem obedecese, tomarão as armas dos soldados da galé, ao capitão fizerão meter no seu camarote, e sem haver cabeça todos quizerão ser cabeças. O dia estava sem vento, em poucas horas avistarão as barcas, e sua boa sorte quiz que as achasem bem apartadas huma da outra; e chegado mais perto que a tiro de canhão, o capitão e patrão da galé lhes pedirão que os deixase governar, e que com a artilharia ou meterião as barcas a pique, ou as obrigaria a que se rendesem, o que os marselhezes não quizerão excutar, nem se ouvia mais que aborda, aborda, e asim o fizerão a barca que estava mais perto havendo quebrado o esporão da galé no abordala. Os malhorquins gente bem destra neste ministerio lançarão hum cabo a peça de cuxia em que a sigurarão de não poder ciar, e valer se da artilharia, e começarão a jogar de cravinaços. Os marselhezes que não esperavão tal recebimento sem ficar hum só que se deixase ver, huns pellas camaras, e os mais por entre os bancos huns em sima dos outros, deixarão a galé entregue só aos meus, dos quaes hum chamado Antonio da

Cunha posto na proa defendeu a entrada aos malhorquins que já não tratavão de outra couza, e a juizo de todos os que se acharão na galé asentarão que a não ser por este gentilhomem a galé fora levada a Malhorca; e infalivelmente o fora se houvera qualquer vento com que a outra barca pudese chegar. Emfim a que estava atracada houve por seu barato conhecendo já o medo dos francezes a ficar livre, cortando o cabo que havia lançado, e dando grandes apoupadas a galé que voltou com morte do patrão mor o comitre trez ou quatro forçados e hum capitão natural de Marcelha, e hum gentilhomem meu atravesado com huma balla chamado Simão de Loureiro que ali deixei desconfiado da vida, mas todavia escapou, e me foi buscar a Roma. Estavamos para partir já no dia seguinte, havia se embarcado já todo o meu fato com que se a galé se levava eu era só o que perdia pois nem huma camiza me ficava em terra, nem com que poder sahir de Marcelha, estando tambem embarcado ate o pouco dinheiro que levava, e com este sucesso nos detivemos mais dois dias.

Nos sete do mez me embarquei já serrada a noute, para me ficar fora das cadeias, e partir antes do amanhecer do dia seguinte: á salva de artilharia que a galé me fez emtenderão os do Governo que eu me embarcava, e vierão dois delles a fazer comprimentos da parte de todos, mostrando sentimento de o não haverem sabido, e me embarcar a horas que em corpo de Senado me não pudesem ir acompanhar como tinhão determinado; respondi como convinha: ao sahirem da galé os mandei salvar, e levamos logo ferro para partir no dia seguinte na hora apontada como fizemos.

Neste dia encontrei junto as Pomas de Marcelha outra galé de Genova em que vinha o Cardeal Grimaldi, ao emparelhar a salvamos com trez peças o que respondeu com as mesmas, e atravesando as vellas fui a vizitar o Cardeal pela grande amizade que tinhamos e havemos profeçado e continuado em Pariz. Aprovou a rezolução de Vossa Magestade de mandar a Roma, pormeteu bom sucesso, mas vagarozo, tanto pellas contradições de Castela, quanto pelo natural do Papa. Despedidos proseguimos a viagem prosprissima toda, pois com ser em Novembro se fez mais com os remos que com a véla, e na mesma forma passamos o Final porto de Castela, confins da Senhoria de Genova; e correndo a costa dela, estando já tanto avante como a vista da cidade com hum chuveiro que se armou com vento contrario arribamos a de Savona, e distante della quinze ou dezaseis milhas: quaze no mesmo tempo chegou ahi outra galé

do Cardeal Antonio; vezitamo nos por recados por me parecer conveniente não sahir eu a terra em lugar nenhum da Republica contentando me com os comprimentos, e vezitas que os Governadores me mandarão fazer, sem me arriscar a que me faltasem em alguma das serimonias que se costumão uzar com os Embaixadores.

Na manhaã seguinte já com bom tempo proseguimos a viagem, e na tarde com huma hora de sol chegamos a vista de Genova, adonde esperava para me hospedar o meu amigo Lazaro Spinola, a quem eu por hum gentilhomem que despachei desde de Savona em huma faluca me mandei escuzar; e elle em outra me veio ver á galé, e se encarregou de conprimentar por mim ao Senado, aprovando por justa a rezolução de eu não sahir a terra, nem mandar pessoa minha a fazer estes officios: ali nos mandarão chuma de refresco[1], e outro capitão, porque determinarão castigar o que me trazia pelo sucesso de Marcelha, carregando lhe o haver esperado por mim quando a ordem que se lhe mandara foi só para o cazo que me achase naquelle porto, mas fizerão me aquelles Senhores tanta cortezia que huma certidão minha o livrou da culpa, e o restituio ao posto de que o determinavão tirar.

O gentilhomem que mandei a terra me trouxe duas cartas do Cardeal Orsino que ali me esperavão; na primeira com grandes apertos tratou de persuadir me não passasse de Genova até outro avizo seu porque via as couzas de Roma em estado, que podiamos temer que o Papa me não deixase entrar nella. Na segunda sem diferir a este ponto gastava muito papel sem concluir couza alguma com que fazendo eu o cazo dellas que tinha feito de todas as suas segui a viagem, e sem emcontro algum que a pertubasse cheguei nos 18 do mez a Civita vechia ao meio dia: ás galés do Papa salvou a nossa a que a capitania respondeu com outras trez peças, o thenente dellas me mandou vezitar por hum capitão, e oferecer me a sua caza, paguei lhe com outra vezita por hum gentilhomem, e não sahi a terra; dali despachei outro a Roma a dar avizo ao Cardeal de como era chegado, e como hia ao outro dia dezembarcar a Pallos castello do Duque de Braciano seu thio, avizo que já lhe havia feito de Pariz: aquella tarde e noute passei naquelle porto, e no dia seguinte antes de amanhecer fomos na volta de Pallos que dista delle seis legoas adonde chegamos as dez para as onze horas do dia.

[1] chusma de refresco: Acad. R. das Scienc. *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

Neste porto costumão embarcar e dezembarcar as pessoas grandes que sahem de Roma, e que vem a ela, e particularmente os Embaixadores de França, e era hum gasto inconcideravel o que os Duques de Braciano costumavão fazer com elles, mas o bom Cardeal se deu por tão dezentendido dos meus avizos que me achei na praia com minha gente, e com o meu fato a risco de passar nella o que restava do dia, e inda parte da noute ou toda ella se hum thenente que governava dois ou tres homens que havia no castello se não movera a recolherme, mais pelo interese que esperava, que por ordem que tivesse: dali a meia legoa havia huma ruim estalagem, adonde parte de minha gente foi comer, e a outra que ficou comigo passamos até Roma em jejum, achando no castello apenas em que asentar.

As duas ou trez horas da noute chegou o gentilhomem que de Civita vechia havia mandado, me fez relação do sobresalto com que o Cardeal recebera a nova de minha chegada, que o deixou tão atalhado, que té palavras para hum comprimento lhe faltavão, que de obras pellas premissas tinha eu bem tirado quaes havião de ser: chegou pouco depois a carruagem que havia mandado buscar, e parte com força parte com interesse a obriguei a que partisem naquella hora, que devia de ser de meia noute, chuvendo mares de agoa, que não cessou até Roma adonde entrei das oito para as nove do dia em sabbado 20 de Novembro, acompanhado de só a minha gente menos a de pé que com a chuva e escuridão da noute se ficou pelos caminhos: vinha eu em huma liteira seguia huma carroça, e os de cavallo serião até trinta, e entrando em dia claro, e pelo mais publico de Roma como he a porta Angelica, que fica junto a S. Pedro, e atraveçando o melhor da cidade, dentro de duas horas se soube em toda que o numero da gente que me acompanhava que de trinta pessoas como tenho dito herão duzentas, e todas com bocas de fogo, e asim correu por todas as gazetas de Italia de donde se estendeu ao mundo todo como tambem que eu tinha a caza fortificada, que se guardava, e vigiava como huma praça de fronteira até que pouco a pouco se desvaneceu precedendo primeiro vir e mandar muita gente a da milhor da terra espiar e reconhecer a caza.

Na tarde daquelle dia me vezitou o Cardeal Orsino, e me fes os comprimentos e ofercimentos tão frios que se deixava bem ver nelles qual estava o seu coração: do Cardeal Bichi fui tãobem vezitado por hum gentilhomem, desculpandose de não vir em pessoa pelo impedimento da gota

que ordinariamente o tem na cama, e quando fóra d ella, asentado em huma cadeira, porque os pez lhe não deixão dar passo. Com o Cardeal Paloto sendo Coleitor em Portugal tive amizade muito estreita, e foi padrinho de hum filho meu, mas como erão passados tantos annos, e com minhas peregrinações cesava a correspondencia, me parecia que poderiaomos dizer que era morto o filho de que eramos compadres, comtudo achei tão publicado em Roma por elle este nosso parentesco, que me persuadi que podiamos ter a mesma correspondencia que em Lisboa: esta me avizou elle que não convinha que tivesemos por poder com menos suspeita fazer minhas partes, e asim continuamos já por recados, já por escritos.

Para o Cardeal Sachette trazia ordem particular de Vossa Magestade; fiz lh o a saber por hum gentilhomem meu, respondeu com todas as cortezias que se podião esperar mandando me advertir que nem d ellas se soubessem, nem eu o quizese vezitar por lhe não atar as mãos, que as queria ter livres para me asestir, e milhor servir a Sua Magestade; acrecentando ao gentil homem: diga lhe que veio a muito bom tempo, que *manus Domini erat cum illo.* O Cardeal de Alvici me fez tambem por interpostas pessoas largos comprimentos mas a experiencia me mostrou depois como se dirá em seu lugar que erão puros comprimentos, ou a que fim saberia elle. Do Cardeal de S. Clemente Fioransola, e Maculano por outro nome tive tambem recados de grande afecto, e d este se pode dizer que não erão comprimentos, que he homem tão de bem que a regra de S. Domingos que goardou sendo frade seu, guarda hoje com o mesmo rigor no comer e no vestir, como quando estava nos conventos. He muito velho e não perdoa aos jejuns da Ordem, nem a estamanha na camiza, e na cama, em que não ha mais que as cubertas de hum pobre religiozo.

Consultei com pessoas praticas, e ainda com algum Cardeal se converia vezitar os Cardeais independentes suposto que emquanto não fosse recebido não podia vezitar todo o Colegio: asentou se pellos milhores não convir porque sendo cazo que o Papa quizese formar alguma congregação para os negocios de Portugal havia de ser d aquelles mesmos que eu houvese vezitado, e que como couza que havia de ser publica os poderia recuzar o Embaixador de Castela: assim o avizei a Sua Magestade que foi servido de o aprovar.

Naquelles primeiros dias emquanto não tinha concertada a caza nem carroça ainda que sahir, valendo me d aquelles fidalgos humiziados que estavão na Corte, vezitei de noute aos Cardeaes Orsino e Bichi: no

primeiro achei o que sempre, e no segundo hum animo mui disposto para o serviço de Sua Magestade. Deu me conta do que em tempo de Urbano havia feito para que entrase em Roma o Bispo de Lamego, o que passara em todas as Congregações, e ultimamente que sendo chamado da Corte de França lhe disera o Papa que asigurase a ElRey Christianissimo de que o Embaixador de Portugal seria recebido e que nesta boa fe sahira de Roma; mas que havendo sucedido o cazo do Bispo com o Marquez de los Velles, e pouco depois a guerra de Parma alterara tudo e o reduzira ao estado que haviamos visto ao que havia persedido huma Congregação de Cardeais em que o Papa metendo os da facção de Castella, e sendo o Cardeal Caetano hum delles chegando lhe o voto, confessando em primeiro lugar grandes obrigaçoens a Espanha a força da nossa justiça o fez orar de maneira por ella que não houve quem o contradissesse, e pella pluralidade de votos ficou vencida a cauza por nós, só o Cardeal Panfilio Papa depois Innocencio X.° disse que não podia votar contra o que se havia assentado, mas que por conveniencia da Sede Apostolica, e por dar em alguma parte satisfação a ElRey Catholico se devia esperar sequer aos trez annos de posse; ou fosse que asim o entendese, ou por ventura porque lhe pareceu que não poderia Portugal concervar se trez annos.

Teve deste assento bastante noticia o Bispo de Lamego a que se ajuntou haver lhe dito o Cardeal Antonio diante de Fontenas[1] Embaixador de França que se não fosse que elle lhe dava sua palavra, pena de ficar tido por hum homem infame, que o Papa o receberia dentro de seis mezes: asim mo referio em Pariz o mesmo Cardeal Antonio doendo se muito de o não haverem crido, e pondo alguma culpa ao Marquez de Fontaine[2], e me asigurou que se esperase o efeito provaria a sua verdade, porque elle sabia bem a tenção de seu thio: culpar ao Bispo de Lamego não podemos, porque se devia governar por suas instruçoens, he bem verdade que com hum tal testemunho como este não seria culpado se replicase, e informase antes de partir a Sua Magestade, sendo tão breve o prazo como de seis mezes. Da nossa parte parese que se faltou se não nisto ao menos em não mandar segundo Embaixador esperar em Roma o termo de trez annos, pois achava vivo inda então Urbano, que parese que não po-

[1] diante do Marquez de Fontailenay: Acad. R. das Scienc. *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

[2] Marquez de Fontalenay: *Idem.*
Marquez de Fontaynay: Acad. R. das Scienc. *Mss.*, Gab. 5, E. 15, num. 22.

deria faltar ao que adiente delle se asentara, mormente estando já velho, e tão proximo a morte, que seguio poucos mezes depois.

Mas tornando ao intento sulecitei ao Cardeal Orsino para que me houvese audiencia do Papa, dificultou ma, sabendo que Sua Santidade a não podia escuzar, pertendeu que fosse na forma que se dá a qualquer dos que a ella vão, indo a em pessoa pedir, e esperar nas antecamaras de Sua Santidade: repliquei lhe que naquella forma, nem a queria, nem aceitaria que o Prior de Sedofeita, e o Doutor Manoel Alves Carrilho as tiverão muitas vezes, e sempre com dia sinalado, a que não teve que me responder senão que a procuraria, e asim a tive em huma terça feira 12 *(sic)* de Dezembro: quando cheguei á entecamara estava hum Perlado com o Papa que sahio pouco depois, e foi chamado o Geral de S. Domingos, que havia mais tempo que esperava; sahido elle entrei eu, Sua Santidade me recebeu com tanto gazalhado e me fallou de maneira que todo o homem pudera entender que não só lhe não dezagradou a minha vinda a Roma mas que a estimara.

Em 12 *(sic)* de Janeiro mandei ao Papa hum memorial[1] que hirá no fim deste papel esperava o Sua Santidade com gosto asim me constou.

Aqui se ha de meter o papel no qual fiz a relação desta audiencia, etc. *(sic)*.[2]

Memoria de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma[3]

Senhor—Em terça feira (entre todos os[4] da semana o mais bem afortunado para mim) 14 de Dezembro, estando jantando me veio dar avizo

[1] *Deve ser o que leva a data de* 28 de Janeiro de 1656.

[2] *Parece ser o que tem por titulo:* Memoria de tudo que passei na primeira audiencia que tive *etc.*

Copia, na Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 290.

Copiada incorrectamente nos Mss. da Acad. R. das Scienc. Gab. 5, E. 13, num. 7 *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[3] *O titulo d'este documento é:* Memoria de tudo que passei na primeira audiencia que tive de Sua Santidade em 14 de Dezembro de 1655, em huma terça feira.

Depois d'este titulo vem a declaração: Foi esta Relação por via do Padre Valadares.

[4] entre todos os dias: Acad. R. das Scienc. *Mss.* Gab. 5, E. 15, num. 22.

o Mestre de Camara do Cardeal Orsino, que tinha naquella tarde audiencia de Sua Santidade, e como o dia, e a hora são fora das audiencias ordinarias, cri que esta fosse só para mim; mas o Papa havendo julgado (ao que entendo) que poderia asim ser mais notado, a deu tambem a dois Bispos, e ao Geral de S. Domingos, que pello mesmo respeito entrarão primeiro que eu, como por boas palavras m o deu a entender o Mestre de Camara.

E porque em materia similhante qualquer circunstancia he digna de que Vossa Magestade a saiba, não hei de deixar de referir huma inda que pequena, porque fiz d ella algum cazo: e foi que entrando na antecamara aonde se espera estavão occupados todos os bancos d ella, e em hum só hum lugar livre, em que estava hum frade de Santo Agostinho; perguntei lhe em italiano se estava começada a audiencia; respondeu me que não em bom castelhano: disse lhe eu, que folgava de ouvir lingoa que me era mais familiar, e que entendia melhor que a italiana: travamos conversação, e julgando elle pello meu modo de fallar que podiamos ser paizanos, me perguntou de donde era, se havia muitos dias que estava em Roma, e de donde havia vindo; respondi lhe que de França, que chegara trez semanas havia, e que era portugues; e tão pouco se alterou com a minha relação que antes continuou a pratica com gosto particular tratando me sempre nella de excellencia.

Devião ser junto das cinco, quando me chamarão, esperava me dentro na outra caza o Mestre de Camara, que com destreza, e sem me dar titullo algum se desculpou do que me havia feito esperar: deu recado a Sua Santidade, e fez me entrar. Confesso igualmente,[1] que havendo me visto em tantas Cortes, e com tantos Reys, e Principes, que entrei na prezença do Papa com outro respeito, e com hum temor não ordinario em mim em similhantes ocaziões; mas ao pôr os joelhos no chão, crescendo o respeito, minguou o temor, porque foi Sua Santidade o primeiro que começou a falar, dizendo me tambem sem me dar titullo, que folgava de me ver, que parece que me achava bem em Roma, porque tinha buona cara; respondi lhe que erão efeitos da prezença de Sua Santidade, que não só me mudava o rosto, mas que me alentava com favor tão grande para lhe poder falar, confessando lhe que com temor e tremor havia en-

[1] Confesso ingenuamente: Acad. R. das Scienc. *Mss.* Gab. 5, E. 13, num. 8, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

trado na sua camara. Escuzei me logo de lhe falar em huma lingoa que não era propria, e enternecido, como sou velho já, prosegui dizendo que me relevaria minhas faltas, porque supririão os affectos d'alma a das palavras, que naquella occazião era razão que falassem primeiro os olhos que a lingoa.

Respondeu me que eu falava bem o italiano (e inda me perguntou) se havia estado outra vez em Italia, e que me entendia muito bem; respondi lhe que me entenda Vossa Santidade he o que hei mister, que de falar bem me não curo, ouvira Vossa Santidade de minha boca *liberi sensi in semplici parole*, que he hum verço do Tasso.

Mas isto depois de lhe haver beijado o pé duas vezes dizendo na primeira esta, Beatissimo Padre he em nome d'ElRey meu Senhor, esperando na mizericordia de Deos, e na justiça de Vossa Santidade, que muito brevemente o hei de fazer em publico rendendo a Vossa Santidade a obediencia por Sua Magestade, e por seus Reynos, e beijando lh o segunda vez, lhe disse, que aquella era por mim, e comecei logo a encaminhar o discurso a dois pontos principais reduzindo o o mais brevemente que pude; o que tenho feito em seis folhas de papel, mandarei a Vossa Magestade por portador certo porque he largo para cifrar e decifrar, e mandado por vias ordinarias tem perigo. Da substancia d'elle me não ficou nada por dizer, sem me embaraçar na lingoa, nem na liberdade com que falei.

No primeiro ponto mostrei a obrigação da consciencia para acodir ás igrejas de Portugal com Bispos, e aos Reynos com Nuncio Apostolico, remedios ambos tão necessarios hum como outro, dizendo: Vossa Santidade Beatissimo Padre saberá por maior que nas quatro partes do mundo a que se estende o dominio d'ElRey meu Senhor não temos mais que dois Bispos de exercicio, e dois in partibus; mas não se por menor tem conciderado todos os damnos que se originão d'estas faltas, ao menos não haverá feito reflexão em todas *(sic)*. Os oleos santos, sacramentos que a Igreja instituio para maior saude das almas, e para os do baptismo e chrisma dos fieis da America e Africa se vem buscar a Europa; as viagens a ser boas para huma parte são de dous mezes, e para outra de cinco, e de seis: concidere Vossa Santidade o quanto neste tempo faltará esta ultima consolação. E se isto he asim, Beatissimo Padre, chegando os navios a salvamento, que será dando em mãos de piratas hereges, de que aquelles mares andão cheios? senão ver se (o que ja outras vezes se

tem experimentado) aplicarem aquelles inimigos da nossa religião e em desprezo della os sagrados oleos a uzos profanos.

Segue se outro damno não menor a este como he virem das mesmas partes seculares e regulares ordenar se a Portugal, darem nas mãos dos mesmos piratas, serem levados a Inglaterra, e Holanda, e muitas vezes a Argel, e serem tratados dos mouros ainda menos mal que dos hereges, porque emfim aquelles esperão seu resgate, mas estes pelo ruim sustento que lhes dão emquanto os trazem consigo, e em desprezo dos habitos os fazem trabalhar nos officios mais indignos, no que eu só, Beatissimo Padre, posso fallar com sciencia e experiencia porque estive sette annos e meio em Holanda, e cinco em França, e tive em minha caza por muitas vezes muitos destes religiozos, a que soccorri, e mandei ao Reyno. E neste ponto me alarguei com tanta liberdade que lhe dise que se no lugar em que Sua Santidade estava vira os dois antecessores seus, me houvera de atraver a perguntar lhes, se sendo a obrigação que Christo lhe impoz *pasce oves meas* lá no Tribunal da Justiça Divina lhe aceitarão por escuza dizer lhes ElRey Catholico *non pascas.*

Daqui passei a necessidade que temos de Nuncio pelo que toca aos religiozos, que tanto me tem escandalizado os muitos que ha nesta Corte, e o dezaforo com que vivem a maior parte delles, dizendo ao Papa que se eu exercitara as funçoens para que fora mandado, a primeira couza que lhe houvera de pedir era que ou o remediase, ou me dese mão a mim para o poder fazer, que já esta devia ser a cauza por que Vossa Magestade pedira (se he que o havia pedido) hum reformador para todas as religiões de seus Reynos, remedio que inda asim seria de pouca, ou nenhuma força, ficando sempre livre aos religiozos o recurso a Roma, e só quem lho podia dar eficaz era hum Nuncio de Sua Santidade de quem não tivesem apelação, e alarguei me neste ponto, porque lhe levava boa vontade.

Entrei depois a tratar no admittir Embaixador com todos aquelles argumentos que Vossa Magestade verá quando mande o papel, mas aqui porei só dois com que creio que apertei bem Sua Santidade. O primeiro que querendo ElRey Catholico e seus Ministros tratar com Vossa Magestade e com os nossos de acordos com que rezão podia Sua Santidade deixar de tratar comnosco; mas isto negão cá os hespanhoes a unhas e a dentes. O segundo que havendo aquelle Rey por hum Embaixador seu reconhecido a ElRey de Inglaterra, e logo por legitimo a hum parlamento execravel que lhe cortou a cabeça, e pouco tempo depois a hum uzurpa-

dor daquelle Reyno, que razão poderia dar a Sua Santidade para que o que elle fez com dois tiranos Sua Santidade o não faça com hum filho legitimo da Igreja, que tantas vezes buscara a seus antecessores, e de prezente buscava a elle. E que sobre tudo isto, que razão podia Sua Santidade ter em contrario quando seu antecessor e elle mesmo admitira e admitia a hum inviado do Principe de Condé, vassalo rebelde de França, e que pois ella se não queixava de hum agravo tão manifesto, porque se queixava Castella de huma justiça que se devia.

E daqui tirei todos os argumentos para mostrar ao Papa que com reconhecer a Vossa Magestade tirava os pretextos a França e a Castella para continuarem a guerra, que era só este o unico meio, não só para dar principio a pax geral, mas para a concluir de todo; e porque neste ponto me alarguei muito, e seria alargar este papel demaziadamente, deixo as razoens para quando mandar o outro em que Vossa Magestade as achará bem entendidas.

Depois de ouvidas com muita attenção como sempre me ouvio, me dise o Papa que me diria o estado em que estava a pax, que havendo despachado correios a ambas as Cortes, pendindolhes que quizesem vir em huma suspenção de armas emquanto se tratava da pax que poderia ser em Roma, ou em qualquer outro lugar sugeito a Igreja aonde Sua Santidade se offerecia acharse em pessoa, lhe respondera França que estava prompta para tratar da pax mas que não lhe convinha que fosse em Italia, e que poderia ser sobre as fronteiras de Flandes, e que não vinha tambem em suspenção de armas, porque a ser de pouco tempo não era de proveito algum, e que para muito nunca se poderia tratar, nem efeituar senão em congreso. Que ElRey Catholico respondera que estava com a mesma dispozição, que o lugar fosse donde Sua Santidade[1] lhe ordenasse, e que no dia de antes havia despachado segundo correio a Hespanha sobre haver de ser nas fronteiras de Flandes o congresso.

Disselhe eu então dahi tirará Vossa Santidade, Beatissimo Padre, que he certo o que lhe tenho ditto de que nenhuma das partes quer paz mais que com a boca, porque he impossivel havela sem primeiro preceder suspenção de armas, dêlhe Vossa Santidade principio reconhecendo

[1] donde Sua Santidade quizesse, e que emquanto a suspenção de armas não achava grande conveniencia; comtudo viria no que Sua Santidade: Acad. R. das Scienc., *Mss.* Gab. 5, E. 13, num. 8, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

Portugal, que eu lhe seguro, que com elle lhe veja o fim bem depresa, mas muito tarde, se não começar por aqui.

Tinha lhe dito que fiando pouco da minha lingoa lhe mandaria dando me licença hum memorial em que irião aquellas razoens mais *ad longum*, e tinha me respondido *lo vedro voluntiere;* ao despedir me me dise que lhe mandase o memorial que o leria, e consideraria, e falariamos depois (palavras formais, sem acrecentar nem deminuir).

Falei lhe de joelhos, e só nesta parte me faltou com o tratamento conveniente ao cargo, que no mais como logo direi, se me deu todo de Embaixador ou pello menos de Principe; mas por que visse que eu reparava no primeiro lhe disse que teria Vossa Magestade grande gosto de saber que eu estivera a seus pez com aquelle respeito e veneração devida ao legitimo sucessor de S. Pedro, e ao verdadeiro Vigario de Christo na terra; porque com quanta mais humildade, entam guardava mais religiozamente as ordens de Vossa Magestade.

Em tudo o mais não só fui tratado como Ministro, mas como Embaixador; porque ao levantar me lhe pedi licença para que os gentis homens que me acompanhavão entrasem a beijar lhe o pé; mandou os entrar, a todos concedeu indulgencias, perguntando lhes com muito boa sombra se havião vindo todos de França comigo. Ao sahir me aguardavão na penultima sala que he adonde asistem os lacaios, ou estafieri como aqui se chamão dois com duas tochas, e me acompanharão ate a carroça, e na ultima estavão suisios postos em ala com as armas nas mãos, e o mesmo fez o corpo da guarda que estava ao pè da escada, o que se não faz senão a Cardeais, Embaixadores e Principes. E isto he em substancia tudo quanto passei nesta primeira audiencia: os principios julgão todos por bons, menos os castelhanos, que andão embaraçados, e ciozos; permita Deos que os meios, e os fins correspondão a elles, e confio em sua mizericordia que muito brevemente hei de poder dar alguma boa nova que allegre a Vossa Magestade e a seus Reynos.[1]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 119, *e (mais incorrectamente) na* Acad. R. das Scienc. *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656—Janeiro 28

Senhor—Liorne em 28 de Janeiro de 1656.

Com esta mando a Vossa Magestade a copia do papel que hoje neste dia mandei ao Papa: dilatou-se tanto, porque alem de convir que fosse muito conciderado, tinha-o feito em portugues, e foi força esperar para a traducção d'elle pello Padre D. Camillo San Severino, que nem se podia fiar de outrem, nem elle dar-se mais pressa depois que chegou: pareceu-me tanto melhor depois de traduzido, que o não quiz mandar a Vossa Magestade em outra lingoa. Creio, Senhor, não descontentará a Vossa Magestade, porque se me não engano acertamos-lhe com o trincho, mostrando nelle os pontos essenciais, que são os que mais cuidado dão a Sua Santidade, como, a obrigação de receber Embaixador, de mandar Nuncio, de prover as igrejas, mostrando-lhe com razões fortes, e contra as commuas, que d'aqui depende dar principio á paz universal, e que sem isto a impossibilita de todo. Seja Vossa Magestade servido de o mandar ler, e se parecer que se faltou em alguma couza como em allegar pontos de direito saiba Vossa Magestade que se fez muito de propozito, e com concelho de bons, e dos que bem o entendem, porque são materias tão destintas, e tão claras já que não servirião de mais que de encher papel sem utilidade alguma. Os religiozos me não ficão muito obrigados pelo que digo d'elles, e asim protesto a Vossa Magestade que sem excepção de pessoa alguma os dou a todos por suspeitos, porque sei que se puderem me não hão de fazer nenhum bom officio.

Para o poder fazer nesta forma, e para o haver dito ao Papa foi muito conveniente e approvada geralmente a resolução que tomei de entrar em Roma, e a falar como homem privado, porque de outra maneira nem tivera acesso, nem Sua Santidade quem o informara com esta miudeza, como nem sem ella teve até agora quem o fizese, e crea-me Vossa Magestade asim, porque bem que o tinha ouvido por relações, a pratica de poucos dias me tem certificado d'ellas bastantissimamente.

O Cardeal Orsino he hum bonissimo cavalheiro, mas conhecido por de pouco valor, ou porque nasça daqui, ou porque o seu modo de vida o acobarde para com Sua Santidade temendo alguma reconvenção, ou reprehenção, como já teve, nem lhe disse, nem lhe dirá nunca couza, nem ainda por sombras, em que lhe pareça que o possa desgostar. O que escreve a Vossa Magestade que o Papa declarou, ou deu a entender que daria Bispos a Portugal, mas que não receberia Embaixador *salva pace* couza he que lhe não sahio nunca pela boca, são openiões vulgares, particularmente dos nossos frades portuguezes, que como de haver Embaixador se segue por consequencia infalivel terem Nuncio no Reyno, e tirarselhes a mama de virem a Roma a titullo de servirem a Vossa Magestade, andão apontando estes meios pellas praças, e pellas cazas dos Cardeais. Mas depois que eu aqui estou, e pratico a materia a alguns Monsenhores que me tem vizitado, e proposto a mesma se tem desvanecido muito porque supponde lhes que a *(sic)* confirmação dos Bispos como *conditio sine qua non,* as Bullas hão de levar a clausula de *Dilecti filii Joannis IV Regis Portugaliae* pergunto lhes se depois disto feito aprezentar huma carta ao Papa de Vossa Magestade em que me nomea seu Embaixador, se responderá Sua Santidade que conhece ao Rey de meias, e não todo inteiro, a que nenhum responde com mais que confesar a razão por verdadeira. Mas esta Senhor não conciderou quem diz a Vossa Magestade por do Papa o que elle não disse; e se houver a noticia do aperto das ordens, que Vossa Magestade foi servido mandarme segunda vez pelo despacho que trouxe o Padre frei Domingos do Rozario, e que eu ficasse fora de Roma mandase o Secretario da Embaixada a solicitar a minha entrada, que houvera de haver muitos dos nossos, que a unha e a dentes a defendesem, houveraame de tornar sem haver feito mais que entrar em Italia, gastar a fazenda de Vossa Magestade, e tornarme sem ainda levar hum dezengano formal, sendo que em falta de ser recebido era o que mais convinha a Vossa Magestade para tomar a rezolução que convier, *(sic)* depois de haver dado huma satisfação tão justificada a Deos e ao mundo; porque Senhor não estão já as couzas em altura que Vossa Magestade se deva contentar a lhas darem de meias, ou tudo, ou nada, que he a razão por que digo no papel que as vias medias não tem já lugar; e se se pudera penetrar que Vossa Magestade se se contentaria só com os Bispos inda na confirmação delles pode acontecer que nos quizesem desfalcar alguma prerogativa. Aos Reys, e Principes dizia hum Bisavô da

Raynha Nossa Senhora, muito discreto, que se havia de pedir o mais, esperar o menos, e contentar com o que dessem; porem até destes termos estamos já fora, Vossa Magestade pede o que se lhe deve, nem ha de esperar menos, nem contentar se senão comtudo: o meu parecer he este, o que Vossa Magestade ordenar será sempre o mais acertado; mas pello menos o que eu peço a Vossa Magestade he que não penetre por ca pessoa alguma que Vossa Magestade se contentaria com menos, porque esta he a doutrina que eu prego por todas as partes, e a quem mais he, ao nosso Protector provando lho com os annos passados em que Vossa Magestade offerecia cem mil cruzados por ser admitido o seu Embaixador, e que não falava em Bispos: porque por aqui veria se se contentaria hoje Vossa Magestade depois de quatro ou cinco annos passados ja *(sic)*. Senhor torno eu a dizer, ou tudo ou nada, e confio em Deos que tudo ha de ser: o Papa he santo, sabemos delle que lhe agrava muito a conciencia as igrejas de Portugal, e com isso está que sei tambem, e he certo que sem falar nellas, tanto que teve avizo que eu vinha mandou a hum destes Monsenhores, e hum dos maiores, ou maior letrado da Curia, lhe fizese hum papel, em que lhe dese as resoens que tinha para receber Embaixador de Vossa Magestade, e he provavel que se não contentase com hum só porque se quer justificar com Castella. O seu natural com tudo he vagarozo nas resoluções, porque dezeja acertar, mas tomadas, he intrepido no executalas.

Vossa Magestade estará lembrado que não cuidando eu que podia vir a Roma, disse a Vossa Magestade desde França, que não sendo admitido o Duque de Braciano (fosse a cauza qual fosse) Vossa Magestade havia de entender sempre que por estrangeiro não fora admitido, e mandar logo um nacional, o qual trouxese tempo limitado, como o de hum anno e dia, ou o que Vossa Magestade lhe parecese: depois que estou em Roma me tem mostrado a experiencia inda que de poucos dias que votei como se a tivera de muitos annos de Roma, e asim ratifico o mesmo parecer. Se Vossa Magestade fiar delle, mediante o favor de Deos, e o da sua justiça, e me deixar obrar segundo entender, ou Vossa Magestade terá inteira satisfação, ou a darei de maneira a Deos e ao mundo que fique Vossa Magestade tão justificado que possa obrar com a consiencia muito quieta, e muito salva, mas não chegamos a este ponto; porem chegado, não ha Vossa Magestade mister quem mostre cartas suas ao Papa, valor tenho eu para lhe dizer no seu rosto o que nenhum de por cá se ha de atrever

a dizer. Já lhe perdi o medo, e inda que nunca lhe perderei o respeito, eu saberei temperar hum e outro de maneira que Vossa Magestade fique bem servido, e Sua Santidade senão contente ao menos tão convencido que não tenha que responder á minha liberdade.

Com bem della lhe falei na primeira audiencia, e tão longe esteve de se enfadar que disse falando em mim com hum parente seu que corre comigo em boa amizade, que conheço desde Holanda, que não fallara ainda com Ministro tão desenvolto. A palavra no hespanhol tambem se toma as vezes no sentido de pouca vergonha, e fazendo eu algum escurpulo della achei que no maior rigor do italiano he gabo puramente, e quem na primeira audiencia se desenvolveu nesta forma fie Vossa Magestade delle, que nas outras lhe não ficará nada no tinteiro. Tenho as minhas concluzões muito bem estudadas para as defender. Disse me o Cardeal Orsino, que o Papa lhe disera que por ser a primeira vez me não falara na expulção do Vice Coleitor, mas que na segunda haviamos de ter sobre ella grandes debates; e este ponto não só dá cuidado ao Cardeal, mas a outra muita gente, e eu estou tão leve nelle, que lhe respondi que quando Sua Santidade me não falase, que eu buscaria geito para ser o que falase, e que me obrigava a que não tivese com que me responder.

Nas materias do Cardeal dezejava eu muito não ter ocasião de falar a Vossa Magestade se não fosse nas que o abonasem, porque tenho com elle muito boa correspondencia, e de falar nas contrarias, se pode prezumir que lhe tenho alguma ponta, como já se prezumio pello passado, e Deos me he testemunha, que tanto no passado, como no prezente me não moverá nunca outra paixão que a do serviço de Vossa Magestade.

Passou nesta semana uma historia, que eu callara se não andara já por todos os portuguezes, e elle mesmo Cardeal me não houvera contado de sua propria boca, para se desculpar, sabendo o mal que eu a havia tomado quando a tive por relação. Está aqui hum D. Antonio Pimentel, que veio com a Raynha de Suecia a titullo de Embaixador catholico junto a sua pessoa; como tal visitou o Collegio dos Cardeais, e na vizita que fez a Orsino, fallando na Suecia, disse que entre os Embaixadores que assistião naquella Corte havia um do Duque de Bragança. Isto se me contou em minha caza na prezença de grande numero de portuguezes, que todos os dias assistem nela; todos o tomarão tão mal que soltarão palavras contra quem o disse, e muitas mais contra quem o ouvio,

e sofreu. Estes fidalgos homiziados, que aqui andão o tomarão tão pezadamente, que, se os eu deixara, querião tirar satisfação do castelhano; aquietei os com lhes dizer, que de castelhanos não podiamos esperar outro tratamento: que no que se nos não dizia em nossa prezença nos não fazião agravo algum, que a ser nella, que não só delles esperaria eu a boa conta que darião de si, mas que de qualquer de seus criados, como havia feito frei Francisco de Asiz que he hum frade franciscano da Provincia de Enxobregas, irmão de Manoel Alvez Carrilho, portugues tão dezatinado que hum destes dias em Ara Cœli, que he o convento em que está, porque houve hum frade castelhano que quiz uzar dos mesmos termos do Duque de Bragança, saltou nelle descalçando huma alparca, e moeu com ella de maneira que se lho não tirão das mãos, houvera de sahir d'ellas em muito máo estado: o Assiz esteve prezo alguns dias, mas poz os castelhanos em estado que diante d'elle nenhum falava.

O Cardeal referindo-se lhe o mal que se havia tomado sofrer ao Pimentel, me veio buscar para me dar satisfação, que foi ainda pior que o cazo. Disse que havia sabido que eu tomara amargamente o que lhe dissera D. Antonio Pimentel; respondi-lhe que era verdade, mas que não tomara mal o que o castelhano lhe dissera, senão o que Sua Excellencia sofrera, que de castelhanos não podiamos esperar outros termos, como tambem, não imaginar que fosse algum tão desaforado que se atrevese a vir afrontar a Sua Excellencia dentro de sua propria caza: acha elle rasoens para não ser afronta, e para lhe parecer que replicando que os Reis de Portugal sempre tiverão Embaixadores havia satisfeito bastantissimamente a sua obrigação acrecentando que elle era Cardeal, e que a Igreja não se defendia *more castrorum:* aleguei-lhe com a historia do frade, mas que não queria tanto d'elle, que pello que tocava a sua pessoa, bastaria levantar-se da cadeira e deixar só o castelhano; porem não houve persuadil-o a que tinha obrigação de o fazer. Este, Senhor, he o nosso Protector, eu que o conheço me não espanto já; e para que Vossa Magestade acabe de o conhecer acrecentarei que he homem que sendo Principe, Cardeal, com as ordens sacras já, e não minino, levou a ouvir cantar a huma muzica sua (que he o nome que tem aqui por mais honesto as amigas dos Cardeaes) a sette fidalgos moços, ou rapazes, e folgarão tanto de a ouvir quanto se admirarão de quem lhes fez a graça; pois consta-me que dezeja que eu a ouça, mas não se atreve, fazendo-me a cortezia de me ter por melhor do que eu sou.

Não sirva o referido de mais de *(sic)* ficar conhecendo o sugeito para o adiante, que esta he só a minha tenção: este caso, e outros merecião a meu entender alguma demostração, mas não he tempo, outro poderá haver em que Vossa Magestade a faça se lhe convier: teremos Cardeaes das Casas de Saboia, e Parma, e desta segunda forão os nossos Protectores depois do parentesco. Nesta semana morreu o Cardeal Cesi inimigo mortal nosso: de Trevulcio que está em Milão, se diz tambem o mesmo, mas não he ainda certo, outro que tal para nós ou pior ainda; Deos nos vai despachando os inimigos que asim era necessario, pois não achei aqui os meus amigos, como os Cardeaes Grimaldi, Antonio, e Este; deste ultimo tive a carta que mando a Vossa Magestade cuja Real pessoa etc. *(sic)*.

Inda que pareça fora de propozito para esta carta, já que nella fallei em frei Francisco de Assiz, me permita Vossa Magestade fazer lhe huma advertencia. Soube que deste frade houvera aqui quem escrevesse a essa Corte, que era inconfidente; e elle he quem faz o que tenho ditto. Esta he uma estocada em que tem dado os poucos destros, mas muitos malevolos, porque não tem reparo, afrontão os homens e arriscão nos sem conciencia: por amor de Deos, Senhor, que tiremos do mundo couza tão danoza para o nosso credito, porque he esta só a materia, que sempre nos fez, e pode fazer mal entre os estrangeiros, sendo que inda nas couzas muito averiguadas pede toda a boa politica, que podendo ser se proceda nellas com segredo, que será logo admitirem se as que não levão fundamento, nem tem entidade alguma: ha muito tempo que trago isto atravessado, pelo que por estas partes tenho ouvido em tantos annos. Ouvem os homens fallar em Junta de inconfidentes, e emquanto a vem em pé cuidão que os ha: o nome he escandelozo, e o que pior, afrontozo para os portuguezes; e de que comtudo se aproveitão com qualquer pequena occazião que se lhes dê, ou ainda só com se lhes pór na fantezia.

Sei tambem que houve quem escreveu a Vossa Magestade contra Gaspar Dias de Mesquita, porque a mim se me escreveu tambem estando em França, tomando se por pertexto haver fallado a Cromvel: falou lhe porque não determinava ficar em Inglaterra, e convinha lhe que o não embaraçase como houverão feito se elle não dezaparacera d ali, passando se a França adonde esperou sua mulher e filhos, que não tiverão pouco trabalho em o seguir. Tanto que chegou a Pariz me foi logo buscar, chorou como huma criança lamentando se da sua desgraça, e muito mais de ha-

ver tomado aquella rezolução. Aqui em Roma o achei no mesmo estado, a esta caza vem todos os dias, e não he só nella, mas em todas as que se acha, em falando em Portugal arrebenta em lagrimas, sem as poder ter mão *(sic)*: não he Senhor encarecimento, mas pura verdade pelo que devo a ella, ao serviço de Vossa Magestade e a meu natural me dei por obrigado a fazer esta relação sem ser requerido, nem rogado para ella. Etc. *(sic)*.[1]

Memorial do Embaixador em Roma, Francisco de Sousa Coutinho, ao Papa

1656—Janeiro 28[2]

Beatissimo Padre—Prostrato a' Santissimi piedi di Vostra Beatitudine, e goduta la consolatione di baciarli, esposi a Vostra Santità brevemente le ragioni della causa che son venuto a rappresentare, che dimandai licenza di suggerirgliele in scritto. Se mi mancheranno hora parole per dedurle con l'efficacia che meritano, suppliranno Beatissimo Padre gl'affatti *(sic)* dell'animo perche la materia della quale si tratta sarebbe più facilmente espressa da gl'occhi, che dalla penna, e più con lagrime, che con parole. Aspettarà forse Vostra Beatitudine da un huomo invecchiato ne negotii, e che ha passato nel corso di quindeci anni per le ambasciate di Suetia, Danimarca, Hollanda, e Francia, che rappresente in questa occasione con elegante, e ben premeditato discorso la giustia *(sic)* di ciò che viene a proporre; ma s'assicure Vostra Beatitudine che di niuna cosa meno hò da prevalermi; usciranno solo da me liberi sensi in semplici parole, e confido nella giustitia di Vostra Santità ch'habbiano da fare maggior colpo in un'animo così incorrotto come il suo, poche verità nude, che molte ragioni ben adornate.

Quelle che chiamano il Rè mio Signore alla legitima successione de' Regni di Portogallo son così chiare, che i nostri nemici istessi le conoscono

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 128, *e (menos correctamente) na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] *Esta data é a do dia em que o documento foi mandado ao Papa.*

meglio di quello le vogliano confessare. Se n'è mostrata in tante occasioni con prove sì convincenti l'evidenza a tutt'il mondo, che sarebbe inutile stendermi hora a ripeterle. L'unico oggetto che mi propongo è di rappresentare a Vostra Santità lo stato presente delle cose, l'eccesso de'mali, a quali ha ridotto il Christianesimo nel vasto imperio di Portogallo, l'essersi negata sì longo tempo in questa Corte al Rè mio Signore una giustitia così dovuta: gl'inconvenienti estremi che minaccia la continuatione del disordine, e la precisa necessità, nella quale viene costituito Vostra Beatitudine d'apportarvi il dovuto rimedio, che consiste unicamente in riconoscere per Rè di Portogallo il Serenissimo D. Giovanni IV di questo nome, possessore quasi pacifico de'suoi stati doppo ben quindeci anni, accettandomi e ricevendomi per suo Ambasciatore; ponto dal quale non solo mostrerò a Vostra Santità che dipenda la quiete e la salute di tanti millioni d'anime interessate in questa causa, ma che sarà anche di gran giovamento al riposo di tutto il Christianesimo, mentre non v'è cosa più necessaria di questa nella Christianità, per ottenere una vera pace, alla quale con sentimenti degni d'un Padre commune Vostra Santità aspira e i di cui frutti crede tutt'il mondo riservati a questo tempo, che non può non esser felice, già che il braccio onnipotente d'Iddio ha costituito nel trono, e nell'autorità di S. Pietro un Prencipe di tante e sì gloriose qualità, che concorrono nella persona di Vostra Beatitudine.

Si estende Beatissimo Padre il dominio del Rè mio Signore alle quattro parti del mondo: in alcune di esse son prive totalmente le chiese di Pastori, e nell'altre n'è ridotto il numero a così pochi, che poco disuguale ne riesce il bisogno. Nell'America imperio così grande, che ne possiede il Rè mio Signore solo di costa maritima mille ducento leghe non v'è più hoggidi Vescovo alcuno, non v'è chi esserciti l'officio di Pastore, ne ministro sopra la cui diligenza possa Vostra Santità riposarsi della cura dell' anime, discendole Pasce oves meas, secondo il precetto di Giesù Christo. Imperio è questo sin da' suoi principii di sì grande consideratione appresso la Sede Apostolica, che quel glorioso e santo Pontefice Pio V delle cui virtù è Vostra Santità sì degno herede, et imitatore, scriveva al Governatore di quei stati raccommandandole che facesse che quei gentili rinati di fresco con l'acqua del battesimo fossero conosciuti per christiani, non solo ne' costumi, ma ancora negl' habiti, già che prima non usavano altre vesti che quelle che le venivano somministrate dalla natura. Sapevano Beatissimo Padre in quei tempi i Sommi Pontefici i nomi anche de'

Governatori delle provincie di Portogallo, e ne' presenti ne meno quello del Rè han voluto sapere. Cominciava all'hora in quelle parti la Fede, e sino a'corpi di quei nuovi christiani davano pensiero alla Sede Apostolica, e doppo coltivata, e stabilita essa per sì longo tempo, son state in questi ultimi quell'anime reputate di sì vil prezzo, che lasciatele in abbandono frà tanti lupi feroci e gentili, et heretici, non v'è chi le pasca, nè le difenda.

Nell'Africa comprendendo i Regni d'Angola e Congo, l'isole di Capo verde e di S. Thomaso, et in Tangere più vicino à noi, sono tutte le chiese senza Vescovi, e pur ve ne sono quattro cathedrali.

Nell'imperio dell'Asia, dove con tanto zelo e dispendio de gl'antichi Rè di Portogallo, et a costo di tanto sangue portoghese si piantò la Fede Cattolica, e che ha dati alla Chiesa tanti Santi, e tanti Martiri, stà la purità della vera Fede a risigo evidente di rovina, e fa più certo naufragio la bontà de'costumi nella communicatione degl'heretici, ch'in tempo del Rè Cattolico Filippo III entrorono *(sic)* in quel vasto imperio. Non hanno hoggidì Beatissimo Padre tutti quei gran paezi più ch'un solo Vescovo con titolo di Patriarca d'Etiopia, et era già quel Prelato di età sì decrepita, che o sarà morto a quest'hora, o già reso inhabile ad essercitare il suo officio. Ciò che ne patisce la Religione Cattolica, e quel di più funesto se ne deve temere facilmente si può comprendere dal successo di Crangalor, dove Beatissimo Padre (sono obligato a dirlo) con essempio pernicioso, un Archidiacono di quella chiesa fattosi non so come consacrare Vescovo, et intitolarsi Patriarcha, è passato anche a consacrare altri Vescovi.

In Europa habbiamo solo un Vescovo d'essercio *(sic)* e questo pure non può governare senon da lontano la sua Chiesa, assistendo in Corte con licenza della Sede Apostolica, come capellano maggiore di Sua Maestà. Un'altro ve n'è, puramente titolare, e questi son tutti i Vescovi che sono nel Regno, vacando dentro di esso quattordeci chiese, senza le due altre dell'isole di Madeira, et Assores.

Gl'inconvenienti che nascono da una privatione si generale di Pastori, chi può meglio conoscerli Beatissimo Padre di Vostra Santità, che sà, et adempisce si perfettamente le parti dell'obligo pastorale? Non bastarebbero volumi intieri a narrare la qualità, et il numero de mali, che ne risultano, e son sicuro che cagionerei horrore all'animo zelante di Vostra Beatitudine se intraprendessi di narrare le miserie cagionate dall'abbandono di quelle chiese. Dall'Africa, e dall'America son ridotti in necessità

d'andar'a pigliare in Lisbona gl'ogli santi per amministrare i sacramenti del battesimo, e dell'estrema untione, e chi sà se a quest'hora non è ridotta l'India nell'istessa necessità. Diamo Beatissimo Padre che arrivino con ogni sicurrezza i vascelli, sopra i quali si mandano, il viaggio del Brasile à ben esser felice è di due mesi, quel d'Angola è di cinque, di sette, e quel dell'India, è tal volta di tredici. Consideri Vostra Beatitudine con quanto danno, et a quante migliaia di persone mancherà nella morte quest' ultimo sacramento, e che sarà del crisma per il battesimo? Danno è questo pur troppo certo benche succedano felicemente i viaggi et arrivino le navi a salvamento; ma che sarà Beatissimo Padre quando si perdano per l'ingiuria de tempi, ò vadano in mano de turchi, d'hollandesi e d'inglesi, che infestano con gran numero di vascelli quei mari? Serviranno gl'ogli e vasi santi ad uso profano degl'impii, e la materia de'più augusti sacramenti di beffe e derisione agl'heretici, et infedeli, mentre i cattolici per si longo corso di tempo li staranno in vano aspettando con privatione sì lagrimevole.

Alla mancanza delle materie sacramentali succede la scarsezza d'operarii immediati che amministrino i sacramenti più necessarii alla salute. A Portogallo da'soli due Vescovi, che vi sono, vanno a ricevere gl'ordini sacri gl'ecclesiastici tanto secolari, come regolari, dal Brasile, e dall'Africa. In si longo traghetto ne cascano molti in schiavitudine sovrapresi da'mori, e da corsari inglesi, et hollandesi, quindi è che si trovano pieni di persone dedicate a Dio i bagni de'schiavi in Africa, e con miseria anche maggiore le officine più vili in Hollanda, dove godono quei nemici arrabiati della Fede di strascinarli con modi indegni, per tirarne profitto negl'impieghi servili, ma più per pascere il loro odio contro la Chiesa nel disprezzo degl'habiti religiosi; e di ciò Beatissimo Padre nessuno può informare la Santità Vostra meglio da me, ch'in sette anni e mezzo ch'ho assistito in Hollanda, son stato tante volte spettatore di queste miserie, et ho havuto à sudar tanto in procurarne il rimedio. Aggionga Vostra Santità il terrore di simili accidenti alle spese, et alle fatiche inseparabili da si longhi viaggi, a che numero d'operarii crederemo ridotta la vigna del Signore in quelle parti remote, e se vogliamo considerarne la qualità a quanti mercenarii restarà in preda? Bisogna per forza che molti restino mesi et anni senza udir messa, senza confessioni, ne prediche; e chi sà il numero di quelli che vengono a morire privi del rimedio dell'Eucharistia, e quel ch'importa della Penitenza? Forza è che s'allevino i fanciulli

senza instruttione, vadano in disuso i sacramenti, restino abbandonate le chiese, derelitte le vedove, et i pupilli, estinta la charità christiana, et in una parola si vadano sradicando i fondamenti del Christianesimo; ridotto il negotio a termine che in quei paesi non si farà più caso dell'abuso de sacramenti, e felice si stimeranno quei popoli che non ne sentiranno la privatione totale; restando tutti in tanto esposti all'insidie degl'heretici, quali Beatissimo Padre non tardano anni et anni ad essere provisti di ministri di iniquità da loro maggiori intenti con somma prontezza a non risparmiare cosa alcuna per seminare da pertutto il veleno dell'heresia.

Argomenti Vostra Beatitudine lo stato della Chiesa nel Mondo nuovo così lontano dalle benigne influenze della Sede Apostolica da quello in che si ritrova hoggidì in Portogallo Regno de'più cattolici di tutta Europa. Lo dico con rossore Beatissimo Padre, ma è necessario dirlo, poi che Vostra Santità sola può rimediarvi. Nel clero d'un Regno si pio come fù sempre quello di Portogallo, si sperimenta da tempo in quà tale libertà di vita, e tal corruttela di costumi, che si deve con ragione temere ch'il disordine cagionato dalla mancanza di Prelati, che li corregano, si renda in appresso irremediabile, per zelante che sia in reprimerli il travaglio di quelli che saranno assonti a'vescovati.

E se dentro Lisbona istessa a vista d'un Rè ch'hà dato tante prove alla Sede Apostolica del suo zelo, e della sua pietà, non meno che della sua patienza si provano questi danni, che sarà Beatissimo Padre nelle parti più interiori del Regno? E che danni, e che disordini non cagionerà l'istessa causa nell'ampiezza di si vaste e remote conquiste?

Ho da dir tutto in questa materia, s'è introdotta Beatissimo Padre ne' Religiosi, non sò se debba dire l'istessa, o maggior libertà, e ben che ve ne siano molti che vivono con essemplarità degna della loro professione, come è inclinata la nostra natura al male, si deve temere ch'il mal essempio di tanti corrompa i costumi de buoni, più tosto che sperare vengano quelli rimessi nella buona strada dall'essemplarità di quest'altri. Per mancanza di Nuntio Apostolico in Portogallo succede che non si celebra in quel Regno capitolo alcuno che non venga annullato in Roma, ò che non vi si tratti d'annullarlo. È piena questa Corte di Religiosi portughesi, che vengono ad essa sotto pretesto di voler procurare miglior governo alle loro provincie, gridano, e contrastano gl'uni contro gl'altri ne'tribunali, e nelle sacre Congregationi discreditando non solo le persone loro vicendevolmente, ma tutti insieme le loro Religioni. Nè questo è il solo danno che

ne risulta; le rendite delle Religioni son quelle che pagano i disordini de' Religiosi: rari son quelli che possano venire a spese loro, e come spendono de' beni altrui, si regolano molto poco nelle spese. Piacesse a Dio non fosse senza comparatione maggior il disordine, et il dispendio dell' anime loro, mentre illaqueati molti dalle scommuniche fulminate da superiori, la longhezza del ricorso che fanno in Roma ritarda con grave danno il rimedio delle loro piaghe. Sono essi tali Beatissimo Padre, che solo un Ministro scelto dalla mano di Vostra Santità, e mandato in quel Regno può guarirle curandole da vicino, nè mai d'altra maniera si rimediara a un disordine che ha stomacata la Corte, scandalisato il popolo, et afflitto sensibilmente l'animo del Rè mio Signore. Havevo io sentito dir molte cose in questa materia, ma in questi pochi giorni di dimora in Roma ho visto e toccato con mani assai più di quello mi potevo persuadere. Vivono in Roma questi Religiosi con maggior licenza, che se fussero secolari di capa e spada; la libertà che hanno come forastieri, et il pretesto d'essere sempre involta per i loro negotii, cagiona in loro tale depravatione di costumi (non parlo di tutti, perche sarebbe un'offendere molti buoni, e mancare alla verità che professo, se non eccettuassi molti) che nelle piazze, nelle case di gioco, e sino nelle mie anticamere fanno arrossire molte volte i secolari stessi, e tutto proviene Beatissimo Padre dal non esser in Portogallo un ministro di Vostra Santità col carattere e l'autorità dovuta.

Non sono così presenti agl'occhi della Corte di Roma i diserdoni *(sic)* che la mancanza di Prelati e di Nuntio Apostolico appresso il Rè mio Signore cagiona nelle monache di tutt'il Regno, perche son ristretti gl'autori nelle muraglie da' monasterii; ma quanto meno ponno venire à farsi sentire in persona, tanto più deplorabili son le miserie, che l'invelluppano, e scatenate le furie dalle quali sono agitate. Degnesi Vostra Beatitudine di fare una scorsa col pensiero sin nel ristretto di quei chiostri, e son sicuro piangerà amaramente la scompostura delle spose di Christo, e gradirà altretanto il zelo del Rè mio Signore che con pietà hereditaria alla sua casa Reale scacciando da quei parlatorii con divieti rigorosissimi i secolari, han *(sic)* ben disciolto quelle fiere d'iniquità, ma per non ingerirsi nell'altrui messe non può tagliare con la falce del castigo dovuto le male herbe, che pur troppo germogliano in quei ricinti.

Non considero Beatissimo Padre per minore inconveniente lo scandalo che da si longhe ripulse di questa Corte han ricevuto i popoli non

solo di Portogallo, ma quelli delle conquiste. Dal Padre commune de fedeli si promettevano essi non solo gl'effetti della giustitia dovuta, ma ancora gl'aiuti d'una paterna pietà, et un Regno tanto benemerito della Sede Apostolica, et inclinatissimo alla sua obbedienza s'è visto per quindeci anni chiuder le porte in faccia, quando altre non erano le sue pretentioni che fare gl'atti di filiale obbedienza al Padre commune de Fedeli. Da che motivi giudica Vostra Santità concepiscano i popoli per *(sic)* nata una simile risolutione? Piacese a Dio credessero fossero stati altri che quelli d'una pura politica temporale, et una mera accettatione di persone; materia è stata pur troppo diversa nella boca anche de più volgari, e soggeto di gravissima mormoratione tra gl'heretici et infedeli contro la Sede Apostolica, e se la veneratione di questa Santa Sede non fosse stata sì profondamente radicata negl'animi de'portughesi, et havessero voluto in Portogallo pratticare la libertà, che si arrogano molte altre chiese che pure son riconosciute e trattate per cattoliche, a che partiti non si sarebbe appigliato la necessità del rimedio? Quando vediamo che in Portogallo stesso contro i sforzi d'un Rè così pio, e sempre vigilante alla conservatione del dovuto rispetto alla Chiesa, per fattale necessità s'è raffredato insensibilmente con la continuatione dell'ingiurie quel grande amore e rispetto ch'era sì essemplare verso Roma nell'animo de'portoghesi, e son scorse alcune coselle travagliose. Ben conosce Vostra Santità che nell'ampiezza di si vasto Imperio non può vedere, e conoscere tutto il Rè mio Signore. Forza è che commetta il governo immediato a molti ministri subalterni, e questi partecipando della sua autorità, non del suo zelo, tal volta fanno conoscere l'animo loro ulcerato delle piaghe di Roma.

Mi sono steso molto in questa materia, ma non tanto come richiedeva la di lei necessità, e così riducendo il tutto a due sole parole, dico Beatissimo Padre col rispetto che devo al vero successor di S. Pietro, ma con quella libertà christiana che devo ancora alla sua cathedra, ch'i mali cagionati dalle durezze passate han buttato a perdere tant'anime che non sò se i due predecessori immediati di Vostra Santità haveranno potuto allegare al Tribunal di Dio per scusa legitima di non haver pasciuto quella gregge sì numerosa, per haverli i Ministri del Rè Cattolico sollicitati a non farlo, quando il precetto di Dio è si rigoroso al contrario, che Giesù Christo si dichiarò con suo Padre di non haver trascurato pur una dell' anime a lui commesse: Quos dedisti mihi non perdidi ex eis quemquam. Ben sò che nel morire ne sentirono acuti stimoli di rimorso, ma non per-

mise Iddio che chi haveva in vita trascurato si longamente negotio di tanta importanza lo rimediasse nel fine.

Impresa così gloriosa era riservata dal cielo ad un Alessandro; e tale fù la certezza che ne inspirò Dio nell'animo del Rè mio Signore, e di tutto il Regno che la dove ò finte ò inefficaci furono stimate le volontà, e le mosse del predecessore per terminarla; alla prima voce dell'essaltatione di Vostra Santità al Ponteficato si portò subito il Rè mio Signore alla cathedrale render gratie a Dio di così degna elettione, e mi spedì incontinente per suo Ambasciatore in questa Corte; senza che fussero bastante ad impedire tale risolutione ne il parere di chi allegava non convenire al decoro della Corona di farlo doppo le cose successe, ne la memoria del scandaloso caso del Vescovo di Lamego in tempo di Urbano VIII, ne del assassinamento del Priore di Sodofeita in quello d'Innocentio X. Prevalse la pietà nell animo della Maestà Sua, et il desiderio di far conoscere ancora con questa dimostratione l'obbedienza, et amor filiale, che ad onta de'mali incontri ha conservato versa questa Sede Apostolica, perche come l'istessa voce divulgò nel medesimo tempo l'epilogo delle rare virtù di Vostra Beatitudine tenne per indubitato esser gionta quell'hora felice che dando principio ad un secolo d'oro terminasse quello di ferro, sotto il quale geme una parte sì nobile del Christianesimo. Da quì nacque spingermi Sua Maestà da Francia à vista de suoi primi ordini, e con tutta la fretta possibile à piedi di Vostra Beatitudine lasciando gl'importanti negotii, che s'agitavano in quella Corte, perche conoscendo la sua causa per tanto giusta come è, et il giudice per vero imitator di S. Pietro, le parve che tutto quel tempo tardava a sollecitarla, era egli stesso la causa di dilongarsi quella consolatione, per la quale travaglia, e sospira son quindeci anni, e son quindeci anni le vien negata.

Quì stò Beatissimo Padre, è ben vero che secondo gl'ordine del Rè mio Signore non dovrei esservi che come Ambasciatore, nè con altro trattamento che quello è dovuto a un Ministro d'un si gran Rè, con tutto ciò il desiderio grande di non lasciar mezzo intentato che non provassimo per incaminarsi con maggiore dolcezza al fine proposto, spingendomi ad interpetrare la volontà del mio Prencipe, mi son contentato di fare per questi primi giorni figura d'huomo particolare.

Faccio hora instanza a nome del Rè mio Signore e de suoi Regni si compiaccia Vostra Santità riconoscerlo per Rè di Portogallo con accettare gl'atti di filiale obbedienza, che mi ha commesso di rendere in

nome suo a Vostra Santità, ricevendomi, e trattandomi per suo Ambasciatore.

In questo colpo ne farà mille Vostra Santità. Questo è il rimedio di tutti i mali, e la fine de'disordini. Con accettarmi Ambasciatore resta corrente la provisione delle chiese, la missione nel Regno d'un Nuntio Apostolico, si stringono più che mai i legami d'un vicendevole amore tra questa Santa Sede, e quei Stati; troverà Vostra Beatitudine nel Rè mio Signore ogni prontezza in cooperare con tutto lo sforzo allo ristabilimento dell'ordine più dovuto; e senza questo che si può aspettare Beatissimo Padre se non che si metta la cancrena in un male di già infistolito?

Lo deve Vostra Santità all'equità ch'è sua propria; lo deve al desiderio, et all'espettativa di tutt'il mondo; lo deve alle lagrime di tant'anime che si perdono; lo deve all'essempio de suoi antichi predecessori; e lo deve sopra tutto alla giustitia della causa.

Son quindeci anni si trova il Rè mio Signore in possesso de suoi stati, e ne corre il sesto decimo, et è sempre stato inviolato costume della Sede Apostolica per ovviare ad infiniti inconvenienti, che seguirebbero, di riconoscere, e trattare da Rè quello ch'è in possesso del Regno.

Piene son l'historie d'essempii che ne dan chiara prova in tutti i secoli. Alessandro III quel gran Pontefice del cui valore rinova hoggidi Vostra Beatitudine la memoria, et il nome con gratitudine essemplare, e ben dovuta a beneficii, che gl'antenati di Vostra Santità li hanno trasmessi col sangue, confirmò il titolo Reale a D. Afonso Henriques di gloriosa memoria primo Rè di Portogallo, ch'era stato eletto da'popoli, perche n'era in possesso, ben che di pochi giorni, non ostanti li contradittioni del Rè di Lione per le sue pretensioni.

Nelle differenze che verterono tra Carlo Rè d'Ungheria, figlio di Carlo Martello, e Roberto suo zio, giudicò Papa Bonifacio VIII col consiglio del Sacro Collegio dover essere riconosciuto per Rè di Napoli Roberto, perche si trovava in possesso di quel Regno.

Confermò Gregorio X nell'Imperio Ridolfo, per quanto contradicesse il Rè D. Alfonso il Savio, non per altra cagione che per star egli in possesso, et essere Prencipe naturale d'Alemagna.[1]

Pio II figlio dignissimo di quella patria che non sà dar à Santa Chiesa Pontefici se non augusti riceve gl'Ambasciatori di Alfonso di Ara-

[1] *Tanto este paragrapho como o antecedente teem á margem:* Ciaccon.

gona, che possedeva il Regno di Napoli, dando per risposta à Renato, che si opponeva, quelle sensate parole Vos Regno caruistis, et tandiu carebitis, donec vires adsint, quibus hostes possitis ejicere. Poco si curò quel gran Pontefice delle contradittioni dell'Ambasciatore del Rè di Francia, del quale dicono i Commentarii di Pio che instava alla gagliarda che non fosse riconosciuto Ferdinando per Rè, protestando per parte del Christianissimo Laturum id ægre Regem atque in Apostolicam Sedem ulturum dubitans, non meno che dall'oppositioni del Vescovo di Marsiglia Ambasciatore di Renato, che domandava Quod preces audirentur suæ, sin minus ruituram Curiam affirmabat.

Ricevè il medesimo Pontefice Pio II gl'Ambasciatore di Matthias Rè d'Ungheria, non ostanti le risentite querele di Federico III Imperatore, che elletto prima Rè dalli medesimi ungari, haveva accettato il Regno, e si riferisce negl'Annali del medesimo Pontefice Pontifex ea re cognita injustam esse querelam dixit, quando Sedis Apostolicæ mos esset eum Regem appellare qui Regnum teneret.

Riconobbe Paolo III per Duca di Milano l'Imperator Carlo V perche n'era in possesso, non ostanti le diligenze del Rè Francesco, che n'era stato investito da Massimigliano Imperatore, ch'aveva comprato quello stato con proprii denari.[1]

Nota è la querela d'Henrico III di Francia, e le acri oppositioni che fece in Roma al ricevimento degl'Ambasciatore di Stefano Battoro eletto Rè di Polonia, per le sue ragioni ad un Regno che non haveva rinuntiato, e pure Gregorio XIII li ammise per la ragion del possesso.[2]

Allego a Vostra Santità questi essempii, non perche m'imagini habbia il mio ricevimento dubbio alcuno nell'animo di Vostra Santità. Sarebbe questo negare a Vostra Beatitudine quelle prerogative, che tutt'il mondo confessa, e quel vigore d'animo intrepido che la canonisa anche appresso i nemici di Santa Chiesa, e per ottimo Padre de Fedeli, e per rettissimo giudice, quando i meriti della nostra causa son così triti e conosciuti, che non ponno non essere presenti a Vostra Beatitudine. Servono solo per giustificare agl'oppositori delle sodisfattioni che dimando, quanto ne siano solidi i fondamenti, e per convincerli con essempio più addattato, e più proprio, dimanderò giustitia con quell'armi istesse, che nel caso di Portogallo l'hanno essatta già loro medesimi dalla Corte di Roma.

[1] *Á margem d'este paragrapho e do anterior:* Ciaccon.
[2] *Á margem:* Spond. anno 1576.

Devoluto il Regno al Cardinale D. Henrico, e disputandone la successione col Serenissimo Duca di Barganza vero herede D. Antonio figlio illegitimo dell'Infante D. Luigi il Rè Cattolico Filippo II li Duchi di Savoia, e di Parma, e la Regina di Francia Catterina di Medici, il Rè Cardinale imbarazzato per la sua fiachezza naturale, ò imparuito *(sic)* in quella età decrepita dalla potenza vicina del Rè Cattolico, ò pure, come volsero molti, per il poco affetto, che sempre portò alla Real Casa di Braganza, non havendo ardito ò voluto dichiarare l'herede del Regno, ordinò alli Stati Generali, radunati all'hora in Lisbona, elegessero giudici per decidere la causa della successione, in caso venisse egli a morire senza haverla decisa. Elessero li Stati venti quattro giudici, con dare facoltà al Rè Cardinale di sciegliere undeci dal detto numero, quali in nome de' Stati dessero la sentenza. Ma morto il Rè, il Cattolico in disprezzo delle leggi, e della volontà del testatore, senza aspettare il giuditio degl'undeci commissarii, invase con essercito poderoso il Regno, e ne scacciò D. Antonio, che col favore d'alcuni suoi adherenti s'era impadronito d'una gran parte di esso.

Spedi per impedire Filippo d'invadere quel Regno à forza d'armi la Santità di Gregorio il Cardinale Riario per Legato d'ambi li Regni, et arrivato à Barcellona, sotto pretesto che haveva toccato in luoghi infetti di peste, con dilationi affettati fu tratenuto ivi due mesi, e poi in Badajos ne li premisero d'uscirne senon doppo che fù entrato il Rè Filippo in Portogallo con due armate di terra e di mare le più forti ch'havesse posto su piedi in tutt'il corso della sua vita quel potente Monarca.

Dalla narratione del fatto si vede che precedette il Rè Cattolico, quando non vogliamo dire con poco rispetto alla Sede Apostolica, almeno con non farne stima, ne caso alcuno. Con tutto ciò mandò subito Ambasciatore a Roma come Rè di Portogallo, e non ostanti le male sodisfattioni, e una usurpatione si chiara lo ricevè subito in tale qualità Papa Gregorio. Certo è che non dichiarò quel buon Pontefice che fosse giusta la pretensione di Filippo a quel Regno, ne diede sentenza a favor suo, ma inherendo agl'essempii de suoi predecessori riconobbe per Rè quello ch'era in possesso del Regno.

Hora con che ragione ponno i Ministri del Rè Cattolico pretendere non siano ricevuti in Roma gl'Ambasciatori del Rè D. Giovanni doppo il possesso di quindeci anni, quando bastò al Rè Filippo il posesso di pochi mesi? Eguale è Beatissimo Padre la bilancia della giustitia per tutti, ne deve prevalere il rispetto di maggiore ò minore potenza tra gl'interessati

appresso di chi l'essercita in vece di Dio in terra. Et è cosa dura Beatissimo Padre che essendosi questo custume immemorabile pratticato inviolabilmente dalla Sede Apostolica, solo per Portogallo si havesse d'alterare, con pregiuditio così grande dell'istessa Santa Sede, quando oltre li allegati ne son piene l'historie d'essempii, e ne posso addurre a Vostra Santità uno in terminis tra Portogallo e Castiglia.

Era riconosciuto in questa Corte per Rè d'ambi quei Regni il Rè D. Alfonso V di Portogallo per il matrimonio *(sic)* haveva concertato con sua nipote la Principessa D. Joanna figlia d'Henrico IV Rè di Castiglia, e per tale dichiarata dal Padre nella morte. La ripugnanza de castigliani all'unione di questi due Regni fece che dichiarassero ingiuriosamente la Principessa D. Giovanna per illegitima, attribuendo essa ad altro Padre, et il jus del Regno alla Principessa D. Isabella sua zia sorella del Rè Henrico; e questa maritandosi con il Rè D. Ferdinando il V doppo molte guerre restò decisa la causa dalla forza maggiore, e rimase Ferdinando Rè di Castiglia; fù però ne'principii il negotio sì dubbioso, ch'essendosi impadronito Alfonso di sì gran parte della Castiglia, che ne fù riconosciuto in Roma per Rè d'ambi li Regni, si dubitò poi in questa Corte se dovevano essere ricevuti gl'Ambasciatori di Ferdinando, ma sciolse Papa Sisto IV la difficoltà con le celebri parole di Pio II riferite di sopra, d'essere cioè costume della Sede Apostolica riconoscere per Rè quello che commanda nel Regno.[1]

Hor come possono pretendere i Ministri del Rè Cattolico non si prattichi hoggidi in favore di Portogallo quello si pratticò all'hora in favor di Castiglia? Anzi pure in favor della Chiesa è necessario pratticarlo Beatissimo Padre, che ne ha nel caso presente bisogno tanto maggiore quanto più si è retardato a seguire il costume, al quale ricorrevano subito gl'antichi Sommi Pontefici, et ha cagionata questa tardanza una serie sì lagrimevole di mali, e di disordini.

E che l'ovviare a simili inconvenienti sia l'unico motivo d'essersi stabilito nella Sede Apostolica questo costume, ne fà ampla dichiaratione nel caso sudetto di Ferdinando il medesimo Sisto con la Bolla espressa nella quale riferendone un'altra promulgata da Pio II nella Gionta di Mantova, et in essa un Decreto del Concilio di Vienna, dichiarò congiontamente con essi, che non ricevesse pregiuditio alcuno un Prencipe che pretendeva ad *(sic)* Regno, dall'essere ricevuti dalla Sede Apostolica gl'Ambasciatori

[1] *Á margem:* Geron. Curita Annal. d'Aragon Lib. 18 anno 1473.

del suo competitore, e trattato esso da Rè; e che in qualsivoglia maniera che la Sede Apostolica ò in detto, ò in fatto tratti gl'uni, e gl'altri Prencipi, ò Ministri, non dà, ne leva cosa alcuna a qualsivoglia di loro.[1]

Il mio ricevimento Beatissimo Padre non sarà di pregiuditio alcuno alle pretensioni del Rè Cattolico, e sarebbe cosa troppo fuor di ragione pretendessero i suoi Ministri far'una piaga sì pregiuditiale alla Chiesa, et all'anime, per impedire un atto che non apporta nocumento alcuno alle loro ragioni.

Ponno ben ricordarsi in termini anche più forti, ch'è stata sempre così gelosa la Santa Sede di provedere in qualsivoglia modo al bisogno dell'anime, che si è indotta altre volte anche a riconoscere due de loro antichi Rè di Castiglia, puramente intrusi nel Regno, come furono D. Henrico il bastardo, che ammazzò suo fratello il Rè D. Pietro, per farsi Rè: et il Rè D. Sancio, che essendo restato tutore di suo nipote l'Infante D. Ferdinando, che chiamarono de la Cerda, herede del Regno, si sollevò contro di lui, e si pose nel throno dell' Infante; caso di cui è si viva la memoria in Spagna, che li Duchi di Medina Celi discendenti di detto Infante anche hoggidì nell'atto solenne del giuramento de' Prencipi di Castiglia, protestano per le loro ragioni.

Ma perche trattener d'avvantaggio Vostra Beatitudine con allegare essempii di quello ha pratticato la Sede Apostolica in altre occorrenze, quando il ricevere l'Ambasciatore del Serenissimo Rè D. Giovanni mio Signore è ponto non solo discusso, ma risoluto in Roma sin da tempi d'Urbano VIII di felice memoria benche non per anco esseguito.

All'arrivo del Vescovo di Lamego in questa Corte, benche tanto nei principii della felice acclamatione di Sua Maestà, e nelle crudezze d'una piaga, che non si è potuta maturare nell'animo dei Ministri del Rè Cattolico, risolse quella grand'anima d'Urbano di riceverlo, e trattarlo da Regio Ambasciatore, e v'è più d'uno dei signori Cardinali che hoggidì vivono, che ne potrebbero far'ampia fede, quando non fusse per altro cosa notoria. I disordini cagionati dal Marchese de los Veles Ambasciatore Cattolico, e le guerre di Parma, che sopravennero, impedirono la risolutione, che Sua Santità n'haveva presa per ovviare a mali che prevedeva haverebbe cagionato il rifiuto, e che pur troppo ha fatto provare al Christianesimo la malignità dei tempi, che han succeduto.

Hebbero in tanto largo campo d'adoperarsi le diligenze di Spagna;

[1] *Á margem:* Curita. Ibid.

ma non poterono già impedire che in una congregatione d'Eminentissimi Cardinali deputata a questo effetto, non si risolvesse che passati trè anni di possesso fusse il Rè mio Signore riconosciuto, e ricevuti in Roma i suoi Ambasciatori. Fù uno de Cardinali della Congregatione il signore Cardinale Pamphilio, dipoi Papa Innocentio X che fù particolarmente di questo parere. Instò appresso di lui il Rè mio Signore passati più anni che mettesse in essecutione, essendo Pontefice, quello haveva risoluto già Cardinale. A queste instanze deputò Sua Santità una nuova Congregatione sopra la materia, e fù di nuovo risposto da quegl' Eminentissimi nemine discrepante, ch'era Sua Beatitudine obligata in conscienza a ricevere gl'Ambasciatori di Portogallo, ma mosso il Pontefice da qualchi rispetti politici ordinò non si publicasse la risolutione, in quanto ne dava parte alla Corte Cattolica. Dimostrò Monsignore Nuntio a quei Ministri le fortissime ragioni che obligavano Sua Santità in conscienza a non ostinarsi più ad una repulsa così pregiuditiale alla salute dell'anime, et è soverchio ridire i particolari delle conferenze si tennero là sopra questa materia, mentre non v'è chi l'ignori. Le risposte furono quali si potevano presupporre, et il peggio è che non sò da quai motivi, ò da quai vincoli stretto, ò mosso il buon Pontefice, seguitò in effetto il parere del Consiglio di Spagna, non della Congregatione de Cardinali. In Roma s'ha da far Beatissimo Padre la risolutione, non a Madrid, et aspettare da quella Corte risposte differenti è tempo perso. Il Rè Cattolico è parte, e non è giudice, è giuditio questo commesso da Dio a Vostra Santità, et il dominio del Regno s'ha da decidere con l'armi in campagna, non nelle Diete, ò nelle conferenze ne'gabinetti.

È tempo Beatissimo Padre di mettere in essecutione quello ha sempre pratticato la Sede Apostolica in casi simili, e risoluto già nel presente. Richiede il Rè mio Signore, e con esso i suoi Regni, che si compiaccia Vostra Santità d'esseguire la sentenza già datta in favor suo, e questo in ultima instanza, perche se appellammo d'Urbano ad Innocentio, e da Innocentio al nuovo successore, da Alessandro VII Beatissimo Padre non v'è appellatione. Da chi sperarem giustitia, se non la trovassimo in Vostra Santità doppo quindeci anni passati, nel principio d'un Ponteficato, che piacerà a Dio far durare longissimi anni, per aumento di Santa Chiesa, e da un Papa che il mondo canonisa per retto, e vero imitatore degl'antichi Pontefici? In Vostra Beatitudine e nel caso presente si terminano, e si rinchiudono le speranze d'un Regno devotissimo sempre alla Sede Apostolica, e son sicuro offenderei notabilmente l'integrità e rettitudine della

Santità Vostra, se dubitassi ch'ella lo volesse esporre a estremità sì pericolose, non considerando le gravi consequenze di questo fatto, e lo scandalo molto più grave de'passati riceverebbe il mondo, se mi vedesse uscire da questa Corte senza giustitia.

Ingiuria mi par che facciano a questa Santa Sede i Ministri Cattolici, domandando che Vostra Santità non riceva in Roma Ambasciatore di Portogallo. Già come si è detto hanno dichiarato sempre i Sommi Pontefici, et il Concilio di Vienna con essi, che ricevendo Ambasciatore in simili occorrenze intendono non pregiudicare in modo alcuno alle ragioni de' Prencipi oppositori di quelli che possedono li Stati. Hor come ponno senza ingiuria pretendere che Vostra Santità non riceva quelli del Rè mio Signore correndole obbligatione si precisa come Pastore universale di ricevere gl'atti d'obbedienza di tutti i Fedeli, e rimediare alle loro necessità, mentre non è loro quest'atto di pregiuditio alcuno? Ma quando anche questo non fosse, tengono per ventura Vostra Santità meno Prencipe in Roma di quello lo siano ne'loro Stati tant'altri in Europa, nelle Corti de'quali si vedono doppo tant'anni Ambasciatori di Spagna e del Rè mio Signore senza vi sia successo il minore disordine? Sarà privilegio solo del Settentrione godere una piena libertà d'ammettere ogn'uno, e non vorrano più che Roma sia una Patria commune? Non lo temo io Beatissimo Padre sotto un Prencipe sì Augusto come Vostra Santità. Con ragione senza comparatione maggiore devono essere aperti ad ogn'uno gl'aditi d'una città che è sempre stata capo del mondo, più che non lo sono quelli di Munster, dell'Hollanda, della Suetia, e dell'Inghilterra, e tocca a Roma dar la legge, non a riceverla.

Panici furono i timori che concepirono alcuni delle conseguenze del dispiacere poteva ricevere la Corte di Spagna nell'adempimento delle sodisfattioni dovute al Rè mio Signore. È molto cattolica Beatissimo Padre, e molto pia, e molto santa la Casa d'Austria, per imaginarsi possa ella mai traviare dalla purità de'suoi principii, e dal rispetto dovuto alla Sede Apostolica per qualsivoglia occasione, e tanto più per una causa si ingiusta. N'han mostrato ben si i Ministri qualch'ammarezza, ma alla voce d'un degno Vicario di Christo e i venti, et il mare obbediranno. Ben è noto alla Santità Vostra ciò che rispose quel gran Pontefice Sisto V al Conte d'Olivares Ambasciatore Cattolico, quando per parte del suo Rè li ricordò che l'aveva fatto far Papa. Con più ragione può Vostra Santità rispondere a' Prencipi che lo lascino esser Papa, quando nessuno si può vantare d'ha-

verlo fatto, e deve solo il mondo questa grande felicità al braccio onnipotente di Dio: ma dato, e non concesso, che si potesse temere che la Corte di Spagna trascorresse a mostrar qualche risentimento di questo fatto, qualsivoglia tempesta che si levi, non può il vero giudice lasciare di far giustitia, non può il Pastore Apostolico abbandonar la cura dell'anime, et inseparabile è dal suo carico l'obbligatione imposta da Christo di mettere, quando bisognasse Animam suam pro ovibus suis.

Ben differenti sono le massime che vorrebero si pratticassero in Roma di quelle han pratticate eglino stessi in quest'ultimi tempi. Tagliò un Parlamento (contro tutte le leggi divine et humane) la testa al suo legitimo Rè, et al migliore Rè ch'habbino havuti quei Regni da che ne fù sbandita la vera credenza, e passarono pochi giorni ch'il Rè Cattolico con essempio pernicioso riconobbe per mezzo del suo Ambasciatore quel Parlamento per Padrone della Gran Bretagna, approvando più che tacitamente attione così sacrilega, e che tirava seco conseguenze si grandi per tutte le teste Reali, e per tutti li Stati.

Alcuni anni dopoi scacciò Cromuel quel Parlamento, s'impadronì delli Regni, e se n'intitolò Protettore, et apena hebbe ciò fatto, che il medesimo Rè Cattolico per mezzo dell'istesso Ambasciatore fu il primo a riconoscerlo non solo per Protettore ma per Monarca de'più potenti della terra, obligando con l'essempio in quelle congionture gl'altri Prencipi a riconoscere quella nuova potenza; e pure facile è il vedere, che quando una di queste due attioni fosse stata giustificata, non lo potevano essere tutte due; perche se il Parlamento haveva la legitima auttorità del governo, e procedè bene in tagliare la testa al suo Rè, come poteva poi il Rè Cattolico riconoscere per legitima l'attione di Cromuel che disciolse e scacciò il Parlamento? Nondimeno questo è l'istesso Rè, che vorrebbe che Vostra Santità non riconoscesse un Rè legitimo per discendenza, e per acclamatione, che ha più di quindeci anni di possesso, et è riconosciuto, et approvato da tutti i Prencipi independenti di Casa d'Austria, quando in nessuno deve esser maggiore l'independenza, che nel Sommo Pontefice.

Hanno i castigliani impedito sin'hora la Santa Sede di trattare con i Ministri del Rè mio Signore, e tra tanto in più d'una occasione hanno trattato eglino medesimi con essi noi. Si pongano di gratia la mano al petto, e vedano se si ricordano che stando io in Hollanda, mandò il loro Ambasciatore a trattar meco per agiustare il modo di venire ad una compositione tra li due Rè? Non son più di tre anni ch'havendo io fatto un

viaggio di Francia a Portogallo, comparve in Lisbona un castigliano mandato da Madrid a trattare con i Ministri del Rè mio Signore di dar qualche fine alla guerra, e fu sentito da Commissarii deputati da Sua Maestà a questo effetto. Apena son otto mesi che la prattica d'una tregua offerta da Sua Maestà Cattolica al Rè mio Signore per tale tempo che desiderasse Portogallo fu maneggiata con tanta caldezza dalli Generali delle frontiere, dall'Arcivescovo di Santiago, e dalli Vescovi di Badajos, e Ciudad Rodrigo, che ne concepirono altri Prencipi non mediocre gelosia.

Non è di questo luogo il discorrere se facesse il consiglio di Spagna queste aperture, e queste instanze di buona, ò mala fede, ponto che ha datto a molti larga materia di discorso, benche a giudicarne conforme la ragione e la necessità de'tempi, più necessaria è loro la pace con noi, di quello lo sia di presenti a noi stessi, gia che il Rè Cattolico ha su le braccia inimici molto potenti, e noi habbiamo amici con ugual potere, che trattano di stringere con noi tuttavia più i vincoli d'amicitia, per ottenere da essi unitamente con noi partiti avantaggiosi nella pace generale.

Devo solo mostrare a Vostra Beatitudine che non può la Santità Vostra ottenere una pace che dia riposo al Christianesimo, se non cessa la guerra tra Spagna e Portogallo, e che per ottenersi una pace tra il Rè mio Signore et il Cattolico è necessario sii ricevuto da Vostra Beatitudine l'Ambasciatore della Maestà del mio Rè.

Spero Beatissimo Padre che haverà sempre a venerar la mia Patria Vostra Santità per singolare benefattore; e doverà al zelo di Vostra Beatitudine lo ristabilimento non solo del Sacerdotio, e de più Augusti misterii, ma l'apertura del Tempio della Pace, per dedicarvi una statua all' immortalità del di lei merito, e tramandare a posteri l'osservanza del nome degl'Alessandri.

Ad Alessandro III deve la confermatione del titolo, e della Corona Reale nella persona del glorioso e Santo Rè Dom Alfonso Henriques, primo tra li Prencipi di Portogallo, che regnasse in quel paese.

Alessandro VI fù quello ch'accordò nella divisione de'mari il grande D. Ferdinando il Cattolico e Dom Emmanuele di Portogallo di sempre augusta memoria, con gettar quella linea, che chiamarono imaginaria.

Toccherà, se piace a Dio ad Alessandro VII nella pace generale la division delle terre, e l'unione de'cuori di due Prencipi Cattolici, vicini, parenti, e benemeriti della Sede Apostolica, così per la pietà loro propria, come per quella che rappresentano de'loro gloriosi progenitori. Sarà questo

Beatissimo Padre non solo dar Vostra Santità al Christianesimo una pace universale, ma gettare per la di lei durata i più solidi fondamenti che si possano sciegliere.

Son ridotti per i nostri peccati i Prencipi cattolici a molto pochi. Potentissimi sono gl'infedeli et heretici. È tempo hormai d'aprir gl'occhi, e d'unire le forze per impedire la rovina del Christianesimo investito da tutte le parti dal turco, dal suezzese, e dall'inglese. Questi potenti tutti di thesori e di forze han concepiti disegni non ordinarii contro la Fede cattolica. La memoria delle vittorie suezzesi in Alemagna ha invitato hoggidì quel nuovo Rè a continuarle in Polonia. Piangono i cattolici, e piangeran sempre più con lagrime di sangue le rovine di quel miserabil Regno, quando toccheranno con mano le consequenze di sì grande conquista, e l'animo del vincitore sitibondo di continuarle altrove, e sempre a danni della Chiesa.

In difesa di questa Santa Sede, e della Chiesa Cattolica, dovunque il bisogno lo porti, ho ordine d'offerire a Vostra Santità in nome del Rè mio Signore tutte le sue forze così di terra come di mare, e ciò più di cuore, che con la bocca, per impiegarle a' cenni di Vostra Santità quando egli resti libero dall'impegno in che l'essercita la querela che ha contro di lui il Rè Cattolico.

Di questa piaga Vostra Santità sola può essere il medico. Tocca al Sommo Pontefice ex officio come Padre commune il curarla, e lo può sopra gl'altri Vostra Santità per la confidenza totale ch'ha tutt'il mondo nella sua rettitudine, e per la singolare prudenza di cui è dotata da Dio. Non v'è altro mediatore che ne sia capace, ne mai le parti sole potranno agiustare tra di loro cosa che vaglia, senza l'interventione d'un terzo di tale stima et autorità, che possa rendersi come sicurtà della buona fede de' trattati che si faranno.

Ma come potrà la Santità Vostra terminare queste differenze, et esser arbitro di questa causa se non riceve appresso di sè un'Ambasciatore di Sua Maestà con chi possa trattare, e non assiste reciprocamente appresso il Rè mio Signore un Nuntio di Vostra Santità? I negotii è impossibile conchiuderli senza trattarli, ne si ponno trattare che con quelle persone, che ne hanno poteri sufficienti, e sono a quest'effetto commessi da' loro Prencipi.

Dunque a quest'effetto è anche necessario che Vostra Santità me dii modo di poter assistere appresso la sua persona con ricevermi Ambascia-

tore del mio Rè, ne più difficile sarà la prova dell'altro ponto, che non possa cioè Vostra Beatitudine ottenere una pace che dia riposo al Christianesimo, se non v'è compreso il Rè mio Signore, e non cessa la guerra tra Spagna e Portogallo.

Ben sò Beatissimo Padre ch'era linguaggio del predecessore di Vostra Santità che essendo necessaria la pace tra le due Corone di Francia e Spagna per dare quiete alla Christianità non doveva lasciarsi di fare anche con l'esclusione di Portogallo; e ch'era minor inconveniente che ne patisse un solo membro, come è quello Regno, che tutt'il corpo. Questa opinione Beatissimo Padre salva pace dell'auttore non solo è contraria alla pietà christiana, ma lo è parimente alla più fina politica humana, e dirò d'avantaggio, che è più contraria al bene della Monarchia di Spagna, che quanto le possa succedere di dannoso. E tanto lo conosce ella medesima che da questo solo principio hanno havuto origine le propositioni, che più volte ci ha fatto, et i progetti d'accordo ch'ella ha gettato.

Membro ben lontano dal centro della Monarchia erano i Paesi bassi, e sette di quelle Provincie unite, non solo sostennero la guerra ottanta anni contro i tre potenti Monarchi Filippi 2, 3, e 4°, ma furono l'origine di quanti mali ha patito quella Monarchia. Ricevettero nel principio assistenze d'Inghilterra, entrò subito Francia nel gioco, qualche tempo in secreto, e poi in publico, e nacque alla fine da questo principio la rottura tra le due Corone. Nell'anno 1634 mandarono i Stati delle Provincie un Ambasciatore straordinario in Francia a dichiararsi che se non rompeva il Rè Christianissimo la guerra a Spagna, haverebbero esse fatta la loro pace. Si ruppe nel seguente anno del 35 e sono venti anni che dura.

Non furono sole la Francia e l'Inghilterra nell'assistere gl'hollandesi, altri Prencipi, e qualcheduna delle Republiche meglio governate d'Europa fecero l'istesso, e lo faranno sempre, quando una delle due potenze francesa ò spagnuola eccederà nel peso della bilancia, che tutti voglino sia uguale.

Una guerra così poco necessaria alla Corona di Spagna, come fù quella di Mantova, pose tutta l'Italia in pericolo, e rovinò l'Imperio, perche restando disarmato l'Imperatore diede occasione al Rè di Suetia d'entrare con sette milla huomini solamente in Alemagna, dove unito con i Prencipi protestanti hebbe in pochi mesi un'essercito di settanta milla combatenti. Lo stato a che fù ridotto l'Imperio nessuno lo sà meglio di Vostra Santità che l'ha visto; ne bastò la morte di quel Rè per fare cessar

le vittorie, e le rovine, che furono causa di quella pace così indecente, che si celebrò con tanta ripugnanza della Sede Apostolica e della persona di Vostra Santità.

Hora Beatissimo Padre se un membro così lontano dal corpo della Monarchia di Spagna, come i Paesi bassi, l'ulcerò tutta; e se un'altro membro alieno, che solo una politica erronea volse far proprio, pose in pericolo, come ho detto tutta l'Italia, e rovinò l'Imperio, che rovine, che desolationi, e che miserie non vengono minacciate al corpo della Monarchia se finite l'altre guerre si vanno tutte agiontare in Spagna? Bell'avanzo haverà fatto il Rè Cattolico se finite le guerre di fuora, se le chiamarà tutte in casa.

Possiede, merce di Dio il Rè mio Signore amplissimi stati, che le somministrano abbondantemente ricchezze, per sostenere non solo, ma per portare in casa d'altri la guerra. Non mancano al Regno nè forze, nè risolutione, nè cuore per diffendere la libertà; sono i popoli naturalmente guerriere, e restano hora essercitati alla guerra. L'antica aversione delle due Nationi, et il gran successo de'nostri tempi, fà stimare ad ogn'uno per propria la querela dello stato, e non è frutta più di stagione haver il cuore castigliano in Portogallo. La giustitia del Rè mio Signore n'ha sradicate le piante col rigore del dovuto castigo, nè cospirano ad altro i portoghesi hoggidi che alla conservatione del loro Prencipe, et ad una ostinata et essemplare difesa in caso d'attaco.

Ma quando fosse disuguale la partita, et il torrente delle forze della Monarchia Spagnuola venisse a cascare sopra di noi, non ci assisterà per ventura la Francia in publico et in secreto, e con denari e con gente? Chi ne può dubitare? Ha mostrato sempre l'esperienza che le due Corone di Francia e Spagna non hanno mai mancato d'assistere gl'inimici una dell'altra. Sarebbe in questo caso mutata la sede della guerra, ma non fatta la pace tra il Christianissimo et il Cattolico. Tante son le conseguenze che risultano a Francia dal mantenersi separati dalla Corona di Spagna i Regni di Portogallo, che non risparmierebbe quella impiego di forze, nè di denari per impedirne l'unione, e non sarebbe poco diversivo agl'humori torbidi della Francia mandarli in Portogallo a far la guerra.

Correrebbero da tutte le parti dell'Europa ad arrolarsi i soldati sotto l'insegne del Rè mio Signore che non è riputato per povero; e fuora quelle di Francia, ci mancherebbero per ventura in caso di bisogno l'armi aussiliari del Settentrione? Lascio li suezzesi et hollandesi, benche provino

questi ultimi per esperienza quanto è loro nociva la pace, che han fatta con Spagna; forse si farebbe pregare il Prottetore d'Inghilterra, ch'è andato a cercare li spagnuoli sino all'India, s'havesse si grande porta aperta e si vicina? Sarebbe non ha dubbio, una gran miseria: ma chi non sà che la difesa è di jure naturæ, e che per salvare il corpo si danno tal volta de'tagli a tutti i membri? Deplorabile è ancor la memoria del capriccio del Conte Giuliano di Castiglia, che fece intrar i mori in Spagna, e sà la Christianità quanto n'ha pianto. Che sarebbe, che Dio ne liberi, se l'estrema necessità di salvare li beni, l'honore, e figli, e la propria vita, riducesse in tale disperatione quei popoli, che li facessero entrar in Portogallo? Permetta Iddio Beatissimo Padre che non si veda ne'tempi nostri catastrofe sì lagrimevole, che pur troppo è pieno di tragedie il nostro secolo; ma certo è che sarebbe la pace generale nel nome, non negl'effetti, se si facesse all'esclusione di Portogallo, e sarebbe in essenza una guerra universale, che diretta, ò indirettamente desolarebbe la Christianità.

Una buona pace con Portogallo è necessaria alla quiete di Spagna, e non sò vedere perche non sia pratticabile. Non faccia Beatissimo Padre difficoltà la volgare opinione di quelli, che stimano troppo fresca la piaga di Portogallo, e che dolga molto à spagnuoli che se le tocchi. Ben fresca era ancora quella delle sette Provincie ribellate, quando nella pace di Vervins non volse Henrico IV Rè di Francia cominciare i trattati, se Filippo II non dava passaporti agl'Ambasciatori de'Stati, perche si potessero trovar con sicurezza al congresso, come li diede in effetto, benche non se ne volsero i Stati valere, giudicando che loro conveniva più la continuation della guerra, che una tregua, ò pace con Spagna. Quest'essempio Beatissimo Padre è tanto più in nostro favore, qnanto non v'è comparatione alcuna tra un caso e l'altro. I Paesi bassi erano patrimonio hereditario de Filippo II, e li possedeva con titolo il più giustificato, che possa essere, come prevenutili non con forza d'arme, ma per legitima successione di padre a figlio; e con tutto ciò in quel tempo pochi anni doppo la ribelione, volse il Rè Cattolico entrar in trattato con essi loro, e nel 1609 fece con essi una tregua Filippo III suo figlio.

Stava all'hora la Monarchia di Spagna nell'auge della sua grandezza, havendo uniti a tanti Regni quelli anche di Portogallo, e la ragione ch' hebbe quel potentissimo e prudente Monarca di ammettere al trattato gl' hollandesi, e di entrar con la Francia in una pace così svantaggiosa, che restituì al Rè Christianissimo un'infinità di piazze, fù la consideratione

ch'hebbe di trovarsi vecchio, e con un figlio unico, che haveva poca inclinatione alla guerra, e volse lasciarle pacifica l'heredità.

Corrono al contrario con noi ragioni molto differenti. Il Regno di Portogallo è sempre stato separato da quel di Castiglia, da quest'ultimi tempi in fuora: la giustitia del Rè mio Signore è più chiara che il sole, e quando i spagnuoli non vogliano confessarla tale, non ponno al meno essi negare che anche i loro amici han sempre stimata la loro dubbiosa, e più da fondarsi nella forza dell'arme, che delle ragioni, come scrisse Mar'Anton Borghese a Filippo II invitandolo ad accompagnare con venti milla huomini il consulto che haveva fatto in favor suo; e vi sono molte ragioni, che cohonestano l'entrar egli in trattato col Rè mio Signore massime havendo fatta l'istesso Rè Filippo al presente regnante la pace con gl'holandesi, con spogliarsi del dominio di sette Provincie, ch'erano suo patrimonio, e riconoscendone in primo articolo i Stati Generali per Signori sovrani.

La consideratione di suo avo rispetto al figlio poco bellicoso, quanto più corre nel nipote, che si trova solo con due figlie, e quando Nostro Signore le faccia gratia d'un maschio, come spera, le viene nell'età di cinquant'anni, hanno che passar molto padre e figlio prima che sia questi in stato di poter governare, e l'incertezza della vita ne fà soggiacere a gran varietà d'accidenti. Se morisse il padre lasciando il figlio in età tenera, a che pericoli non l'espone con una guerra così vicina, essendo il successore di Portogallo parente in grado molto prossimo de'maggiori e più potenti Signori di Spagna? E se non da Dio benedetto un'herede maschio alla Corona Cattolica, che può aspettare da questa guerra la Spagna appoggiata a due femine, e queste figlie di differenti madri? Son note queste ragioni al Rè Cattolico, ma rappresentate dal paterno affetto di Vostra Santità saranno di peso maggiore, et haveran forza d'oracolo.

Già resta disocupato il Rè mio Signore dalla guerra degl'hollandesi, che ha scacciati non solo del Regno d'Angola, e dal Maranhão, ma anche da tutt'il Brazile. Ben s'è visto, dal modo di guerra ch'ha fatta Sua Maestà, ch'il suo fine non era di mettere il fuoco in Spagna, e rovinare il Cattolico. Si contentò d'haver dilatato i suoi confini, assicurandosi, quanto bastasse dall'invasione de'castigliani, e si voltò con tutte le sue forze contro gl'heretici, ch'havevano occupata parte si nobile e sì grande delle sue conquiste. Fece gloriosamente l'impresa di Pernambuco, e del Recife, con che rimandò in Hollanda le reliquie di quella gente, e dell'heresia, dalla quale Dio mercede è purgato tutt'il Brasile.

Suo desiderio è Beatissimo Padre impiegarsi più contro i nimici della Chiesa, che continuare la guerra a'cattolici. Piange tutta la Christianità minacciata da nemici così potenti, e sospira una buona pace. Vostra Santità vede quanto per farla buona sii necessario includervi Portogallo, e che per arrivare a questo fine non v'è altro mezzo che di riconoscere e trattare Vostra Santità col Rè mio Signore ricevendo i suoi Ambasciatori, come per tanti altri capi, e sì importanti ne corre a Vostra Beatitudine l'obligatione.

Non è più tempo di parlare di mezzi termini, le propositioni de'quali l'esperienza di 15 anni ha rese inutili; è questo un ponto unico et indivisibile; ne può in modo alcuno il Rè mio Signore cedere a un minimo ponto de'diritti della sua Corona Reale, come quello che sà molto bene che non lo può in conscienza, essendo i Rè amministratori, e depositarii, non padroni, e signori delle prerogative de'Regni, da'quali sono essi inalienabili.

Tenga però Vostra Santità per infallibile che non sarà meno zelante il Rè mio Signore in segnalare la sua pietà nell'ossequio di Santa Chiesa e nel rispetto particolare alla persona di Vostra Beatitudine di quello lo è in conservare le sue Reali prerogative. Posso dire con verità che non v'è Prencipe in Europa che al pari di lui si rallegrasse dell'heroica attione del Sacro Collegio in promuovere Vostra Beatitudine al Pontificato, quando è cosa certa che ne ricevettero tutti un sommo contento. Desidera Sua Maestà che la Santità Vostra lo riceva per figlio, e son sicuro che darà tali prove del suo amore a questa Santa Sede, che meriterà dal paterno affetto di Vostra Beatitudine d'essere accarezatto come il più diletto, e come il Benjamin della Chiesa.

Consoli Vostra Beatitudine l'humilissime preghiere d'un Rè sì pio, e d'un Regno che sempre è stato tanto benemerito della Sede Apostolica. Apra Vostra Santità le braccia ad un Prencipe, che apre con ogni candore a Vostra Beatitudine il suo cuore, e che tanto confida nella rettitudine et affetto di quello di Papa Alessandro, che si getta a'suoi piedi, a lui immediatamente ricorre, i *(sic)* stima inutile sotto un Pontificato sì augusto l'opera de'più grandi avvocati et intercessori.

Sarà sempre celebre ne'fasti romani quel giorno in cui s'è vista ricevuta da Vostra Beatitudine quella grande Regina, che lasciando nel Settentrione a costo d'un Regno le tenebre dell'heresia, ha illustrato non meno il suo nome, che il nostro secolo. Riceva hora Vostra Santità un Rè che manda dall'Occidente a render obbedienza a questa Santa Sede Aposto-

lica, ne tratta che di conservare la purità della vera fede nell'ampiezza di quei stati, che lo riconoscono per Padrone nelle quattro parti del mondo; e m'assicuro sarà quel giorno ben gratto a tutta Roma.

Lo tengo Beatissimo Padre per infallibile, ne mi resta hora che a supplicare humilmente Vostra Beatitudine a degnarsi di compatire, se l'importanza di materia si grave mi ha fatto forse trascorrere a rappresentarla con soverchia libertà, assicurandosi che è proceduta dal buon zelo d'un animo, che è, e sarà sempre devotissimo et ossequiosissimo a Vostra Beatitudine etc. *(sic)*.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656 — Janeiro 28

Senhor — Liorne em 28 de Janeiro de 1656.

Ao Secretario Pedro Vieira da Silva tenho dado conta do estado em que achei Roma, e a careza della, e do que precizamente he necessario a hum Embaixador de Vossa Magestade para que já que se não iguale aos mais luzidos, não fique inferior aos dos Principes menores. Isto Senhor já não he vaidade, o costume o tem feito obrigação tão preciza que faltar a ella seria huma vergonha insuportavel, por lhe não pôr nome.[2] Eu Senhor ornei a minha caza, nem com excesso, nem com falta notavel porque ha couzas que se não podião deixar para o ponto cru, nem esperar a que se fizessem, declarando se o Papa em receber me; acudi ao inexcuzavel, falta ainda muito a que espero que Vossa Magestade haja de ser servido mandar suprir. Não só Roma, mas toda a Italia, e ainda o mundo todo, que todo está em Roma, esperão muito de Vossa Magestade, e não esperão pouco deste mizeravel Embaixador, que Vossa Magestade tirou

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432, *(Copiador do Embaixador?)* fol. 38.

Ha este memorial em portuguez no mesmo Arch. Nac. *Liv. mss.*, num. 1632, fol. 72 — *Copia.*

[2] por lhe não por outro nome: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

ao theatro do mundo, o fez conhecido, e lhe deu nelle bastante reputação: não convirá que em hum dia se arrisque, ou perca tudo.

Se por estar já em Roma de dias ou de mezes se pudera a boa mente fazer que Sua Santidade venha em que se escuze a entrada solemne, poderseha poupar muita fazenda; mas duvidão muitos de o podermos conseguir. São dias estes muito alegres para o povo, e de muito proveito, porque a todos dá de comer; e os Papas costumão ter a isto grande respeito; mas inda quando bem isto se possa escuzar, ha outros gastos tão grandes, que he impossivel chegar a elles sem dois mil cruzados de mezada, como já disse ao Secretario, e adverti desde Pariz.

A familia que tenho com não ser pequena, ha de crescer pelo menos em pages, e lacaios: daquelles tenho oito, e destes dezaseis; hão de crescer huns a dez, e outros a vinte, que he o numero mais limitado dos Embaixadores menores. Tenho quatro carroças, e quatorze cavalos em que entrão dois que me deu o Cardeal Orsino, faltão inda trez carroças em que entra a que ha de ser primeira, que são das que aqui chamão ricas, que servem só nos dias de audiencias do Papa, vezita de Cardeaes e Embaixadores com cortejo, a que se ajuntão as dos amigos e affeiçoados, e fazem hum numero grande, e são necessarias a dos Embaixadores para os cortezões nacionaes, que as não tem, assistem e acompanhão sempre, *(sic)* para as quaes são necessarios até vinte e quatro cavalos para duas carroças a seis, e cinco a dois.

Isto, Senhor, he o precizamente necessario, e sendo o não digo muito em mezada de dois mil cruzados. Do comprado e do que se houver de comprar protesto a Vossa Magestade que não quero mais que ser o uzofructuario para o deixar depois a quem me vier suceder. Com que Vossa Magestade poupará muito nas ajudas de custo que houver de dar aos Embaixadores que seguirem, conservandose sempre a caza no mesmo estado, e muito mais se pello tempo adiante for Vossa Magestade servido de ter em Roma o que tem França, Castella, Veneza, o Gran Duque, Parma,[1] e até Malta, e teve já Inglaterra, como são palacios proprios para os seus Embaixadores. Dezejo de conservar em Roma, e adiantar, se puder, o credito que Deos quiz que alcançasse nas outras embaixadas: concervalo he só o premio que quero tirar dellas; seja este as vinhas, e os meus olivaes, que haja comprado no serviço de Vossa Magestade: esta he a paga que

[1] o Grão Duque de Parma: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

peço só por tantos annos de serviços feitos, e pellos poucos que lhe posso fazer nestes ultimos da vida, quando Deos m a dê mais larga que me reste alguma para a acabar em seu serviço, com me recolher ao meu monte, com só o vestido que levar sobre mim me darei por tão rico, e terei tantas mais graças que dar a Vossa Magestade quantas por ventura lhe não dera quando lhe houvera merecido huma merce grande, e huma honrra muito maior; e que fallo de todo meu coração me he Deos testemunha que guarde a Real pessoa etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarino

1656—Janeiro 31

Eminentissimo e Reverendissimo Signore e Patrone colendissimo.

Quanto hebbi occasione di maraviglia nel vedermi privare da Monsignor de Lionne delle gratie, che potevo sperare da un Ministro di Sua Maestà Christianissima, tanto più devo hora a quelle che per mezzo suo si è compiaciuta Vostra Eminenza di parteciparmi. Non mi potei veramente mai persuadere, che Vostra Eminenza che ha date tante prove al Rè mio Signore del suo zelo, e del suo affetto, lasciasse hora di far godere ai suoi Ministri le gratie che ne hanno sempre ricevute, quando l'ossequio particolare, che ho sempre professato al merito, et al nome di Vostra Eminenza non mi havesse fatto sperare di restare caratterizzato in ogni luogo per suo servitore. Le rendo hora devotissime gratie delle sicurezze si è compiaciuta Vostra Eminenza farmene dare, e spero di restare più fortunato in Roma nella conclusione dei negotii, di quello lo fui in Parigi. Monsignor di Lionne mi dice haverle fatto Vostra Eminenza mandare ordini molto precisi per sollicitarne efficacemente il buon esito, del quale mi conviene sperar bene concorrendo hora un Summo Pontefice bene intentionato, e le instanze efficaci di Sua Maestà Christianissima,

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 140, *e tambem na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

per sostenere la giustitia della causa, e le diligenze ch'io vado facendo. Mi giova credere che felicissime saranno quelle fà il Ministro che il Rè mio Signore ha mandato costi, e che Vostra Eminenza troverà modo di conchiudere il tutto in avantaggio delle due Corone. Io mi contenterò della gloria d'haver cominciata l'opra, e Vostra Eminenza mi farà giustitia in credere che non v'è alcuno che ambisca con più passione le occasioni di far conoscere quanto è — Di Vostra Reverendissima *(sic)*.

Roma li 31 Genaro 1656.[1]

Supplica de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Papa

1656 — Fevereiro 10

Beatissimo Padre — Se la materia della quale piglio ardire di scrivere a Vostra Santità non fusse di quelle che ricercano ogni prontezza per essere trattate utilmente, mi sarei riservato a rappresentarla di bocca ai piedi di Vostra Beatitudine come doveva essere stilo d'un huomo, che non fà altra figura che di privato; ma essendo vacata nella Chiesa Metropolitana d'Evora la dignità di cantore annessa sempre ad un canonicato, per morte di Manuel di Faria Severin, che non arrivó a prenderla più di due mesi e mezzo, la benignità della Santità Vostra come dà confidenza di sperarne gratie e favori, così mi apre l'adito nell'occasione presente a supplicarla humilmente in quella miglior maniera che posso, a degnarsi di provedere la sudetta dignità in persona di Francesco di Faria Severin nipote del defonto, e figlio di Gaspar di Faria Severim, Consigliero del Rè mio Signore e suo Secretario delle mercedi, carica delle più grandi e la più confidente del Regno; maggiormente quando è tale la stima che fà Sua Maestà di questo Ministro, che se il negotio, che tratto in questa Corte, fusse nello stato in che spero vederlo brevemente, doverei in essecutione de miei ordini supplicar di questo favore la Santità Vostra in nome di Sua Maestà medesima, che lo stimerà nondimeno sempre singolarmente; e son sicuro

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 5.

che Vostra Santità nella concessione di questa gratia haverà osservata ogni maggiore convenienza, mentre oltre l'havere il pretendente tutte le buone qualità personali, a non mancarle l'età prescritta dal Sacro Concilio non havendo più di sedici anni. Merita *(sic)* la sua casa che Vostra Beatitudine faccia la gratia maggiore con la dispensa necessaria, havendo molti de suoi antenati servita quella chiesa con pietà essemplare et introdottevi molte riforme di vivere, e particolarmente suo zio ultimamente defonto, che ha lasciato a tutt'il Regno un buon odore di tali virtù, che si ponno chiamar con ragione rare, e singolari. Sarebbe temerità la mia, se doppo motivi si grandi, rappresentassi a Vostra Santità quanto mi tenerei dovuto alla di lei benignità nell'impetrare una gratia, che mi importa molto, et è la prima della quale la supplico, onde non mi resta che a supplicarla humilmente di credere che la riceverò con un'animo in estremo riverente e ossequioso a Vostra Santità ai di cui piedi per fine profondamente m'inchino. Li 10 Febraro 1656 — Di Vostra Santità *(sic)*.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656 — Fevereiro 12

Senhor[2] — Entre huma das muitas faltas ou cobras, que sei que os Ministros de Vossa Magestade me imputão, he huma d'ellas, e não das menores, dizerem que o mesmo era abrir-se uma carta minha para Vossa Magestade, que achar-se nella huma continuação de queixas, e de lamentaçoens: já quiz dizer sobre este ponto alguma couza a Vossa Magestade mas deixei-o de fazer, porque os que me culpão dirão que com as mesmas queixas dava a disculpa d'ellas, e se vinha ajuntar erros a erros: pois em verdade, Senhor, que se as couzas se julgasem sem paixão, que mais facilmente havião de achar nas minhas cartas razão, que queixas, inda quando fizesse muitas, porque se considerarão os annos que ha que sirvo a Vossa

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 50.
[2] Em 12 de Fevereiro de 1656 por França.

Magestade, e os lugares em que, e os acertos com que louvado Deos o tenho feito, se fossem bons contadores havião de achar hum excesso grande entre a despeza e a receita; e nesta materia não creio eu que se achará carta minha de que formalmente se possa tirar, que eu me queixase, tendo que com muita justiça o pudera fazer, vendo que servi a Vossa Magestade muitos annos em Duque, e em Rey todos os que ha que o he, e vendome pouco mais medrado do que quando sahi de Villa viçoza, porque como *nemo miser nisi comparatus* concidere Vossa Magestade se comparandome eu aos que servirão a Vossa Magestade em ambos os estados pudera ter algum sentimento de ver tantos tão avantijados a mim, que nem por serviços nem por qualidade me fazem ventajem fazendoa eu a muitos. Mas como nem a culpa está na grandeza de Vossa Magestade, nem na de meus merecimentos, e tem sómente a estreiteza de minha fortuna, tão fora estive sempre de fazer queixas nesta materia, que antes faço vaidade para a memoria da minha sepultura, que servi a Vossa Magestade tão livre de interesse, que havendo passado a minha carreira tam bem como os melhores, e melhor que muitos, entrei nella sómente com aquillo que puramente a liberalidade de Vossa Magestade me subministrou, sem haver da minha parte requerimento, e se houve algum eu me desquitarei delle por não fazer outro, e não sei se ha quem se possa gabar do mesmo.

Senhor queixarse quem lhe doe se não he preceito da natureza, he pello menos hum concelho enganozo para aliviar a dor, e huma acção natural nunca foi culpa; mas se em mim o são ate os efeitos [1] da naturesa, he desgraça em tão summo grao, que me não ficará outro algum remedio, que choralа só comigo, e serei mais merecedor de lastima que de reprehenção.

Com muita cauza poderá espantar a Vossa Magestade a impertinencia deste discurço, não podendo penetrar o fim que leva, e a que vai encaminhado; pois Senhor não he outro que a queixarme no mesmo tempo em que tenho mostrado que me não queixo; e se Vossa Magestade ler esta com atenção que lhe peço que a lêa, e com a reflexão que lhe merece hum homem que com tanto amor o serve, achará Vossa Magestade que nesta ocazião me move mais o zelo de seu Real serviço, que todas as minhas conveniencias, mormente quando ellas todas dependem de que aquelle

[1] os effeitos ou defeitos: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

se faça; mas que quer Vossa Magestade que eu diga quando vejo que *planctus sum in domo eorum qui diligebant me,* ou pello menos devião amar. Senhor Vossa Magestade me tire do seu serviço, e me mande para a Ilha do Principe, ou para outra pior se Vossa Magestade a tem no vasto de seu Imperio; porque dezejando todos os vassalos de Vossa Magestade verlhe todas as grandezas e acrecentamentos que devem, e estão prometendo, não sofrem o haverem de passar por minhas mãos, desgraça pura minha, não falta de animos portuguezes.

O que fizerão contra mim quando o negocio da India em Holanda[1] ninguem melhor que Vossa Magestade o sabe, pois disse a D. João de Menezes que Deos tem, folgo de vos ouvir, porque não tem Francisco de Sousa por si mais que a mim, e a vós, e isto por huma negociação que brevemente mostrou o tempo qual ela fora, escrevendoseme que fizera millagres quando poucos dias antes houve quem dizia que merecia cortada a cabeça.

O que houve nessa Corte contra mim pella embaixada de França assas encarecido fica com dizer que tem Vossa Magestade Ministros que lhe aconselharão que não ouvisse hum religioso que eu mandei a ella, so porque não dissesem o como eu servia, e havia servido: e sendo isto muito não era o mais, porque o fim que levava era acabar de huma vez comigo, condemnaremme á reveria, e tirarem a Vossa Magestade hum homem que apezar de todas estas contradiçoens no seu animo, no seu amor não houve nunca ocazião que lhos pudese diminuir procurandose por todas as vias.

Todos estes altibaxos contrastou a minha fortuna, e venceu o poder de Vossa Magestade, mandandome que viesse servir a Roma, quando por ventura se esperava que me mandasse ir para Portugal, e meterme em hum castello; com a boca o aprovarão todos, por não ir contra o que Vossa Magestade dissera, que fora rezolução sua, mas com o coração o sentirão muito; boas provas tenho do que agora direi, e houverão conseguir o seu intento, se tantos annos de experiencia me não fizerão reparar de hum golpe que não tinha outra defença, irme meter nesse Reyno afrontado, em discredito delle, e em descerviço de Vossa Magestade.

Quando me chegarão a Pariz as ordens de Vossa Magestade veio

[1] em Holanda se tratou: Acad. R. das Scienc., Gab. 5, E. 13, num. 7.

com ellas hum credito de Duarte da Silva sobre o cavalheiro Rui Lopes da Silva, e eu por me não achar em Roma no estado em que ficara se me não prevenira, abri o credito, e achei conforme ao que devia esperar; com tudo chegado aqui para me asegurar por todas as vias, tirei o dinheiro do poder de Rui Lopes, e o meti no monte da piedade, aonde está com a mesma segurança, e livre das ordens dos Ministros que me queirão [1] render por fome, como houverão feito, se nesta parte não soubera tanto como elles; eis senão quando chega huma carta de Duarte da Silva para o cavalheiro confirmando a primeira ordem, e passando a outros negocios faz huma declaração no fim, que he que me não acuda com dinheiro algum senão depois que fosse recebido Embaixador, e tratado como tal, coiza a que de antes não havia falado, porque então seguia o que Vossa Magestade lhe havia ordenado, e depois o que se lhe havia ordenar [2] sem ordem de Vossa Magestade a quem confesso que fiquei mudo, confuzo, mas não maravilhado que estes termos se quizesem uzar comigo, porque não são os primeiros. De maneira Senhor que me querião em Roma carregado de gente, e que entrado nella me faltase a comida, e que a fome me obrigase a tornarme, como era certo que houvera feito, porque até agora não houve praça no mundo que apertada por fome se não rendesse; vendera essa pouca prata que tenho, forame muito honrrado, e ficara nosso governo bem acreditado em Roma.

Vossa Magestade me mandou escrever que aqui acharia as minhas mezadas que não achei, e quando bem as achara, com que havia de pôr caza em Roma hum homem tão pobre como eu, sobre quatorze annos de embaixada, de maneira, Senhor, que na mais levantada me havia de ser necessario ir para uma estalajem, e buscar quem me dese comer: o primeiro achara, mas o segundo não; veja Vossa Magestade que modo este de se negociar comigo, ou que modo de ser Vossa Magestade servido; não se pode impedir esta missão, mas querem me impedir o bom sucesso que nella espero; e porque se ainda isto não bastar, ajudão de Roma as pessoas que Vossa Magestade diz que são de confiança, escrevendo humas que o Papa me mandara embargar ao caminho, outras que

[1] que me querião: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] e depois o que se lhe devia ordenar: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5. E. 13, num. 7.

e depois que se lhe devia ordenar: Gab. 5, E, 15. num. 22.

se entrase em Roma me farião sahir logo, e os outros que quando huma nem outra couza sucedese a minha estada seria eterna, e a negociação nenhuma: bem aviados estamos se lá se der credito ao que de cá se escrever, porque nenhuma outra couza se tira mais que a não servir eu a Vossa Magestade: o vir a Roma não mo puderão impedir, o lançarem me della bem sabião que não havia de ser, vão agora pello caminho de quererem persuadir não só vagares, mas eternidades na negociação para que Vossa Magestade enfadado de antemão não espere a ver o fim della, e persuademse que o poderão conseguir.

Senhor, falemos claro, o Protector, e os mais dos padres da Companhia todos o erão, ou todos o querião ser, o que tem obrado bem se tem visto, não querião quem testemunhasse: todo Embaixador sofrerião muito mal, mas o que agora tem muito pior que todos, porque cuidão delle que o ensinarão os holandezes, e francezes, a se não deixar enganar. Destes o primeiro escreve a Vossa Magestade pozetivamente que tinha negociado os Bispos; que o Papa os queria dar, mas não receber Embaixador: se os queria dar como os não tem dado? quem o apertou nunca para isso senão eu de boca, ou por escrito, se não he que quer dizer agora a Vossa Magestade como tenho para mim que ha de dizer que vim deitar ao longe o negocio que elle já tinha concluido; os segundos não duvidando ninguem em Roma de Vossa Magestade haver de ter toda a satisfação, só duvidão della, mas com bom fundamento, qual he o de dizerem que emquanto Castella não quizer nos cançamos debalde, bello discurço e bello juizo.

Tenho referido a Vossa Magestade a razão de minhas queixas, para remedio dellas não peço outro que o de não dar Vossa Magestade credito a autores que vão tanto contra a verdade. Se Vossa Magestade me quizer crer a mim tenha por certo, se por nossas mãos se não perder o negocio, que mais quatro mezes menos, quatro mezes mais[1] Vossa Magestade terá inteira satisfação, e quando a não tenha, deixe obrar esta ruim cabeça, que como já disse em outra, eu sahirei de Roma com tanta reputação do Reyno, e minha, que não havera Vossa Magestade ganhado pouco nesta ultima deligencia que fez com Roma, mas tambem digo que ha de ser para não tratar mais della; que não he já tempo depois de dezaseis annos de posse para arrendar de meias a herdade; e seja Vossa Mages-

[1] que mais quatro mezes menos quatro mezes: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

tade servido se o quer a ser bem, que Cardial Orsino saiba, que sem Embaixador não quer Vossa Magestade couza desta Curia, que elle por mais que lho tenho advertido não cessa proseguir a lingoagem de que sempre uzou de que he tal a piedade de Vossa Magestade que não trata mais que do espiritual de seu Reyno, e nada do temporal. O contentarse Vossa Magestade fique á sua dispozição, mas não se ofereça cá por conveniencia, nem entenda ninguem que Vossa Magestade a quer, e com isto terá tudo, ou eu sei pouco deste mundo. Guarde Nosso Senhor a Vossa Magestade com os augmentos de vida e estado que seus vassalos dezejamos, e havemos mister. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Fevereiro 25

Para Sua Magestade em 25 de Fevereiro de 16... *(sic)*

Como ate tres do passado não havia nesse Reino novas minhas, ate as não haver ainda com pouca occasião por todas as vias tenho procurado e hei de procurar fazelo saber a Vossa Magestade *(sic)* porque depois de todas as passadas que escrevi fui informado de quem forão os que escreverão que Sua Santidade me mandara ordem ao caminho para que não entrasse em Roma, e devião dizer tambem que nem nas terras da Igreja; porque a não ser assim, havendo chegado tantos navios a Italia, e podendose presumir que eu estava nella, pois se sabia que havia partido de Pariz parece que não podia Vossa Magestade deixar de me mandar escrever, se não por bem affortunado ao menos por obediente, porque as ordens de Vossa Magestade erão as que eu devia executar, e não os conselhos daquelles que não querião ver em Roma Ministro de Vossa Magestade, e tinhão resão, que como não tratavão de mais que de suas commodidades, e nada do serviço de Vossa Magestade não querião olheiro que visse tanto como eu, sem embargo de ver com oculos.

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 143, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. supracitados.*

E isto Senhor he verdade: não ha nesta Corte quem o ignore com escandalo universal dos que dezejão bom successo a Vossa Magestade. Esta materia bem sei que he ordinaria para ahi, quero dizer, o tratar eu della, mas sei tanto e tenho visto tanto, que fora contra o que devo a obrigação do meu officio, se com receio de me terem por apaixonado deixar eu de dizer o que convem que Vossa Magestade saiba para o remediar se for servido, e para que quando o não seja não possa eu ter queixa minha de o haver calado.

Em Genova, como desde aquelles mares escrevi a Vossa Magestade, achei cartas do Cardeal Protector, em que me ordenava que dahi não sahisse sem segundo aviso seu: Aqui me disse que o que mandara fora que podia vir, e que assim o escrevera tambem a Vossa Magestade, do que eu duvido: porque havendo elle recebido cartas do Secretario Pedro Vieira da Silva dos ultimos *(sic)* do anno passado, mostrando mas me disse que erão respostas das suas em que avisava que o Papa não só não impedia a minha entrada, mas mostrava gosto de que eu viesse, se assim o disse naquelle tempo, ou se o soube, de que eu duvido muito informou com verdade, mas da contextura das cartas do Secretario constava o contrario, porque respondendo lhe a tudo, ajunta que não havia ainda lá outras novas que a certeza de me haverem embargado o caminho, mas devia enganar se com os tempos, e escrever depois de eu estar em Roma.

Ha aqui tambem cartas dos Condes de Castello Melhor, e São Lourenço da mesma data para seos filhos, os quaes entendo para partir se para França com aviso que receberão meu, *(sic)* em que lhes pedia que me esperassem, e lhes dava rasões de conveniencia sua, e ainda do serviço de Vossa Magestade para ficarem antes em Roma, que passarem se a Pariz: O esperarem não desaprovou o de Castello Melhor; mas o de S. Lourenço se de todo não reprovou lhes ordena que se vão logo. Este dá por rasão que o ter se nesta Corte por mais que certo que nesta se não fará coisa alguma *(sic)*, mas o outro sendo certa a minha morte, como ahi se tinha por tal, não lhes ficava aqui que fazer, nem esperar *(sic)*.

Louvado Deos, que ouço eu estas novas, e não me hirá mal emquanto assim for, mas não sei eu que bem podia vir aos que inventarão, não vagando por mim nem grandes officios, ou beneficios, que podessem esperar ou pertender, e daqui devião resultar as ordens que se mandavão ao cavalleiro Ruy Lopes de que me não desse dinheiro algum, porque ordens taes só para os mortos devião ser.

Outra vez e muitas, seja louvado, que estou vivo, e são, e espero que sa *(sic)* ahi se não tornar a crer que sou morto, que ha de importar ao serviço de Vossa Magestade muito de que eu não o seja, se Vossa Magestade for servido de me dar a mão para que eu o possa fazer como convem, e que não só Vossa Magestade me faça merce de se fiar de mim, mas que conste lá, e aqui principalmente, que Vossa Magestade se fia.

Hum extraordinario chegou de Hespanha nesta semana, crese que seja o que Sua Santidade mandou depois de eu haver chegado, do que traz não posso ainda dizer a Vossa Magestade com certeza,[1] se bem me assegurou pessoa que pode saber que na materia de Bispos começa El-Rey Catholico a dobrarse, e bem que já hoje pareça quazi geralmente que este ponto com o do Embaixador sejão indivisiveis como o Cardeal Protector, ou por ordem que tivesse antiga, ou por devoção puramente sua, não se furtando de gavar o zelo e piedade de Vossa Magestade, diz que são taes que não trata de outra coisa que do bem espiritual de seus Reinos, lingoagem contraria toda para o estado prezente das coisas em que convem concluilas de huma vez, ou pelo menos mostrar que não se ha Vossa Magestade contentar senão com tudo, e bem que o tenho advertido que as ordens que trago são muito differentes das passadas, e que assim como Vossa Magestade se não ha de contentar hoje com o que se

[1] *Parece-nos esta nota o logar mais a proposito para inserir o documento que vae em seguida, embora não possamos affirmar que foi trazido pelo extraordinario de que fala o texto.*

Breve do papa Alexandre VII ao Rei de Hespanha

1656—Janeiro 18

Alexander Papa VII—Charissime fili noster salutem et apostolicam benedictionem. Col maggiore e col migliore sentimento del nostro cuore scriviamo a Vostra Maestà la presente lettera dopo aver letta la risposta, che per sua parte ci hà fatta il Patriarca nostro Nunzio sopra il suo pensiero, che si provedessero da Noi le chiese di Portogallo per via di motu proprio. Atteso che avendole Noi fatto rappresentare, che volevamo che la provisione fosse ammessa effettivamente; ben sà Vostra Maestà che questa via di motu proprio fù, et è sin'ora recusata da chi con la forza possiède ora quel Regno; onde questo non sarebbe un provedere à quelle anime, mà un'accrescere piu tosto gl'impedimenti di soccorrerle dopo sedici anni che sono senza Pastori. Noi certamente che stimiamo per grandissima la pietà, e la prudenza di Vostra Maestà sentendoci ferire continuamente da stimoli pungentissimi, fino che non provediamo con effetto à quelle chiese, speriamo ancora, che Vostra Maestà sarà per approvare la nostra risoluzione, ò permetterà almeno volontieri, che Noi conseguiamo un così santo fine. Abbiamo in tutte le nostre azzioni

contentaria seis mezes ha, assim daqui a outros seis mezes se não contentará com o que hoje se não contentaria, *(sic)* mas nada basta, porque o seu intento não he outro senão o de não haver aqui Embaixador, e para prova não allego mais que as cartas que lá ha suas para Vossa Magestade, e para o Secretario de Estado.

Para remediar isto em alguma parte determino dizer lhe que para o que toca ao individuo de minha pessoa, que nenhuma coisa lhe convinha tanto como depois de dar Bispos a Portugal não ser eu admitido por Embaixador, porque me hiria com a gloria de haver feito em tres ou quatro mezes hum serviço a Vossa Magestade, que outros muitos annos não poderão fazer, e com isso hir me descançar, mas que o damno cahirá todo sobre elle, porque não havendo Embaixador não quer Vossa Magestade que haja outro Ministro seu em Roma, especificando o Protector, ao que me não move paixão alguma mais que o entender que he este o meio de que elle obre no serviço de Vossa Magestade, e não contra elle. Nesta parte digo que muitos querem que em outras tambem o faça, o que eu não crerei nunca de homens da sua qualidade; mas tem contra si grandissimas presunções, de que não he a menos principal ser governado pelo padre Curca jesuita, napolitano de nação, e castelhano arrabiadissimo, por tal conhecido de todos os padres, e muito mais dos nossos portuguezes,

d'avanti agl'occhi Iddio benedetto, e riguardando ancora al suo sovrano, e tremendo tribunale, al quale dobbiamo rendere stretto conto delle medesime sapiamo che in primo luogo sono quelle che concernono la salute dell'anime redente col sangue preziosissimo di Gesù Christo Nostro Signore e Dio, e dalla sua mano commesse alla nostra cura, e desideriamo non solamente non avere à sentirci condannare di mancanza, ò di debolezza propria; mà vorremo anzi chiamare à parte di questo merito la Maestà Vostra per la sua cooperazione, ò aggradimento tanto più che trovandoci meramente forzati à far questo atto tanto antecedentemente quanto susseguentemente à quello preservaremo in tutto e per tutto con nostri brevi le sue ragioni senza che tal provisione possi già mai pregiudicare loro in parte alcuna. Preghiamo pertanto in visceribus Christi Vostra Maestà à far matura riflessione à quanto le participiamo dall'intimo del nostro cuore, che sicome conoscerà, che per provedere con effetto à tanti vescovadi vacanti non ci resta altro modo; così confessera et ammetterà che Iddio benedetto vuole, che à quello finalmente ci appigliamo. Ardiremo anco di richiederla che vogli per sua bontà da se stessa ponderare il tutto, sicome Noi non participiamo questo affare ad alcuno, ma raccomandandoci solamente a Dio benedetto riguardiamo in esso il puro suo santo servizio. Si prometta nel resto da Noi per quanto sarà in nostra mano l'adempimento de suoi santi desiderii diamo di tutto cuore a Vostra Maestà la nostra apostolica benedizione. Datum Romæ apud Sanctum Petrum die 18 Januarii 1656. Pontificatus nostri anno primo. [1]

[1] *Copia, na* Biblioth. d'Ajuda, Sym. Lus., tomo 19, fol. 249.

e este he o que o governa não no espiritual, senão no temporal e politico, e se este sendo o que he o pode governar bem para nossas coisas Vossa Magestade o julgue.

A sua amisade com os Medicis he mais intrinseca do que convinha a dois Cardeaes Protectores de Coroas tão encontradas, e sobre tudo saiba Vossa Magestade que nem seu pay, nem nenhum de seus irmãos me visitarão, nem por pessoa, nem por recado, coisa em que aqui se tem reparado muito, e eu não disse antes d'agora a Vossa Magestade por me parecer que não podião faltar a esta obrigação; porem já passa de tres mezes que estou em Roma, e tem faltado de donde se tira facilmente que os que faltão na obrigação precisa da cortezia não hão de ser por nós nas occasiões de perigo, que he das razões que se consideravão para termos por nós em hum successo a casa Ursina, livre nos Deos de chegarmos a experimentar o termol a contra nós.

Declaro me Senhor, que nem com tudo isto não he a minha tenção que elle não seja Protector, mas que tema que o pode não ser, e que isto lhe viesse insinuado por Vossa Magestade ou pelo Secretario, ou a mim em cartas que lhe podesse mostrar; porque com italianos, e romanos principalmente não ha negociar senão com o interesse diante, ou com o temor de perdell o, que basta poucos mezes de Roma para os conhecer.

E isto he o que entendo e convem ao serviço de Vossa Magestade e á reputação; porque sobre dezaseis annos, qnando nos havião partidos offerecer, cuidar se que Vossa Magestade os comete tão indignos, como contentar se de ser reconhecido de meias em Roma, seja muito embora, mas depois de rompidas muitas lanças primeiro, e rompel as tomo eu á minha conta; vir depois lograr o fruto deixo para os venturosos, que haverei entendido que o sou muito quando consiga ter Portugal Bispos, e pode Vossa Magestade mandar Embaixador a Roma, que a verdade he que havendo sido sempre inutil para tudo, como posso prestar hoje tão velho, e ainda morto: não o seja eu na memoria de Vossa Magestade, e com isso me darei por contente e satisfeito. etc. *(sic)*[1]

[1] *Copia incorrecta, na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, pag. 129.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656 — Março 12

Senhor[1] — Aqui chegou nos ultimos do passado hum clerigo que diz ser Secretario da Inquisição de Goa, de donde sahio em Fevereiro do anno passado, e estando hoje o caminho de terra tão facilitado, elle o fez em hum anno. A primeira caza em que entrou em Roma foi na minha a dar me conta dos motivos da sua jornada que bem que zelosos ao serviço de Deos, e de Sua Magestade, não me parece os livrão de indiscretos, sendo, segundo diz, o movimento só seu, pois nem traz carta do Governador, ou Ministro algum, nem mais outras que algumas particulares, como são dos Theatinos para o seu Geral, em que o abonão por homem de bem, e virtuozo, e o calificão com o titulo de Secretario. A esta primeira duvida que lhe fiz, e de ter pouco acertado o caminho, não sendo direito a informar a Vossa Magestade, responde que para ir a Portugal não teria via, porque havia de depender de licença que se lhe não havia de dar, e que teve por certo que em Roma havia de achar Embaixador de Vossa Magestade: que está elle tanto no rigor do que os Embaixadores reprezentão, que lhe parece, ou mostra parecer lhe, que o mesmo era ir a essa Corte informar a Vossa Magestade que vir a esta informar me a mim. Mas tudo quanto[2] até agora me tem ditto não colho couza que possa abonar a sua rezolução, comtudo, se não traz alguma secreta[3] que me encobre na occazião prezente de nenhum damno será aqui pellas mizerias que refere do espiritual daquelle estado. Ás do temporal queria passar tambem, a isso lhe adverti que se abstivese, porque o remedio não tocava a Roma, que disesse sim que com as faltas que aquelle padecia, se arriscava este tambem.

Ordenei lhe que de tudo que me havia referido fizese huma relação

[1] Em 12 de Março de 1656.
[2] mas de quanto: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[3] alguma via secreta: *Idem*.

que eu pudese mandar a Vossa Magestade: se ma trouxer a tempo irá com esta, e senão no comboio de Genova, que está a partir por todo este mez; mas por se não vier[1] direi nesta por maior o que se não chegou a Vossa Magestade por via de Holanda, ou de Inglaterra, se não poderá saber nesse Reyno. Erão os oito de Fevereiro quando partio de Goa, inda naquella barra não havia holandeses, nem novas de que viessem, sendo que o tempo era já proprio; he bem verdade que com o temor delles, que diz affectava o Governador, e pella perda dos nossos cinco galeões fez que não partissem as naus para o Reyno, para que nelle não houvese novas das perdas que havia feito; e que tanto foi esta só a razão, que até hum pataxo que escolheu para mandar de avizo estava tão mal tratado, que se entendeu que arribaria, como fez dentro de quinze dias, com que se aquietou, e não tratou de mandar outro. No publico não fala mal de D. Braz de Castro, mas privadamente não só lhe atribue as perdas passadas, mas lhe pronostica a universal. Perdeu na costa do Malavar as fortalezas de Camboli, Barcelor, Mangalor, e Honor, que por mal providas tomarão os mouros da mesma terra. A Bardez sucederá o mesmo, acometido pelo Hidalcão, que marchando para ella Antonio do Sousa Coutinho com oitocentos homens, lhe chegara o recado meia hora antes que o Governador lhe mandava de que de nenhuma maneira passase adiante, que deixase antes perder a Bardez que aventurar essa pouca gente que tinha. Se obedecera, a Deos Goa, mas empenhado, deu no inimigo que erão seis mil homens, lançou os fora, matou muitos, e fez recolher o resto com as mãos na cabeça. A que poucos dias depois se lhe seguio publicarem se de novo pazes com o Hidalcão, cujas condiçoens não sabe por partir naquelle mesmo tempo; não as dá porem por seguras, porque se a cauza he a que refere inda está em pé: atribue aquelle rompimento aos padres da Companhia, e a hum engano que o Hidalcão suspeita que elles lhe fizerão sobre huns dois balazios[2] que elle dezejava, que lhe tinhão pormetido vender lhe, e lhe faltarão depois: a verdade tenha seu lugar, refiro o que me referirão, mas em materia de interese não ficarei muito escrupulozo de crer qualquer couza destes padres, porque as muitas rendas que tem na India não se grangeão com a sanchristia; bem atinou D. Felipe Mascaranhas.

[1] mas se não vier: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] huns dois balões: *Idem*.

Informei me particularmente da expulção do Conde de Obidos, e da assumpção ao governo de D. Braz de Castro, e pellas informaçoens deste homem, tão pouco justificada foi a primeira como exorbitante a segunda: no motim não entrou gente nenhuma de consideração, e se houve entre elles trez ou quatro, erão homens perdidos, e movidos todos por hum clerigo grandissimo vilhaco, que dezia, que dizendo missa lhe aparecera Christo na hostia, que lhe mandara que seguise os mais que asim era serviço seu; mas o sucesso mostrou bem que a obra foi mais do demonio, que de Deos. Pelo ditto deste clerigo nem o Conde será castigado, nem D. Braz merecerá coroas de louro, que inda que dizem que refuzava o governo, os faccionarios erão todos seus, e tanto que abrindo trez ou quatro vias, não achando nellas quem buscavão, forão buscar o que querião; e he tudo o quanto nesta materia posso dizer a Vossa Magestade cuja Real pessoa etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656 — Março 16

Senhor[2] — Quando no principio do anno de 51 entrei em Pariz achei naquella Corte Felippe Serrão Pimentel, que por fugir dos primeiros rigores da justiça, que de ordinario são grandes, com pôr terra em meio entendeu que asim guardava[3] maior respeito, e daria tempo á parte que o acuzava para que conhecendo a cauza, não só esfriasse nas deligencias, mas de todo por sua mesma honra as deixase. Não sucedeu asim emquanto a este segundo ponto porque Bernardi Gonçalves de Mendonça como velho teimozo, ou rabujento proseguio na acuzação de que hoje deve estar arrependido, pois sentenciando se a cauza á reveria, sahio Felipe

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 151, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] Em 16 de Março de 1656.

[3] que assim lhe guardava: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

Serrão condenado nella em cinco annos de degredo para a Africa, de que se vê bem que se se não auzentara, e ainda se deixara prender sahira solto e livre, porque dos mesmos autos conta[1] clara e patentemente quão justificada fora a morte de sua mulher, pois ao que se entende sobre as circunstancias della se devia fundar a sentença por não observadas as regras que o direito dispoem para de todo ser absoluto. De maneira Senhor que na razão que teve ninguem duvida, pois he tão patente para puder obrigar a qualquer homem, quanto mais a hum honrrado como este.

Des do dia que cheguei a Pariz foi tão continuo em minha caza, que passava entre todos por gentilhomem obrigado della, e não por voluntario. Depois que da segunda vez tornei a França com a experiencia que tinha de seu prestimo, e fidelidade, lhe entreguei o gasto da caza, de que me deu tão boa conta que mandando me Vossa Magestade passar a Roma, tendo elle ali as suas commodidades, o obriguei eu a deixalas, e acompanharme, o que elle fez sem reparar nellas. Tenho me achado tam bem com este seu ministerio, que não só me descança nesta parte, mas em todas as mais em que o ocupo. He bem verdade que para o obrigar a vir comigo lhe puz tambem por diante que Vossa Magestade lho teria a serviço, e haveria sempre respeito a elle para folgar de lhe fazer merce, que emfim Senhor sem a esperança de retribuição raros serão os que queirão servir, ate a Deos dizia David que por ella inclinava seu coração a servilo.

Veio comigo a Roma com animo de me não deixar senão quando eu o deixase: com tudo seu pai que está velho com a occazião de o haverem sentenciado, e dezejando de o ver o chamava com aperto, para que prezentandose na prizão proseguise a cauza, tendo quazi por infalivel, que na apelação saheria solto e livre. Felipe Serrão chamado pello pay, restituido á patria com fazenda nella, e com esperanças de gozar huma couza e outra, com liberdade, e com a obrigação de se prezentar prezo dentro no anno e dia, depois da primeira sentença, rezoluto a irse, me deu conta das causas que o movião: confesso a Vossa Magestade que me deu muita pena, porque seria o irse nesta ocazião revolverse a casa de pez a cabeça, e começar de novo a agatinhar, o que se não pode fazer nunca sem perda de fazenda, porque achei neste homem o que em Villaviçosa dezejava nos meus criados, fazendolhes exemplo com os dois Antonios da Silveira, e de Araujo; mas o que lá não pude alcançar, alcancei nos ul-

[1] dos mesmos autos consta: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

timos dias da França, e nos primeiros de Roma, adonde mais que em parte nenhuma convem nestas materias caminhar com toda a circunspecção, pella grande quantidade de petições, e pedidores; e como a todas se não pode dar a excluziva, he necessario haver quem as saiba joeirar para nem dar a todos nem negar, o que este homem sabe fazer por excelencia. Conheceu o meu pezar, e dezejando dar me gosto, e não se faltar a si, já que faltava ao chamado de seu pay, me propoz o meio que para isso poderia haver, era fazer lhe Vossa Magestade merce de hum Alvara para se poder prezentar, e livrar por procurador,[1] o que representando se me pouco deficultozo me atrevi a dar lhe palavra em nome de Vossa Magestade que lho alcançaria. Com isto Senhor se rezolveu a ficar. Eu cuido que prometi pouco, e que elle he o que fez muito, mas quando fosse o contrario, para isso he Vossa Magestade hum Rey grande que saberá tornar pela palavra de seus Ministros, quando não he contra seu serviço, antes em muita parte em pro delle, com que não posso duvidar fazer me Vossa Magestade merce de conceder esta graça. Para que o lembre a Vossa Magestade escrevo ao Secretario Gaspar de Faria Severim, certo nelle que será bom solicitador, mas muito mais certo em que Vossa Magestade será milhor despachador. etc. *(sic)*[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656 — Março 24

Senhor[3] — Em quarta feira 15 do corrente nos encontramos o Duque de Terra nova Embaixador de Castella, e eu, e como Roma não vive que de novas e de discursos com não haverem passado muito tempo, tem este encontro dado larga materia para elles, que não ha praça nem canto adonde se não conte, e se ajuize, que deve Portugal á terra *(sic)* que de

[1] por procurador, e ficar: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

[2] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 155, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. supracitados.*

[3] Em 24 de Março de 1656.

tudo forma juizos em nosso favor, e bem deferentes dos dos nossos, que de tudo tambem os formão contrarios pelo que Vossa Magestade seja servido de hir atento no dar lhes credito, aquietando se com o que eu escrever, e no que contar de facto será sem acrecentar, nem deminuir; mas se no que ajuizar houver falencia, salve me a minha fé, que não sabe fazer juizos máos contra nós. O como me houve com o Embaixador foi na forma seguinte:

Vinha eu da estação daquelle dia que foi em Santa Cizilia, quando hia para lá o Duque: estava elle em huma rua estreita, e eu em outra, que dezembocavão ambas em huma mais larga em que estariamos a distancia de cem passos; advertiram me que vinha, e logo que havia parado, entendi que ou queria tomar outro caminho por se desviar de mim, ou que se não queria empenhar a que encontrando nos em lugar estreito, fosse necessario recuar algum de nós, o que advertindo eu, mandei tambem parar a minha carroça. Devia segurar se que eu devia querer fazer-lhe cortezia, mandou andar, e eu andei ao mesmo tempo; vinha no estribo da minha carrossa daquella parte o Secretario da Embaixada, e no da sua hum dos seus gentis homens, que parecendo lhe nos não fallariamos se hia cobrindo com a cortina de diante, e asim elle como eu as traziamos meias corridas, que he a forma ordinaria dos que vão incognitos; mas o Secretario que pôde ver bem ao Duque foi levando a mão ao chapeu, e o Duque não se contentando com que o vissemos por entre as cortinas, elle mesmo abrio toda a sua, e fez toda aquella cortezia que pudera na maior amizade e correspondencia. Soube eu depois de pessoa de sua caza que contara elle o encontro asim da mesma maneira que aqui o refiro a Vossa Magestade, e que se dera por muitò obrigado de que eu houvese parado conhecendo a duvida em que elle estava.

Os discuristas[1] que de menores couzas fazem grandes misterios, dão por certos os tratados de acordo, que aqui de novo poucos dias ha se divulgarão que havia entre Vossa Magestade e ElRey Catholico. Antes d isto tinha eu sabido que o Embaixador ordenara a toda a sua familia, que encontrando me a mim, ou alguns da minha fossem os primeiros nas cortezias, e assim o fizerão sempre que nos encontrão;[2] de maneira Senhor que nesta parte não ha que temer novidade, ao menos com este Embaixador que he bonissimo cavalheiro, e creio que o mesmo será com qualquer ou-

[1] Os discursistas: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] que nos encontrarão: *Idem, idem.*

tro, porque tenho para mim que para compozições, ou descompozições não obrão, que com as ordens que se lhes manda, e parece que se não alterão.[1]

Eu tinha escripto a Vossa Magestade que vinha por Embaixador de obediencia o Vigario Geral de Italia, e Plenipotenciario para a paz o Conde de Uñate, assim se teve aqui por certo, e se tem ainda que fora nomeado; depois se revogou, e vem o Marquez de Priego Duque de Feria, e que ficará Embaixador ordinario espera o da Terra nova.[2] De França se trata tão pouco disso, que antes a Monsieur de Lione, que aqui está sem titullo lhe chegou dois dias ha hum extraordinario com tanta deligencia que veio em oito dias em que lhe mandão que se vá logo; muitos havia que elle pedia licença, mas pudera lhe vir pelo ordinario, e sem tanta precipitação, e faz cuidar a muitos que ha debaixo della algum grande misterio. Do Conde de Briane tive eu carta nesta ultima posta, cheia toda de queixas do Papa, de quem diz que não tem recebido seu Rey graça alguma, de que se curara pouco, como costumava fazello sempre, e a buscalas nunca; mas que ate justiça contra hum seu vassalo criminozo lhe negava, como he o Cardeal de Rets; não sei se a materia pedia tanto empenho, e se he bastante para descompor com Sua Santidade, ou se he querer *recedere ab amico*, como cuidão alguns, ou muitos, vendo que se chama o Ministro com tanta pressa, e que se não fala em vir outro.

Para nós, Senhor, a perda não he grande, ha muito tempo que sei que França nos não tem senão por cabeça de lobo para espantar com huns, e ganhar com outros; e Vossa Magestade o verá, que nem comnosco ha de concluir liga nem nos ha de desenganar, quer nos ter sempre dependentes para fazer o seu negocio, e não o nosso. Provase bem com as esperiencias de Munster e mais ainda com regatear o tempo em que Vossa Magestade lhe queria pagar, quando na quantidade se não desavinha. A nós por ora não nos está isto mal, antes bem para tudo. Castella teme esta liga, e o Papa a não dezeja, e he bem que entendão que está *in fieri*, e asim o tenho eu escrito, e escrevo em todas as postas ao Padre frei Domingos do Rosario, que entretenha a pratica, e que por mais desenganos que lhe dem mostre sempre no publico que negocea, porque estas novas chegão cá, e importão muito para tudo. Hum Cardeal dos mais graves, ou o mais grave do Colegio, disse a pessoa que mo mandou dizer, que

[1] que se não alterarão: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] ficara Embaixador ordinario o de Terra Nova: *Idem*.

França não só não fazia por nós, mas que fazia contra nós; consta-me que lhe não agradou nada mandar-me Vossa Magestade a Roma, disse-mo o Cardeal Orsino *ex abundantia cordis*, quazi reprehendendo-me por haver entrado, e de que França fora de contrario parecer; que elle e Lione estavão de acordo quando cheguei para me enxovalharem, quero dizer, fazer que eu me enxovalhase tomando cazas ordinarias, ter só huma carroça, e quatro ou seis criados; e rebentarão ambos vendo que eu me tratava mui difrentemente. O Cardeal me veio dizer hum dia a minha caza, que o Papa levava mal tratar-me eu nella de Embaixador; ter docel, ter trombeta, e andar com duas carroças, mas ficou muito metido por dentro com eu lhe responder que na primeira audiencia que tivese de Sua Santidade me dezempulharia com elle, e saberia da minha boca como eu me tratava, e saberia eu tambem da sua em que o ofendia, como farei em hum destes dias em que já em termos precizos se me falla que terei audiencia.

Dilatar-se-me tantos dias, e o dar-se-me agora me faz discursar sobre que couza poderá ser. Sei com certa sciencia que Sua Santidade mandou o meu papel ao seu Nuncio a Madrid, com ordem que o mostrase a El-Rey, e lhe pedice da sua parte que lhe respondese porque elle se não atrevia a fazel-o, mais que com conceder o que se lhe pedia que ja não podia dilatar. A resposta não ha inda tempo para haver vindo, e querer-me dar audiencia não he para me desgostar, nem creio que para disputar sobre o papel que para isso já tivera tempo, e venho a persuadir-me que quererá pedir alguns preliminares, como a restituição da legacia em que aqui se falava estes dias atraz, ou outra couza semilhante; para tudo estou armado e espero pelo satisfazer.

Nesta Corte geralmente corre que a couza está feita, e as pessoas que mo perguntão se sentem, parecendo-lhes que eu lho não quero dizer, e corre isto tanto, que já não falão por mezes, nem ainda por semanas, senão por dias: eu não creio tanto, mas creio comtudo que não pode tardar. etc. *(sic)*[1]

[1] que não pode tardar a audiencia. A Real Pessoa de Vossa Magestade Deos guarde etc. etc. *(sic)* Em 24 de Março etc. etc. *(sic)*: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num 7.

Copia, na Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 158, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. supracitados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656—Abril 1

Senhor[1]—Tive na posta desta semana carta de frei Domingos do Rozario com novas que me puderão sobresaltar como sobresaltarão a elle, se eu não conhecera melhor França, e não estivera em Roma. Fala me em hum frade castelhano que veio áquella Corte; diz me de muitas audiencias que tivera secretas do Cardeal Mazarino, a que elle acudira, e obrara de maneira que o castelhano se queixava, que tendo o seu negocio em grande altura, as deligencias do nosso lho havia arruinado, presumpção de Ministro novo, pois se persuade que se a cauza estivesse bem a França a poderião divertir suas deligencias. O Cardeal poderá não quer a paz,[2] mas nunca lhe convem mostrar que a não quer; dá ouvidos a todo o que se lhe propoem, e obra depois como lhe parece.

Diz mais que havia chegado correio de Madrid em seis dias ao Nuncio, e Embaixador de Veneza, para proporem avistarem se os Reis nas fronteiras de Baiona e Fonterabia, mas não sabe o secreto que ha debaixo disto, nem o que se respondeu: dilo hei a Vossa Magestade pelo livrar de cuidado, por mo haver revelado Monsieur de Lione a quem recorri logo para saber o que passava; e he o cazo:

Que o Conde de Briane por conversação, ou porque asim o dezeje como tenho eu por muito provavel (por encontrar as maximas do Cardeal) disse ao Nuncio e Embaixador que tratasem os Reys de se ver, e que logo a pax se efeituaria. Avizarão logo os dois a Hespanha que tambem logo aceitou o comprimento, e despachou aquelle correio; propostas as vistas, se lhe respondeu que estavão de acordo, mas para depois de acabada a campanha, que para Outubro se podia preparar ElRey Catholico, que para ser antes estava o tempo já muito entrado, reposta com que se dissolveo toda esta maquina. E em França, ou porque esta pratica não agradece,[3]

[1] Em 1 de Abril de 1656.

[2] não querer a paz: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[3] esta pratica não agradasse: *Idem, idem.*

ou porque na verdade fosse danoza a razão que dá para se não haver aceitado, he que indo ElRey a Baiona nesta conjectura[1] ficavão baldados os gastos já feitos, enfraquecia muito o exercito de Flandes a auzencia de ElRey, e poderião originarse maiores damnos, porque não havendo suspenção de armas, faltavão no exercito as guardas d'ElRey, que he o numero maior[2] e milhor delle; e se houvese suspenção seria ruina da mesma França hum exercito dos francezes ociozo. Asim que Senhor por este vierão[3] não ha que tomar cuidado.

Para o que vem, ou para as praticas deste inverno disporá Vossa Magestade as couzas de maneira que fiquemos tambem livres de o ter, como parece que será levando Vossa Magestade o intento[4] que me fez merce mandar comunicar de que se preparava este anno huma boa campanha. Castela está em estado que eu lhe não vejo outro remedio mais prompto que o de se acomodar com Vossa Magestade, mas tomara eu muito que não só o obrigara a isso França e Inglaterra, mas que Vossa Magestade da sua parte o obrigase, por ser o que mais convem á nossa reputação.

O Duque de Modena me mandou hum destes dias huma embaixada (e fallo nesta forma porque alem de em Roma chamarem embaixada a todo o recado, esta veio com pessoa expreça, e com carta de crença) o que me propoz he o mesmo que propuz em Pariz ao Padre frei Domingos, de que devia dar conta a Vossa Magestade, e por isso eu o não faço. Quizme ter prevenido para quando me chegase a resposta de Vossa Magestade, e para que eu da minha parte ajudase tambem. A ajuda que eu hei de fazer eu a tenho premeditada, e espero fazer com ella huma grande negociação de que agora não dou conta a Vossa Magestade porque está inda em erva; falohei quando esteja madura, e o que terá de bom será ser sem empenho algum de Vossa Magestade, nem ainda meu. As receitas de Holanda tambem servem para Roma, e o medico inda que velho, não tanto que se possa cuidar delle que lhe falte já o juizo para a saber apelicar a seu tempo, que já que não ha quem me gabe, sofrerá Vossa Magestade que eu o faça, e lhe diga o que dizem os mesmos castelhanos

[1] nesta conjunctura: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab, 5, E. 15, num. 22.

[2] que he o nervo maior: *Idem, idem.*

[3] por este verão: *Idem, idem.*

[4] adiante o intento: Gab. 5, E. 13, num. 7.

á boca cheia, que não comprehendem este homem, que vem que os seus negocios caminhão, e não sabem por donde: enganar se hão comigo, como outros, bem o confesso, mas crea Vossa Magestade que he hum engano geral. Foi Deos servido que entrase aqui com huma pouca de reputação, e tanto por merce de Deos não tem deminuido, que antes crece de maneira, que a mais minima acção minha d aquellas sucedidas muito acazo, tem os romanos grandes misteriozos por feitas muito de pensado, e para que Vossa Magestade veja a prova de quaes elles são direi o que sucedeu em 20 do passado: he dia em que o Papa vai em cavalgada a Minerva, convento de S. Domingos, a repartir huma grande quantidade de dotes para se cazarem e fazerem freiras donzellas pobres, e honradas, qualidades que eu duvido muito que se achasem em quatrocentas e setenta molheres, que tantas forão as dotadas este anno, e he huma irmandade sita naquella igreja a que as dota que como entre elles ha dote de vinte escudos, ha outros que chegão o quatrocentos e a quinhentos. O caminho que Sua Santidade devia fazer conforme outros annos, não era o da rua em que vivo, e estando me eu vestindo para hir ver a calvagada me vieram avizar que me passava pella porta, e passava já. Como a gente que leva he muita porque são todos os Princepes, e nobreza romana, as suas guardas, cavalos e liteiras de respeito, quebra se muitas vezes, e pára outras tantas: sucedeu parar bem defronte das minhas janellas, e mais perto da em que eu estava, que de todas. Quizerão os romanos fazer d este cazo misterio, e vierão tirar muitas inquiriçoens a minha caza de se o Papa parara á vista d ela. Tem hoje tantas couzas de gentilidade como quando a professavão. Guarde Nosso Senhor etc. *(sic)*[1]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 164, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Gaspar de Faria

(1656)—Abril 22

Compadre e Senhor meu: . . . . . .[1]

Vai mais outra copia escripta pelo mesmo padre D. Camillo que he de huma carta escritta do Valadares a Orsino antes que se partisse; e bem que della para nosso negocio não tiremos couza alguma a mando para que Vossa merce veja quaes são os padres da Companhia pois nella me nomea pelo meu nome, e não pello de Embaixador, porque me não querião ter por tal quando entre Cardeaes, e entre toda esta Corte não tenho outro nome que o de Embaixador de Portugal. Servirá tambem para que Vossa merce se arme em minha defença, porque se estes padres ou este padre particularmente acharem quem lhes dê ouvidos contra mim, como he certo que acharão, esteja Vossa merce em que me hão de fazer muito ruins officios, porque o Valadares tem para si que eu o fiz ir. Pedro de Almeida que he homem do diabo, e não tolo como o outro, sentio a minha vinda aqui a morrer, porque o Assistente que aqui tem he hum bom homem, mas hum bom homem para nada deste mundo: o Almeida o levava pello nariz donde queria, e o fazia meter em requerimentos em nome de Sua Magestade contra a mente de ElRey, e ainda contra o credito, do Cardial não fazião cazo, e como eu vi,[2] e lhes notifiquei que inda que tivessem ordem de Sua Magestade para algum negocio não bolissem nelle[3] sem pello menos me darem primeiro conta porque já os tempos erão outros, que como Christo entrando no Egipto cahirão todos os idulos, assim entrando eu em Roma havião de cahir todas as negociaçoens, e todas havião de passar ou por minhas mãos, ou por

[1] *Assumpto extranho.*

[2] do Cardeal não fazia cazo, e como eu vim: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038 *e* 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] para alguma negociação que não buliçem nela: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054.

minhas ordens. *(sic)* O Almeida que era o que movia tudo, o levou amargamente, porque não achando em mim sitio para me governar, desesperou, e tratou de hir se temendo que eu o pudese fazer ir. He parente do Capellão mor, leva apoz si o Conde de Villar maior, e se falar verdade, porveito me fará, mas he embrulhador, pode falar nella,[1] e de falsidades nimguem ha que se livre, mormente quem está auzente, e não parece muito gentilhomem a todos: sirva se Vossa merce de estar advertido, e advirta a Sua Magestade, não tratem de arruinar seu serviço descompondo me em Roma como quizerão em França.

O Valadares cuidava eu que era só tolo, e confeço que me enganou no principio, mas por dizer verdade no principio elle andou bem comigo, mas como fui tendo delle ruins informações, e comecei a experimentar a verdade, fui desgostando delle, e elle de mim. Eu inda que lhe não impedira a ida o não mandara o Geral antes de hirem todos os padres, e asim nem eu faltei a Sua Magestade em o fazer deter, nem o Geral em o não mandar logo. A minha tenção foi para o melhor serviço de Sua Magestade.

O Cardeal Orsino se teve por perdido com a minha vinda, as desconfianças erão grandes como são inda hoje, pareceu me que por via deste Padre se lhe podião tirar ou diminuir; e esta foi a rezão por que escrevi a Sua Magestade que me era aqui necessario: alguns dias o foi, mas a poucos mostrou o fio. Levava, e trazia, e asim em lugar de compor descompunha; com que chegado o ponto não só o não quiz deter mais, mas ajudei a que se fosse; não tem elle prova para isso, mas a sua malicia, e a do Cardial lho fez crer, e ambos se unirão para me procurarem todo aquelle dano que lhes for possivel. O Secretario Pedro Vieira da Silva amigo intimo e conservador do Cardeal, e parente do Valadares, e que folgava de o ter aqui, ha de sentir muito que lhe falte, e ha de crer o que lhe diserem, com que se dahi não tirarem[2] ocazião para me fazer mal, porque he homem de bem, poderá pelo menos esfriar na boa vontade que sempre me teve, o que sentirei inda mais que o outro, porque lhe sou amigo e servidor.

Do Cardeal sem escrupulo nenhum posso dizer que me contentara muito com que nos não fizese bem, se não passara a fazer nos mal. He

[1] pode faltar a ella: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] não tirar: *Idem, idem.*

muito tolo e muito máo, o que fez para o Beneficio faz para tudo mais; persuade ao Papa que Sua Magestade se contentará com que lhe derem, e que tendo Bispos se não curará de outra couza, e tudo a fim de que não haja Embaixador, havello he só o que lhe doe; não quer testemunhas para o que faz, nem olheiros para o que não faz; tem alcançado que sem eu ter esperiencia de Roma, pude em poucos dias conhecela, e as trapassas com que nella se negocião, e como as suas são muito grosseiras todos lhas alcanção. Muitas advertencias se tem feito a Sua Magestade sem serem por mim, mas como tem quem o defenda, aproveitão pouco.

Eu li huma carta que dahi se escreveo em que se lamentava o autor dizendo não he crivel o que dahi se escreve contra este pobre Cardeal, e quem tanto se doe da pessoa, quando merece que digão ainda mais, mal remediará os danos que se podem seguir da sua conservação: não sou eu contra ella por hora, tempo virá, e não tardará muito, em que eu faça ver o que convem que se faça, agora me contentarei com que se lhe dem hum par de sofreadas, e que lhe digão que faça seu officio de Portector sem se meter no de Embaixador, pois o não fez nunca quando aqui o não havia, e que entenda tambem que se não ouver Embaixador não ha de haver Portector, porque como se não governa mais que pello puro interese, se temer que este lhe falte entrará em si, se não para obrar bem, porque não tem talento para isso, ao menos para não obrar mal, e se isto se lhe não quizer escrever, escreva se me a mim para que lho mostre, e ainda será de maior efeito. Tenholo eu dito algumas vezes mas como lhe parece que tem as costas quentes, bem que lhe não deixa de fazer seus remorsos aproveita pouco. Afirmo a Vossa merce por vida da nossa amizade, que he homem com que me não entendo, nem sei como haver me com elle, a verdade lhe não sahio nunca pela boca, e tenho o colhido tantas vezes, que já lhe não creio couza que me diga, veja que bom modo para negociar. Mas o que sobretudo sinto he o espanto que toda esta Corte tem desde o Papa até o mais infimo, de havermos escolhido hum Portector, que he o ludibrio dos Cardeais, e homem de quem no Colegio se não faz cazo algum, e me dezia nestes dias hum authorizado que me não espantase disso, que comesara a vida com a cassa e com as putas sem tratar de outra couza, que asim continuava ainda, e asim havia de acabar, e tal como isto he o Portector que temos.

Por via da Secretaria de Estado não hei de já escrever a Sua Ma-

gestade sobre elle, porque estando lá Pedro de Valadares he muito provavel que cheguem cá as noticias, e bem que a mim se me dera disso pouco, convem comtudo mais remediar, que escandelizar; por via de Vossa merce irá o que houver, e espero que seja tanto que se possa chegar a huma grande demostração; e mande me Vossa merce em reposta desta huma cifra para por ella escrever a Vossa merce, e ainda a Sua Magestade tudo o que quizer tirar da via ordinaria que por falta d ella não dou novas dos negocios, sabel os ha Vossa merce de Sua Magestade etc. *(sic)*[1]

Carta (resumo da) de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

1656.—Abril 22

Foi huma carta em companhia de huma das vias que foi a Sua Magestade na qual se lhe dá conta da vinda do Secretario, de cifra do Papa, e a do Secretario contem o seguinte:

A nova da perda da galé em que vinha de Catalunha D. João de Austria. Passar a Alemanha o Archiduque. Importancia do resgate da gente da galé.

Avizos duplicados de boa mão de Sua Santidade ter tomado rezolução nas couzas de Portugal; como teremos que replicar sobre os Bispos pelo modo com que aqui se trataram estes negocios dizendo ao Papa que Sua Magestade se contentaria com o que lhe derem. Pergunta se a Portugal se se admitirão os Bispos sem Embaixador, e em que forma. Parecer que dou em se não dar conta d esta resolução no Concelho de Estado, pellos inconvenientes que se considerão de os aceitarem como os der o Papa.....[2]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 26, *e nos tres Mss. citados na pagina* 283, *nota* 2.

[2] *Assumpto extranho.—Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 36, *e tambem no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054.

Carta (resumo da) de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

1656—Junho 1

Daselhe conta do recebidos despachos[1], e os temores com que se esperavão, e o gosto com que se lerão. Disselhe de fazer juizo sobre hum sobrinho do Papa ir a Portugal por Nuncio; os discursos que todos fazem para ser eu recebido muito cedo. Disselhe como he bom sinal tardar o Papa com a audiencia, porque he o maior para que com a primeira queira dar á execução este negocio, o como dei agora de vestir, por hum grande Cardeal me mandar dizer que a audiencia não seria já senão para a concluzão: fallase nas mezadas, e das que dão nas outras partes e aqui os Reis de França e Castella, e como eu me contento com dois mil escudos por mez. Disselhe dos vestidos do Embaixador de Florença. Digo tambem como hum Cardeal me advertio escrevese ao Reyno, que tanto que o Papa me recebese fizesem festas. Falo sobre a nomina de Cardeal, respondendo a Pedro Vieira o que diz na sua[2], e digo tambem de alguns que aqui houve, terem a mal não mandarem aqui hum titulo, e de como o Papa estranha não me fazer Sua Magestade huma grande merce. Digo o que pasei com Pedro de Valadares dandolhe cartas para Sua Magestade, e huma missa, *(sic)* e de como elle me escreveu, e mando a carta ao Secretario, e digo o como foi forçozo que elle se fosse, e mandei a Pedro Vieira a copia da carta que me mandou Sua Magestade em que logo me ordenava o fizese ir etc. *(sic)*[3]

[1] do recibo dos despachos: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054.

[2] ao que diz na sua: *Idem.*

[3] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 40, *e (mais incorrectamente) no* Arch. Nac. *Ms. citado.*

Supplica de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Papa

(1656—Junho 1)

Beatissimo Padre—L'obligo della mia carica, e l'urgenza del negotio ch'ho rappresentato a Vostra Santità non mi permettono senza grave mancamento di continuare il silentio ch'ho pratticato sin'hora. Entrai in questa Corte a 20 di Novembre dell'anno passato, hebbi l'honore d'essere a suoi santissimi piedi li 12 di Decembre seguente, rappresentai in voce a Vostra Beatitudine un negotio il maggiore, ò il più importante di quanti ne possano essere sul'tavoliere hoggidì: le dimandai licenza di suggerirle più distintamente in scritto la giustitia della causa, si compiacque Vostra Santità d'assicurarmi che lo vedrebbe volontieri, e che m'haverebbe poi continuato il favore dell'audienza sopra i meriti di essa. Feci in conformità presentare a Vostra Beatitudine verso la fine di Gennaro un mio memoriale, e lasciando scorrere il tempo, nel quale giudicai potessi Vostra Santità esserci compiacciuta di farvi sopramatura riflessione, instai d'essere ammesso a suoi piedi, e ne continuai, sin che deluso sempre da i Ministri di Vostra Santità mi risolsi di provare se il non dimandare d'avvantaggio l'udienza era forsi mezzo d'ottenerla, aspettando continuamente dalla somma equità di Vostra Beatitudine l'oracolo di negotio sì rilevante, massimè doppo che fui assicurato in suo nome, ch'ella si degnava di havervi la dovuta applicatione. Con questa rassegnatione me l'ho passata fin'hora e pure son passati setti mesi del mio arrivo in questa Corte, e ne corre l'ottavo senza ch'io habbi saputo, ne potuto avvisare al Rè mio Signore dello stato de suoi negotii cosa alcuna, quando già seideci anni sono stati ventilati: nè sò che nuove raggioni possano metere in campo i nostri oppositori per impedire con pregiuditio così grande della Santa Sede l'essere io ricevuto de *(sic)* Vostra Santità nella qualità che si deve.

Vero è Beatissimo Padre che niuna di queste apparenze è stata fin'hora bastante a far vacillare nell'animo mio la costante opinione, che concepii da principio dalla somma rettitudine di Vostra Santità, e credo

più hora che mai che sotto Papa Alessandro non può restar priva la Chiesa della sua libertà, maggiormente quando qualunque fussero l'astutie ò le proteste delle quali si potessero valere i nostri nemici, si renderebbero per una parte più indegni d'esser sentiti, e quando l'intentione loro trascorrese oltre il dovere, il che non credo, sarebbero dall'altra tanto meno capaci d'esser temuti quanto possano hormai conoscere, che i danni publici ch'hanno cagionati vengono dalla Divina giustitia castigati con publiche calamità, e tolti loro per ogni parte i mezzi di far prevalere l'ingiustitia contro la raggione, e tanto più mi confermo nella mia opinione quanto tengo per infallibile che quando anche le cose fossero in stato ben differente e si potessero temere qualsivoglia inconvenienti non si pieghe-rebbe mai la giustitia e grandezze d'animo di Vostra Santità a non far caso di quelli che verrebero contro ogni voglia estorti dalla pura necessità, e temer gl'altri, che sarebbero volontarii, e nati da una pura ambitione, e da capriccio, essendo d'altrove Vostra Santità troppo savia e troppo prudente per non conoscere quanto sia volgare l'errore di chi allega in questa materia, che de due mali s'ha da sciegliere il minore, quando quel che si dimanda per una parte è fondato in giustitia e nella prattica inviolabile della Sede Apostolica, e l'altro fondato in violenza e nel voler privare della sua auttorità il Sommo Pontefice contro gl'antichi essempii e le diffinitioni delle Bolle e de Concilii: e se poi anche questi due mali, che vogliono alcuni che si possano temere havessero uguali fondamenti, chi è l'huomo così poco sensato che possa comparare il disapore *(sic)* dei Ministri del Rè Catholico con la perdita irreparabile che nasce ogni giorno più dal vedersi privi dall'influenze della Sede Apostolica e del vero Pastore tanti millioni d'anime quante ne vivono sotto il Rè mio Signore nelle quattro parti del mondo, se vi si aggiongesse di più la disperatione che nascerebbe dal nuovo refiuto?

Non piaccia a Dio Beatissimo Padre che se ne debba temere; ma che posso io rappresentare in tanto al Rè mio Signor, e ch'ha da credere il mondo se doppo tanto tempo, quando s'aspettava di giorno in giorno di vedere ricevuto l'Ambasciatore di Portogallo, e maturato il fruto, non meno dalla giustitia, che dalla patienza d'un Regno sì pio, si vede cresciuta la zizania, e non solo non vedersi la conclusione di questo negotio, ma essere i nostri nemici di tal auttorità appresso i Ministri di Vostra Beatitudine ch'a loro instigatione hanno questi ultimamente intentato d'affrontarmi publicamente con volermi privare di quella commodità che non già

sono proprie del carattere d'Ambasciatore, ma che stanno generalmente esposte a tutti gl'homini di conditione e di rispetto.

Non mancano Beatissimo Padre persone che raguagliando ogni particolare, e interpetrando sinistramente ogni cosa procurino d'adulterare le buone impressioni ch'io hò dato fin'hora, e se vale augmentare delli successi minori alli più grandi che speravanno di buono in Portogallo, quando sappranno che i castigliani in questa Corte non solo impediscono la risolutione dei negotii, ma si vantano di starne sicuri, e danno per prova l'haver impedito anco le cose indifferenti e di niuna consequenza. *(sic)*

Non ha dubbio, que come la patienza havuta per tanti anni dal Rè mio Signore non servirà in ogni caso ch'a giustificar più la sua causa, e le sue attioni, così la moderatione e la flemma con la quale ho vissuto fin'hora contribuirebbe a sincerar tanto più la mia condota e la nostra giustitia; ma hanno Beatissimo Padre tutte le cose humane i loro termini et i loro periodi: è una rovina così grande lasciar hormai le cose nello stato che sono, e può andar serpendo di maniera il disordine ch'è un di quei mali che richiede viva applicatione e pronto rimedio. Non manca tra i Prencipi Cattolici chi vorrebbe persuadere per vana la confidenza ch'habbiamo in Vostra Santità. Stà dall'altra parte il Rè mio Signore dando a questa Santa Sede le più fine e le più candide prove d'ossequio che siano state mai pratticate, mentre non ha voluto ratificar la pace con l'Inghilterra, e ci stà in procinto di rotura di guerra con quel Regno, in tempo che di quell'amicitia haverebbe potuto prevalersi per distruggere i suoi nemici, e ciò solo per non haver voluto Sua Maestà negl'articoli che toccano la religione concedere per patto agl'inglesi quell'istesso che da tempo immemorabile godono per tolleranza, come pregai il signor Cardinal Orsino di voler rappresentare in mio nome a Vostra Santità dandole gl'originali delle lettere che sopra ciò hebbi d'Inghilterra, si pure haverà essi havuto campo di parlare a Vostra Santità di queste materie, e nessuno sà meglio di Vostra Santità quale siano le paci, ch'han fatte ne i nostri tempi i Prencipi ben visti in questa Corte. Sarebbe cosa strana ch'a noi l'opere buone dovessero conciliare avversione, ma il mondo Beatissimo Padre non giudica senon dagl'effetti, et i segreti dell'intentioni, che non dubito saranno in Vostra Beatitudine santissime e rettissime son riservati alla sola cognitione d'Iddio. Supplico pertanto humilmente Vostra Beatitudine ad ammettermi a suoi piedi per intendere quello si sarà degnata risolvere nel negotio del Rè mio Signore et a commandarmi quello le devo

far sapere in risposta delle mie instanze, havendomene Sua Maestà incaricato con ogni premura per non privarsi d'avvantaggio della consolatione, che tiène per infallibile nella benignità di Vostra Beatitudine a i cui santissimi piedi divotissimo et ossequiosissimo m'inchino. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656—Julho 1

Senhor—A poucos dias de chegada a esta Corte, como logo escrivi a Vossa Magestade conheci o pouco gosto que nella houvera com a minha vinda, entre os portuguezes digo, e particularmente entre os religiozos; aqueles, porque havendo Embaixador aqui, e Bispos em Portugal, haverá menos beneficios, e se proverão diferentemente do que se proverão pello passado, e se vão provendo ainda agora; e estes porque de haver Embaixador se segue haver Nuncio, e como se lhes tira virem viver a Roma pouco menos que se fora em Genebra, e terem quem lhes seja olheiro e os possa reprehender ou mandar daqui, como eu fizera se fora já recebido, e farei tanto que o for.

Este pouco gosto que mostrarão no principio foi crescendo nos primeiros mais pella boa acolhida que lhes faço, que por outro algum respeito; gente baixa a mais della, com natural portugues, pois á mesma afabilidade com que os tratava pozerão nome de facilidade[2] só por terem que me arguir, mas eu o vou remediando de maneira que elles virão a sentir o que com suas lingoas ganharão. Para os segundos não tenho ainda achado remedio, nem quando lho achase lho poderia apelicar porora, mas seu tempo lhes virá, e confio em Deos que chegue mais brevemente do que huns e outros se prometem; mas para todos convem muito que Vossa Magestade seja servido de me dar a mão para eu com maior authoridade poder obrar nesta parte como me parecer, fiando de mim que

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 51.
[2] nome de falcidade: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 15, num. 22.

ha de ser muito como se deve ao serviço de Vossa Magestade sem entrar nisso paixão de amor ou odio, porque este não tive nunca a ninguem, e aquele só a quem o mereceo. A mão digo para poder impedir levarem beneficios os indignos, e para os que os levarem por vias indireitas como pela do Embaixador de Castella e seus faccionarios serem desnaturalizados do Reyno, que algum, ou alguns os comem em Roma, que a haver nella quem olhara pelo serviço de Vossa Magestade não só se lhes não dera posse no Reyno, mas lhe houvera tirado a natureza delle, e tambem lá não falta algum ou alguns que merecião o mesmo, mas o feito não tem ja remedio sem uzar de violencia: para o provir se lhe poderá dar sendo Vossa Magestade servido de o fiar de mim, protestando desde logo, que nem filhos, nem parentes nem criados tenho para que haja de pedir beneficios, e quando para algum destes houvese de pedir, a merce havia de ser de Vossa Magestade, e não por graça do Papa, que não sou tão cubiçozo como o Marquez de Castello Rodrigo, que nos annos que foi aqui Embaixador fez quinze mil cruzados de renda a hum filho seu, não lhe escapando beneficio inda que não fosse mais que de vinte mil reis.

A mão para os religiozos digo para todos aquelles que vierem [1] registar comigo a licença de Vossa Magestade para que não a trazendo os possa fazer tornar, mas porque importarião pouco as minhas diligencias importa que sejão feitas de maneira que quando não obedeção a ellas saibão que hão de ser castigados por inobedientes, porque inda ate agora não sabem qual he o poder e a authoridade de hum Embaixador, e com esta gente Senhor como he livre por lhe não pôr outro nome he necessario uzar de poder suprior, para que conheção que tambem ha Rey para elles, que eu lhe pormeto a Vossa Magestade que se nas embrulhadas de seus capitulos Vossa Magestade mandara pregar aos infieis as cabeças de bandos, que houvera de haver muito poucos, e muito poucos, e era só o remedio de os extinguir.

Os religiozos que andão nesta Corte são muitos, e conhecem em mim este animo, tomando pretexto do papel que prezentei a Sua Santidade estão todos conjurados contra mim, e fazem suas juntas, ou conciliabulos em que resolvem que *expedit ut unus moriatur homo ne tota gens pereat*. O que assentado buscão o modo de o executar, e no em que tem dado he, e he o que publicão pellas praças que eu sou pobre, que em

[1] que não vierem: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

Portugal tenho apenas com que sustentar me, que na mesma necessidade estão os melhores de minha familia, que em Roma tenho ordenados grossos, casa lustroza, que nada d isto tenho nem posso lá ter, e que para o concervar me hei de valer de todas as traças que se me representarem; e na primeira em que tenho dado he a que poderá soar bem nos ouvidos d aquelles que dezejarem tão pouco como estes os aumentos e authoridade do Rey, e do Reyno, ou naquelles tambem a que não pareço gentil homem, e inda mal que não são poucos; bem o experimentaria Vossa Magestade na ocazião em que ahi chegou o padre D. Camilo. He pois a primeira traça que para levar ao cabo o meu intento, ou pelo menos para o estender, que hei de hir enganando a Vossa Magestade (uzo do seu mesmo termo) e sendo que[1] não hei de ser recebido, ir entretendo a Vossa Magestade de hum mez para outro, e de huma semana para a outra, assim como o fizerão outros.

Isto que aqui dizem é certo que se não directè a Vossa Magestade, hão de procurar que lhe chegue por vias que lhes não ha de faltar; e se fizer impreção em alguns animos, ou bons com ignorancia, ou maos com malicia, não reparando nos damnos que d ahi se podem seguir hão de procurar persuadilo a Vossa Magestade *a quo nobis Deus avertat*. Senhor eu estou em Roma, e posso dizer com toda a minha cara descuberta, tam bem recebido, e avaliado, que todos os que estimarem a reputação do nosso Reyno houverão de dar muitas graças a Deos. Entrei aqui com huma pouca de reputação adquerida nas outras embaixadas, e não faço couza que se não tenha por hum summo grao de prudencia; se fallo, se não fallo, se saio fora, se estou em caza, se vizito, se não vizito, de qualquer d estas acções em que não vai nada fazem os romanos misterio, e todos em abono meu, e da escolha que Vossa Magestade fez da minha pessoa. Posso dizer a Vossa Magestade com toda a verdade (e não he muito porque he ventura sua) que não entrou Ministro em Roma de muitos annos a esta parte de que se fizese a estimação que de mim se faz, desde a pessoa do Papa á mais inferior da terra. Creceu ella por sima dos telhados, depois que sahio a publico o meu papel, que não poderá Vossa Magestade crer a ancia com que se busca, e os aplauzos com que se lê; emfim tão venturozo que os mesmos castelhanos são os primeiros em exagerar a força das razoens, e a modestia com que são deduzidas, e sobretudo entre el-

[1] mesmo termo) crendo que: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

les e entre romanos, gente huma pella paixão, e outra pella agudeza amiga de arguir, não houve ate agora, não digo já quem lhe respondese, mas nem ainda quem lhe sensurasse propuzição alguma, e poderá ser que mande com esta a Vossa Magestade huma carta que de Genova escreveo ao padre D. Camilo hum theatino dos maiores homens que tem hoje a sua Religião, para que Vossa Magestade veja provado em parte alguma couza do que digo.

Sendo isto assim como he, será lastima grande que sem lhe esperar o fim, dentro dos termos que parecer a Vossa Magestade haja alguma ocazião que os faça reprovar, ou alterar. Eu não hei de escrever a Vossa Magestade patranhas, como até aqui se lhe tem escrito, que o Papa disse, que o Papa tornou, que quer dar Bispos, que não quer receber Embaixador, nem outras couzas similhantes de que Vossa Magestade se as mandar ler achará cheias resmas de papel: hei de dizer o que passa, e ainda menos, porque não ha de ser senão que hei de provar com documentos irrefragaveis, que a não haver de o uzar asim bem pudera eu nesta ocazião escrever a Vossa Magestade couza que o alegrara, e o assegurara muito se não fora que a prova não pode ser juridica, bem que o seja para mim, com isso está que tudo pode variar, como sucede em todas as Cortes, mas até o prezente tenha Vossa Magestade para si moralmente falando que as nossas couzas estão em muito boa altura, ponha lhe Deos a ultima mão por quem he.

Mas tudo quanto aqui digo a Vossa Magestade vão auctores a essa Corte que hão de confirmar o que outros de cá escreverem, huns por ignorancia, outros por malicia, são estes os quatro padres da Companhia que daqui partirão. O Tinoco, e Cabral, velhos, e pouco experimentados, como estiverão pouco tempo, particarão em Roma com pouca gente, e ouvião só os seus italianos todos, e os mais vassalos de Castella beberão de maneira, ou se embeberão[1] de tal sorte do que lhes ouvião que tem por artigo de fé, que emquanto ElRey Catholico não quizer nos cançamos debalde, assim m o disserão elles muitas vezes, e he provavel que as maximas que de cá levarão as não hão de perder, nem ainda por lizongearem, porque como costumados aos seus Assistentes fazerem aqui oficios de Ministros levarão e levão todos muito mal[2]. O padre Almeida não pec-

[1] ou se embebedarão: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] e levão todos muito a mal haver quem lh o viesse tirar, e he certissimo: Gab. 5, E. 13, num. 7.

cara por ignorante mas não folgou de se ir, e dezejarão elle e o Assistente que eu o fizese ficar, o que me fora muito facil, e como o não fiz tambem me tem sua ponta, particularmente porque lhe pareceu nos principios que eu diferia mais a Valadares que a elle. Este Almeida me disse, e o disse ao Secretario da embaixada, que quando chegara a Roma não achara na caza professa em que esteve outro modo de nomear a Vossa Magestade que por Duque de Bragança, *nemine excepto*, e acrecentou que depois que veio mudarão todos de lingoagem. A maior concedo sem excrupulo, na menor, a verdade tenha seu lugar; o que sei de serto he que haverá vinte dias que na caza professa, e no Collegio Romano, e mais cazas da Companhia se leu por ordem do Geral hum papel, em que ordenava que todos os sacerdotes dissessem trez missas pelo Serenissimo Rey de Portugal, como tão grande bemfeitor da Religião, e os leigos trez coroas, milagre que puderão bem fazer as orações do padre Almeida porem não se fez tal milagre senão depois de eu estar em Roma; e o cazo he que nenhum dos padres portuguezes mo veio ou mandou dizer, e foi só o padre Petrucio o que me veio dar a nova no mesmo dia com as abas na cinta, porque chovião rios de agua, figura que Vossa Magestade folgara muito de ver, porque he hum velhinho tamanho como hum punho, mas tem naquele pequeno corpo hum coração gigante de portugues; se todos os que estão em Roma forão como elle, estivera Vossa Magestade muito bem servido, e o deve Vossa Magestade de ser de lhe escrever[1] huma carta porque nenhuma outra couza dezeja pella vaidade de a poder mostrar para que se veja que agradese Vossa Magestade todo o serviço que se lhe faz.

Entra por ultimo nesta larga, e poderá ser que impertinente carta, o padre Valadares, sendo que houvera de ser o primeiro que merecia huma carta particular, e para confessar nella a Vossa Magestade minha grande ignorancia em haver tornado por elle, e sua muita maldade nos termos que uzou comigo: e certo que sinto muito ser obrigado a dar noticia delles a Vossa Magestade, tanto por ser contra meu natural dizer ou fazer mal, quanto porque se me faz duro não escrever bem de quem já disse bem, mas isto Senhor he sermos homens asim em eu me poder enganar, como elle se poder mudar.

[1] Vossa Magestade ser, de lhe mandar escrever: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

Vossa Magestade de ter, e lhe mandar escrever: Gab. 5, E. 15, num. 22.

A minha vinda a Roma meteu em grandes sentimentos e desconfiansas ao Cardeal Orsino, ou já porque lhe pareceu que Vossa Magestade me mandava por respeito do pouco que elle tinha feito, ou para testemunha do que ao diente fizesse, e não era muito, porque a consiencia o obrigava a estes receios. O que eu vendo, e conciderando bem que não podia o serviço de Vossa Magestade adientarse muito se não estivessemos conformes, e entendendo tambem o muito que o Valadares podia com elle para midianeiro entre ambos pedi ao Geral que sobrestivese em o mandar até segunda ordem de Vossa Magestade, e a Vossa Magestade pedi por cartas repetidas que o houvese assim por bem; e assim fomos continuando algumas semanas ate que comecei a ver que não caminhava comigo de bom pé, tomando principio no chantrado e canonicato de Evora de que Vossa Magestade nos mandou encomendar ao Cardeal e a mim o procurar havellos para o filho do Secretario Gaspar de Faria, o que eu fizera de todo o meu coração, inda quando Vossa Magestade mo não mandara. Fez o Cardeal por sua parte as deligencias que lhe parecerão necessarias, ou pello menos mo disse que as havia feito (sofra Vossa Magestade esta digressão, porque para tudo me he necessario). Eu da minha acodi á fonte limpa, escrevendo hum bilhete ao Papa, em que lhe pedia o beneficio como para mim, diligencia que não contentou muito as partes porque me querião excluido de todas.

Sucedeu que os pertendentes que aqui andão forão dizer ao Cardeal Datario que os beneficios erão dois, grandes ambos, e incapaz o sogeito para quem se pedião pela idade, e por ser intruzo em outro beneficio de Azambuja tirado a hum homem que estava de posse delle havia mais de trinta annos. Aqui folgão muito[1] de ter que dar, particularmente aos que seguem a Curia, aproveitandose do alvitre, a primeira couza que o Datario quiz fazer foi dividir o beneficio e mandandolhe eu falar pelo padre D. Camilo gritou, e instou para que me quizese fazer capaz de me contentar com a divizão e com hum dos beneficios a escolher, e que quizese ter respeito a muitos cortezoens com merecimentos e muitos annos de Roma: replicou D. Camilo como convinha, e ficou a couza tanto em suspenço que a dois ou tres que pertendião disse depois em varias partes o Datario que não era bocado para elles, e que eu não queria concentir que elles o comessem, ponto que os ajudou tambem ao que acima digo.

[1] Aqui que folgão muito: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

Estando a couza nestes termos me veio buscar hum dia o Cardeal, e me apertou muito para que me contentase com a divizão, que o Papa não queria dar inteiro o beneficio, que asim lh o tinha declarado, e que visse eu as cartas que me escreveu Gaspar de Faria, e por ventura que acharia nellas que elle se contentase tambem com a divizão. Disse lhe que eu as veria, e avizaria; quil o fazer por escrito, por que a todo o tempo constase, e asim lhe escrevi ao outro,[1] que fizera o que Sua Eminencia me havia mandado, que não achara tal clauzula nas cartas, nem quando as houvera achado fizera d ellas cazo, porque era Vossa Magestade quem os mandava pedir, e que só ás suas ordens haviamos de atender; que Sua Eminencia havia feito deligencias superabundantes da sua parte, eu da minha as que me tocavão, que lhe puzesse Deos a virtude, que quantas mais fizessemos seria perder o negocio, e faltarmos com a desconfiança de o haver a nossa reputação.

Aquietarão se o Cardeal e o Valadares por alguns dias, digo no instarem me a mim, mas não pararão na deligencia, que ambos quizerão mostrar ao Secretario Pedro Vieira que o que fizerão por elle não queria fazer outro[2], e a Gaspar de Faria e a Vossa Magestade que he o mais certo, que se eu não houvera vindo tudo se houvera alcançado, que he o ponto principal sobre que se trabalha: e para o fazerem mais a seu salvo, e em desprezo meu, intentarão tirar as Bulas de só o chantrado, e isto sem que eu o soubese para ficarem zombando de mim, vendo que eu fazia delegencia pelo que elles já tinhão mandado a Portugal, mas não lhes sucedeu como dezejavão, porque levando a suplica ao Datario, e este ao Papa dizendo lhe quem lh a trouxera, lhe proguntou Sua Santidade se entrava tambem na petição o Embaixador, e respondendo lhe que o não sabia, lhe tornou o Papa dizendo lhe que se acordem, e então tornai; com que deixarão a pertenção, bem ignorantes porem de que houvese tido noticia d ella.

Tornou d ahi a outros poucos de dias a instar me de novo o Cardeal que nos contentassemos com a divizão dizendo me que tambem de novo o Papa se havia declarado com elle, de que se não a aceitase repartiria os beneficios por quem lhe parecese, que este negocio se lhe havia cometido, e que queria dar conta d elle não fazendo nenhum capital de mim. Respon-

[1] ao outro dia: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] não querião fazer por outrem: *Idem.*
não querião fazer outro: Gab. 5, E. 15, num. 22.

di lhe que suposto que lhe estava cometido, e o Papa se havia declarado, que o aceitase, a que me respondeu que eu lhe havia atado as mãos com o escrito que lhe fizera, e que asim era necessario dar lhe outro em que lhe alevantase a obrigação do primeiro para lhe servir de salvaguarda: a que eu lhe repliquei que pello mesmo me convinha a mim que Sua Eminencia me dese outro escrito em que me disese que Sua Santidade se declarara com elle de que não aceitando nós a metade do beneficio proveria ambos, e que com isto eu lhe daria outro para que aceitase hum delles, com que emudeceu, e não me replicou mais, nem até hoje me tornou a fallar na materia, sendo que nos havemos visto muitas vezes. E não sei que duvida podia ter em me dar o tal escrito, se he que o Papa passou com elle repetidamente os officios que me disse, se não he que tal não houve, e que entendeu o fim que eu levava, que era de o mandar dizer logo ao Papa, dizendo lhe que o aceitava por estar asigurado que era gosto seu, segundo o testemunho do Cardeal.

De toda esta embrulhada foi cauza o Valadares, porque segundo no cabo me dise, teve ordem de Gaspar de Faria para em cazo de desgraça aceitar só o chantrado, revelou o logo ao Cardeal, e a mim já depois disto haver sucedido: que não fosse boa a tenção se mostra bem da narração do facto. Eu acudi logo ao Papa com outro bilhete dizendo lhe que seria signal de huma ruim fortuna minha faltar me com a primeira graça que lhe pedia; foi isto na vespora de huma jornada que fez a huma caza de prazer que tem daqui a quatro legoas, de donde tornara vespora da Asçumpção:[1] não tive resposta sua mais que de palavra, mandando me de novo asegurar que estivese de bom animo, que os meus requerimentos não estavão esquecidos; e acrescentou o messageiro, que foi aquelle mesmo Secretario que me trouxe o primeiro recado *(formalia verba)* não direi eu o que diz toda Roma de que o negocio está feito mas poder vos hei dizer que caminha prosperamente, com que vos digo mais do que posso: tudo isto pode faltar, mas refiro a Vossa Magestade pontualmente o que se me disse, e o que se me mandou dizer. O irmão, e sobrinho do Papa são chegados, o povo diz que a huma novidade não esperada ha de seguir huma justiça que todos esperão, brevemente o veremos, e do que houver farei avizo por expreço, e emquanto Vossa Magestade o não vir, lhe peço seja servido de não crer couza que digão ou escrevão, porque são muitos os

[1] vespora da Ascenção: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

autores que não reparão em dizer ou escrever o que lhes dita sua boa ou ruim tenção, que eu no que aqui escrevo não o sabe pessoa alguma fora daquellas a quem toca por seu officio, e todos que fora destes falão o ignorão totalmente, e o primeiro he o Cardeal que dá com hum pé no outro sem saber quem fala comigo, ou com quem eu falo, e anda tão embaraçado, que depois que estou em Roma creio que não tem escrito a Vossa Magestade duas vezes sendo que o fazia pello passado em todas as postas quando eu estava em França, e hoje o não faz, porque como então as cartas prometião todas breve rezolução, e agora tem olheiro inda que noviço em Roma, com melhores noticias que elle, não sabe que escrever por se não encontrar com o que tem escrito, ou porque não sabe o que ha de escrever. Poderá parecer Senhor que fallo com paixão nas suas materias, a que tenho he só do serviço de Vossa Magestade, porque não vejo que este homem caminha nelle como devia; e Deos me he testemunha que nenhuma outra couza me move, mormente sabendo que já quando estava em França o tomava mal que eu me queixase do que só sabia por relaçoens, isto me poderá fazer calar agora, mas não o posso acabar com o meu zello, porque sei quando hoje se não aprova como em outras acçoens me aconteceu, que virá tempo em que as provas me acreditem, e não abonem aquelles a quem parecer mal o que agora digo, e o que tenho dito, se não for por haver sido pouco; nenhuma acção faz que seja encaminhada a outra couza que a que não haja aqui Embaixador, e este só cuidado he o que o desvela, e com tanta impordencia que asim como se quiz fazer dono de impetrar a graça do beneficio, o quer ser em todos os negocios, dizendo me muitas vezes que ha de obrar pellas instruçoens antigas que tem de Vossa Magestade, como se eu viera a Roma só por espantalho. E o Valadares se lá quizer falar verdade poderá informar das muitas vezes que me dise que temia nos fizese nesta parte muito dano o Cardeal, acrescentando que havia carta antiga de Vossa Magestade, de que agora se valia sem fazer diferença de tempos a tempos, nem de Papa a Papa, e a este quer mostrar o que a todos, que he que eu vim só aqui a encher geira mas subordinado a elle; e como somos dois a pedir, eu o que he rezão e justiça, e elle o que he mais conveniencia do Papa, não será tão facil vencer as dificuldades, como o fora falando eu só. E por esta rezão tenho advertido a Vossa Magestade que converia ordenar se lhe que exercitase só as funções de seu cargo, e fora dellas só as que eu lhe pedise, e queira Deos que inda asim baste.

Ás desconfianças passadas ajuntou de novo a ida do padre Valadares, que sentio entranhavelmente: já por elle escrevi a Vossa Magestade as rezões que houvera para se ir, em que eu não concorri em mais que em eu não pedir ao seu Geral pozitivamente que o não mandase. Eu o não fiz por me mandar dizer que tivera nova ordem de Vossa Magestade por carta do Padre Confessor para o mandar, perguntando me se tinha eu contra ella alguma couza. Avizei logo a Valadares, que entendendo bem que a esta carta se ajuntara alguma mão poderoza das de Roma; *(sic)* mas como destas, se a houve, não podia tomar satisfação, por não ficar no ar a vingança a voltou contra mim, asentando com o Cardeal, que eu fora o unico instrumento da sua ida. Antes que sahisse de Roma o entendi bem, porque se não despedio de mim, e depois muito melhor pellas cartas que desde Genova escreveo ao Cardeal, que todas me vierão a mão de que mando as copias de [1] Vossa Magestade porque se tira dellas claramente qual he o seu animo, qual a forma em que de mim devião falar privadamente pois me tira o titulo de Embaixador, e me não dá outro que o de meu nome e o mesmo uzou no sobrescrito de huma carta que me escreveo: a mim nega me o titulo, e a Vossa Magestade o podelo dar. Senhor o meu natural não he vingativo, mas confesso a Vossa Magestade que em chegando a tocar estes pontos, que perco o salto, e que não houvera castigo que não parecera pequeno para aplicalo a insolencias e a dezaforos semelhantes, porque daqui a ser traidor não ha muitos passos, se este já não he o primeiro. *(sic)* Ate agora Senhor não conhecem muitos dos vassalos de Vossa Magestade que couza seja hum Embaixador, nem ate onde chega o sagrado do seu officio; por tal o reconhecem os estrangeiros: faça Vossa Magestade que os naturaes o reconheção como devem. Hum Embaixador representa o seu Principe, mal respeitará a hum quem não respeitar ao outro: veja a Corte que se Vossa Magestade fizer alguma demostração com este padre não he pello passado, de encontrar a divisão da companhia, senão por intentar agora metella entre dois Ministros de Vossa Magestade, como se vê de suas cartas, e pelo pouco respeito com que trata a hum deles, para que aprendão por ahi os outros o como os hão de tratar.

Fallo acima em geral dos religiozos, e não será rezão que deixe de exceptuar os que o merecem. Frei José de Lencastre e frei Nuno Viegas

[1] de que mando as copias a: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

seu companheiro são verdadeiramente religiozos, e avaliados por taes entre os seus, e entre os de fora: do primeiro me disse o seu Geral, que sabendo que dormia sobre as taboas da cama sem colchão, sem mais que huma coberta, lhe mandara em virtude de obediencia que pello menos uzase de hum colchão. He homem que o menos que tem he a qualidade, e tão pouco cazo faz della que dá sempre ao companheiro o primeiro lugar; taes como este havião de ser os Bispos. Da Trindade chegou ha poucos dias o Provincial com dois companheiros, procedem muito como devem. Aqui achei hum procurador de S. Bernardo chamado frei Guilherme, he homem muito de bem, muito entendido, muito inteligente para os negocios, muito virtuozo, sem invenção, e gasta tam bem o que lhe dá a sua Relegião, que comem mais delle os pobres que elle mesmo. Homem he este que se Vossa Magestade se houvese de valer para negocios de algum frade inculcaralho eu ainda contra o meu ditame, que he, e será sempre não ocupar relegiozos em negocios seculares. Frei Manoel Moniz, que veio para a concordata dos frades de Santo Agostinho fóra de ser hum pouco arebatado [1] procede muito bem; trabalhamos no acomodamento, contradiçoens ha mas creio que as venceremos, porem se se não venceren uze Vossa Magestade do remedio, que acima digo, de dar com as cabeças de bandos fora de Portugal, ou pelo menos de Lisboa, e elles aquietarão. Frei Agostinho de Mello, que já cá achei, segue as pizadas destes, e estes são sós os que se não queixarão do meu papel, porque nenhum delles entende que fala com elle.[2] De todos os outros qual mais qual menos todos tem que dizer, e o pior he que cuido que tem razão. Advirto que os padres da Companhia que hoje aqui estão são exceptuados desta regra geral: o Assistente he hum homem santo, provera a Deos que asim forão todos: o Teixeira, e Bello bonissimos.[3]

Por ser esta carta quazi toda de relegiozos, peço a Vossa Magestade que haja por bem havella eu deregido ao Padre Confessor, porque não convinha que chegase a mãos seculares mais que as de Vossa Magestade,

[1] fora de ser um arrebata punhadas: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

fora de ser um pouco arrebata punhadas: Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] que falla com elles: Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[3] bonissimos. A pessoa de Vossa Magestade guarde Deos, etc., etc. *(sic)*. Em o primeiro de Julho de 1656 — Por Hollanda: Gab. 5, E. 13, num. 7. *Não transcreve o paragrapho que segue.*

alem de outros respeitos particulares que para isso tenho tambem, e Vossa Magestade me fará merce de a mandar queimar tanto que se ler, que por tão larga e impertinente o merece ella.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656 — Julho 1

Senhor[2] — Fugindo de entreter a Vossa Magestade com esperanças, por me desviar do que ate agora se tem feito por outras mãos, e por não ratificar com ellas o conciliabulo feito nesta Corte por alguns frades, e outros seculares, que nem querem Embaixador em Roma, nem Bispos e Nuncio em Portugal, e tem acentado consigo, que nem ha de haver huma couza, nem outra, e que eu para me concervar no lugar hei de uzar dos termos passados de hoje para amanhaã por meter huma boa nova, deixei de dizer a Vossa Magestade particularmente o que se tem passado no negocio, e o fiz tambem dezejando avizar a Vossa Magestade com expreço, e ganhar as alviçaras juntas, e não por partes; mas como inda hoje[3] chegara o cazo fora impossivel fazer esta diligencia por estar Roma com o receio da peste, sem comercio com lugar algum de Italia, nem ainda com os da Igreja, e ser necessario informar a Vossa Magestade de tudo, referirei nesta o mais brevemente que puder o principio, o estado a que chegou, e o em que hoje fica para que Vossa Magestade conforme a relação ordene o que mais convier a seu Real serviço.

O Papa visto, e conciderando o memorial que lhe dei o mandou a Madrid ao seu Nuncio, como por varias vias avizei a Vossa Magestade. Passadas algumas semanas, bem que a couza correu com grande segredo, soube que em caza do Cardeal Paloto (que nas materias de Portugal pre-

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 168, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. supracitados.*

[2] Em o 1.° de Julho de 1656. Por Holanda em 15 do dito. 2ª via por França a Lamego em 31 do dito.

[3] ainda que hoje: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

zide sempre) mandara Sua Santidade ver por elle o memorial com trez Cardeaes adjuntos, homens todos escolhidos por virtude, por inteireza, e por independentes de Coroas, como forão Sachette, Franciote e Corrado. Soube tambem que consultarão muito como devião a sua consiencia, e a justiça de Vossa Magestade: poucos dias depois se foi o Papa para quatro legoas daqui a hum lugar de prazer que chamão Castelcandolfo,[1] mandou me na vespora da partida, como tambem avizei a Vossa Magestade o Secretario de Cifra a dizer me que o meu negocio não estava esquecido e asigurar me que se tratava delle; e disto posso eu asigurar a Vossa Magestade porque o sei com sciencia certa, que entre todos os cuidados quantos o Papa tem nenhum o inquieta tanto como este, nem de nenhum outro dezeja tanto ver se livre.

Nos dias que esteve em Castelcandolfo,[1] sei que já com hum, já com outro dos quatro Cardeaes que escolheu, conferio largamente sobre a mesma materia. Soube tambem que lhe chegara a resposta de ElRey Catholico, e que não encontrava o darem se nos Bispos, bem que dezejava que o nome de Vossa Magestade se não exprimisse nas Bulas, mas isto segundo me dicerão em tal forma que bem se tirava della que entendia que o contrario não podia deixar de ser (e isto soube eu pello Cardeal Bichi).

Voltou Sua Santidade na semana da Assumpção[2], e no dia do Expirito Santo me mandou dizer Paloto que já arebentara o boy, he o termo de que uzou, que o Papa mandara a maior parte dos Cardeaes que lhe disessem por escrito como se havia de haver com o Embaixador de Portugal, com dar lhe Bispos, e com mandar lhe Nuncio, e sube tambem pello mesmo Paloto, que os seus amigos responderão todos como eu podia dezejar, comtudo que eu me não desse por entendido ate a nova me não chegar por outras vias: com a mesma clareza me não chegou mas sim por muitas conjecturas, e quaze por huma publicidade e lingoagem corrente que havia em palacio, porque o que de antes andava só no povo, chegou naquelles dias a praticar se por Cardeais, e Princepes e Perlados. Mas a tudo isto calou sempre Orsino, sabendo eu que em sua caza e fora della tinha continuas conferencias com o Secretario de Estado, que bem que seja tido por homem santo e muito de bem, foi Nuncio em Castella, e he compadre de ElRey, que foi o que baptizou a Princeza.

Vendo eu o selencio de Orsino, e não arguindo bem delle, como nem

[1] Castel Gandolfo: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] na semana da Ascensão: *Idem, e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

tambem de alguma acção sua o fui buscar, e lhe dise que por não sei que via me chegara que Sua Santidade perguntara a todos, ou a alguns Cardeaes, que modo teria para a minha recepção, e para me dar Nuncio, e Bispos; respondeu me, que verdade era emquanto aos Bispos, mas que Embaixador[1] não fallara: esta he Senhor a sua tocc, e a pilula que não pode engolir, e hoje mais que nunca tem atravesada na garganta. Espantei me eu de que huma couza como aquella me não houvese dito, sendo obrigação dos Protectores revelar ainda as miudezas aos Embaixadores, quanto mais materias de tanto pezo, e em que tanto nos hia, que lhe lembrava que o Papa não me fazia Embaixador, nem me tirava sel o com me reconhecer ou não por tal, que para os Ministros e vassalos de Vossa Magestade bastava que Vossa Magestade me nomease por tal; mas como isto he o que mais lhe doe em nenhuma couza se cança tanto, já que o não pode persuadir aos outros, se consola só com se persuadir a si.

Paloto teve sempre entendido que no dia de Santo Antonio me chamaria o Papa, e todos os dias me mandava perguntar se havia alguma novidade, porque sobre a amizade antiga que tornamos a renovar e confirmar se dá hoje por tão satisfeito da carta que Vossa Magestade me mandou escrever, que creio bem e verdadeiramente que está tão empenhado nos nossos bons sucessos como eu mesmo; ou pello menos assim quer elle que eu o crea, e o creio certo, porque não he homem de invenção, pois contra o seu natural secretissimo, se tem declarado comigo muito mais do que eu podia esperar.

Toda Roma dá por horas o meu recebimento, porque não esperava a mais que a receber se o feudo de Napoles, e ainda ontem veio a esta caza hum homem que pode saber alguma couza, e cometeu huma aposta a hum criado meu, que eu lhe mandei que aceitase por minha conta, qual he dar elle um escudo cada dia emquanto eu não for recebido, com tanto que no dia que for recebido se lhe darão cem escudos.

A este estado chegamos, e neste estado ficamos ainda. Ha alguma prezumpção de que o Papa com a ultima resposta dos Cardeaes despachase correio a Hespanha, asim o cuidão alguns, e Paloto he hum delles, que vendo mais tardança na execução do que cuidava, prezume que pode ser esta a cauza, ou só, ou acompanhada de outra, que eu tenho por tão provavel qual he, que o nosso bom Portector depois da vinda do

[1] em Embaixador: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22

Papa como asima digo, tem continuado vezitas, e conferencias, que de antes não tinha com o Secretario de Estado, e sabendo eu de trez feitas de noute em sua caza, me não disse mais que de huma, e que essa fora sobre materias de Polonia. A estas conferencias e vezitas se ajuntou huma de publico, que ás dez horas do dia fez o Cardeal ao Embaixador de Castella, que tem espantado toda Roma; mas como todos os juizos que esta cidade faz são em nosso favor, não pode nesta ocasião fazer outro senão de que não só estava eu recebido, mas ainda concertado com Castella; porque não sendo asim, não achavão sobre que pudese cahir vezita tão fora dos termos, e estilos ordinarios, como são os das entradas dos Embaixadores que sem distinção vezitão todo o Colegio, e são vezitados delle asim amigos como inimigos, mas fora desta vezita nenhum dos de facção vezita aos Ministros da contraria, quanto mais hum Protector, que faz o crime muito maior.

Bem vio elle que não podia eu ignorar a vezita, e tanto a não ignorei que inda não tinha sahido della, quando eu logo fui avizado que estava lá. A razão que me deu para a fazer foi tal que inda me fez crer mais de mal della, do que de antes podia prezumir. Ha junto as cazas de seu pay humas que quer comprar, que inda que as devide huma rua estreita, com hum passadisso, as quer fazer contiguas. São de hum vassalo de Castella, e diz que como facionario de França lhas não querião vender por se não fazer suspeito a seu Rey, e que por isso buscara o Embaixador para que o facilitasse, sendo que havia muitos dias que me tinha dito que havia vencido esta dificuldade por meio de hum conego sevilhano em que já em outra ocazião falei a Vossa Magestade: e ha de mais saber eu, que o Papa obrigou ao dono das cazas a vendellas pello justo preço; o mesmo Cardeal mo dise tambem; mas, ou a sua memoria he pouca, ou a sua natoreza tal que não faz cazo do que diz hoje não ser amanhaã, por tal lha conheço eu, e por tal está conhecido de todos, que vem a ser em bom portugues não falar nunca verdade. Se eu tivera o poder que em Roma tem os Embaixadores de Castella e França, eu o tivera remediado, porque qualquer destes que houvera sabido dos seus vezita semilhante lhes ordenara logo que se abstevese da comunicação com elles, *(sic)* e de fallar em negocios de seu Rey até os informarem, e tão delicados são nesta materia que não só mandou ElRey de França notificar a todos os francezes que não cortejassem o Cardeal de Rets, mas a seus mesmos criados mandou notificar que o deixasem so pena de perdimento de bens, e de criminosos de lesa Magestade.

Tudo isto, Senhor, houvera já escripto a Vossa Magestade, deixei o de fazer parte pelo que digo no principio, e parte pello que sei que estou tido nessa Corte por censor do Cardeal Orsino, e que dos mais era tomado mal, havendo tambem quem me arguisse de que queria eu saber mais que todos, sendo que confesso eu que por sciencia sei menos, se bem pela experiencia mais que muitos, ao menos nos negocios que tenho tratado, e trato. Contudo as couzas começão a ir tão de foz em fora, que faltaria muito ao serviço de Vossa Magestade, á obrigação do meu officio, e a minha propria reputação se não dese conta a Vossa Magestade do que de prezente tenho passado com o Cardeal, e elle comigo, por ser a materia gravissima, e de gravissimas consequencias, vão em papel de fora por não fazer mais larga esta carta, que o hia já sendo muito. Sei tambem que se nota nas minhas este vicio, mas em materias de negocio será sempre opinião minha que he melhor perder por carta de mais que por carta de menos. etc. *(sic)* [1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Julho 15

Senhor [2]—No primeiro do corrente tinha escrito a Vossa Magestade a que será com esta, e junto huma relação de huma conferencia que tive com o Cardeal Portector, fazi as para as mandar por Veneza a Holanda, por não haver de prezente via mais proxima, nem mais segura; não forão porque soube que nos confins do Estado não deixavão passar cartas, porque todos os vizinhos tem banido Roma. Agora me dizem que já pação pasando as primeiro pelo vinagre, e pelo fogo, comtanto que não levem os maços cordel, em lugar dele levarão estes arame que o que me

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 185, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

[2] Em 15 de Julho. Foi por Veneza a Holanda no mesmo dia. 2.ª via por França a Lamego em 31 de Julho.

dizem que os asigurara;[1] e comtudo os dividirei em dois para lhes tirar o escrupulo, bem que ate agora seja Deos louvado estamos aqui bem, sem embargo de que queirão que hajão sucedido alguns cazos: cuidão alguns que fosse mera politica, e outros que realmente fosse peste, e que com as grandes deligencias se lhe atalhasem os progressos. O medo no Papa he grande, determinou serrarse por quarenta dias, e que o mesmo se fizese por bairros, e por cazas em toda a cidade, que a meteu em tal constrenação, que andavão os homens pasmados, e fizemos todos matalotagem, como se nos houveramos de embarcar, e tudo a preços exorbitantes. Eu que tambem faço alguma figura, tenho tomado[2] outras cazas juntas a palacio, não só por ser o ar melhor, mas por ficar com mais comodidade na vizinhança do Principe, deixei de hir me para ellas pelo sentimento que vi nesta praça donde vivo, parecendo aos moradores della que o mal era maior do que dezião, vendo mudar fato, e o animo que tinhão perdido cobrarão vendome sobrestar na mudança. O Cardeal Paloto, homem de bem, e livre, qualidades com que podera medrar tam pouco com este Papa, como com o passado, lhe abominou tanta precaução, dizendolhe que com o temor em que punha ao povo meteria nelle outro mal tão grande como o da peste, que em lugar de se serrar, se deixase ver, e asim o começa a fazer, havendo já sahido um destes dias a pé desde sua caza ate Santa Maria maior, e dali em liteira se recolheu pellas ruas principais fazendo hum largo rodeio. Comtudo os tribunais que se havião serrado por quinze dias se lhes prolongarão mais outros quinze.[3] E certo Senhor que tudo he necessario, que bem que estejamos cincoenta legoas de Napoles, a dessolação que vai naquella mizeravel cidade he tal que dentro de poucos dias ficarão só nella as paredes. Castigo do Ceo se não vio semelhante; pelos ultimos avizos que vierão nesta semana, se sabe não haverem ficado já nella mais que dois medicos, hum cirurgião, e hum boticario, todos os mais são mortos. Já não ha quem administre os sacramentos, nem para o da penitencia ha outro lugar, que andarem os confessores pellas ruas contentandose que fação os que morrem hum acto de contrição. Morrem hoje tantos de fome quanto de peste, ha muitos dias que passão os mortos de dois mil: as mizerias que se escrevem são de maneira que nem se podem

[1] que he o que me dizem que os assegura: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] tendo tomado: *Idem, idem.*

[3] por onze dias, se lhes prolongarão mais outros onze: Gab. 5, E. 13, num. 7.

ouvir, nem referir sem lagrimas, já não ha quem enterre os corpos, porque já não ha donde caibão, nem quem os enterre: tirarão das gales os forçados para este ministerio, e levarão o caminho dos mais, tomarão agora por ultimo remedio queimar os corpos; ate agora não he mais que contagio, se se não corromper o ar, que parece que só por milagre poderá deixar de ser: confiamos em Deos mediente as boas deligencias que se prezervará Roma, mas já da aprehenção em que estamos nos não poderemos livrar, com que o meu lugar hoje não estará muito para invejar, e comtudo como não levo outra mira que no servir a Vossa Magestade pouco fizera nelle a não haver estes descontos: e certo Senhor que não são estes os que maior cuidado me dão, porque a vida dos vassalos, para arriscar e perder pellos seus Principes, he só para que a devem de querer, mormente huma em idade já como a minha que hum catarro basta para a perder sem ser necessario huma peste.

Outros achaques ha que me afeligem mais, vellos ha Vossa Magestade nas grandes papeladas que la manda o nosso Protector, e nas que eu mando tambem: contarei puramente o que tenho passado, e de humas e outras formará Vossa Magestade o juizo para como se ha de haver. Depois da conferencia que com elle tive, de que vai como digo a relação, mandou elle chamar ao padre D. Camillo, e lhe fez huma ladainha de queixas minhas. Consultamos a reposta, e como havia de ser larga e miuda nos pareceu fazella por escrito, não para que lhe ficase, mas para memoria de quem lhe levava a resposta. Achará Vossa Magestade tudo no papel incluzo; se nelle excedi, não me culpe Vossa Magestade, porque chovem já muito sobre molhado os discursos e negociaçoens deste Cardeal, e temme já tão apurada a paciencia que não he o menos que Vossa Magestade me deverá o continuar eu com elle a correspondencia. E para informar melhor a Vossa Magestade será necessario que eu tome a corrente hum pouco atraz.

Muitos dias antes que eu tivesse ordem de Vossa Magestade para pasar a esta Corte para tentar o Cardeal e Vossa Magestade ficase inteirado de seu animo, lhe escrevi que nessa Corte, e na de França, em que eu estava, erão os Ministros de ambas de parecer que Vossa Magestade mandase Embaixador a Roma, que eu estava indefrente na materia, e que folgaria de ouvir nella o parecer de Sua Eminencia, e que sendo o contrario ao que se dezia o desse a Vossa Magestade: palavras não erão ditas quando me chega a sua resposta, asim como eu a esperava, de abo-

minaçoens sobre tal concelho, e para Vossa Magestade mandou huma via de cartas, que com as minhas se perderão pello meu criado que foi roubado pellos galegos, não sei se chegaria outra a Vossa Magestade, porque elle se não contentaria com huma só.

Depois que tive ordem de Vossa Magestade para vir, dando lhe conta da minha vinda, lhe dise tambem que me não respondese, porque me não acharia já a resposta, mas que em Genova folgaria de a achar; sabia eu qual ella havia de ser, e não quiz concelhos para o que não podia deixar de fazer. Os que me dava, que ali achei, erão, que eu esperase em Genova avizo seu, porque temia que eu vinha aruinar os negocios que elle tinha quaze na concluzão alem de que duvidava tambem se me deixaria entrar Sua Santidade. Quando cá me vio pasmou, e muito mais quando vio a confiança com que eu entrara sem outra companhia mais que a da minha familia. De Pariz o tinha eu avizado que vinha a dezembarcar a Palos que he hum castelo seu seis legoas daqui, e de Civitavechia lhe despachei hum gentilhomem dando lhe conta da minha chegada ali, e como hia a Palos. He costume destes senhores agazalhar a todos os que ali embarcão e dezembarcão, e eu me achei ariscado a ficar aquella noute no campo, se a piedade de hum homem que guardava o castello me não abrira as portas delle, apenas achei em que me assentar, e fui obrigado a sahir dali a meia noute, por sinal com huma grande chuva. Desculpa se o Cardeal, não comigo, mas com os que o não sabem, que não soubera da minha chegada, sendo que sobre o meu avizo lhe pedirão aquelles fidalgos homiziados que aqui estavão huma carroça a seis cavalos para me irem encontrar ao caminho, e lha não deu com pretexto que não convinha, porque era aquilo fazerem me honrras de Embaixador, e que importava que tal se não dissese.

Ora Senhor, isto escreveo a França, e me avizou a Genova, e aqui me advertio, foi tudo a fim dos intentos que levava publicando que eu vinha ás suas ordens, e que não para Embaixador, mas foi tão bem recebido, e tão festejado em Roma este nome de Embaixador de Portugal, que ate as pedras se alegrarão com elle. Ninguem me negou titulo, ninguem as honrras que se me devião, com gosto universal, e com pezar do Cardeal. Prescreveu me da parte de Sua Santidade que eu andase com quatro lacaios, e com as cortinas da carrossa corridas, não era dizer isto que andase fechado, mas fechallas no encontro de Cardeaes e Embaixadores pello costume que ha de pararem as carroças huns a outros. Nesta

forma de lacaios e com huma carroça só andei ate que tive audiencia do Papa. Depois della pela forma que Sua Santidade me falou, pelo que depois entendi que lhe não era dezagradavel, e pello que os castelhanos começarão a roncar fui advertido de muita gente que ou não sahisse de caza, ou andase mais bem acompanhado: o primeiro pareceria medo, e asim escolhi o segundo com que indefrentemente continuei ate agora, já com huma carroça já com duas, já com mais já com menos familia, com que pela merce de Deos fiquei recebido na terra por homem de pouco medo, e de boa cabeça.

Mas como isto he contra o intento que o Cardeal levava, quer agora que me empida as audiencias, o ter docel, ter pagens, e andar bem acompanhado, assim creio eu que o escrevera elle a Vossa Magestade, provera a Deos que nos não fizera mais dano as suas poucas ou muitas delegencias.

Ultimamente a maior queixa que hoje tem minha, e a de que não ha metelo em razão, he o não lhe querer entregar as nominas, e processos dos Bispos eleitos, diz que eu o afronto, que he hum agravo que lhe faço o maior que se fez a homem, que se ha de queixar a Vossa Magestade, sem bastar dizerlhe eu que não estamos ainda sobre o ponto de haver de fazer obra por ellas, que em chegando farei tudo quanto elle quizer; respondeu que então não as aceitará, e que antes deixará o cargo, que sofrer huma tal injuria para o que tem ido e vindo a sua caza quatro vezes o padre D. Camillo, tendo de cada huma dellas sessão de trez e quatro horas.

O apertar tanto por estes papeis, sendo fora de tempo, e contra estillo me fez entrar em desconfiança, e ainda em malicia, porque havendo precedido a isto dizerme muitas vezes antes que viessem os ultimos despachos de Vossa Magestade que o Papa os esperava porque havia quem lhe houvese pormetido que Vossa Magestade se contentaria com muito menos do que eu queria, porque dandonos Bispos se daria por satisfeito, e sendo esta lingoagem antecedente sua dita a mim muitas vezes, e que havia de obrar por suas instruçoens, e cartas que tinha de Vossa Magestade, e esperava tambem segundo me consta por mais que por conjecturas que havendo eu entrado em Roma interpretando as ordens de Vossa Magestade que não só me virião reprehençoens, mas por ventura me mandaria Vossa Magestade recolher ao Reyno. *(sic)* Descobrio depois que Vossa Magestade me fez a honrra e merce de aprovar o que eu tinha feito, e que

as ordens que vinhão erão inda mais apertadas que as que eu lhe havia dito que trazia, quer agora que o pobre velho do padre Tavora, que apenas sahe da sua sella houvesse feito as promessas ao Papa, e sabe Deos quem lhas fez.

O que sendo, e fosse o prometedor quem fosse, apertar tanto pellas nominas e processos me fez entrar como digo em desconfiança e malicia; vejo a muita comunicação com os castelhanos, havendolhe já tornado a vizita aquelle Embaixador. Quem me asigura a mim que não possa estar de acordo com elles para dizer ao Papa que tem ordens de Vossa Magestade para aceitar Bispos sem Embaixador, e ainda naquelles deixar passar alguma clauzula que não houvessemos de admitir, e embaraçar o negocio outros tantos annos, tendo Sua Santidade a disculpa de poder dizer que fizera o que lhe pedira o Protector pelos poderes que tinha, e o Protector passandose a facção hespanhola havendolhe feito serviço tão sinalado poderia esperar huma recompensa muito avantejada, ou moderando isto mais, e que fosse ainda sem culpa sua, quem me asegura tambem de que o Papa por si mesmo o fizese sabendo quem erão os nomeados, e as igrejas em que, e cahissemos com isto nos mesmos inconvenientes. Emfim Senhor o mais seguro he a resolução que tomei de o desenganar que sem chegarmos ao ponto lhe não havia de dar taes papeis, que chegado a elles *(sic)* cada hum de nos havia de fazer seu officio; mas nada basta para o aquietar, sem embargo de lhe haver mostrado por papeis autenticos, e originaes, o como nesta materia procedem Protectores e Embaixadores. Achei em poder de Francisco Nunes Sanches a segunda via para o Bispo[1] de Coimbra em Joanne Mendes de Tavora. O masso era encaminhado ao Marquez de Castello Rodrigo então Embaixador aqui de Espanha. Continha dentro duas cartas para o Papa e Marquez, o credito para os gastos, e até este á ordem do Embaixador, e juntamente o processo. Soube do mesmo Francisco Nunes o modo como nisto se procedia, que havia sabido já tambem por outra pessoa que me trouxe huma certidão de hum Agente que fora de Castella vinte sinco annos; humas e outras conformão com que o Embaixador abre o masso, dá o processo ao Agente, quando o ha, e em falta delle a pessoa a quem quer dar este lucro. Este mete o processo na mão a hum expedicioneiro, que faz todas as

[1] para o Bispado: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

deligencias necessarias, e achando se corrente tudo se entrega ao Protector para que asine o processo, e proponha em consistorio, e nenhuma outra couza lhe toca mais que esta; e quando o Embaixador dá o processo ao Agente ajunta huma fé do Secretario da embaixada em que diz que Sua Magestade nomea tal Bispado em tal pessoa, que se fação as deligencias necessarias.

Para maior satisfação minha, e por ultima diligencia vi o Cardeal Bichi em 13 do corrente: a conferencia que com elle tive vai com esta em papel a parte. Vossa Magestade sendo servido mandar ver[1] huns e outros, e cotejallos com as queixas do Cardeal Orsino, e julgará qual de nós se justifica melhor; o certo he que não trato mais que do serviço de Vossa Magestade, e elle de suas conveniencias, pello que se meu parecer val alguma couza, e em ordem tambem á conservação do meu credito importará muito ao Real serviço de Vossa Magestade, como já em outra o tenho dito, que o que eu respondi ás queixas do Cardeal, de que não havendo Embaixador não haveria outro Ministro, venha confirmado por carta de Vossa Magestade, e com isto se immendará, perdoe me Vossa Magestade que assim o diga, o erro de se haver nomeado Protector em tempo que não servio de mais que de levar ordenados. Pello que tem feito ate agora se vê bem a pouca falta que fará ao diante se não houver Embaixador, e para propor como eu lhe digo a elle huma igreja, qualquer Cardeal a que o Papa o cometa, ou Vossa Magestade o mandar, folgará muito de o fazer pello lucro que lhe vem etc. *(sic)*[2]

[1] mandará ver: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab, 5, E. 15, num. 22.

[2] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 192, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656 — Julho 24

Senhor [1] — Por outra que será com esta, dou conta a Vossa Magestade miudamente do que nestes dias tenho passado (com o Cardeal Orsino, e ainda não digo tudo nella porque como se ha de ver no Concelho de Estado, tem prigo fazer publico o que nesta direi) que mando a Vossa Magestade por mão do Padre Confessor com outra cifra que elle decifrará porque he a com que corremos. Do que na outra digo poderá facilmente tirar a Vossa Magestade quaes sejão os intentos d este homem, que quando se não queirão ter por danados, como eu os tenho, são pelo menos de dilatar, para que como digo na outra, ou enfadado Vossa Magestade das largas ou dos gastos me mande recolher. Quem pouco sabe facilmente se persuade que o dezeja. [2] Quer que Portugal tenha Bispos mas por suas mãos, e com gosto do Papa, e não sei ou sim sei, se tambem com o dos castelhanos, com os quaes pellas conjecturas referidas e outras tem estreitissimas correspondencias. A caza de Braciano tem pertençoens em Napoles, o Duque morto era hum homem brioso, rompeu antes pelo enterese que pela reputação, e passou se a facção de França; o irmão e sobrinhos caminhão por outras maximas; acharão a caza empenhada, e dezejão por qualquer via dezempenhall a, he a mais proxima a de Castella, em cuja facção ha muito tempo que estivera o nosso Cardeal se lá o aceitarão, mas os castelhanos lhe conhecem o talento, querem no antes amigo e Protector de Portugal, que todo seu, sem esta dependencia, porque asim pode servir em muito, e em nada se for todo seu.

Com este presupposto vá Vossa Magestade tendo o que lhe digo por oraculo. Sabe elle muito bem que eu o conheço, e lhe tenho descuberto o jogo, esta he a razão porque não queria aqui Ministro de Vossa Mages-

[1] Em 24 de Julho de 1656. Por França a Lamego em 31 do dito.

[2] se persuade o que dezeja: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

tade, e esta he a razão porque o quer lançar.[1] A traça para esse fim, em que he certo que hia de acordo com o Embaixador Catholico, foi dizerem ao Papa que com os despachos que chegarião de Vossa Magestade me viria ordem para que me fosse; faltou esta e proseguem ainda em dizer que me vou com refrescar o tempo: com esta dilatão a rezolução de Sua Santidade pello menos ate Outubro, parecendolhes que será bastante[2] para Vossa Magestade se enfadar, e persuadindose que a resolução que Vossa Magestade tomará parará só em mandarme recolher, e que lhes deixará campo aberto para negociarem a seu modo.

Destas (traças) e da ancia tão dezatinada com que quiz que lhe entregase as nominas e prossesos dos Bispos facilmente se deixa ver que em falta de eu me hir queria mostrar que era quem podia tudo, e que eu estava aqui como hum pupilo seu, como sempre procurou dar a entender; pequeno inconveniente fora este se muito justamente não poderamos temer outros maiores, quaes serião aceitar os Bispos como os castelhanos querião, sem se exprimir nas Bullas o nome de Vossa Magestade senão o de possuidor, clauzula que posta huma vez em vida deste Papa se não dezembaraçava, e o que mais he que os Bispos nomeados vendo que Vossa Magestade os não aceitava asim, sendo aparentados com todo o Reyno, e não levando outro fim eles, nem os seus, mais que o ser Bispos, poderião fazer qualquer revolução pouco em serviço de Vossa Magestade. Esta he a razão porque na outra carta não toco esta materia nem he para tratada *(sic)* com outrem que com a Raynha Nossa Senhora e com o Padre Confessor.

E inda que seja desviarme hum pouco da materia hei de fazer a Vossa Magestade huma advertencia que traz nas suas empresas politicas o Savedra, de convir que entrem nos Concelhos de Estado os confessores dos Reis, para que quando se tratem materias que agravem a conciencia acudão a encontrallas, e tambem para as que forem de conciencia obrigarem aos Reis a que as executem: os confessores em Castella sempre são Concelheiros de Estado; mas tornando á materia:

Digo Senhor, que o Cardeal está de todo danado, e que nenhum outro fim leva que agradar ao Papa, e aos castelhanos; ao primeiro facelitando a vontade de Vossa Magestade, ao segundo prometendo castellos de vento. Remedio fora tirarlhe a Protectoria, mas não me atrevo a dizer

[1] porque o quer lançar fora: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] que será tempo bastante: *Idem, e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

a Vossa Magestade que ex abrupto se faça, pode o Papa não o tomar bem, e podemos com isso atrazar o negocio, em vez de o adientarmos. Deixalo para que proceda como ate aqui, não he menos perigozo, e assim devemos buscar huma via media para pairar emquanto se puder. Esta he a que já apontei em outras cartas a Vossa Magestade e ao Padre Confessor de que Vossa Magestade lhe mande escrever, que esteja certo que não havendo Vossa Magestade de ter Embaixador em Roma não quer ter Protector, que bem que eu já lho tenha ditto por palavras expressas, não sei em que se fia, porque nenhum cazo disso faz.

Se apelicado este remedio não bastar, e continuar como ate aqui, será sinal certo de que o não havemos de reduzir, e então em todo o cazo se poderá chegar aos violentos, como nos males desesperados, para o que ha Vossa Magestade fazerme huma ordem de que não ha de saber mais que o Padre Confessor, em que Vossa Magestade me mande revogarlhe a Protectoria, fiando Vossa Magestade de mim que não hei de uzar della senão na extremidade, mas convem que venha logo, porque de huma hora para outra se pode offerecer couza que seja força uzar della por não perdermos tudo, e não faça Vossa Magestade disto pouco cazo, porque entendo que depende daqui, ou o bem total ou a ruina total dos negocios.

Direi mais a Vossa Magestade o que tenho alcançado com bons fundamentos, e o que tambem pellas razões que asima aponto não convem irem *(sic)* a Concelho de Estado. O Papa em dar Bispos está resolutissimo, embaraça o isto de Embaixador,[1] porque o concidera ponto indivezivel; he certo que se nascera de mim o irme, que folgara muito; se os Bispos souberem isto que duvida tem que hão de gritar a Vossa Magestade que me mande ir, e se eu entendera que o Papa os havia de dar na forma que convem indome eu tambem gritara a Vossa Magestade como elles; mas aqui bate a dificuldade, com que ameaçar que me hei de ir ou com effeito mandar Vossa Magestade que me vá, não he remedio, e pode ser ruina, que he a rezão porque eu disse que me não havia de ir sem haver em Portugal Bispos sagrados, ajuntandolhe esta particula de sagrados para que com ella vejão *(?)* que hão de ser a vontade de Vossa Magestade, e que se não ha de contentar só com que sejão Bispos.

O ponto Senhor he este, se Vossa Magestade se quer fiar de quem trata o serviço de Vossa Magestade com o coração e com a alma, dado e

[1] embaraça o este Embaixador de Castella: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

não concentido que o Papa dilate mais do que convem a sua conciencia, e ao bem de tantas almas interesadas nella, o ameaçar ha de ser dizer, e fazer, o primeiro degrao tirar o Protector com dizer Vossa Magestade que não quer Ministros duplicados em Roma, sem nenhum delles fazer officio; feita esta primeira demostração, ha de ser a segunda mandar me ordem para que pessa a França dois Bispos que vão,[1] e que em effeito hajão de hir, inda que Vossa Magestade nisso gaste a sua fazenda, e a terceira mandar me ir; mas quando chegar a este ponto ha de ser mandando sagrar os Bispos logo que o Papa me deixe ir, sem acudir com o remedio, por que não saia então com alguma interlocutoria que nos embarase e atraze tudo. Porem, Senhor,. meu parecer he tambem, que antes de chegar a esta extremidade não fique acto de obzequio que se não obre primeiro, e que se espere hum anno e outro anno para maior justificação, porque á hora, Senhor, de chegarmos a este ponto, nem ha para d onde arrecuar, nem convem tornar atraz senão quando o mesmo Papa busque a Vossa Magestade.

Nem creio eu[2] segundo as dispoziçoens que vejo, segundo a bondade e justiça do Papa, que haja de obrigar a Vossa Magestade a huma tal rezolução, mas como os avizos vão e vem com tanta interpolação de tempo digo de huma vez tudo o que pode suceder e o remedio que pode haver para tudo, e para que Vossa Magestade se não persuada a que o he mandar me recolher parando só ahi, porque antes será ruina certa. Falla a Vossa Magestade o meu amor, o meu zello, e a minha experiencia, podem faltar todos, mas não errará nunca a vontade. A materia he gravissima Vossa Magestade a concidere, e se resolva nella com toda a maduresa, porque depende della a total quietação, ou entrarmos em novas inquietaçoens de que se não pode fazer juizo certo de qual será o fim. Os amigos todos nenhuma outra couza aconcelhão senão paciencia, porque dizem que ella só he a que acaba em Roma os grandes negocios. Seja esta Senhor limitada muito embora, mas não se perca precipitadamente. etc. *(sic)*[3]

[1] que vão a Portugal, sem dizer o para que, e que se saiba aqui que vão: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

[2] Não creio eu: *Idem*, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[3] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 202, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Julho 24

Senhor[1]—Na semana passada se soube que estava provido em thezoreiro de Braga hum certo Manoel Furtado antes que se soubese que estava vago o beneficio, de que inda agora se duvida que o esteja, porque nenhum outro avizo ha mais que o que o provido disse que tinha, que se he certo, e o teve, não pode vir por outra via que pella de Castella. A provizão admirou, e escandalizou todos os mais pertendentes portuguezes que andão nesta Corte, tanto pella pessoa em quem se fez, quanto pella preça tão pouco ordinaria no Cardeal Datario, que para hum beneficio de 20$ reis[2] se deixa perseguir, e o deixa estar mezes inteiros, como agora bem poucos dias ha sucedeu com alguns. Os desta qualidade, nem elle, nem seus antecessores proverão nunca sem exatissimas deligencias, e nesta ocazião as não houve mais, que para a pressa; e bem que todos os outros pertendentes fação as suas para lhe impedir as Bulas, quem tão ex abrupto o proveo, he certo que o defenderá, porque não ha duvida que entrou mão poderoza, que o obrigou a huma tão nova precipitação.

Este Manoel Furtado he natural de Evora aonde dizem os portuguezes que aqui andão que foi muxila de hum conego, depois milhorando de fortuna e ignorando se lhe sem falta a primeira veio pagem com o Marquez de Cascaes a França de donde se passou a esta Corte, continuando nella de então para cá. Escreve bastantemente, parte porque o Cardeal Orsino tanto que foi Protector o admitio em sua caza para lhe escrever, e lhe alcançou a poucos dias andados hum beneficio simples de cem mil reis de renda. Informado depois de que tivera aqui huns amores com huma filha de hum criado do Conde de Unhate apoz a qual se foi a Napoles, e adonde esteve mezes, e com huma carta que teve do Secretario

[1] Em 24 de Julho. Por França a Lamego.
[2] de duzentos mil reis: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

Pedro Vieira da Silva de que se não fiasse d'elle o lançou de si, e ficou continuando com assistencia de Roma da mesma maneira que de antes.

Em Genova achei huma carta sua, em que me dezia que convinha que eu o ouvisse antes de entrar em Roma, e antes de falar com outra pessoa qualquer que fosse. Eu que tinha estas noticias atrazadas e outras do muito que prezumia de si, e do pouco que sabia, fiz o mesmo cazo da carta que da pessoa quando aqui cheguei. Vio me no primeiro dia, e tornou me a dizer quanto me importava dar lhe huma larga audiencia, que lhe não quiz dar ao outro dia que tornou, por entender o que era, que queixoso do Cardeal queria começar metendo nos em embrulhadas, e desde aquelle[1] me não entrou mais em caza fazendo se na sua todos os conventiculos de todos aquelles que tinhão alguma queixa minha.

O Cardeal Orsino está queixozo do Datario, eu não posso queixar-me, sentir me sim, porque pello Padre D. Camillo lhe mandei advertir que as informações que tomava de pessoas pouco fidedignas converia á sua mesma reputação tomal as de mim, não como de Ministro, mas como de hum homem dezenteresado, que conhecia os sugeitos. Aprovou a advertencia e disse que seria bom dizer sua palavrinha ao Papa. Respondeu se-lhe que eu satisfazia com o que se lhe havia ditto, e só para hum beneficio que quiz dar e achou contradição indirectamente ouvio nelle meu parecer.

Deste modo de prover este beneficio tão fora das regras dos passados, pois tem ainda o chantrado de Evora sem acabar de sahir com elle, só a fim de me obrigar a que me contente com a Dignidade sem o canonicato, porque o dezeja dar ao doutor Gregorio de Pina, Secretario que foi do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, para o que acha este, e sette ou oito mais merecedores de Bispados; *(sic)* assim o dise todas as vezes que lhe mandei falar, e agora se esqueceu de maneira que vai buscar para thezoreiro de Braga hum mosso sem partes, e sem letras, e já com cem mil reis de beneficio, e antepõe no a todos os que queria fazer Bispos, de donde se tira claramente que entrou nisto poder grande, e que não foi de Portugal, senão de Castella; bem que o Datario caminhe pela via da virtude, inda cuida que pode ser Papa, e folga de dar gosto aos que para isso o podem ajudar.

O tal Furtado depois de oito mezes de me não entrar em casa, me

[1] e desde aquelle dia: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

vinha dar conta hum destes dias do seu provimento; eu lhe não quiz fallar; soube que dando elle conta aos seus dissera concidere o pio leitor se foi grande a perda que tive. *(sic)* He velhaquinho e toca de desaforado; taes como estas são as mais das pessoas que ate agora se tem provido em Roma; e se nesse Reyno se não passara por tudo, o Datario procedera com mais tento, e os pertendentes com maior respeito. O Cardeal Protector mostrou ao Secretario de Estado, e lha deixou para que a mostrase ao Papa a carta que o Secretario Pedro Vieira lhe escreveu, e com que o obrigou a lançalo de si, protestandolhe que se lhe não dessem posse, tivessem de antemão conhecidas as cauzas.

Senhor Vossa Magestade tem em Roma Protector e Embaixador, que não sejão reconhecidos ainda para os negocios grandes passe, mas que esta regra haja de correr até para os pequenos, he rija couza; convem que comecemos a mostrar hum pouco de sentimento para conciderarem como próvem, e que provejão como se deve, não só a Vossa Magestade, mas ainda a seus vassalos. Eu na materia não falei palavra por não ficar empenhado sem segurança de sucesso, contentome com a deligencia feita pelo Protector, mas não creio que bastará porque quem obrigou a fazer o provimento não lhe faltará força para o fazer bom. Ahi se ha de remediar mandando Vossa Magestade ao cabido de Braga que suspenda o darlhe posse quando se prezentem as Bullas para o que he certo que o Furtado fará procurador, não se atreverá a ir sem estar seguro de que entrará no beneficio, e quando se me queixar o Datario se lhe responderá o que convem, e ficará ensinado para outra vez; e os portuguezes que aqui vem pertender vendo isto saberão que tem Embaixador a quem hajão de respeitar, não porque elles me faltem com o respeito, antes nesta parte estou muito obrigado a todos, mas para que saibão, que se não posso dar beneficios, posso tiralos, e pelo menos embarassalos, mas se sem embargo do que digo a posse se lhe der que pode ter como tiverão outros valias mais fortes que a minha, deixarei correr os mais beneficios a vontade dos providos, e de quem os prover. etc. *(sic)* [1]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 208, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Julho 28

Senhor[1]—Segunda feira passada 23 deste fez o Papa consistorio, que costumandose fazer de quinze em quinze dias,[2] os temores da peste o fizerão passar cinco semanas sem que o houvese; esperavase nelle promossão de Cardeaes, ou pello menos de Cardeal sobrinho do Papa. Sendo costume fazelos sós ou em companhia de algum Princepe, não se fez; dizem que a razão que dá Sua Santidade he que quando todo o povo anda triste, não ha elle ser só o alegre.[3] O temor e aprehenção he grande, que inda que ate agora se tem por muito certo que Roma não tem peste, houve alguns cazos que fazem duvidar, e se fazem as mesmas prevençoens que se pozetivamente a houvera, o que nos faz esperar mediante a mizericordia de Deos que nos possamos livrar sem embargo da vezinhança de Napoles, e do estado a que está reduzido aquelle mizeravel Reyno, de que hirá com esta huma breve relação. Em tres lugares do estado de Genova levou o contagio huma barca que ali chegou: a cidade começa já a fazer prevençoens, e eu o avizo a Vossa Magestade porque avizão lá nesta posta que se preparão dois navios para ahi, com os quaes e com todos os que forem de Italia se deve ter toda a precaução.

Nos consistorios tomão audiencia do Papa todos os Cardeaes que a querem, e como de ordinario são muitos nunca podem ser compridas: comtudo o nosso Protector acha sempre campo largo para falar, e se fala quanto diz toda a manhaã he curta só para elle, sendo que como Diacono he ultimo, ou dos ultimos que falão. Avizou me por hum escrito o que passara, não sendo este o estillo uzado dos Protectores para com os Em-

[1] Foi esta carta em borrão ao Padre Confessor por via de França, em 31 de Julho a Lamego, em 28 do dito. A segunda copia foi por Liorne.

[2] de onze e onze dias: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

[3] não he elle só ser o alegre: *Idem*.
não hade elle de ser só o alegre: Gab. 5, E. 15, num. 22.

baixadores, mas como elle não quer que eu o seja, foge quanto pode destas demostrações. Mas eu que por todas as vias trato de concervar sequer no publico boa correspondencia o fui logo buscar sem embargo de haver estado com elle dois dias antes; e certo Senhor que com ir prevenido de que não ouviria couza de sua boca em favor meu não pude imaginar nunca que ouvise tanto, porque andar eu de noute matando gente, e escalando cazas, não poderia ter tão ruim nome quanto elle me quer persuadir que eu o tenha na opinião do Papa, e foi a primeira couza com que me recebeu. Eu já não contesto com elle, nem lhe repelico a couza que me diga, porque he tempo perdido, e só a isto lhe respondi, que me dece licença para não crer que estando eu em Roma bem avaliado de toda ella, e ate dos mesmos castelhanos, houvese Sua Santidade só ter de mim conceito tão diverso.

Diz que lhe falara em me dar audiencia, e que tornará outra vez a preguntar lhe se era para me despedir, que para isso ma daria, que para o mais não havia para que, porque não tinha que negociar comigo; bem lhe pude perguntar[1] pois com quem? que he a resposta que tinha, mas está já com o animo tão danado, que de nenhuma se faz capaz. Tendo feito[2] sobre elle algumas advertencias a Vossa Magestade que por ventura poderão haver parecido que me deixei levar alguma paixão;[3] e em verdade Senhor que as fiz com toda a modestia, de que já nesta carta não poderei uzar, porque tem chegado suas couzas a taes termos que convem dizer a Vossa Magestade que se se lhe não acodem ficaremos em Roma em pior estado do que nunca tivemos: *(sic)* referirei tudo antes deminuindo que acrescentando, Vossa Magestade mandará conciderar para lhe dar o remedio se for servido; e tomando o negocio desde seus principios:[4] que entrei em Roma dando me lugar a interpetrar as ordens de Vossa Magestade ser huma das partes principaes de me mandar que não entrase a sigurança de minha pessoa, não a podendo ter em outro algum lugar mais que neste. Teve noticia o Cardeal desta ordem, e aconcelhado por quem o governava, asentarão que nos primeiros despachos que chegassem de Vossa Magestade sabendo que eu estava em Roma me mandaria

[1] bem lhe pudera perguntar: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] Tenho feito: *Idem, idem.*

[3] levar de alguma paixão: *Idem, idem.*

[4] desde seus principios, digo: *Idem, idem.*

sahir della. Que disto desse noticia ao Papa se prova com o que o Cardeal me dise muitas vezes antes de chegarem, de que apertando a Sua Santidade para que me ouvise, e me respondese, era a resposta que deixase chegar navio de Portugal. Hia eu então sem malicia, e bem que me parecia novidade esperar o Papa os meus despachos, entre crer e não crer fazia pouca reflexão, mas entendi depois o fim a que caminhava, quando chegando os despachos com ordens todas contrarias ao que elle esperava, tratou de outros meios encaminhados ao mesmo fim, chegando o a paixão[1] de maneira que todos se lhe representarão honestos.

Foi o primeiro por levar a sua vontade[2] do que tinha pormetido ao Papa dizerlhe que eu me queria ir, e que para isso queria audiencia; a primeira vez que mo dise, que foi como Vossa Magestade verá pella relação que vai á parte daquella conferencia; vendo o cazo que eu diso fazia variou de sorte no repetirmo, que nenhum outro juizo pude formar senão mais que de ser falso: comtudo a mesma lingoagem de que me queria hir se achou no Mestre da Camara do Papa, em Monsenhor Farnesi seu Mordomo, e no Cardeal Datario, e no Secretario de Estado, mandando eu recado a todos.

Que toda esta historia sahise de Orsino não padese duvida, porque he só quem nesta Corte me não pode ver; o que faz em ordem a confirmar o que havia pormetido ao Papa, de que Vossa Magestade me mandaria hir, e por não mostrar que faltou continua com a mesma traça, asigurando o que o executarei em refrescando o tempo, porque no prezente entradas as mutaçoens tem o sahir de Roma perigo de vida, e parece que nestes trez ou quatro mezes, ou Vossa Magestade cançado da dilação, ou enfadado com os gastos, ou pelo que elle escreverá e escreve, me mandará Vossa Magestade a ordem que elle dezeja, e procura.

Menos mal Senhor se isto fora só conluio seu, e maldade pura sua, mas vai de acordo com o Embaixador de Castella com quem corre estreitamente, e a quem tem prometido o mesmo: as provas que para isso tenho são para mim maiores de toda a excepção, porque as toco com as maons. He a primeira a vezita que fez ao Embaixador de Castella, e a que elle lhe tornou, tomando por pretexto a compra de humas cazas, que já hoje não faz porque diz que depois de vistas lhe descontentarão, sendo

[1] cegando o a paixão: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] por levar a sua avante: *Idem, idem.*

couza bem galante tratar e concluir huma compra de trinta e quatro mil escudos antes de ver o que comprava; se he crivel Vossa Magestade o julgue.

He a segunda o testemunho do Padre frei Guilherme Procurador da Religião de S. Bernardo, homem muito de bem, letrado, bom religiozo; este se confessa a outro religiozo portugues Mercenario descalço, que está aqui em hum convento de castelhanos, mas que concerva o amor natural a Patria e ao Rey: referiolhe que hum capelão do Embaixador de Castella disera áquelles religiozos que o Cardeal Orsino tinha dito a seu amo que eu me hia infalivelmente em refrescando o tempo; e de que nisto caminhão de acordo se prova melhor por hum avizo que tive por hum Prelado, que bem que da fação contraria no publico, no secreto quer ser da nossa, e merecer com serviços ter o favor de Vossa Magestade para a Nunciatura desse Reyno: he pessoa de grande inteligencia, e de quem os castelhanos fazem confiança, e no para que corre comigo[1] lhe parece que he mais em servisso seu delles que em desserviço. Este me veio avizar debaixo de grandes sacramentos que entre o Cardeal, o Embaixador, e Secretario de Estado havia formada uma conjura contra mim, mas por dizer melhor contra o serviço de Vossa Magestade; o fim della lançaremme de Roma, que asim o havia prometido o Cardeal, e asim o ouvira da boca do Embaixador. O como a dispoem tomou principio no que asima digo da esperança que o Cardeal teve de que Vossa Magestade me mandase ir, e faltando proseguio com a traça de que eu tratava de me ir para que persuadido o Papa dilatase a rezolução; para o que lhe propuzerão que não convinha desgostar a Castella em tempo que não estava bem avindo com França, que he esta a que mais tem obrado, e esta alcancei pello Cardeal Bichi, que aconcelha que nos demos huma pouca de paciencia até se ajustarem as couzas em que de prezente se trata, e se formou para ellas huma congregação de oito Cardeais e cinco Perlados em caza do Cardeal Espada, e independentes todos.

A outra que embaraça a Sua Santidade não he de tanta força, mas não faz menos effeito em hum animo tão delicado como o seu, que he a da peste, que o traz tão atormentado que a nenhuma outra couza se aplica, e tanto, que havendo feito ordenar com pressa a seu sobrinho para o fa-

[1] e no particular que corre comigo: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

e no que corre comigo: Gab. 5, E. 15, num. 22.

zer Cardeal ate para isso lhe falta o gosto. Que estas sejão as cauzas, se não bastantes ao menos aparentes se tira de que hum dia destes na Congregação da Dataria;[1] deu se nella huma petição por parte de hum convento de freiras do Porto para a prorogação de huma igreja que hum Bispo passado lhe anexou, e por ser pobre o convento D. Rodrigo da Cunha sendo ali Bispo lhe prorogou quarenta annos mais, e vendo agora que se hião acabando pedirão as freiras nova prorogação; tinha se lhe concedido por voto de todos, mas disse o Datario que se sobrestivese ate dar conta ao Papa; o que fez, e tornando ao outro dia disse que Sua Santidade mandava sobrestar, porque melhor negocio se faria havendo Bispos em Portugal: e outro cazo quazi semelhante sucedeu na cathedral de Miranda, e fez o Papa a mesma reposta; se destas duas couzas houvermos de passar a terceira poderei cuidar que ido eu se persuadão a que se poderão fazer as couzas com menos rumor, e com menos sentimento dos hespanhoes, a que se acomoda o Secretario de Estado, e o que dezeja o Embaixador por ventura pello que lhe promete o Cardeal de que ficando com a direcção toda dos negocios poderá servir melhor a ElRey Catholico. Mas a que esta cauza faça força ao Papa me não posso eu persuadir, sabendo que sendo elle Secretario de Estado me foi buscar a França para tratar comigo, julgando por inconveniente tratar com o Cardeal Orsino, e não se dá cazo, ao que parece, que esteja o Papa tão mudado de opinião, mormente que ate agora não está tido por parcial, e os castelhanos se queixão já delle. Se pudera conciliar os textos, dar gosto a Vossa Magestade e juntamente a ElRey Catholico o houvera feito, não ha duvida nenhuma, mas tendo o por impossivel, vai pello menos esperando, e buscando ocazião para o fazer, se não com a total satisfação de ambas as partes, ao menos com a mais modesta. Ou se havemos de cuidar que pode haver mudado as maximas de Cardeal para Papa, e como tal procure adientar a jurisdição, como procurão todos, correrá então facilmente, conhecendo Orsino, e havendo me conhecido a mim, parecendo-lhe que poderá negocear melhor com elle que comigo, o que sendo, sem escrupulo podemos crer que o Cardeal lh o tenha prometido, ou pello menos asegurado ao Secretario de Estado, o que he infalivel.

Prova se com as exorbitantes deligencias que tem feito comigo para

[1] de hum dia destes passou na Congregação da Dataria: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

de que hum dia destes passou na Congregação da Dataria: Gab. 5, E. 15, num. 22.

que lhe entregue as nominas, e processos dos Bispos, sendo que nellas, e com ellas, não tem outra deligencia que fazer mais que propolos *(sic)* em consistorio. Cinco vezes fez ir a sua caza o Padre D. Camilo, outras tantas fez por bilhetes comigo a mesma deligencia, andou buscando e tirando certidoens, creio eu que para mandar a Vossa Magestade, e que as mandará inda fazendo contra elle; mostrei lhe por razoens, e por documentos clarissimos a impertinencia da sua pertenção, e nada bastou para o fazer capaz. Foi ultimamente queixarse de mim ao Cardeal Bichi, e sem embargo de que lhe dise que não tinha razão, e que toda estava da minha parte, lhe pedio que quando eu o visse me persuadisse a que lhe entregase os papeis, que a tal extremo como este chegou. O Bichi o fez tanto pelo contrario que me encarregou muito que de nenhuma maneira lhos desse.

Huma das culpas que me acomula Orsino he de que tenho grande intrinsequeza com este Cardeal, e não pode levar em paciencia.[1] Se dezejara servir bem a Vossa Magestade houvera de estimar muito o do que me faz culpa, e procurar muito ganharmos a amizade de outros Cardeaes. A Bichi falei nelle, devia Vossa Magestade ser servido mandar escrever huma carta agradecendolhe o que faz, e dezeja fazer em seu serviço, e outra a Orsino em que Vossa Magestade aprove o não lhe haver eu dado as nominas, ordenandolhe de novo que as que tem me entregue; e que pedise isto a Vossa Magestade me adevertio o mesmo Bichi, porque nem o quer fazer, nem as manda a Vossa Magestade, mandando muitos massos estes dias. E veja Vossa Magestade que conceito se pode formar de apertar tanto pellas modernas, e não querer entregar nem mandar as antigas.

Que vá tambem nesta parte de concerto com o Embaixador e Secretario de Estado pouca duvida tem, porque deste ultimo sei que mandandolhe Orsino hum recado, perguntara ao mesageiro se havia o senhor Cardeal retirado aquelles papeis da mão do Embaixador de Portugal, e perguntandolhe se erão os das nominas que eu lhas não queria dar,[2] lhe advertira que não dissese a Sua Eminencia que elle lhe fizera aquella pergunta. Se de quanto digo se pode colligir alguma couza em serviço

[1] he de que tenho grande intimidade com este Cardeal, e o não pode levar á paciencia; Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

he que tenho grande intrinsiqueza com este Cardeal, e o não pode levar em paciencia: Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] que eu não queria dar: Gab. 5, E. 15, num. 22.

de Vossa Magestade lá se julgue que eu não posso sentencear senão contra elle, contra seu animo, e contra vontade de todo danada.

Hum velhaquinho anda aqui a quem derão agora a thezouraria de Braga, e sobre quem escrevo a Vossa Magestade, que a poucos dias de eu estar em Roma se foi ao Cardeal todo sobresaltado a pedir lhe que acodice por sua honra, que era publico que o Papa me dava Bispos, e que se diria em Portugal se vissem que em quatro dias acabara eu o que elle não podera em cinco annos. O Padre Pedro de Valadares mo veio advertir, e depois mo disse o mesmo Cardeal; se então fez ou não reflexão sobre a materia não sei eu, mas sei que a faz agora, e que não he pelo que cuida que perderá de reputação senão pelo que por ventura quer adientar com os castelhanos, em cuja facção he certo que estivera já se o quizerão, mas elles são sizudos, importa lhes mais tello e entretello amigo seu e Protector noso, do que declarado todo seu. Emquanto viveu o Duque de Braciano seu thio que foi homem briozo, como já tenho dito a Vossa Magestade, não se ouvia esta lingoagem, mas o pay e irmãos todos castelhanos com pertençoens em Napoles que se pode esperar deles?

França que lhe cheira já a morrão, sendo muito facil em concentir renuncias de beneficios, pedindo lhe o Cardeal agora faculdade para renunciar huma abbadia que lá tem a titulo de pouco rendimento, lhe mandou responder ElRey, que estimava tanto sua pessoa, que não queria concentir largase o que tinha em seu Reyno, mas que sendo abbadia de pouco rendimento, como lhe dizia, a renunciase em suas mãos, e que o proveria logo em outra maior, com que ambos se conhecerão o jogo, hum não concentio, e o outro não renunciou, e segundo o Rezidente que aqui ha de França me diz, tem para si que em se sabendo lá que elle vezitou o Embaixador de Castella lhe mandarão que tire as suas armas da porta.

O Padre Petrucci me veio dizer hum destes dias que falando em mim ao Cardeal Datario se espantara de ouvir que eu estava inda em Roma, e que fallando em nossas materias lhe dissera que Vossa Magestade tinha trez ou quatro Embaixadores que era necessario declarar qual era o verdadeiro; mandei lhe o Padre D. Camillo a segurallo de que eu o era, para o que lhe mostrou a carta credencial, e a copia traduzida, e lhe disse de caminho que eu estava em Roma muito de vagar, e que não havia de sahir della senão depois que houvesse em Portugal Bispos sa-

grados,[1] para que soubesse que havião de ser a gosto de Vossa Magestade. Creio que faria relação a Sua Santidade, e eu por outras vias tenho feito chegar o mesmo, mas como o Protector se não contenta com o ser, e se cançou sempre em querer mostrar que a direcção dos negocios era toda sua, e Vossa Magestade lhe fiava tanto que me mandava sujeito as suas ordens, ficará na cortezia, ou no que melhor lhe estiver ao Papa e aos Ministros crerem no a elle ou a mim. O certo he que emquanto este homem proceder como ate aqui, não poderei fazer grandes progressos, pois não terei para elles outra ajuda mais que a conciencia de Sua Santidade, que inda que pode ser a maior tem hoje os theologos e os juristas tantos textos, que bem que nenhum delles possa ser em favor da negativa, para o deixar para tempo mais seguro acharão muitos.

A materia Senhor que trazemos entre mãos he a maior e a mais alta que teve nunca Portugal desde seus principios, e por ventura tambem que se não a maior he uma das maiores que teve a Se Apostolica; quatro annos dissimulou com ella Urbano 8.°, deixando se bem entender que a sua vontade era boa, mas que colhendo o já velho, fraqueou nos brios, sendo que esteve rezoluto no principio a receber o Bispo de Lamego, e o recebera se quizera esperar o tempo que lhe pedio o Cardeal Antonio. De Innocencio 10 podemos crer pella deligencia que comnosco fez no fim do sen Pontificado que nos não negava a justiça, e comtudo não tratou della senão no fim de dez annos.

Hoje temos Alexandre 7.° Pontifice de anno e meio, e buscado por Vossa Magestade de oito mezes para cá, e a discorrer sem paixão logo que não foi a primeira acção sua dentro no mesmo conclave reconhecer a Vossa Magestade, como os bem intencionados cuidarão que fizesse, passada aquella ocazião, parece que devia proceder mais atento, ouvindo as partes, e vendo se as podia acordar, que he o de que ate agora dizem que tratou. Esperar a dous Papas quaze com desenganos quinze annos, e no primeiro querer rezolver com o prezente, não digo eu que se não faça se Vossa Magestade asim achar que convem, o que eu digo he que se veja muito bem o como se faz, porque ha de ser com affecto e não com ameassos, porque o Papa sabe muito bem, ou pello menos cuida que ha de ter a Inquizição a seu favor, como teve Innocencio; e se isto Senhor ha de

[1] Bispos sagrados, accrescentando lhe esta particularidade de sagrados: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

vir a ser, e Vossa Magestade houver de passar segunda vez pello que não houvera de passar a primeira, não nos dezacreditemos com o mundo, e nos ponhamos a risco de perder por arrojados o que podemos alcançar pello caminho da paciencia, que inda que mais comprido, mais seguro.

Este parecer Senhor poderá ser que confirme com a opinião que alguns tem, e por ventura o tenhão já lá escripto de que eu folgo de estar em Roma: creia Vossa Magestade nesta parte o que for servido, que eu nem por isso hei de deixar de dizer o que entendo como sou obrigado; o que aqui dezejão todos os nossos he que Vossa Magestade não tenha Embaixador, sendo que o mesmo será tiralo que deixar os negocios todos em hum dezemparo grande, e em hum maior perigo metidos na mão do Cardeal Orsino, por talento incapaz, e por vontade danado de todo, bem se vê de tudo quanto nesta tenho escripto, e julgará Vossa Magestade melhor pelo que elle escreve; obrigando o já a sua paixão a declarar se tanto, que diz a Vossa Magestade que he só o obstaculo que tem aqui nossas pertençoens a asistencia de minha pessoa: se o he Vossa Magestade o concidere, e o remedêe tambem se for servido, mandando me ir, mas ha de ser vindo antes que eu me vá quem me possa suceder não só no ministerio, mas no titulo tambem, porque não hade ser Agente nem Rezidente senão Embaixador: com muito menores ajudas de custo poderá vir hoje, porque achará cavallos, e carroças, e a caza muito bem adornada do que eu para mim não quero couza alguma, tudo pertence a Vossa Magestade como comprado com a sua fazenda, e tudo será bem que fique para quem me vier suceder, e para todos os mais Embaixadores que se seguirem. Em Inglaterra o tinha ElRey Catholico, e aqui em Roma o tem, e outros muitos Princepes.

Disto mesmo que toda a Corte tem aprovado, como Orsino não tem outra couza de que pegar procura fazer me culpa, e que isso me tem tirado as audiencias, como se antes de eu ter a primeira não estivesse já nesta mesma postura; mas não he pequena habelidade sua se lhe valera carregar me a mim os excessos com que elle tem procedido, e procede. O bom remedio Senhor he o tiralo a elle pello modo que já em outras digo porque era começar por huma demostração grande, de que se poderia argumentar que chegariamos as maiores; e feito isto de duas huma ou o Papa havia então dezenganar se que só comigo havia de tratar, e trataria, ou se depois disto o não quizese fazer, tratar então do ultimo re-

medio, mandar hir dois Bispos de França ordenando me Vossa Magestade aqui que eu os pedisse na forma que já em outra digo, que o ameaçar de que farei, e acontecerei, não tem já lugar, nem cá disso farão cazo pellas esperiencias passadas, e pela piedade que tem reconhecido em Vossa Magestade, que cuidão que ha de prevalecer a todas as razoens politicas, e terião muita razão de o esperar se estas mesmas razoens politicas não forão fundadas na piedade etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal

(1656—Julho)[2]

Ao mesmo Senhor Cardeal (Orsino).

Sendo carta viva o Padre D. Camillo, e não podendo eu da minha mão responder a Vossa Eminencia porque os olhos ajudam pouco, e ella treme já muito, para ser pela do meu Secretario, pareceu me que com mais respeito respondia a Vossa Eminencia sendo elle quem levava a resposta. O que por Sua Paternidade respondi a Vossa Eminencia digo nesta agora, que he que toda a merce e favor que Vossa Eminencia fas aos portuguezes, tenho eu por muito singular, e como feita a mim mesmo: proteger a todos he officio de Vossa Eminencia, inda mais por sua natural benignidade, que pela obrigação do seu cargo. Cartas de favor em semelhantes materias não se podem negar, mormente quando as pedem pessoas de respeito, e em materias em que vamos interessados no agradar, ou desagradar a Sede Apostolica. Eu beijo as mãos a Vossa Eminencia

[1] na piedade etc. *(sic)* A Real Pessoa de Vossa Magestade guarde Deos etc. *(sic)* em 28 de Julho. A segunda via foi por Liorne: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

Copia, na Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 213, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. supracitados.*

[2] *Conclue-se do documento que se segue a este.*

muitas vezes pelo favor que me fes em mas comunicar, e espero que a mesma merce me faça Vossa Eminencia nas de mayor importancia. Esteja Vossa Eminencia certo, e lho pesso com hum animo muy affectuoso a seu serviço, que crea de mim que em todas o ey de servir com gosto muito particular, emquanto não toccarem as jurisdições de nossos cargos.

Na materia das nominas e processos dos Bispados tenho dito a Vossa Eminencia tudo quanto me pareceo que convinha, indo muitas vezes a Vossa Eminencia o Padre D. Camillo para o inteirar de tudo, que pontualmente me referio, como tambem as razões em que Vossa Eminencia se fundava para querer que eu lhe entregasse logo estes papeis, sendo contra o estilo corrente, e de nenhum util ao serviço de Sua Magestade, e em danno grande de minha reputação. Espero que Vossa Eminencia o haja considerado melhor, e se contente que chegada a occasiam practiquemos o que todos os Protectores e Embaixadores custumão, cousa tam trivial, que seria muito melindre nosso querermolo alterar tirandoo das formas ordinarias.

Do que usam os Embaixadores estou bastantemente informado; o que Vossa Eminencia quer como Protector, deme licença para lhe diser que he de pouca authoridade sua, ou por melhor dizer exdiametro contra ella, porque não he bem que Vossa Eminencia haja de fazer o que se comette a hum Agente e a hum espedicionario: hoje não temos Agente, em falta delle custumão os Embaixadores dar este lucro a hum criado seu, ou a hum indiferente. Eu ha muitos annos que sirvo a Sua Magestade com tanto desinteresse proprio, que sentiria muito que se pudesse cuidar que queria eu para meus criados o que nunca quiz para mim. Chegado o tempo nomearei para fazer estas espedições a pessoa ou pessoas que Vossa Eminencia for servido, o que oje seria tam intempestivo quanto contra o serviço de Sua Magestade, porque emquanto não está reconhecido, de que serve que se examinem processos, e que se saiba o que nelles se conthem, mormente quando o exame se ha de fazer na Congregação Concistorial. E se Vossa Eminencia me responde a isto que de presente não fará estas diligencias, mas que terá os papeis em seu poder, a isto respondo que estando no meu, não estam menos seguros, estando conforme os estilos, e mais conforme as ordens de Sua Magestade. Pesso muito a Vossa Eminencia que assim o queira aver por bem, sem premitir que no que lhe não vay nada, arrisque eu toda a authoridade de hum Embai-

xador; em tudo o mais que Vossa Eminencia me queira mandar saiba, e tenha por certo que ninguem o ha de servir melhor que eu, porque o ey de fazer usque ad aras. etc. *(sic)*—De Vossa Eminencia Reverendissima. *(sic)*[1]

Resposta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal[2]

1656—Julho

Respondendo brevemente as queixas que o senhor Cardeal Orsino deu de mim a Vossa Paternidade creyo que satisfarei de maneira que Sua Eminencia fique de todo livre d'ellas; e para mayor satisfação de Vossa Paternidade me pareceo apontar em papel assim as queixas como as respostas.

1 Foy a primeira que eu não quisera entregar a Sua Eminencia as nominas dos Bispos, nem os processores *(sic)* que vierão de Portugal.

A que se responde que não he esta só a ordem de Sua Magestade que Deus guarde, mas ainda ajuntou a ella o dito Senhor mandar me que pedisse a Sua Eminencia as primeiras que se lhe avião mandado, para que por ellas se não fizesse obra: e muito antes me advertio o Padre Pedro de Valladares que eu as devia pedir, porquanto Sua Eminencia se pegava a ellas, não fasendo caso de que eu lhe dissesse que as trasia revogadas; e ve sse bem que não hia muito fora de caminho, pois Sua Eminencia disse ao Padre D. Camillo que tinha ordens de Sua Magestade para acceitar Bispos sem Embaixador, mas era em tempo que aqui o não avia; e o contrario verá Sua Eminencia ou tornará a ver pelo capitolo da carta que lhe mostrará de Sua Magestade.

2 Disse o senhor Cardeal a Vossa Paternidade que não avia duvida em Sua Santidade dar Bispos quanto prima, mas que para isto de Embaixador lhe não achava vontade.

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 23.

[2] *É este o titulo:* Resposta que o senhor Embaixador fes pelo Padre D. Camillo ao senhor Cardeal Orsino Protector de Portugal em Julho de 1656.

Que esta lingoagem se acha só em Sua Eminencia, porque a corrente da Corte he toda contraria a ella: ninguem fala em Bispos, e todos em receber Embaixador; e não se fala por voses populares, desde os Cardeais até os faquins falam nesta forma; que inda que mettido em casa, nella tenho avisos de pessoas que são bem informadas, e que não são de medio plebis; e provasse bem que no tempo d'Urbano 8 com o senhor Bispo de Lamego uno hore *(sic)* foy assentado em Congregação que Sua Santidade estava obrigado a receber Embaixador de Portugal; e Sua Eminencia advirta oje, que não eram entam passados dezaseis mezes, e que agora são passados dezaseis annos; e mais lhe advirto como servidor seu, que importa mais a Sua Eminencia que haja Embaixador em Roma, que ao mesmo Embaixador, porque elle se levar Bispos, ir se ha descansar a sua casa, e levantar lhe á o povo estatuas, e não sey se quererá Sua Magestade (ou sim sey) ter outro Ministro em Roma, porque passada esta occasião, para se propor hũa igreja em Concistorio o fará qualquer Cardeal a que se pessa, sem dispendio da fazenda Real, e crea Sua Eminencia que falo com os textos, e he muito provavel que Sua Magestade não fará bom juizo de se lhe darem Bispos sem Embaixador, porque ha de entender que Sua Eminencia segue as ordens passadas, sem fazer caso das prezentes.

3 Queixa sse Sua Eminencia de que lhe não disse o a que viera o Abbade Salvette a minha casa, nem ainda que viera, mas ajuntou que o sabia, porque Monsignore Rospigliosi lhe dissera que não avia vindo a materia de negoceo, nem de algũa consequencia.

Sua Eminencia está respondido com a mesma queixa, e eu lhe não dey conta d esta visita, pelo menos porque foi publica, e não de materia algũa que importasse: e a ser de segredo tambem ficava eu livre de lh o revelar, que essa he só a diferença que ha entre Protectores e Embaixadores; aquelles são obrigados a revelar tudo a estes em materia de negoceo, pois não devem fazer outros senão aquelles que estes lhes encomendão; e os Embaixadores não tem esta obrigação de lhes comunicar mais que expressamente aquillo que seus Principes lhes mandam. Nesta materia quando Sua Eminencia de tudo queira fazer queixa, nenhũa outra pode ter que a do Abbade Salvette, porque outras negoceações não tenho tido, nem buscado medianeiro algum para com o Papa, como disse ao mesmo Pontifice na audiencia que me deu, e ainda lh o insinuey na minha escritura; sendo que nem o meu erro fora grande, nem a Sua

Eminencia deixara de ser virtude, que hum e outro procuraramos por todas as vias ganhar o animo de Sua Santidade; porque como Sua Eminencia sabe duplicatis intercessoribus até para o Ceo tem valia. Mas respondendo mais formalmente a esta queixa perguntarei a Sua Eminencia como sem mo advirtir primeiro visitou publicamente o Nmbaixador de Castella, sendo que Sua Eminencia sabe, que se não dá caso nenhum para que o Protector de hum Reyno visite ao Embaixador de outro tam contrario, mormente em tempo que o povo nos anda ameaçando com os castelhanos, e elles se não fazem o mesmo, he mais pelo que lhes pode succeder, que por respeito que nos tenhão, e sendo a rasão que Sua Eminencia me deu para esta visita tam frivola, que para qualquer outra pessoa de muito menor qualidade, nem bastante, nem sufficiente era: e isto despois de aver sofrido a D. Antonio Pimentel nomeasse a Sua Eminencia mesmo, e em sua caza, por Duque de Bargança a elRey de Portugal, e o que em sua casa sofreo, não duvidou em ir buscar a alhea, porque certo he que chegada a occasiam não avia de ser mais cortez o Duque de Terranova, do que foi D. Antonio Pimentel. De mais de que Sua Eminencia tinha dito muitos dias antes a mim mesmo, que por D. João de Cordova avia alcançado já o mesmo, que me disse fora pedir. A que se ajunta mais ter Sua Eminencia ordem de Sua Santidade para obrigar ao Dono das cazas a lhas vender pelo justo preço, com que se escusavam todas estas mediações. Peze agora Sua Eminencia que queixas são estas, e quaes pezão mais. A que tem minha he não lhe revelar o que passei com o Abbade Salvette. As que tenho de Sua Eminencia são as visitas de Pimentel, do Embaixador de Castella, e outras que Sua Eminencia tem fora, e dentro de sua casa, que he força que sejão sobre materias de Portugal, e nem antes, nem despois me dar d ellas hũa pequena luz, sendo obrigação sua não falar em mais negoceos, que os que lhe toccam como Protector, e para falar em outros avia de ser ou pedido por mim, ou pelo menos consultado comigo, sabendo Sua Eminencia que só com eu entrar em Roma, tacitamente ficavão revogadas todas as ordens antecedentes, quanto mais avendo as Sua Magestade expressamente revogadas.

4 Queixa sse mais Sua Eminencia de eu me apartar de seus conselhos emquanto a ter baldachino, e pagens, andar com duas carroças, e com mais estafeiros que os quatro que Sua Eminencia me prescreveo no principio, estranhando tambem o dar eu na minha caza a mão esquerda aos

Prelados que a ella me vem, e que isto dificultava o negoceo, e as audiencias de Sua Santidade.

Emquanto ao baldachino ainda quando não fora Embaixador, sendo quem sou, e conselheiro de Estado delRey de Portugal, em qualquer parte donde estivera o ouvera de por; o senhor Bispo de Lamego o teve, e não só na camera da audiencia, mas tambem outro na sala dos estafeiros; e que não vira nunca diminuir a familia aos que vinhão ás embaixadas, acressentala sim, quanto mais que trouxera os pagens que tinha em França, e que lhes não avia de pagar com os pôr na rua averem me servido ali cinco annos, e que aqui me não servem mais que de portas a dentro; quanto mais que não he esta insinia de Embaixador, pois aqui os tem cavalheros muito particulares: que olhe Sua Eminencia minhas cousas com melhores olhos, e que tudo lhe pareceria bem. E o mesmo dito senhor Bispo de Lamego por ordem da Santidade d'Urbano andou com duas carroças, e o sinalaren lhe quattro estafeiros foi a instancia dos castelhanos para o fim que levavão de o assaltarem, e o acharem mal prevenido, e eu não quero que me succeda o mesmo; tenho dezoito estafeiros, todos me ham de accompanhar, e ainda em duas carroças me não cabem os gentis homens que tenho, que com a menor suspeita que tiver ey de trazer tres e quattro: que bem que Sua Santidade me assegura como Senhor da terra, de hũa insolensia como a do Principe de Sans o não pôde livrar a Santidade de Urbano. Os Prelados que vem a minha casa já vem debaixo daquella condiçam, a nenhum a expremi, e nenhum ma regateou; se abrira a porta muitos mais me ouveram de entrar por ella, e não dos peores; de huns sabe Sua Eminencia porque vem de dia, mas não sabe de muitos que vem de noite, e entrão pela escada secreta, que eu lhe direy a seu tempo. Se isto me dificulta as audiencias, e fas mal ao negoceo, inda faço menos do que Sua Magestade me manda, que quer que me tratte como Embaixador seu, que he ao que vim, e não como Procurador do Clero, que he o que parece que Sua Eminencia aprovara etc. *(sic)*[1]

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 24.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656—Agosto 22

Senhor[1]—Por muitas e varias vias tenho escrito a Vossa Magestade e dado conta do estado dos negocios sendo as ultimas cartas de ate 19 deste, mas como os temores da peste são tão danozos como a mesma peste, temo muito que nenhuma dellas chegue ou haja chegado, porque de humas que remeti a Veneza para irem por Holanda sube que forão abertas na caza da saude, que em Italia chamão lazareto, e purgadas em vinagre, e com fogo. Outras que mandei por França creio que haverão levado o mesmo caminho, porque o Graã Duque por cujas terras passão foi ate agora tão escrupolozo, que cinco correios que hião e vinhão não deixou passar. Para hum navio que está para partir em Liorne mando esta carta solta para que passe que massos tem o perigo que

(sic) alem de que julguei a prepozito[2] deixar ficar muitas que tinha escrito porque com a alteração que as couzas fizerão desde 19 para cá me obrigão a tomar outra vareda, qual he a de mandar huma pessoa a Vossa Magestade que fico despachando. E poderá tardar porque não ha menos perigo nas pessoas que nas cartas, ou as não recebem nas terras por donde passão, ou as fazem fazer quarentena; mas eu entendo que terei modo para que com quinze ou vinte dias lha hajão por feita pela parte por donde a hei de mandar, terra de hum Perlado que me deu esta traça.

Vossa Magestade não se enquiete, tendo a máo sinal despacharlhe eu proprio, sem lhe haver de levar a nova de eu ficar recebido, mas levará outra que remediada facilitará tudo, e apalpará Vossa Magestade com as mãos o grande acerto que teve em mandar a Roma, e o igual serviço que eu lhe fiz em vir, porque ha ocaziões em que os velhacos como eu servem melhor que os virtuozos. Vossa Magestade esteja sem pena,

[1] Em 22 de Agosto de 1656. Por Liorne aos Silvas. Por França 2ª via a Lamego.

[2] que massos tem perigo, que alem de ter outras que mandar, julguei a proposito: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

e suspenda o juizo ate chegar o meu inviado; entenderá delle Vossa Magestade o ponto a que cheguei com esta negociação, e as travessas que tive para se não concluir, mas *quod difertur non aufertur*, e espero que a dilação não seja mais que emquanto esta pessoa vá e torna.

E porque tenho por certo que quatro padres da Companhia que daqui forão ou pelo entenderem assim, ou pelo não entenderem, pregavão em Roma aos portuguezes, hião pregando pelos caminhos que era gasto perdido todo o que se fazia em Roma comigo, e he certo que tãobem haverão pregado nessa Corte esta doutrina, e pode ser aprovada por muita gente por rezoens geraes e particulares, e obrigarem a Vossa Magestade a tomar alguma rezolução damnoza contra seu Real serviço, advirto a Vossa Magestade que nenhuma hei de executar senão depois que Vossa Magestade seja plenariamente informado pela pessoa que mando, e então o que se rezolver executarei com a pontualidade que devo. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656—Agosto ou Setembro?)

Senhor—Nas minhas antecedentes fiz avizo a Vossa Magestade da noticia que se me havia dado de huma reposta que contra o memorial que dei a Sua Santidade se ficava fazendo, e logo então disse a Vossa Magestade que huma reposta tão tresnoitada como a de haverem deixado passar sete mezes, não poderia deixar de produzir algum monstro, porque de ordinario os ha maiores nos partos do entendimento que nos da natureza. E não me enganei, porque monstro e monstroozo he o papel, e o que o faz ainda parecer mais he o dizerse que se fez a contemplação do Embaixador de Espanha. Dizem que da primeira mão sahio em castelhano, e que passou a segunda para o por em latim; isto serto he, mas tenho por falço que obra de pedaços, e tão despedaçada se fizesse por

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 227, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

mandado, nem ainda por concentimento do Duque de Terra nova; he entendido, he prudente, não havia de responder tantos mezes depois a hum papel, que sobre leigo não continha mais que verdades que se não podem impugnar; e para só repetir o que tantas vezes tem ditto os seus escriptores, sem tirar outro fructo que mostrar a Roma o comedimento e respeito com que eu falei, e o dezaforo com que elles falão, peleijando com as lingoas e com as penas, quando ha tantos annos que está reduzido, em que as lanças e as espadas na Companhia, que he a ultima *ratio Regum*, letra que fez pôr nas peças de artilharia aquelle grande homem se não o maior de seu tempo o Cardeal de Richeleu. *(sic)*

O papel não mando a Vossa Magestade por duas razoens, a primeira porque he escritura que leva muitas folhas, e os massos grandes se abrem em qualquer dos confins das terras da Igreja por donde passão, como se me tem feito a alguns, e a segunda pella certeza que tenho de que se lhe haja de responder, e entendo eu que não convem fazerse, porque alem de o não merecer nem que se fassa cazo delle, huma reposta pede outra, e ou nos pomos a risco de hum proceder emfinito, ou a ser mais justificada a ultima que sahir se formos os primeiros que nos cansemos.

E esta he a rezão porque já aqui mesmo em Roma deixei passar outra escriptura muito mais insensata que esta: não faltou hum servidor de Vossa Magestade que lhe respondese, mas não concenti eu que a resposta sahise a publico; era insolente o papel, tratavanos de pouco menos de ereges, e em contrapozição punha mais alem das nuvens a piedade dos Reis Catholicos, fazendoos braço e olho direito da religião catholica: e como quem respondeu sabia bem a gramatica, e uzava daquelles termos communs nella *de interrogatio et responsio* etc. *(sic)* era força que ofendese a terceiro e terceiros, couza de que eu sempre fugi, tive por melhor deixallo com as suas ignorancias, couza que aprovou toda esta Corte mais do que havia reprovado a escritura.

Direi a Vossa Magestade de passo huma das suas maiores ignorancias, e pella unha conhecerá o leão. Perguntava elle que havião de fazer os Bispos em Portugal e suas conquistas faltandolhes o amparo de ElRey Catholico, que fructo havião de tirar entre tantos hereges, e gentios, e hebreos, faltos de hum tão grande apoio: tão ignorante e falto de noticia, que não sabe o que a religião catholica deve aos senhores Reis de Portugal e aos portuguezes, os primeiros com os tizouros, e os segundos com o sangue e com a vida plantarão e dilatarão a fé catholica nas partes

adonde só chegarão os Apostolos, e em outras adonde não chegarão mais que com a noticia, que asim devemos entender o verso do psalmo = *In omnem terram exivit sonus eorum.* De maneira que chegarão as armas portuguezas adonde só havia chegado o som das vozes dos Apostolos, e o que as armas de ElRey Catholico unidas as forças de Portugal não poderão em muitos annos, poderão as de Vossa Magestade divertidas em tantas partes lançar aos holandezes de todo o Brazil, do Maranhão, e do Reyno de Angola, dano que havia vindo aos portuguezes com a união das Coroas, e proveito que conceguirão com a separação dellas. O autor deste papel foi hum frade dos Conegos Regulares de Santo Agostinho, articulo mais para entre arrianos que para entre catholicos, pois todo o seu trabalho punha em que Sua Santidade não desse Bispos a Portugal, que isto vinha a ser querer que se dessem de moto proprio, porque tendo certeza pelo passado que se não havião de admitir, vinha a aconselhar que se não dessem com termo que parecesse menos impio.

Este he o ponto principal sobre que se cança tambem esta nova escritura, com tantos textos como palavras, e com tantas falsidades como textos.

Fazia conta quando comecei esta de não fazer a Vossa Magestade mais que huma simples narração do papel sem chegar a individualo, mas falei no do outro frade, toquei hum ponto delle, e creio que me puderá Vossa Magestade culpar se deste lhe não disser alguma couza. Falohei muito de leve, que mal poderia de outra maneira, que sendo a minha pròfissão tão secular zombaria Vossa Magestade de mim como todos os que ouvissem esta carta vendome repetir textos, e responder a elles sem os entender; comtudo nas materias a que chegar a minha lança chegarei tambem com a minha pena, e ria se Vossa Magestade muito embora.

Quer em primeiro lugar que o direito de dar Bispos a Portugal seja devoluto á Sede Apostolica; o fundamento que para isso traz he que em hum padroado legitimo[1] sendo dois os que o pertendem, durando o letigio mais de quatro mezes se devolve ao Bispo a provizão do beneficio, e então faz hum argomento de menor a maior, falso porem em tudo, e por tudo, que estando Vossa Magestade em letigio com ElRey Catholico sobre o jus patronatus, e havendo passado annos e não mezes toca a Sua San-

[1] em hum padroado de letigio: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab 5, E. 13, num. 7. em hum padroado litigiozo: Gab. 5, E. 15, num. 22.

tidade o nomear os Bispos, como se o pleito que Vossa Magestade tem tivese alguma couza de comum com o jus patronatus sendo quando menos o pleito sobre Reynos inteiros de que Vossa Magestade está de posse dezaseis annos ha. Alem de que o fundamento he falço os canones nesta parte falão só em padroados ordinarios, exceptuando as cathedraes com o direito rezervado aos Reis.

Originou se esta declaração pelas grandes contendas e letigios que havia entre os padroados de senhores particulares, propuzerão se no Concilio de Trento; erão muitos os que sem titulos as possuião,[1] e se valião de ordinario da força para concervar a posse: ordenou se então, que todos aquelles que não mostrassem titullo dos padroados de que estavão de posse fossem privados delles, exceptuando porem logo o mesmo Concilio o Imperador, os Reis *et regna possidentes*. Presentio o Autor por nossa parte a força deste argumento, e acudindo a defença quer que se haja de entender o *regna possidentes* pela Republica de Veneza que posue o Reyno de Candia; e quando esta fosse a tenção, nesta parte a teve tambem ao cazo em que estamos da Sede Apostolica reconhecer por Reis todos aquelles que estão de posse como mostrei no meu memorial com tantos exemplos, e pudera com muitos mais, mas o Autor passa por elle como se os não ouvera. Isto de estar de posse de Reynos, seja o direito qual for, sempre foi o titulo mais justo para a Sede Apostolica, e ate hoje o não refuzou mais que só a Portugal, nos tempos prezentes, que nos passados dois exemplos fazemos nos mesmos Reis[2] D. Afonço Henrriques, e D. João 1°: pois os textos e canones de então para cá não perderão nada de seu vigor, mas tem hoje em contrapozição outros textos politicos que tem muita força.

He a segunda questão do Autor a seguinte:

An fiat injuria Duci Bragantiæ si ejus præsentationes non admittantur hodie a Sede Apostolica?

Que ao Duque de Bragança se não faz injuria sei que dirá Vossa Magestade, mas muito grande a ElRey de Portugal, e fizerão lha dois Pontifices passados antecessores do prezente, que conhecendo a justiça a hum faltou valor para o executar, e ao outro tempo. Se falo verdade, bem o sabe a Santidade de Alexandre 7°, pois quando Innocencio X° se

[1] que sem titulos os possuião: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] fazemos nós mesmos nos Reys: Gab. 5, E. 15, num. 22.

rezolveu a fazer o que devia á sua conciencia, e havendo já entabolado o negocio adoeceu, e morreu. Os que não sabem isto trazem a Sua Santidade para exemplo o que dois antecessores seus fizerão sem fazerem cazo de tantos outros antigos em contrario; mormente que não podem dizer que Urbano e Innocencio não quizerão reconhecer a Vossa Magestade, antes o dezejarão muito.

Na Congregação que fez a Santidade de Urbano, e em que meteu todos os Cardeaes da facção hespanhola, para maior justificação, não houve nenhum que se atrevese a dizer que Vossa Magestade não fosse reconhecido pelo seu Embaixador, e o Cardeal Gayetano confessando que era hespanhol, e obrigado a ElRey Catholico, provou difuzamente que convinha ao mesmo Rey ser Vossa Magestade admitido. Esta opinião se venceu, contra ella não houve mais que dizer o Cardeal Panfilio que parece que se devião esperar os trez annos de posse. Prevaleceu esta consideração politica á justiça de que ninguem duvidou, e por conveniencia se seguio. Com Innocencio X° passamos o que Vossa Magestade sabe mandando me buscar a França para tratar comigo por meio de Sua Santidade Secretario então de Estado, e de Monsenhor Banhi *(sic)* Nuncio naquella Corte. E não vindo eu então a Roma se aceitou por delegado meu hum religiozo que para isso deputei, que apenas começado a tratar o negocio adoeceu, e com sua morte sessou por então aquela pratica.

Daqui tira a consequencia para se não admitir a prezentação dos Reis de Portugal, porque nunca tiverão direito de prezentar, senão de suplicar, e para isso traz huma quantidade de exemplos, em que os nossos Reis supplicarão, tomando só o principio no anno de 1543, em que governou[1] o senhor Rey D. João 3°, e chegou com estes exemplos ate os primeiros annos de ElRey Catholico D. Felipe 2° provando por autos consistoriaes, que sempre suplicarão, e nunca prezentarão. Mas antes de chegar a isto traz o que confessão as nossas chronicas dos Reis D. Sancho 2° ate D. Deniz: toca por maior as reprehenções que tiverão de Gregorio 9°, Gregorio X° e Nicolau 4°, mas ouvio cantar o galo, e não sabe adonde.

A provizão das cathedraes naquelles tempos era puramente dos Capitullos, aprovavão nas os Reis, e confirmava o Metropolitano; he bem verdade que naquelle tempo deixavão os Reis exercitar maior poder a seus

[1] em que governava: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22

Ministros sobre o Estado Ecleziastico, do que lhes convinha; e foi achaque tão comum este em toda a Hespanha, que contra todos os Reis della havia queixa dos Sumos Pontifices, não porem na materia de Bispados, porque como digo esses se provião na forma sobredita. No arquivo Real da Torre do Tombo achará Vossa Magestade bastantes provas do que digo. Ás mãos me veio huma carta de ElRey D. Affonço 3° escrita em 19 de Maio no anno de 1296 ao Arcebispo de Compostella para que lhe confirmase no Bispado de Lamego em *(sic)* D. Pedro Anes Deão da mesma igreja, a que ajunta estas palavras = *Post eandem electionem requisitus tamquam verus patronus assensum præbui* =. Veja agora o Autor se as censuras com que diz apertou Gregorio X° a este mesmo Rey Affonço 3° era sobre prezentaçoens de Bispados, senão pellas dezordens apontadas, que sesarão todas em tempo de ElRey D. Deniz na concordata feita com a Sede Apostolica. E todo o trabalho poem este Autor em provar duas couzas bem impertinentes, a primeira que os Duques de Bragança não podem prezentar o que lhe temos concedido, e concedemos de plano, e que os *(sic)* Reis de Portugal lhes falta o mesmo direito, e o tem só de suplicar; ponto de que estamos ainda muito longe, e lhe podemos dizer o que disse outro, *et quid eum accusat*. Sua Santidade inda não chegou a pôr em questão esta materia, nem nós a pedir que seja asim, ou asim, e o Autor quer já sentenciar sem saber o que nós pedimos nem o que queremos, nem o que Sua Santidade determina; e asim he tão inutil esta questão, como a reposta que se lhe puderá fazer.

Na terceira questão quer que não havendo direito de prezentar as igrejas do Reyno, e havendo o para as igrejas orientaes e ultramontanas[1] nem humas nem outras possa Vossa Magestade hoje prezentar nem supplicar, para o que traz como costuma cargas de textos, de decizões da Rota, e de Concilios, que examinados fazem mais em favor nosso, que em seu, mas como não he materia de minha profição contento me com referir a Vossa Magestade as suas questões, e alguma couza daquillo que dellas posso entender. Mas por não cansar a Vossa Magestade com lhe referir pelo miudo as duvidas, questões, e relações[2] deste Autor rezumirei a pouco papel tudo o que elle se cançou em muitas folhas, e direi o fim que leva, e o que quer concluir de toda esta escritura, e vem a ser que Sua Santi-

[1] para as igrejas orientaes e ultramarinas: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

[2] as duvidas, questões, e rezoluções: *Idem*, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

dade não reconheça a Vossa Magestade por Rey, que lhe não dê Bispos senão de *motu proprio*, e bem que se não atreveu a declararse lá ensina[1] que devia Vossa Magestade ser deposto do Reyno.

Ao que lhe parece que tem provado o ficar devoluta á Sede Apostolica a provizão dos Bispados, pello litigio que ha entre Vossa Magestade e ElRey Catholico ajunta que dado e não concentido que Vossa Magestade tivese algum direito ao Reyno, tinha cahido delle por huma multidão de sensuras de que diz Vossa Magestade está carregado, e a reduz a cinco cauzas. Primeira porque logo que entrou no Reyno lançou delle ao Nuncio Apostolico. Segunda porque se arrogou a si as rendas das igrejas vagantes; porque inda para o cazo da comua necessidade do Reyno pellas guerras eminentes, não podia fazer sem consentimento do Pontifice. Terceira porque notoriamente avexou inumeraveis ecleziasticos, prendeu alguns Bispos, e outros tirou de suas proprias cadeiras. Quarta porque não obedeceu ás Bullas Apostolicas com que Innocencio X° de motu proprio elegeu trez Bispos. Quinta porque de sua propria authoridade violou o juramento de fidelidade feito a ElRey Catholico, e o despujou do Reyno. A estes cinco pontos direi a Vossa Magestade o que com minhas poucas letras hei de responder ao Papa, se dandome audiencia me tocar em todos, ou em algum delles, porque não depende a resposta de textos, nem legalidades, que como a verdade he toda de huma cor, quanto mais nua vai de rezoens tanto melhor se prova. Renegue Vossa Magestade quando ellas trazem muitos textos para se defender, bem o temos visto em todos quantos escreverão contra o direito de Vossa Magestade; huns trouxerão as duvidas por resoluções, e com seus mesmos textos os convencemos, outros os trocem de maneira que lhe não deixão similhança. E como nem todos os que lem se canção em ir buscar as allegações, quem nos asigura de que não sejão falsas a maior parte dellas? e não ha texto a que se não ache outro em contrario; e nessa Corte costumava dizer hum grande advogado, que nella houve, que só para a morte não havia embargos. E emfim Senhor a malicia dos homens foi a que fez as leis, ou pello menos a que abrio caminho para que ellas se fizessem, e asim como a malicia foi crecendo, forão ellas crecendo.

A primeira cauza que este Autor dá para a excomunhão em que te-

[1] a declararse lá insinua: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab, 5, E. 15, num. 22.

nho por sem duvida que aqui se me falle responderei com o facto. Algum tempo antes da felice aclamação de Vossa Magestade se moveu huma duvida já de muito tempo antes controvertida entre os Ministros eclezias-ticos e seculares sobre o direito de algumas capelas que pertendião estes fosem contra as leis do Reyno, e aquelles pertendião sustentallas como legados deixados a conventos. Alvitre foi que se deu a ElRey Catholico por algum Ministro bem que portuguez, hum daquelles que acomodandose aos tempos que corrião tratavão mais do que podia aquella Magestade em ordem a ter mais que dar a elle e aos seus do que por ventura pedia a necessidade. Foi se apertando o ponto, opondo se a elle Monsegnor Castracani Colleitor então nesse Reyno, não Nuncio como lhe chama o Autor, porque os não houve com este titullo depois que faltarão os Reis delle, mas com poderes de Nuncio porem. A teima de huns, e o zello daquelle Perlado em quem concorrião partes não ordinarias de virtude e probidade de vida forão crescendo de maneira que com as ordens que vierão de Madrid o puzerão de cerco tirando lhe o sustento, para o que cercavão a sua caza guardas continuas, chegando o pobre Perlado a estado, que ate agoa para beber lhe faltou, e confessava elle mesmo que hum dia o apertara a sede de maneira, que o obrigara a beber hum frasco de agoa rozada. No meio deste aperto vendo huma sésta descuidadas as guardas para huma parte donde só tinha janelas que não erão muito altas, se lançou de huma abaixo, e só e descomposto se foi recolher no convento de S. Francisco pouco distante da sua vivenda; advertidas as justiças que o goardavão derão avizo; a Princeza de Mantua, que então governava, mandou cercar o convento, e ás justiças maiores que entrasem dentro e forçasem as portas se lhas defendesem, como fizerão, e entrarão; e erão as ordens tão apertadas e tão fora do estillo que devião, que chegarão a por as mãos violentas em hum Colleitor Apostolico pegando delle com toda a indecencia que se pode conciderar, e que a pena se corre de dizer, e o tirarão fora do convento, e como a hum malfeitor, atravesarão com elle prezo toda a cidade, o embarcarão, e passarão a outra banda do Tejo, e com a mesma violencia o puzerão fora dos lemites do Reyno, a que deixou entredito, havendo nomeado por seu Vice Coleitor a Battalini Auditor da Legacia.

Este tal foi o que Vossa Magestade achou nessa Corte exercitando as funçoens de Coleitor, em que continuou por espaço de seis annos, e continuara ate hoje a serem outros os seus procedimentos, mas forão elles

taes, que em tudo, e por tudo só a paciencia de Vossa Magestade pode contemporizar com elle tanto tempo, quando merecera que aos primeiros seis mezes o lançara Vossa Magestade do Reyno. Deixo as suas sem razões, ou sem justiças por dizer melhor, uzadas com os ecleziasticos seculares e regulares a que se estendia a sua jurisdição, o deixarse corromper de todos, o achar justiça aos que mais lhe davão, que por tudo isso se passara se não chegara a tanto, como ate meter as mãos no sagrado da Pessoa Real, acudindo a sua caza todos os descontentes, correndo por ella e por ellas *(sic)* tratos e avizos perniciozos que se tinhão com os inimigos, de que advertido Vossa Magestade por muitas vezes, e não tendo accesso ao Pontifice escolheu para remedio de tudo, que elle Battalini viesse afirmar a Sua Santidade as necessidades do Reyno; mas porque o darselhe noticia antecedente era perigozo naquelle tempo o chamou Vossa Magestade huma noute e lhe propoz o que tinha determinado, e lhe pedio com toda a cortezia, que se devia a hum Ministro Apostolico, aceitasse aquella comissão para o que lhe tinha prestes um baixel em que se foi embarcar, no qual achou roupa e matalotagem com tanta abundancia huma couza e outra que pudera fazer huma viagem mnito mais comprida. Ordenou Vossa Magestade que a sua caza se concervase intata, e com as mesmas immunidades que antes, deixando correr os Ministros que ficarão com a mesma jurisdição que tinhão.

Chegou Battalini a Roma, justificou a Santidade de Innocencio pellas informaçoens que tinha, e Vossa Magestade lhe não mandou todo o procedimento de Vossa Magestade, pois o mandou meter na Torre Saveli[1] adonde esteve com aperto grande athe huma doença que teve de que morreu, tendo por certo toda esta Corte que a morte seria outra bem differente se Deos a não prevenira. Veja agora o autor do papel, ou outro se o ha mais escrupulozo que elle, qual dos Reis he o escomungado se o Catholico, que com instruções de violencia maltratou, desautorizou, prendeu e poz fora do Reyno hum Coleitor Apostolico, ou o de Portugal que com modestia e cortezia mandou informar a Sua Santidade por hum Ministro delegado daquelle; e o Autor já que falla, falle melhor informado, e não como hum papagaio que lhe ensinão o que ha de dizer, pois contra a verdade ouza a dizer que Vossa Magestade tanto que entrou no Reyno

[1] lhe não mandou todo o procedimento, mandando o Sua Santidade meter na Torre Senali: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

lançou logo delle o Nuncio Apostolico, e isto escrito em Roma donde ate os mininos sabem como a couza passou.

Tão facil resposta tem a segunda cauza como a primeira, e de mais que será com menos palavras, mas com a verdade do facto. Vossa Magestade achou providas a maior parte das igrejas do Reyno, e as mais rendosas delle, como as trez archiepiscopaes, Coimbra, Lamego, Leiria, Algarve, e das menos rendozas Elvas, e tão longe esteve Vossa Magestade de se querer aproveitar das rendas das vagantes, que o primeiro Embaixador que nomeou foi D. Miguel de Portugal Bispo de Lamego para Roma, e se como não foi admetido da Santidade de Urbano o fora, porvidas as poucas igrejas que estavão vagas, nem ellas estiverão hoje sem Pastores, nem o Autor pudera dizer que Vossa Magestade se arrogara as rendas dellas; e ja pode ser que houvera sido milhor o sucesso, se Vossa Magestade, fazendo o que o Autor diz, não mandara Embaixador a Roma, que he certo que se entrando Vossa Magestade no Reyno fora hum Rey de conciencia tão larga, que para os prigos eminentes de huma guerra tão vezinha com um Monarca tão poderozo se começara a aproveitar desde logo das rendas vagas, e das que fossem vagando, sem recurso algum á Sede Apostolica, e de facto quizese que não houvese Bispos por ter mais com que acudir ás necesidades urgentes, e ao mesmo fim, por poupar cincoenta ou sessenta mil escudos que cada anno despendia hum Embaixador seu nesta Corte, e se deixase estar como se tal Corte não houvese no mundo para elle, quem duvida que acudirião os Pontifices a obrigar a Vossa Magestade a que o reconhecesem, e a que provesem *(sic)* de Bispos as igrejas até se chegarem a valer das censuras bem mais justas então, que aquellas em que o Autor quer que Vossa Magestade haja incorrido. Fello Vossa Magestade tanto pello contrario, que nomeou logo Embaixador para Roma, e logo pedio que se lhe provesem as igrejas, o que não bastando, o Estado Ecleziastico mandou hum Agente seu a esta Corte com o mesmo requerimento, e tendo o mesmo sucesso mandarão outro os Trez Estados do Reyno, e huns e outros voltarão sem concluzão alguma, nem ainda com huma pequena esperança de que podessem os rogos e as lagrimas de tantos ser de algum pequeno effeito. Passados annos, crescendo as necessidades, por via de emprestimo pedio Vossa Magestade aos cabidos lhe acudissem com parte das igrejas,[1] com segurança de re-

[1] com parte das rendas das igrejas: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

stituir aos que fossem providos nelas, como se fará tanto que o forem. Mas ate isto cessou já, e estão os cabidos hoje tão atentos á conservação das rendas vagas, que aos mesmos nomeados nas igrejas pedindo o Vossa Magestade e oferecendo elles boas cauções lhes não querem assistir em couza alguma, se bem nos principios o fizerão. Pergunto agora ao theologo Autor deste papel, em que encarregou Vossa Magestade a conciencia pedindo o dinheiro nesta forma, e estando prestes para o restituir, e não tendo accesso ao Pontifice, ou se por ventura quando o tivesse se lhe era necessario licença sua para pedir emprestado a seus vassallos.

Na terceira quer que vexase Vossa Magestade inumeraveis ecleziasticos, prendese alguns Bispos, e tirasse outros de suas cadeiras: a informação que para isto lhe derão tem a mesma verdade que as outras, mas quando lho quizeramos conceder satisfizeramos por huma questão bem facil, qual he se as leis ecleziasticas podem destruir o direito natural, claro está que não, porque se hum ecleziastico me quer matar, não tendo eu outro modo para defender me que matando o, não ha ley nenhuma que me condene. Pois se isto passa de hum particular para outro, não sei donde achou este theologo que se excomungase Vossa Magestade por asigurar sua pessoa, contra a qual se maquinava, e por asigurar seus Reynos da invasão do inimigo. O innumeravel numero de ecleziasticos que diz que Vossa Magestade vexou, se reduz a cinco ou a seis frades, e os Bispos que prendeu a trez, o Arcebispo de Braga, o Bispo Inquizidor Geral, e outro *in partibus* titular de Martiria. Folgara que o Autor me mostrara alguma ley que impedira aos Reis não se asegurarem de seus vassalos rebeldes pella via que lhe seja licita, e não sendo esta puramente prizão, senão pol os em custodia até que houvese recurso a Sede Apostolica, adonde se havião de remeter suas pessoas, e suas culpas, para que Sua Santidade os mandase sentenciar conforme ao merecimento dellas. Este recurso não chegou não porem por falta[1] de Vossa Magestade. Morreu o Arcebispo de Braga, morreu o Bispo de Martiria, e ao Bispo Inquizidor Geral que sobreviveu aos outros tal foi a piedade de Vossa Magestade que o restituio aos lugares que tinha, que gozou ainda alguns annos, e o mesmo fizera áquelles, se a morte o não atalhara.[2] Os ecleziasticos prezos e desterrados, dos que viverão huns estão já em suas cazas ha muito

[1] não chegou a por-se em practica não por falta: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

[2] se a morte não atalhara este effeito de benignidade: *Idem.*

tempo, e os outros o estão tambem aptos e capazes para todas as honras e beneficios que couberem em suas pessoas, que não costuma Vossa Magestade fazer as graças de meias, senão livres e inteiras todas.

Livre e bem livre accesso tinha a Sede Apostolica Henrique 3° Rey de França e comtudo sem recorrer a ella matou o Cardeal de Guiza, prendeu ao de Borbon, e ao Arcebispo de Leão. Fulminou contra elle censuras a Santidade de Xisto 5°, para que ficasse declarado por haver incorrido nellas se dentro de sesenta dias não pedisse absolvição, e se sugeitase a penitencia pela morte do Cardeal de Guiza, e não puzese logo em liberdade ao de Borbon, e Arcebispo de Leão. Chegou a nova a ElRey estando sobre Pariz, e já com ElRey de Navarra depois Henrique 4° de França, afligio se ElRey, e disse: que seja possivel que a mim por me querer segurar d aqueles que me querem tirar a vida[1] e o Reyno ha de haver excomunhões, que não houvese[2] para os que saquearão Roma, prenderão o Pontifice e Cardeal.[3] Respondeu ElRey de Navarra: Sire, convem fazer diferença de tempos a tempos, aquelles estavão vencedores, por isso não houve excomunhoens para elles, vencei vós que logo sereis absoluto, mas se fordes vencido excomungados morreremos todos e ainda ereges. Se Vossa Magestade se aconcelhara com a politica do mundo, e não com a da conciencia christaã, e os thezouros e armas que Vossa Magestade empenhou em lançar a erezia das suas conquistas, donde havião entrado em tempo de Castella, as voltara contra Hespanha em tempo que tão apertada estava por todas as partes, pode ser que as couzas estarião hoje em outro estado. Vossa Magestade procurou com acções tão gloriozas o favor de Deos, e da Sede Apostolica, alcançou aquelle por mizericordia[4] como todo o mundo vê, e não ainda[5] este, se bem se não pode duvidar d elle havendo de ser distribuido pelas mãos de hum Pontifice santo e pio, a quem o braço de Deos assentou na cadeira de S. Pedro, como a Vossa Magestade na de seus antepassados.

Na quarta diz que não obedeceu Vossa Magestade ás Bulas de Innocencio X°, passadas em favor de D. Pedro de Lencastre, D. Pedro de Menezes, e Manoel de Saldanha preconizados em Consistorio de motu pro-

[1] que me querião tirar a vida: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] que não houve: *Idem.*
[3] o Pontifice e Cardeaes?: *Idem.*
[4] por mizericordia sua: *Idem, e* Gab. 5, E. 15, num. 22.
[5] e não alcança ainda: Gab. 5, E. 13, num. 7.

prio nos bispados da Guarda, Miranda e Lamego. Que mal informado está este Autor! O Papa fez esta nomeação parecendo lhe que desta maneira satisfazia a Vossa Magestade e a ElRey Catholico, e offendeu a ambos; a Vossa Magestade porque creo a quem falsamente o persuadio que Vossa Magestade se contentaria, e a ElRey Catholico porque inda naquelles principios teve por dura esta nomeação. Folgara que me disera o Autor quem tirou a estas Bulas; não sabe que se não tirarão nunca? Os nomeados erão os que as havião de tirar, se o fizerão não sabe que sendo sem o consentimento de Vossa Magestade encorrerião no crime da Magestade Leza, e que como a taes os desnaturalizaria e lançaria de seus Reynos, como a todos os mais que o intentassem? Não sabe que os Reis não são mais que uzufructuarios dos Reynos, e que são obrigados a mantell os com todas as prerogativas, e liberdades com que os povos os fizerão senhores delles, e que he este o primeiro juramento que fazem?

Lea Zorita nos Annaes de Aragão, Mariana na Historia de Hespanha, e Antonio de Nebrixa na mesma, e achará que ElRey D. João de Aragão ao Cardeal Auzias Despuch *(sic)* nomeado pello Papa Xixto 4° no Arcebispado de Saragoça, por não haver precedido a sua nomeação, sequestrou os bens do Cardeal, maltratou seus parentes, e obrigou a renunciar, e a igreja se deu depois a seu neto D. Afonço. As mesmas diferenças teve o mesmo Rey com hum nomeado em Curia no Bispado de Taragona a quem mandou que renunciasse, ameaçando o que a elle e a seus parentes lançaria de seu Reyno. Seu filho ElRey D. Fernando se opoz a provizão do Bispado de Cuenca feita na pesoa de Rafael Galeoto parente do Papa, e enfadado ElRey de que se desse a estrangeiro, e sem nomeação sua, mandou sahir de Roma a todos os hespanhoes rezoluto a pedir sobre isso hum Concilio, e mandando lhe o Papa hum Embaixador, e estando já dentro de Hespanha, lhe mandou notificar que se tornase, queixando se de que o Papa o não tratava como merecia filho tão obediente da Igreja, e se espantou de que o Embaixador espantasse aquella comição;[1] mas elle com brandura respondeu que renunciava os privilegios de Embaixador, e se sugeitava ao juizo de ElRey, o que obrou tanto, juntos os bons officios do Cardeal de Hespanha, que foi admitido, e se compuzerão as diferenças. Estes são os termos que se devem uzar com os Reis;

[1] de que o Embaixador apresentasse aquella comissão: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

materias de jurisdições são tão achacozas, que o mesmo Christo nos deixou o exemplo para havermos de puxar por ellas: calava ás perguntas que lhe fazia Pilatos, mas tanto que elle lhe disse que tinha poder para o crucificar, e para o livrar, acudio logo Christo dizendo lhe que nenhum poder teria se do Ceo se lhe não houvese dado. Corra se hum theologo de que hum leigo o convença com o Evangelho; mas dizia o Imperador Maximiano[1] que nunca podera fazer couza com mais razão, ou sem ella, que não achase theologos que lha aprovassem, de donde, e de outras *exiit in proverbium* consciencia de theologo; tal he o seculo em que vivemos, pois quando todos estavão obrigados a clamar, e a gritar ao Papa pello dezamparo de vinte e nove viuvas, e de tantos milhares de pupillos, que tantas são as igrejas que estão sem Pastores no Reyno, e conquistas de Portugal, e innumeraveis almas que por ventura se perdem pella falta d elles, nesse mesmo tempo estão gritando ao Papa que de todo as dezempare, até o chegarem a ameaçar com os escandalos que podem sobrevir da indignação de ElRey Catholico.

Ó mizeraveis tempos! ó mizeraveis theologos! não sabem que o mesmo Christo disse que he necessario que haja escandalos, e que ajunta logo *(sic) væ autem homini illi per quem scandalum veniret.*[2] Mas vejamos hum pouco que escandalos são estes, quem os faz, e quem he o escandelizado. O escandalo virá por hum acto de justiça, e querem estes senhores que o dê Sua Santidade reconhecendo a Vossa Magestade por Rey de Portugal e que o escandelizado seja ElRey Catholico. Perguntara eu qual he maior escandalo, se o imaginario que se teme, se o positivo que já se padese? o imaginario será se o for ainda de ElRey Catholico, e pode ser que seja só de alguns Ministros seus, e não de seus Reynos, e o positivo que já se padese não he de toda a christandade, não he de todos os mesmos hereges que com isto calificão as erradas opinioens que tem contra os Pontifices, vendo passar a Santidade de Urbano quatro annos, a de Innocencio dez, como que se lhes não tocase o apascentar tantas ovelhas que se desgarrão, e dão as mãos ao lobo, quando Christo verdadeiro Pastor por salvar huma só deixou a risco noventa e nove? Que da Santidade de Alexandre 7° inda nem elles, nem nós temos razão de nos queixar; inda não comprio os dois annos de Pontificado, inda eu não compri o anno de estar em Roma,

[1] o Imperador Maximiliano: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] *væ autem hominem illum per quem scandalum venit:* Gab. 5, E. 13, num. 7.

e neste pouco tempo sobrevierão os embaraços do contagio, temido com a vezinhança de Napoles, experimentado por alguns cazos sucedidos em Roma, que só a vigilancia de tal Pastor, não perdoando a gastos, sendo excessivos os que cutidianamente faz nos lazaretos que instituio, nos bairros inteiros que fechou, acudindo a toda esta gente com o sustento necessario, e só o cuidado e o trabalho com que alguns Eminentissimos Cardeaes, e outros Perlados que asistem continuamente em huma congregação elegida só a esse fim poderão haver impedido os progreços do mal porque apenas bortava[1] quando logo o atalhão.

Este cuidado Senhor, traz tão divertido a Sua Santidade, que ate os proprios lhe esquecem; vemos que trouxe seu irmão e sobrinhos a esta Corte, e que havendo feito ordenar sacerdote o mais velho para o promover á dignidade Cardinalicia, são passados mezes, e athe para este lhe falta animo, achando que estando todas as cazas de Roma com tristeza pelos temores, não ser conveniente que só a sua seja a alegre. Muitos cuidarão que antes da vinda do irmão e sobrinhos fizese acto de reconhecimento de Vossa Magestade, para que achando o feito não pudesse em nenhum tempo ElRey Catholico sentir se delles, como delle. Mas hum Alexandre olha mais a razão que as razoens politicas; em reconhecer a Vossa Magestade faz o que deve; pouco importa a hum animo grande como o seu que quem se houver de queixar delle se queixe dos seus: se ate agora tem tardado, foi por ver se podia dezatar o nó; quando não possa, para isso como tem as chaves de S. Pedro para abrir as portas do Céo, tem a espada de S. Paulo para cortar o nó, que não ha de ter menos poder hum Alexandre cabeça da Igreja univerçal que outro Alexandre gentio que o quiz ser do mundo.

Ao escandalo se segue o resentimento que se imagina em ElRey Catholico, como se dissera com este titullo querer preverter os danos que passão em Portugal, e suas conquistas, com outro maior que seria o que de caprixo proprio fantastiqueam os seus escritores. Isto de saquear Roma, não he para todos, nem para todos os tempos, nem estão suas armas tão folgadas, que dado, e nunca concentido que as quizese voltar contra a Igreja, não achase em opozição sua as de Italia, França e Portugal; e passar daqui vem a dar em que fará sahir os hespanhoes de Roma, e lhe

[1] porque apenas brota: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

tirará a Dataria. Não se pode dar cazo que isto possa executar, nem ainda imaginar hum Monarca tão pio, como Felipe 4°; mas quando se desse, seria boa razão para hum Pontifice que exercita as vezes de Deos na terra, que por conciderações temporaes, e tão temporaes que parão só no interese, se esquesesse das espirituaes?[1] Não sabe Sua Santidade muito bem, e não sabe este Autor o que diz o Evangelho *Quid prodest homini* etc. *(sic)*, e em outra parte *Ne terreamini ab his qui occidunt corpus, et post hæc non habent amplius quid faciant; ostendam autem vobis quem timeatis: timete eum qui postquam occiderit habet potestatem mittere in gehennam. Ita dico vobis hunc timete.*

Mas ponhamos a couza em razão, e digo que os resentimentos de ElRey Catholico estão ainda em ideia, as necessidades de Portugal em realidade; pergunto a qual destas está[2] obrigado a acodir o Papa; aquellas estão por vir,[3] e quando venhão não he a culpa de Sua Santidade, mas se olha se Portugal se perder pello haverem dezemparado. Pouca theologia meu Padre he necessaria para rezolver este argomento, dizei o que entendeis por satisfazer a vossa consciencia, e aos preceitos de Deos, e não vades contra ella, e contra elles por satisfazer os homens.

Na quinta e ultima finalmente cuida o Autor que tem dado comnosco nas profundezas em que diz que Vossa Magestade cahio por haver violado o juramento de fidelidade feito á Magestade Catholica, e prova muito bem o que he o prejurio, mas não que Vossa Magestade he prejuro, com a mesma carga de authoridades que costuma, e em muitas paginas; eu responderei em poucas sem me valer de nenhuma das razões com que tão doutamente tem provado o contrario os doutores Pantalião Rodrigues, hoje Bispo de Elvas, e Velasco, e emfim todas as escrituras e manifestos que naquelles primeiros tempos sahirão a luz. Trez razões e muito materiaes darei a Sua Santidade se me tocar este ponto. A primeira que se Vossa Magestade incorreu em censuras por haver violado o juramento, incorrerão nas mesmas todos os Tres Estados do Reyno que nas primeiras cortes reconhecerão e jurarão a Vossa Magestade por Rey, e esta concluzão parese que se não pode negar, porque sendo certa a maior, a

[1] e tão temporaes, que se esquecesse das espirituaes?: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

[2] a qual destas duas coisas está: *Idem*.
a qual destas duas está: Gab. 5, E. 15, num. 22.

[3] aquelles estão por vir: *Idem*.

menor não padese duvida. Ora estando os naturaes do Reyno todos excomungados, como pode Innocencio X° nomear para Bispos trez sujeitos que o estão[1], muito bom seria dar se que podia haver Bispos ligados de sensuras Apostolicas, e que hum Rey o não pudese ser. Aquella Santidade não os mandou absolver, nem absolveu, logo não havia necesidade e ex consequenti muito menos para o Rey. E se me responderem que os povos não poderão menos que jurar pellos riscos a que se punhão, quantos maiores se devem conciderar na pessoa de Vossa Magestade, se recuzase a jurar Felipe 3° e ao Principe seu filho hoje Felipe 4° estando ambos nesse Reyno temidos já que não fossem amados.

A segunda, ao Cardeal de Rets, coadjutor e futuro successor do Arcebispado de Pariz, prendeu ElRey Christianissimo no castello de Vnicenes, *(sic)* morreu pouco depois o Arcebispo, e pouco satisfeita aquella Magestade dos procedimentos do Cardeal, procurou com elle que se contentase com maiores rendas que as daquella igreja, e outros partidos muito consideraveis. Refuzou o Cardeal os primeiros tempos, ate que ultimamente mostrou que queria condescender com a vontade do Rey; deu palavra e deu escrito de que renunciaria, ou que em efeito renunciava.[2] Presentindo a Corte a dificuldade de que poderia reclamar a renunciação como feita em não sua inteira liberdade, passarão no ao castello de Nantes, entregue ao Duque Marichal de la Millaray, como amigo seu, para o ter mais em custodia que em prizão; foi ella tão leve que passeava livremente o castello, recebia vezitas, fallava com todos aquelles que o vião, e o buscavão, que era toda a nobreza daquella cidade, precedeu comtudo dar sua palavra ao Marichal afirmada com juramento que não intentaria novidade alguma antes de lhe ir confirmada por Roma a renunciação. Teve neste tempo occazião de poder escapar do castello, passou a Hespanha, e dahi a esta Corte, reclamou a renuncia, e Sua Santidade não só teve por justificada a acção, mas a confirmou com o Pallio Archiepiscopal, sem fazer cazo dos recentimentos de França, nem foi julgado por infiel, nem por prejuro, podendo ser huma couza e outra.

A terceira, quem pode negar que seja prejuro o Princepe de Condé como vassalo de ElRey de França a quem jurou fidelidade, e sem pertenção nenhuma justa á coroa, tendo diante de si hum Rey de quinze annos,

[1] que o estavão: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] e deu escrito de que renunciava, e com effeito o fez: Gab. 5, E. 13, num. 7.

hum Duque de Anjou de poucos menos, hum Duque de Orleans tio de ambos com hum filho já nascido, e com mulher em idade de ter outros, e esquecido das leis naturaes se rebellou contra seu Rey, tomou armas contra elle, e não lhe bastando as que tinha se passou a servir o inimigo, em cujos exercitos milita, e he general; e este tal tem hum Rezidente nesta Corte com audiencias de Sua Santidade quando as quer, e não nos consta que Sua Santidade haja absoluto ao Princepe do juramento de fidelidade, com que he certo que nem o tem por prejuro, nem por escomungado, e seria bem galante couza que as leis ecleziasticas, os canones, e os concilios se não fizessem mais que contra Vossa Magestade, e só contra elle *(sic)* se houvesem de executar, e contra nenhum outro. *Oh bone Deus* que theologias são as deste tempo; mas muitas graças a sua Divina Magestade, que nos deu theologos mais escrupulozos, soldados valentes, capitaens experimentados, livres as conquistas, as alfandegas cheias, os erarios com bom cabedal, e emquanto Vossa Magestade asim se conservar ria se bem das opiniões de theologos mercenarios.

Todas estas razões tem Vossa Magestade por si: as raras virtudes de Sua Santidade, o zello e piedade dos Reis seus antecessores, mas contra ellas se opoem a malicia e corrupção dos tempos. Muitos que ajuizão sobre verem passados desaseis annos sem se fazer brecha na dureza de Roma, tem que assi passarão outros desaseis, e que Vossa Magestade he demaziadamente escrupulozo; confirmão esta opinião, vendo que em dez mezes de assistencia de Roma não tive mais que huma audiencia de Sua Santidade, fazendo muitas diligencias por outra, e ouvindo a frivola razão que diz o Cardeal Orsino que ouvira da boca de Sua Santidade, que tinha eu muitos criados, a minha caza bem concertada, a familia luzida, e que não dizia isto com homem particular, titulo com que entrara em Roma. O titulo eu o tomei contra as ordens de Vossa Magestade, parecendo me que asim facilitaria mais seu Real serviço; mas vindo de Embaixador de França em predicamento de o haver de ser em Roma, não sei como estes senhores podião querer que eu viesse, porque sempre vi que para as embaixadas se acrecentavão as familias, e muito mais para as de Roma; arto fiz em trazer a esta a mesma que tinha em França; de menos tenho muito, porque tenho gastado muito, e de mais tenho só o ser estrapassado dos Ministros que em obzequio de Castella querem persuadir ao Papa, que andar eu auctorizado deve impedir as suas audiencias por não dar ciumes a ElRey Catholico, ou aos Ministros que aqui tem; como

se quando tive a primeira tivera menos familia, e não fora a mesma que de prezente tenho. Comtudo Senhor toda Roma está satisfeita de meus procedimentos, de minha modestia, de minha cortezia, e só me querem persuadir alguns que Sua Santidade os não aprova; com que de duas huma, ou que isto he falço, ou he falço que seja vox de Deos a vox do povo, porque se não pode dar que descontente eu a quem exercita as vezes de Deos na terra, e que contente ao seu povo.

Bem sei tambem, que quatro padres da Companhia que daqui forão hião com animo de prégar nesse Reyno huma doutrina tão erronea, como a de quererem persuadir a Vossa Magestade que gastava tempo e dinheiro inutilmente em Roma, emquanto ElRey Catholico não quizese assentir a seu reconhecimento, e que ha hoje aqui religiozos que escrevem o mesmo, ofendidos até os que querião parecer bons pelo que contra os maos disse no meu papel: para provarem melhor o intento dizem que eu com o gosto de estar em Roma hei de entreter a Vossa Magestade sempre com boas esperanças, e que no fim virão a ser como as passadas. Que possa a suceder não asigurarei eu do contrario, se olhar para Napoles, Milão e Cizilia, poder formidavel para todos os Princepes de Italia. As politicas bem confesso que todas estão contra Vossa Magestade, e que por sua parte não tem mais que a conciencia do Pontifice; se esta não destruir aquellas, e as paixões e temores de homem puderem mais que as obrigações de pai commum e Pastor universal dos fieis, pouco terá Vossa Magestade que esperar. Eu não hei de dar a Vossa Magestade voto decizivo na materia, sobrepuja ella muito a minha capacidade, huma couza direi só, porque a tenho por infalivel, e he: Que Sua Santidade quando propoz em consistorio o trazer a Roma seu irmão e sobrinhos começou a oração que nelle fez com estas palavras que forão as primeiras della: *Anno jam elapso* etc. *(sic)* parece que por dois sinaes se deve Vossa Magestade governar, o primeiro fazendo a promoção de seu sobrinho sem[1] preceder ou seguir logo o reconhecimento de Vossa Magestade, que nos não fica para donde apellar mais que para o comprimento do segundo anno por nos não terem por ligeiros, e se em nenhumas destas ocazioens Sua Santidade tratar de nós, tenha o Vossa Magestade por sinal certo e infalivel de que lhe não fica que esperar deste Pontificado. Vossa Magestade não

[1] de seo sobrinho, e a segunda *(sic)* comprindo o segundo anno: pela primeira *(sic)* me governara eu, porque tenho para mim que promovendo seo sobrinho sem: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

deixou de o temer asim que bem que me mandou passar a Roma, fundando suas esperanças na assumpção de hum Pontifice que trazia a morte tanto diente dos olhos, que foi huma das primeiras acçoens suas, ou a primeira, tratar logo dos preparativos para ella, por que lhe não faltasem, como a seu antecessor, ajuntou tambem nas instruções que me mandou, que o fazia por se dezenganar desta vez com Roma, e por que lhe não pudesem nunca imputar que de sua parte faltara ao obzequio e á reverencia que se deve a cadeira de S. Pedro e a de seus sucessores.

No que Vossa Magestade ha de fazer depois de dezenganado, não me atrevo eu a votar, que estou em Roma; Vossa Magestade tem Ministros de mais saber que eu, os seus Reynos theologos que sabem tanto como os de Roma, e tem melhor consciencia que estes escritores modernos. Com elles, e com todos os que não forem venaes e interesados se aconcelhe Vossa Magestade muito maduramente com hum animo disposto para executar o que elles propuzerem e não haver de tornar atraz suceda o que suceder; mas eu confio na mizericordia de Deos, e na piedade do seu Vigario que dentro de muito poucos dias ha Vossa Magestade de render muito as graças a hum e outro. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Setembro 18

Senhor[2]—Por outras duas vias tenho avizado a Vossa Magestade como o senhor de Lione era mandado pelo Cardeal Mazarino a Baiona para o tratado da paz, que os castelhanos dão aqui por tão feita que o que mais alarga a concluzão della he por todo este anno; mas o que me dizem aqui o Cardeal Bichi, o Rezidente de França e hum padre da Companhia frances muito confidente de Mazarino, que *(sic)* Lione fora ali a

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag 228, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. supracitados.*

[2] Em 18 de Setembro. Por França a Lamego.

tratar com hum gentilhomem mandado por D. Luis de Haro para que communicadas as despuziçoens se tratasse de nomear o lugar e Ministro para o congreço. Os francezes inimigos do Cardeal publicão que foi isto huma ficção sua por amuzar[1] a assemblea dos Bispos que continua em Pariz, que junta com os povos grita pella pax. Os hespanhoes comtudo se asegurão não só que se fará, mas que está feita; a que se fará me inclino muito, que bem que Mazarino a não dezeje, e trabalhe pela impedir não sei, no estado em que estão as couzas, se o poderá alcançar. O Padre frei Domingos do Rozario deixou aquella rezidencia em ruim conjectura, e mais não[2] levando couza que o assegurase, como de França se me escreve, que he o que me faz cuidar que a pax leva caminho, e que por ventura o obrigarão a que fosse, para que não houvesse ali quem falase por nós. Eu escrevo a Duarte Rodrigues Lamego sobrinho de Duarte Nunes da Costa, que he o correspondente que ali tenho, e cujas novas são boas, porque he homem muito noticiozo e de juizo, que avize, e vá avizando ao Secretario Pedro Vieira da Silva do que ali achar, e for achando nesta materia, porque daqui ate agora se não pode fazer, porquanto ainda o Papa não he convidado para ella, e não falta quem diga que o primeiro artigo que levou Lione foi que Sua Santidade havia de ser excluido do tratado; mas nem parece proposição para se pedir, nem parece crivel que couza tão grande se possa efeituar sem medianeiro. A verdade he que o Papa ate agora tem obrigado pouco a Castella, e desobrigado muito a França, e huma e outra se queixa. De França sei eu que tem razão a respeito do Cardeal de Rets, mas espero que a queixa se componha, ou que o está já, e se tem por sem duvida que virá Embaixador, e que será o Balio Valancé[3] meu grande amigo; assim o escreve aqui o Cardeal ao padre da Companhia em que asima fallo. Será hum grande meio para o serviço de Vossa Magestade, porque haverá quem fale nelle, e não contra elle, como até agora lhe tem sucedido.

O negocio, Senhor, chegou aos termos que tenho dito a Vossa Magestade: o ser eu admitido, e as igrejas providas foi couza que se esperou de hum dia para outro logo que viesse o Papa de Castel candolfo, *(sic)*

[1] para annular: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] em ruim conjunctura, mas não: *Idem.*
em ruim conjuntura, e mais não: Gab. 5, E. 15, num. 22.
[3] o Balio de Valença: Gab. 5, E. 13, num. 7.
o Balio Valense: Gab. 5, E. 15, num. 22.

mas recolheu se inda alguns dias antes do que havia de ser pelos receios da peste de Napoles, e pellos cazos que começarão a haver em Roma, que fez com que se não tratasse até hoje de outro qualquer negocio; mas nem isto bastára se outros impedimentos maiores se não houvessem atravessado. Para informar delles a Vossa Magestade ha muitos dias que ando trabalhando por lançar daqui huma pessoa, porque por cartas não se pode dizer tudo, nem ha cifra segura, nem seguridade em parte nenhuma para massos grandes, que em todas se abrem como Vossa Magestade haverá visto por huns que remeti por Holanda que forão abertos em Veneza. Todo o Estado da Igreja está banido, e todo elle tem banido Roma,[1] de sorte que não he hum homem senhor de sahir duas legoas fora, porque em qualquer lugar que quizer entrar ameação com arcabuzear, e esta he a razão por que ate agora não tem partido, determinando eu de o lançar por terra. O caminho do mar não tem menos dificuldade. Mil e quinhentas patacas dava a hum navio que estava em Liorne o doutor Antonio Lopes Arroio para que o viesse tomar aqui á boca do rio, e não houve remedio, depois de haver intentado o ir se embarcar nelle quando estivese já fora daquelle porto, por mais valias que se meterão ao Gran Duque, respondeu que não podia concentir porque seria faltar a fé publica se se dese ao navio patente de ir de terra sem suspeita levando homens de outra donde a havia. Comtudo inculcarão me uma barca de Civita Vecchia donde tenho mandado fazer deligencia para que venha a boca deste rio, e delle passar a hum porto de França, inda que seja com risco de fazer ali quarentena pelo muito que importa ao bem dos negocios que seja Vossa Magestade plenariamente informado de tudo o que passa para lhe dar o remedio, que será o total,[2] e não muito dificultozo. A dilação não deve causar pena a Vossa Magestade, porque inda quando bem me houvera mandado, ou mandara limitação de tempo, era impossivel executalo pela impossibilidade de sahir daqui, que só poderia ser se com a ordem me viesse hum navio expreço desse Reyno a buscar me.

E comtudo isto está, se havemos de crer aos bons que não está *(sic)* o negocio tão desesperado, que não possamos cuidar que a alteração que

[1] está bandido, e todo elle tem bandido Roma: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] que será outro: Gab. 5, E. 13, num. 7.

teve o haja destruido, e que de hum dia para o outro não possa arrebentar. Por muitas vezes me queixei ao Cardeal Bichi, que he servidor grande de Vossa Magestade e particular amigo meu, e o Cardeal a quem o Papa mais defere, que estava com grandes receios de que os negocios havião mudado de face; e a todas me respondeu, que mudados não, mas só retardados pella ocazião da peste, e pelas dezavensas de França, e por outras que eu devia saber, aludindo aos maos officios que se me tem feito que he tudo quanto nesta posso dizer a Vossa Magestade, e pela qual se poderão hir tomando as medidas com tempo para mandar as ordens para tudo o que Vossa Magestade for servido ordenar.

Sobre alguns provimentos que aqui se fizerão de beneficios escrevo ao Secretario Gaspar de Faria Severim pelo que a elle lhe toca, e para que o refira a Vossa Magestade, cuja Real pessoa etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Outubro 6

Senhor[2]—Pella posta de Genova desta semana tive avizo de haverem chegado aquelle porto duas naos desse Reyno, as cartas espero na semana que vem, porque inda se não havião dezembarcado, e algumas que aqui se receberão forão só de frades para frades, que elles as encaminhão de maneira que rara he a semana que as não tenhão, ou em direitura, ou por Holanda, que he a via mais segura. Agora tiverão ja as suas os padres da Companhia, e o Padre frei Boaventura das Chagas Provincial que foi de Santo Agostinho. Pellas primeiras se sabe já nesta Corte as dezesperações em que la quizerão meter a Vossa Magestade do pouco que havia que esperar della, e ainda fallão na rezolução que dizem

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 257, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

[2] Em 6 de Outubro.

se tomou no Concelho de Estado, e nas segundas se aviza que por outras informaçoens fora Vossa Magestade servido de declarar ao Padre frei Boaventura por pouco fiel ao Reyno por obrar contra seu serviço, e sei juntamente, não sei se por me fazerem culpa, se porque, se disse a Vossa Magestade que este religioso era continuo em minha caza, e nella bem visto, e com bom lugar, circunstancia que a terse lá por certa era razão que fosse o maior abono seu, e huma carta de seguro para o crime que lhe querem impor, em que de caminho não podia eu deixar de ter alguma culpa, ou de pouco cuidadozo, ou de muito ignorante, ou por não saber tanto como sabem os que o acuzão, por não haver feito deligencias para o saber, ao que havião de acudir primeiro os zelosos e advertirme das provas que tinhão, ou pello menos dos indicios que bastão em materias semelhantes, mas de o escreverem lá, e de mo não dizerem a mim, claramente se pode tirar quaes podem ser os fundamentos, paixoens de frades, e embrulhadas de frades que por fazerem a sua boa não ha estrada que não busquem, seja ella qual for, e como sabem que está tão trilhada de fazerem hum homem traidor, não tem reparo, he sempre a primeira e a ultima de que lançio mão, e pode ser que lá o terá Vossa Magestade já visto, intentandose a outro religiozo de outra ordem a mesma acuzação, sem mais outro fundamento que terse este por hum golpe sem reparo, e pelo qual não podem acudir senão homens tão seguros como eu.

Desde o dia Senhor que entrei em Roma ate o em que escrevo esta, forão raros os dias em que frei Boaventura faltase nesta caza: tinha em Portugal amizade com elle, e muito particular com frei Luis Coutinho por annos, e pelo apellido, não tendo ordem alguma de Vossa Magestade que mo impedise, e sendo homem publico não podia impedir, sem escandalo manifesto, as minhas portas a portuguez algum, quanto mais religiozos. Acrecentou a confiança deste a comunicação que por elle tenho com o Cardeal Paloto, que como em outras disse a Vossa Magestade sempre esta correspondencia nos convinha muito, se era amigo pelo confirmar na amizade, e se inimigo para trabalhar para o fazer amigo. Este Cardeal o foi muito meu do tempo que foi Coleitor nesse Reyno acrecentandose o ser meu compadre, memoria que achei nelle tão fresca, que desde a hora em que aqui entrei não houve pessoa que me não dissese quanto elle publicava pelas praças este nosso parentesco, de que eu posso afirmar que quazi me não lembrava, e que em lugar de eu lhe haver de refrescar a memoria ma mandou elle refrescar a mim. Sei que o fazem a Vossa Ma-

gestade inimigo do Reyno, e castelhano por inclinação. Ser inimigo do Reyno, e ser amigo meu poderá ser, mas eu me não persuado; mas de que não he castelhano posso asigurar a Vossa Magestade com todas aquelas provas que moralmente se podem dar, mas acertou de ser Protector de huma Religião, e como nella se não pode contentar a todos, cada hum diz na feira como lhe vai nella. O ponto Senhor está em fazer distinção daquelles que dizem, e não levar por primeiras informações, que inda que em Portugal paresa que em hum Cardeal mais ou menos vai pouco, se houverão vindo a Roma ficarião sabendo o contrario. Paloto he sugeito papalino, como aqui dizem, estes taes não são faccionarios, porque tem logo a excluziva de huma das duas Coroas a que encontra; não tira isto que possa lá no interior ter mais afeição a Castela que a França, mas de maneira que o não possão conhecer os frades por totalmente castelhano. A verdade he Senhor que fora inculpavel este Cardeal se não fora tão adicto ás Religiões de que he Protector, porque he so a taxa que se lhe poem, e o ser muito amigo dos que he amigo: he o muito de frei Luis Coutinho, e o parecer lhe que o Vizitador que lá foi huma já desde cá[1] armado contra elle, e que lá o provou com as obras, fez, que antes fizesse deligencias para que não fosse, e depois para que se viese, como eu escrevi a Vossa Magestade, e tanto que escrevendo me em Abril o Secretario Pedro Vieira da Silva que o Vizitador ficava de caminho se deu por tão obrigado, quanto agora por sentido, vendo que não só não vinha, mas que se havia procedido contra os amigos que elle favorecia.

O esperar a que viesse deteve a concluzão da concordata, que pella parte do Padre frei Boaventura se não dificultou nunca, porque desde o dia que aqui chegou o Padre frei Manoel Moniz, e começamos a tratar da concordata, que tivese della gosto, ou não, não sei, o que sei he, que ficamos de acordo que se faria, mas foi se dilatando, porque queria Paloto que chegase cá primeiro o Vizitador, mas sabendo pellas ultimas cartas que Vossa Magestade o mandara ficar se lançou logo fora do negocio e disse a frei Boaventura que se desse gosto a Vossa Magestade, com que ficamos hoje tratando do negocio que não está concluido, porque para se fazer com a solenidade e segurança necessaria hão de ser em huma congregação particular de Cardeaes, que tem tomado á sua

[1] que lá foi hia já desde cá: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

conta o Cardeal Orsino, e estão as partes de acordo que seja elle o relator, e os adjuntos os Cardeaes Bichi e Oltobono *(sic)*, ou Carpegna, e como estas congregações inda que não tenha dificuldade o alcançalas a ha no pedirem se, porque por razão da peste tudo anda em confuzão, e pode dilatar alguns dias mas não deixar de se fazer, *(sic)* de maneira que quanto a esta parte pode Vossa Magestade dar o negocio por concluido.

A exemplo desta concordata que Vossa Magestade ordenou, fiz eu aqui outra entre os frades de S. Francisco da Provincia das Ilhas, e a mesma procuro para as Provincias de S. Francisco desse Reyno, em que as partes vem, porque he só o meio de haver quietação nellas, e de não virem frades a Roma, no que entrei por me dizer o Padre Mestre Moniz[1] que Vossa Magestade determinava fazer a mesma mediação em todas as Religiões do Reyno.

De todos os frades que ha em Roma sei os passos e as negoceaçoens, porque bem que em toda a outra parte os possão encobrir he impossivel em Roma pella immencidade de espias que ha nella, quanto mais que havendo portuguezes para portuguezes não he necessario[2] buscarlhe outras, e asim se frei Boaventura tivese os tratos que vi por huma carta que Vossa Magestade mandou escrever ao Padre frei Andre Teles he certo que eu delles fora o primeiro que avizara a Vossa Magestade. No que toca as suas fradarias eu me não meto, mas emquanto a dizerse a Vossa Magestade que elle nesta Corte faz contra seu serviço, atrevermehei a dizer que são falças as relações, e basta para prova o que já asima apontei, concentillo eu nesta caza. Sei de certo que de Cardeal não entra em outra que na de Paloto, e na de Orsino, bastante o primeiro para o favorecer na sua Religião em tudo que quizese della, sem lhe serem necessarios outros meios; as valias para este Cardeal lhe forão necessarias quando as não tivera, mas tendoas todas as outras ficarião vans. Esta Senhor he a verdade que me pareceu que por rezão do meu officio estava obrigado a dizer a Vossa Magestade. Que frei Boaventura seja bom, ou mau frade, que faça embrulhadas ou não na sua Religião, porque por huma o castigará Deos, e por outra os seus Perlados, mas de que tenha trato com castelhanos, e obre contra o serviço de Vossa Magestade nesta Corte, não sei eu como se lhe poderá provar; ao menos eu, Senhor, estou *(sic)* tão perto delle como os que o acuzão, e que porventura tenho

[1] o Padre Manoel Moniz: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] que havendo portuguez não he necessario: *Idem*.

melhores espias, nesta parte lhe não vi nunca couza por obra, ou por palavra que o possa condenar, antes muitas em contrario; mas tem se introduzido entre nós o chegar logo as palavras do cabo de fazer hum homem traidor, que como não ha ninguem que se atreva a defender com o temor de cahir no mesmo crime padesem muitas vezes os innocentes, particularmente entre frades, que a troco de fazerem a sua boa, no que menos reparão he na conciencia etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Outubro 21

Senhor[2]—Não tem sido possivel ate o dia de hoje lançar daqui a pessoa que por tantas vias tenho avizado a Vossa Magestade lhe ficava despachando, havendo o intentado por muitas, porque assim como foi crescendo o contagio crescerão as dificuldades; e inda que eu até agora me não persuadia que era peste senão humas febres malinas doenças commuas em Roma neste tempo, alguns cazos de proximo me fazem crer que a ha, e particularmente hum desta semana entre frades nossos de S. Francisco, de que em poucos dias morrerão quatro, entre os quaes foi o Provincial das Ilhas e frei Francisco de Assiz irmão do doutor Manoel Alves Carrilho, e para que morto lhe não falte a memoria que se lhe deve, querendo os castelhanos levalo a elle e aos companheiros para a caza que fizerão da saude, ou lazareto, como cá chamão, e hindo hum dos companheiros para lá, e o que menos mal tinha, respondeu frei Francisco que queria morrer antes na caza em que estava, que hir buscar a saude a dos castelhanos: e este he o homem que lá quizerão fazer traidor; pelo que, Senhor, convem que nestas materias se vá muito atento, pois vai nellas as vidas e as honras dos homens, e o que pior he a reputação do Reyno.

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 261, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

[2] Em 21 de Outubro. Duas vias por França a Lamego.

O mal seja febres manillas,[1] ou tabardilhos, mas os effeitos são de peste, que inda que não muito riguroza, leva a settenta, a oittenta e cento por dia, com que estamos privados de toda a communicação com os Estados vezinhos, e ate as cartas vão com perigo de as deixarem passar pello menos sem as abrir.

Por esta dificuldade não tem partido o expreço, nem partirá se se nos houvera aberto[2] hum caminho, e o unico que neste tempo podia haver. Em segunda feira passada 16 do corrente teve o Papa consistorio, e numeou nelle dois Nuncios extraordinarios a França e Castella para o tratado da pax, que sem embargo de se dizer que o excluião delle, disse em consistorio que ElRey Christianissimo lhe escrevera que estava a couza muito adiante,[3] e que não queria concluir sem a sua benção; em companhia do que vai a França que partirá nos primeiros do que vem, irá tambem com elle o meu nuncio, e levará bem recomendada a deligencia.

Pensamento tive eu de a escuzar pellas cartas que aqui chegarão dessa Corte nos navios do comboio de Genova que não trazendo cartas, nem para mim, nem para os homens de negocio, as tiverão toda a casta de frades que não são poucos; todas conformão que em hum Concelho de Estado feito sobre as materias de Roma, e sobre o que depuzerão os padres Tinoco, Cabral, e Almeida, ajudados de outras cartas de cá se rezolvera *uno ore,* que Vossa Magestade me mandase recolher. Confesso a Vossa Magestade que me deu pena esta nova, entendendo que parava ali, mas depois o Padre Assistente da Companhia disse a muitas pessoas em segredo (bem que só de mim o guardou, perguntandolho eu) que a ordem vinha geral de me eu ir, e levar comigo todos os portuguezes. Com isto fiquei descançado, vendo que já que se obrava era de maneira, que quando as couzas de Roma se perdessem se perdião com reputação. E inda que entenda que Vossa Magestade me fará a honra e merce de deixar em meu parecer o irme logo, ou o esperar mais tempo, temme aborrecido tanto os poucos romanos com que trato, que nenhuma couza dezejo tanto como sacodindolhes ás portas os poz dos sapatos, deixallos para quem elles são.

[1] seja febres malignas: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] nem partirá se se nos não houvera aberto: Gab. 5, E. 13, num. 7.

[3] que estava a coisa muito adeantada: *Idem.*
que estava a cauza muito adiante: Gab. 5, E. 15, num. 22.

Mas por outra parte conciderando o estado prezente das couzas antes de ver as ordens de Vossa Magestade parece me, que inda quando vierão absolutas, não serviria a Vossa Magestade se as executasse. Deixo ja os temores da peste e a confuzão em que tem o Papa, que a nenhuma outra couza acode, e tanto, que nem a seu sobrinho acaba de declarar Cardeal, estando a todas as horas esporeado por elle, e por seu irmão, porque a sua conciencia está primeiro que o sangue, e a mesma ocazião pedia tratar antes d ella que d elle; mas veja, Senhor,[1] que se trata de pazes, e que Vossa Magestade e o seu Concelho quando tomarão aquella rezolução foi sem a noticia d este tratado, e finalmente devo interpetrar[2] que se a houvera me mandaria Vossa Magestade ordem muito diferente. França está sem Ministro, e ficar Roma da mesma maneira, de donde tudo ha de emanar, he certo que não deve Vossa Magestade de o querer asim.

Por outra parte faltou ate agora Embaixador de França, que as dezavenças do Cardeal de Rets impedirão, agora he certo que virá, pois não se esperava outra couza, que Sua Santidade nomeasse Nuncio, virá a ser o Balio de Valence[3] meu amigo, e quando seja outro com qualquer quando não avencemos mais pelo menos nos dezenganaremos.

Alem d estas duas outras couzas[4] ha outras de que Vossa Magestade não está inteiramente informado, e convem muito a seu Real serviço que o esteja com toda a miudeza de tudo o que por cá vai, da cauza por que se me tem negado as audiencias do Papa, das que nem por terceira pessoa quer tratar comigo, e mais não he porque me tenha em ruim conta. E como inda que a ordem de Vossa Magestade chegue com todas as clauzulas de aperto, como a dificuldade de sahir he tanta que quaze se pode dizer impossibilidade se não acertase de chegar a Genova ou a Liorne algum navio ingles de força que quizesse vir a Civita vecchia, não sei que meio poderia ter para sahir, e asim me rezolvo a fazer partir como digo em companhia do Nuncio de França o meu inviado com presuposto que partindo elle, e chegando as ordens de Vossa Magestade de sorte que se

[1] mas vejo, Senhor: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] e facilmente devo interpretar: *Idem, idem.*

[3] virá e será o Balio de Valença: Gab. 5, E. 13, num. 7.
virá e será o Balio de Valanse: Gab. 5, E. 15, num. 22.

[4] d estas duas ou tres cousas: Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

não possão interpretar, e que tratem só de minha pessoa, que he o que pertendião os padres que la forão, e o Cardeal Orsino que cá ficou, aquelles por que os negocios se cometesem ao Assistente, e este para se fazer grande á custa de Vossa Magestade e de seus Reynos que *(sic)* eu as hei de executar despedindo em primeiro lugar o Cardeal de Protector, e levando comigo todos os portuguezes que ha em Roma; porque de outra maneira não convem, nem ao serviço nem á reputação de Vossa Magestade.

Mas se as ordens me vierem em outra forma de sorte que eu haja de ficar ate a volta do inviado e Vossa Magestade quer fazer o que convem, a primeira couza que se hade de fazer he mandar pedir a França hum ou dois Bispos e fazellos ir logo a seu Reyno,[1] que tanto que cá se souber que elles partem, ou são partidos sahirme *(sic)* eu então, que eu assiguro que o Papa me não deixe,[2] e já pode ser que elle o dezeje para ter esta escuza mais com os castelhanos.

Mas nem Senhor porque digo isto desespero a Vossa Magestade de haver pello caminho direito a satisfação que dezeja, porque eu não tenho diminuido das mesmas esperanças com que entrei em Roma, mas como a materia he tão alta trato de asigurar por todas as vias etc. *(sic)*[3]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Antonio Barberini

1656—Outubro 23

Al Signore Cardinale Antonio Barberini.

Eminentissimo e Reverendissimo Signore e Patrone Colendissimo.

Speravo ben molto prima havere occasione di rivirere *(sic)* Vostra

[1] e fazellos hir logo a esse Reyno: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] que o Papa me não deixa hir: Gab. 5, E. 13, num. 7.

[3] trato de assegurar por todas as vias o seu bom exito: Gab. 5, E. 13, num. 7. trato de a segurar por todas as vias: Gab. 5, E. 15, num. 22.

Copia, na Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 267, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Eminenza con darle parte di qualche progresso dei negotii del Rè mio Signore in questa Corte, ma la mancanza d'Ambasciatori di cotesta Corona, la malignità dei tempi che corrono, il disordine della peste, e sopra tutto gl'inganni, e la preversa volontà di qualche amico, mi hanno fatto fin'hora perdere il tempo in Roma, non già la memoria degl'oblighi che devo a Vostra Eminenza ne la vivezza della servitù che le professo. È strana cosa haver da combattere oltre la renitenza degl'indifferenti, e la contradittione dei nemici, l'insidie anco di chi è obligato ad essere il più zelante per obligo, per gratitudine, e per honore. Piacerà a Sua Divina Maestà che vi si trovi il rimedio, et io non lascierò di darne a suo tempo conto a Vostra Eminenza. Quel che più importa è continuarci cotesta Corte il favore di valide interpositioni con Sua Santità in occasione di speditione di nuovo Ambasciatore che ci promette la speditione del Nuntio dichiarato da Sua Santità. Io ne prego con ogni premura il Signore Cardinale Mazarini, che ha sempre con efficacia appoggiati questi interessi, nondimeno come la stretezza che Vostra Eminenza passa seco, mi dà luogo di supplicarla della di lei mediatione, et io ho tante prove della benignità, con la quale mi favorisce, e del zelo che in ogni tempo ha mostrato per il servitio del Rè mio Signore la prego *(sic)* a compiacersi di passare in questa materia col Signore Cardinale sudetto quegl'ufficii, che pareranno più espedienti alla di lei prudenza per il buon successo di questi negotii di Roma. La generosità di Vostra Eminenza mi dà luogo a questa confidenza, per haverle nuova materia d'obligationi e meritare che Vostra Eminenza mi honori de suoi commandi, de quali humilmente la supplico, e riverente l'inchino. Roma li 23 Ottobre 1656 — Di Vostra Reverendissima *(sic)*[1]

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 18.
Sobrescrito: All'Eminentissimo e Reverendissimo Signore e Patrone mio Colendissimo il Signore Cardinale Antonio Barberini Gran Lemosiniere di Francia — In Corte.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarini

1656 — Outubro 23

All'istesso Cardinale (Mazarini).

Come di grande cordoglio e sentimento mi fù la partenza da questa Corte delli Ministri di Sua Maestà Christianissima, dall'assistenza de quali potevo sperare la conclusione dei negotii del Rè mio Signore mercè le prattiche che ne hanno sempre promosse con calore sotto gl'ordini di Vostra Eminenza altretanto mi sono rallegrato nel sentire la speditione di nuovo Nuntio costì, per la caparra ne concepisco di dovere vedere in Roma nuovo Ambasciatore di Francia. Trovai al mio arrivo, et in quei principii Sua Santità ben disposta a fare alla Corona di Portogallo la giustitia negatale tanto tempo da suoi predecessori, ma con la partenza di Monsignor di Lionne ho provata poi tanta fredezza nelli risolutioni, e tanta renitenza a sentirmi, sotto il debole pretesto del travaglio della peste, che ritardava tutti i negotii, che ho conosciuti chiari gl'effetti del pregiuditio mi nasceva dalla poca intelligenza è passata tra Sua Santità e cotesta Corona, tanto più, che per quanto il Signore Cardinale Bichi come servitore della Francia mi habbi favorito, et assistito in modo che glie ne devo particolare obligatione; ben differenti sono stati gl'aiuti che ho ricevuto da altri, che non solo come pensionario di Sua Maestà Christianissima poteva favorirmi, ma come servitore attuale del Rè mio Signore era obligato ex officio a fare ogni sforzo per ben servirlo; ma l'ha fatto egli in modo, che ho toccato con mani la divotione dell'animo suo verso i nemici, come accennai già tempo fa a persona che ne potesse dar parte a Vostra Eminenza. Il rimedio da questa parte stà a conto mio, e solo aspetto qualche particolarità per darne a Vostra Eminenza maggiore et essata informatione. Sò dall'altra che è superfluo ricordare a Vostra Eminenza di favorirci nella speditione di nuovo Ambasciatore, mentre in ogni tempo si è compiacciuta proteggere questi interessi con tanto calore; stimerei però di mancare alla riconoscenza glie ne dobbiamo, se in questa occasione, che è il periodo

più importante di quanti n'habbi havuti questo negotio, non la supplicassi, come faccio, a coronare li favori passati con vigorosa interpositione verso Sua Santità.

Di non minore, anzi di maggior conseguenza sono le gratie che dalla prottetione di Vostra Eminenza speriamo nelli trattati di pace, che quì si publicano per incaminati. Gl'interessi del Rè mio Signore hanno tanta dipendenza da quei della Francia, e l'animo di Vostra Eminenza si è sempre mostrato così disposto ad appoggiarli, che non posso senon nutrire gran confidenza che Vostra Eminenza li debba havere per raccomandati e presenti, come instantemente la supplico. Così d'ogni vantaggio saremo debitori alla generosità di Vostra Eminenza alla quale profondamente m'inchino. Roma li 23 Ottobre 1656—Di Vostra Eminenza *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

1656—Outubro[2]

Com a resolução de mandar hum expreço que ate agora pellos embaraços da peste não houve meio de o poder lançar daqui determinava não escrever a Sua Magestade que Deos guarde nem a Vossa merce senão por elle; e inda que espero que por toda esta semana possa partir em huma barca por via de França, duas conferencias que na passada tive com o Cardeal Orsino na sua caza, e na minha, me obrigão a previnir com esta a Sua Magestade a quem sei que o Cardeal faz relação dellas, tão verdadeira como todas as suas. Se esta chegar antes ou juntamente advirto a Vossa merce que de nenhuma maneira hajão noticia da proposta que o Cardeal diz que se lhe fez, porque sobre a ter por inventada para os fins se verão[3] pelos documentos que o meu inviado leva, a materia he perigosissima, e a meu juizo mais contra o serviço de Sua Magestade que acei-

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 6 v.

[2] Para Pedro Vieira—Em de Outubro de 1656 por França.

[3] para os fins que se verão: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

tar os Bispos de motu proprio, porque aceitando os nesta forma mostravamos que nos sogeitavamos á força e ao temor que o Papa tivese de Castella, mas naquela será confessar Sua Magestade por sua propria boca que não tem outro direito ao Reyno que o da poce, e o admittiria com huma clauzula que duraria em vida de filhos e nettos.

As couzas tem chegado a estado que já se não podem desimular; ao Cardial tenho convicto de traidor por cartas intreceptas[1] escritas aos inimigos, revelando lhe o estado das nossas negociações, e as destrezas com que procura impedill as, ou pelo menos dilatall as como tem feito ate agora. O remedio he tiral o, e quanto mais depreça quanto mais Sua Magestade ganhará de tempo, e se o quizer fazer antes que as provas cheguem, fará o que se deve a si, e o que deve a minha verdade, que farei boa oferecendo para caução do contrario a minha cabeça. Este homem trata de nos aruinar, elle me tem tirado o acesso ao Papa, elle o tem persuadido que eu vim aqui por hum espantalho, e emfim de nenhuma outra couza trata que de servir e agradar aos castelhanos. Não faça escrupulo aquillo de turpius[2] ejicitur etc. *(sic)* porque por bem ligeiras ocaziões tirou França a portectoria ao Cardeal Antonio, e Castella ao Cardeal Colona. Se as couzas de Orsino não estarão tanto[3] pela terra dentro, menos que estar lhe Vossa merce obrigado me bastaria para a sua tenção, e são[4] as suas obras, eu fio que nem para baixo dos pez o queira.[5]

. . . . . .[6]

[1] por cartas interceptadas: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] aquilo de turpiter: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054.

[3] não entrassem tanto: *Idem, idem, e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[4] me bastaria para o trazer na cabeça, mas sabendo Vossa merce qual he a sua tenção, e quaes são: Gab. 5, E. 13, num. 8, *e* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.

me bastaria para o trazer na cabesa, mas sabendo Vossa merce qual he sua tenção, e são: *Liv. mss.*, num. 2054.

[5] que nem debaixo dos pés o quereria: *Liv. mss.*, num. 1038, *e* Gab. 5, E. 13, num. 8.

que nem debaixo dos pes o queira: *Liv. mss.*, num. 2054.

[6] *Assumpto extranho.—Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 41, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656—Novembro 11

Senhor[1]—Com esta entregará a Vossa Magestade o Padre Mestre frei Manoel Pacheco huma comedia em muzica, que já nos mezes passados escrevi a Vossa Magestade que se ficava cupiando; não será muzica que lá se haja de cantar, mas por ventura que será a primeira que deste genero haja hido a Vossa Magestade, e servirá para ter de tudo. Vai mais outra que tambem tem seus asomos de comedia, mas que se canta aqui em igrejas particulares nas sextas feiras e domingos da quaresma; os que a cantão não se vem, mas fazem no com tal arte que os que ouvem a conhecem por reprezentação: a muzica desta me dizem que he excelente; o autor della e da comedia he o Marco Ferracioli muzico do Papa, mas mais conhecido pelo nome de Marco dell Arpa. A imitação desta se a Vossa Magestade lhe parecesse se podião lá formar outras que se cantassem na quaresma, ou fora della, porque aqui he ao que mais acode gente, e tantos os Cardeais, Principes, Senhores, Perlados que entrão nas igrejas ás punhadas, e quazi não fica lugar para o povo.

Vai com estes papeis hum cadernette que me deu huma freira depois de lho ouvir cantar, compuzição que se fez para ella só cantar á Raynha de Suecia. He huma moça filha de pais portuguezes, nascida em Roma, e deixada por morte delles em idade que nem os conheceu, nem fala outra lingoa que a italiana. A voz he huma raridade, que ate conhecer isto chega a minha sciencia, e fio eu se Vossa Magestade lhe ouvira cantar esse papel, e fazer com a boca a trombeta, creio que me houvera de dizer que não ouvira couza semelhante em sua vida, que o não ponho em menos. Tem de mais para eu fazer della maior estimação dar se por seu pay por parenta de Antonio Galvão; e estimarei muito que seja agradavel a Vossa Magestade o prezente, para com isso poder mandar outros semilhantes;

[1] Em 11 de Novembro de 1656.

mas não lhe ha de ficar este barato a Vossa Magestade, porque depois de o ouvir cantar me ha de a mim ouvir chorar minha pouca fortuna, mas selebrar no meio della, que já que não preste para outra couza, preste para moço de mandados, já aqui já acolá; e comtudo não quero que tenha nome de queixa o que agora direi a Vossa Magestade, porque já se passou o tempo de as fazer; servir me ha comtudo de dezabafar, e de me descarregar de hum escrupulo que ha muito tempo que trago, e o deixei para tempo em que já lhe não houvese de procurar o remedio.

Senhor Vossa Magestade melhor que ninguem desde o anno de 23 em que entrei em seu serviço na Caza de Bragança conhece, e tem conhecido o dezenterese de meu animo asim naquella entrada como na segunda em que Vossa Magestade me mandou a Madrid a concluir o seu cazamento, pois as merces que tive suas devi só a sua liberalidade, e nenhuma a minhas deligencias. Depois do felice reynado de Vossa Magestade que Deos concerve, e alargue tantos annos quantos eu lhe dezejo, fui a Dinamarca, fui a Suecia, fui a Holanda, e dali a França, de França a Roma, tudo sem custar a Vossa Magestade mais que o dizer me que fosse, ou mandar me por huma folha de papel. De Holanda fiz huma petição a Vossa Magestade, referindo só nella meus serviços, deixando na grandeza de Vossa Magestade o premio que lhes quizese dar.

Mandou me Vossa Magestade escrever pello Secretario de Estado Gaspar de Faria Severim que me declarase, e que pedisse, porque teria Vossa Magestade gosto de dar conformando se a petição; fil a mais por Vossa Magestade me mandar, que por vontade minha, porque pedi com certeza de que não havia de alcançar, nem a Vossa Magestade nem a mim era conveniente. Entre o pouco que pedia era hum dos pontos que Vossa Magestade me mandase cobrir debaixo do nome de Francisco de Souza Coutinho, porque não tinha outra terra nem outra villa sobre que pudese asentar o titulo. A couza não era sem exemplo nem tão fora de prepozito como ahi se julgou; pois não tirei della mais que zombar se de mim, tomando se por achaque no accidente, mas a substancia foi a que pior pareceu, como se fora huma grande monstruozidade em tempo algum pedir eu hum titullo, quanto mais no prezente em que Vossa Magestade tem dado tantos. Aos Reis não se lhes ha de dizer couza que os obrigue a reposta, eu a não peço a Vossa Magestade, inda que hei de fazer perguntas, peço sim licença para as fazer, que a reposta a farei a Vossa Magestade e a mim.

Creio que o primeiro Conde que Vossa Magestade nomeou foi o de

Odemira, tirada sua grande qualidade, e os serviços feitos a Coroa de Castella, que obrigação lhe corria a Vossa Magestade para dar hum titullo tão apreçado quando os serviços feitos a Vossa Magestade não pedião ainda tal satisfação? Fez Vossa Magestade Condes ao da Ericeira, e Prado sem outros merecimentos que os dos serviços de seus dois thios feitos a ElRey Catholico, e asistindo lhe sempre naquella Corte. Fez Vossa Magestade Marquez ao Conde de Monsanto para o mandar Embaixador a França, e o mesmo ao de Niza na segunda embaixada, passando o titullo de Conde a seu filho. A Antonio Teles de Menezes por hir ao Brazil General da armada, obrigação sua pelo officio, para que fosse o fez Vossa Magestade Conde de Villa pouca: a Mathias de Albuquerque, depois de prizões, e desconfianças, por huma batalha que poz ao Reyno a tombo de hum dado, e em que perdemos mais do que ganhamos na victoria foi feito *(sic)* Conde de Alegrete. Fernão Teles pelo que seu irmão Antonio Teles fez no Brazil o veio Vossa Magestade a fazer Conde de Vilar maior, sendo que aquelle ariscou todo o Estado, e eu o asigurei de todo com mais prigos do que este. A D. João da Costa por não querer hir a França sem titullo, e sem hum thezouro, e sobre tantos dares e tomares quantos teve por hir e vir das fronteiras, o fez Vossa Magestade Conde de Soure; e ultimamente D. Antonio de Noronha de pagem da campainha [1] amanheceu Conde de Villaverde sem mais outro merecimento que o da continuação e boa assistencia.

E houve em Portugal quem se espantase de eu querer ser Conde, pela merce de Deos com tão boa qualidade como todos os outros, e de mais com serviços de trinta e trez annos, e mais de metade delles fora de minha caza. Estas dezigualdades confesso a Vossa Magestade que me cauzarão em outro tempo grandesissimo sentimento, mas em nenhum me deixarei [2] tanto como agora, e o faço não só porque não espero que Vossa Magestade me satisfaça o agravo, mas porque cheguei a tempo em que quando Vossa Magestade fora servido de o reparar honrando me com algum titullo, lho não houvera de aseitar, sou já velho para mudar nome, e sou muito conhecido pelo meu. Bem sei que diria a Vossa Magestade quem isto ouvise o que dizia a rapoza de que erão verdes as uvas, mas pela mesma vida de Vossa Magestade juro que o digo de todo meu cora-

[1] de pagem da companhia: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 15, num. 22.
[2] mas em nenhum me declarei: Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

ção, e com huma vontade tão firme, que só o poder de Deos ma poderia tirar.

Longe va de queixa, eu não tenho nenhuma, mas folgo de haver dito tudo isto a Vossa Magestade para que a justiça distributiva tenha lugar com outros, que não teve comigo, porque Senhor a fragilidade humana he tal, que sente mais os acrecentamentos alheios quando não são justificados, que as mesmas faltas que padece, Vossa Magestade me perdoe, e me faça merce de romper esta tanto que a ler, artos inimigos tenho, não quizerão[1] acrescentar o numero com tantos Condes, etc. *(sic)*

Digo no principio desta ladainha que sem esperar resposta de Vossa Magestade eu mesmo ma faria, remeto a a desgraça do meu apelido, por não dizer a Vossa Magestade o que já disse D. Gonçalo Coutinho ao Senhor Rey D. Manoel, que não continuava o Paço porque lhe não hia tam bem com o Rey como lhe hia com o Duque de Beja. Foi muito valido seu quando o era, muito estimado depois que foi Rey, mas os Santos novos poderão mais que os velhos, etc. *(sic)*[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

1656—Novembro 14[3]

Aviza me Vossa merce por carta de 15 de Agosto recebida hontem 13 do corrente, que por tres vias debaixo de minha cuberta havia Vossa merce remetido tres massos tocantes á troca das conezias de Evora, e Lisboa, nenhum delles me achegou ás mãos, nem outras cartas mais para o Padre

[1] assaz inimigos tenho, e não queirão: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

artos inimigos tenho, não quizera: Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 271, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

[3] A Pedro Vieira — Em 14 de Novembro de 1656 — Por Frei Manoel Pacheco.

de Valadares[1] que as que vierão com o primeiro despacho de Sua Magestade que Deos guarde, que entreguei ao senhor Cardeal Orsino, por me dizer que tinha ordem para as receber, e tambem lh as dei por ver da forma do masso que erão cartas para elle; outras não vi, se as receber com a primeira via dos despachos de Sua Magestade, farei o que Vossa merce me ordena. As segundas que partirão d esse porto no mez passado são as que hontem recebi e não ainda as primeiras, porque a nau em que vinhão era despachada para Genova, e ella com as novas que teve no mar da peste que ali havia tomou Livorne,[2] as cartas forão a Genova, não houve tempo de chegarem.

Recebi com esta mais outra carta de 20 pela qual me ordena faça traduzir em italiano o protesto que hei de fazer na ocazião de sahir de Roma*: asim se fará, e tambem se fizera ainda que não viera a copia;

[1] para o Padre Pedro de Valadares: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054; *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] tomou Liorne: *Idem, idem, idem.*

* *O protesto de que se trata parece ser o que pomos aqui, embora então não servisse, pois o Embaixador continuou a estar muito tempo em Roma, nem saibamos se serviu afinal, quando se retirou d'ella, mallogradas as suas negociações:*

Protesto do Embaixador em Roma Francisco de Sousa Coutinho

(1656?)

Jesus Maria—Francisco de Sousa Coutinho prostrado humilissimamente a vossos santos pees Princepe dos Apostolos em nome do Serenissimo Rey de Portugal e dos Algarves e suas conquistas Dom João o 4° meo Senhor vos dou a vos e a vossa cadeira legitimo assento dos Summos Pontifices cabeças da Igreja a obediencia que vos deve como a Vigario de Christo e a elles como a vossos successores reconhesendo sse por obedientissimo filho vosso e seo e pidindo vos com o maior afecto de sua alma vossa bensão apostolica para si como successor no sangue e na coroa dos Reys que não reconhecerão primeiros na piedade, para seos reynos tão puros na fee que lhes não pode ninhum outro faser exemplo, para seos vassalos que a custa de seo sangue fundarão maes igrejas converterão maes almas dilatarão o conhecimento do verdadeiro Deos á maior parte do mundo, esperando que com aquella bensão floresão maes nas vertudes os Reys os reynos e os vassalos e cresão se pode ser no amor e obediencia a Santa See Apostolica que he o que sobretudo lhes deseja.

E recorre a vossa clemencia e a vossa justiça, por que buscando por desaseis annos continuos vossos successores em Roma e batendo instantemente por todo aquelle tempo as portas de Urbano 8, Innocencio 10 e Alexandre 7° nosso senhor lhe negarão as chaves que lhes destes francas para abrirem tee ao mouro herege ou judeo se a suas portas batera: as

mas deve ser tão fraco o conceito em que vou cahindo com a idade, que nem isto se me fiou; como os velhos tornamos a ser meninos, parese que

rezões não quer referir sua modestia e o respeito que deve a vossa cadeira, vos as sabeis como quem sabe tudo, entende as o mundo que vee tributaria a senhora das gentes e sentem nas seos reynos que por maes que gritão ao Patrão a que entregastes o governo de vossa barca os deixa nas praias desertas sercados de bivoras e de escorpiões, sem consolar sequer a 33 viuvas que de Europa da Africa da Asia e da America estão chorando sua viuves e a perda dos filhos que vem despedasar e roer ao inimigo e das searas que custando tanto a faser estão afogadas da sisania.

Senhor inspirai lhe onde ha de ir buscar remedio a tantos danos que eu em seo nome enganado e desenganado de o achar em Roma vos protesto que o vae buscar com esperança de o achar na doctrina de vosso Mestre, e elle que vee os corações e tenções de cada um e nos ha de julgar conforme a ellas o encaminhara para que acerte e fia de vos pedra fundamental da Igreja Santa que asim lho alcançareis de maes das resões referidas pella igualdade de animo com que sofre ver que seos inimigos soccorridos de vossas armas lhe fasem com ellas o damno que não podem com as suas, e quem he o culpado em qualquer novidade que nesta materia succeder para o futuro dara d ella tão estreita conta como ha de dar do passado.

E vos Notarios Apostolicos que presentes estaes me dareis certidão em forma d este acto de obediencia e d esta protesta, declarando que a fis e a deixo firmada por mim no altar de S. Pedro de Roma.[1]

Por serem muito interessantes e patentearem de modo insuspeito o fundo das ideias da politica da Santa Sé na presente conjunctura, aproveitamos o ensejo para inserir tambem n'esta nota os dois documentos que se seguem:

Instrucção do Papa ao Nuncio em França

1656 — Novembro 14

. . . . . .

Passo hore alli interessi di Portogallo, risservati in ultimo, secondo l'ordine proposto, má che doveriano esser stati i primi, in riguardo dall'importanza loro, e del molto che tengono angustiata la mente di Nostro Signore, sendo essi di tal natura, che ove le difficoltá dell'altri punti possono ben inquietare l'animo della Santitá Sua per l'intoppi che s'incontrano nei progressi dei trattati, in questi di Portogallo v'é questo lubrico di più, che dandosi sentire di partialitá, ó verso i castigliani, ó verso i portughesi, puó questa Santa Sede restar impegnata in rilevanti disturbi, più per la distorta oppinione delli huomini nel giudicare, che per real occasione, che negli altri possino havere di reputar offesa quel che si fá con pura intentione di rassettar i componimenti del mondo.

Da che il giá Fillippo 2.° Ré di Spagna per la mancanza di legitimo successore in

[1] *Minuta sem data, no* Arch. Nac. Collecç. de S. Vicente, Liv. 12, pag. 643.

Na copia do Arch. Nac. *(Liv. mss.,* num. 170. pag. 85) *este documento é precedido do seguinte titulo:* Declamação que o Embaixador d elRey D. João 4.° a Roma fez diante do altar de S. Pedro, não querendo o Papa Alexandre 7.° aceytar a obediencia que hia dar lhe da parte do dito Monarca.

he necessario aprender de novo, e que nos dem treslado para fazer a ma-

quel Regno si fece strada all'acquisto di esso, prima col fondamento delle ragioni giustificate dal parere de più celebri giureconsulti di quel tempo, e poi con la forza dell'armi se ne pose in attual possesso, n'ha ben goduta la Corona di Spagna d'un quieto dominio per il corso di sessanta e più anni, má con una certa intrinseca mala contentezza di quei popoli avezzi di goder della presenza, e dell'affetto dei loro proprij Ré, che non fú difficile conieturare che offerendosegli l'opportunitá di remettersi nella primiera libertá sottò un Prencipe portughese non l'haverebbero trascurata, e quel che in tant'anni di soggettione alla Corona Cattolica non rivennero se gli offerse con l'occasione della guerra accezza tra le due Corone, che diede l'impulso alla sollevatione prima di Catalogna, et che animó poi i Portughesi a fare il medesimo, má con facilitá, e felicitá assai maggiore di quel che habbi sin'hora provato qualsisia natione, che si sia sottratta dal dominio de proprij Ré, essendo in un stesso tempo seguito il ripudio del dominio castigliano, et l'acclamatione, et assumptione del Duca di Braganza al throno Regio, senza si puó dir'un sfodrar di spada, o splosder un'arma di fuoco.

Non possono veramente i Spagnuoli portar ragione, che li scusi abastanza da una supina sonnolenza, dimostrata in quelle travagliose congionture, perche non potendole esser ignoto il genio di quella natione, l'affeto con ch'era riguardata la Casa di Braganza, e l'attentione con che i Portughesi stavano osservando i periodi di quei moti, per opportunamente prevalersene, se la passorono nondimeno con tanta franchezza nell'assicurarsi d'un membro si principale del loro Imperio, come se fosse custodito da corpo tali di guardie, che non havessero punto che temerne: e pure la fortezza maggiore di Lisbona non era guardata da più che da sessanta soldati, mal proviste *(sic)* di paghe, e di provisioni di guerra, onde alla Corte di Madrid, prima di veder il folgore, s'intese lo scoppio della rebellione, et che rimesse tutte le fortezze in mano del nuovo governo, quei pochi soldati castigliani che le guardavano erano giá usciti da i confini di quel Regno, nel quale i Portughesi da sedic'anni in quá si mantengono, e coll'essersi collegati strettamente con i nemici della Spagna, confidano di potersi per sempre schermire da ogni tentativo che si facesse per ricondurli alla prima soggettione.

Questo rilevantissimo accidente ha infiachito le speranze de Mediatori della pace generale quando nel trattato di essa s'havesse da ingroppare anche l'aggiustamento d'una cosi implicata controversia, perche i Portughesi fondati su le forze proprie, rese non disprezabile doppo un possesso di tant'anni, e su le adherenze de Francesi, e d'altri nemici della Spagna, non daran mai orecchio a proposta che gli si faccia di ritornare sotto la soggettione della Corona di Spagna. Né questa ammetterá mai conditione che le seluda dalla speranza di ricuperare un membro tanto principale della sua Monarchia. Queste durezze per se sole bastevole ad inquietare dal continuo l'animo di Sua Santitá tanto bramosa di veder rimesse l'armi fra la Christianitá, e facilitato il modo di spingerne almeno una parte contro il nemico commune d'essa, che dalle nostre discordie prende ogni giorno maggior ardire di travagliarci, non terminano qui, perche nell'intermedio istesso delle trattationi vien pressata da Portughesi á voler ametter'i loro Ministri, e trattarli come Ministri di Prencipe legitimo, et da Spagnuoli á repudiare cosi fatte instanze esclusive della sovranitá che pretendono di ritenere sopra quel Regno, ne potendosi alle instanze de gli uni, e delli altri in un istesso tempo gratificare, há giusta causa la Santitá Sua d'affliggersi, per dubbio di restar impegnata in dispari acerbi, che di Padre indifferente che professa d'essere con tutti, lo pongano quasi in necessitá di farsi reputar partiale d'alcuna delle parti.

Non par'á Portughesi di goder d'un pieno applauso del mondo in questa lor sottrat-

teria. O mesmo vem na carta com que me hei de despedir; tivera eu muito

tione dal dominio spagnuolo sin che la Sede Apostolica, ó con l'admissione d'un lor Ambasciatore, ó con qualch'altro atto positivo, che denoti riconoscimento della loro sovranitá non appagano i popoli di questa credenza, che si come il riacquisto della libertá ha havuto, com'essi dicono, del miracoloso, per tale sia anche stato riconosciuto dal Vicario di Christo in terra. E per ciò se ben non le son mancati applausori in Francia, et in tutte le Corti de Prencipi settentrionali, non dimeno considerato che i Francesi son nemici scoperti della Spagna, e che li altri che han ammesse le loro Ambascearie son parimenti nemici scoperti della Religione Cattolica; vivono i Portughesi con questo rimorso, che possi nutrirsi opinione nelle menti de loro vassalli, che giusta non debba reputarsi quella mutatione di governo, che approvata solamente da nemici della Spagna e della Religione Cattolica, non viene riconosciuta per tale da Pontefici che per raggion del supremo grado che portano nella Christianitá han tanta parte nello stabilimento de Principati. E perció in tutto questo tempo non han cessato, e per loro stessi con scritture giuridiche, e politiche di sollecitare da questa parte le rissolutioni confaccevoli al loro desiderio; e per mezzo de Francesi di batter sempre sopra le medesime instanze.

Dall'altro canto i Spagnuoli che conoscono quanto grave sia questa perdita, ó quanto (secondo la loro imaginatione) sia per accrescerle le difficoltá della ricuperatione ogni poca dichiaratione che si spicchi dal Tribunale Apostolico denotante che non disapprova l'intrusione in quella Corona dal Duca di Braganza, contro la forma del giuramento, e contro le deliberationi dei Stati, che concordemente concorsero nell'elettione del Ré Filippo, al sentir solamente che le instanze de Portughesi si ascoltino, e che si dia adito á loro Ministri di sollecitarne l'essecutione, li fá prorompere in acri doglienze, et in dimostrationi di pessimi sentimenti, quando in materia di tanto rilievo non s'habbi riguardo á loro pregiuditij.

Vive pertanto il Pontefice in questa differenza come si suol dir, trá l'incudine et il martello, ne sin'hora s'é potuto rintracciar modo, che dandosi sodisfattione ad'uno, l'altro non si richiamasse d'offesa e di torto; e pure bilanciato il fatto con tutta l'attentione ne i Spagnuoli dovrebbero dolersi che in un caso tale si tenessero i modi altre volte pratticati di dar ai Portughesi quel che non si puó negare ad'un possessore quantunque ingiusto, acció la Religione non venisse à patir pregiuditij, lasciando indeciso quel che appartien'alla giustitia della causa, e dell'armi, et a Portughesi non dovrebbe rincrescere che in questo moto universale del mondo (che puó farsi maggiore coll'innovarsi contro il gusto de Spagnuoli) si portasse il tempo avanti, contenti per hora di possedere, e di ritrovar ne Pontifici buona volontá di gratificarli.

Non devono veramente i Portughesi credere che altro che pura necessitá trattenghi la Sede Apostolica dall'esseguire quel che essi vorrebero. Conosce chiaramente Sua Santitá che li interessi della Religione in quel Regno non poco patiscono, che nell'addomesticarsi per raggion di Stato con l'Heresia puó darsi luoco á qualche zizania in quel Regno, per altro cattolichissimo. Poterci accrescere questo pericolo dalla mancanza de Pastori, che invigilino alla custodia del loro grege, che la Curia Romana per questa tardanza resta priva di quei proventi, da quale atrahe i suoi alimenti. Che la grandezza ecclesiastica stimarebbe sua gloria maggiore il veder che più scettri l'ossequiassero. Che ogn'uno é persuaso che restando il Portogallo, e l'Indie insieme sotto il commando dei descendenti di quei Ré, che le conquistorono, maggior applicatione si porrebbe nel promuovere il culto divino, di quel che si faccia sotto un'Imperio cosí vasto, com'é quello de Spagnuoli, che dependendo tutto da voleri de Ministri fá che prevaglia più li interessi privati, che il beneficio

que aprender della, e executara o que Sua Magestade me manda ao pé da

commune. Queste considerationi son tali, che il voler dir che i Pontefici s'arrestino dal dar gusto ai Portughesi perché non l'amino le loro sodisfattioni é un voler negar la luce di mezzo giorno.

Posto dunque in bilancia per una parte il beneficio, del quale si priva la Sede Apostolica col diffirire le rissolutioni alle instanze che le vengono fatte in questa materia, é da considerarsi se i rispetti che la muovono á non disgustare i Spagnuoli son tali, che le torni bene porr'in disparte il proprio servitio per non aventurare il publico, al quale i Pontefici tutti devono haver riguardo, et á cui la Santitá di Nostro Signore al pari d'ogn'altro, stá attenta, et avvertita. La guerra che hoggidi tiene sossopra il mondo verte tra le due Corone maggiori, che sono la Francia e la Spagna, Nostro Signore s'é constituito mediatore tra l'una, e l'altra, et implorato prima con tutto lo spirito il divino aiuto, con voti, e con preghiere, ha preso la traccia più riuscibile per giongere á un fine cosi salutare: e gli é parso che il destreggiare trá l'una e l'altra Corona, in modo che si schivino le occasioni d'alterationi possi esser il meso più adeguato per conseguire l'intento. Sano i Francesi, et hoggi mai lo sá tutto il mondo quanti bocconi amari si siano inghiottiti, quanti pregiuditij abben della Christianitá si siano dissimulati, per non urtare, e per non dar pretesto á quei Ministri di difficultare le prattiche, che s'é cercato d'andar avanzando. Con i Spagnuoli che han interessi di longa mano maggiori in questa Corte, di quel che s'habbino i Francesi, non é mancata qualche gara, ma sempre senza trovarci quelle dure repugnanze, che si son incontrate con i Francesi; cosi che se pur una volta si fosse ritrovato in essi egual dispositione di venire alla concordia, la pace sarebbe hoggidi stabilita in tutta la Christianitá. Se in ricompensa d'una propensione cosi grande alla quiete i Spagnuoli si ristringono á non chieder altra gratia á Sua Santitá salvo che si compiaccia di perendinar'questi atti di riconoscimento ne Portughesi sarebbe un trascurar il ben publico col negargliela, giá che concedendogliela spera la Santitá Sua d'andar giustificando i pretesti, da poter poi a suo tempo compiacer gl'interessi portughesi.

I Spagnuoli coloriscono la loro instanza con questa raggione, che vedend'essi che il maggior fondamento che oblighi il Papa á consolar i Portughesi consiste nel vederli in un possesso di 16 anni, che non é stato mai interrotto con ricuperatione di porsione veruna di quel Regno, vogli Sua Santitá frapporre qualche mese nell'innovare, perche in questo mentre, pensandosi con una repentina invasione attaccar da più parti il Regno, cessará il mottivo del possesso con la turbatione. La qual proposta quadró assai all'orecchio di Nostro Signore, il quale col solito della sua perspicacia fece questo dilemma: ó che á Spagnuoli riuscirá il dissegno che antepongono, ó nó, se li riuscirá, non é dubbio che i *(sic)* havran dato qualche capo in mano, per poterci meglio schermire dalle premure con che ci stringono i Portughesi, et i Francesi, ma se non riuscirá, con miglior faccia si potrá essortar i Spagnuoli á lasciar correre quel che senza rampogne di tutto il mondo non si puó più oltre differire; e cosí se non di consenso, almeno con minor offesa loro si potrá metter mano á quel che sin adesso ci é parso distruttivo di quanto s'era guadagnato della volontá loro. Ma la Santitá Sua, che tocca con mano quanto sia lacera et esangue la Monarchia, si persuade che gratis venghi fatta questa esibitione da Spagnuoli che convenendo in ogni parte star sú la diffesa, non conosce con che forze possino in questo tempo accingersi ad una invasione, che non puó se non incontrare dura e contumace resistenza.

S'é ripigliato dal suo principio la narrativa di questi successi, acció Vostra Signoria possi haver sempre pronte le risposte a chi ó por una *(sic)* parte, ó per l'altra l'intre-

letra, sem tirar nem deminuir huma sillaba, se tudo o que vem neste pa-

pellasse che se da questo racconto vogliam far passaggio alla discussione del modo come si potesse con commune sodisfattione ridurre a compositione un negotio cosi arduo, non potró se non dirgli quel che un gran senator della Republica di Venetia, che in Munster si maneggio intorno á questi trattati molti giorni, má inutilmente, hebbe á dire che questo era il nodo Gordiano impossibile a sciogliersi, se le parti non s'accingevano in qualche modo a tagliarlo per uscirne. E per ció doppo essersi discusso, se riuscibile fosse, tirar avanti li negotiati sopra gli altri punti, e lasciar questo in pendente, acció tutti i Prencipi convenuti nel resto in accordi, imprendessero di superar queste scabrositá con qualche ripiego, che se non imponesse l'ultima mano alla pace universale, si fermasse almeno in una tregua, che dasse qualche rispiro al mondo. E quanto al senso di Nostro Signore propende la Santitá Sua in questo sentimento che si facci il possibile per redur a segno le altre differenze, in modo che sopra esse non ci resti altro da dilattare, perche ridotte le cose á questo segno non despararrebbe la Santitá Sua di condur i Spagnuoli á termini di lasciarsi consigliari, se non con i modi giá proposti d'esser la Corona di Spagna riconosciuta per sovrana, con un'annuo tributo, e quella di Portugallo rimanesse al possesso del dominio utile, almeno con una longa tregua, lasciando che il tempo facesse nascer le oppurtunitá d'una perpetua pace, acció mentre la Spagna si distrugge per riacquistare il perduto, et il Portugallo per conservarsi l'acquistato, non resti fabricato un ponte alli inimici del nome cattolico per venire ad incenerire con i Stati anco la Religione.....

Di Roma li 14 Novembre 1656.[1]

Avisos da Secretaria de Estado Pontificia a?

.....[2]

Dal Nuncio di Francia s'ha un foglio pien di querele per la parte di Portogallo, che qui non si pensi alli interessi loro, anzi che si dimostre contento che quel Regno venghi infestato dall'armi de Castigliani. Si rispose martidi passato longamente, a cui sia fatto passare alla notitia di quel Governo, che non v'é cura che inquieti piú la mente di Sua Santitá che questa: che il tempo lo fará conoscere; che le congionture sono impropissime per passare ad alcuna innovasione; che l'intraprenderla fuor di tempo le levarebe il modo di proseguirla fructuosamente quando sará venuta l'opportunitá. Che rispetti importantissimi della Religione obligano la Sede Apostolica a procedere con questa dissimulatione; che ne anco da Prencipi che desiderano le sodisfattioni di Portogallo s'approva che ne

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1367, fol. 1, *e* num. 1368, fol. 7. *(Copiadores do Embaixador?) — Estes dois mss. conteem o mesmo quasi, faltando no* num. 1368 *os ultimos nove documentos. Na folha 30 d'este ha uma observação em portuguez, que, segundo parece, augmenta a probabilidade de ser o livro do uso de Francisco de Sousa Coutinho, a qual diz assim:* «Esta carta que se segue he antecedente á sobrescrita.» *No* num. 1367 *está tambem em portuguez em egual altura do outro mss.:* «A carta seguinte se ha de ler primeiro que a sobrescrita, por ser feita a posta de antes.» *Isto, e o sabermos que o Embaixador tinha em Roma pessoa comprada que lhe fornecia, por intermedio de outra, copias de documentos da Curia, uma das quaes o Embaixador mandou a Mazarino (vide Carta a este de 12 de Novembro de 1657 n'este tomo) parece tornar em certeza a nossa presumpção. D'esta carta se vê egualmente que a pezo de oiro o Embaixador obtinha copias de algumas escriptas pelo cardeal Orsino.*

[2] *Assumpto extranho.*

pel não o houvera já dito no que dei a Sua Santidade, senão que foi mais largo, e mais livre. Por vias[1] o mandei a Sua Magestade, se não chegou a culpa não he minha quando haja sido o dalo, como parece que se deixa entender em huma das cartas de Sua Magestade. Seja Deos louvado que chegou o tempo de eu ser conhecido mandando me recolher a minha caza, pello que tanto tempo ha que grito, conhecendo me em todos por incapaz[2] dos lugares em que Sua Magestade foi servido occupar me. Eu em fé de que o papel lá estava não tinha duplicado por mais vias: o Padre Mestre frei Manoel Pacheco levava hum para sua curiosidade, pode se lhe pedir e servirá para me fiscalizarem por elle, que não posso esperar menos de huma obra que foi toda minha menos a tradução.

Em o haver dado não cuido que incorri em delicto grande, antes me pareceu obrigação fazel o, e dall o depois da audiencia que tive de Sua Santidade, que a não o haver feito asim a que vinha cá. Sofra me Vossa merce dizer lhe o que lá poderão haver ditto os quatro Padres da Companhia que d aqui forão de que nem entrou Ministro em Roma de muitos annos a esta parte tam bem avaliado como eu, nem se deu papel[3] que tão celebrado fosse, nem que tantas mãos corresse com tanto aplauzo, mas como os meus Santos Padres levavão o intento de que me tirasem, e se tornassem a meter de pose os seus Assistentes, nenhuma outra couza dirião que divertisse o fim que conceguirão.

Se o Papa me deixar sahir, couza de que os mais duvidavão, sempre que eu dizia que eu o havia de fazer, terei minhas duvidas em deixar as

fraganti *(sic)* ne quali ci troviamo si ponga mano ad alcun rimedio che habbia del violento, come atto a porre le cose del mondo in maggior sconcerto. Che essorta paternamente chi ha il governo di quel Regno ad astenersi da ogni atto che habbi del contumace, acció s'habbi da continuare per la parte di Sua Santitá in quell'ottima dispositione di farle gratie, che stà sempre accesa nella sua mente, e per la parte di Portogallo in quello stato di filiale osservanza, che puó obligare la medesima Sede á far sopra il possibile per gratificarlo. S'incarica infine al Nuntio che ricorra spesso alla lettura dell'instruttione datagli in questa materia, perche da essa ritrará sempre mottivi per far constare che queste pendenze di risolutione son estorte dalla necessità, e non da tepidezza et oblivione d'un Regno che merita d'esser mirato con occhio partialissimo da questa Santa Sede.*

[1] por varias vias: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054.
por duas vias: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] conhecendo me em tudo por incapaz: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.
conhesendo me todos por incapas: *Liv. mss.*, num. 2054.

[3] nem se leo papel: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1367, fol. 9 v. e num. 1368, fol. 16. *(Copiadores do Embaixador?)*

nominas ao Padre Francisco de Tavora, porque não ficarão as couzas em estado que puxem por ellas antes que eu chegue a essa Corte, e se puxarem será para se fazer por ellas o que os Bispos dezejão, mas não o que convem ao serviço e reputação de Sua Magestade. A papeles papeles costumão dizer os castelhanos, vejo eu bem no pouco cazo que faz dos meus, *(sic)* levar me ha Deos, e ouvir me hão; poderá ser que saiba defender as minhas concluzões.

A ordem que Sua Magestade me manda na substancia vem a que deve ser, porque a propol a se encaminha a missão do Padre Pacheco, mas nos accidentes vem diminuta porque não podia haver lá as noticias e circunstancias que agravão ou alivião a tardança de Sua Santidade. Não se sabe inda que ha hum anno que começou aqui a peste[1], cinco que se fecharão tribunaes, igrejas, universidades, e escollas; e de alguns dias a esta parte se serrou o Papa a toda a comunicação, e ainda a de suas portas a dentro, nem a Cardeal, nem Embaixadores[2] dá audiencia. Estava agramente dezavindo com França, a nenhuma prudencia pareceu que pudese romper no mesmo tempo com Castela. Tratava se da paz geral, estava o senhor de Lione em Madrid, e tratava sem o Papa, porque o Lione foi mandado sahir descontente, hoje acordado com França mandou Nuncios extraordinarios a ambas as Coroas.

Pontos erão estes todos que puderão obrigar a hum Embaixador a não executar as ordens interpetrando a mente do Princepe, mormente quando me lembra de huma carta de Vossa merce em que se lastimava com a primeira nova que ahi houve de que me não deixarão entrar em Roma, que era couza bem para sentir haver se de tratar a pax em Bolonha, e não haver lugar para haver ali hum Ministro de Sua Magestade, e agora que o pode haver não ali senão em Roma, não ha mais que sahir daqui sem fim determinado do que depois se ha de fazer, couza que a mim me não toca; toca me sim bem o obedecer, como farei tanto que as deficuldades ou impossibilidades cessarem, que não vem para menos os apertos com que Sua Magestade m o manda como são inda que entenda

[1] Não se ha de, ainda que ha hum anno, que estou em Roma, dizer que não foi anno util! seis mezes ha que começou aqui a peste: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.

Não se sabe ainda que ha hum anno que estou em Roma, que não foi anno util; seis mezes ha que começou aqui a peste: *Liv. mss.*, num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] nem a Embaixador: *Idem, idem, idem.*

que o contrario convem: o haver de ser licito não executar logo[1] parece que se persente que se devia replicar, conhecendo me por homem que sei antepor o serviço de Sua Magestade a todos os riscos e a todas as comodidades minhas, como fiz em Holanda chamado repetidamente,[2] se bem não faltou quem me trocesse a explicação que folgava de estar ali, e pode ser que agora se cuide tambem que folgo de estar em Roma, sendo que mais justo era que se entendese que me dezejava na minha terra adonde continuava dezaseis annos em que me tenho perdido, tendo a graça de Sua Magestade como tinha, por ventura que tivera mais amigos, mais fazenda, e lugares de mais proveito do que me tem sido os das embaixadas, e não me recolher em idade capaz só de ir ser ermitão da minha ermida, e gastar o pouco que me pode restar da vida em me encomendar a Deos. etc. *(sic)*[3].

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656—Novembro 22

Senhor[4]—As ordens que recebi de Vossa Magestade para sahir de Roma trazem tantos apertos, e circunstancias tão apertadas que para me livrar de hum delito grande,[5] como Vossa Magestade foi servido mandar me escrever, que por tal teria toda a minha demora, sou obrigado emquanto este portador não tem vento para sahir do porto, ir fazendo hum diario dos sucessos d esta caza, para que já que me não possa livrar dos trabalhos que padeço nella prezentes, e do temor dos futuros, faço menos grave a culpa, quando a impossibilidade me não livra de todo della.

[1] de ser delicto não o executar logo: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.
de ser delicto não executar logo: *Liv. mss.*, num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] chamado repentinamente: *Idem, idem.*

[3] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 45, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. supracitados.*

[4] Em 22 de Novembro de 1656.

[5] livrar de cahir em hum delicto grande: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

Fiz avizo a Vossa Magestade pela minha antecedente como era morta nesta caza huma ama que criava hum filho do Secretario da embaixada, e de como o menino ficava em vesporas de a seguir, como sucedeu no mesmo dia que escrevi: a doença da mulher se julgou só por tabardilho, mas no menino se enxergou algum signal[1] de mal contagiozo. No dia de ontem se descobrio de todo que o era dando em huma mulher que se havia trazido de fora para asistir a que morreu; hoje foi levada a caza da saude com todos os sinaes que a peste de que Deos nos livre traz consigo.

Se os que cuidão que todos aquelles apertos me são necessarios para sahir de Roma se virão nella, não sei se me invejarião o officio, e os passatempos delle, ou se lhes pareceria que erão necessarias tantas clauzulas para eu obedecer.

Senhor eu estou prezo, se disser alguma liberdade leve a Vossa Magestade em conta como de prezo, e deme licença para que dezafogue da pena que as ordens de Vossa Magestade me cauzarão, que sendo o fim dellas aquele que eu dezejo ha tantos annos, os meios são tão escandelozos que nem me atrevi a que lá se puzese em publico o meu sentimento, nem a que o fora a quem me escreve, se os garavatos que hoje faço em lugar de letras forão capazes de Vossa Magestade os ler, mas os olhos ja não ajudão, e a mão treme já muito.

Isto Senhor são secenta e cinco annos[2] cumpridos em 2 do mez passado, e passados mais de metade delles no serviço de Vossa Magestade, mas tão mal avaliados huns e outros que lhes pareceu aos Ministros de Vossa Magestade que para eu sahir de Roma erão necessarias as trez canonicas admoestações; primeira que o fizese inda que entendese que o contrario fosse serviço de Vossa Magestade; segunda que se o não fizese se me não proverião mais mezadas; terceira e a mais escandoloza porque o teria Vossa Magestade por hum grande delito. Tantas provas tenho dado de dezobediente? tão mal se tem Vossa Magestade achado com o meu infortunado serviço? tão pouca confiança a que tenho grangeado com Vossa Magestade, depois de hum longo conhecimento, e huma mais longa esperiencia, que me mande Vossa Magestade no cabo da minha velhice[3] recolher com afrontas? Não bastava meia palavra para obedecer, e se o não

[1] algum signal mais claro: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, e Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] são sessenta e hum annos: Gab. 5, E. 13, num. 7.

[3] no cabo da vida e velhice: *Idem.*

fizese não mereceria eu a Vossa Magestade crer de mim que asim importava a seu Real serviço? Senhor com homens de que Vossa Magestade tiver a satisfação que deve ter de mim, e que estiverem exercitando embaixadas, a primeira couza que se ha de uzar com elles para doutrina sua he o darlhes a razão das rezoluções, se não por obrigação, pois os Reis a não tem, ao menos por conveniencia sua, e dos que servem, e a segunda, que sempre se ha de cuidar que da parte adonde assistem tem mais noticia que os que as vem de longe. O Espirito Santo que sabe mais que os homens, de Embaixadores devia falar quando disse: *Mitte sapienti, et nihil dicas;* não digo eu que o sou, mas Vossa Magestade foi servido de que crea eu que o fui, ocupandome em seis embaixadas, entrando por primeira a de Madrid, exemplo unico em Portugal. E com isto vão Senhor as couzas tanto pelo contrario, que bastarão quatro padres da Companhia que de cá forão, e as cartas que velhacos de cá escreverão para se dar credito a elles e a ellas, e nenhum ao que escreve hum Embaixador; eu sou o que me engano, os avizos que tenho são para me entreterem, e os que aquelles dão os que[1] se executão. Os padres Tinoco e Cabral são dois santinhos, e como a Roma vierão velhos, e os mais que ouvião erão da parcialidade de Castella, infondiuselhe de tal maneira de que *(sic)* emquanto aquelle Rey não quizese não havia que esperar de Roma, que o crerão tão firmemente que a mim mesmo me dizião que me cançava debalde, e não houve couza que os tirase deste pensamento. Os outros dois padres Pedros, o Valadares porque o fiz hir, o Almeida porque o não fiz ficar, a antiphona dos outros, he serto que farião os responsorios tão largos como ca já me ameaçavão. Senhor tenhame Vossa Magestade segredo pelo amor de Deos: o Secretario Pedro Vieira da Silva que tanto carregou a mão nos apertos para me mandar ir (porque aquelles são seus) quer como letrado que seja delito se logo não obedecer a Vossa Magestade, e este mesmo porque obedeci em fazer ir o padre Valadares de quem me escrevia que quem lhe tocase nelle lhe tocava nas meninas dos seus olhos, está agora comigo como Vossa Magestade terá já lá enxergado, mas eu lhe perdoo, e lhe perdoarei sempre emquanto não tocar mais que na minha pessoa, nem passará daqui que he muito honrado.

[1] e os que aquelles dão são os que: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

Comtudo, Senhor, rija couza foi, e fora de todo o uzo que as cartas de Vossa Magestade para as terras donde ha Embaixador seu, não venhão nos seus massos. Quando estava aqui Valadares vinhão debaixo da sua coberta as do Cardeal Orsino, e agora que não está se entregão nessa Corte aos seus correspondentes; e o pior que das ordens[1] e cartas de Vossa Magestade que me vem se lhe mandem a elle as copias, sendo sobre materias em que Vossa Magestade me encarrega tanto o segredo; elle he o confidente, eu o inconfidente, por taes nos devem ter os que o apadrinhão, pois as suas queixas contra mim, que sei todas as que são, não porque lhe abra as cartas (culpa que lá se me quiz fazer) mas porque se me trazião as copias, e alguma vez abertas as originaes, ha de quem sejão ouvidas, e as minhas reprovadas, sendo que não são queixas de pessoa a pessoa, nem siumes de officio a officio, senão verdades provadas contra o serviço de Vossa Magestade, que bem que se não saibão[2] as que agora vão, como nem eu as sabia mas as suspeitava, bastava para que se acautelasem com elle ametade do que eu tinha escrito quando não sobejasem as noticias das vezitas dos Embaixadores de Castella, e ouvirlhes das suas bocas nomear a Vossa Magestade por Duque de Bragança. Eu não posso crer Senhor que a Vossa Magestade se leão estas minhas cartas, nem as do Cardeal, porque impossivel era não haver remediado o damno; seja Vossa Magestade servido de as não ouvir por rezumo, inda que são longas não são taes que se não possa perder com ellas huma meia hora, e as do Cardeal, como as hão de levar decifradas, e rezumidas, levemse traduzidas, e leiãose desde a primeira letra ate a ultima letra, que se asim se houvera feito, só pello que nellas se contradiz, lhe pudera Vossa Magestade haver tirado o lugar, e não houvera de haver quem se atrevese a defendello, queira Deos que baste inda o que lá vai.

Tornando Senhor ao principio da carta digo que inda que os apertos com que Vossa Magestade me chama trouxerão em lugar de delito grande a clauzula de crime de leza Magestade, eu não podera obedecer; de hoje por diente começão de novo os quarenta dias do meu enserramento, e de qualquer cazo que suceder, mas que seja de hum unheiro hão de comesar outros quarenta acabados elles, e outros muitos não re-

[1] ao seu correspondente, e o que pior he que das ordens: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

ao seu correspondente, e o que pior, que as ordens: Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] que bem que se não sabião: *Idem, idem.*

ceberá o Papa papel da minha mão, com que já por esta parte ate o Natal não posso obrar couza alguma, e se depois delle o mal não houver cessado, menos poderei sahir na forma que Vossa Magestade me ordena, e eu tinha permeditado; assim que sem fazer escurpulo, nem cuidar que posso incorrer em culpa, largamente poderei ter resposta de Vossa Magestade a estas cartas; o que muito convem, porque se depois destas informações Vossa Magestade não alterar as ordens, não terei couza que me carregue a conciencia, e as executarei com gosto, que agora por tantas couzas[1] me falta, e sabe Deos quanto sinto não poder executar á letra vista o que Vossa Magestade manda, que não he brinco estar em Roma quando arde em peste, e quando me tem já entrado pellas portas dentro; lá o verá Vossa Magestade na multidão de frades que despejarão Roma, folgavão os mais de estar nella, tinhão obrigação de estar como procuradores das suas Religioens, dezamparão os negocios, e huns em huma barca se atrevem a hir por Hespanha, e outros que vão em direitura com o portador em hum navixello[2] que he huma casca de noz, e neste meio tempo pareceu lá que todos aquelles apertos erão necessarios para me fazerem hir, e praza a Deos que não digão que pude, e que o não quiz fazer. Já o grande Affonço de Albuquerque se queixava dos homens da India que o quizerão fazer puto, e o pior foi que lho provarão. Eu poderei temer que provem tudo quanto diserem de mim, mas tomara eu poder provar em Portugal com toda Roma a reputação e credito que tenho alcançado nella, e confio em Deos que o não hei de perder com a sahida, antes por ventura que o acrecente.

Para Portugal não levarei muito se não levar Bispos, já pudera ser que os levara se os eleitos e seus apaniguados se não enfadarão tão depresa: e porque o querem ser, seja o modo qual for, e sabem de mim que se os levar hão de ser muito como convem á authoridade de Vossa Magestade, metem o negocio á reputação, e persuadem que com seis mezes de Roma sem efeituar se perde para sempre. Muitos exemplos pudera eu trazer estranhos, mas só trez hei de trazer tão frescos e tão cazeiros que passarão com Vossa Magestade, com o Marquez de Niza e comigo.

[1] que agora por tantas cauzas: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] em hum navio sueco: Gab. 5, E. 13, num. 7.
em hum navicoclo: Gab. 5, E. 15, num. 22.

Sete annos esteve em França oferecendo dinheiro a resto aberto[1] não só para a liga, mas ainda para soccorros de Cataluna,[2] annuaes emquanto durase a guerra, para o primeiro não foi nunca ouvido, e para o segundo se resgatou com elle,[3] como se fora fazenda que se vendia, ou se comprava. Sette e meio estive em Holanda sem fazer mais que trapacear, e sem se me admitir proposta, e nunca passou pello pensamento aos Ministros de Vossa Magestade que se perdia reputação, não sei se por mais velhos e experimentados os daquelle tempo, se ja por haverem com os annos perdido os brios.

Fui a essa Corte mandado por ElRey Christianissimo oferecer a liga que tanto se havia dezejado, tão feito, e tanto pormetido[4] por ella; estive quinze mezes, e pude falar a Vossa Magestade todas as vezes que quiz; com os Ministros andava tropeçando, a couza dezejavase, a contradição não a havia senão em nós mesmos, e voltei a França com tal reposta que a não quizerão admitir; e quer Vossa Magestade, e querem os que o aconcelhão, que ao maior negocio[5] que teve nem ha de ter nunca a Sede Apostolica com a contradição tão grande como a dElRey Catholico em seis mezes se concluise, estando desde o principio de Junho para cá serrados todos os tribunaes pela peste, tão confuzo e tão afflito o Papa, que a hum sobrinho seu que para isso trouxe não tem provido a Cardeal, instado todas as horas delle, e de seu pay, e o que mais he em *(sic)* hum pronostico que dizem que tem de que ha de morrer de peste feito por aquelle mesmo que lhe pronosticou o Pontificado.

Senhor na materia o meu voto he suspeito, será porque folgo de estar em Roma, será porque perdi o juizo, he força esperar a resposta destas como digo, o que me trouxer executarei ao pé da letra, e antes della se o contagio der lugar, mas inda mal porque o não pormete asim. etc. *(sic)*[6]

[1] a retro aberto: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] de Catalunha: *Idem, e* Gab. 5, E. 15, num. 22.
[3] se regateou com elle: *Idem, idem.*
[4] tanto feito, e tanto prometido: *Idem, idem.*
[5] que o maior negocio: Gab. 5, E. 13, num. 7.
[6] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 277, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656 — Novembro 27

Senhor[1] — Esta servirá de fazer avizo a Vossa Magestade como ainda anteontem que forão 25 deste recebi a primeira via do despacho de Vossa Magestade a que tenho feito resposta pella pessoa que mando a essa Corte que desde Julho para cá avizei que mandava, e se dilatou tanto pellas impossibilidades que hoje ha de sahir de Roma. Foi se a embarcar antes que eu recebese a segunda via, e se eu pudera partir assim, e da maneira que Vossa Magestade me ordena o chamara, e com obedecer escuzara a sua ida, bem que as circunstancias do tempo me puderão escuzar se fizesse alguma replica, com tudo a não fizera, tanto pelos apertos com que Vossa Magestade me manda, quanto por procurar pôr em salvo a minha pessoa, e a minha familia, e livral a do fogo da peste que arde, de que ja trez cazos como nas outras digo vizitarão minha caza, sendo o ultimo peste declarada, morendo a mulher na caza da saude no mesmo dia em que a levarão, havendo lhe dado o mais[2] na noute de antes, que sendo aos 21 do mez, começarão de novo os quarenta dias em que hei de estar serrado, que vem a chegar ate o ultimo do que vem, e porque inda depois disso as couzas não estarão tão correntes o deixei partir; porque como já nas outras digo inda sem muita deligencia poderei ter resposta dellas e desta, mormente quando a forma que Vossa Magestade me manda executar não pode ter lugar, não digo ja cessando de todo a peste, que isso poderia levar muito tempo, se a mizericordia de Deos não acudir, mas moderandose de sorte que se posão permitir ajuntamentos que desde que ella comessou se impedirão até nas igrejas. E não pareça, Senhor, que mandar eu pessoa foi porque queira, ou espere que Vossa Magestade mande alterar as ordens, mas para que bem informado do que ahi se não podia saber as possa eu executar sem o menor escrupulo. A pessoa que digo

[1] Em 27 de Novembro por França a 1.ª via, a 2.ª por Liorne a 2 de Dezembro de 1656.

[2] havendo lhe dado o mal: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.

está embarcada muitos dias ha, esperando tempo, hoje começou a ventar norte, pode acontecer que seja partida, por isso encaminho esta por França; se chegar primeiro do que elle, seja Vossa Magestade servido de que se não ponha impedimento para as audiencias, como se fez ao Padre D. Camilo, porque o mando puramente pelo que toca ao serviço de Vossa Magestade, que são hoje as minhas unicas pertençoens, que outras não tenho, nem terei com o favor de Deos.

Terá Vossa Magestade bem que ver nos documentos que leva, e muito mais de que se maravilhar, se delles se fizer cazo; e digo assim, porque informando eu a Vossa Magestade da verdade, e fazendo o da mesma maneira o Secretario da Embaixada ao de Estado, lhe responde que folga com as boas esperanças, mas que se tem por lá outras informaçoens que destroem as nossas: se esta fé hão de dar os Ministros de Vossa Magestade aos que andão fora, e sabem as couzas mais de dentro, que os que as não tratão, de que servem embaixadas, e de que servem Embaixadores? Se delles não ha inteira confiança para que he ocupalos? Mas já que se ocupão o afrontalos nunca pode ser conveniente, que afronta he, e bem grande afronta, o não serem criados,[1] e muito maior o dizerselhes nas suas barbas. Senhor sou já velho, ha muitos annos que sirvo a Vossa Magestade, se nunca mereci honras, não creio que pelo menos mereço afrontas.

Para se me fazerem se apararão bem as penas nesta ocazião, calarame se Vossa Magestade fora o que ditara as cartas, e passara pela de 27 de Julho que agora recebi na primeira via que não vinha duplicada na segunda. Dis me nella (palavras formais) muita graça tem a vezita que vos mandou fazer Sua Santidade pelo official das cifras de que dais conta em carta de 20 de Abril, e o fazerdes discurço sobre ella como sobre materia de importancia. Primeiramente, Senhor, este que Vossa Magestade chama official he hum Secretario de Cifras de cujo lugar imediatamente sahio para Cardeal o seu antecessor; este sobre o lugar que tem se lhe ajunta toda a valia,[2] e toda a confiança do Papa, e quando na primeira promoção não seja Cardeal[3] ficará Secretario de Estado, que esta he a Corte Romana; muito ajuda nela a fortuna, mas para estes lugares po-

[1] o não serem cridos: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.

[2] se lhe ajunta ser toda a valia: *Idem, idem.*

[3] não saia Cardeal: *Idem, idem.*

dem mais que ela os merecimentos. E pela contextura deste despacho vejo que se devia julgar que era algum officialzinho daquelles que andão ainda por carta mandadeira, ao que digo em primeiro lugar que em rezão de recado authorizado o pudera ser mais alguma couza, a trazelo o Secretario de Estado; fora delle, este tem o primeiro lugar com o ajunto de valido de Sua Santidade. Zombase de mim em que sobre elle discursasse como sobre materia de importancia. Pois em verdade Senhor que se discursou muito em Roma, e deu bem em que cuidar ao Embaixador de Castella, e a todos os daquela facção, e como o proverbio diz que em Roma como em Roma, eu pelos dias[1] que havia já estado nella me acomudei a ter a materia por de importancia, vendo que por tal a tinhão tantos, não foi o que menos se embaraçou com ella o nosso Cardeal Orsino, bem o veria Vossa Magestade lá em muitas cartas suas, e os suterfugios que buscava para que lá se entendese contra o que elle entendia. Emfim Senhor confeço a minha ignorancia e que os avizos alheios são os mais sertos, advirto porem a Vossa Magestade que o são daquelles que não querem Embaixador seu em Roma, que estes são os avizos das pessoas de credito, que Vossa Magestade nella tem, como[2] Vossa Magestade me mandou escrever que havendo sabido que eu sahira de Pariz a 12 de Outubro fora avizado daqui de pessoa de credito que Sua Santidade me mandara que não entrase em Roma. Senhor taes como estes são todos os avizos que se fazem a Vossa Magestade, mas o mau he que estes são os que se crem, e os meus ainda que sahira[3] da fonte limpa pasão por aquedutos desde Roma ate Lisboa, com que quando chegão as mãos de Vossa Magestade levão muito lodo. Eu hei de obedecer, em podendo, pontualissimamente, e hei me de hir porque o dezejo, e Vossa Magestade como me houvir, por ventura que se arependa da rezolução que foi servido tomar, que não posso deixar de dizer a Vossa Magestade com grande magoa do meu coração que ha desaseis annos que perdemos Roma, por não esperar o Bispo de Lamego seis mezes mais como lhe pedio o Cardeal Antonio, e que agora pello mesmo a perderemos pelos que Deos for servido: couza he esta que não quizera dizer, mas a abundancia do coração levou a pena ao que não cuidava; lembrese Vossa Magestade do que já

[1] eu pelos poucos dias: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 7.
[2] nella tem, que como: *Idem*, *e* Gab. 5, E. 15, num. 22.
[3] ainda que sejão: Gab. 5, E. 13, num. 7.
inda que sahião: Gab. 5, E. 15, num. 22.

lhe escrevi de Pariz muitos dias ha, que ali me dicera o Balio de Valença,[1] que não sabia que qualidade era a de Roma que todos os portuguezes que a ella vinhão fossem frades, fossem seculares, e ainda Padres da Companhia, que logo todos se fazião inimigos de Vossa Magestade, e do seu Reyno: a experiencia tenho tocado com as mãos.

Em outra carta de 12 de Julho recebida tambem com a primeira via me manda Vossa Magestade que o informe da Bula que passou Inocencio sobre a instinção[2] de alguns conventos, porque dizia ser de proveito[3] para esse Reyno. O Papa prezente executou a Bulla do seu antecessor, mas não se estendeu a mais que a Italia, e nella em muitas partes houve grandes contradições para a execução. O Vice Rey de Napoles a contradise muito, não estou informado se depois cedeu[4]: os venesianos de nenhuma maneira a quizerão admitir ate que Sua Santidade lhe deu as rendas dos conventos extinctos para ajuda da guerra contra o Turco. Isto he tudo o que ha nesta materia. etc. *(sic)*[5]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

1656—Dezembro 2[6]

Porque não vá navio de Italia sem cartas como vem os de Portugal, inda que não ha materia nova, servirá esta de acompanhar huma que vai para Sua Magestade que Deos guarde segunda via da que na semana passada mandei por França, por ser já partido o meu inviado, que Deos leve com bem. Entretanto me fico dispondo para obedecer ás ordens que

[1] o Balio de Valance: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 15, num. 22.
[2] sobre a extincção: *Idem, e* Gab. 5, E. 13, num. 7.
[3] porque podia ser de proveito: Gab. 5, E. 13, num. 7.
porque dizia ser de prepozito: Gab. 5, E. 15, num. 22.
[4] se depois se deo á execução: Gab. 5, E. 13, num. 7.
[5] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 285, *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*
[6] Pedro Vieira—Em 2 de Dezembro de 1656—Foi por Liorne no mesmo dia.

se me mandarão, e obedecera, inda que não trouxerão tantos apertos, porque emquanto ao meu individuo nenhuma couza me pode estar milhor, que livrar me de trabalhos e enfados que me tem feito mais velho que os annos com serem já muitos. Para o serviço de Sua Magestade não sei quão bem lhe estará, porque em eu dando as costas a Roma, de duas não pode escapar huma, ou de perder a maior prerogativa do Reynado, ou a serrar se lhe as portas em vida deste Papa. Eu não sou jogador de xadrez, mas ouvi dizer que não jogava bem quem não leva tres lansos adiantados, e eu pelo que vejo lá, nem hum se leva, pois a huma demostração tão grande como se ordena, querem depois dar mate com o Assistente da Companhia, tam bom servidor de Sua Magestade em Roma, quanto os que daqui se forão, os que cá ficarão, e com elles todos os que não são francezes. Só esta gente pronosticou sempre e esperou o que agora lhe veio. Lá iremos com o favor de Deos, e informaremos com verdades provadas; importará muito que não sejão cridas, para que se não desconçolem os que as ouvirem, e espero que o não sejão que segundo a conta em que estou tido, nem me hei de espantar, nem me ha de dar já muita pena, que estes despachos de Sua Magestade deixarão feito calo para todo o sentimento, seja Deos muito louvado que no cabo de sessenta e cinco annos de idade e de trinta e quatro de serviços[1] tirase por maior premio d'elles ser tratado de mentirozo, de nescio, e de inobediente, ou pelo menos de pouco obediente.

De mentirozo, pois as informaçoens que faço havendo tocado as couzas com as mãos se me escreve que ha outras lá que destroem as minhas; de nescio pela alta zombaria que se faz de mim, por fazer cazo de hum recado que o Papa me manda por hum Secretario seu, que lá chamão Official, e de cujo lugar imediato sahio para Cardeal o seu antecessor, e de que eu sobre elle faça discursos como materia de importancia; outra vez torno a dar graças a Deos. Inobediente ou pouco obediente pois me apertão tanto as censuras como que será[2] delito grande, que se me não mandarão mezadas, e que inda que entenda que o contrario he o serviço de Sua Magestade. Em boa fé meu senhor Pedro Vieira que bem maior delito farei em ir me não se sabendo lá o que por cá passa; havell o ha Vossa merce visto, ou vell o ha brevemente, se o meu inviado chega

[1] e de trinta e hum de serviços: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038 *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] tanto as censuras como se fora: *Liv. mss.*, num. 1038.

em paz, e acabará Vossamerce de crer que já desde França sabia quem era o Cardeal Orsino; se ainda assim o quizerem, aqui o tem, que encomendados os negocios a elle, e ao Padre Assistente, os senhores Bispos ficarão servidos mas Sua Magestade pouco airozo; asim se deve querer,[1] e isto he só o que eu sinto, mas passalo hei com o gosto que hei de ter vendo o arrependimento quando já não tenha remedio etc. *(sic)*

Faço escrupulo de não dizer agora o que já pudera haver dito nos ultimos das passadas.[2] O Papa anda valetudinario, isto he certo, mas os castelhanos querem que seja mais, porque o fazem morto desde Janeiro ate Março. O Embaixador asim o tem escripto. Para todos os cazos me devem de vir ordens, e para até este tambem.[3]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Papa

(1657—Janeiro, principio)

Beatissimo Padre—Li Regni di Portogallo privi, già sono tanti anni di governo spirituale, hanno perduto per colmo delle disgratie il Rè D. Giovanni IV mio Signore che sia in gloria, Prencipe la cui pietà servì sempre d'argine e riparo a quei mali, che per minore venivano abbraciati dalla corrente del publico, come quasi estorti dalla violenza di una dura necessità. Passò Sua Maestà a miglior vita li sei di Novembre doppo una malatia di dieci giorni, avendo nel suo corso di sedici anni governato con somma giustitia i suoi popoli, e senti meno in quel punto l'amarezza di vedersi mancare la beneditione di Vostra Santità per essere consapevole a se stesso, e tenere tutto il mondo per testimonio d'haverla con essemplare pazienza sollicitata appresso di Vostra Santità e sempre indarno.

[1] asim se deve crer: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] nas ultimas das passadas: num. 1038.
nos ultimos dias pasados: num. 2054.

[3] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 50, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Fù coronato li quindeci dello stesso mese il Rè Donn'Alfonso VI suo figlio primogenito, e mio Signore, restando questi pochi mesi, che mancano alla sua maggiorità Regente con assoluta auttorità la Maestà della Regina. Seguito il tutto con tanta unione d'animi, e sì divoto ossequio di tutto il Regno, che se fosse questo cordoglio capace di sollievo, ben grande il porgerebbono non meno i saggi del grande spirito e talento del nuovo Rè, e le sperimentate prove del valore della Regina, che il disinganno de'nemici, ò mal'affetti alla Corona di Portogallo, i quali avendone provata l'unione, e la saldezza in occasione sì grande, hanno sepolte nella tomba del fù Rè mio Signore di gloriosa memoria le loro mal fondate speranze. Hò stimato debito mio di darne parte a Vostra Santità, e seguira *(sic)* con racconto più distinto in tutto il successo quando possa essere à suoi piedi, per esporle anche in nome della medesima Regina mia Signora quanto mi viene comandato. Spero che sarà il figlio herede della pietà e degli stati, non già della poca fortuna che ha havuta il Padre in questa Corte. Così confido nella giustitia e nell'affetto di Vostra Santità a piedi della quale riverentemente m'inchino.—Di Vostra Santità. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal

(1657—Janeiro, principio)

Lettera all'istesso Signore Cardinale (Orsino).

Eminentissimo e Reverendissimo Signore e Patrone Colendissimo. L'affetto singolare del fù Rè D. Giovanni mio Signore che sia in gloria alla persona et al merito di Vostra Eminenza mi fa viver certissimo del di lei sentimento nella dolorosa perdita ch'habbiamo fatto. È ella tale che mi obliga a supplicar Vostra Eminenza di compiacersi a non incommodarsi per hora, riserbandomi a ricevere le gratie di Vostra Eminenza in tempo più opportuno, mentre non me ne rendono adesso capace e l'acerbità del

[1] Arch. Nac , *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 50 v.

dolore, e l'occupatione delli dispacci che stò facendo. Rendo in tanto gratie a Vostra Eminenza dell'officio ha voluto passar meco, e riverente le bacio le mani.—Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

1657—Janeiro 13[2]

Por huma barca que do Algarve chegou a Marcelha se rompeu a nova da morte de ElRey Nosso Senhor que está no Ceo, chegada a Genova em 8 do passado, e a Roma nos 15: muitos ou os mais[3] a tiverão por falça, e o maior fundamento que para isso tinhão, era haverem chegado na mesma ocazião cartas de Madrid de ate os 28, que não davão a nova, mas como por estas partes a perda me tocava a mim mais que a todos, as mesmas rezoens que os outros tiverão para duvidar me fez *(sic)* a mim tella por mais que certa, entendendo que os castelhanos a não davão porque não havião achado nella as vantagens que se pormetião.

Nestas duvidas passamos ate a semana passada, em que pella posta de Veneza faz hoje oito dias recebi os depachos da Raynha Nossa Senhora que Deos guarde, que confirmou o que eu temia, e ajuntou circunstancias maiores á minha dor, e á minha perda.

Era aquelle dia de posta de Liorne, escrevi com presa para alcançar este navio, e faltou me tempo para escrever a Vossa merce que bem que não recebi carta sua folguei sempre de que a rezão ficase pella minha parte, porque inda que os annos, e as experiencias cazeiras me poderão haver ensinado que não he ella a que mais vale para a nossa Corte, como sou velho não sei mudar de linguagem, e asim hoje que me dizem que inda estas chegarão a tempo, quiz acompanhar com esta a que vai para Sua Magestade a Raynha.

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 25 v.
[2] Pedro Vieira — Em 13 de Janeiro de 1657.
[3] muitos e os principaes: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.

Tempo foi, e não ha muito que passou, em que cuidara eu que era hum crime grande deixar de escrever a Vossa merce, mas mudou se o mesmo tempo de maneira que creio que me he necessario agora escuzar me porque escrevo sendo que da minha parte não dei nunca cauza a tamanha mudança, se não foi em reprovar por tantas vias o que encontrava o serviço de Sua Magestade e de seus Reynos. Ofença fizera a Vossa merce se cuidara que era esta a cauza, contudo eu não vejo outra. Louvo muito o empenhar se Vossa merce tanto pellos amigos, mas ah que de Deos! não o sou eu mais antigo, não sou eu portugues como Vossa merce, não estou eu ao pé da obra para conhecer os sugeitos melhor que quem os não tratou mais que por cartas, e inda por cartas bastantes só ellas para ser conhecido, e inda asim cuidar se que era outra paixão a que me obrigava. Restituição me deve Vossa merce e me deverá todo aquelle que houver formado o mesmo conceito. Quantos annos ha que Vossa merce continua na Secretaria, tantos, e mais ha que continuo nas embaixadas: vivas devem de estar as minhas cartas, se se achar em alguma d ellas acuzar alguem em ordem a paixão minha particular, sem entrar de mistura o serviço do Rey e do Reyno (testemunha o Doutor Feliciano Dourado) sendo virtude, quero ser castigado por ella, como pelo maior crime, e em verdade que o merecia eu por fazer bem a muitos, que só por isso tratarão, e tratam de me fazerem o maior mal que podem; e sou tal que nem com isso hei de saber, ou poder emmendar me.

Sendo isto asim como he porque havia Vossa merce de tomar a defensa do Cardeal Orsino contra tudo o que tenho ditto d elle, ate chegar a dizer que era traidor, e neste mesmo tempo parecer lhe a Vossa merce razão que se fizese d elle maior confiança que de mim, mandando lhe as copias das ordens que me vinhão, avizando a elle e ao Assistente da Companhia que se lhe tirava a porteção, guardando só para mim o segredo, para que inda nos dias que eu houvese de estar aqui não podese tirar proveito de rezolução tão acertada; mas como todas as ordens que vierão não erão mais que em afronta minha, e que este era o fim permeditado que nellas se observou, de nada me espanto, mas saiba Vossa merce que *ubicumque prædicatum fuerit hoc evangelium* se nos estranhará, mormente quando o não tiravão só porque eu me hia, porque da carta para o Assistente consta que erão outras as cauzas, pois em cazo do Papa querer dar Bispos, se lhe ordenava pedisse a Sua Santidade hum Cardeal para os propor em Consistorio.

Se fizesse esta lizonja[1] ao Papa de querer que elle nos nomease hum Protector, eu o tinha apontado, mas havia de ser quando elle em tudo o mais desse gosto a Sua Magestade, e fora d'ahi, e para propor sómente para que nos haviamos de tirar a liberdade, e porque não haviamos de obrigar a trez ou quatro Cardeais, quaes nos quisesemos com os emulumentos que lhes havião de vir das provizões[2] quando os milhores do Collegio folgarião de as fazer, pois isto he nosso, e não do Papa. Seja Deos louvado que á bondade, e pouca experiencia do Padre Francisco de Tavora se fia o que não pareceu fiar-se á maldade de hum Embaixador velho, e experimentado.

Mas muitas graças ás informações do Padre Tinoco e Cabral[3] que de Roma não souberão mais que o que ouvirão de suas portas a dentro, e aos vassalos, e aos parciaes de Castella, e aos Padres Almeida, e Valadares; o primeiro, porque pertendeu por via do Assistente que eu o fizese ficar em Roma, e o segundo porque se persuadio que eu o lançava d'ella; inda se este tivera a mesma rezão que o outro me não queixara d'elle, mas sendo tanto pello contrario, que contra as ordens de Sua Magestade que Deos tem o fiz ficar, ate que me vierão a mim reprehenções como Vossa merce veria, ou se mandou[4] fazer a carta, ou na copia que eu lhe mandei, a Vossa merce mesmo faço juiz de se pude fazer[5] outra couza. O Geral bem sei que dezejou que elle ficasse, porque em Roma ate os Padres da Companhia folgão com regalos, mas queria que fosse eu o que como Embaixador lh'o pedise, e tomasse sobre mim o ir contra as ordens; e em verdade que inda assim o houvera de fazer se as segundas me não chegarão, e não por respeito seu, porque já tinha alcansado que para aquilo mesmo que o fiz ficar, que era para acudir e temperar as desconfianças do Cardeal, lh'as acrecentava, e fazia maiores; mas já nisso não reparava por acudir ao gosto de Vossa merce, como fizera em couzas maiores, e farei sempre que seja tão bem afortunado que tenha occazião para o fazer.

Depois de tudo isto sabe Vossa merce o que eu sobre o Padre Valadares escrevi a Sua Magestade logo que cheguei, e quando elle se foi,

[1] Se se quizese fazer esta lizonja: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.

[2] que lhe havião de vir das proposições: *Idem, e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] do Padre Francisco Cabral: *Idem, idem, idem.*

[4] ou quando se mandou: num. 1038, *e* Gab. 5, E. 13, num. 8.

[5] faso juis se podia eu fazer: num. 1038.
faço juiz de se podia fazer: num. 2054, *e* Gab. 5, E. 13, num. 8.

mas a paixão de se ir o fez perder o salto, como Vossa merce haverá visto, se lá chegarão as cartas que lhe remetti suas. O que lá disse, o que cá escreveu sei eu clara e destintamente, e afirmo lhe a Vossa merce como homem de bem que se o que das suas informações, e das dos outros seus companheiros rezultou tocara só a minha pessoa, que fizera só cazo d ellas em quanto a defender me, mas não em quanto a ofender como me ha de ser necessario, porque me convem mostrar que falo verdade, que procedi em Roma senão com melhor sucesso, com aquella circunspecção que materia tão relevante pedia, *dicant romani*, mas *non lusitani*, quero dizer Padres da Companhia, porque sentirão muito tirar se lhes as ministrarias,[1] e não por zello; porque d esta gente, de todos os que por cá ha, se não são os francezes, e dos italianos o Padre Petrucci, de quem Vossa merce terá noticia, huns por malicia, e outros por ignorancia lançando o a melhor parte, são só os contrarios que temos em Roma, e sós os que achão theologias contra a nossa justiça, e pela omição dos Papas. A Sua Magestade que Deos tem no Ceo escrevi eu sentido d isto, que não tivese por mal empregado o que se gastou de fazenda nesta minha missão, que quando não servise de mais que de o poder informar do que era Roma, do que erão romanos, e do que são portuguezes romaniscados, o pudera dar por bem empregado. O mesmo torno a dizer a Vossa merce, e experimental o ha quando me ouvir.

O senhor Cardeal Orsino esteve hontem comigo, que, nem eu quiz receber antes sua vizita, porque, nem elle, nem eu tinhamos dós acabados, e quiz que visse quaes erão os nossos, e que não ficasse sem elle como fez na morte do Principe[2] que Deos tem. Pella minha idade, pello meu officio, e pela lastima que tenho a hum homem de tão alto sangue lhe falei como pudera seu mesmo pay. Queira Deos que aproveite, e que saiba ou queira emendar o damno que nos tem feito, e se o fizer crea Vossa merce de mim que me terá antes por advogado que por parte. Pedi lhe que em primeiro lugar me houvesse audiencia de Sua Santidade, e que a não havia de procurar por outra via, que pella sua, porque asim o escrevia hoje a Sua Magestade e a Vossa merce; se m a houver facilmente sondaremos sua resolução, que da tenção não podemos duvidar que seja boa.

[1] tirar se lhes as admenistrasoens: Arch. Nac.. *Liv. mss.*, num. 2054.
[2] na morte do Pontifice: *Liv. mss.*, num. 1038.
na morte do Papa: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

Cá me acho embaraçado sobre a forma das Bullas para os Bispos. Se por ventura nolos quizerem dar, em nome de quem se hão de despachar, e se acazo o Papa me quizese receber tambem me achava sem carta credencial, e sem cartas para o Collegio, falta em que ahi se não deixaria de reparar, mas as informaçoens que ha desses Santos Padres, e outros, terião por balda[1] esta deligencia, como podia suceder, e asim não peço emenda della, porque não he o prazo que se me dá capaz de a poder esperar, nem de me ser necessaria etc. *(sic)*[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarino

1657 — Janeiro 29

Al Signore Cardinale Mazarino.

Non potevo dubitare dell'applicatione di Vostra Eminenza in promuovere gl'interessi della Corona di Portogallo, e le sicurezze che me ne dà la gratissima di Vostra Eminenza mi fanno sperare di doverne godere i frutti, non ostanti le durezze che provo in questa Corte. Stà tuttavia il Papa ritroso non solo a terminare, come doverebbe il mio negotio, ma quello che è più da stupire, anche a sentirne parlare, tanto che in nessuno di questi Signori Cardinali hò trovato dispositione ad entrare da loro stessi in questa prattica con Sua Santità. Solo Monsignore del'Aubertiere credendo di servire in questo Sua Maestà Christianissima, e di fare cosa grata a Vostra Eminenza come tanto bene disposta a favorirci, parlò al Papa in mio nome con risolutione e franchezza, come da lui stesso sarà a pieno raguagliata Vostra Eminenza, e benche l'effetto seguitone non sia stato fortunato, resto io con ogni maggiore obligatione al suo zelo e buona volontà, in gradimento della quale sono obligato a supplicare Vostra Eminenza a compiacersi di darsi per ben servita dell'affetto di questo Prelato

[1] por baldada: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

por acabada: *Liv. mss.*, num. 2054.

[2] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 53, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

verso le cose nostre, sapendo io che sarà questa una ricompensa preggiata da esso al maggior segno. In somma tutte le fortune di Portogallo hanno da venir insieme, e stabilita quella d'una perfetta unione con Sua Maestà Christianissima, verranno tutte l'altre in conseguenza. Io mi consolo nel vedere che nessun tempo fù mai più adattato del presente per farci godere quest'avantaggio, che sò verrà procurato con tutte le sue forze dalla Maestà della Regina mia Signora, che è stata sempre tanto zelante in promuovere ogni maggior vincolo con cotesta Corona, et hoggidì ch'ella governa, haverà Vostra Eminenza largo campo d'ultimare questi negotiati. Io che sò d'esserne sempre stato ardente sollecitatore per quanto mi ha permesso la debolezza delle mie forze, e la congiontura de tempi, che correvano, ambirò sempre di concorrervi con i modi più efficaci, e parmi d'essere moralmente sicuro, che quando, spiccando Vostra Eminenza di costi per motivo di complimento un'Ambasciatore, si trovasse egli con ordini per i negotii, concluderebbe con la Regina mia Signora molto più facilmente di quello faranno costi i Ministri di Portogallo, che per qualsivoglia cosa habbino da aspettare nuovi ordini dalla Corte. Di tutto mi sono parso in obligo di dar conto a Vostra Eminenza dalla somma prudenza della quale non posso senon aspettare ogni più conveniente risolutione, ne mi resta che a supplicarla humilmente di credere che terrò sempre a mia grande gloria l'essere — Di Vostra Eminenza. *(sic)* — Roma le 29 Gennaro 1657.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(1657) — Abril 7

Senhora[2] — Estamos hoje em 7 de Abril, e conforme as ordens que tive d'ElRey nosso Senhor que está no Céo, e as que Vossa Magestade foi servida mandar me tem espirado os prazos da minha assistencia de Roma;

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 8.

[2] Em 7 de Abril por via de Antonio Lopes Aroio com a carta do Cardeal Mazarino e o papel imprenço.

e como entendo que não haverá alteração nelles, houvera executado o que se me ordenou, se a impossibilidade para sahir m o permetirão, *(sic)* mas em Liorne não ha de prezente navios: em Genova não fiz deligencia, porque como tambem ha peste nella; *(sic)* Civita vecchia esteve sempre livre, não concentirá em seu porto os que d ali vierem, asim que he força esperar a que cheguem os que se esperão d esse Reyno, mas com duvida tambem se quererão vir me buscar aqui, porque havendo já procurado os dias atraz por hum inglez que estava em Liorne, havendo sabido a riguroza quarentena que se fez fazer ao em que foi o Padre Mestre frei Manoel Pacheco, sem se lhe levar em conta quinze de viagem e quinze de haver estado esperando tempo no porto em lugar são, não se quiz arriscar a que lhe sucedesse o mesmo; *(sic)* comtudo determino por ultimo remedio quando não haja outro obrigar me a que se lhe fizerem fazer quarentena pagar lhe as demoras, já que o sahir d aqui por terra he impossivel, que bem que esta semana faz o Papa publicar a Roma por saã, tem-se sabido que nas terras confinantes particularmente nas do Gram Duque se lhe não dará pratica, sem passar primeiro todo o verão. Os navios d esse Reyno tardão muito, e já pello que hoje vemos parese que não sahirão senão com as naus da India, o que se for não poderão ser cá menos do fim d este, ou entrada do que vem, e por preça que me dê para concertar com o navio vir aqui e embarcar me, já não poderá ser antes do S. João, tempo em que entrão as mutaçoens, e com ellas a pena de vida aos que entrão e saem de Roma, mas nesta não repararei, que a virtude da obediencia me livrará. Saiba porem Vossa Magestade que se tardar são estas as razões.

Nestes dias que passarão depois que recebi os despachos de Vossa Magestade em que me mandava me detivese dois mezes mais, e apertase nelles as deligencias, o fui fazendo na forma que me foi possivel, e o que mais pude avançar he que a vontade que o Papa tinha de que eu me fosse (pellas deligencias que com elle se havião feito) parece que está mudada nesta parte, porque conforme as informações que tenho de pessoas de credito que falarão a Sua Santidade, teria hoje mais gosto de que me detivesse. O seu nactural he vagarozo, a prezunção do seu saber he grandecissima, e persuade se que com elle e com seu modo pode vencer todas as dificuldades á satisfação de todos, e pode tanto com elle esta prezunção que se estende ate cuidar que o mesmo Rey Catholico lhe ha de vir a rogar por nós. O seu pensamento foi sempre que na pax geral

havia de fazer incluir Portugal, e constame isto pela reposta que fez a ElRey de França, como logo então o avizei, e que acrecentava que quando a pax se não concluise, não lhe faltarião meios para nos dar contentamento. Hoje que vê que a pax tem grandes deficuldades, e que a força da guerra será este verão em Italia comessa a desconfiar, e se este era o ponto para que elle deixava o contentarnos, muito vezinho tem o podelo fazer. Não he isto, Senhora, dizer que o fará ou que o quer fazer, mas he informar do que passa, e do juizo que faz toda Roma, não havendo nella quem se persuada a que o Papa me deixara hir descontente: eu sei de certo que hum relegiozo, que he irmão do Cardeal Espada, homem de vida exemplar, de quem poderá informar o Mestre *(?)* de Suas Altezas, e de quem Sua Santidade faz tanto cazo que todas as semanas tem hum dia, mais de conversação familiar, que de audiencia, lhe meteu em concideração que vise se lhe estaria bem que hum Ministro grande, e de quem tanta conta se fazia em Portugal sahise de Roma depois de hum anno e meio mal satisfeito, e muito queixozo, achando hum Rey de pouca idade, para cuja maioria, que era daqui a poucos mezes, se havião de ajuntar os Estados do Reyno, e que imperção não poderia eu fazer nelles, sendo certo que a paciencia que em tantos annos tiverão os portuguezes nascera mais da piedade do Rey defunto que do nactural delles: digo o pelas palavras que o padre Virgilio Espada lhe disse nomiandome por Ministro grande, porque por cá, Senhora, não me conhecem tam bem como em Portugal; e asigurou este padre á pessoa por cuja via nos cumunicamos que ficara Sua Santidade muito entrado[1] deste discurço; e temse de poucos dias para cá mudado tanto os de palacio que nenhum acha razão a minha ida, e todos a ficada pelo menos até a maioria de ElRey meu Senhor, mas como os meus, e todos os de minha caza não são outros que os de tratar de hirme, *(sic)* e haverme detido só por falta de embarcação apela toda Roma para que o Papa me deterá, e ainda sahio já nas gazetas, que pelo Cardeal Bichi mo ordenara, porque sendo homem muito impedido o virão em minha caza, e o conceito sahio do Cardeal Orsino, porque tem delle tão grandes siumes, que chegou a dizer ao Papa que eu tratava de lhe tirar a Protectoria para a dar a Bichi, e o mesmo Papa lho disse. E Orsino para fazer correr a nova do recado que o Papa me man-

[1] muito enteirado: Biblioth. Nac., *Mss.*, V, $\frac{4}{30}$.

dara disse a Bichi que eu o havia publicado, porque este he o seu modo; e o que diz o proverbio castelhano *de mentira y sacaraz verdad*, *(sic)* para que tambem chegase ao Papa que era eu tal homem, que ou inventava recados, ou fazia publicos os que me mandava em creto, *(sic)* que estes forão sempre os favores que me fez.

Nesta semana teve Sua Santidade hum extraordinario de Madrid despachado pelo Nuncio que lá mandou para as pazes; foi este com titulo de extraordinario, e para ficar ordinario: fizerão se lhe em quanto ao primeiro todas as honras custumadas, e foi mui bem recebido de ElRey na primeira audiencia; pedio logo segunda particular que se lhe deu, e nella mostrou a carta de Nuncio ordinario. ElRey não só lh a não tomou, mas lhe dise que invenção era aquella que o Papa uzava com elle, mandar lhe hum Nuncio para ordinario sem lh o fazer a saber, nem a elle, nem ao seu Embaixador, com capa de extraordinario para que fosse recebido. He o cazo que se costuma sempre com as Coroas de França, e Castella, e asim deve ser nas mais, não lhes mandar Nuncios sem primeiro lhes fazerem parte por ver se são do seu gosto, e de outra maneira os não recebem; asim o fez França em tempo de Innocencio não deixando passar de Avinhão o Nuncio que se lhe mandava sendo frances de facção, só por se não haver tido este comprimento, e se tornou para Roma. Ajuntase mais ao descontentamento de ElRey Catholico não lhe ter concedido o Papa ate agora a prorrogação do subsidio eccleziastico, e disse ao Nuncio que Sua Santidade era hum ingrato, e que se esquecia que elle o havia posto na cadeira de S. Pedro, tendo o conclave trez mezes em suspenço com a exclusiva que dera ao Cardeal Sachete, a que acrecentou outras muitas palavras de resentimento, ao que o bom Nuncio perdido não soube responder: ordenou comtudo ao que lá estava, que continuase como de antes a nunciatura, e que despachase correio ao Papa como fizera. Sobre o que daqui resultará, são varios os juizos; os castelhanos se afirmão que o Nuncio tornará; em Sua Santidade dizem os de dentro que se não tem enchergado mudança alguma que mais depreça se vê nelle gosto que pezar porque ate agora não virão que se apreçase a despachar o correio. Muitos cuidão que tomará daqui o Papa ocazião para em rebendita entender *(sic)* comnosco, e não faltou quem me dissese que havião de puxar por mim, mas eu não o creio, pela inrezolução natural delle; brevemente nos dezenganaremos, vendo a que torna quando me vir sobre o ponto da partida, se ate então emmudecer.

Com a chegada deste correio, e com os avizos emprenços em Florença de que logo falarei, se encheu esta Corte do grande poder com que ElRey Catholico em pessoa vai sobre esse Reyno, chamado, acrecentão da nobreza delle, ou por dizer melhor se confirmarão a nova *(sic)* que o Embaixador aqui havia espalhado; falarão em 50$ homens, depois em 25$ mas joeirado reduzirão tudo a 1$ infantes e 3$ cavalos, e que por todos os seus Reynos se fazião levas. Afirmarão me pessoas inteligentes que fora alvitre este dado aquelle Rey dos facionarios que tem em Roma, supondo lhe primeiro que inda que não houvese de fazer, como não faria no estado prezente, progreço algum que todavia seria de grande importancia por duas razoens particulares: a primeira por perturbar a posse ao novo Rey, não se dissesse que não bolião comsigo, que elles mesmos lha confirmavão; e a segunda, que impedião a rezolução que temem que Sua Santidade pode tomar em nossas couzas, que a não tomaria em quanto visse as armas castelhanas vezinhas a Portugal para o invadir como elles publicão.

Bem sabem, Senhora, os castelhanos e com elles os seus facionarios o pouco que podem, e o menos que farão contra nós, mas Italia que não vê as suas necessidades cazeiras, e está vendo Napoles, Cezilia, e Milão inda se persuade que tem ElRey Catholico por lá as mesmas forças que ella lhe teme por cá, e o Papa, ou o crea, ou o não crea, se a sua inclinação está para aquella parte sempre ha de afectar o temor inda que o não tenha, pelo que, Senhora, convem que Vossa Magestade e o Reyno se dezenganem que por piedade e submiçoens não havemos alcançar couza alguma. A rigores se ha de responder com rigores, como a cortezia com cortezias, mas termos nós havido estas dezassete annos, e o Papa aquelles outros tantos, a nossa piedade lhe deu a cauza, e a segurança, que seus antecessores nella tiverão, entrando este com a mesma no Pontificado, como bem se explicou quando soube da morte de Sua Magestade dizendo que lhe pezava muito, porque no seu governo não tinha que temer novidades, e convem agora que tema que a pode haver, se não com violencias feitas a Sede Apostolica feitas pello menos aos inimigos já que Deos os reduzio a estado que só as lingoas, ou pouco mais lhe deixou livres, toda a boa politica emsina que se meta a guerra em caza do inimigo, e que se não espere na propria; com o fazer Vossa Magestade asim concegue quatro fins, qualquer delles importantissimos: o primeiro livrar suas terras; o segundo mostrar ao inimigo o pouco cazo que se faz delle, e o

terceiro dezenganar Roma que temos tanto poder como os castelhanos e maior brio que elles, e sobretudo ganhará Vossa Magestade os aplauzos de França na culpa que sempre nos deu, e verá o mundo que reçussitarão nelle as raizes dos seculos passados, que nesta conta tem todos a Vossa Magestade, e confirmal os nella he o que importa.

Digo asima que falaria em Florença, e he o cazo que em todos estes tempos atraz, vivendo ElRey nosso Senhor que Deos tem, nas gazetas que ali se empremião sempre o nomiarão por Rey, e agora depois de sua morte mudarão o titullo em Duque de Bragança, o que he certo que se fez muito de prepozito, e á instancia dos castelhanos: isto inda que não he nada que de inimigos não podiamos esperar menos comtudo nestes principios não se deve passar por nenhuma. *(sic)* Eu comecei já a publicar que se o Gram Duque não castigase o gazeteiro, o Duque de Bragança castigaria o Gram Duque no comercio, não consentindo em seus portos nau que fosse de Liorne, e que faria comer aos florentinos por mãos dos genovezes, aos quaes se daria todo; e que as naus que sahissem desse Reyno para Italia, havião de dar fiança nelle de 20$ cruzados de que não virião a portos do Gram Duque, e isto chegou já ao seu Embaixador. Se se não emmendar, não ha castigo como o da boca, nem que mais sinta o Gram Duque, que não he só mercador, mas o maior chatim de Italia; o damno para Portugal não será nenhum, porque Genova e Veneza suprirão com suprabundancia a falta que nos fizer Liorne, e entendo que os genovezes comprarão esta ocazião por muito dinheiro.

Nesta Semana Santa em que fez *(sic)* todas as funçoens contra o que se esperava, porque andou muito achacozo, e já os romanos o fazião morto, lhe pregou o padre Oliva da Companhia bem conhecido pelo nome e pello officio e falou tão livremente que dizem todos os que houvirão, que não pode ser senão que fosse de acordo com o mesmo Papa, a que se não costumão dizer liberdades: este lhe disse que sendo em outros tempos tão dilatada a Christandade, como era, procuravão os Pontifices á emitação de Christo concervar huns e trazer outros ao gremio da Igreja, e que hoje estava *(sic)* a Christandade reduzida a 4 ou a 5 provincias não só não mandavão, mas ainda não querião receber os que os vinhão buscar, e que havia Reynos inteiros que em 16 annos não tinhão visto hum baculo pastoral; e disse tanto nesta materia, e tanto contra o estilo commum, que todos, como digo, tem para si que não pode ser sem comuni-

cação e permição do Pontifice, a que se movem por ser o pregador jezuita, e bom estadista, e eu entendi asim logo que me disserão do sermão. Ao sahir delle disse o Cardeal de Albisse a Orsino polo hei no mesmo italiano que soa milhor *Tu bene mio hai fatto questa predica*, mas o sentido em que lho dise não he o literal, que por nossos peccados não ha quem o não conheça.

Muitos dias ha que avizei de hum papel que aqui sahio por ordem do Embaixador de Castella contra aquelle que dei ao Papa, e disse tambem que se lhe ficava respondendo; tardamos tantos dias em sahir com elle porque a materia pedia estudo e tempo, e levou muito a fazello impremir pellos prigos que ha aqui para couzas semilhantes, e não foi pouco achar o *(sic)* quizese fazer; mas o dinheiro que em toda a parte val muito, em Roma tem mais poder que em todas as outras: emfim sahimos com elle, Vossa Magestade será servida de o mandar ver, e sem mandar o a que se responde se deixão bem ver nas respostas quaes erão as suas propoziçoens. Antehontem o mandei ao Papa; se Sua Santidade anda combalido para as nossas couzas como me afirmão, junto ao sucesso do Nuncio, por ventura que faça este papel alguma obra, e inda que nelle nos queixamos do religiozo que o fez e dos Perlados que lho concentirão, comtudo deste sei que não tiverão noticia alguma senão depois que sahio a publico, e que teve o autor reprehençoens, e tivera penitencias se naquelles mesmos dias não sahira com o bispado em Napoles: e em verdade Senhora que da obra deste devemos ter mais gosto que queixa pella ocazião que nos deu a responder, porque andava huma linguagem de motus proprios, e ainda em pior forma que a passada de que nos não convinha dar por intendidos e tivemos depois ocazião para poder falar na forma que se verá.

Do Cardeal Mazarino tive esta semana a carta incluza, que mando para que Vossa Magestade veja que em nada do que pode tocar ao serviço de Vossa Magestade me passa por alto, *(sic)* ainda nas materias que não são da minha jerusdição. De Pariz ha algnmas cartas em que dizem que este Embaixador será o duque de La Dinayres; não o conheci eu porque esteve sempre no seu governo do Delfinado, mas os que o conhecem o avalião por de parte iguais *(sic)* ao seu sangue: se este for, ou qualquer outro, a minha openião he, e o escrevi ao Cardial, que nessa Corte se hão de concluir os negocios, e não na de Pariz; porque ahi os

concluirá Vossa Magestade, e ali hum Embaixador, com puderes lemitados, gastará tanto tempo em prepostas e respostas que se pase a ocazião. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Papa

1657 — Abril 13

Beatissimo Padre — Le communi allegrezze di questa città nel vedere felicitato il periodo del secondo anno del Pontificato di Vostra Santità col sereno della publica salute doppo il torbido de passati travaglii, e coll'adempimento de publici desiderii nel godersi arrichito il Sacro Collegio della porpora di Vostra Beatitudine in persona del Signore Cardinale Chigi congionto a Vostra Santità non meno di virtu che di sangue, e accompagnato dalla scelta di così degni, e qualificati colleghi, sono sì giustificatamente dovute all'indefessa vigilanza, et alla raffinata prudenza delle cure di Vostra Beatitudine, che vengono partecipate per singolari dalla divota e costante osservanza ch'io professo al di lei nome. Onde vengo a rappresentarne humilmente a Vostra Santità i sensi d'un'ossequiosa congratulatione, augurandole moltissimi anni avvenire colmi di quelle maggiori prosperità, che le son più dovute. Tra queste non posso traslaciar di credere ch'il paterno zelo et affetto di Vostra Santità non annoveri il rimedio tanto suspirato da tutti i buoni alle miserie spirituale dei stati del Rè mio Signore, ne vi è cosa alcuna, che mi possa impedire di tenere per fermo che non vorrà Vostra Santità in questa occasione disviare la corrente del suo solito zelo in materia d'interesse sì grande del Christianesimo, ne rendere infruttuosa la confidenza con la quale nel corso d'un' anno e mezzo hò battuto le paterne orecchie di Vostra Santità ai piedi della quale profondamente m'inchino. Li 13 Aprile 1657.—Di Vostra Santità. *(sic)*[2]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 18 (2.ª numeração), *e* V, $\frac{4}{30}$.

[2] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 51.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1657)—Abril 21 [1]

Chegou a Liorne hum navio desse Reyno em que recebi huma carta em que Vossa Magestade foi servido mandarme escrever em 30 de Janeiro sobre a confirmação do capitulo dos religiozos de Santo Agostinho, e nenhum outro despacho recebi por elle em que vi bem o que sempre das deligencias que os frades fazem para seus negocios, *(sic)* porque dipois que estou em Roma recebendo as poucas vezes elles as tem não só em direitura mas por França, por Inglaterra e Holanda, quaze todas as semanas, como se forão os mais importantes da Christandade; comtudo ainda asim me fazião proveito seus avizos, não tendo outras novas que dar do Reyno senão as que elles me davão, não com pequena vergonha minha, por ser necessario a hum Embaixador mendigallas de porta em porta, por não dizer que as não tinha, sendo necessario tellas para poder desmentir as imposturas dos castelhanos, que a guerra que nos não podem fazer com as espadas na campanha nola fazem em Roma com as lingoas, publicando humas vezes disgostos no estado ecleziastico pelas igrejas que se querião fundar em Lisboa para os ereges, outras com haverse desfeito a companhia, outras chegando a tal ponto, como dizerem que os Inquizidores erão mais puderozos que o mesmo Rey, e que depois da morte de Sua Magestade que Deos tem sahirão com editos, pondo outra vez o fisco de propria authoridade e purdencia *(sic)* absoluta, couza que inda para os portuguezes incrivel, facil de persuadir aos romanos, bem que o ouvissem com orror; e como a nada disto tinha eu a *(sic)* que responder, com zombar quando muito, fazia duvidozas estas relaçoens.

E quanto ao que Vossa Magestade me manda, de que procure confirmar a eleição do Padre frei André Teles, respondo que fiz o que me to-

[1] Para ElRey Nosso Senhor — Em 21 de Abril por Liorne a Duarte a *(sic)* Luis da Silva e dali a Holanda segunda via foi França *(sic)* na posta de 30 do dito.

cava, ou por milhor dizer, o que podia fazer, foi chamar o Padre frei Boaventura das Chagas, Provincial passado, noteficar lhe a ordem de Vossa Magestade e ordenar lhe que em quanto me não trouxese o capitulo confirmado me não entrase em caza, que he o ate onde se estende o meu puder. Para o de Vossa Magestade ser conhecido em Roma convem que comese por Portugal, mas em quanto de lá se deixar vir frades, e o Embaixador de Vossa Magestade não for reconhecido, todas as deligencias são baldadas, e servem mais de discredito, que de remedio. O secretario das Congregações, dos *(sic)* advogados, os procuradores e nutarios comem dos frades, e ainda os mareantes portuguezes, as religioens se destruem, os religiozos se relaxão, e vem muitos d elles viver a Roma como se fora em Genebra; e porque eu no memorial que dei ao Papa apontei estes incovenientes, sem embargo da rezerva que fiz dos bons, poucos forão o *(sic)* que por si o tomarão, e raros os que contra mim não afiarão as lingoas e as penas como nessa Corte se poderá saber com pouca deligencia que se faça, pois ate dos Padres da Companhia que d aqui se forão me não pude livrar fizerão a cauza comua, e todos me condenarão, tal se fora se eu individuara.

Senhor para esta gente não ha outro remedio que negar de todo e a todos a licença de virem a Roma, publicando hum edicto, que todos os que vierem *ipço (sic) facto* fiquem desnatoralizados, e debaixo da mesma pena mandar notificar os que por cá andão, com excepção porem dos que vierão com licença particular de Sua Magestade que está no Céo, porque os que a trouxerão vivem muito conformes a quem são; mas Agostinhos 2 de S. Paulo, hum que agora veio das ilhas, de S. Francisco, e outros simelhantes fazell os logo recolher, ou castigal os; e se elles virem esta demostração, e os seus Perlados que os mandão poderem temer que ha Angola e S. Thomé para elles, eu lhe seguro a Vossa Magestade que os capitullos se fação com quietação, e se confirmem aqui sem contradição.

E em quanto asim não for, e em quanto tiverem recurço a Roma tenha Vossa Magestade para si que cada dia ha de hir de mal em pior, asim nisto como no mais; os frades são muito livres, para o fim do seu negocio não ha caminho que não intentem, nem liberdade a que se não estendão, e com o proverbio comum de estamos em Roma lhes parese que se livrão de tudo; e não são só Senhor os frades, nos seculares passa a mesma regra nassendo tudo do como ali *(sic)* se hão com elles quando de cá vão. Os que vem a Roma nunca são os melhores e destes os que

vão providos sempre são os piores enchendo se as cathedraes desse Reyno de vilhacos e gente baixa, que obrão sempre como quem são, e hão os beneficios pelos caminhos que Deos sabe e eu tambem; e tenha Vossa Magestade por couza certa, que raro he o grande que aqui se leva que não seja a contemplação de Castella. No deado de Braga e arcediago *(sic)* de Sauta Christina lá está hum provido, por quem disse aqui o Embaixador de França pelo que delle ouvio, que se cuidara que em chegando a Portugal o não infrocavão, que elle o houvera feito aqui asassinar; chegou lá teve padrinhos prometeu renuncias, está capaz para hum bispado.

Aqui foi provido na thezoraria da mesma sé hum velhaquinho que chamão Manoel Furtado, que servio huns dias de secretario da lingoa portugueza ao Cardeal Orsino, e lho tirarão de caza por huma carta do Secretario Pedro Vieira por inconfidente, e primeiro foi provido no beneficio, que se soubese que estava vago: avizei deste provimento e das vias por onde alcançara, não tive resposta, e só ouvi que disera lá algum Ministro que importava que fosse mais Pedro que Martinho. Mandou me Sua Magestade que Deos tem que pedisse para o filho do Secretario Gaspar de Faria o chantrado e o canonicato de Evora por seu thio, *(sic)* apenas e com muito trabalho pude alcançar a deguenidade, e antes della alcansada, estava provido no canonicato Gregorio de Pina filho de hum barbeiro de Santo Antonio do Tujal; e agora se proverão o arciprestado de Lamego e hum canonicato da Guarda em dois maltrapilhos, havendo eu feito instancia por hum sobrinho do Mestre *(?)* de Vossa Magestade, e hoje que corre nova aqui que vagou o arciprestado dessa sé, o levará o filho de outro barbeiro do Porto; e desta maneira Senhor se prove tudo, e se ha de prover em quanto Vossa Magestade o não remediar; he necesario que se saiba em Roma que Vossa Magestade he Rey, e que se não pode impedir os provimentos dos beneficios que ao menos pode fazer que as cathedraes de seu Reyno se não enxão da escoria delle: e já que de todo se lhes não negue a posse, pelo menos se suspenda ate Vossa Magestade ser informado de quaes são as pessoas providas; se assim se fizer Vossa Magestade será conciderado, o seu Embaixador respeitado, o Datario abrirá os olhos, os portuguezes saberão que tem Rey e Embaixador que reprezenta a sua pessoa. A meus annos, a ter a honra de Concelheiro de Estado de Vossa Magestade, de Embaixador de 5 embaixadas, corre a obrigação de dizer o que entendo, como se o remediara Vossa Magestade cuja Real pesoa etc. *(sic)*

Outra advertencia me havia esquecido fazer a Vossa Magestade tão necesaria como todas, que de nenhuma maneira a italiano que haja de viver em Italia se de a natureza do Reyno; digo o porque sei que de prezente pertendem havel a hum advogado que chamão Julio Serroje, e hum secretario do Cardeal Barbarino por nome Agapito Colorsi, porque sobre o não merecer nenhum delles, e este segundo nem por si, nem pelo amo não virá beneficio de Portugal que não levem, que he o intento da pertenção. Já me fizerão tentar por algumas pessoas alegando serviços, pelos quaes os poderião desnatoralizar ainda quando fossem naturais: não duvido que se valhão de outros meios, e que lá se lhes possa conceder parecendo que pedem pouco e se lhes dá menos. Saiba Vossa Magestade contudo que he fazel os senhores de muitas penssoens, e de muitos beneficios. Senhor quem quizer ser natural do Reyno vá viver a elle, e servir lá a Vossa Magestade, e não deservil o aqui, como fazem muitos que não são portuguezes mais que para o porveito e piores que castelhanos se os havemos mister; se Deos me tornar minha falla eu apontarei alguns mas no interim bastará que não haja outros de novo. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal d'Este

1657—Abril 27

All'istesso Signore Cardinale (d'Este).

Le longhezze di questa Corte in appigliarsi ad alcuna risolutione negl'affari del Rè mio Signore havendo dato questi mesi adietro non meno animo ch'otio alli spagnuoli di disputare in scritto la giustificatione delle mie instanze, procurorono di farlo con una scrittura latina, così mal digerita nelle prove, come è mal fondata la violenza, ch'adoprano in Roma per impedirmi la consecutione di giustitia sì notoria. Hora che il ristabilimento della publica salute risveglia gl'animi all'applicatione ò de loro ufficii, ò

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 35, (2.ª numeração), *e* V, $\frac{4}{30}$.

della curiosità, hò fatta publicare in risposte delle loro menzogne la scrittura che trasmetto quì annessa a Vostra Altezza; dal fino giudicio della quale starò attendendo la stima doverò farne. L'ossequio ch'io professo al di lei nome, e la benignità con la quale Vostra Altezza si è sempre compiacciuta di considerare e proteggere questi interessi, non ponno dispensarla dal travaglio di scorrere questi fogli, come mi obligano a darle conto di quel va succedendo; tanto più che mi sono troppo pretioze l'occasioni di supplicar Vostra Altezza ad honorar la mia servitù coll'impiego de suoi commandi, quali mentre stò attendendo, humilmente la riverisco. Di Roma li 27 Aprile 1657.—Di Vostra Altezza Serenissima. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarino

1657—Maio 6

All'istesso (Signore Cardinale Mazarino).

Le campagne si fanno in Roma, come Vostra Eminenza sà molto bene, solo con la lingua e con la penna. Li spagnuoli conoscendo l'impossibilità di respondere alla forza delle ragioni pur troppo convincenti, che nel mio arrivo in questa Corte esposi a Sua Santità in giustificatione delle mie dimande, se la passorono con silentio per molti mesi, finche risvegliata l'audacia d'un loro theologastro publicorono in *(sic)* scritto, nel quale schivando il ponto delle ragioni e degl'essempii da me addotti, si finsero a capriccio varie questioni circa le prerogative della Corona di Portogallo, e del Rè mio Signore, riempiendo il tutto d'allegationi così false, e così fuor di proposito, che quantunque non meritassero risposta, hebbi non dimeno per bene di non lasciare alla lor arroganza questa picciola ombra di vana gloria, che restassero senza replica i loro sogni. E perche l'osservanza che professo a Vostra Eminenza, e la parte che il Rè Christianissimo piglia nell'interesse del Rè mio Signore m'obligano a darle

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 35.

distinto conto di quel che va succedendo, trasmetto a Vostra Eminenza quel che si è publicato hora in risposta all'arrogante e temeraria falsità di chi scrisse, sperando che Vostra Eminenza favorisca di farmi penetrare il concetto ne formerà il suo perfetto giuditio per regolare con esso la stima doverò fare dell'opera, et a Vostra Eminenza profondamente m'inchino. Roma li 6 di Maggio 1657.—Di Vostra Eminenza. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Marquez de Gouvea

1657—Maio 19[2]

Recebi a carta de Vossa Senhoria de 8 de Março nos ultimos de Abril, muita mercê me fez Vossa Senhoria em se lembrar de mim, e muito maior em mandarme que o servisse; mas foi desgraça minha que na primeira ocazião em que Vossa Senhoria me fez esta mercê, não pudesse ter efeito o servilo como dezejava. Havia poucos dias que se havia impetrado a renuncia do canonicato de Pedro da Silva de Faria em favor de seu sobrinho, e estavão ja passadas as Bullas, a cujo favor no mesmo tempo havia escrito apertadissimamente o Secretario Pedro Vieira da Silva; porem Senhor meu, nem as suas instancias, nem as minhas em serviço de Vossa Senhoria serião de effeito algum se a renuncia não estivese feita, porque hoje os beneficios desse Reyno se não dão senão á mais vil escoria delle, porque ou o Cardeal Datario por nos desgostar o faz assim, ou que como he tal a gente que os pede não tem pejo de os alcançar por intercessão dos castelhanos, que he a que val ao menos para os beneficios grandes. Avizei disto a Sua Magestade que Deos tem, e depois da sua morte fiz já a mesma advertencia, mas espero que aproveite tanto como a primeira, e assim emquanto de lá se não remediar podem escuzar o pedir beneficios em Roma.

Avizei da thezouraria de Braga que se havia dado a hum Manoel

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 9.
[2] Para o Marquez de Gouvea—Em 19 de Maio de 1657.

Furtado por calidade criado de hum conego de Evora a quem servia de moço de cego, e nesta Corte servio de secretario da lingua portugueza alguns dias ao Cardeal Orsino, e lho tirou de caza huma carta do Secretario Pedro Vieira (que eu vi) por inconfidente, e justissimamente porque a diguinidade a houve por Castella, por donde teve o avizo, e primeiro foi provido nella que se soubesse que estava vaga. Escrevi que se lhe não desse posse,ou ao menos se lhe suspendesse, e correu aqui fama por entre os portuguezes que o Secretario havia respondido que importava mais que o levasse Pedro, Sancho, ou Martinho.

O canonicato de Evora que Sua Magestade que Deos tem me mandou que com o chantrado o pedise para o filho do Secretario Gaspar de Faria, anexo á sua caza tantos annos, se deu a hum Gregorio de Pina, expulso da Companhia, filho de hum barbeiro de Santo Antonio do Tojal, que tem hum irmão em Napoles em serviço dos castelhanos, por cuja via, e por cujo favor o alcançou. Ha aqui tambem outro filho de hum barbeiro do Porto chamado Rodrigo de Araujo, que he tambem dos que estão a caber no primeiro beneficio grande que vagar, e tanto asim que inventou ser morto D. Vasco Lobo, irmão do Barão, e dentro de dois dias esteve feito Arcipreste de Lisboa. O Datario, se não he barbeiro, não teve melhor officio seu pai, favorece esta gente, ou pela igualar nas qualidades, ou pelo que já digo [1], por nos fazer acintes. Bem me atrevera eu a remedialo se cuidara que dahi houvese de ter mão forte, mas como lá, Senhor Marquez, ha Ministros que tratão só de que eu possa pouco, não só me não ajudão, mas me dezajudão no que podem, pelo que nem eu me atrevo a falar, ou empenhar por não ficar envergonhado.

Vossa Senhoria pois está no Conselho de Estado, adonde com eu estar em Roma sei o que nelle passa, e sei como Vossa Senhoria votou em minhas cauzas [2] pelo que toca ao serviço de Sua Magestade faça que as minhas cartas se leão nelle *de verbo ad verbum*. Os Embaixadores não tem mais authoridade que a que seus Principes lhe dão, se em lugar de se me dar ma tirarem, escuzase o gasto que se faz comigo, e todo o que se houver de fazer com os Embaixadores que houverem de poder tão pouco como eu, porque não só he descredito delles, mas alcança tam-

[1] ou pelo que já disse: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] votou em muitas coizas: *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054.
votou em minhas coisas: Gab. 5, E. 13, num. 8.

bem a seus Principes. E Vossa Senhoria em quanto me tiver por cá veja em que o posso servir, e dême muitas occaziões em que o possa fazer. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal

1657 — Maio 31

Al medesimo Signore Cardinale (Orsino).

Se di quanto supplicai hieri Vostra Eminenza con mio viglieto circa l'aviso trasmesso da Vostra Eminenza al Rè mio Signore con lettera in data delli 10 Febraro prossimo passato, che Sua Santità haveva detto a Vostra Eminenza in audienza particolare d'essere risoluta a dar Vescovi ai Regni di Portogallo ad supplicationem Joannis 4.° *(sic)* Portugaliae Regis, e che subito nel primo consistoro haverebbe provisti i vescovati principali, e gl'altri poi nei susseguenti, con altre circonstanze appontate da Vostra Eminenza in detta sua lettera, mi bastasse per sapermi governare in quel che tocca al servitio et agl'ordini di Sua Maestà conferirne a bocca con Vostra Eminenza, sarei io stato a ricevere questo honore una e più volte in sua caza, senza aspettare che Vostra Eminenza si scommodasse di venire a questa, ma perche mi è assolutamente necessario haverne prima da Vostra Eminenza distinta chiarezza in scritto, la supplico di nuovo instantemente a contentarsi di trasmetterne prima d'ogni altra cosa sicura notitia in un foglio, perche doppo questo sarò a compire come devo con Vostra Eminenza quale riverisco humilmente. Di Casa li 31 Maggio 1657. —Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)*[2]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 60, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

[2] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 26.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

(1657?)—Junho 1[1]

Fataes forão para Vossa merce, e para mim o Cardeal Orsino e o Padre Pedro de Valladares, pois por querer defender o primeiro contra o serviço de Sua Magestade e por eu não defender o segundo contra as ordens do dito Senhor chegou Vossa merce a pôr se tanto em campo contra mim que sou obrigado a fazer o mesmo, e a declarar me por huma vez, por não ser traido de tantas.[2] Tenho a Vossa merce por meu inimigo, e eu quero que por tal me tenha Vossa merce a mim: os homens de bem o que está no coração ha de vir á lingua, para que he andarmos com disimulações. Vossa merce á descoberta[3] me faça todo o mal que puder, não na Secretaria com a penna, e com cabala[4] dos que contra mim ajudão a Vossa merce, ou por dizer melhor cabala contra o serviço de Sua Magestade, que tal he querer Vossa merce com ella apadrinhar hum traidor inimigo do Rey, do Reyno, da Nação, e que com o nosso dinheiro anda grangeando os castelhanos que o conhecem tão bem que inda asim o não querem, porque os serve melhor no officio que tem, do que os ha de servir fora d elle. Vossa merce seja servido de não querer fallar em couzas minhas dando se me por suspeito, mercê que a Sua Magestade que Deos guarde peço me queira conceder. E em cazo que não queira estar pellos estilos dos senhores Reis antigos de Portugal deante dos quaes bastava dizer lhes hum fidalgo tenho pejo em fulano para *ipso facto* lhe ficar suspeito, chegaremos ás provas, e quando em direito se não julguem equivalentes, sel o hão para Vossa merce não ficar muito gentil homem, com que

[1] Para Pedro Vieira — Em o 1.º de Junho.

[2] por não ser traidor de tantas: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] á cara descoberta: *Idem, idem.*

[4] e com a caballa: *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Gab. 5, E. 13, num. 8.

me darei por satisfeito, e ficarei pago com uzura do que Vossa merce maquina contra mim. Far se ha publico como Vossa merce para interesses seus queira ter[1] em Roma o Padre Pedro de Valadares, com firmas suas em branco para o que Vossa merce e elle sabem, e pode ser que eu tambem. Saberá Sua Magestade tinha por ofendidas[2] as meninas dos seus olhos tocandolhe[3] naquella pessoa, e que sendo Secretario de Estado escrevia o que se lhe mandava em ordem a mandalo ir e soto mano a mim que o amparase. Saber se ha mais, que achando se Vossa merce com poucas forças para defender ao traidor do Cardeal pede socorro a Roma a quem lhe parese que lh o pode dar com o Senhor[4] Conde de Odemira, para que seja com elle na defença, como se fosse homem o Conde que lhe mudase o zelo e a fidelidade o maior poder que houvese, quanto mais hum de caza a quem pode mandar que lhe não pessa despropozitos. Para tudo o que digo tenho provas na minha mão que bastarão para dezacreditar a Vossa merce, quando não bastem para me ser suspeito, que o mal que Vossa merce pode fazer[5] quando muito vem a montar a retardar me os despachos de Sua Magestade, como fez agora e sempre, mal que se eu fora como outros Ministros[6] me não chegara ao fio da capa, mas como toca no serviço de Sua Magestade, toca me muito no coração, que para o mais fez nos Deos mercê de nos dar Rey e Raynha que sabem conhecer quem os serve tam bem como eu. Vossa merce pode afiar as armas para quando eu for, se ate aqui temos lutado de bicos, chegaremos a arcar e quem melhor oração souber melhor a diga. Tudo se escuzará com Vossa merce uzar comigo o que uzou com o Conde Camareiro mor, a ambos nos estaria bem, a Vossa merce por que não sahisem á praça couzas que o possão deslustrar, e a mim por me não fazer hir contra o meu natural.[7]

[1] queria ter: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] que tinha offendidas: num. 1038.
que tinha por ofendidas: num. 2054.

[3] tocando se lhe: num. 1038, *e* num. 2054, *e* Gab. 5, E. 13, num. 8.

[4] que lh o pode dar como ao Senhor: num. 1038.
que lh o pode dar, como o Senhor: Gab. 5, E. 13, num. 8.

[5] me pode fazer: num. 1038, *e* num. 2054, *e* Gab. 5, E, 13, num. 8.

[6] como outros muitos Ministros: *Idem, idem, idem.*

[7] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$, pag. 63, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

1657—Junho 2[1]

Era estillo em Portugal em tempo dos senhores Reis passados dizer hum Fidalgo a ElRey que tinha pejo em hum Ministro para se lhe haver por suspeito: que o tenho a Vossa merce escrevo a Sua Magestade que Deos guarde, pedindo lhe que haja por bem que sem outras provas juridicas que *(sic)* Vossa merce não fale nem escreva em materias que me toquem. E quando Sua Magestade me não queira deferir sem precederem provas legaes e juridicas, a ambos nos convirá que Vossa merce de si mesmo se me queira dar[2] por suspeito, porque nem as provas que tenho lhe podem estar bem que saião a praça, nem a mim o sahir com ellas tanto contra meu natural. Muito tempo ha que enxerguei em Vossa merce pouco afecto em minhas couzas, porem desde que estou em Roma degenerou em paixão declarada. O Cardeal Orsino, e o Padre Pedro de Valadares forão a pedra angular que serraram esse mal fundado edificio; os erros delle queira Vossa merce que fiquem nelle como ficarão em mim sem pasarem a terceiro, o que não poderá ser quando Sua Magestade não queira sem provas, ou Vossa merce as não escuze dando se me por suspeito. etc. *(sic)*[3]

[1] Para Pedro Vieira—Em 2 de Junho de 1657.

[2] se queira dar: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$, pag. 65, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Bispo Capellão Mór

1657—Junho 2[1]

Recebi por navios que aqui chegarão a carta que Vossa Senhoria me fez merce escrever por duas vias, e bejo as mãos muitas vezes pello favor que com ella me fez lembrandose de mim, que não he pouco em tempo que se afião e se aparão[2] as espadas e as penas contra este mizeravel bichinho da terra, que não sei em que politica cabe concervarem em hum lugar a hum homem que a juizo de alguns Ministros errou, e erra sempre particularmente neste de Roma, aonde os erros mais leves vem a ser capitaes; a culpa não he minha, se érro o juizo não alcança mais; mas que ahi se erre concervandome contra o parecer dos melhores, he mizeria grande, e mais havendo informações tão legaes e tão verdadeiras como as de hum Principe da Igreja qual o senhor Cardeal Orsino Protector meretissimo dos Reynos e Senhorios de Portugal, de cujos merecimentos, exacta fidelidade, talento suprior poderá haver informado a Vossa Senhoria o Padre Pedro de Almeida, que de vista e de ouvida sabe o grande credito e alta reputação que tem alcançado nesta Curia com sua sobrenatural prudencia: e sendo este lhe não basta o apadrinharemno Vossa Senhoria e o Secretario[3] Pedro Vieira para se meter esse Reyno todo em suas mãos, e tirarem daqui homem tão máo como eu, que me atrevo a pôr a boca na sagrada purpura cardinalicia.

He verdade, Senhor meu, que he lastima bem grande dividirse o Con-

[1] Para o Bispo Capelão mor—Em 2 de junho de 1657.

[2] e se apurão: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] e quando este lhe não baste o apadrinhará a Vossa Senhoria o Secretario: num. 1038.

e sendo este não basta o apadrinharem no Vossa Senhoria e o Secretario: num. 2054.

e tendo este lhe não basta o apadrinharem no Vossa Senhoria e o Secretario: Gab. 5, E. 13, num. 8.

celho de Estado em tirar hum, e deixar outro, em tirar este e deixar outro[1] Vossa Senhoria o que fizera só quando mal acompanhado, para vinte e oito Bispos que nos faltão são mais de cinco mil os que o Papa em cinco annos que ha que he Protector lhe tem dado, porque multiplicando vinte e oito por semana nos annos que digo creio inda[2] virá a ser maior o numero.

Vossa Senhoria me diz que se aqui me achar no tempo em que Sua Santidade confirmar as igrejas, por falta de credito se não deixem de tirar as Bullas; ao que respondo, que em Roma, em França, em Holanda, e em todas as partes que estive[3] foi e he tão grande o meu credito que se no dia de hoje o Papa nomeara os Bispados, e eu não tivera remessas desse Reyno, na mesma hora tirara as Bullas de todos.[4] Não me sucederá em Portugal isto, porque aquillo do Evangelho não pode faltar. Sei que o Eminentissimo Cardeal promete em me eu indo Bispos *ad supplicationem Joannis 4* escrevendo o em 10 de Fevereiro, alcançando para ElRey morto o que não lhe pode alcançar sendo vivo.

Que galantes são Vossas Senhorias lá em crer este santo Evangelista, não digo já o que tem escrito em cinco annos, mas seja Vossa Senhoria servido de pedir ao Secretario Pedro Vieira que lhe mostre as cifras que escreveu desde Julho do anno passado para cá, e se achar duas que digão huma com outra, seja eu o mau e o mentirozo, e elle o santo e o verdadeiro. Senhor Bispo Capelão mor deixemos chanças, e saiba Vossa Senhoria que em quanto Orsino for Protector, que nem Bispos, nem couza boa tem que esperar de Roma: agora crea me, ou não me crea, o tempo lhe mostrará a verdade, porque para esta proposta de agora tem ja contra para ella, arguindo me huma tramoia[5] que agora anda por Roma, com huma offerta que fiz ao irmão do Papa, que ou o Cardeal a inventase, ou a crea, diz que eu lhe arruinei todas as suas grandes negociações: não arruinara elle mais as minhas, que eu tivera a coiza em outro estado bem diferente; mas he grande a mizeria de ser Embaixador de Reyno que ha oitenta annos que não sabe o que são Embaixadores, para se não pejar

[1] em tirar este e deixar aquelle: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] creio que ainda: *Idem, idem, e Liv. mss.*, num. 2054.

[3] em que estive: num. 1038, *e* Gab. 5, E. 13, num. 8.

[4] tivera as Bullas de todos: num. 1038, *e* num. 2054, *e* Gab. 5, E. 13, num. 8.

[5] arguindo me huma temeraria: *Idem, idem, idem.*

o Secretario Pedro Vieira de responder ás minhas informações, que tem outras mais certas. Vossa Senhoria se não apresse em aparelhar as alviçaras para o gentil homem que ha de lá mandar o Cardeal com a nomeação dos Bispos, porque eu irei primeiro, e como pratico em Roma poderei dizer a Vossa Senhoria o que se deve a tanto mensageiro, e entretanto me mande Vossa Senhoria em muitas ocaziões. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Ursino, Protector de Portugal[2]

1657 — Junho 7

Eminentissimo e Reverendissimo Signore.

Questa è la volta che come Vostra Eminenza scrisse in altra occasione, sono terminati li periodi, et in replica del viglietto che Vostra Eminenza mi scrisse l'ultimo di Maggio con la medesima cifra, con la quale sono tanti anni ch'ella si compiace di dar conto dei negotii, per l'obligo che hò di non mancare in materia sì rilevante al servitio del Rè mio Signore, et al bene di Vostra Eminenza sono tenuto a pregarla d'aprire gl' occhi, e sciogliere una volta gl'enigmi. Io non hò già bisogno per me di capirli, perche è longo tempo che ne sono a capo, e quel che è peggio li intende molto ben questa Corte tutta non sò se con maggior meraviglia che compassione, perche il camino che Vostra Eminenza ha seguitato fin hora conduce a quel porto, dove sono hoggidì ridotti i negotii. Da che fu ser-

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$, pag. 66, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc. *Mss. citados.*

[2] *É precedida d'esta advertencia:* «La lettera seguente doppo d'essere scritta, e risoluta Sua Eccellenza a mandarla al Signore Cardinale Orsino, s'astene l'Eccellenza Sua per altra consideratione di mandarsela, prima che Sua Maestà sapesse il motivo della, con che sin'adesso non passò di qui a altri mani, che quelle di Sua Maestà.» *Não foi enviada até então; mas foi-o depois? Na duvida, porque em todo caso foi mandada a el-Rei e por ser muito curiosa pelos factos que encerra, não hesitámos em publical-a. A ella se refere a* Carta *de* 12 *de* Novembro *de* 1657 *do Embaixador ao Cardeal Mazarino, que adeante se publica.*

vito il Rè mio Signore di gloriosa memoria honorare Vostra Eminenza della protettione dei suoi Regni, confidato nel zelo, che prometteva il sangue del quale è nato, e li vantaggi ch'entrò a godere dalla di lui Reale munificenza, nessuna cosa ha havuta Vostra Eminenza più a cuore, che impedire con tutto lo sforzo possibile che venissero a questa Corte Ministri di Sua Maestà, volendosi con nuovo essempio e con motivo d'ecclesiastica humiltà Vostra Eminenza privare degl'applausi e dell'autorevole attestatione, che dell'opera e valor suo a prò della Corona haverebbero essi potuto trasmettere alla Corte; e può ricordarsi Vostra Eminenza che son pieni di questo intento i dispacci che mandava a Lisbona, non meno che le lettere, delle quali mi favoriva in Francia. Si compiacque in conformità il fù Rè mio Signore di dar largo campo e longo tempo a Vostra Eminenza di far valere il suo talento, depositando con straordinaria confidenza in sua mano il manegio de suoi interessi, impiego accetatto da Vostra Eminenza con tanta prudenza ch'havendo raccomandato con ogni premura a chi gliene consignò i dispacci, che lo tenesse secreto, non ardendo propalarsi benche già fusse dichiarato di fattione francese, si stupì questa Corte di veder i Ministri del Rè Cattolico mostrarne anzi sodisfattione, che quel timore, che per ragione potevano concepire dall'opera d'un Cardinale di sì gran casa. Si applicò Vostra Eminenza a scrivere ogni settimana con indefessa diligenza alla Corte, hora che andava spianando le difficoltá, hora che appariva buona apertura, hora che haveva parlato al Papa, e penetrato le oppositioni dei nemici, hora che haveva un gran negotio in mano, e che la posta seguente mandarebbe una buona nova, dipoi ch'era maturato il negotio, e che stava il Papa indinatissimo, hora già risoluto, et ogni primo vascello, che partisse, doveva essere la colomba col desiderato ramo d'olivo. Erano questi voli molto nobili, ma col vascello seguente era spennato l'uscello, e seccato l'olivo, havendo quelli fatto tanto camino con moto così contrario, non già al suo intento, ma al suo viaggio, ch'era un stupore vedere nella contrarietà delle lettere svanite prima che nate tante machine fondate in aria, e ben ha provato l'evento che sussistenza havessero tante parlate fatte al Papa, mentre negl'ultimi mesi della vita d'Innocenzo un gran Cardinale[1] intelligente degl'interessi di stato domandò a una persona se veramente Vostra Eminenza era Protettore di Portogallo, perche Papa Innocenzo non lo poteva credere; e doppo la

[1] *Á margem*: Questi fù il Signore Cardinale Chigi, hoggi Papa Alessandro VII e lo dimandò al Padre Maestro Giovanni Antonio Rivarola.

morte di questo, scappò a Vostra Eminenza di dire ad alcuni come volevano che Vostra Eminenza parlasse dei negotii di Portogallo ad un Papa terribile, e che non sentiva senon la cognata, forse non ricordandosi d'havermi Vostra Eminenza detto più volte che le diceva la Santità di Papa Alessandro, quando era Secretario di Stato, che non sapeva come Papa Innocenzo poteva soffrire Vostra Eminenza, tanto era l'ardore col quale Vostra Eminenza premeva quel Pontefice nei negotii di Portogallo, ma svanirono tanti negotiati; e non sò se per l'istesso motivo, ò per altri più veri, furono sì grandi le dimostrationi di sentimento che Vostra Eminenza come Protettore fece nella morte del Serenissimo Prencipe D. Theodosio, figlio primogenito di Sua Maestà, che non poteva credere questa Corte ch'egli fusse passato a miglior vita, vedendo Vostra Eminenza non haver dato scoruccio alla sua famiglia, quando era obligato a darlo, e molto grande. Ridotto poi il Papa all'estremo della vita, et havendo Vostra Eminenza in sua mano alcuni pieghi di Sua Maestà per il Signore Duca di Bracciano zio di Vostra Eminenza con ordine di dichiararsi suo Ambasciatore in occasione opportuna, per quante instanze le venissero fatte, non volse mai dar detti pieghi in tempo debito; e quando stava Sua Santità in stato che il rimorso della coscienza, solendo stringere maggiormente, poteva far sperare un'improvisa risolutione a prò del Rè mio Signore se vi fusse stato chi l'havesse ricordata, come si doveva, Vostra Eminenza in vece di gridare alle stelle, e rappresentare vigorosamente al Papa quel che doveva a se stesso, et al mondo, com'ogni altro Cardinale Protettore haverebbe fatto, può ricordarsi se aprì mai bocca, e per farmi gratia dirmi se è vero quel che fu detto passasse in una anticamera di palazzo con qualche Cardinale[1] di gran vaglia della fattione spagnuola, parenti e stretissimi confidenti di Vostra Eminenza quando havendo il Papa in estremis chiamato il sacro Collegio, dubitorono essi che volesse far Sua Santità qualche dichiaratione nelle materie di Portogallo, e se si trattene con essi loro Vostra Eminenza senz'entrare dal Papa. Uguale fù l'applicatione a procurar qualche vantaggio agl'interessi della Corona nella Sede vacante, e si ristrinse tutta a scrivermi in Francia, che rimettessi a Vostra Eminenza trè ò quattro milla scudi per far levate di gente, e non ha dubbio che haveva Vostra Eminenza impugnata così altamente la spada per gl'interessi di Portogallo, ch'haveva ragione di temere dalla rabbia dei ne-

[1] *Á margem:* Questi fù il Signore Cardinale Giovanni Carlo de Medici con altri.

mici della Corona qualche grande insulto; stimai però che la qualità di Vostra Eminenza era così grande, che lo potesse senza di ciò mettere a coperto da ogni sinistro; e seguita poi la creatione del Papa hoggidì regnante, mosso il Rè mio Signore dalla fama della virtu di sì gran Pontefice, scostandosi un tantino dal consiglio di Vostra Eminenza stracco già d'habitar in terra di promissione, mi spedì per suo Ambasciatore in questa Corte, a fine ò d'ottenere la giustitia che li è dovuta, ò di chiarirsi una volta con certezza, e toccar con mano il disinganno così dei negotii, come delle persone. Ne diedi subito parte a Vostra Eminenza, quale stordita da mossa così contraria a suoi fini, non già al suo servitio, mosse ogni pietra, e tentò ogni strada per impedirla, ò almeno per discreditarla. Sparse subito voce per Roma che il Rè Christianissimo mi haveva richiamato a Parigi per la conclusione dei negotii, ch'il suo Inviato era andato a trattare a Lisbona, ma sentendomi inoltrato a questa volta, mi scrisse a Genova, ch'almeno ritardassi la venuta sino a nuovo avviso per misterii occultissimi; fece spargere nell'istesso tempo ch'io venivo contro gl'ordini di Sua Maestà, dalla quale non havevo nè autorità, nè carattere alcuno, e fece suonare poi in Portogallo che Sua Santità mi haveva fatto intendere di non entrare nello Stato Ecclesiastico (cosa che non sognò mai) ma il tutto in vano, perch'io venni, e gionto a Civittavecchia spedii subito un mio gentilhuomo a dar parte a Vostra Eminenza del mio arrivo, e del tempo ch'haverei sbarcato a Palo. Concorreva nella mia persona quella di Rappresentante del Rè mio Signore et era offesa del rispetto dovuto a Sua Maestà qualsivoglia pontiglio che si mancasse meco di stima ò di dimostratione, massime in una Corte tanto essata nei complimenti e cortesie; ma l'animo di Vostra Eminenza restò così turbato alla nuova del mio arrivo in Civittavecchia, che non potendo dissimulare ne meno col mio gentilhuomo, contro le regole di quella disinvoltura, che l'uso e la prattica hanno sì altamente stabilita in questa Corte, ne mostrò pur troppo visibile il sentimento; et a questa alteratione d'animo attribuisco io il non haver Vostra Eminenza ordinato che nel suo castello di Palo trovassi almeno un letto per dormire una notte, che non era gran finezza per l'Ambasciatore di Portogallo in casa di Vostra Eminenza. L'incommodità del luogo mi constrinse a partirne a mezza notte con carrozze che haveva fatto venire di Roma; et assicuro Vostra Eminenza che non ha che temere di haver data gelosia ai castigliani, perche non ve n'era alcuna con l'arme di casa Orsina, nè ne comparvero ne anche fuor delle porte di Roma, anzi

havendo in quest'occasione sette cavaglieri portughesi, molto ben conosciuti da Vostra Eminenza per l'assistenza con che la servivano, domandato al Protettore di Portogallo in prestito un tiro a sei per andar ad incontrare l'Ambasciatore del loro Rè, Vostra Eminenza li distolse da questo loro disegno, con maggior pregiuditio della sua stima, che del gusto haverei havuto di vedere quei cavaglieri qualch'hora prima. Vero è che non restò in questo tempo Vostra Eminenza otiosa, perche per procurarmi l'affetto di chi desidera la quiete in Roma, restò Vostra Eminenza, tutt' occupata in disseminare ch'io venivo con bocche di fuoco e con trecento huomini armati, e son questi i forieri et i preludii dell'animo di Vostra Eminenza delle gratie che dovevo da lei ricevere in questa Corte. Procurato di conciliarmi la stima del publico per una parte, e per l'altra l'animo dei Pontificii *(sic)*, restava a Vostra Eminenza di procurare d'unirmi bene con i Ministri della Corona di Francia tanto unita agl'interessi di quella di Portogallo, e Vostra Eminenza per non mancare a ponto sì principale si trasferì subito col Signore Duca di Bracciano suo zio dal Signore di Lionne ch'assisteva all'hora ai negotii del Rè Christianissimo: l'intento della conferenza fu dar ad intendere a quel Ministro ch'io ero partito di Francia in disgusto con quella Corte, senza haver visitato il Signore Cardinale Mazarino, che venivo quà contro gl'ordini del Rè mio Signore, che non havevo carattere alcuno, che per ciò non dovessi egli trattar meco, ne visitarmi, e l'effetto *(sic)* ne risultò, fu in tutto per all'hora conforme al desiderio di Vostra Eminenza perche detto Signore di Lionne havendo prima della di lei visita già mandato un suo gentilhuomo a complire meco, avvisandomi che l'haverebbe egli subito fatto in persona, non mi visitò, ne mi cercò, finche risaputa questa novità dalla Corte Christianissima meravigliata non meno dell'omissione, che del consiglio, le fu commandato di honorarmi di visita in nome delle loro Maestà, e del Signore Cardinale Mazarino con favoritissima dimostratione, come seguì, pigliando scusa del passato, et esprimendomi sensi d'affettuosa inclinatione di tutta la Corte Christianissima et ai negotii del Rè mio Signore et alla mia persona.

Favorimmi poi di visita il Signore Duca zio di Vostra Eminenza come ella medesima haveva già fatto, non lo fecero già nè il Signore Duca di Santo Gemini suo padre, nè gl'altri Signori fratelli di Vostra Eminenza e trattandosi poi ch'io dovessi essere a baciare i piedi a Sua Santità col mezzo termine, che si trovò, Vostra Eminenza per procurare in ogni occasione la stima della Corona, voleva ch'io fussi così semplice, ch'andassi una e

più volte a dimandar l'udienza in anticamera del Papa, e non riparò in volermi persuadere, sapendo anche quanta differenza v'era tra me, et altri Ministri così inferiori di Portogallo, a quali Papa Innocenzo assegnava l'udienza prima ch'andassero a palazzo, come l'hebbi io con giornata certa dalla Santità di Papa Alessandro, doppo haverne Vostra Eminenza, quando mi vide risoluto a non volerla altrimente, parlato con Monsignore Mastro di Camera, non col Papa, come diceva, per quanto mi consta da un scritto del Padre Valladares tanto suo confidente, al quale Vostra Eminenza stessa lo confessò. Lascio adesso ch'ella rifletta come le riuscisse grata quella udienza, io sò bene ch'andava Vostra Eminenza cercando se trovava qualche sempliciotto che le credesse ch'io venivo in questa Corte subordinato dal mio Rè agl'ordini di Vostra Eminenza, e ciò credo lo facesse perche fussero di maggior forze le diligenze ch'io potevo andar facendo. Furono però essi tali che posero a Sua Santità i negotii di Portogallo in consideratione, e prima di partire per Castel Gandolfo si compiacque di mandare da me Monsignore Saluetti, e non sò se diede Vostra Eminenza per lesa la propria dignità in vedere che Sua Santità mi mandava à parlare, già che al solito modo col quale mi ha sempre favorito fu servita di commentar detta visita a sua voglia, e si diede per offesa ch'io non fusse subito a darle conto di quanto in essa era passato. Capii i motivi di questa doglianza quando Vostra Eminenza volse stabilire, non sò se per articolo, ò per dottrina, che gl'Ambasciatori erano obligati a dar conto dei negotii che trattavano ai Protettori, ma di ciò non si può dolere Vostra Eminenza perche è stata tale la protettione ch'io hò goduta dall' opera sua, che non s'è trattato negotio alcuno, anzi doppo il ritorno di Sua Santità in Roma l'anno passato, la dove prima tutte le apparenze facevano sperare e credere a tutta questa Corte che dovessero havere non solo introduttione, ma buon fine i miei negotii, svanirono quelle in un tratto, e non mai più concessami *(sic)* da Sua Santità udienza alcuna, per quanto Vostra Eminenza mi dica che la procurasse (che tanto vi s'applicò, ò tanto valse il suo favore) si serrorono tutte le strade, e fui obligato a star a credito di quanto Vostra Eminenza mi diceva delle intentioni di Sua Santità. Diede molto che speculare ai curiosi il rintracciare i motivi di questa novità, quali fussero forse ne sà qualche cosa Vostra Eminenza, almeno ella sà bene che si compiacque di disseminare in palazzo ch'io ero un huomo incontentabile, ch'ero partito con disgusto di tutte le Corti dove havevo essercitato le cariche, avvezzo ad ingannare con chi trattava, che

volevo mari e monti, che non volevo accettare i Vescovi anche ad nominationem Regis Joannis 4 se prima non era ricevuta l'ambasciata (e pure non si venne mai a questi trattati, ne a questi meriti) che Vostra Eminenza era quella ch'haveva gl'ordini di negotiare, e che in somma col primo vascello mi sarebbe venuto ordine di partire di Roma: del resto Vostra Eminenza veda lei se diede ad intendere che si contentava il Rè con meno di quello ch'io dimandavo così circa l'ambasciata, come circa la forma della provisione delle chiese,[1] ch'io non voglia *(sic)* per adesso disputar questo ponto. È ben fora di disputa che parve a Vostra Eminenza in quest'occasione d'essere padrone del campo a modo suo, che per altro nel modo dovuto sempre Vostra Eminenza lo sarebbe stato; e perche alla Corte del Rè mio Signore, et a me stesso bisognava allegare altri pretesti d'haver il negotio mutato di faccia, ci stimò tutti Vostra Eminenza di così debole intendimento, che ci voleva persuadere non applicarsi Sua Santità a rimediare una piaga così grande della Chiesa, perch'io mantenevo paggi e carozze, et havevo in mia casa il baldacchino, quasi non fusse stata la mia famiglia et il mio trattamento sempre l'istesso dal giorno ch'entrai in Roma, e quasi non potesse Sua Santità dar Vescovi al Portogallo perche havevo condotti meco i miei paggi, e fossero incompatibili colà le mitre col baldacchino della mia stanza. Il bello è che Vostra Eminenza hebbe assai de franchezza per allegarmi questa ragione, e per scriverla alla Corte, attestando insieme haverglielo detto l'istesso Pontefice; e noti Vostra Eminenza che dico solo che restava per ciò impedita la nomina delle chiese, perche in quel che tocca al ricevimento dell'imbasciata è sempre stata materia tanto odiosa, e tanto horrida nell'animo di Vostra Eminenza ch'in un anno e mezzo che sono in Roma Vostra Eminenza non l'ha ne pur una sol volta stimata degna, per dirmi almeno, è negotio difficilissimo, ma vediamo per non mancare a noi stessi di fare qualche diligenza per ottenerla; e tanto è vero che solo per escluderla le veniva in mente, e le pareva materia sacrilega, come li parve ch'io pigliassi in Roma un palazzo capace d'allogiar la mia gente, come se fusse cosa nuova ad un huomo della mia qualità anche senza la carica, perche il favore, che Vostra Emi-

[1] *Á margem*: che non si curava il Rè che l'Ambasciatore fusse ricevuto lo disse egli al Padre D. Camillo Sanseverino teatino mio confessore, e poi a molti portughesi, e mostrò a molti una vecchia lettera del 1652 già rivocata più volte, nella quale il Rè all'hora ingannato le scriveva che si contentava che le chiese fossero spedite ad nominationem Regis possidentis.

nenza mi faceva, non era meno che giudicar espediente ch'io mi riducessi in Roma alla fine dei miei anni ad habitar una casetta, e per poco mancava che non trovasse Vostra Eminenza opportuno ch'io l'andassi a corteggiare nelle sue anticamere. Furono però in ogni luogo stimati ben differenti i motivi ch'havevano indotto un Prencipe così sensato e capace, come è Papa Alessandro a raffreddar le favorevoli inclinationi, che prima ci mostrava, da quelli che allegava a noi Vostra Eminenza e da molti venivano creduti più tosto gl'altri che Vostra Eminenza allegava a palazzo, e se mi fosse lecito di nominar le persone, ricordarei a Vostra Eminenza un ecclesiastico[1] molto conspicuo così per il governo, come per la virtù, col quale Vostra Eminenza si è vantata d'havermi, com'ella diceva, rovinato in questa Corte. Con quella di Portogallo parve poi a Vostra Eminenza già tempo di ripigliare il stilo delle lettere che scriveva in tempo del defonto Pontefice, ma conoscendola già stracca di quelle cifre et amfibologie, si risolse di scriverle chiaramente. Scrisse dunque Vostra Eminenza al Rè mio Signore l'anno passato con lettere delli 26 di Luglio, che haveva Vostra Eminenza risaputa in una longa audienza del Pontefice istesso la sua risolutione nelle materie di Portogallo; et era ch'erano terminati li periodi, che quanto all'ambasciata non occorreva pensarci, almeno per all' hora, ma ch'era risoluta Sua Santità di provedere le chiese nell'istessa forma che l'havevano ottenute i Rè passati di Portogallo in tutto come chiedeva Sua Maestà, alla quale del Papa istesso haveva Vostra Eminenza ordine d'avvisarlo, e che credeva si sarebbero proposte le chiese nel primo concistoro. Con l'istessa nuova mi venne a favorire Vostra Eminenza, e da lì a qualche giorni, come a negotio già fatto, mi domandò le consignassi le nomine, allegando che toccavano a Vostra Eminenza come Protettore. Quel che Vostra Eminenza fece, quel che disse, quante strade tentò in voce, e in scritto, l'ansia e la premura, che se l'era risvegliata sopra di ciò, le conferenze che n'hebbe col Padre mio confessore mandatosi a chiamare a quest'effetto, non occorre ch'io le ricordi; tutti i motivi divini e humani impiegò Vostra Eminenza per haver queste nomine in sua mano, e tante furono le finezze ch'usò per quest'Hellena, che per l'istesso capo li scappò dalle mani, e restorono incenerite le sue speranze, perch'io non volsi consignar le nomine senon quando fusse tempo, e a chi

[1] *Á margem:* Questi fù il Padre Generale dei Padri Gisuiti che lo riferi benche tedesco e d'animo austriaco al Padre Duneau (pur Gisuita, francese) con compassione di vedere Portogallo assassinato.

toccavano, doppo essermi però impiegato quanto potevo per far capire a Vostra Eminenza l'insussistenza della sua pretentione, fatta conoscere anche per tale a Vostra Eminenza da grande et autorevole personaggio,[1] risolutione approvata dal fù Rè mio Signore per molto conveniente al suo servitio. Haverei non dimeno dovuto credere che dette nomine non dovessero più marcire nelli scrittorii, già che Vostra Eminenza haveva agiustato il negotio col Papa alla fine di Luglio, ma correva ancora il prossimo mese d'Agosto, quando si scoprì il fuoco, ch'era sotto le ceneri, et andò in fumo quanto con tanta assertiva Vostra Eminenza haveva scritto, e detto d'havere agiustato col Papa. Mi venne Vostra Eminenza a dire ch'haveva un gran negotio per le mani, che si poteva agiustare la provista delle chiese ad nominationem Regis possidentis, che c'era stato detto da un personaggio, che si sarebbe indotto il Papa a farlo, e volse con ogni ostinatione persuadermi ch'era bene ch'io l'accettassi, e che dovevo contentarmene. Io confesso a Vostra Eminenza che sarei impazzito a questa seconda di cambio, se havessi creduto la prima, tanto più quando qualche giorni appresso Vostra Eminenza istessa mi disse non più d'haverlo penetrato da un personaggio, ma d'haver Vostra Eminenza promosso e trattato questo partito con li Ministri istessi del Rè Cattolico, perche quando io non havessi havuto da trascolarmi che Vostra Eminenza tratasse con chi si sia i negotii del Regno senz'ordine, ne partecipatione dell'ambasciatore, per necessità bisognava ò che non sussistesse ch'il Papa havesse detto a Vostra Eminenza quanto ella haveva scritto al Rè mio Signore alli 26 di Luglio, ò che essendo vero, Vostra Eminenza facesse l'officio non di nostro Protettore, ma di partiali in procurare quel ch'era di minor sentimento ai Ministri del Rè Cattolico, aggiongendosi che nell'istesso tempo fece, e ricevette Vostra Eminenza contro l'uso di questa Corte publiche visite dall' Ambasciatore istesso di Spagna, e ne continuò altre in publico et in secreto con D. Antonio Pimentel Ambasciatore pure del Rè Filippo appresso la Regina di Suetia, perche è troppo lontana la mia casa dalla Piazza di Spagna per vedere se alle volte Vostra Eminenza visitava in secreto anche il Signore Duca di Terra Nova.[2] Ben fu visibile il zelo e rispetto di Vostra Eminenza verso il fù Rè mio Signore quando soffrì senz'alteratione

[1] *Á margem:* Questi fu il Signore Cardinale Bichi che le disse chiaramente che haveva torto, e mi avverti a non darcele.

[2] *Á margem:* Fui avvisato da varie persone ch'egli andava per la porticella secreta a trattar di notte col Duca di Terra Nova in sua casa.

che il detto D. Antonio Pimentel nominasse a Vostra Eminenza in sua faccia, et in sua casa detto Rè mio Signore per Duca di Braganza, cosa confessata da Vostra Eminenza istessa, e ch'andò per i cercoli in prova della bizarria d'un Cardinale Protettore di Portogallo. Discolpava nondimeno Vostra Eminenza la visita fatta all'Ambasciatore Cattolico come necessaria, sotto pretesto della compra d'un palazzo vicino a quello del Signore Duca suo padre, ma fù cosa galante che svanì subito detta compra, non meno ch'il parlarsi di Regis possidentis, già che ne anche con gionte d'alcuni portughesi che Vostra Eminenza chiamò in sua casa, acciò venissero a persuadermi questo gran negotio, io mi volsi rendere, et essequii pontualmente la mia instruttione, che feci vedere a Vostra Eminenza mi commandava di non ammetere pratica di questi, ne d'altri mezzi termini, e se quì si fondava la premura con la quale Vostra Eminenza voleva le nomine, et altri [1] aspettava con curiosità ch'io le havessi date, restò disciolto l'incanto. Si dichiarò nondimeno Vostra Eminenza per offesa di quest'attione, e mi compativa la Corte vedendomi in disgratia di Vostra Eminenza, benche mi consolavano gl'amici, assicurandomi che in questo particolare poco disuguale fortuna havevano corso seco tutti i Ministri di Francia e di Polonia, che haveva trattato. Mostrò poi Vostra Eminenza un acre inquietudine, e si dolsi con molti del supposto ch'io havessi detto ò scritto d'haver colto lettere di Vostra Eminenza, ch'andavano in Spagna, asserendo di volere giustificar questa prattica partita alla Corte di Portogallo, quasi che non potesse per la compra del palazzo di Torres essere necessaria una lettera ai Ministri di Madrid, quando lo fù la visita di quei di Roma, e potesse essere più pregiudiciale una lettera, che molte conferenze, anzi io feci consigliare Vostra Eminenza come suo servitore che non credesse simili diceria, perche pregiudicava a se stesso col timore d'un danno che non poteva risultare da una impostura, quando anche Vostra Eminenza havesse creduto il mio sangue, et il mio candore capaci di simile indignità. Tali erano i moti dell'animo e della penna di Vostra Eminenza e le sue applicationi al Reale servitio quando hebbe Vostra

[1] *Á margem:* Questi fu il Cardinale Rospigliosi al quale havendo Orsino mandato un'imbasciata per un suo secretario, questi interrogato di Rospigliosi se il Signore Cardinale Orsino haveva in mano quelle scritture, e non intendendo quel secretario il misterio, l'aggionse il sudetto Cardinal, quelle scritture di Portogallo, ma rispondendo questi, che non, disse il Rospigliosi, hora non mostri col Signor Cardinale ch'io habbi fatta questa interrogatione.

Eminenza occasione di mostrare le accostumate finezze in procurare la stima mi si doveva negl'accidenti delle quarentene che per causa di peste feci in mia casa. E quando fù servito il Cielo privarci del fù Rè D. Giovanni mio Signore di sempre augusta memoria, Prencipe a cui il maggiore degl'oblighi deve professare Vostra Eminenza, tra molti, che glie ne deve, è l'haverla saputa compatire con straordinaria longanamità, e la cui perdita mi sarà sempre l'oggetto dell'estremo dei dolori. Consolomi *(sic)* Vostra Eminenza con l'honor di sua visita, e per allegerire il mio travaglio mi assicurò haverci detto Sua Santità di volere in ogni modo provedere le chiese di Portogallo a mio gusto, e domandandomi quanti ne havevano del mese, travatosi essere quel giorno il 16° di Gennaro del presente anno, mi disse che da quel giorno a un mese n'haverei visti gl'effetti. Non ha dubbio mi sarebbe stato di sollievo si buona nuova, se essendo io in questa materia accostumato doppo si longo tempo ad haverne tante da Vostra Eminenza la forza dell'uso, che rende quasi insensibili così i buoni, come i rei accidenti, non m'havesse reso inalterabile con perfetta filosofia ai moti di questa passione, e m'accorsi d'essere stato in ciò fortunato, quando passati i sedici non solo del seguente, ma d'altri mesi, non m'alterò ponto il vedere compita al modo dell'altre questa ultima promessa di Vostra Eminenza. Bisogna però dire che già fusse passato un mese, da che l'haveva scritta in Portogallo, quando Vostra Eminenza me ne parlò, perche m'avvisò Sua Maestà che Vostra Eminenza le dava per più che certa la provista dei Vescovi nel modo sudetto, ma che domandava due mesi di tempo, per termine perentorio, benche poi mi negò con franchezza Vostra Eminenza in un'occasione d'havere scritto tal cosa. Deve nondimeno haver Vostra Eminenza poco obligo a chi di Portogallo mi scrive il contenuto delle sue lettere, nelle quali resta a perpetua memoria quel che fù scritto, et havendo la Maestà della Regina Regente concessi a Vostra Eminenza i due mesi che domandava, con ordinarmi che mi fermassi in Roma per fare nuove diligenze, e vedessi se pur una volta sapeva Vostra Eminenza fare uscir qualche cosa da tante montagne di promesse, risolutissima d'altra maniera, che svanisse con la mia partenza da questa città la protettione di Vostra Eminenza, non hò visto altro in lei ch'un ingegno fecondo di nuove machine, e di nuovi partiti per ritirarsi dall'orlo del precipicio. Questo non ha dubbio era il suo intento, ma non posso meravigliarmi abastanza della sproportione dei mezzi che ha adoprati. Ha creduto essere già venuto il tempo di scoprir la visiera, e dar fuoco all'ultimo

pezzo per farmi venir ordine di partire, che è il fine che doppo un'anno e mezzo Vostra Eminenza ha sollecitamente procurato con mine e strattagemmi, e l'unica applicatione della sua carica. Se Vostra Eminenza l'havesse conseguito, vorrei professargliene obligo eterno, perche toccando con mano, che nè di Vescovi, nè d'Imbasciata v'è cosa alcuna che sperare in Roma, nessuna cosa mi conviene, nè desidero tanto, quanto il ritorno alla Corte, et è gran tempo ne importuno con premura Sua Maestà. Ma quantunque venghi avvisato in quest'ultime lettere, chè Vostra Eminenza le ha scritto disertis verbis che Sua Santità ha detto a Vostra Eminenza che vuole provvedere le chiese ad supplicationem Regis Joannis 4 (e pure quando Vostra Eminenza scrisse erano alcuni mesi ch'ella sapeva essere passato a miglior vita il Rè D. Giovanni) ma che non lo vuole fare senon doppo ch'io sarò partito da Roma, non ha voluto Sua Maestà nemeno col favore di Vostra Eminenza concedermi questa gratia, e m'ha commandato d'aspettare qui gl'ordini che mi manderà subito doppo la sua maggioranza. Fra tanto Vostra Eminenza ha tempo d'agiustare ciò che ha scritto con quel che nell'istesso tempo mi disse, ciòè che si vedeva promotione di Cardinali, senza risolversi le materie di Portogallo, già Vostra Eminenza le dava per disperate, ciò che non poteva essere, se già restava Sua Santità con Vostra Eminenza d'accordo di terminarle; ma lasciate queste historie, son passati non solo i mesi delle promesse di Vostra Eminenza, ma gl'anni, e gl'anni, le scuse allegate non vengono fatte buone alla Corte, che pretesti piglierà hora Vostra Eminenza, e per dove appellerà? Io lo voglio dire o Vostra Eminenza prima che me lo scriva Sua Maestà, e lo vedo nella risposta fatta all'ultimo mio biglietto, già che Vostra Eminenza mi stima così idiota, che ha havuto per bene di scrivermelo, fingendo di credere nata da me la causa del bando d'un[1] tale scacciato ultimamente da Roma per ordine di Sua Santità, cosa che fin hora ho sentito con riso, come una delle novaccie che si spargono per Roma, e mi moverebbe rabbia se la sentissi da altri nel modo che la dipinge Vostra Eminenza, quasi ch'io fussi così brutale, che credessi che la giustitia del Rè mio signore havesse bisogno d'esser comprata, e così ignorante che stimasse che la casa Chigi, dalla quale è uscito un Prencipe si incorrotto, come è Papa Alessandro, fosse capace di venderla, e volessi operare per strade così in-

[1] *Á margem:* Questi fù un monaco camaldolesse, che sparsero havesse offerto a D. Mario Ghigi in mio nome 40 milla doppie per il ricevimento dell'Ambasciata.

degne, essendo Ministro del Rè di Portogallo, il di cui padre di gloriosa memoria sa bene Vostra Eminenza quel che rispose al fù Signore Duca di Bracciano, quando le fece instanza di trenta ò quaranta milla scudi per spendere nel conclave. Sò bene che non crede Vostra Eminenza si fatta sciocchezza, così pregiuditiale agl'interessi e riputatione della Corona, e per ciò è maggiore confidenza il parlarne e scriversene, come fa di trattenimento con chi parla seco, et è soverchio favore quello di scrivermelo. Haverei imparato assai in questo mondo se fussi così sensato, e così prudente per promovere prattiche tali e nella sostanza, e nel modo, di ponta in bianco, e per via di persona non solo estranea, ma mai più vista ne conosciuta, di professione tanto diversa, e di leggiera ò niuna entratura con chi andava a trattare: e quando anche la semplicità dell'huomo fosse arrivata a tal segno di muoverlo ad andarsi infilzare da se stesso in simil prattica, e che la Corte havesse commentata questa leggierezza sua per misterio più alto, e per prattica mossa da me, ciò che se fosse vero, con ragione irritarebbe l'animo di Sua Santità contro la mia persona, e se ne potrebbe temere discapito anche maggiore degl'interessi della Corona, da chi doverei aspettare per obligo della carica d'essere sincerato bisognando con tutta la Corte? Chi dovrebbe dissipar questa polvere sollevata dall' altrui sciocchezza ò malignità, senon Vostra Eminenza che è servitore attuale e stipendiato del Rè mio Signore. Il ponto stà che Sua Santità è Prencipe così sensato, ch'in ciò non stimo nè per pensiero d'haver bisogno l'aiuto di Vostra Eminenza nè d'altri. Conservi le sue gratie ad altra occasione, mi basta conoscere l'animo, e s'applichi pure a trovare qualch' altra scusa da mandare in Portogallo, perche questa l'assicuro che non ce la faccino buona.

Tutte queste procedure ch'in sì longa narratione hò dedotte a Vostra Eminenza che sa molto bene quanto sono vere, e che come in specchio limpido rappresentano l'animo di Vostra Eminenza sono i veri e reali impedimenti d'essere i negotii del Rè mio Signore in questa Corte ridotti nello stato in che sono, et hò voluto ricordarli con questa chiarezza a Vostra Eminenza acciò si persuada per infallibile quel che le dico, perche se vi fusse rimedio alcuno, e fusse possibile che Vostra Eminenza si disinganasse una volta, non possa mai pretenderne ignoranza; mentre è più che certo che Vostra Eminenza non puol più continuare questa facenda in si fatto modo.

L'hò fatto in scritto, e non in voce, perche fido sì poco della mia me-

moria e di quella di Vostra Eminenza che lo stimo necessario, acciò si possa sempre mostrare da parte a parte tutto quel ch'è passato, e stimo io sarà hormai questo il modo più utile. Del resto io non hò domandato a Vostra Eminenza che mi mettesse in scritto quel tanto che haveva avvisato a Sua Maestà, perch'io già lo sapevo; ma solo feci instanza che mi avvizasse se restava il negotio hoggidi nell'istesso stato, che fu rappresentato da Vostra Eminenza quando scrisse. A ciò non risponde Vostra Eminenza ò lo fa in cifra tale ch'io non l'intendo, come ne meno hò capito per qual motivo essendo già mesi ch'io diedi a Vostra Eminenza una scrittura stampata in difesa delle nostre ragioni, pregandola di presentarla a Sua Santità, in tanto tempo non mi ha favorito Vostra Eminenza di dirmene una parola, ne sò se ce l'habbi data; e quì per fine la riverisco.

Li 7 Giugno 1657.—Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)* [1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(1657) [2]

Senhora—Pela carta que escrevo a ElRey meu Senhor por esta mesma via entenderá Vossa Magestade como os despachos de Sua Magestade que com tanta ancia esperava e dezejava não são chegados ate o dia de hoje, nem tenho avizo algum de que venhão, nem mais para donde apelar que para trazelos o Vizitador de Santo Agostinho, que dizem vinha nesta mesma náo, Maraboto, o qual se os tras chegarão tão tarde que me vanhão a ser do mesmo damno que se não houverão vindo; e já pode ser que isso fosse o que se pertendese. Vossa Magestade se não escandelize por me fazer merce do que nesta ouvirá, porque as couzas tem chegado já a termos, que he força por serviço seu ir contra o meu natural; porque vejo Senhora que são poucos os Ministros que ahi tratem mais que de suas paixões particulares, sem respeito ao Rey e do *(sic)* Reyno.

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 26 v.

[2] *Estas cartas seguem no ms. donde as tirámos, geralmente, a ordem chronologica, e só por esse motivo pomos aqui a presente, que n'elle está antes da de 3 de Agosto.*

e o pior he que o querem encobrir com a capa de zelo do serviço de Deos. ElRey meu Senhor he Rey dos Reynos de Portugal, mas não de todos os corações delle: e quando o seja de todas as praças, ouvi aqui a hum Padre da Companhia douto, e virtuozo, que lhe faltava conquistar a da Inquizição tão perigoza em Portugal que se lhe não acode com remedio prompto he bastante para arruinar nos; em todos os tempos foi este o seu fim, e quando por piedade lhe concedamos que não errou com a tenção, com a obra havemos de dizer que o fez sempre; mas quem sempre leva hum mesmo fio, errão *(sic)* na obra, e erra na tenção, inda mal que tantos exemplos nos tem mostrado: fallo na Inquizição mas declaro me que não he contra o tribunal, porque o tenhão *(sic)* por santo, e sagrado, mas contra os Inquizidores, porque os não tenho por santos, já que os tenho por sagrados.

O Bispo Inquizidor Geral D. Francisco de Castro lhes abrio caminho para errarem, a clemencia de Sua Magestade que está no Ceo o tirou da prizão que tão justamente mereceu, e o Secretario Pedro Vieira sem ordem de Sua Magestade o introduzio outra vez no ministerio do Concelho de Estado; lembra me a mim que vi para elle sahir a Vossa Magestade e mudar de cores quando o vio, e respondeu Pedro Vieira que pelo recado geral que se dera para Concelho não cahira em excluir aquelle Ministro, ou entendera que a tudo era restituido: pagou a Vossas Magestades a merce que lhe fizerão com cartas ao Papa contra a bolça, e contra o fisco, havendo o já feito antes condenando a openião por heretica erronea e mal soante que os milhores theologos e canonistas julgarão pia, santa, e necessaria. Sebastião Cezar seguio estes mesmos passos, veja Vossa Magestade que fim descubrio dipois. Do Inquizidor Pedro de Castilho vi huma carta aqui escrita poucos dias ha a hum marcante em que emcomendando-lhe hum brebe para hum religiozo de Enxobregas, pede lhe que vá com taes clauzulas, que se lhe não possão por duvidas porque hoje, diz elle, se não faz nessa Corte cazo da Sede Apostolica, nem de seus Breves; este não foi prezo, mas forão no parentes seus e justo ou injusto que fosse, esta magoa conserva sempre o coração.

Com a capa de deligencia do Santo Officio vierão a esta Corte em todos os tempos masos grandes de cartas para Castella, e a mim me afirmarão aqui pessoas que em mão do Cardeal Astaldi, que he aquelle sobrinho adoptado do Papa Innocencio que se perdeu por Castella, tem hoje vivas muitas cartas em seu poder, bem he verdade que nem me dicerão

de quem, nem para quem, mas que são de Portugal para Castella; com tudo o que não vi não afirmo.

Não contentes com o obrado ate aqui, sahirão com huns editais tão dezaforados e insolentes (perdoe Vossa Magestade o termo) que he este o mais mudesto com que me posso explicar, que a estes mesmos Ministros apostolicos de cá se não escandalizou, porque he em prol sua, assombrou, e maravilhou tanta liberdade, e o que tenho por mais que tudo he referirmo o Padre frei Sancho de Faro irmão do Conde de Odemira, huma *(sic)* carta que teve de Pedro de Almeida jezuita, que o Capelão mor conhece por parente, e como tal mo emcomendou, quando aqui estava, e homem que nas invençoens, tracinhas, e dissimulaçoens, mostra bem que he seu parente, na qual lhe diz que estando Sua Magestade que Deos tem nos ultimos dias ou oras lhe fora o Capelão mor reprezentar o escrupulo com que Sua Magestade se devia de achar naquella hora pelo fisco que havia levantado nos prezos pela Inquizição; e que Sua Magestade lhe respondera que pela ora em que estava o menor escrupulo não tinha, porque o que fizera fora aconcelhado pellos maiores e milhores theologos de seu Reyno, que não só acharão que o podia fazer senão que em conciencia era obrigado a fazelo sendo para defença de vidas, e fazendas suas, e de seus vassalos, e escreve o tal Pedro de Almeida esta por huma acção das mais gloriozas que seu parente haja feito ou fará em longos annos de vida. Se refere verdade ou não Vossa Magestade o deve saber ahi, se o fez atrevimento grande foi com tão poucas letras como as suas hir em ora semilhante meter em escrupulos a quem com tão bizarra rezolução e dezapego se tinha entregue a morte, e se o não fez insolencia grande de hum jezuita querer dar huma gloria falça e dezaforada a seu parente.

A que sucederão os editais que o fosse ou não fosse o que asima digo *(sic)* he certo que o Capelão mor teve a maior parte nelles, e que foi de acordo com Pantalião Rodrigues e com o Secretario Pedro Vieira, principais mutores de todas as maquinas da Inquizição: se a tenção foi boa, Deos o sabe, a obra he a mais impia e prejudicial de quantas se podião intentar por portuguezes vassalos de Vossa Magestade porque caminha direitamente a motim e a revolta; conhecem a piedade dos povos de Portugal (o e quanto mal isto nos tem feito em Roma) que em ouvindo falar a Inquizição[1] sem destinção de justo ou injusto lhes parece que lhe

[1] que em ouvindo falar na Inquizição: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

estão obrigados a defendella. Vossa Magestade deve o temer purdentemente segundo o como obrou isto mesmo. Mas Senhora faltará Vossa Magestade ao que se deve a si e ao valor que o mundo pregoa seu, se a cauza ficar nestes termos. Dissimular muitas vezes he purdencia, mas a desimulação ha de ter seus limites, porque se se passara só com ella[1] pára em desprezo, e passado o primeiro seguir se hão huns a outros. Cá se escreveu por muitas vias, e de pessoas de authoridade, que Vossa Magestade quizera fazer com todos os Inquizidores o que fez com Pantalião Rodrigues e que acodira Pedro Vieira, dizendo a Vossa Magestade que se expunha a hum prigo grande, porque o Papa em recompença do que aquelles Ministros obravão em defença da immunidade da Sede Apostolica, os chamaria a Roma, os faria Cardeaes, e terião Vossa Magestade e o Reyno quatro inimigos mais muito poderozos contra si; provera a Deos que os não forão elles lá maiores. Afirmo a Vossa Magestade que o não posso crer, bem que o afirmem tantos, porque sahir pela boca de hum Secretario de Estado (tido lá por homem de letras e juizo) hum tão alto dezatino, e dito a Vossa Magestade, se quereu *(sic)* que tal podia ser, he o sumo da ignorancia, e se foi para amedrentra, ponha lhe Vossa Magestade o nome que eu me não atrevo.

Eu Senhora tenho muitos annos, e inda que o juizo não he grande, não he tão pequeno, que o não haja podido a experiencia fazer passadeiro, e obrigarem me *(sic)* a cuidar de mim que entre os meus colegas de Concelho de Estado possa ter algum aserto o meu voto; fora elle que o obrado com Pantalião Rodrigues esta muito bem feito mas que não basta, o bispado ha de hir fora tambem; e por aqui ou por alli com qualquer achaque hir fazendo o mesmo a todos os mais Inquizidores. Vossa Magestade teve brio, teve poder para quebrar a cabeça aos castelhanos segundo já cá se diz não lhe ha de faltar para castigar a portuguezes que com capa de zelo intentão maior ruina ao Reyno, que os mesmos inimigos, e se o Capelão mor entrou com elles como se afirma, e fez com Sua Magestade que Deos tem a deligencia referida, houvera de morrer Bispo de Elvas, e já que ha poucos Bispos no Reyno, asista hum só que ha no seu bispado, e nomee ElRey meu Senhor e Vossa Magestade outro Capelão mor o cazo Senhora não he para menos, nem pede menores demonstraçoens: no Secretario Pedro Vieira não fallo, porque com licença

[1] porque se se passarão com ella: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

de Vossa Magestade me declaro por inimigo seu, porque o tenho por declarado meu, e as razões que para isso tenho não são outras que haver eu sempre servido bem a Vossa Magestade e a ElRey meu Senhor que está no Ceo, e pelo crer *(sic)* servir bem em Roma; por não alargar muito esta carta a remeto ao Bispo do Japão em outras que lhe escrevo, seja Vossa Magestade servida de as crer *(sic)* ouvir de sua boca; se me tocarão só a mim menos deligencias que as suas bastavão para derubarem hum formiga, como eu; mas fazendo me a mim o tiro como alvo pequeno, passa por elle, e vae dar de meio a meio no serviço de Vossa Magestade, querendo conservar a força hum traidor, hum falsario, e hum homem que jamais falou verdade como he o Cardeal Orsino.

Para o que leva traz si os Ministros que sabe que me não tem boa vontade, e a outros que ainda que a não tenhão má, como não entendem o damno, querem antes congraciar se com o Secretario de Estado e que para seus intereses lhe pode servir de proveito que com hum Embaixador e hum Conselheiro de Estado tão pouco houvido como eu *(sic)* restão somente por mim poucos, mas os mais sãos, como são os Condes de Odemira, e Cantanhede, que chegando ao que podem, e a dizerem o que entendem a força da fatalidade faz que prevaleção os apaixonados.

Desd o dia Senhora que puz os pez em Roma comecei a conhecer qual era a jente nossa que a ella vinha, e toquei com as mãos a prova do que me havia dito em Pariz o Balio de Valencé Embaixador que aqui foi de França muitos annos, que não sabia que tinha Roma, que os portuguezes que a ella vinhão logo se tornavão outros, e não exceptuava nenhum; com tanto rigor o não direi eu, que ha alguns muito honrados, porem a maior parte fazem como quem são, nem querem em Portugal Bispos, para que haja mais beneficios, nem em Roma Embaixador, para asim os levarem mais a mãos lavadas, sem respeito a merecimentos, e só por valias, e as mais d ellas, ao menos para beneficios grandes, grangeadas por Castela. Os frades que querem viver licenciozamente lhes he tambem aqui de sobrozo grande o Embaixador; o que conciderando eu escrevi logo nos primeiros dias a Sua Magestade que se queria ser bem servido que havia de dar credito só as minhas informaçoens, e a nenhumas outras; obrou tanto esta deligencia minha que parece que pedi que se fizese o contrario, porque em duas ocazioens que demos alguma esperança de bom sucesso, em huma me escreveu a mim Pedro Vieira e em outra ao secretario da embaixada poderião alegar aquellas informaçoens,

se não tivessem lá outras mais ao certo; veja Vossa Magestade que termos são estes para escritos por hum Ministro a outro, havendo hum delles 34 annos que serve com satisfação, e sem o acharem em falcidades, e a outro que ainda que ha só 4, sobre a obrigação que tem a seu officio de falar verdade, o não tem achado em mentira.

Procedendo tudo da paixão de Pedro Vieira por lhe não haver conservado em Roma a Pedro Valadares contra as ordens de Sua Magestade: isto, e de hum canonicato de Evora que alcançou por Secretario de Estado, e quer dever ao Cardeal Orsino, tem nascido todos os desserviços que se tem feito ao Reyno em o conservar, quando bastava para o haverem tirado as suas cartas somente que em 5 annos tem escrito que não he possivel que se ellas se lerão no Concelho de Estado, não houvera nenhum Ministro que só por ellas o não condenase, porque se não acharão em todas duas que se não contradigão, mas como hião em italiano, e era Pedro Vieira o intrepete, foi criatura sua este santo varão, e he certo que refereria o que narrava, mas não as contradiçoens, quando bastavão só as do anno passado, desde Julho para cá até o dia de hoje, para que se fora vassalo se lhe dar hum castigo muito exemplar; pois escreveu em huma carta, aquelle mez, que o Papa lhe disera em hum Consistorio, que todos os periodos erão acabados, que queria dar Bispos a Portugal, asim e da maneira que se havião dado aos Senhores Reys passados. Dahi a dez ou quinze dias me veio a mim, e o escreveu lá, se nos contentariamos com os Bispos a suplicação do pessuidor do Reyno, porque naquella forma vinhão os castelhanos em que se dessem. Depois disto vindo me vezitar em 16 de Janeiro, dois dias depois de hum Consistorio, do qual me disse sahira tão satisfeito que se atrevia a sigurar me que aos outros 16 do mez seguinte teriamos Bispos: depois escreveu a Sua Magestade que dentro de 2 mezes passada a peste haveria Bispos, e em Fevereiro em carta de 10 escreveu a Vossa Magestade que o Papa queria prover as igrejas maiores no primeiro Consistorio, e logo nos seguintes as mais, porem que havia de ser depois de eu sahido de Roma: estas circunstancias lá estão todas, e eu as vi cá, com que se veio a declarar do unico fim que leva, e para que trabalhou todo este anno e meio que ha que estou em Roma. E agora para que se lhe não abrigue esta ultima mentira sahe com huma embrulhada, e que aqui com varias figuras andou pellas gazetas, de hum frade, porque eu mandara oferecer ao irmão do Papa 25 ou 30 dobroens para que nos dése Bispos, e não se pejou de mo escrever, e dizer no

rosto que havia arruinado o negocio que elle tinha feito. Ora, Senhora, se isto tem passado tudo em termo de 8 ou 9 mezes, que ha que lhe buscar mais, sendo tudo mentira o que juro que o he aos Santos Evangelhos; porque Sua Santidade he tal o seu natural em materia de segrego que a sua mão escerda[1] não sabe o que ha de fazer a direita, nem a irmão, nem a sobrinhos fia as suas rezoluçoens, fia las ha bem de Orsino que o cunhece milhor que eu porque he de mais annos; e perguntava elle huma vez aqui sendo Secretario de Estado ao Padre Mestre Ribarola, se era certo que fosse Orsino Protector de Portugal porque Innocencio o não queria, por onde Vossa Magestade verá quaes erão as diligencias que fazião com elle.

Acrecente Vossa Magestade agora ser traidor, ter se lhe provado, quando bastaria dizel lo eu. Hum Embaixador Senhora tem por direito fé publica como os secretarios, quanto mais o deve ter hum tal Embaixador como eu, de fé provada e conhecida; se eu fora o que havia de ser desd o dia que lhe provei a primeira o houvera, por minha authoridade só, despedido, e houvera feito o que fazem e podem fazer todos os Embaixadores que o são como devem ser; mas faltarão me costas quentes, e conhecer que ficaria eu afrontado em Roma, e elle blazoneando de que tinha mais credito em Portugal que eu, como disse sempre, e agora co maior soberba o anda publicando, que eu mandei a Portugal contra elle que aproveitara tanto que me tinha hoje os pez sobre o pescoço. Seja Deos louvado, e isto se quer em Portugal e Vossa Magestade o concente.

Acabo esta carta (perdoe Vossa Magestade a largueza) com hum cazo que nestes dias sucedeu: comprou aqui o Marquez Tarsis o officio de Correio mor de Castela em Roma por 5$ escudos que tomou a cenço dos quaes não pagando ate agora os ridltos nem o principal lhe fez a parte execução no officio; recorreu a Camara Apostolica para que o defendesse por quanto fazia contra elle o Embaixador, e este vendo que se lhe metia em sua jerusdição, sem outra figura de juizo mandou passar os officios e a caza do correio á sua d elle, e ficou o Tarsis sem officio mandando o o Embaixador exercecitar[2] por hum criado seu; isto fazem Senhora os Embaixadores que tem Reis que os defendão, e que apadrinhem suas rezoluções. Quando aqui Orsino o vezitou de publico, perguntei eu

[1] em materia de segredo que a sua mão esquerda: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] mandando o o Embaixador exercitar: *Idem.*

ao Rezidente de França se havendo aqui Embaixador, e o seu Protector fizesse acção semilhante, se avizaria a Corte, ou que faria, respondeu, que a primeira couza havia ser despedido, e a segunda avizar; se estes exemplos que asima digo não bastão, baste a graça de Deus. etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1657)—Agosto 3[2]

. . . . . .[3]

Refiro a Vossa Magestade o que tenho ouvido e visto em cartas alheias *(com respeito aos negocios do Reino)*, que para mim as não ha, por navios que vem de mezes a mezes em direitura, pudendo e devendo as as *(sic)* ter todas as semanas, por Inglaterra, e Olanda, como Vossa Magestade foi servido de me mandar escrever que se me herião fazendo avizos do que fosse sucedendo, e anda o Embaixador de Vossa Magestade mendingando em Roma de porta em porta dos homens de negocio as novas que de lá lhe vem, e para mim não ha huma carta; pois por vida minha que se he para algum beneficio que chega por baixo d'agoa, *(sic)* mas cada hum vai ao que lhe importa. Esta queixa he em mim tão antiga, quanto a falta, sinto a muito pelo que toca ao serviço de Vossa Magestade que nunca pode ser bem servido emquanto seus Ministros forem mal avizados, e nunca o poderão ser bem, não se uzando o que em Roma, França e outros Reynos em que ha secretarios particulares para os negocios estrangeiros; estes escrevem ao Embaixador e respondem ao que lhe pergunto *(sic)*, e havendo aqui e em Pariz correios todas as semanas para todas as partes da Christandade em todos escrevem estes secretarios, e os Embaixadores e Ministros tem fora;[4] e não tem Vossa Magestade hoje

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 40, (2.ª numeração), *e* V, $\frac{4}{30}$.

[2] Para ElRey — Em 3 de Agosto 1.ª via por França 2.ª a Olanda a Jeronimo Nunes em 18 do corrente.

[3] *Assumpto extranho.*

[4] estes secretarios aos Embaixadores e Ministros que tem fora: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

outro Embaixador mais que eu, em quazi 2 annos não sei se chegão a cinco despachos, e raro he o frade que não receba cartas todas as semanas por França Inglaterra, e Olanda, quando faltão navios em direitura. Da mesma falta se me queixava o Padre frei Domingos do Rozario de Pariz, e de Londres se queixa Francisco Ferreira Rebello: eu já pelo costume o não extranho; em Olanda, e França me sucedia o mesmo, sendo partes aonde erão tão continuos os navios como os correios: o Secretario de Estado que he só não pode acudir a tudo, os negocios são muitos, e só para responder a bilhetes particulares da mesma Corte e dar audiencia ás partes lhe não fica tempo.

. . . . . [1]

E estas materias *(dos negocios do Reino)* Senhor não são d'aquellas em que se ha de dessimular como Vossa Magestade lhe pareceu fazer com o Cardeal Orsino, porque quando menos, vai a conservação ou a ruina do Reyno a que este santo varão concorreu sempre por umição e cumição, no primeiro nas poucas deligencias que fez por adientar nossas pertençoens, e no segundo mentindo sempre a Vossa Magestade e ao Papa, para chegar o negocio a *(sic)* estado em que hoje o temos; assaz de prova era quando não houvese as muitas que lá mandei de suas vilhacarias, ou doerlhe tanto o cabelo, com ver aqui Ministro de Vossa Magestade, sem tratar em todo este tempo mais que de o descompor lá e cá. Aqui pela merce de Deos não o conseguio senão emquanto deu pertexto ao Papa para escuzas, que no demais bem conhece Sua Santidade Orsino, e bem sabe como hum e outro procedemos. Estava em Munster quando eu estava em Olanda, e soube e alcançou o como eu ali obrava. Ahi tambem creio que pouco dano me faria, porque inda que o não querem conhecer, sou eu muito conhecido do povo de Portugal, e se em Lisboa passou a voz que aqui espalhão de morrão fidalgos, seguro eu a Vossa Magestade que se lá estivera que me houverão de dar vivas como já em outras ocazioens me sucedeu, quando ouve estas mesmas vozes gerais, e individuais.

Vossa Magestade Senhor se dezengane com Roma, se quer ter Bispos diga que os não quer, e mande escrever a este santo Cardeal que asim o diga ao Papa, e que quer Vossa Magestade aproveitarse das rendas delles, contra os concelhos que de Roma se derão a ElRey Catholico;

[1] *Assumpto extranho.*

e mande Deos que não fosse o mesmo Papa para se livrar dos embaraços politicos, não dos da conciencia, que aqui destes se trata pouco, daquelles sim, pelos pertextos que dali querem tirar: o primeiro passo he reconhecer o Papa a Vossa Magestade que o demais he começar pelos accidentes sem fazer cazo da substancia; Vossa Magestade o creia, o me não creia, inda mal porque o tempo lho mostrara, se me não crer; dipois que conheci Roma, vi o pouco que nella valem virtude, piedade, e o que com ella se grangea he só desprezo; os mesmos Cardeaes e Perlados que são da facção contraria com lhes agradar a nossa paciencia zombão della, e os que são da nossa (quero dizer da de França) o abominão, e senão veja Vossa Magestade o que tem aproveitado 16 annos della, em que ElRey nosso Senhor que Deos tem comtemporizou com Roma; ao Papa só e a Castela tem sido de proveito, e o terão tambem os Ministros de Vossa Magestade que cá se sabe ou souber que a aconcelhão pelo passado ouvimos em tempo de Innocencio X° que tinha a rol para os beneficios grandes as pessoas que sabia que erão deste parecer; a Vossa Magestade toca o geral do bem de seus Reynos, não o dos particulares, a primeira obrigação de conciencia de Vossa Magestade he concervar o Reyno asim e como seus vassalos lho entregarão; os povos são os que fizerão os Reis, sugeitarão se a eles, quizerão direitos sobre suas fazendas debaixo da condição de se lhes concervar o que rezervarão para si isto he o que fez Reis, e o que fez vassalos; a obrigação he reciproca a mesma que Vossa Magestade tem para os concervar a elles, tem, ou maior para se concervar a si sem perder nem deminuir menor ponto de sua regalia quanto mais o maior.

Os Bispos Senhor não são os que o hão de defender a Vossa Magestade as rendas dos bispados sim que o podem ajudar; havelos, ou não os haver toca ao Pontifice elle dará conta a Deos, que assaz fez Sua Magestade que Deos tem nas instancias continuas de 16 annos; se não bastão não he peccado este que se haja de imputar a sua memoria, nem ao proceder de Vossa Magestade, a pertenção tem cido pia, mas ninia, porque já toca na reputação, chegando Vossa Magestade a reduzir se a não pertender de Roma mais que Bispos, e esses ainda da maneira que quer Orsino, que não he o Papa o que os queira, e quando o fora, porque não havia Vossa Magestade de agoardar a que elle pedisse condiçoens, e não oferecerlhas antes de as elle pedir. As pessoas por quem estes negocios correrão forão as mesmas que os atrazarão; quando Innocencio sahio com

os trez bispados de motu proprio foi asigurado por huma dellas que Sua Magestade os aseitaria, dipois se queixou que o inganarão, tão fora de prepozito ficou dezobrigando Castela, e não obrigando a Portugal. Todas quantas condiçoens de cá se prepuzerão ate agora, nenhuma foi pelos Pontifices senão pelos que cuidavão que os podião lizongiar a elles, e facilitar a nós. O anno de 54 se escreveu a Orsino (deviao elle de prepor) que se contentaria Vossa Magestade com a confirmação dos bispados com a clauzula de Regis possidentis; clauzula tão pouco conciderada, que ao meu entender, e ao de muitos que sabem mais do que eu, seria mais perjudicial que a de motu proprio, pois com ella confessava Vossa Magestade por sua propria boca, que era Rey de poce somente, e que ha outro de jure. Mas que aproveitou isto? confirmo os *(sic)* asim o Papa? não; sinal he logo que o não pedio. Esta carta antiga resuscitou Orsino no mesmo tempo que escreveu a Vossa Magestade, ou ao menos mo dise a mim que o Papa lhe dissera que os periodos erão todos acabados, e que estava rezoluto a confirmar os Bispos, como em tempo dos Senhores Reis passados; e logo dentro em 15 dias ou menos virou a folha, e propoz Rey pussidente; *(sic)* tão dezalombrado, que se não pejou de dizer que os castelhanos o propunhão; e Vossa Magestade não fazendo cazo desta sua primeira propuzição lança mão da segunda, e a aseita com a muderação de se haver de por nas Bullas o nome de Vossa Magestade com o titulo de Rey, que he o mesmo que mustrar huma desconfiança indigna; que asim se aseitase passe, mas que asim se pedise est durum verbum, que bem que Vossa Magestade impos segredo aos de quem se fiou, são pessoas que estão em Roma, e hão mister mais a graça do Papa que a de Vossa Magestade, e nesse mesmo ponto lho revelarão; fiarem-se os segregos[1] dos Embaixadores, e mandarem selhes as copias dos avizos, que se fazem aos outros, he o custume, porque se o romperem fora de tempo tem cabessas com que o pagarem; mas que dos despachos que vem aos Embaixadores se mandem copias a outros, só em Portugal o vi uzar, e poderá a experiencia do que se tem visto nestes annos mostrar o dano para não fiar mais que do Embaixador quando o ha, mas como isto se encaminhou depois que o ouve para que o não ouvese, e era o fim conceguir o intento, não se reparou nos meios.

Senhor Vossa Magestade está no primeiro anno de seu reynado, que

[1] fiarem se os segredos: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

Deos lhe concerve largos e felecissimos annos, tome Vossa Magestade hum concelho de hum homem, a quem não conhece, mais que quando muito pelo nome, e que tem envelhecido em seu serviço, e tratado delle com o amor, e com o zello que he notorio a nacturais, e a estrangeiros, que veja Vossa Magestade bem os Embaixadores que faz, e dipois que se fie delles; e se não ha de ser asim não os tenha que menor emconveniente será sempre não os haver, que não fazer cazo delles. Antes de vir a Roma conhecia eu o Cardeal Orsino tanto pelo que colhi da variedade das suas cartas, quanto pelo que delle ouvi em Pariz aonde o mesmo Cardeal Mazarino que concorreu para a sua proteção me mandou dizer pelo Abade Ondedey[1] seu secretario, que convinha que se lhe tirase pelo pouco que obrava por nós, e pelo muito que obrava *(sic)* contra França neste ultimo conclave; asim escrevi logo. A poucos dias de estar em Roma achei que era pouco tudo o que delle se dezia, e escrevi a Sua Magestade que convinha tiralo logo, porque entendi que era de mais estorvo para o serviço de Vossa *(sic)* Magestade do que elle tem escrito, e escreve que eu sou: asombrou comigo, porque inda que não alcança muito alcançou que lhe vinha hum olheiro trabalhozo. Não asigurei eu a Vossa *(sic)* Magestade que com o tirar ficavão logo correntes os nossos negocios, mas que quando menos tirariamos em pouco tempo hum dezengano, porque asigurado o Papa de que havia de tratar só comigo, ou me defereria, ou não o fazendo, nos dariamos por dezenganados: desta minha advertencia se fez o cazo, que de pouco tempo para cá se faz de todas as minhas. Tratouse só de conservar Orsino: cuidase que pode dar beneficios, ofrece Bispos, propostas expeciozas haja isto, e não se trate de mais: provera a Deos Senhora *(sic)* que isto houvera, que já pelo menos aproveitara alguma couza a sua Protectoria, mas nem fez nunca nada, nem o ha de fazer, o animo he castelhano; seu pay e irmãos tem pertençoens em Napoles, não estão declarados de todos, *(sic)* porque lá os não querem, que elles de sua parte fazem quanto podem. Pelas couzas pequenas se tirão muitas vezes as grandes. Dia de Santo Antonio não apareceu na nossa igreja mais que hum que me hia espiar se eu asistia lá com cirial *(sic)* para me hir malsinar com o Papa, como fez em outra ocazião; e dia de Santo Thiagoa todos[2] os seus criados, e os de seu pay e irmãos asistirão a festa dos cas-

[1] pelo Abade de Ondedey: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] e dia de S. Tiago e todos: *Idem.*

telhanos: se isto he ser portugues, e ser fiel, julguem no as provas que delle tenho lá mandado; concerve se muito embora que para o meu individuo nenhuma couza mais me convem porque o tempo descubrirá que o que disse dele foi zello do serviço de Vossa Magestade e não paixão alguma particular, porque para o meu nenhuma dependencia tenho com elle; lastimou me o meu coração ver que sustentamos hum traidor que nos está vendendo em praça publica, e tão satisfeito deste mau sucesso, que foi o primeiro que o publicou; e agora acrecenta que são quatro praças as que os castelhanos nos tem ganhado, de que elle tem cartas, serão de Castela que de Portugal bem sei que as não teve a elle o veio Deos a ver. Hum dia destes disse já ao Padre frei Sancho de Faro irmão do Conde de Odemira, a quem tambem tem feito das suas, que se eu me houvera hido tivera já Bispos nas mãos, e que agora não temos já que tratar deles. Provera a Deos que Vossa Magestade m o houvera mandado e que não houvera os embaraços que ha de estar ainda impedida Roma: houvera me hido, e feito meus protestos, e não fora em tempo, quando Vossa Magestade agora m o mande, que nos seja de igual afronta que a perda de Olivença porque se o nosso exercito não houver feito alguma facção que possa equiparar a padesida, hão de publicar os inimigos, e hão de crer ate os amigos que está Portugal já em estado que deixa Roma por de relicto, e que ate o Embaixador não pode sustentar.

Se o Papa lizamente procedese comnosco que juizo humanno de ha de persuadir[1] que quizese antes contentar a Orsino que ao Embaixador de Vossa Magestade Concelheiro de Estado, Ministro velho, e de confiança. Saiba Vossa Magestade que o que nisto ha he conluio entre elles, que caminhão de acordo, e para o fazerem mais crivel meterão nelle o Padre Assistente da Companhia, homem virtuozo, e santo, que sendo advertido muitas vezes pelo padre Simão Teixeira, seu companheiro, de que disse *(sic)* como se havia com aquelle Cardeal, porque não era lizo, e que esta era a fama que tinha respondeu sempre como era possivel que mentisse hum Cardeal: o mesmo Senhor se deve dizer e crer ahi, mas o negocio he que Sua Santidade nunca tal tenção teve, e ao menos de hum anno a esta parte entendeu que indo me eu lhe havia de fazer protestos publicos, e sahir com algum manifesto, e por se livrar desta afronta se vale de Orsino e do Assistente para que eu o creia e me saia na forma que

[1] que juizo humanno antes se ha de persuadir: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

dezejão e livres do embaraço que lhes dou ou para nos deixar no estado em que ate agora, ou para se der Bispos, serem da maneira que não convanha a Vossa Magestade em que os que querem que os haja não reparão, e querem que perca Sua Magestade a maior de suas regalias.

E eu estou vendo que hão de dizer de Vossa Magestade que a perda de Olivença foi justo castigo de Deos por se não haverem asseitado Bispos de motu proprio, como ja houvi[1] quando morreu o Principe meu Senhor que está no Ceo, atribuindo a sua morte a este grande peccado, nem haja outros no Reyno que deste a minha theologia e a de muitos livra a Vossa Magestade. As perdas Senhor, que padessem os Reynos não ha duvida que são castigos de peccados, mas que sejão estes, ou aquelles, não nos toca a nós a sciencia quando bem nos toque o invistigar as cauzas; não Senhor, não foi a de Olivença, mande Deos, que não fosse a de quebrar a palavra que ElRey nosso Senhor pay de Vossa Magestade deu aos seus vassalos, e confirmou por hum contrato publico aconcelhado, e aprovado por theologos, e pessoas de quem Sua Magestade se fiava, e se fiava justamente a juizo dos melhores theologos de Roma, e se he serto o que o Padre Pedro de Almeida da Companhia escreveu aqui ao Padre frei Sancho de Faro, inda agrava mais o cazo; disse elle que o Bispo Capelão mor seu parente, pouco antes da morte de Sua Magestade movido de zello, lhe advertira que devia naquella ora descarregar a conciencia agravada com o fisco que levantara aos homens de nação, e que Sua Magestade respondera que pela ora em que estava não levava o menor escrupulo de o haver feito porque o fizera muito bem aconcelhado. O que parese que bastava para aquietar as conciencias aos Inquizidores. A theologia he huma toda, mas os theologos não são todos huns, podelo hão são[2] melhores os Inquizidores, e melhores canonistas, e asim he razão que o sejão havendo de sentenciar vidas, honras, e fazendas, mas se a sua openião era a mais segura, antes de executar a deverão fazer valer contra os da contraria, e vencida esta proceder, e não como fizerão ex abrupto. Eu Senhor protesto que sou hum idiota, sem letras algumas, e que se errão[3] no que digo erro pela cabeça dos mais doutos homens desta Corte, que asentarão por maxima infalivel, que se o contrato que Sua Magestade selebrou com seus

[1] como já ouvi: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] podelo hão ser: *Idem.*

[3] e que se erro: *Idem.*

vassalos era em ordem a defença de seus Reynos, estava Vossa Magestade obrigado em conciencia a concervalo que era para defença bem o temos visto, pois delle rezultou formarse a Companhia, e dela o poder Vossa Magestade lançar os ereges do estado do Brazil, livralo dos prigos da erezia, que andando os tempos poderião ser de mais dano que 4 mizeraveis da nação sem os quaes a Companhia não ha de poder subsistir, antes cá se dá já por desfeita e já de todas as praças se tem avizado humas a outras que a Portugal se não mandem effeitos: concidere Vossa Magestade agora, se deminuindose o commercio instinguindose a Companhia poderá Vossa Magestade com huma guerra que agora começa dentro do Reyno, defender as suas conquistas só com a fazenda Real, e sem assistencia dos vassalos que podem; e se Vossa Magestade o pode fazer, tal seja minha vida, mas se não, a defença do Reyno está em primeiro lugar, e em ordem a elle tudo he licito. O prolixo desta carta se vem a rezolver somente em dois pontos principaes: o primeiro trazer gente e officiaes de fora para continuar a guerra como se deve, *(referencia á parte da carta que se omitte)*; o segundo rezolver com Roma, fazendo Vossa Magestade escrever ao Papa que não pode esperar mais, não havendo exemplo de que hum Rey catholico pio e santo vivesse 16 annos, morrese sem a benção Apostolica, e lhe sucedese o sucessor; que Vossa Magestade a quer, e a pede com toda a humildade e reverencia que se deve a Cadeira de S. Pedro, e que Vossa Magestade a pertende por via do seu Embaixador, e não a podendo alcançar o manda sahir logo de Roma, tirar ao Protector, e todas as mais pessoas que podião falar em Portugal, o qual fará conta que acabou Roma para elle, já que Roma assim o quer; não cazem parentes, não venha cá dinheiro, e eu lhe dou a Vossa Magestade minha palavra que veja efeitos muito diferentes dos que tem visto, e dos que ha de ver, se seguir o mesmo caminho que até aqui. Senhor dezenganese Vossa Magestade que as humildades só para Deos são boas, e que inda que os Papas são Tementes de Deos[1] são homens, e obrão como homens, e que convem obrar com elles como homem, e quem outra couza aconcelhar será porque não tem visto isto de tão perto como eu, nem tocado com as mãos com tanta experiencia como a minha, que he sciencia esta que nem se alcança pelos livros, nem pelas relaçoens pela grande diferença que ha de theorica a pratica; a qual pode alcansarse com o es-

[1] são Tenentes de Deos: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

tudo, mas esta só com o exercicio; e eu tenho tanto d'elle, que pode Vossa Magestade nascer, crecer, reynar, sem eu apenas o haver visto, que ja pode ser que houvera sido de algum serviço a Vossa Magestade e não ocupado em embaixadas a que nas trez ultimas me não deixarão nunca ver o fim.

Com a morte do Cardeal Bichi que fazia officio de Protector de França em auzencia do de Este, e todos os negocios em falta do Embaixador, pertendeu Orsino com quantas deligencias humanamente pode se substituir se *(sic)* nelle o lugar; mas o Cardeal Mazarino, e aquelles Ministros que o conhecem milhor que nós, fazem vir ao Cardeal Antonio para elle, sem embargo do rigor do tempo, e como ja custumado a estes ares o fazião partir ate 15 do passado, como tivemos nos ultimos avizos, e será aqui por todo o mez que vem, porque se ha de deter em Torino e Modena alguns dias. O titulo que traz he de Supertendente nos negocios de Roma, e de toda a Italia. Vi eu carta sua escrita a hum Padre da Companhia francez, que todo o seu governo, *(sic)* que vinha mandado de El-Rey Christianissimo para serviço de Deos e da Santa Sede, seu, e de seus aliados, que como os que hoje o tem[1] são Inglaterra e Suecia, que não pertendem muito do Papa, parece que direitamente fala em nós, brevemente o *(sic)* saberemos o que poderemos esperar da sua mição.

Vossa Magestade me mandava ordenar em despacho de 16 de Fevereiro que o Cardeal Orsino comigo e eu com elle tratasemos da expedição dos bispados para que nenhum de nós se pudese escuzar hum com outro; era já tarde, Senhor, e as minhas escuzas tão antissipadas quanto as suas; ambos nos quizemos lançar dos officios, pode elle mais, mas he porque Vossa Magestade e seus Ministros ou o não conhecem ou o não crem; não o conhecerem tenho por dificultozo, porque quando não houvera mais que as patranhas que tem escrito em 6 annos, bastavão, e rebastavão; para não ser eu crido tambem tenho a mesma deficuldade, nunca nos negocios que tratei em 5 embaixadas menti a Vossa *(sic)* Magestade, mas convem aos que querem ser Bispos afectarem increudulidade, como quem sabe que se Vossa Magestade os tiver por minhas mãos, hão de ser com todos os requezitos, e que com hum que lhe falte os não terá; mas ou seja asim ou asim, Vossa Magestade pode desimular com Orsino, fazendo que o não conhece, mas eu sabendo o que toda a Roma diz d'elle,

[1] os que hoje os tem: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

e o que eu estou vendo, e tenho visto, não posso Senhor afectar ignorancia, porque me canonizarião pelo mais ignorante homem que derão as idades: ha muitos dias que de todo me separei delle por serem já muito publicos os officios que contra mim faz com o Papa, irmão e sobrinhos, e porque o sei muito de serto, não ha Vossa Magestade tirar delle mais que enganos, e traiçoens etc. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(165?)—Agosto 13[2]

Senhora—Escrevo a ElRey meu Senhor que Deos guarde a carta que será com esta com o sobscrito[3] a sua mão real, que o mesmo *(sic)* que mandala a de Vossa Magestade para que sendo servida de a ler, ou mandar ler pela pessoa que a entregara, que he o Bispo eleito do Japão, parecendolhe a Vossa Magestade se possa ver ou não em Concelho de Estado, inda que terei meus perigos se nelle se vir, porque estão tão soberanos os Inquizidores, que não duvidarão a se me atreverem pelo que falo na prizão dos homens de nação e no desfazerse a Companhia por cauza sua como estou vendo que pode e ha de suceder se Vossa Magestade com a mão forte o não atalha, e remedeia. Este tribunal Senhora he praça que nesse Reyno está ainda por conquistar, e a mais perigoza que nelle temos, porque demais da sua antiga liberdade a fortificão todos os Bispos eleitos, inimigos hoje delle e de Vossas Magestades; não tratão mais que de ser Bispos, o modo seja qual for, e inda mal, porque os menos o quererão ser a nomiação de Sua Magestade; por isso ha tantos que apertem que se asseitem de motu proprio, para asim a todo o acontecimento se assigurarem nos bispados: bem ouvi quando ahi estive, e o ouvi ao Bispo Capelão Mor, e a Sebastião Cezar, que são aquelles que

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 54 (2.ª numeração), *e* V, $\frac{4}{30}$.

[2] Em 13 de Agosto 1.ª via por França 2.ª a Olanda a Jeronimo Nunes.

[3] com o sobre escrito: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

na que vai para Sua Magestade digo que atribião[1] a este peccado a morte do Principe meu Senhor que está no Ceo, como poderá testemunhar o Conde de Odemira que se achou com elles, com o Secretario Pedro Vieira, e comigo naquella junta, como eu o disse logo a Sua Magestade, e Sebastião Cezar ja se vio no que parou, e no mesmo estado se verão todos aquelles que forem desta openião, se se fizer justiça, porque todos os que forem della são e serão traidores a sua patria e a Vossa Magestade, seja por ignorancia, seja por malicia, que para o efeito tudo vem a ser o mesmo. Ahi Senhora poucos são os que tratão do bem comum, mas muitos os que olhão só a seu particular; não pude falar tão claro na encluza pelo perigo de se fazer publica ou não, mas nesta o amor que tenho a Vossa Magestade, o que concervo, e concervarei sempre a quem está no Ceo, obriga o meu zello a dizer a Vossa Magestade o que entendo, e entendo o bem porque fallo sem enterese, e com o parecer de muitos dezenteresados; e se comtudo ao parecer de Vossa Magestade, e aos de quem a aconcelhão desvariar no que disser pouco haverei perdido neste e no outro papel, mas haverei satisfeito o que devo a minha conciencia, e ao serviço de meus Senhores naturaes.

Com capa de zello pio e christão tratarão sempre os Inquizidores desde o prencipio do novo reynado incaminhalo para a sua ruina, quando por 4 olandezes forão a elle, *(sic)* pregou na sé dessa Corte frei João de Vasconcellos tão livremente que obrigou a Sua Magestade a desterralo. A titulo de despacho da Inquizição forão a Castela muitas e muitas cartas emcaminhadas por esta Curia, e quem duvida que ainda vão. Estava eu em Olanda quando prenderão a Duarte da Silva, e sendo que viveu toda a sua vida em Lisboa, nunca foi judeu senão quando passou hum credito de 300 cruzados[2] para em Olanda se fazerem humas fragatas para a nossa armada, e chegou ali primeiro o avizo que o credito com que não teve effeito a obra; cinco annos esteve prezo, soube elle que o querião prender avizou a Sua Magestade e lhe respondeu que se deixase prender, que o livraria, e sendo a culpa só por querer saber segredos da Inquizição puderão mais os Inquizidores que o Rey, e não sahio dos casares[3] senão para o cadafalço que Vossa Magestade vio. O Villa

[1] digo que atribuião: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] hum credito de 300$ cruzados: *Idem.*

[3] dos carceres: *Idem.*

Real que foi de França com o Marquez de Niza esteve mezes e mezes em Lisboa onde já suas culpas se devião saber, não foi prezo senão quando estava para partir com huma cumição de fazer hir alguns navios a corso contra os de Castela; não condeno as prizoens, que a segunda mostrou que fora justa, e a primeira, porque conforme as leis da Inquizição o poderia ser, mas condeno o tempo, e se me houvera de governar pelo que vejo em Roma pudera dizer tambem que em matar gente para a mandar ao inferno nenhuma couza se ganhava em lhes antessipar a morte, pois com ella se lhes não salvão as almas. Aqui está prezo á muitos annos hum erege pela Inquizição, que sendo setenciado a queimar, disse o Cardeal Espada hum dos maiores e milhores letrados do Colegio, que proveito se segueria de mandar aquela alma a sabendas ao inferno, quanto milhor seria esperar a que Deos o tocasse, e que se o fazião por se descarregarem de o sustentar elle Cardeal o tomava a sua conta, e o sustentaria; pareceu bem a todos, aprovou o o Papa, vive o homem, e o Cardeal o sustenta.

As Inquiziçoens de Espanha, e as que ha fora della, da de Roma emanarão, mas nenhum *(sic)* observa as suas leis, e instituir se *(sic)* sim para extripar e atalhar a erezia e juraismo, *(sic)* e reduzir aquella gente ao gremio da Igreja: deste ponto não sei se se trata nas Inquiziçoens porque vejo que são muitos os queimados, e os que perdem as suas fazendas e muito poucos os reduzidos, porque dos que huma vez saem nos cadafalsos raro he o que não fica judeu se dantes o era; emsinallos e doutrinallos he o que havia de ser, mas como a mira principal vai na confiscação das fazendas, e no menearenas os Inquizidores pelas suas mãos, daqui vem que tratem disto tanto, e tão pouco do outro, havendo de ser o fim principal.

Bem se vio logo que se fundou a Companhia, vivas são as cartas que ao Papa escreverão o Inquizidor Geral e outros Inquizidores condenando acerrimamente acção *(sic)* de Sua Magestade e tudo não foi nada a respeito do que agora fizerão, condenandolhe a sua memoria com termos tão indecentes, como tasitamente o declararem que morreu escomungado, que asim entendem todos que foi a sua tenção delles, pois dão por escomungados todos os que aconcelharão e aprovarão aquella obrava,[1] bem aviados estiverão os theologos de Roma e muitos Cardeaes della, se lhes abrangera este edital, porque todos os que hoje sabem delle, não só

[1] aquella obra: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

condenão aos Inquizidores, mas a Vossa Magestade e ao nosso governo em quebrar a palavra de ElRey que está no Ceo, em romper hum contrato tão necessario a conservação do Reyno, e emfim em fazer publico ao mundo que Sua Magestade errou contra a fé em materia tão grave. Crime foi este não digo eu já para o sofrer hum Rey grande, mas o menor destes Principes de Italia o castigaria severissimamente em seus vassalos. Veja Vossa Magestade Senhora quaes são os que a obrigão a passar por ele, e a aprovarem o que os Inquizidores fizerão, vase Vossa Magestade muito atenta com elles, porque debaixo da capa de zello christão vai encoberta huma das mais refinadas traiçoens de quantas ate agora temos visto. Castigase ao mizeravel que escreveu huma carta a Castela houverãose de castigar se se colherão aos que lá se passarão, mas este *(sic)* que mal he o que nos fazem, ou que nos tem feito, nenhum se se declarão, e puderão haver feito muito se ficarão no Reyno, e pregarão nelle sua doutrina: destes são os que *(sic)* Vossa Magestade se deve guardar, estes são os traidores refinados, que os outros são e forão muito groceiros, nem fizerão dano a Vossa Magestade nem proveito a ElRey Catholico.

O vergonhozo edital, com a provizão junta, que Sua Magestade mandou passar, em que se incluirão duas falcidades, como dizerse nellas, que Inocencio passara Breve debaixo de cençuras, e Alexandre o confirmara, mandou o Secretario Pedro Vieira ao Cardeal Orsino para o mostrar ao Papa como logo fez; e sabe Vossa Magestade o que daqui rezulta? Em primeiro lugar[1] ser o primeiro Papa *(sic)* o que zomba da nossa piedade; em segundo confirmarse no que já sabia no tempo do seu antecessor, de poderem proceder contra nós de facto, ou de dessimulação, com as costas quentes que tem nos Inquizidores, tendo por certo que elles defenderão tudo quanto obrar *(sic)*, e que Vossa Magestade se não atreverá contra elles. Os que daqui só ficão bem são aquelles que o aconcelhão a Vossa Magestade porque ficão cá a rol para os beneficios, como já estavão em tempo de Innocencio os Inquizidores. E quando Belchior Dias Preto irmão do Secretario estava para morrer escreveu a Sua Santidade pedindo a conezia para seu sobrinho pelos muitos serviços que tinha feito á Sede Apostolica; folgara eu que Vossa Magestade preguntara ao Secretario que serviços forão estes; não responderá elle, mas responderei eu por elle, que

[1] e sabe Vossa Magestade que daqui resulta em primeiro lugar: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

forão deserviços feitos a ElRey, e ao Reyno. Senhora o Secretario será homem muito de bem, por tal o tive sempre, mas adeherio sempre tanto a tudo o dos Inquizidores que nos veio a fazer tanto mal a sua approvação quanto o que elles nos fizerão.

Publicase em Roma nestes annos atraz huma opinião da Soborona,[1] approvada por certa pelos milhores theologos, e pelas melhores universidades de que ao ponto a que tinhamos chegado podião os Capitulos eleger Bispos, aprovalos Sua Magestade, confirmalos o Metropolitano mais vezinho conforme ao estillo antigo; era em tempo de Capitulo geral da Companhia quizerão os castelhanos que os seus Padres respondesem, e escrevesem contra a openião não se atreveu nenhum delles ao Cardeal logo *(sic)* que he da Companhia, e dos maiores, se não o maior theologo de nossos tempos que contra aquillo não havia que dizer por ser doutrina corrente e neste tempo se atreverão os nossos Inquizidores entre os quaes ha alguns com tantas letras como as minhas a sahir com hum Breve em que derão por mal soante, erronea e heretica a openião que disse Innocencio que devia aos Inquizidores livrarem no de huma opreção de que os nossos inimigos o não podião livrar.

Senhora tenha Vossa Magestade por certo que os mais desses Bispos se não são todos que o dezejão ser antes de motu proprio que a nomiação de Sua Magestade não tem o Reyno por seguro elles saberão o porque, e querem se asigurar nos bispados, daqui nascem todas as suas instancias e todas as que mandão fazer a Roma e de proximo fui eu advertido que se dava de lá ao Papa hum arbitrio em ordem a isto; que Sua Santidade nomeasse os Bispos de motu proprio, e sahisse com censuras contra Sua Magestade se os não aseitasse, e contra ElRey Catholico se lho impedise estas segundas por forma e ja pode ser por consentimento e aprovação do mesmo Rey. E porque o Capelão mor o Secretario, e os que no Conselho de Estado os seguem são deste parecer, aconcelhão a conservação de hum traidor, e o mais indigno homem desta Corte como he o Cardeal Orsino, e obrigão a Vossa Magestade a me mandar tirar por que eu o não empida. Eu hir me hei tanto que me chegarem as ordens, e os passos estiverem dezempedidos, que inda não estão; mas saiba Vossa Magestade que o executarei contra o meu entendimento, e contra o dos mais sãos, porque estamos vendo o que dahi se ha de seguir; mas se he

[1] da Sorborna: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

o que se lá quer para que me canço. Por duas vezes me mandou Sua Magestade que Deos tem sahir de Olanda, e ambas repliquei que não convinha, e me deixei ficar, e de ambas tive aprovaçoens, e graças, o mesmo houvera de fazer hoje se Sua Magestade fora vivo porque m o houvera de agradecer, e me havera de defender, mas agora com Rey que me não conhece, com Ministros dezafetos posso temer muito que o que ca se julga por serviço se julgase lá por crime e que no cabo de minha velhice fosse acabar em huma prizão, e pouco que[1] me resta de vida. A afronta de havermos mizeravelmente perdido Olivença se seguira outra maior com a minha ida e cuidar se ha que estamos ja dezesperados de Roma que não ha já no Reyno com que sustentar hum Embaixador, triunfarão os castelhanos, e ver se ha o Papa livre do embaraço que aqui lhe dou, que he tão grande que não ha hoje couza que mais o moleste, pelas vozes que toda Roma dá da sem justiça que se nos faz e cessar tudo isto indo me eu e Sua Santidade comessar a dormir de novo para nossas couzas com o protesto *(sic)* que Deos ou o diabo lhe trouxerão com Olivença. *(sic)* E os protestos que em outro tempo lhe havia de fazer, e o havião de inquietar muito, neste ha de zombar d elles: fal os hei eu sem embargo d isso, mas nontarião muito[2] feitos em tempo que as nossas armas houvessem tomado *(sic)* por si, e se purgassem da afronta em que as tem posto este sucesso, então sim que conviera deixar Roma com bizaria, e não de prezente com afronta.

Huma praça mais ou menos nem nos perde, nem ganha a Castela, e podemos lhe ganhar muitas, se para a campanha que vem nos prevenirmos com tempo na forma que escrevo a Sua Magestade. Os mesmos inimigos nol o advertem, o Conde d Unhate escreveu aqui a hum Ministro que duas concequencias tiravão grandes da perda de Olivença; a primeira que mostraramos falta de cabos, pois se entregou a praça tendo muita gente, e muniçoens de boca, e guerra para muito tempo, com o nosso exercito á vista que nem socorreu, nem intentou socorrell o[3]; e a segunda que já não poderá dizer o Papa que não tem os pez metidos em Portugal quando tem a chave d elle na mão. Os castelhanos dão já em Roma por ganhadas todas as praças que estão de Guadiana para la, e que para o

[1] em huma prizão o pouco que: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] mas notarião muito: *Idem*.

[3] nem intentou socorrel a: *Idem*.

anno que vem virá seu Rey em pessoa, e acabará com Portugal. Bom será que hospede tão grande o vamos esperar ao caminho, mas bem creio que nos tirará o trabalho, porque não virá. Para levantar este exercito tomou os juros de toda a Espanha, e quintou as fazendas, o anno que vem não o poderá fazer, previnha se Vossa Magestade[1] de maneira que o fassamos arrepender da ruim politica que teve em nos vir inquietar. Senhora para a defença tudo he licito, Vossa Magestade se valha de tudo; hoje o pode fazer com maior sobrania com dizer ElRey o quer, e para o que Vossa Magestade entender que convem execute, não tome concelho senão d aquelles que entender que lh o hão de dar com zello e amor, e livres de interese. Com estes qualidades[2] me atrevi a falar a Vossa Magestade tão livremente, e errei *(sic)* errou o entendimento mas não a vontade que he nascida de hum coração que Vossa Magestade conhece por bom ha muitos annos, muitos dê Deos de vida a Vossa Magestade como os etc. *(sic)*[3]

Ordem de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma

1657 — Agosto 20

Francisco de Sousa Coutinho do Conselho de Estado do Serenissimo Rey de Portugal Don Alfonso VI nosso Senhor, e seu ambaxador extraordinario a Curia de Roma, Alcaide mor de Santarem Cavaleiro da Orden de Christo, e commendador nella etc.

Em execução das ordens, que tenho de Sua Magestade ordeno e mando em seu nome a todos os seus vassallos de qualquer qualidade, ou condição que sejão se recolhão ao Reyno, e se vão presentar ao ditto Senhor ou aos ministros que para esse effeito tiver nomeado, e dentro do termo de tres meses, que se contarão da data d este sejão obrigados a sahir

[1] previna se Vossa Magestade: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] com estas qualidades: *Idem.*

[3] a Vossa Magestade etc. *(sic)*: *Idem.*

Copia, na Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 74 (2.ª numeração), *e* V, $\frac{4}{30}$.

de esta corte os quaes lhes assinamos por termo preciso, e peremptorio para ditto effeito, e não menu a respeito das incalamidades do tempo e impedimento de commercio, *(sic)*[1] o que tudo serão obrigados a comprir sob penna de confiscação de bens, e de ficarem desnaturalizados do Reyno. Declarando que os cortosões, que se não acharem com cabedal para a passagem recorrão a my, que por conta da fazenda Real os mandarei prover. E por esta ordem, que sará fixada nas portas de meu palacio dou a todos os dictos vassallos por intimados, como se persoalmente fosse intimada a cada hum delles. E eu Henriquez *(sic)*[2] a fiz em Roma 20 de Agosto 1657. Eu João de Roxas e Azevedo a fiz escrever.[3]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarino

1657 — Agosto 21

All'istesso Signore Cardinale (Mazarino).

La nascita del Serenissimo Prencipino di Modena pronipote di Vostra Eminenza porge sì giusta materia d'allegrezza a tutti i di lei servitori, che professandomi io per obligo, e per genio partialissimo del suo nome, devo comprire al debito della mia osservanza, rallegrandomene affettuosamente con Vostra Eminenza, e felicitandola della longa e gloriosa progenie che ne speriamo di Prencipi grandi et illustri. Arrivò questa buona nuova in tempo appunto ch'io mi stavo preparando per celebrare in questi giorni la festa della maggioranza del Rè mio Signore in quel modo che poteva permettere la malignità dei tempi che corrono in questa Corte, rinchiudendosi a quel solo che potevo fare in mia casa; ma è tale l'animo del Papa con tutto ciò che tocca agl'interessi della Corona di Portogallo, che temendo dai castigliani qualche riprensione, non si vergognò il Governatore di Roma, in suo nome mandarmi a dire per un Capo Notaro

[1] *Na traducção que tem junto vem assim:* e nessuno manchi per rispetto dalle calamità del tempo et impedimento del commercio,

[2] *Na mesma traducção:* Giovanni Henriquez.

[3] *Copia, na* Biblioth. d'Ajuda, Sym. Lus., tomo 10, fol. 132.

che non metessi torchie alle mie finestre, dimostratione ch'havevo io stesso fatta per l'anniversario della sua coronatione, e per la promossione del Cardinale Chigi, e che non possono scusare sotto colore dei bandi della sanità, che prohibiscono ogni sorte di feste, mentre alli 6 e 7 d'Agosto si vide per quella del Beato Gaetano ardere in luminarie e fuochi artificiale una gran parte di Roma, ne era d'inferiore conditione S. Bernardo, giorno in cui cade la nascita di Sua Maestà, se anche la poca giustitia, che si usa, havesse voluto dar campo a un pretesto innocente. Nell'istesso tempo andò il Vicegerente a S. Antonio Chiesa Nationale dei portughesi ad intimare che non si facesse novità, e pure non se n'era disegnata alcuna, nè si scordorono di mandare ad intimare l'istesso alle case particolari dei portoghesi più noti in questa città. Ciò aggionto alla raffinata tolleranza e longa dissimulazione di tutti i torti, che mi sono stati fatti in questa Corte, e della notitia che hò del mal'animo che nutrisce il Papa contro di noi, etiam nel pretendere d'attentare la provisione delle chiese di motu proprio, considerando il pregiudicio, che risulta ogni giorno maggiore da sì essemplare sofferenza in una Corte, che non si governa che con l'impulso della politica temporale, mi risolsi a levarmi la maschera, e diedi in risposta al Governatore che le torchie che s'estinguevano aggionte a tutte le cose passate, accenderebbero un fuoco, che non fosse così facile ad estinguersi, che lo dicesse in mio nome al Papa, e che le soggiongesse ch'io mi protestavo di tutti gl'inconvenienti che ne nascero. Inherendo poi agl'ordini del Rè mio Signore feci alle porte del mio palatio fissare hieri un ordine, commandando in nome di Sua Maestà a tutti i vassali della Corona, che nel termine di tre mesi debbano partire da Roma, e presentarsi poi in Portogallo, sotto pena della confiscatione de beni, e d'essere snaturalizati del Regno. È forza vedere se mutando noi di stile si sveglia questo Papa da sì profondo letargo, ma come non si considerano quì che le cose presenti, e più vicine, senza l'appoggio del Rè Christianissimo, e senza li favori di Vostra Eminenza è impossibile far risolvere il Papa a far giustitia. Sò che Vostra Eminenza ha tanto a cuore gl'interessi del Rè mio Signore, che non lascierà d'appoggiarli con ogni efficacia in congiontura di tanta importanza, e non hò voluto mancare di dare a Vostra Eminenza minuto conto di quel che passa, così per compire al debito mio, come per supplicarnela. La venuta del Signore Cardinale Antonio ne porge l'opportunità, e spero in Dio che con la mutatione seguita dei capi dell'essercito in Portogallo riporteremo tratanto vantaggio tale dell'inimico, che non paia al Papa di poterci

offendere a modo suo per la fatalità d'Olivenza. Con che prego a Vostra Eminenza il colmo d'ogni felicità, et humilmente la riverisco. Di Roma li 21 Agosto 1657.— Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Conde de Brienne

1657 — Agosto 21

Monsieur — Les tesmoignages de la bonté di Vostre Excellence en mon endrout *(sic)* me viennent reiteries si affectueusement par Monsieur Gueffier, que je ne scaurois passer en silence les remerciemens que je vous doibs de l'honneur de vostre souvenance, et de la part, que me

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 15.

Tanto ao facto da prohibição da festa que o Embaixador queria fazer em Roma, de que fala n'esta carta a Mazarino, como á ordem, que, em consequencia d'ella, passou para todos os portuguezes se recolherem ao reino, tambem mencionada na mesma carta, se referem os dois documentos seguintes, os quaes mostram, além d'isso, novamente qual era a politica da Curia a nosso respeito, o que é de grande valor. Ao primeiro parece alludir o Embaixador na sua carta a Mazarino de 12 de Novembro de 1657, que vae adeante. E dizemos parece por poder a allusão ser egualmente ao documento de 14 de Novembro de 1656 que já em nota fica inserto no presente volume.

Carta da Secretaria de Estado Pontificia a Monsenhor Piccolomini, Nuncio em Paris

(1657)

Illustrissimo e Reverendissimo Monsignore — Anche qui il Ministro di Portogallo lusingato da non só qual desiderio di far comparire le grandezze del presente governo di quel Regno, há tentato di far piú di quel que comporta la conditione de tempi presenti, e la qualità del ministerio ch'egli essercita. Vostra Signoria legga attentamente l'aggionto foglio, e non si parta dal tenore di esso nel renderne informati quei che la ricercassero delle particolaritá di questo successo, che si troveran conformi á quelle, che vengono da persone desinteressate, e non alterate da alcuna passione. Le piaccerá anco di trasmetterne una copia all'Amico di Lisbona, acciò in ogni luogo la schiettezza del fatto si renda mani-

donnez en vostre affection, asseurant Vostre Excellence que la mienne est aussy pleine de respect, que de desir de rencontrer plusieurs occasions de vostre service. Vous en avez a present une grande de contribuer a l'advantage du Roy mon maistre par l'appuy de ses interets en cette

festa. Nel resto si dissimulano molte cose, perche si compatisce á chi non v'há colpa, non parendo dovere che le carriere d'uno pregiudichino a tant'altri direttamente, e che conoscono con quanta indifferenza Nostro Signore camini in questi affari, che non possono precipitare, se non gli vien data la spinta da quei medesimi che dovrian cercare di sostenergli. E qui resto.

La scrittura inserta nella lettera é la seguente:

Inherendo all'instruttioni altre volte date alli antecessori di Vostra Signoria in cotesta Nuntiatura, se gli repete in ristretto che qualunque volta in questa Corte si sono posti in discussione gl'interessi di Portogallo, da che in quel Regno s'é presa nuova forma di governo, é stato facile discernere che i voti delle Congregationi tenutesi sopra quelli, propendevano a secondare i gusti d'una Natione nobilissima, e per molti capi benemerita della Sede Apostolica, e della Religione Cattolica. Ma ch'in tanto solamente s'andava temporiggeando col non venire alle resolutioni da essa desiderate, perche rispetti vehementi obligavano questa medesima Corte ad usare ogni piú cauta circospettione, acciò mentre si cerca di gratificare una parte, non s'irritassero l'altra, che han modi facili di recarle pregiuditii rilevantissimi. Questa ragione s'é piú volte ponderata non solo a Ministri francesi, quando han premuto che si ponga mano á piú espresse dichiarationi, ma non s'é ristato di farla penetrare nell'istessa Corte di Portogallo, con cosi evidente chiarezza, che chi há voluto senza passione rifletterci sopra, non há potuto di meno di non approvarla. Tanto meno han stimato necessario le medesime Congregationi che si dovesse con tali dichiarationi arrischiare la quiete del Dominio Ecclesiastico, che haverebbe potuto portar seco il rischio di quella di tutta Italia; quanto che col protrahere per qualche tempo questa sodisfattione a Portughesi, non le portavan se non pregiudicio apparente, poiche il sostantiale del loro stabilimento consisteva nel conservarsi la ricuperata libertá, come dalle forze poderose del Regno, e dalli appoggi che hanno, si poteva probabilmente congetturare, sperando nel resto che il tempo da se medesimo fosse per recare congionture tali, che quel che sino adesso alla Sede Apostolica ha sembrato arduo, e pien di difficoltá, se gli rappresentasse agevole, e piano. Su questa confidenza non han mai i Ministri della medesima Sede trascurate le opportunitá alle Corti de maggiori Prencipi, et alle Diete convocate per la pace universale d'investigare ogni piú sotil maniera con che, salva la libertá di Portogallo, si potesse progredire in quei trattati. E la Santitá di Nostro Signore per la parte che v'hebbe come Nuntio alla Dieta di Munster, vi fece le sue prove, come ne posson rendere testimonianza i Ministri d'altri Prencipi, et i Veneti in particolare, che congiontamente vi cooperorono. E sull'istessa confidenza s'é permesso a Portoghesi, non ostante la contradittione d'altri Prencipi, il tenere in questa Corte un Ministro, che regolandosse secondo lo stato delle cose, potesse promuovere li interessi del Regno.

Ma perche l'ammettere un Ministro che facesse figura di publico rappresentante non era altro che un acconsentire in fatti a quel che s'andava differendo con parole, e potevansi da ció aspettare turbolenze continue in una Corte, ove di sua natura risiede la quiete, parve bene che restasse limitata la qualitá della persona, che dovea prender questo posto, a titulo di gentilhuomo, ó vogliam dire di personaggio. Et in tal forma fú ultimamente qui ricevuto il Signore D. Francesco di Sosa Coutigno, cavalliere conspicuo per nascita, e

Cour, dont j'escris par ce courrier a Son Eminence. Ce Pape ne pert aucune occasion de faire valoir le mauvais talent qu'il a contre la Couronne de Portugal, et pour plaire a messieurs les castillans ses amis, s'est laissé porter jusques a m'empescher d'allumer des torches a mes fenestres en

dotato di parti dignissime, per sostenere ogni gran carico, come con somma prudenza e decoro há sostenuto quello d'Ambasciatore appresso il Ré Christianissimo.

Dal concetto che si formó della virtú, e merito di questo cavalliere, riguardato da Sua Santitá con tenerezza d'affeto, e con rincrescimento di non poter usare verso di lui quelle dimostrationi di benevolenza, e di stima, che devono esser communi á tutti, non há havuto che desiderare in quel ch'é stato possibile dal paterno affetto della Santitá Sua. E se non altro há goduto di questo vantaggio, che per essere il soggetto che é, si sono chiusi li occhi á qualche passo, ch'egli ha fatto, eccedente le conditioni sotto le quali fú ricevuto in questa Corte. E con la medesima facilitá si sarebbe lasciato correre il festeggiamento ch'ei preparava per il giorno ventesimo d'Agosto, in segno d'alleggrezza ch'il suo Signore in tal giorno assumesse il governo del Regno. Era ció dovuto alla generosa natura del Ministro, mai abastanza satio di sublimare le glorie del Prencipe a cui serve, má era molto piú dovuto al merito del Prencipe medesimo, i cui maggiori hanno havuta tanta parte nell'ampliatione della Fede, e nella dilatatione del Christianesimo.

Má l'essersi dubitato, che ció potesse dar occasione a qualche inconveniente, há indotto Nostro Signore ad ordinare che ritenendosi per hora le allegrezze nel cuore, le esterne dimostrationi si differissero ad altro tempo.

Fu considerato che essendosi sospese le musiche e prediche nelle chiese, e le scuole nelle Academie, e sin le solite feste de fuochi per la criatione del Pontefice, per evitare il concorso del popolo, atto a riaccendere il mal contagioso (di cui non si tiene in tutto libera la cittá) la permissione di questa festa fosse bastevole a dar fomite ad una tal pravitá hormai estinta.

Venne parimente in consideratione, quanto al politico, che uno de migliori capi che havesse la Corte di Roma per ributtare le instanze de Spagnuoli, che instavano per la reiettione dell'Ambasceria Portughesa, era che il moderno possessore del Regno godeva di questo possesso da sedici anni in quá, senza che li fosse interrotto con altro che con scritture, e che per ció non si dava quasi luoco alla reiettione dell'instanze di chi pacificamente possedeva. Questo motivo era di tal forza appresso la Corte Cattolica, che trovava maggior difficoltá nella risposta di quel che provasse in tutte l'altre obiettioni. E per ció fatta avveduta che col correre de gl'anni s'andavan sempre piú roborando le ragioni de Portughesi, si venne in quest'ultima risolutione di intorbidare il possesso con l'invasione del Regno, come le é succeduto con qualche acquisto. Hor havendo i Spagnuoli trattenuto il corso delle instanze de Portughesi, e de Francesi, in tempo che havevano minor ragione di quel che hanno adesso, chi non vede che sollenisandosi con publiche dimostrationi l'assuntione al Regno di chi é in torbido possesso di quello, stimeran di ricevere torto manifesto, essendo questa una se non esplicita, almen tacita dichiaratione di reputar per Ré quello per la cui assuntione si celebran in Roma feste, e tripudii. E cosi il Pontefice senza goder della gloria d'haver riconosciuto esplicitamente il Ré, haverá perduto tanto dall'altra parte, che senza giovare a Portughesi, si sará fatti apertamente nemici i Castigliani.

Concorrevano diversi altri motivi per il ritardamento di queste feste, che possono essere considerati da chi há una mediocre prattica dell'interessi della Corte di Roma, ove

rejouissance de la majorité de Sa Magesté, l'ayant faitte moi-mesme toute entiere pour l'anniversaire de la coronnation du Pape, et pour la promotion de son nepveu. Ce qu'il y a de plus plaisant est que le Gouverneur me l'envoya dire par un Notaire, mais ce qu'il y a de pire c'est les attentats

é per la multitudine de sudditi del Ré Cattolico, e per i molti profitti che la medesima Corte riporta da i stati di quello, non era temenza impropria il dubitare, che da somiglianti feste, che sogliono eccitar petulanza nella plebe, insorgesse qualche pericoloso tumulto; e tanto piú perche sú la medesima piazza, che dovea essere la scena di qnest'allegrezze, vi stá la chiesa nationale de Castigliani, in onta de quali sarebbe a un certo modo parso che si permettesse questo intempestivo festeggiare.

Del maturo sentimento di Nostro Signore intorno a ció essendosene fatta passare con ogni rispetto al Signore D. Francesco, diede segno d'aggravarsene, si con le risposte date al messo, si anche coll'essere trascorso il giorno seguente ad un atto non punto corrispondente al pensiero che la Santitá Sua si prende di consolare il mondo con qualche ripiego a questo, et ad altri sconcerti che lo conturbano. E fú di far affiggere alla porta della sua sala un editto, del tenore che stá spresso nella qui aggionta copia. Ma si figura la Santitá Sua ché ció possi essere provenuto da mera sensualitá di questo cavalliere, ch'havendo preso in cattiva parte quello, che se gli é fatto intendere con ottimo fine, há voluto trascorrere in questo rissentimento, fuor del jus che le compete, e probabilmente contro il sentimento di chi lo trattiene in questa Corte. E cosí non si potrá negare, che i pregiuditii che riceve il Portogallo, governato hoggidi da huomini di singolar prudenza, non provenghino da certo prurito entrato in alcuni Ministri di volere far piú di quel che comporta il loro ministerio. E questa Corte che sperava di veder corretto l'errore del gia Vescovo di Lamego, con altretanta moderatione in chi riempie quel posto, si trova in questa parte ingannata, senza peró che queste trascorse possino intepidire il fervore della Santitá Sua nel procurare ogni bene al Regno, et a chi lo governa, come in ogni tempo dalle sue indifferenti, ma sincere, et affettuose operationi potrà esser conosciuto. etc. *(sic)* [1]

Carta da Secretaria de Estado Pontificia ao Nuncio em Allemanha

(1652)

..... [2]

Fra le cause, che inducono la Santitá di Nostro Signore a desiderar di vedere la dignitá Imperiale in persona del Ré d'Ungheria, che sono il proprio merito, et il molto

[1] *Antes da carta que precede este ultimo documento ha o seguinte:* A maggior intelligenza della lettera, e della scrittura, che stá qui sotto annotata, devesi sapere che l'uso della Secretaria é che in una medesima lettera non s'includano piú negotii, massime si sono gravi; et d'ogni negotio si forma una lettera á parte, si che nel raguaglio, che si dá a Monsignore Piccolomini del successo col l'Ambasciatore di Portogallo, si scrive distintamente dall'altre lettere, e nel soprascritto é notato Lettera 3.ª la quale é la seguente.

Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1367, fol. 6, e num. 1368 *(Copiadores do Embaixador?)*, fol. 13 v.

[2] *Assumpto extranho.*

que j'ai penetré qu'il veut faire contre nous par la provision des Eglises de motu proprio. Il croit nous avoir englouty par le mauvais succés d'Olivence, et tout cela joint a une si longue patience, que j'ay eue, m'a fait resoudre en ceste occasion a lever le masque, et apres avoir respondu au

che si promette dalla sua pietá in servitio della Religione, non v'há poca parte l'essersi la Maestá Sua eletto per Direttore de suoi consigli il signore Conde di Porzia, della cui propensissima volontá verso il bene della pace, e della publica tranquillitá, ne ha la Santitá Sua havuta caparra conveniente in diverse occasioni. Sá quanto puó, e quanto vale, e quanto potrá, e valerá con le sue salutevole suggestioni appresso un Prencipe nuovo, e ch'essendo per se stesso d'ottima indole, imbeverá come oracoli tutto ció che dal suo Privato le verrá posto avanti per il meglio. Vostra Signoria dica pure a Sua Eccellenza che si come Nostro Signore há sommamente aggradito l'essibitione della sua devotione, cosí dalla prudenza sua riconoscerá tutto quel di buono che deriverá da una Corte, che tiene il Principato fra tutte le altre Corti, e dalla quale depende in gran parte il poter restituire al mondo quel riposo da ogni parte desiderato. É perché conserva memoria che tanto a tempo d'Urbano, et d'Innocentio, suoi Predecessori, quanto doppo che essa é assunta al Pontificato, le premure maggiori per le cose di Portogallo si spiccavano di costá, forse perche i Spagnuoli con molta ragione conoscevano la forza che haverebbero li officii Imperiali appresso i Pontefici, vorrebbe Sua Santitá che secondo le opportunitá de discorsi, quelle materie s'andassero addomesticando col medesimo Conte, col farle constare che é negotio che non si puó piú tener in collo, et che é in tutto necessario pigliarci qualque espediente se dalla parte della Spagna si seguiterá a far progressi nelli acquisti in quel Regno, come i Spagnuoli si sforzano di dimostrare che sia per seguire, questo sará il remedio piú proprio per disimpegnar Nostro Signore da ogni risolutione, che potesse apportarle disgusto. Ma se languendo le forze, sparirano le speranze d'uscirne per questa strada, non sanno veramente questi Signori deputati alla cognitione di quest'affare, come si possi piú differire a dar qualque sodisfattione a chi s'é constituito in un possesso lunghissimo, et che per mantenervisi é per metter sossopra il mondo. Il Regno privo di Ministri Ecclesiastici esclama. La Corte di Roma defraudata de suoi dritti si lamenta: i Prencipi ancorche non si lascino intendere se non sotto voce, non approvano che venghino reiette instanze fondate sopra tanta equitá.

Il Ministro Portughese che rissiede qui, con un tratto de molta accortezza, volse far prova, se gli sarebbe impedito nel giorno dell'ingresso nella maggioranza del nuovo suo Prencipe, il far publiche dimostrationi d'allegrezza, e s'accinse a fare una pomposa festa: má se gli vietó l'effetto, come si crede ch'egli medesimo aspettasse, per haver pretesto di farsi sentire con qualque doglienza. Con tal occasione é stato ponderato a Sua Santitá da alcuni Cardinali, e theologhi, che senza evidenza di torto non si poteva piú longamente traccheggiare. Vostra Signoria tantosto che ne conosca l'opportunitá, ne introduca qualque proietto, che alla giornata se le anderan somministrando altri motivi, per i quali si fará constare esser'espediente anche alla Casa Augustissima il servire al tempo, senza tenere aperta una cancrena, che puó corrompere il resto del corpo sano. E qui resto. etc. *(sic)* [1]

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1367, fol. 5, *e* num. 1368 *(Copiadores do Embaixador?)*, fol. 12 v.

Gouverneur, que ces flambeaux alloit allumer un feu, qui ne s'esteindroit pas si tost, je fis aficher aux portes de ma maison un commandement par ordre du Roy a tousts les sujets de Sa Mayesté sous peine de la confiscation des biens, et d'estre desnaturalisés du Royaume de sortir de Rome en terme de trois mois, et de s'aller presenter en Portugal. L'experience m'a appris qu'avec la douceur il n'y a rien a gagner avec ceste haume, il faut veoir si par les autres voyes l'on advancera quelque chose. Je ne laisse pas de l'esperer, si Sa Mayesté Tres Chrestienne nous fait la faveur d'appuyer comme j'espere par son authorité en ceste occasion nos affaires, auxquelles le voyage de Monseigneur le Cardinal Anthoine pourroit venir fort a propos. La part que Vostre Excellence y a soit par sa charge, soit par son affection m'oblige a la supplier de vouloir ordonner a Messieurs les Eschevins de Marseille de la part du Roy de laisser passer sans quarantaine Monsieur de Royas *(sic)* e Asevedo Secretaire de ceste ambassade, que je depesche en diligence au Roy mon maistre luy donner compte de ce qui se passe. La santé de ceste ville graces a Dieu est si confirmée qu'il n'y a rien a craindre. J'espere de vostre bonté toute la faveur, et suis sans reserve — De Vostre Eccellence *(sic)* — De Rome ce 21 Aoust 1657.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1657 — Agosto 25[2]

Senhor — Para a vespora e dia de S. Bernardo que he o em que Vossa Magestade cumpre os 14 annos, e entra no governo de seus Reynos (que seja por tantos, e tão felisses, quantos eu lhe dezejo) me preparei para fazer aquellas demonstraçoens, que os apertos do tempo, e os da Corte em que vivo podião dar lugar que forão dar libré aos pages, e

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 9 v. — *Sobrescrito:* Monsieur — Monsieur le Conte de Brienne Conseiller du Roy en ses conseils, Chevalier de ses ordres, et son Secretaire d'Estat, et des ses Commandements — En Cour.

[2] Em 25 de Agosto por Olanda, e França.

lacaios, vestir os gentis homens, e ornar minha pessoa, e as suas delles com cadeias e joias, e nas duas noutes asender tochas nas ganellas[1] de minha caza, que sendo grande e islada são 60 as que havia de levar, como fiz na promunção do Cardeal sobrinho do Papa, e no seu aniversario delle, que então se me concentio, e estimou, e na ocazião prezente de ordem de Sua Santidade me mandou notificar o Governador que o não fizesse, tomando por pretexto obviar concursos a respeito da saude sendo que no mesmo dia se permetirão muzicas, e agua benta nas igrejas, que ate aquelle tempo se não permetião. Parei nos fogos havendo respondido ao Governador, que aquelle pouco que em Roma se me impedia de minhas portas a dentro, acenderia hum fogo tão grande em Portugal, quando *(sic)* Sua Santidade quizese apagar lhe não bastaria toda a agoa do Tibre. A sua tenção delles foi que nem com gala aparecesse pelas ruas, porque não se atrevendo a dizelo claramente falarão em demonstraçoens publicas, parecendolhe que debaixo dellas se incluia tambem, e que eu me absteria delas: comtudo eu sahi por Roma, e vim pasiar nesta minha praça, para onde hoje se tem passado o passeio de toda a cidade, e foi tanto o concurso nella naquelles dias, que se atracavão as carossas, e se quebrarão muitas; a esta demonstração segui com outra, que está tão geralmente louvada, e bem tomada, quanto vituperada e abominada a do Pontifice, porque tratando só de afrontarme cahio a fronta toda sobre elle, e sobre os seus. A grandes males remedios grandes, eu apliquei aquelles que convinhão ao credito de Vossa Magestade, ao de seus Reynos, e ao de minha pessoa, deminuindo muito pella dezaventurada perda de Olivença que foi hum dos motivos que lhes fez tomar rezolução tão dezatinada, e conveio curala com huma que demostrasse que não estavamos de sorte abatidos que não tivessemos animo para couzas maiores. Não fasso relação a Vossa Magestade por menor de todas as circunstancias porque fico despachando ao Dezembargador João de Rojas de Azevedo, Secretario desta embaixada, que o foi já na de França para hirem formar a boca[2] a Vossa Magestade não só deste cazo, mais *(sic)* de outros muitos mais importantes, e muito consernentes ao serviço de Vossa Magestade e bem de seus Reynos. Vai por França aonde o obrigarão a fazer quaren-

[1] tochas nas janellas: Bibliotheca Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] para informar de boca: *Idem.*

tena, que prescuraremos[1] seja a mais breve que possa ser; sahirá daqui ate o ultimo deste mez: pareceu me fazer a Vossa Magestade este avizo, porque havendo de chegar ahi muitos, como hão de ser de portuguezes, interessados os mais na rezolução que tomei, poderá informar cada hum segundo seus interesses. Vossa Magestade seja servido de suspender o juizo ate a chegada do Secretario, e nas couzas desta Curia não inovar couza alguma, porque asim importa a seu Real serviço, até Vossa Magestade estar plenariamente informado da intenção do Papa, e de como vai dispondo a execução della, fundada toda em hum puro enterese, que a seus dois antecessores lhe não chegou nunca a imaginação etc. *(sic)*[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(1657)—Setembro 1

Senhora[3]—He portador desta o Dezembargador João de Rojas de Azevedo secretario desta embaixada como o foi já na de França, cazado com huma irmaã de minha mulher que Deos tem; despacho o a ElRey meu Senhor e a Vossa Magestade para os informar de huma vez do estado das couzas de Roma, da intenção do Papa, e dos conluios que com o Cardeal Orsino, *(sic)* metendo nelles insensivelmente ao padre Francisco de Tavora Assistente da Companhia, homem tão virtuozo, e pio, que com haver estado já outra vez nesta Curia tem para si não poder hum Cardeal faltar a verdade, ignorando que he parte esta que se acha aqui raramente, porque não se vive mais que de enganos, e de tramoias, que a mim me valerão para as conhecer sete annos e meio de Olanda, e 5 de França, e ainda asim me não livrei nos prencipios de crer e esperar mais do que convinha. Sendo tal o portador, e estando tam bem informado como eu,

[1] que procuraremos: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 85 (2.ª numeração), *e* V, $\frac{4}{30}$.

[3] 1.º de Setembro.

escuzo de dizer a Vossa Magestade o que elle milhor saberá reprezentar; Vossa Magestade seja servida de o ouvir particularmente e de lhe dar credito a tudo que disser, porque asim convem ao Real serviço de Vossa Magestade e ao bem de seus Reynos.

Bem entendo Senhora que os Bispos nomiados hão de procurar condenar esta minha ultima rezolução, parecendo lhes que lhes poderá retardar os bispados, mas se o conciderarem como devem e Vossa Magestade lhe fizer entender alguma parte do que o Secretario leva verão claramente que só o que comessei he o caminho direito de chegar ao fim, e que tudo o mais são rodeios, e o que pior precepicios. Maior rezolução tomei em Olanda quando sem orde alguma de Sua Magestade que Deos tem offereci aos Estados a inteira restituição de Pernambuco, e foi aprovada de todos, e o unico meio de ElRey meu Senhor estar hoje pacifico pussuidor de todo aquelle grande Estado do Brazil, e se bem se conciderar, pode ser que se ache que as minhas dispoziçoens vierão a fazer facil huma empreza que tão deficultoza se reprezentava, o mesmo espero na de Roma, porque lhe estamos vendo o remedio tão facil, que nem ha mister armas, nem mais que proseguir o que tenho bem prencipiado. Achará Vossa Magestade que fiz o que devia a reputação do Reyno, do Rey, e do Embaixador, que reprezenta a sua pessoa, cujos agravos e afrontas não se reputão como feitos a figura, senão ao figurado. O Papa sobre a tenção que tinha, e segundo se vê teve sempre, de acodir a Portugal, por meios indirectos, vendo que não bastarão para me lançar daqui, como concertou com o Cardeal Orsino, chegou a fazer me huma afronta publica que por tal está tida, e julgada, não só de toda Roma mas até dos seus mais familiares; devia cuidar que com ella tomasse eu o ultimo dezengano, e me sahisse de Roma, mas sesudeu lhe[1] tanto ao reves que não partindo eu, notifiquei a todos os portuguezes *(sic)*[2]

[1] mas sucedeu lhe: Biblioth. Nac., *Mss.* V, $\frac{4}{30}$.

[2] *Copia incompleta, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 88 (2.ª numeração), *e* V, $\frac{4}{30}$.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarino

1657—Outubro 22

Al Signore Cardinale Mazarino.

Già è molto tempo che diedi raguaglio a Vostra Eminenza del modo che si è portato il Signore Cardinale Orsino negl'interessi di Portogallo in questa Corte, e fecci ch'il Padre Duneau ne trasmettesse a Vostra Eminenza più minuta informatione; e non posso meglio repilogarne il successo, che con dire ch'egli assolutamente ha assassinati i negotii del Rè mio Signore essendo, e per obligo, e per officio tenuto a sostenerli; perche se bene è certissimo quanto Vostra Eminenza mi scrive che non miglioreranno mai le cose nostre in Roma, se non col vantaggio dell'arme di Sua Maestà in Portogallo, ad ogni modo così prima di questa guerra, come doppo di essa non solo non ha tentato il Signore Cardinale di far quel che poteva dal canto suo, ma positivamente ha operato in contrario, come mi consta per più e più strade. Non credo que Vostra Eminenza haverà havuta difficoltà in persuadersi simile procedere d'un tal soggetto, atteso ch'ella ne conosce molto ben la natura, e le prodezze operate nell'ultimo conclave. Haverlo non solo per nemico, ma restarle in mano i negotii del Rè mio Signore è cosa così dannosa, che tutta questa Corte, alla quale è molto nota questa verità, non cessa di maravigliarsi, e di biasimare la connivenza, che noi habbiamo usata seco sin hora, et informatane Sua Maestà era in procinto di levarle la prottetione, come io stimai conveniente, tanto più doppo che il Padre Duneau mi assicurò, che Vostra Eminenza non solo l'approvava, ma lo giudicava necessario. Trovandosi le cose in questo stato mi avvisano di Lisbona essere gionta colà lettera di Sua Maestà Christianissima al Rè mio Signore a favore del sudetto Signore Cardinale acciò non le fosse rivocata la carica della prottetione, et essendo tenuta Sua Maestà a fare ogni maggiore stima degl'ufficii del Rè Christianissimo non si prese risolutione alcuna sopra la materia. Io confesso a Vostra Eminenza che mi è gionta assai improvisa questa nuova, e come che non mi

posso imaginare sia stato senso di Vostra Eminenza, che conosce così bene il soggetto, et affettiona tanto gl'interessi di quella Corona, hò stimato obligo mio dargliene parte, e supplicarla insieme a compiacersi di riflettere nella materia, e non permettere che l'autorità di Sua Maestà Christianissima per mezzo d'una lettera ottenuta da qualcheduno, Dio sà come, impedisca il rimedio ch'habbiamo, se non di migliorare, almeno di non deteriorare ogni giorno gl'interessi che vertono in questa Corte. Procurerà Vostra Eminenza per questo mezzo un vantaggio molto rilevante alla Corona di Portogallo, e dall'affetto di Vostra Eminenza spero resterà servita di scriverne i suoi sensi a quella Corte. Se io havesse interessi particolari col Signore Cardinale Orsino, temerei di restare ingannato dalla propria passione per una parte, e per l'altra saprei sacrificarli al servigio del mio Prencipe, ma giuro a Vostra Eminenza che è così chiaro, e così liquido ch'egli lo distrugge, ch'io stesso mi vergogno si sii usata seco tanta dissimulatione, e che muove riso a nostri stessi nemici il vedere che noi diamo a un tale amico la spada in mano contro noi stessi. L'importanza della materia mi obliga a servirmi di questi concetti, come l'osservanza professo *(sic)* a Vostra Eminenza me ne fà pigliar seco la confidenza, e supplicarla insieme dell'honore de suoi commandi, mentre per fine la riverisco con ogni ossequio. Roma li 22 Ottobre 1657.—Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Abbade Ondedei, Secretario de Mazarino

1657—Outubro 22

Al Signore Abbate Ondedei.

L'infettione dell'aria di Roma è contagio, che tra molti mali non è il minore quello mi ha cagionato di vedermi privo della memoria di Vostra Signoria Illustrissima e de suoi commandi, bench'io non habbi lasciato all'occasione di procurarli, e di pregarla de suoi favori. Ne rinuovo adesso

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 10 v.

le instanze, sperando miglior fortuna, come mi devo promettere dall'affetto di Vostra Signoria Illustrissima agl'interessi del Rè mio Signore e dalla perfetta cognitione, che ha del sogetto del quale si tratta. Questi è il Signore Cardinale Orsino, che la nostra fatalità fece Protettore di Portogallo. Vostra Signoria Illustrissima fu profeta quando mi disse in Parigi ch'era necessario levarle la protettione, e se ciò con somma prudenza le parve all'hora, le giuro ch'i meriti contratti da questo Eminentissimo nel Reale servitio doppo ch'io sono in Roma, basterebbero a farle levare mille protettioni se tante n'havesse. L'unico suo intento, e l'unico sforzo che ha fatto è stato di finir di rovinare gl'interessi della Corona appresso il Pontefice, com'io avisai al Signore Cardinale Mazarino, e feci più distintamente raguagliare dal Padre Duneau, dandone anche parte a Vostra Signoria Illustrissima. Ciò mi consta non solo dall'opere del detto (?) Cardinale Orsino, ch'hanno reso noto in Roma questo suo procedere *lippis et tonsoribus* con stupore d'ogn'uno, ma da prove chiarissime ch'ho in mano dell'animo suo dedito a compiacere i nostri nemici in questo negotio; onde datone parte al Rè mio Signore massime doppo havermi assicurato il Padre Duneau che non solo pareva bene al Signore Cardinale Mazarino levare la protettione al Cardinale Orsino, ma che lo giudicava necessario, erano alla Corte in procinto di farlo, quando gionse colà lettera di Sua Maestà Christianissima al Rè mio Signore a favore del sudetto Cardinale per conservarlo nella carica. Io non sò per quale strada habbi ottenuta tal lettera, sò ben si ch'il rispetto che si deve agl'ufficii del Rè Christianissimo è grande, e mi avvisano di Lisbona che non s'era presa risolutione alcuna in questa materia. Mi è parso necessario dar conto del tutto al Signore Cardinale nostro, non potendomi imaginare siano stati suoi sentimenti il volere che lasciamo i negotii del Regno in mano d'un inimico, e lo faccio in questa posta, supplicando Sua Eminenza a compiacersi di scrivere a Lisbona sopra di ciò, acciò possiamo con levare quest'huomo dall'impiego, se non migliorare, al meno impedire rovina maggiore alle cose nostre; e perche sò quanti motivi concorreranno nell'affetto e talento di Vostra Signoria Illustrissima per favorirmi, la prego a voler cooperare a questo bene, che sarà per noi grandissimo, et insieme a non tenere otiosa la servitù che le professo, baciandole per fine di tutto cuore le mani. Roma li 22 Ottobre 1657.—Di Vostra Illustrissima e Reverendissima. *(sic)*[1]

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 11 v.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarino

1657 — Novembro 12

Al Signore Cardinale Mazarino.

Eminentissimo e Reverendissimo Signore e Patrone mio colendissimo.— I favori dell'avvertenze partecipatemi da Vostra Eminenza per bocca del Signore Abbate Braccese mi riescono tanto più saporiti, quanto oltre l'essere di Vostra Eminenza, che è senza fallo il contrasegno maggiore che li fà riverire per accertati, entro io in qualche vanità di me stesso, trovandomi per fortuna d'havere significati al Rè mio Signore circa la mia partenza da questa Corte gl'istessi concetti, che dalla raffinata prudenza di Vostra Eminenza mi vengono suggeriti. Egli è certissimo che senza quelle dimostrationi che facciano toccar con mano al Papa che la mia partenza di Roma sarà la perdita d'ogni ricorso à questa Corte, dove non trova la Corona di Portogallo ch'una somma ingiustitia, non servirebbe ad altro l'abbandonar questo posto, che apeggiorare notabilmente non meno di riputatione, che di speranza di qualsivoglia rimedio; ma come queste espressioni mancando appresso il Rè mio Signore dell'autorevole giuditio di Vostra Eminenza resterebbero forse prive del vigore che può animarle, la supplico in continuatione delle sue gratie a restare servita di trasmetterni i suoi sensi a Lisbona, rendendo io fra tanto humilissime gratie a Vostra Eminenza delle benignissime applicationi che ha a questi interessi, e delle gratie che fà a questo suo divotissimo servitore.

Una delle strade che ha tenute il Signore Cardinale Orsino per stroppiare ogni cosa, è stato dipingermi appresso al Papa per un cervello il più stravagante si sia mai visto, per un huomo ingannatore, in somma per un mostro da far paura, mettendo sul tapeto i miei negotiati con gl'ollandesi, e sopra tutto procurando di farmi credere in questa Corte per huomo privo della buona gratia di Sua Maestà Christianissima e di quella di Vostra Eminenza. Onde non solo mi pare accertatissimo il parere di Vostra Eminenza che quando non sia il Rè mio Signore per far accompagnare

la mia partenza dalle dimostrationi sudette, ne meno io debba partire, che con dar parola Sua Santità al Signore Cardinale Antonio di ricevere subito un altro Ambasciatore che mi succeda quando havesse avversione per la persona, ma già di questo partito ho parimente motivato qualche cosa a Sua Maestà benche se ho da dirne quel che ne credo, queste avversioni del Papa verso la persona sono pretesti per coprire se potesse l'avversione che ha al negotio, conoscendo egli molto bene con quanta quiete e modestia mi sia comportato sino ad esser tirato per i capelli con gl'ultimi strapazzi a redimere la riputazione del Rè mio Signore, e non ignorando dall'altra parte il mal animo, et i raggiri del sudetto Signore Cardinale Orsino per rovinarmi. Applaude il Papa a qualcheduno dei di lui concetti in questa materia perche le torna a conto, per havere qualche pretesto benche frivole di non fare quel ch'egli per altro non vuole; contuttociò conosce egli molto bene un tal soggetto, e crederei gioverebbe molto a far svanire questo pretesto, quando Vostra Eminenza si compiacesse di fare ch'il Signore Cardinale Antonio facesse conoscere così a Sua Santità, come a questa Corte il posto di gratia, e di favore, del quale sopra ogni mio merito si sono degnate le loro Maestà Christianissime e Vostra Eminenza d'honorarmi, e di presente mi honorano. Tale è la disgratia mia, che l'applicatione più necessaria è quella di contraminare l'insidie d'un protettore honorato, e stipendiato dal Rè mio Signore per favorire e proteggere nella mia persona la sua causa.

Dell'ufficio che Vostra Eminenza si è compiacciuta di far passare seco parimente dal Signore Abbate Braccese circa la nuova forma di servire col destreggiare, bacio a Vostra Eminenza per mille volte le mani, e di tutto le rendo ossequiosissime gratie. Spero che dalle copie di lettere che la settimana passata trasmesi a Vostra Eminenza per mano del Padre Duneau vedrà Vostra Eminenza in prova a chi serve questo buon Cardinale. Sono sue lettere da me intercette a forza d'oro, che mi haveva già fatto capitare alle mani copia della cifra ch'egli tiene col Signore Cardinale de Medici il Decano; ne mando per maggior sicurezza nuova copia con questa, et acciò Vostra Eminenza resti informata quanti amminicoli, et altre prove accompagnino quella così evidente dello scritto in cifra al sudetto Signore Cardinale de Medici, trasmetto a Vostra Eminenza copia d'una lettera apparecchiata da me, mesi sono, per mandarla al Signore Cardinale Orsino, in risposta d'un suo viglietto; mi trattenni però dal mandarcela perche essendomi all'hora sopragionte lettere della Corte, non ancora bene infor-

mata da questa sua condotta, ch'io dovessi per all'hora dissimulare con esso lui, mi sono riservato a mandarcela all'arrivo delle prime lettere ch'aspetto di Portogallo. Contiene una narrativa di tutto il suo procedere nella materia di quest'ambasciata, da queste lettere intercette in poi, che non posso publicare adesso, così per il pericolo delle persone ch'in ciò mi hanno servito, come per non far restare la Corona maggiormente discreditata in questa Corte, se mostrando di saperne quel che ne sò, vedesse insieme che si tarda tanto a darle il dovuto castigo. Quanto in essa si narra è la pura verità, con separare il certo dal dubio, et il sospetto dall' evidenza; e non dubito ponto che Vostra Eminenza intierata del vero con queste notitie, non ci compiaccia di farmi la gratia, della quale l'ho supplicata con altra mia, di fare cioè in modo che la lettera di Sua Maestà Christianissima ottenuta non sò come dal detto Signore Cardinale a suo favore presso il Rè mio Signore non pregiudichi risolutione si necessaria, come quella di privarlo della protettione.

Godo in estremo che Vostra Eminenza habbi gradito le notitie dell' instruttione di cotesto Nuntio nelle materie di Portogallo. Sono appunto per havere tutt'il resto dell'instruttione, ma per essere restata in questi giorni a letto la persona che secretamente communica con chi fa di bisogno per tale effetto, non mi è stato per anco possibile haver l'intento. Spero però sicuro ch'in breve Vostra Eminenza ne restarà servita, et io ne havrò quel pensiero, che devo ai cenni di Vostra Eminenza et al zelo del servigio di Sua Maestà Christianissima. Della mia partenza non innoverò cosa alcuna prima dell'arrivo del Signore Cardinale Antonio per conformarmi come devo ai sensi di Vostra Eminenza e all'ombra dell'amparo de suoi consigli piglierò sopra di me il procrastinare l'essecutione di qualsivoglia ordine, che sopra di ciò mi potesse arrivare dalla Corte. Fra tanto supplico Vostra Eminenza a sollevare i miei travagli con l'honore di molti suoi commandi, et humilmente l'inchino. Roma li 12 Novembre 1657.—Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)*[1]

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 12.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarino

1657 — Novembro 19

Al Signore Cardinale Mazarino.

Con occasione d'essere a vedere il Signore Abbate Braccese, ch'è stato alcuni giorni indisposto, mi ha egli di nuovo espressi con tal modo i sensi di Vostra Eminenza a favore degl'interessi del Rè mio Signore accompagnati da singolare benignità verso di me, che mi trovo in obligo di ripeterne a Vostra Eminenza l'humilissime gratie gliene resi la posta passata, significandole ancora ch'in due anni che sono in Roma, nessuno con tanto affetto et efficacia ha parlato delle cose nostre come il sudetto Signore Abbate. Devo il tutto all'ottima scielta del finissimo giudicio di Vostra Eminenza, e spero con l'arrivo del Signore Cardinale Antonio godere anco maggiori frutti delle gratie di Vostra Eminenza. Si è fatta la diligenza per quella scrittura, della quale scrissi a Vostra Eminenza con le passate, l'haverò, e di tutto restarà Vostra Eminenza informata, rassegnandomi per hora con ogni ossequio — Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)* — Li 19 Novembre 1657.[1]

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 13 v.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Antonio Barberino

1657 — Dezembro 24

Eminentissimo e Reverendissimo Signore e Patrone colendissimo. Dello stato dei negotii del Rè mio Signore in questa Corte posso in due parole dar informatione a Vostra Eminenza come è restata servita di commandarmi, e le dirò solo ch'alle belle prospettive diedero *(sic)* di loro al principio è succeduto aspetto così contrario, ch'in due anni e più di dimora hò *(sic)* fatta in questa Corte, non solo non se n'è vista conclusione alcuna, ma si sono seccate nell'istesso tempo tutt'ad un colpo e le audienze, e le risposte, non havendone ricavata altra da Sua Santità, e da suoi Ministri che quella dell'opere così pur troppo chiara e sclusiva. Li motivi ch'hanno indotto Sua Santità ad appigliarsi alla risolutione di far languire il negotio, e lasciarlo morire di febre etica, vengono communimente attribuiti al timore di qualche rissentimento nel Rè Cattolico, quando il Papa venisse a dichiarationi favorevoli per noi, e benche per una parte l'estremo bisogno di così vasta Christianità, che sparsa nelle quattro parti del mondo sotto il dominio del Rè mio Signore hormai minaccia intiera rovina nello spirituale, e per l'altra lo stato travaglioso della Casa d'Austria, et i passi stretti a quali si trova ridotta la Corte di Spagna, doverebbero et escludere il timore dal petto di chi è obligato ad amministrare giustia *(sic)*, et in ogni caso far cedere i respetti politici alla cura Pastorale di tanti millioni d'anime, vuole la disgratia de tempi correnti che siamo obligati ad essaminare il fatto, benche lo troviamo allieno da quello pur troppo sarebbe di ragione. Non ha dubio ch'il sudetto motivo è ò la vera cagione, ò il pretesto del quale si serve Sua Santità per non venire a risolutione alcuna nelle materie di Portogallo, et io sò che per avvalorarlo lo riveste di quelle considerationi istessi, che già motivò a Vostra Eminenza il fù Papa Innocentio, quando se le scopri angustiato dai rimorsi che le travagliavano la coscienza, et il Papa ch'era all'hora inbevuto di quelle massime. La poca

intelligenza passata frà Sua Santità et il Rè Christianissimo le fà apprendere di non poter tagliare questo nodo con la spada della Francia nel farne capitale come di reparo sicuro in caso ch'i spagnuoli venissero seco a qualche rottura per questa cagione, come assai chiaro l'accennò il Signore Cardinale Rospigliosi al Signore Abbate Braccese; e l'interrottione quasi de negotii con la mancanza di Ministri di Sua Maestà Christianissima in questa Corte non havendoci dato luogo di poter cedere appresso il Papa l'efficaci premure della Francia a prò de nostri interessi, si è persuasa Sua Santità che quando li promovesse, non verrebbe a meritar gran fatto con la Corona Christianissima, di cui sà quanto in altri tempi fu vivo et efficace l'impegno per far risolvere la santa memoria di Papa Urbano ad accetar l'ambasciata del Vescovo di Lamego, benche tanto su i principii d'una piaga ancora cruda nell'animo del Rè Cattolico, e senza l'evidente necessità che regna hoggidi d'impedire la rovina di quelle chiese prive già di Pastori.

Hora per nostra fortuna con l'arrivo di Vostra Eminenza, del cui favor singolare siamo in possesso già sono tanti anni, havendo campo il Signore Cardinale Mazarino di far conoscere sempre continuato quel zelo ch'a prò degl'interessi del Rè mio Signore ha in ogni occasione fatto spiccare per ardentissimo, oltre quanto raccomandò a bocca a Vostra Eminenza circa questo negotio, et il Signore Cardinale medesimo ha favorito di scrivermi, scrisse in questo proposito prima dell'arrivo di Vostra Eminenza al Signore Abbate Braccese, ch'egli non consiglierebbe il Rè mio Signore a richiamarmi se non in due casi, ò che Sua Maestà sia risoluta di non pensar più affatto alle cose di Roma, di non haver più commercio con questa Corte, e di revocar anco il Protettore, ò vero ch'il Papa dia parola ferma a Vostra Eminenza di ricevere un'altro Ambasciatore, e di provedere le chiese, pensiero accertatissimo e degno della somma prudenza di quel sublime intelletto. Si che l'unica speranza in affare di si gran peso è l'interpositione autorevole di Sua Maestà Christianissima, e l'opera di Vostra Eminenza. Di questa sò che sarà resa tale dalla benignità di Vostra Eminenza che non hò da desiderar d'avantaggio. Resta che Vostra Eminenza favorisca d'intendersi col Signore Cardinale Mazarino immediatamente circa i sensi da lui espressi al sudetto Signore Abbate, e ricavi falcoltà di spendere la parola di Sua Maestà Christianissima in modo che sia valevole a far cesssare il sopracennato ritegno, ò pretesto del Pontefice, quale potrebbe anch'essere non havesse a discaro d'essere

un poco stretto in questa materia dalla Francia, per havere maggior discolpa con spagnuoli, se facendole Vostra Eminenza capire per una parte che resta il Rè mio Signore forzato dalla necessità a venire a risolutioni di poca convenienza di questa Corte, restasse per l'altra appretato dal Rè Christianissimo; in ogni caso quand'egli proponesse di voler accettare un'altro Ambasciatore non già mè, e ne dasse parola a Vostra Eminenza, haverò sommo gusto di retornare quanto prima in Portogallo, havendo io la mira unicamente al servitio di Sua Maestà. È stato gran danno di questo negotio non esservi stato persona che ne rappresentasse vivamente le ragioni a Sua Santità, mentre mi sono state chiuse tutte le strade per poterlo fare, e chi doveva farlo per obligo in luogo mio, ha operato il contrario. Il valore di Vostra Eminenza dissiperà queste nuvole, e non dubito ricaverà Vostra Eminenza dalla Francia tali facoltà che lo potrà far con effetto, già che è manco male nei negotii non cominciarli, che non poterli promuovere con l'efficacia che la materia richiede; e così del Signore Cardinale Mazarino e di Vostra Eminenza sarà la gloria, e nostro un obligo singolarissimo et eterno. Conche auguro a Vostra Eminenza felicissime queste sante feste, finche sia a pagar questo debito in persona, et humilmente la riverisco. Di casa li 24 Decembre 1657.—Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Mazarino

1657—Dezembro 31

Al medesimo Signore Cardinale (Mazarino).

Il Signore Cardinale Antonio partecipandomi le gratie di Vostra Eminenza in haverle strettamente raccomandato di promuovere gl'interessi del Rè mio Signore in questa Corte, mi soggionse d'havere veduto quanto Vostra Eminenza ultimamente si compiacque di scriverne al Signore Abbate Braccese, ma ch'era necessario egli ricevere da Vostra Eminenza ordine im-

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 19.

mediato dei particolari contenuti in essa lettera, quale haverebbe procurato da Vostra Eminenza. Egli lo fà con questa posta, e mi remetto a quanto Sua Eminenza ne avvisarà. Supplico bensi l'Eminenza Vostra a compiacersi di farci godere la pienezze *(sic)* de suoi favori, per vedere se pure una volta si può ridurre questo buon Pontefice alle cose di ragione. Spero ch'a quest'hora medianti le gratie di Vostra Eminenza i negotii della lega tra la Corona Christianissima e quella di Portogallo saranno condotti a buon porto, e sarà questa una delle ragioni più efficaci per muovere la conscienza del Papa a farci giustitia. In somma le gratie c'hanno a piovere da pertutto per le mani di Vostra Eminenza e saranno unica sua gloria i vantaggi delle Corone amiche non meno di quelli che si gloriosi riporta la Francia dalla saggia direttione di Vostra Eminenza alla quale per fine humilmente m'inchino. Di Roma li 31 Decembre 1657.—Di Vostra Eminenza Reverendissima. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, aos Conselheiros de Estado

1658—Fevereiro 16[2]

O Padre D. Camilio S. Severino,[3] que já desde Pariz por serviço de Sua Magestade que Deos guarde, e por me fazer merce a mim foi a essa Corte, torna outra vez a ella desde Roma, para o mesmo effeito, já que a disgraça quiz que o Dezembargador João de Rojas *(sic)* Secretario desta embaixada depois de 5 mezes de andar no mar lutando todas as horas com a morte, com naufragios, com tormentas, e com arribadas, tornou a Italia sem haver nunca meio de poder embocar o estreito para sequer tomar Tanger, chegando aqui em estado que fiz escrupulo de o fazer repetir a mesma viagem, como Vossa Senhoria mais largamente será infor-

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 14.

[2] Anno de 1658 — Para todos os senhores Concelheiros de Estado em 16 de Fevereiro do dito anno.

[3] D. Camilo de São Severino: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

mado pela carta que escrevo a Sua Magestade e pello que dirá o portador. Nos negocios de Roma a meu entender se não pode tomar rezolução conveniente, sem que Sua Magestade a Raynha Nossa Senhora e Vossa Senhoria e os mais senhores Ministros sejão plenariamente informados dos principios que tiverão, dos meios por que se chegou a elles, e os que convem applicarem se lhes para os fins de que o Padre D. Camilo tem as noticias, como quem lhe passarão pelas mãos a maior parte d elles, ja fazendo os papeis todos que se derão a Sua Santidade, ja fallando aos Cardeaes e Perlados, o que eu nem por mim, nem pello Secretario o podiamos fazer. O que nestas materias dezejo he o que dezejei sempre em todas, tanto nas que me passarão pellas mãos, quanto pelas alheias que he o acertar se no serviço de Sua Magestade, e no bem de seus Reynos, que de mim tratei sempre pouco como Vossa Senhoria tera bem visto, pois nunca no Concelho se veria petição minha para algum acrecentamento meu, muitas cartas sim, e muitas instancias para o que conforme as occurencias entendia que se devia fazer. O que agora proponho de novo, e propunha pelo Secretario não obrigo a Vossa Senhoria a que lhe pareça bem, só lhe peço que com seu grande zello, e dezejo de acertar o concidere muito maduramente. Do meu entendimento fio pouco, da minha experiencia se pode fiar alguma couza. Tenho visto muitas Cortes, e praticado nellas com os melhores; bem que possão variar as politicas no individuo entre humas e outras no geral pouco mais ou menos lá se vão dar todas as mãos. Da de Roma saiba Vossa Senhoria que daqui emanão todas, e que aqui se vem todas a refinar as guerras, as pazes, as traças e as tramoias daqui tem todas sua origem: a invazão que nos fez Castella o anno passado se de cá não foi aconcelhada, foi pello menos aprovada; mas eu para mim tenho que huma e outra couza foi, como por carta de Janeiro do anno passado fiz avizo a Sua Magestade. Donde he a origem do mal ali se lhe ha de vir buscar o remedio, eu o aponto mas quando não seja aprovado de qualquer outro serei fiel executor como serei tambem de tudo o em que Vossa Senhoria me ocupar em seu serviço etc. *(sic)*[1]

[1] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$, pag. 88, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Conde de Odemira

(1658)—Fevereiro 16[1]

Não tem passado occazião em que não haja escrito a Vossa Senhoria, mas com tão pouca fortuna que todas as cartas duvido que chegassem suposto que não chegarão as mais recomendadas, como Vossa Senhoria verá pella copia incluza, que he das que escreveo[2] aos senhores Concelheiros de Estado com quem não tenho a confiança que com Vossa Senhoria[3] porque não sei se conhecem todos o zelo e o amor com que 33 annos servi a Sua Magestade que está no Ceo, para conhecerem que com o mesmo amor e zelo que servi ao pai continuo e continuarei em quanto viver no serviço do filho e da May; este me obrigou a despachar a Sua Magestade o Secretario desta embaixada, para que como Ministro a quem tão prezentes erão os negocios pudesse informar como bem instruido, e tivesse fé o seu officio em tudo o que disese. Sucedeu lhe o que Vossa Senhoria verá, e não chegando aqui em estado de voltar me pareceu obrigação preciza e necessaria mandar em seu lugar a outra pessoa de tal qualidade e sciencia, que pudese suprir as vezes do Ministro, para o que obriguei ao Padre D. Camilio S. Severino[4] quizese tomar á sua conta este trabalho, sempre grande, e hoje muito maior com os olhos no que padeceu o Secretario: elle os serrou a todos os inconvenientes que se lhe puderão reprezentar, que não forão poucos, mas como o seu coração he tão portugues como a lingoa conhecendo a importancia do negocio, e quanto convinha para se acrecentar nelle[5] haver nessa Corte huma plenaria informação do que sempre foi Roma, do estado em que hoje está, e dos modos de negociar nella, acceitou, e abraçou a missão trocando em gosto

[1] Para o Conde de Odemira — Em 16 de Fevereiro.

[2] das que escrevi: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] que com Vossa Senhoria experimento: *Idem.*
como com Vossa Senhoria: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054.

[4] D. Camilo de São Severino: *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[5] para se acertar nelle: *Idem, idem, idem.*

a repugnancia, que pudera ter para ella; porque por serviço de Sua Magestade[1] e me fazer merce a mim esqueceu tudo o que nos principios da primeira padeseu, como Vossa Senhoria estará bem lembrado. Bem pudera temer que lhe pudera hoje suceder o mesmo emquanto a missionario meu, se não tiveramos a Vossa Senhoria, que livrando o então das calumnias, que se lhe impunhão, e calificando o por bom portuguez, o não houvera Vossa Senhoria livrado de todo, não bastando para outros que fosse eu quem o mandava, nem a experiencia, que de mim se tinha, bastante para se crer que escolheria eu pessoa que não igualasse[2] na fidelidade.

Não se espante Vossa Senhoria que repita eu magoas, porque tenho esta ainda muito prezente, que me tocou muito no vivo, mas seja Deos louvado, que não será agora asim tendo certo o favor de Vossa Senhoria a quem peço o queira ouvir, e dar inteira fé a tudo o que disser que não seja em abono meu, porque nessa parte o declaro por suspeito, tem me muito amor, e deixa se levar da opinião que tem de mim toda a Roma tão enganada comigo, como o forão todas as Cortes, em que estive, menos a nossa, adonde só sou conhecido; mas em tudo o que for de negocio achará Vossa Senhoria nelle huma exacta informação, e hum claro conhecimento do que isto por cá he, asigurando se Vossa Senhoria que nenhuma couza nos tem feito maior damno que as nossas grandes e continuas sumissões; forão ellas devidas todas ao Pay se nos tratara como a filhos, mas tratar nos pior que a enteados,[3] porque entende que por mais semrezões, e disfavores que nos faça havemos de ser sempre os mesmos, e o pior he que não falta quem asim o asigure, e quem de cá persuada que asim seja; mas quem o faz, Conde meu Senhor e meu Amo, olha mais a seus interesses, que ao que nos pode estar bem. Dahi com cartas verdadeiras, ou com falsas se lhe asigura o mesmo, e he tão atrevido hum certo frei Boaventura das Chagas que Vossa Senhoria conhece, que anda pellas praças e pellas ruas mostrando huma carta que diz que he de Vossa Senhoria tão chea de confianças, como dizer lhe Vossa Senhoria que a tudo quanto for de Roma, ou seja justo, ou injusto, se dará a execução inda que seja con-

[1] porque por servir a Sua Magestade: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] pessoa que me igualase: num. 1038, *e* Gab. 5. E. 13, num. 8.

[3] mas tratando nos peior que a entheados: num. 1038.
mas tratou nos peor que intiados: num. 2054,
mas tratou nos peor que a enteados: Gab. 5, E. 13, num. 8.

tra o gosto do Rey. Elle não entra em minha caza para o poder colher na falsidade, mas bem creio que esta o he[1] como outras muitas suas, porque nem a proposição pode ser de Vossa Senhoria, nem elle pessoa com quem Vossa Senhoria haja de ter tão estreita correspondencia. Perdoe lhe Deos, ou não lhe perdoe, que elle foi cauza das desconfianças, que com tão pouca rezão quiz que tivese de mim o senhor frei Sancho que Deos tem, athe desta parte poderá informar a Vossa Senhoria o Padre D. Camilo.

Mas tornando ao ponto não he este o modo de negocear com estes Santos Pretes,[2] para os quaes não ha mais que dois caminhos, ou o do interese ou o do temor; para o primeiro he já tarde, para o segundo sempre ha tempo. Não digo que cheguemos ao que todos os theologos rezolvem por doutrina assentada, mas pello menos que temão que podemos lá chegar; e em verdade, que não só he opinião dos melhores letrados, não sómente de que podemos, mas de que o devemos fazer, senão ainda dos Cardeaes e Perlados indiferentes, que chorão a paixão com que se procede comnosco, e a nossa paciencia. As couzas estão reduzidas a estado melhor do que nunca estiverão se lhe acertar mos o caminho, trez ou quatro temos entre mãos, e todos bons: Vossa Senhoria com o grande juizo que Deos lhe deu os concidere muito maduramente, e encaminhe os companheiros a que escolhão o que melhor parecer a Vossa Senhoria, do meu não fazendo cazo mais que para a informação, porque o meu dezejo he só de que se acerte, este tive, e terei sempre, porque no serviço de Sua Magestade nunca puz a mira em outro ponto, como tambem no de Vossa Senhoria a quem etc. *(sic)*[3]

[1] que esta carta he: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.

[2] com estes Pretes: *Idem.*
com estes Santos Padres: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054.
com estes Pretres: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 90, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Secretario Pedro Vieira da Silva

(1658) — Fevereiro 16 [1]

O meu zelo, e o meu amor para o serviço de Sua Magestade que Deos guarde he tão conhecido ainda daquelles que o não tratarão tanto de dentro como Vossamerce, que com muita razão repararião se vissem que faltava na menor circunstancia delle quanto mais na maior como he a que torna a aparecer nessa Corte o Padre D. Camillo San Severino.[2] Dois papeis reprezentamos Vossamerce e eu no theatro della, o de Ministros, e o de particulares, tão distintos hum do outro que não ha entre elles conveniencia alguma; pelo primeiro somos obrigados a por de parte todas nossas paixões, e pelo segundo a dissimulalas, para que o particular não possa nunca fazer danno ao commum; por ambas estas cabeças fui sempre servidor de Vossamerce emquanto não houve quem pertubase nossa boa correspondencia. Vim a Roma, e achei nella quem em vez de me ajudar, procurasse por todas as vias aruinarme. Adverti disso huma vez, e outra, e forão minhas advertencias julgadas por paixão, e as paixões alheias calificadas por justas. Teve nisto muita parte o Padre Pedro de Valadares, e ninguem melhor que elle poderá testemunhar quanto eu dezejei servilo, e quanto fiz por isso emquanto o pude fazer sem encontrar as ordens de Sua Magestade, que está no Céo, que expressamente me mandou, como Vossamerce vio pellas copias que lhe mandei; mas como já governava a paixão neste Padre, e não a razão, quiz que fosse eu o autor delle sahir desta Curia. Deos me he testemunha que trabalhei por que ficasse nella, só a respeito de parecerme que poderia nisso servir a Vossamerce, que pelo mais já eu tinha experimentado, que valia mais com elle o Cardeal Orsino, que eu, pois em verdade que ninguem

[1] Pedro Vieira da Silva — Em 16 de Fevereiro.
[2] o Padre D. Queitano S. Severino: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054.

o conhece melhor que elle. Se me senti com razão destas semrazoens Vossa merce o julgue á vista de hum escrito que este Padre daqui escreveo a hum seu sobrinho, que depois de correr pellas praças de mão em mão, veio ter ás minhas, e como mostravão pellas de Vossa merce obrava tanto contra mim *(sic)* não me pareceu que convinha a meu credito deixarme enxovalhar tão publicamente; e foi o que me moveu a pedir a Vossa merce fosse servido não fallar em minhas coizas. As que leva o Padre D. Camillo não são minhas, são todas de Sua Magestade nas quaes dezejo que se acerte, que he só o premio que queria alcançar de meus serviços, o que mal se poderá conceguir sem huma plenaria informação do estado em que hoje estão os negocios de Roma, e como nella e nelles se deve proceder; não faltão caminhos para se lhe verem[1] bom fim; a escolha fica a Sua Magestade e á pordencia de seus Ministros, entre os quaes tendo Vossa merce lugar tão grande, faria eu o que não devo se deixase de pedir a Vossa merce (como peço) quizese ouvir sobre elles ao Padre D. Camillo, tão bem informado de todos, e com tanto amor e zello, que não me atreverei eu a dizer que lhe faço ventagem; esta cuidava eu que tinha no serviço de Vossa merce, mas mudarão se os tempos, e inda espero que mudem para que conheça Vossa merce que sou o mesmo que fui sempre etc. *(sic)*[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

1658—Março 23

Senhora—Chegaram, emfim, as ordens de Vossa Magestade assim como eu as temia, mas nam como as devia esperar; eu as puz na cabeça, pela estimaçam que faço de todas, e fico tratando de as executar; sinto só que nam poderá ser com a brevidade que se me ordena, pelos impe-

[1] para se lhe ver: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.
para se lhes ver: Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[2] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$, pag. 94, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

dimentos que inda tem hoje o sahir de Roma; que a tal estado me tem reduzido a minha disgraça, que nem nesta parte se me quiz dar credito, avizando della tantas vezes; mas assim era necessario que fosse, para se formar culpa athé da impossibilidade. Muytos dias ha, Senhora, que estou com os pés nos estribos, aguardando esta mesma ordem para me hir, bem que nam com tantas clauzulas afrontozas, como traz. Desde o dia que o Papa me impedio os fogos, por reputaçam de ElRey meo Senhor, e de minha pessoa que reprezenta em Roma a mesma de Sua Magestade, vesti logo a minha gente de caminho, porque sahindo se os portuguezes era eu a quem elles haviam de seguir. Esta acçam julgada em todas as Cortes de Europa, e particularmente nesta, contra quem se fes, por de Ministro que servia a seu Rey na forma que os grandes Ministros o souberam fazer sempre, tanto livre, e tam independente de todo outro interesse, que me arrisquei á indignaçam do Papa poder proceder contra mim, e prouvera a Deos que o houvera feito, sahira de Roma com a mayor gloria que sahio Embaxador, e nam viera a sahir com a mayor afronta com que nunca sahio, nam digo já Embaxador, mas o mais inferior Ministro de Principe; *(sic)* mas se isto he só o que se pertendeo, nam tenho mais para donde appellar, que para a paciencia. Mas porque por Concelheiro de Estado tenho obrigaçam de juramento de advertir o que me parecer, ainda sem ser perguntado, me dará Vossa Magestade licença para que eu lhe diga a pouca consideraçam com que se tem obrado comigo nestas materias, como tambem em todas as desta Curia, nam para que a minha pessoa se remedee, mas para que se advirta com outros, porque nem todos seram tam doceis como eu. Se me alargar, Vossa Magestade será servida de me perdoar a molestia que lhe der em ler, e peço eu muito a Vossa Magestade que queira ver esta carta, sequer por ser a ultima com que a cansarey.

Entrey em Roma muito contra a vontade do Cardeal Ursino, a Vossa Magestade lhe consta, porque de tudo fuy sempre fazendo avizos, que nam posso crer que se nam vissem, bem que o podera temer. Em Genova quiz que me detivesse athé ordem sua; quiz me persuadir que o Papa me impediria a entrada em Roma, como se eu antes de sahir de Pariz nam soubera do Nuncio que Sua Sanctidade approvava a minha vinda. A essa Corte escreveo, ou outrem por ordem sua, nam só isto mesmo, mas que Sua Sanctidade me mandara embargar ao caminho. Vim dezembarcar a hum castello seo, o agazalho que nelle achei me obrigou a partir á meya

noute, com huma tempestade tam grande, que nam corri menos riscos na terra do que podera correr no mar, se lá me tomara. O como se houve com a minha pessoa desde entam athé hoje nam direy mais, porque muitas vezes o tenho escripto, e elle inda mais que eu, e por muito que o queira cohonestar, já que nam pella affirmativa, pella negativa se prova; direy só, ou repetirey o que já outras vezes tenho ditto, porque como tocca ao serviço de Vossas Magestades nam sey dissimular nelle o que soube dissimular comigo.

Pedi lhe logo que cheguei que me quizesse haver audiencia de Sua Santidade; quiz, que havendo de ser como de homem privado, eu a fosse sollicitar ás antecameras de palacio, como fás qualquer miseravel que pertende. Respondi lhe que naquella forma a nam aceytaria, que avizaria a Sua Magestade, e que entretanto faria conta que inda estava em França; ou que o temesse, ou que me achasse razam, emfim m a houve para dia signalado; do que nella passey fiz logo avizo a Sua Magestade. Soube se depois, e foy publico em Roma, que Sua Santidade fes bom conceito de minha pessoa, que foy o peor que teve em ordem a Ursino, porque começou logo a maquinar para me descompor com o Papa, fazendo me crime de haver enganado aos olandezes, e que de França sahira com o mesmo nome, pouco favorecido d aquelle Rey, e muito desfavorecido do seo Privado, e que nam havendo de mudar de custumes em Roma, poderia meter a Sua Santidade e ao Reyno em novas desconfianças; e deo se por tam satisfeito d estes bons officios que me fez, que se gabou d elles ao Padre Geral da Companhia, como austriaco (e note Vossa Magestade esta circunstancia) dizendo que eu viera a Roma para o arruynar, e que elle me tinha arruynado a mim. O Geral, inda que tudesco, pode mais com elle o zello de religiozo, que a paixam de vassallo de nossos inimigos, porque com sentimento e espanto o referio a hum padre seo, francez, confidente do Cardeal Mazarino, e muito amigo meo, chama se elle Francisco Duneau, de cujas partes, bondade, e talento poderia informar o Padre Assistente, quando fosse necessario.

E parecendo lhe que inda esta deligencia não bastaria, chegou a outras com o Papa, de que eu era hum homem soberbo e altivo, que havendo de estar aqui como privado, havia sem ordem de Sua Santidade tomado o titolo de Embaxador, como se eu viera de Angola, e nam de França, donde actualmente o era; que me puzera com caza e familia tam luzida, como se já exercitara o officio, e por crime mayor de todos puzera dozel,

tam grande a seo modo de entender, que publicamente em todas as partes o abominava; mas isto porque desmentia o que elle de antemão havia publicado, de que eu havia vindo remettido ás suas ordens para nam sahir dellas em tudo e por tudo, que isto foy o que sempre quiz que se entendesse; mas como he mais conhecido em Roma que em Lisboa, lá o crem, e cá zombaram delle.

Consentio que em sua caza fosse Sua Magestade nomeado de D. Antonio Pimentel por Duque de Bargança, ficando depois e sempre correndo com elle com vizitas publicas, e muitas secretas, que de todas fuy eu particularmente informado: gabou se elle da resposta que dera ao castelhano a hum cortezam portuguez dos que aqui ha, que chamam Bras Nunes, e foy para que ma viesse referir; e sendo que piamente se pôde crer que a inventou, foy ella, que os Reys de Portugal sempre tiveram Embaxadores, que ainda nem outra melhor soube inventar. Mas que tambem esta fosse falsa se colhe claramente por ficar continuando com o Pimentel, o qual he certo que se nam emmendaria no titulo que de huma vez deo a Sua Magestade. Veyo o Bras Nunes muito satisfeito a referir me o que passava; estavam comigo muitos portuguezes, entre os quaes nam houve nenhum que nam abominasse o soffrimento do Cardeal: eu o fuy dissimulando emquanto pude, athé que a paixam me levou a nam poder mais, e disse, que para que nos cançavamos? que eu tinha por certo que o mesmo Cardeal nomearia a Sua Magestade por Duque de Bargança, que entre consentilo e nomealo havia muito pouca differença: referio se lhe ao Cardeal; veyo buscar me ao outro dia, levou me a hum jardim seo, adonde me disse que lhe haviam ditto que eu tomara muito mal o que o Pimentel lhe dissera: respondi lhe que o haviam informado mal, que tam longe estava de me sentir disso, que de nenhum castelhano esperava outro tratamento; que era bem verdade que se algum se atrevesse a fallar diante de algum criado meo, ainda dos da familia baixa, nam haveria nenhum que lhe nam desse de punhaladas, *(sic)* que de Sua Eminencia era o meo sentimento de o haver soffrido. Pergunto me que era o que havia de haver feito? Disse lhe, que quando o nam quizesse mandar lançar por huma janella fora, como elle merecia, pello hir afrontar a sua caza, que pello menos o devia fazer levantar, e nam o ver mais. Respondeu me, que nam tinha aquillo por afronta, a que eu lhe disse, que os portuguezes o entendiamos de outra maneira, que eramos mais delicados naquelles pontinhos. Ficou tam leve na materia, que dahi a pouco espaço me refe-

rio outro discurso peor ainda que este, passado com o mesmo Pimentel naquella tarde da primeira vizita: que lhe dissera sentir elle muito nam ter Hespanha na sua facçam hum Cardeal tam grande por todas as qualidades; a que respondera que lhe desse ElRey Catholico o que lhe dava o Christianissimo, e que logo o teriam. Notte Vossa Magestade que nam disse o que lhe dava Portugal, senam o que lhe dava França, que he pouco mais que em papeis: qual era e he o seo animo claramente se colhe daqui. Muyto tempo ha que a muyto mediano preço o tiveram os castelhanos se o quizeram, mas elles conhecem Roma melhor que nós; por duas razões o nam querem, a primeira porque conhecem sua inhabilidade, e a segunda porque lhe serve mais de Protector de Portugal do que lhe serveria na sua facçam, mas passarseha a ella depois que lhe haja feito o grande serviço que logo direy a Vossa Magestade.

Vizitou de publico, e sem occaziam alguma o Embaxador de Castella, crime nam digo já grande em faccionario, mas capital em hum Protector de Coroa inimiga, bastante só este para se lhe haver tirado vox activa e passiva, para o que Vossa Magestade ha de saber que só nas entradas e sahidas vizitam os Embaxadores todo o Collegio, sejam amigos ou inimigos, e o Cardeal que nam quizer receber a vizita he obrigado a sahirse de Roma, tendo o Embaxador a mesma obrigaçam, sobre que foram as brigas que quiz ter com o Almirante de Castella o Cardeal de Este, e passadas estas primeiras vizitas, nam ha occaziam que obrigue, nem que disculpe a fazer outra, ou a recebella; mas fellas e recebeoas o nosso Protector, sem mais occaziam que a de congraçarse com os Ministros de Castella.

A estreita correspondencia que tem com os Medicis, o parentesco a podera cohonestar, se nós nam tiveramos sabido quanto mais adiante ella passa; Vossa Magestade o sabe já, mas persuademlhe que a nam crea. Mas que nas materias de Portugal dá conta de todas, e segue os dictames que de lá lhe vem sugeridos, he mais claro que a luz do meyo dia, para mim digo, que o tenho visto com os olhos, e toccado com as mãos; mas tem lá este sancto devotos que lhe levantam altares, queira Deos que já que he, seja por se enganarem com elle, couza que parece que nam pode ser.

Desçamos agora aos particulares, que bem que Vossa Magestade de todos esteja informada, como foy com variedade de tempos, podem esquecer alguns, e assim nam será inutil velos Vossa Magestade juntos nesta carta. O que pedi sempre a Sua Magestade que Deos tem, e depois a

Vossa Magestade foy, que nenhuma outra deligencia se fizesse que mandar hir diante de si as cartas de Ursino, fielmente traduzidas, nam digo já as de todo o tempo que he Protector, senam as que escreveu depois que eu estou em Roma, e com ellas sós constaria a sua variedade, ou por melhor dizer a sua verdade; porque se nam acharám duas que conformem huma com a outra: deligencia era esta bem facil, inda que sem se fazer creyo eu que está entendido o que digo; porem nam convinha a interesses particulares que sahissem a publico, porque por nossos peccados sempre estes tiveram mais força, que os communs.

Em Julho do anno passado de 56 *(sic)* me veyo dizer que em huma audiencia, que tivera do Papa, em consistorio, haviam disputado largamente as materias de Portugal; sendo que nestas audiencias nam ha lugar a disputas, porque fallam nellas todos os Cardeaes. Foy a disputa, conforme elle disse, querer o Papa que seo antecessor houvesse feito mal em nam obrigar com censuras a se acceytarem os tres Bispos que nomeou de motu proprio, e sendo o espaço tam pouco, disse, que com suas razões fez capaz a Sua Santidade, e que emfim lhe dissera que eram todos os periodos acabados, que estava rezoluto a dar Bispos a Portugal, na forma que se davam aos senhores Reys passados, e que assim o escrevesse a Sua Magestade, e notte Vossa Magestade que aqui nam metteo condiçam de me haver eu de sahir, porque era vivo hum Rey que o tinha conhecido, nem apoz, senam em Fevereiro do anno passado, havendo chegado o avizo do falecimento de Sua Magestade em 6 de Janeiro.

Nam se passaram dez dias depois que me assegurou desta promeça do Papa, quando me tornou a buscar com outra proposta toda norte sul da promessa: foy ella, que huma pessoa grande lhe viera dizer, se nos contentariamos que confirmando Sua Santidade os Bispos, no decreto consistorial se nam fallasse em Rey, e que depois na Bulla se estenderia o nome e o titolo, porque nisto viriam os castelhanos, que entendia que por parte delles se lhe havia proposto; e como, que assim era! *(sic)* mas com huma cavilaçam terrivel, porque havendo o meo consentimento se faria o decreto na forma que se dizia, que conforme a ella se faria a Bulla, e seria o mesmo que ficarem de motu proprio: respondi lhe em primeiro lugar, que tudo o que era bom para os castelhanos era ruim para nós; em segundo que nam cresse que a Bulla houvesse de ser differente do decreto, porque nam havia de ser esta Corte differente de todas as outras, nas quaes conforme as portarias se fazem as provizões; e em terceiro

para que era fallar em huma materia tam despropozitada, quando o Papa sem aquellas clauzulas lhe havia promettido, tam poucos dias havia, a livre confirmaçam dos bispados? ponto a que sem querer differir instou que nos convinha acceytar o que nos propunham os castelhanos, e que eu o escrevesse assim a Vossa Magestade: disse lhe que tinha instrucções, por onde me governava, que me tiravam todo o genero de duvida, e conforme a ellas havia de obrar. Nam se satisfez. Mostrei lhe ao outro dia o capitulo dellas, em que se dispunha o modo de acceytar os Bispos: tornou a instar commigo que escrevesse a Vossa Magestade, e eu a elle que nam escrevesse, que lhe seria muito difficultozo conciliar textos tam encontrados, como promessas do Papa, e temperamento dos castelhanos. E confesso a Vossa Magestade que depois me pezou de lho haver ditto, cuidando que lhe impediria o fazello, e com isso a Vossa Magestade o conhecer estas cavilações, em que elle reparou tam pouco que o escreveo, e eu tambem logo o que havia passado commigo.

Foy aguardando esta resposta, promettendo aqui, nam a mim, mas aos portuguezes com que fallava, que do negocio, sobre que tinha escripto, dependia dar inteira satisfaçam ao que pertendiamos. Se teve resposta nam sey, o que sey he que eu a nam tive, nem se me fallou nunca depois que estou em Roma em materia que podesse condenar a Ursino: a França sim, se me deu a entender que nam apertasse tanto contra elle; e folgo muito de tudo o que desde alli tenho escripto, porque se nam poderá dizer que era sobre piques que já tivessemos; todos os meos foram sempre pello melhor serviço de Vossas Magestades; tinha entendido o como este Cardeal procedia nelle, já pello que de cá me avizavam, já pellas cartas que elle me escrevia, e ultimamente por me mandar dizer o Cardeal Mazarino (pello Abbade Ondedei seo secretario de Italia) que nam convinha a Portugal aquelle Protector, e que a França nos daria outro que estivesse bem a ambas as Coroas. Lembra me a mim que lhe respondi (prezente estava o Padre D. Camillo) que tal qual era tivera a inculca e approvaçam de França, a que o Abbade me respondeo que era verdade, mas que a nossa inclinaçam estava já lá, e que quando o nomeamos foy sem o dizer a França, por tirar a obrigaçam em que Ursino lhe poderia ficar. De maneira, Senhora, que me nam foy necessario tratalo de tam perto para o conhecer, e para saber como obrava. Em Pariz se me fes culpa de o reprovar, e em Roma me castigam por nam haver approvado suas trayções. Se eu tratara de mim, e de meos interesses particulares,

bem soubera eu como me havia de governar com elle para agradar aos que o defendem, mas eu nam tratey nunca mais que de servir bem a meos Amos, louvado Deos que o consegui, se já nam para se conhecer entre os meos, para se saber em todas as nações estrangeiras, entre as quaes fallam os livros impressos, e as relações manuscriptas, e a voz commua dos povos do como tenho servido, e sirvo a Vossas Magestades. E se com isto nam deixar muita fazenda a meos filhos (porque nam tomei bom caminho) lhes deixarey huma memoria e hum exemplo muito honrado do como hão de servir aos Reys os homens de minha calidade.

Chegou Fevereyro do anno passado, veyo me dizer Ursino de novo que o negocio estava feito; mas eu que sabia os passos que elle levava, e a tençam do Papa, explicando m a poucos dias antes hum grande Cardeal por carta de sua mão, inda que sem firma, que Sua Santidade estava resoluto a collar os bispados de Portugal como qualquer outro beneficio; *(sic)* he verdade que accrescentava que a resoluçam era aquella, e que a havia de executar, se algum medo o não divertisse. E ainda que saya da materia hey de fazer huma digressam, que nam será inutil, se Vossa Magestade for servida de fazer huma reflexam sobre ella. O Cardeal Paloto foy nesse Reyno grande meo amigo, e compadre meo do primeiro filho que tive; achey em Roma, quando vim, que elle conservava esta memoria; por respeitos, que pareceram forçozos, nos nam vimos, mas corriamos por recados, e por escriptos, de que era truxeman frey Boaventura das Chagas, a quem por amor da elleyçam do Padre frey André Telles, que Vossa Magestade favorecia, lhe impedi o vir a minha caza, com que perdi aquella correspondencia. Deram depois tal volta as couzas, que os mesmos que favoreciam frey André se voltaram em favor de frey Boaventura, ficou este victoriozo, o outro vencido, e eu ganhei d aqui perder a amizade de Paloto, e ganhar por inimigo a frey Boaventura, sem proveito nenhum do serviço de Vossa Magestade, e esta foy só a razam porque escrevi a Sua Magestade em favor d este frade.

Mas tornando ao ponto: puz eu minhas duvidas a Ursino, ou por melhor dizer minhas certezas; respondeo elle: hoje estamos em 16 do mez, e está isto tam apressado, que aos 16 do que vem haveis de ter inteira satisfaçam. Lembra me a mim que lhe respondi que a tomaria para os 16 de Junho: mas era isto no mesmo dia em que havia escripto a Vossa Magestade que o Papa lhe queria dar Bispos a nomeaçam e a supplicaçam, debayxo da condiçam de eu haver de sahir primeiro de Roma, que já lhe

pareceo morto Sua Magestade, que podia com segurança meter esta clauzula. Para confirmaçam della houve huma audiencia do Pontifice ao Assistente da Companhia, teve a, assegurou se do dezejo que Sua Magestade tinha da minha sahida, dizendo lhe que eu servia aqui mais de embaraço, que de proveito; e disse a verdade, porque para os intentos que leva lhe tenho sido, e sou de muito grande. Mas em materia de Bispos lhe nam disse huma só palavra; girou e regirou, e lhe nam pode tirar huma só, chegando lhe a perguntar, se indo me eu daria Sua Santidade Bispos? A que nam respondeo.

Tendo eu no Abril seguinte certeza do que elle havia escripto a Vossa Magestade lhe escrevi hum bilhete, em que lhe dizia, que por avizos de Portugal havia sabido a promeça que de novo lhe havia feito Sua Santidade, que fosse Sua Eminencia servido de me avizar se estava o Papa ainda no mesmo parecer, e que eu executaria o que a mim me tocava: respondeo que me viria buscar: repliquei lhe que me nam bastava, porque a bastar houvera buscado a Sua Eminencia sem aguardar a incomodal o, que me convinha dar satisfaçam de mim para tudo o que poderia succeder, que lhe tornava a pedir o mesmo: tornou me a responder, e sem vir ao ponto quiz mostrar que me nam entendia, e que eu lhe perguntava que era o que Vossa Magestade lhe escrevia, e o que elle escrevia a Vossa Magestade; e assim o disse ao Cardeal Antonio, depois que veyo, e que por me nam revelar estes segredos havia eu quebrado com elle; e accrescentou, apertando Antonio com elle pellas promessas que havia feito a Vossa Magestade, que eu tinha a culpa de nam estar tudo concluido, por me nam querer contentar com os Bispos, huns a nomeaçam, e outros a supplicaçam, conforme o tempo antigo, senam que insistia em querer todos a nomeaçam, como se a mim algum hora se me propuzera couza semelhante! Mas este Cardeal tem huma virtude, que dizendo, e desdizendo, nam se fas já vermelho de nada.

De que sejam falsas todas as promessas, que tem feito, se prova por documentos irrefragaveis, mas nam o sam, porque sou eu o que os descobri, e elle contra quem sam. Seja o primeiro o que consta de papeis: Manoel de Saldanha Bispo elleyto de Coimbra fes aqui poucos dias ha, por via dos Mendes, huma supplica a Sua Santidade, em que pedia remissam do que havia comido ao bispado de Vizeu, e huma congrua no de Coimbra, para o qual estava nomeado: a primeira resposta foy mandar lhe emendar a supplica, para que, donde dizia nomeado dissesse des-

tinado; considere Vossa Magestade este escrupulo tam miudo, que em huma supplica de hum homem particular, em que se nam fallava em Rey, lhe nam consentiram huma palavra, porque desdizia da tençam, que se leva, e que claramente consta! Bastava esta prova só, mas nam basta. Hum Ministro grande (nomealo ha o Padre D. Camillo) me mandou dizer, que se queria averiguar a verdade das promessas de Ursino fizesse eu que o Cardeal Antonio o perguntasse ao Padre Sforza Palavicino se era assim que o Papa as havia feito, e que veria a resposta. Antonio por uma queixa que tem deste padre se escuzou de fazer a deligencia, mas commetemola a outro jesuita, amigo do Sforza, e confidente de Antonio e do Cardeal Mazarino, que he o mesmo em que assima fallo: este a fes, e a resposta que teve foy que nunca o Papa tal dissera; de que teve grandissimo gosto o Ministro que me deu o alvitre.

Este mesmo Padre Sforza quiz persuadir ao Assistente estes dias atraz, que por esta vez somente se desse gosto ao Papa acceytando os Bispos de motu proprio; e inda que o Assistente me nam nomeou quem lho dissera o entendi eu depois, porque teve o Sforza a mesma pratica com o Padre Petrucci, mas ambos disputaram, e lhes mostraram nam só os inconvenientes, mas lhe deram por impossivel de levar ao cabo materia tam escabroza para o Reyno, e tam escandaloza para todas as nações. Tire Vossa Magestade destas premissas as consequencias que póde esperar, e se falla verdade a Vossa Magestade quem nunca lha fallou, e a quem eu tenho convencido por inconfidente, por provas escriptas de sua mesma mão, e confirmadas com o seo signal, e ainda para testamento faziam fé, pois mandei treslado do original, como se requere, e nam treslado do treslado.

Neste estado de couzas, quando esperava toda Roma huma galharda resoluçam nossa, que, quando nam fosse total remedio para o como o Papa nos tem tratado, fosse pello menos huma previa dispoziçam para á que se havia de tomar, honrando me Vossas Magestades com approvarem o como eu havia obrado, porque em verdade, Senhora, que a juizo de todos obrey eu mais, e melhor do que se podia esperar de meo fraco talento, á que Vossas Magestades deviam ao credito do seo Embaixador; *(sic)* costume he, que guardam os Reys, e castigalos depois se erraram, que assim o observou ElRey nosso Senhor que está no Ceo com o Conde Camareiro Mor nas materias de Inglaterra, fazendolhe merce e approvando tudo o que fez: mas como para comigo todas as maximas da politica se transtorna-

ram sempre, em poucas couzas não errey a juizo dos nossos Ministros, e muito menos foram as porque nam fosse reprehendido: tive comtudo a approvaçam dos estranhos, e veyo o tempo a mostrar as couzas tam claras, que athé os meos naturaes nam poderam deixar de vir a confessar. *(sic)* Queira Deos que nam succeda o mesmo nas de Roma, e que seja eu o que me engane, e o que erre nellas, e para nam ser assim he necessario esperar um milagre; porque como tenho ditto a tençam do Papa he motus proprios, e o peor he que temo, Senhora, que seja a nossa de os acceytar, nem da forma das ordens se pode cuidar outra couza. Bem se entende ahi que a minha assistencia os tem impedido, e que os nam havia de acceytar nunca.

Persuadem a Vossa Magestade que o Cardeal Ursino nam havia de prometter com tanta segurança dar Bispos á nomeaçam, se a nam tivera de Sua Santidade, mas que quando bem faltara hum e outro, e que se sahira com motus proprios, com se nam acceytarem no Reyno se satisfazia a tudo. Este, Senhora, he hum engano manifesto e de perigosissimas consequencias, considere as Vossa Magestade, e achará que sam muito para temer. Tem visto o Papa que se nam acceytaram a seo antecessor tres bispados de motu proprio; sabemos que condemna elle nam se haver obrigado com censuras a acceytalos; se hoje se resolver ao mesmo, já he com rezoluçam firme de proceder com todas as armas ecleziasticas, com a escuza de que assim lhe foy pedido por Ministro de Vossa Magestade, porque suppunho que o Cardeal Ursino assim os ha de sollicitar e acceytar, porque assim, dizem, he o concerto feyto com o Papa, para o que se pertendeo que eu partisse primeiro, pois emquanto estou aqui, sendo eu o Ministro, nam val a escuza: poderá acontecer que tenha o Cardeal quem de lá o assegure que os faram acceytar, ou que seja este o grande serviço, que assima digo, com que quer obrigar a Castella, porque nenhum outro lhe pode fazer tam grande, pela aprehençam que justamente poderá entrar no povo sobre o direito de Sua Magestade; e este, Senhora, nam he ponto de metaphysicas inventado com subtileza, senam real, e verdadeiramente mormurado já nessa Corte; quem tam de fresco sahio della, como Sebastiam Pereira de Ecça, que aqui fica, mo tem insinuado por vezes, e muitas e muitas o tinhamos nós considerado.

Porque ver, que entrou Phelippe 2.° em Portugal, e se fes senhor delle com as negoceações e com as armas, e que logo Gregorio 13 guardando o estillo da Igreja o reconheceo como a possuidor, o povo, que nam

sabe fazer differença de se foy obrigaçam do estillo, ou do direyto, vê *(sic)* que aquillo se fes logo, e que nisto se trabalha dez e outo annos ha sem fructo, busca a razam, e nam acha outra, ou pelo menos entra em duvida de se o direyto estava acolá, e nam cá: os castelhanos isto he o que pertendem, porque se o povo chegar a duvidar no ponto, quando logo nam haja sedições haverá desconsolações, e pouco a pouco venham a dar nellas. *(sic)*

Os povos de Portugal tiveram em todos os tempos grande amor a seos Reys naturaes; o mesmo tem mostrado nos prezentes; convem muito, Senhora, que por todas as vias se lhe procure conservar este affecto. He por outra parte muito pio, sabemos a desconçolaçam em que vive de lhe faltar a bençam appostolica; vê por outra parte que para o temporal nam tem melhorado em huma guerra de dezoito annos, que lhe leva as decimas, e tira a huns os filhos e a outros os irmãos, e vendo que no temporal perdem os filhos e a fazenda, e que no espiritual nam melhoram, ham mister muito de Deos para se conservar firmes na fé humana.

Se o Papa sahir com motus proprios, e seguirem a elles censuras e interdictos, que se pode esperar que faça? Quando he certo, que os Bispos por huma parte e os Inquizidores por outra ham de obrigar a Vossa Magestade a que os acceyte, e ainda mal, porque assim ha de ser, para o que insensivelmente encaminham as couzas: os nomeados querem ser Bispos, querem gozar as rendas, o modo seja qual for, e o ditto de quem vier atraz cerre a porta satisfaz muito a muita gente; elles seram Bispos, e seram ricos, emquanto viverem, Vossas Magestades perderam a sua mayor regalia, e os que viverem depois veram Bispos italianos, e ainda castelhanos, que huma vez tomada o Papa esta posse, ou se ha de ficar com ella, ou se se quizer remediar, ha de tornar o Reyno ao mesmo estado de hoje; e se assim ha de ser, como ha de ser, mais val que os capitulos façam Bispos, como todo o direyto ensina neste cazo, ou que os nam haja, que porem se Vossas Magestades em tam grandes riscos. Nam posso eu cuidar, Senhora, que ahi se ignorem, mas sam muitos os interessados, e poucos os que reparam nestes damnos, que depois han de abranger a todos, porque dados os Bispos nesta forma, as penções que Vossas Magestades lhes poem nam hão de ser suas, ham se de repartir pela familia do Papa, e emfim collarem se como qualquer outro beneficio de quatro reis, e acabou Roma para Portugal: se isto he o que convem, Vossa Magestade o considere, e o remedee.

Sendo que este escrupulo he de qualidade que me inquieta muito, e que me pudera fazer duvidar na execuçam das ordens de Vossa Magestade, interpetrando lhe a mente, eu comtudo me preparo para lhe obedecer, sentindo muito nam o poder fazer á vista dellas, porque communicaçam nam ha ainda com os Principes vezinhos sem quarentena: se eu fora hum homem escuteiro nam me fora difficultozo o fazella, antes me serviria de gosto, porque nesses dias poderia correr, e ver o Estado Eccleziastico, mas com familia nam he possivel, nem conveniente, que eu me meta a fazella no estado do Gram Duque, porque nam terey nelle grande segurança. Navio em que eu possa embarcar me, sem hir dar nas mãos dos turcos, ou dos malhorquins, que he peor ainda, nam o ha, e quando bem o podera haver, para vir aqui a Civitavecchia nam tenho com que o fretar. Em quazi todas as minhas cartas propuz isto a Sua Magestade, ou se nam lem, ou se nam fás cazo dellas; facil couza fora que ahy se me mandasse fretar hum inglez de força, dos que vam carregar para Italia, para que me viesse levar; nada disto se fás, que posso eu fazer? Se athé da impossibilidade se me ha de formar culpa, entrará com outras deste mesmo genero. O que em resoluçam digo a Vossa Magestade he que fico despedido das cazas em que vivo, para me passar a outras pequenas, que tomei por hum mez, e me vou aligeirando de parte da familia baixa, que da alta, que trouxe commigo de Portugal, ou de França, nam o posso fazer, sem levar a todos ao lugar de que sahiram; em se abrindo os passos, ou tendo navio seguro que me venha tomar donde digo, nam me deterei huma hora. Mas porque conforme as couzas estam, parece que nam poderá ser tam depressa, que o Padre D. Camillo nam haja chegado a essa Corte, informado Vossa Magestade, e eu tendo resposta do que levava, sirva se Vossa Magestade de dizer me, sem embargo de tudo, vinde vos, levarey a consciencia segura, para que me nam accuze nunca de que se nam profetizei, ao menos prudencialmente temi.

Agora me dê Vossa Magestade licença para me sentir e queixar dos termos, com que nesta occaziam se procede commigo. Logo que fallesceo Sua Magestade que Deos tem, como escrevi a Vossa Magestade, começou o Cardeal Ursino a ameaçar me de que eram já outros os tempos, que faltando me o favor de Sua Magestade, valeria o que elle se tinha assegurado dos Ministros; cuidava eu que nam seria assim, mas enganei me, e elle sahio com a sua; afronta he esta que nam sey com que Vossa Magestade ma ha de reparar pela grande publicidade della: provei que era

traydor, se fui crido, nam sey que razam poderam dar os que aconselharam que inda assim se fiassem d'elle, e se o nam fuy, que mayor aggravo? E que o nam fuy, se vê bem da forma das ordens. De maneira, Senhora, que persuadem a Vossa Magestade que todos aquelles apertos sam necessarios para que eu lhe obedeça, clauzulas em verdade pouco necessarias para uzadas com hum vassallo de fidelidade provada, e de amor e zello conhecido, se nam he que toda esta fé se me nega.

Sua Magestade que Deos tem, quando me mandava sahir, mandava juntamente tirar Ursino; agora ordena Vossa Magestade que elle fique e eu me vá; nam sey que razões de novo se podessem considerar para huma mudança tam contraria em tudo. Mandava-me Sua Magestade fazer protestos, encarregando-me de maneira o segredo, que nam tivesse d'elle *(sic)* ninguem noticia, e Ursino menos que todos, para que m'os nam impedissem, e agora que os nam faça, se a Ursino lhe nam parecer; boa paga para trinta e sinco annos de serviços, sugeitarem-me ás ordens de hum inimigo do Reyno! Approvou Sua Magestade nam entregar eu as nominas a Ursino, e mandava-m'as com o mesmo segredo entregar ao padre Francisco de Tavora; agora se me manda que as entregue a Ursino, e que o bom velho do Assistente sirva entre nós de moço de mandados. Se entam se fizessem os protestos, entenderia o Papa que levando comigo as nominas, se podesse tomar huma boa rezoluçam, e teriam entam lugar, mas de que serviriam agora, sabendo que ficam os papeis a Ursino, mais que de zombar de mim, e entender que procedo nelles da mesma maneira que procedi depois dos fogos que me impediram, para ajuntar afrontas a afrontas? Considere Vossa Magestade esta mudança de ordens tam ex-diametro oppostas ás de Sua Magestade que Deos tem. Se fossem alteradas em alguma parte, poderiamos cuidar que houve cauza para se fazer, mas no todo, Senhora, he dura couza, sendo pelos mesmos concelheiros; porque he força que creamos que huma das vezes erraram, porque as mudanças do tempo nam podem dizer que obrigaram a estas, antes toda a boa razam de estado obrigava a seguir as primeiras.

E quando isto parecesse que nam convinha fazer-se que damno se seguiria de eu perguntar a Ursino da parte de Vossa Magestade se estava firme na palavra do Papa, e no que havia promettido? ou que o Cardeal Antonio, que eu escrevi que vinha como Ministro de França fizesse esta diligencia, e ainda passasse a fazel-a com Sua Santidade? Mas sabe Vossa Magestade porque se nam deu neste ponto? porque nam querem que se

averiguem as suas falcidades e as minhas verdades. Agora se eu intentara fazer esta deligencia, diria Ursino que tinha ordens para o que havia de fazer, sem depender de mim, e Sua Santidade que com Ursino negocearia, com que nesta parte nam ha que tratar.

Quando as ordens se despacharam tinha eu vencidas comendas, e devia as mezadas de Novembro para cá; Sua Magestade que Deos tem me mandava pagar todas as que se me devessem, com mais o tempo que se me limitava, e alem destas outras duas para poder sahir; e agora com tres mezadas se quer que pague o que devo, que frette navio, e que faça a viagem, e nenhum me quererá vir buscar sem que se lhe pague primeiro o frette. De maneira, Senhora, que por huma parte me apressam, e por outra me impossibilitam; accuda Vossa Magestade por mim, nam se cuide que perdi tudo em perder a ElRey nosso Senhor; já que querem afrontarme no grosso, livremme sequer das afrontas no miudo.

Vivi pela mizericordia de Deos em Roma com creditto, e com reputaçam, bem póde informar della e delle Sebastiam Pereyra de Ecça, pelo que vio e ouvio nestes poucos dias de Roma, nam será razam que o perca por nam poder pagar, que he o que no povo o faz perder mais que tudo. Nam peço a Vossa Magestade grossas ajudas de custo, que costumam darse a todos, mas sequer o corrido, com as addições que Sua Magestade me tinha ordenado; e a graça he que quando as tres mezadas podéram bastar ellas ainda lá estam, e o aperto das ordens que me nam detenha hum só dia depois do praço que se me dá, e ainda este de hum mez, se assim quizer Ursino. Seja Deos louvado que nesta honra vem a parar trinta e sinco annos de serviços, sessenta e seis de idade, e quinze de sinco embayxadas, de que nam ha exemplo em Portugal, mas ha os em outros cazos, com que me consolo, dos Albuquerques, dos Pachecos, e dos Sampayos, nam espero eu menos, pello que vejo, pois em verdade, Senhora, que se eu houvera servido a Deos tam bem como a Vossas Magestades, que tivera muito que esperar, tanto de sua mizericordia, quanto de sua justiça, mas lá, Senhora, ha advogados e concelheiros sem paixam. Deos me guarde o juizo, que de tudo o mais nam faço já conta. A Real pessoa de Vossa Magestade guarde Nosso Senhor com os augmentos de vida e estado que seos vassallos dezejamos, e havemos mister. Roma 23 de Março de 1658 — Francisco de Souza Coutinho.[1]

[1] *Copia, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1096, fol. 194.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Conde de Odemira

1658 — Maio 11 [1]

No ultimo do passado chegou a esta caza o Padre Mestre frei João da Piedade alias Bacalháo, e inda que me não trouxe carta de Vossa Senhoria, como me asegurou na merce que Vossa Senhoria me continua (bem que eu nunca della duvidase) bastou para me contentar, que não he Vossa Senhoria dos homens que se levão daquelles que folgão de embrulhar, sem mais escuza[2] que a do natural. E não foi só o Padre frei João, por outras vias muito certas tambem me chegou o mesmo que elle me disse. Se eu não conhecera a Vossa Senhoria pudera duvidar pella qualidade de Concelheiro de Estado em cujo tribunal não achei em nenhum tempo favores, calumnias sim, ainda nos negocios de Holanda que Vossa Senhoria tantas vezes aprovou; porem em Roma particularmente[3] depois da morte de Sua Magestade que Deos tem tenho experimentado mais particularmente os disfavores, pois em verdade Senhor Conde meu Amo, que se aqui não enganei como fiz aos hereges, que dezenganei como christão, e que por ventura tenho melhor servido a Sua Magestade, ou pello menos tam bem como nas outras partes, *(sic)* porque se não adiantei o serviço na forma que os senhores Bispos dezejão[4], impedi pelo menos que o não sejão, em ruina do Rey e do Reyno. Se he culpa não a confesso,[5] mas em todo o tempo hei de fazer della grande vaidade; e espero eu que quando Vossa Senhoria me ouvir folgue muito de haver aprovado o como tenho procedido.

Procuro quanto me he possivel apressar a minha jornada mais por obedecer ás ordens de Sua Magestade que Deos guarde, que aos ditames

[1] Em 11 de Maio de 1658.

[2] sem mais cauza: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038, *e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] em Roma principalmente: num. 1038.

[4] senhores Bispos dezejavão: *Idem*.

[5] não só a confeso: *Idem*, num. 2054, *e* Gab. 5, E. 13, num. 8.

do meu entendimento, que de todo as encontrão, porque vejo que a forma della[1] foi mais dictada da paixão, que da razão. Deixo já o como tratarão de me afrontar, e enxovalhar neste teatro univerçal do mundo, e canonizar as acções do Cardeal Orsino, mas seja Deos louvado, que ambos temos reprezentado nelle de maneira que, nem eu perdi credito, nem o nosso governo lá alcançou muito; o que me doe he o perigo a que nos expomos com rezolução tão precipitada, sendo que a vir na forma em que Sua Magestade que Deos tem já em outra ocazião havia tomado fora muito como convinha que era deixar Roma, dando se lhe a entender que tratariamos so della quando ella tratase de nós; mas ir me eu e ficar Orsino com a direcção dos negocios, depois de tantas experiencias de como os trata, e tem tratado em sette annos de Portector, he o mesmo que dizer ao Papa que obre como lhe parecer que em tudo será obedecido. E não he boa razão a que não aceitaremos o que de cá for não sendo conforme aos estilos antigos, porque se Sua Santidade se resolver a desviar se delles, já o está para se fazer obedecer, porque de cá e de lá não falta quem o asigure que Suas Magestades serão obrigados a condencender em tudo o que for gosto seu, e isto he mais que certo, e quando não houver outra prova assas clara he a condição de eu me sahir primeiro, condição solicitada por Orsino que hoje se não a nós, nega o a todos os que lhe falão nella; e veja Vossa Senhoria qual ella he,[2] pois a não pedio nunca senão depois da morte de Sua Magestade, que começou a publicar que faltando quem me defendia, alcançaria elle o por que tanto anhelava quanto era o ver se só.

Bem me puderão tirar os escrupulos as ordens de Sua Magestade que Deos guarde com huma clauzula tão nova, como a que meu compadre Gaspar de Faria descobrio na sua secretaria (inda que entendais que o contrario he mais em serviço meu) mas eu que olho mais ao que convem a Sua Magestade que a meu particular, não posso aquietar me, porque vejo o perigo, e não vejo o remedio; e foi a rezão porque antevendo já quaes havião de ser as ordens, tratei de as prevenir com mandar a essa Corte o Secretario da embaixada, e depois por seus naufragios ao Padre D. Camilio San Severino,[3] para então *(sic)* mandando me sem em-

[1] que a forma dellas: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.

[2] qual elle he!: *Idem.*

[3] D. Camilo de São Severino: *Idem, e* num. 2054, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

bargo dos embargos fosse quieta a minha conciencia, porque o não podia ficar nunca, entendendo eu que a mente de Sua Magestade era huma, e que o que se pertendia ou se havia de fazer era outra em ruina do Rey, e do Reyno, e de sua maior regalia, couza de que ahi se faz tão pouco cazo entre alguns, que bem lembrado estará Vossa Senhoria do que ouvimos ao Bispo Capelão mor na secretaria de Pedro Vieira em huma junta a que Sua Magestade que Deos tem nos mandou, em que assistio tambem Sebastião Sezar, aprovando este, e querendo o outro que a morte do Princepe Nosso Senhor que está no Céo fosse castigo d'aquelle grande peccado de se não aceitarem Bispos de motu proprio; e se então vivo ElRei que o defendia se pregava esta doutrina, que forças não terá agora? Vossa Senhoria o concidere, e ajude ao remedio, pois he a quem hoje mais incumbe esta obrigação, por seu sangue, por suas qualidades, por seus cargos, e sobre tudo por Aio e por director de hum Popillo ainda nos annos da infancia. Fuja Vossa Senhoria de que em seu tempo se lhe oponha esta mancha, e faça muito por alcançar a gloria de o haver livrado d'ella.

Á Raynha Nossa Senhora devião persuadir que Sebastião Pereira Deça[1] vinha ser remedio para tudo, e hum obstaculo ao que quizesse obrar o Cardeal Orsino: a authoridade não he grande, e hoje havendo lhe alcançado o Cardeal a titulo de Ministro hum canonicato de Evora para seu irmão, será inda muito menor, porque vendida a liberdade sempre se manqueija no proceder. Não posso eu afirmar que o fará Sebastião Pereira, porque alias o tenho por homem de bem, mas obrigado, duvido que informe com toda a exacteza.[2] E note Vossa Senhoria que no mesmo tempo que se lhe fez a graça d'este canonicato, se negou a hum neto de Rui de Moura Telles[3] recomendado pela Raynha Nossa Senhora ao Cardeal, e ao Marquez de Niza que tãobem o pedia para hum filho seu, chegando as recomendaçoens antes de estar provido este beneficio, como tãobem o do chantrado da Guarda alternativamente pedidos, e providos ambos, a instancia de Orsino, sendo os primeiros em que se empenhou para portuguezes,[4] o primeiro persuadindo ao Papa que convinha ganhar hum homem que me vinha suceder, e o segundo que se deu a hum cor-

[1] que Sebastiam Pereira de Sá: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1038.

[2] com toda a exação: *Idem, e* num. 2054.

[3] neto de Rui de Noronha Telles: *Idem, idem, e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[4] para portugues: *Idem, idem, idem.*

tezão que foi testamenteiro de hum portugues vindo da India que aqui morreu em Loreto, e deixou hum legado de 6$ ducados[1] para cazamento de huma sobrinha[2] que trouxe, que o Cardeal quer cazar com hum criado seu para se aproveitar deste dinheiro. Digo o que he publico, e o que lá constará por muitos outros avizos, que este he o Cardeal, e estes somos nós que asim queremos, e asim o entendemos.

Emfim Senhor meu sem embargo de tudo, eu fico tratando do que mais convem a meu individuo, que he o irme, mas o máo he que nem acho navio de que me possa fiar, nem segurança para estes mares cheios de corsarios malhorquins, que com 7 navios em concerva lhe não escapa couza alguma, e a mim pezarmehia muito de no cabo de meus annos ir acabar em Castella: não posso eu crer que Suas Magestades asim o queirão, que inda que vai pouco em minha pessoa, vai muito emquanto a Ministro seu, e sem me parecer ao menos moralmente que posso ir seguro, não me hei de meter no mar. Para servir aos senhores Bispos, quiz no mesmo dia que tive as ordens, sahir de Roma, mas que não bastou[3] verá Vossa Senhoria pella certidão incluza que me passou Sebastião Pereira dos recados que de parte a parte houve do Cardeal para mim, e de mim para elle; defendame Vossa Senhoria com Sua Magestade pois não tenho outrem que o haja de fazer, que da turba multa se me dá muito pouco etc. *(sic)*[4]

[1] de seis mil crusados: Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 2054.

[2] de huma cabrinha: *Idem, e* num 1038, *e* Acad. R. das Scienc., *Mss.*, Gab. 5, E. 13, num. 8.

[3] mas que não bastou isto: num. 2054.

[4] *Copia, na* Biblioth. Nac., *Mss.* T, $\frac{5}{11}$ pag. 97, *e no* Arch. Nac., *e na* Acad. R. das Scienc., *Mss. citados.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Antonio Barberino

1658 — Setembro 14

Signore Cardinale Antonio.

Eminentissimo e Reverendissimo Signore — A Vostra Eminenza che sà con quali ordini del Rè mio Signore e con quali massime io sia venuto a Roma, stimo superfluo di replicare ciò che tante volte le ho espresso, e fatto evidentemente conoscere del mio profondissimo rispetto verso la Santità di Nostro Signore. Troppo haverei perduto il tempo in più ambascirie che ho havuto l'honore di essercitare per il mio Rè, e troppo farei apparire la mia incapacità, se non dimostrasse in ogni attione di conoscere, che non sà fare il servitio del suo Prencipe chi opera in modo da rendersi odioso al Prencipe, al quale è mandato, onde può la gran prudenza dell'Eminenza Vostra argomentare se io con questi sensi, e con questo conoscimento habbia potuto volontariamente e sì scioccamente cadere negl' errori, de quali sono tacciato.

Non havevo difficoltà a credere, che gl'inimici del mio Rè, e chi si è impegnato a discreditare la mia persona, s'ingegnassero di far concepire delle mie operationi, e de miei sentimenti differentemente da quello che è, ma non mi sarei mai persuaso che havesse havuto l'ardire di avanzarsi a rappresentare simili falsi supposti a Sua Santità, se Vostra Eminenza non mi havesse fatto la gratia di dirmi che dalla Santità Sua le n'è stato dato qualche cenno.

A quattro capi si riducono gl'errori, ne quali pare a me che si dica essere io caduto.

Primo che io mi sia qualificato Ambasciatore in Roma contro gl'ordini che havevo.

2°. Ch'io mi ero per una scrittura specificato Ambasciatore nella Curia Romana.

3°. Che io non havesse fatto negotio di altro, che del mio ricevi-

mento in Ambasciatore e non havesse parlato della spedittione delle Chiese.

4°. Che io m'ingerisse in negotii che non mi spettavano.

Rispondo al primo, e non nego di haver portata meco la qualità di Ambasciatore nel venire a Roma, perche essendo per quindeci anni continui stato in questo posto, partito da Parigi con questo carattere, e mandato con questa qualità dal mio Rè a Sua Beatitudine, credevo di non dover dispiacere a lasciarmi considerar tale, massime che era già publico in Roma ch'io venivo Ambasciatore di Portogallo, avanti che io partisse di Parigi, ma posso con franchezza dire e provare di non haver usato di questo titolo nell'entrare in Roma, anzi di haver, se non negato, almeno dissimulata questa qualità con astenermi da ogni atto publico, che mi facesse apparire Ambasciatore, ne può valere di prova in contrario il modo honorevole, con il quale mi sono trattato, perche non è avvantaggioso a quello, che convenga alla mia privata persona, et alle qualità, che concorrono in me, *(sic)* le quali non poteva che dispiacere al Rè mio Signore, ch'io non havesse sostenuto con decoro, massime essendo stato inviato a Roma da Sua Maestà, ancorche non fusse stato ricevuto per Ambasciatore.

In quanto al 2°. di essermi nominato Ambasciatore alla Curia Romana, e non a Sua Santità Prencipe supremo, dirò con verità per mia discolpa, che in usar di questa forma non hebbi altra intentione, che di riverenza, e di rispetto verso la Santità Sua, considerando che non dovevo nominarmi Ambasciatore a Sua Santità, mentre per anco non ero stato ricevuto come tale, ma credei bene di poter usar di quello, che usai con i sudditi del Rè solamente, come inviato da Sua Maestà alla Corte di Roma con questo titolo, perche rispetto al Rè medesimo non potevano i sudditi della Maestà Sua non riconoscermi per tale: e non dissi Ambasciatore a Nostro Signore ò nella Curia Romana, perche appresi, che non convenisse, mentre non ero stato ricevuto da Sua Santità e non ne havevo l'essercitio nella medisima Corte di Roma, et a questo proposito di haver usato del titolo, e dell'auttorità di Ambasciatore, como ho fatto una volta sola con i sudditi del mio Rè, mi farò anco lecito di dire per mia giustificatione, che tanto credei di non far cosa, che potesse dispiacere a Sua Santità nell'applicare a far i fuochi di allegrezza per il Rè mio Signore, come ne havevo havuto ordine di Sua Maestà per lettere che mi fece scrivere (quali mostrerò quando sia necessario) quanto che simili

fuochi havevo fatti altre volte, e particolarmente nell'anniversario dell' elevatione di Nostro Signore, e nella promottione del Signore Cardinale Chigi, ma se io mi fusse potuto imaginare che Sua Santità non havesse per bene ch'io facesse questi fuochi di allegrezza, ò me ne fusse stato dato in qualsivoglia modo un minimo cenno da palazzo, haverei fatto anco in questo apparire la mia ubedienza e la mia riverenza al volere di Sua Beatitudine, come non lasciai di farlo all'ambasciata che me ne fece fare Monsignore Governatore per un notaro, non ostante che non avezzo a ricevere ambasciate in simil forma, mi paresse strano, non dico per esser io Ambasciatore (sapendo molto bene che tale non mi potevano considerare i Ministri di Nostro Signore, sino che Sua Santità non mi havesse fatto l'honore di ricevermi) ma come cavaliere qualificato del carattere di più ambascirie del Rè di Portogallo, e come Inviato da Sua Maestà, e mi assicuro, che Sua Beatitudine degnandosi, come la supplico humilmente per mezzo di Vostra Eminenza, di reflettere a questo, non come supremo giudice, ma come Prencipe d'incomparabil intendimento, e come cavaliere nato di antichissima e nobilissima famiglia, compatirà benignissimamente quel rammarico, e quel senso, che mi cagionò l'ambasciata di Monsignore Governatore, e la forma con che mi fù fatta per mezzo di un notaro.

Circa il 3°. io non posso che supplicare, come faccio con ogni più riverente instanza, che si veda il memoriale da me dato a Sua Santità li 25 Gennaro 1655, *(sic)* che si vedrà chiaramente, ch'io all'hora parlai ugualmente della spedittione delle Chiese, e del mio ricevimento, perche così erano gl'ordini del Rè mio Signore; e così mi persuase il mio debole intendimento, che io dovesse e potesse fare senza mala sodisfattionne di Nostro Signore. Chi ha fatto a Sua Santità differente supposto delle mie instanze, e voluto far credere che io non ho altra premura, che di esser ricevuto in Ambasciatore, si troverebbe in gran pena, quando fusse obligato a provarlo, anzi quando sapesse che oltre il sudetto memoriale, le rare, ò veruna instanza, che io habbia fatto da quel tempo in quà per il mio ricevimento fanno evidentissimamente apparire il contrario.

Sopra il 4°. non posso dir'altro, se non che da me medesimo mi condanno per reo, e per immeritevole della stimatissima gratia di Nostro Signore se si troverà, che mai io, ò in parola, ò in scritto, ò in qualsivoglia altra forma possa esser convinto di questo: se io negasse di esser stato invitato da molti (e Sua Santità sà di alcuni) mancherei a me medesimo, et alla verità, ma io sono stato sempre di parere, e sono più che

mai, che non sia buona politica il diminuire le proprie forze per accrescere quelle degl'altri.

Queste sono le prove, e le ragioni, con che posso francamente ribattere l'imposture, che mi sono state fatte per pregiudicarmi presso Sua Santità, e sarebbe troppa mia gran disgratia, se non bastassero a disculparmi, et a rendermi meritevole della gratia di Nostro Signore, che sommamente ambisco, essendo massime portate e rappresentate a Sua Santità Prencipe di tanto intendimento dalla gran prudenza dell'Eminenza Vostra, che sà anco quanto restino authenticate dalla ritiratezza con che vivo, e dal riguardo, che ho di non entrare nella casa di alcuno fuori di quella di Vostra Eminenza, anzi di andarmi ogni giorno più essimendo dalla maggior parte de portoghesi medesimi, per conformarmi, comme devo riverentemente in ogni mia attione col prudentissimo volere di Sua Santità, ne supplico però l'Eminenza Vostra con tuto l'animo, e profondamente me l'inchino. Di casa 14 Settembre 1658.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Ursino[2]

Para o Senhor Cardeal Orsino.

Eminentissimo e Reverendissimo Senhor meu — Conforme vejo pelo papel que Vossa Eminencia foi servido mandar me escrever em reposta de outro meu, creyo que Vossa Eminencia não me entendeo bem, quando para acceitar o cantorado d'Evora me mandou que lhe desse hum escrito que revogasse outro que sobre a materia avia feito a Vossa Eminencia; porque a minha resposta foi, que como Vossa Eminencia me mandava aquillo para satisfação sua com Sua Magestade que Deus guarde e com o senhor Secretario Gaspar de Faria Severim, que para a mesma satisfação minha se service Vossa Eminencia de dar me outro seu em que me dissesse que o Papa não queria dar inteiro aquelle beneficio; e ainda se mal me não lembro me disse Vossa Eminencia que da bocca de Sua San-

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 61.

[2] *Sendo impossivel marcar data a este e aos cinco documentos seguintes aqui os pomos no fim da embaixada de Francisco de Sousa Coutinho.*

tidade o ouvira: o mesmo que entam respondi a Vossa Eminencia respondo agora, e he que estou prestes para mandar logo a Vossa Eminencia o tal escrito, quando Vossa Eminencia me faça merce de me mandar outro na forma que lhe pedi, porque com isso fico eu servindo ao Secretario, e não deservindo a Sua Magestade, que são dous pontos dos quaes não ha de parecer mal a Vossa Eminencia que eu me não queira apartar.

Rendo muitas graças a Vossa Eminencia pelo mais que he servido dizerme, fico mais leve na aprehenção em que tinha entrado, que sem falta foi por não aver entendido bem as palavras de Vossa Eminencia, ou o sentimento de Sua Santidade: espero que Vossa Eminencia mas faça por inteiro, no que tocca a audiencia, sobre que avia de conferir com Monsegnore Rospigliosi, de que passado amenhã, que he dia de posta, hirey beijar as mãos a Vossa Eminencia, e entender o que se assentou. Nosso Senhor etc. *(sic)*—De Vossa Eminencia Reverendissima *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Ursino

Ao mesmo Senhor Cardeal.

Não respondi logo hontem a Vossa Eminencia porque quando me deram o seu papel estava para entrar em carroça; disto, e de não responder agora por minha mão pesso a Vossa Eminencia me escuse, pelo que já outras vezes lhe disse, que he já hoje a minha letra de maneira que apenas a posso ler eu mesmo. Vejo a occasiam porque Vossa Eminencia não teve audiencia de Sua Santidade, e inda que remota sinto muito qualquer cousa que possa toccar a casa de Vossa Eminencia.

Ao papel de hantehontem me dará Vossa Eminencia licença para que lhe responda em poucas regras. Quer Vossa Eminencia que seja preceito striti juris *(sic)* mandarme Sua Magestade que Deus guarde comunique a Vossa Eminencia os ultimos despachos que recebi seus: isto de comunicar em bom portugues he conselho, e não preceito, nem tem outra força para mais que o que tenho executado. Dizer a Vossa Eminen-

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 22.

cia que tinha aquelles papeis he o que Sua Magestade me manda, isto é o comunicar; se a sua vontade fora que os desse a Vossa Eminencia, o diria com outro verbo, qual he o de entregareis; mas quando ainda assim o ordenara, sempre se avia de supor, que era em termos habens, e não quando estamos tão longe delles: quando cheguem será Vossa Eminencia o Patrão, como em tudo o mais que toccar ao particular de minha pessoa, que não se apartará nunca do que for servir, e dar gosto a Vossa Eminencia. As diferenças destes dias forão só dos officios, não toccam as pessoas, desta disponha Vossa Eminencia, daquelle ha de ser servido que disponha eu conforme os estilos e exemplos, e conforme meu entendimento, de que me não apartarei em nenhum caso. Vossa Eminencia informe a Sua Magestade, que eu farei o mesmo, que segundo as cousas vão, parece que haverá tempo para agoardarmos a resposta, que deciderá a nossa questam. Nosso Senhor etc. *(sic)* — De Vossa Eminencia Reverendissima *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, ao Cardeal Ursino

Ao mesmo Senhor Cardeal.

Estou escrevendo por varias vias a Sua Magestade que Deus guarde, de que hoje ey de mandar hũa pelo muito que convem de que tenha avisos promptos, e certos, do estado em que hoje estam nossas cousas nesta Corte, que tem mudado tanto de face, que temo venhão a parar mais em hũa rottura irremediavel, que em accomodamento que se possa admetir. Muito ajudaria para isto a resolução de Vossa Eminencia, mas muito mais as deligencias dos inimigos que não cessam.

Vossa Eminencia me fes merce dizer que da audiencia que tivera de Sua Santidade no ultimo consistorio concebera não só esperanças de hum bom successo, mas hũa certeza infallivel de qual elle seria. Não duvido que pois Vossa Eminencia mo disse, e o Papa assim se deixou entender, que por entam puderia Vossa Eminencia justamente darse por seguro, e

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 22.

eu pelo que Vossa Eminencia me disse por contente. *(sic)* Oje pelo que tenho ouvido, por papeis que tem vindo a minha mão, e por mais que por congecturas estou persuadido ao que asima digo, de que o negocio tem mudado de face. Pelo que me pareceo obedecendo as ordens de Vossa Magestade *(sic)* pedir segunda ves a Vossa Eminencia as nominas, e processos antigos que tem em seu poder. A primeira ves que as pedi, me respondeo Vossa Eminencia que Sua Magestade lhe ordenava que lhas mandasse, mas não que mas desse a mim, como se não fora o mesmo hũa cousa que a outra: o que agora pesso a Vossa Eminencia he que se sirva de me avisar se tem remetido estes papeis, ou se mos quer mandar para que eu os remeta; tornando a advertir a Vossa Eminencia pelo que toca ao serviço delRey meu Senhor, e seu, que por tais papeis se não ha de fazer obra, e se acaso se fizer algũa emquanto Vossa Eminencia os tem em seu poder facilmente se deixa considerar as resultas que pode haver, eu como servidor de Vossa Eminencia me pareceo advertilo dellas.—De Vossa Eminencia Reverendissima *(sic)*[1]

Carta (do Secretario de Estado?) ao Cardeal Ursino

Admirado me tem os procedimentos do embaxador Francisco de Sousa Coutinho e de toda sua familia nos particulares de Vossa Eminencia porque de sua muita prudencia e experiencia tive sempre por certo havia de saber merecer a graça e amizade de Vossa Eminencia nessa Curia; não me atrevo a murmurar delle com Vossa Eminencia porque sou muito grande seu servidor, mas atrevome a dizer que o sou muito mayor de Vossa Eminencia e que sempre que tenha occaziões, ha Vossa Eminencia de entender de my que nenhũa couza trago tanto diante dos olhos como saber merecer o muito que devo a Vossa Eminencia; haja Vossa Eminencia por bem que não diga mais nesta materia pelo que me toca, nem ha para que nem ella he para carta nem o tempo vai para fiar dellas, e torno a dizer que muito finamente me ha Vossa Eminencia de

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 22 v.

achar sempre a seus pees, e que a experiencia e as obras o hão de mostrar melhor a Vossa Eminencia que minhas palavras. Sua Magestade Deos o guarde sente muito, como quem ama e estima particularmente a pessoa de Vossa Eminencia estas desavenças porque nem seu serviço se adianta com ellas, que he o que tanto devemos todos procurar, nem elle quizera que ministros seus derão desgosto a Vossa Eminencia sem mui justificada cauza, que eu entendo não haverá nunca da parte de Vossa Eminencia. Tem visto e considerado assy as cartas de Vossa Eminencia como as do embaxador, e se esta embarcação não levar a reposta de todas levalaha a primeira com o favor de Deos que guarde a Vossa Eminencia muitos annos.[1]

Carta d'el-Rei (ao Cardeal Ursino?)

Para o Cardeal Protector.

Tendo respeito ao pouco fruto que se tem tirado da hida e assistencia de Francisco de Sousa Coutinho nessa Corte lhe mando ordenar, escreva a Sua Santidade a carta de que se vos envia copia com esta, e lhe vay ordem para passado hum mez despois da entregua della se voltar ao Reyno, não se lhe tendo defferido, advertindolhe, que passado aquelle *(sic)* se lhe não hão de prover mezadas, e se não ha de chamar Ministro meu nessa Corte, e por ser esta a mais apertada occasião, pois passada ella não tenho que cuidar mais em requerimentos de Roma. Vos encommendo o mais apertadamente que posso procureis que *(sic)* todos os meios justos e possiveis persuadir a Sua Santidade que me diffira, lembrandolhe quanto convem ao serviço de Deos, salvação das almas, e bem universal da Igreja não chegar estes Reynos a ultima dezesperação. A Francisco de Souza se ordena que sahindosse dessa Corte, vos deyxe entregues os despachos que tocão a expedição *(sic)* encommendovos as recolhaes. *(sic)*[2]

[1] *Minuta, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 168, fol. 337.
[2] *Copia, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 170, pag. 411.

Carta d'el-Rei a ...?

Supposto que o embaixador Francisco de Sousa Coutinho se vem dessa Corte com desengano de se difirir a minhas justas pretensões e que por esta resão e por não haver de ter maes requerimentos me não são ahi necessarios ministros, vos encomendo muito que os despachos para a expedição dos que tendes em vosso poder mandeis entregar todos a Francisco de Tavora assistente da Companhia nessa Corte. Eu conheço e estimo quanto he resão o cuidado com que procurastes ver bom despacho a minhas cousas estae muito certo que sempre em meo animo haveis de achar muito particular aggardesimento e muito desejo de que haja em que poder mostrar a grande afeição que vos tenho que não achareis maior em ninhum outro amigo.[1]

Carta do Cardeal Antonio Barberino a el-Rei

1659—Janeiro 11

Copia de hũa carta do Cardeal Antonio.

Sacra Real Maestà—Il Signor D. Francesco de Sousa Ambasciatore di Vostra Maestà ha stimato bene de partir da questa Corte doppo haver fatto tutto quello che la sua prudenza, et il suo zelo del buon servitio della Maestà Vostra ha potuto in ordine a conseguire da Sua Santità la speditione delle Chiese di cotesto Regno, perche si possino veder gl'effetti di quelle sicurezze che sono state date a Vostra Maestà della spedizione delle medesime Chiese partito ch'egli sia di ritorno a cotesta volta. Io veramente per quante diligenze habbia potuto fare non ho saputo ritrovar rincontro di queste sicurezze, ne delle dichiarationi che si è supposto alla Maestà Vostra esserne state fatte da Sua Santità, anzi ho havuto gran motivo di dubitarne dalla forma, con che la Santità Sua m'ha risposto, quando io

[1] *Minuta, no* Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 167, fol. 244.

in diverse udienze ho preso occasione di parlargli del Signore Ambasciatore, e del Padre D. Camillo Sanseverino. Contuttociò ho lodata al medesimo Signor Ambasciatore la sua risolutione di partire, tanto più che la sua dimora non poteva essere che infruttuosa per le male impressioni fatte a Sua Beatitudine della sua persona, perche non resti più alcuna difficoltà alla speditione delle Chiese, quando sia vero il supposto, ò apparisca il contrario quando sia falso. Ho compatito grandemente al Signore Ambasciatore della mala fortuna che per ogni verso ha incontrata in questa Corte, e della passione che ha havuta, de pregiuditii che si facevano nella suo persona a gl'affari di Vostra Maestà, ma ho anche ammirato la sua gran prudenza, e la fortezza del suo animo, in non si scomponer mai a tante contrarietà che ha havute, et a tante lettere inventate e publicate a suo pregiuditio, per farlo credere imprudente, e forze anco poco fedele alla Maestà Vostra, e con me medesimo che pure potevo qui facilmente ritrovare la verità delle cose si è procurato di discreditarlo con lettere false. Io non mi diffondo a raccontare i particolari a Vostra Maestà perche molto meglio ne potrà esser ragguagliata dalla viva voce del medesimo Signore Ambasciatore, a cui anco mi rimetto per quella maggior espressione che può farle de miei riverentissimi sentimenti per il suo Real servitio, al quale io havrò sempre ambitione di contribuire tutto ciò che può valere la mia humilissima servitù, e per i comandamenti che ne ho da Sua Maestà Christianissima, e per la premura con che me ne scrive il Signore Cardinal Mazarino, e per la divotione che professo alla sua Corona, che prego Dio di render sempre più felice e gloriosa a misura della rettissima intentione della Maestà Vostra a cui intanto faccio humilissima riverenza. Roma XI Gennaro 1659.—Di Vostra Maestà—humilissimo et divotissimo servitore—il Cardinale Antonio Barberini.[1]

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 63.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho ao Cardeal Antonio (Barberino)[1]

1659—Julho 2

Para o Cardeal Antonio em 2 de julho 1659.

Continuo con lo que puedo, ya que no puedo cumplir con lo que devo a las gracias y fabores que é recibido siempre de Vuestra Eminencia de cuya benignidad fio que recibirá con agrado este pequeño obsequio de my memoria, e de my agradecimiento, en que no faltaré en quanto entendiere que no son pesadas mis cartas a Vuestra Eminencia, de quien con ansia estoi aguardando nuevas particulares, que aun que en las pocas cartas que é recebido de Roma despues de my partida, me dan las que puedo querer de que passa Vuestra Eminencia con la salud que le deseo, con todo no se satisfaran my amor, y my obligacion, sino viendo me honrado con la continuacion de sus fabores, porque espero los mismos en auzencia, que gozé en presencia.

Por los avisos que tengo dessa Corte me consta que continua el señor Cardenal Orsino assistido del Padre Assistente, e de Sebastião Pereira en falsificar firmas, y letras; y agora me avisan que han salido con una, o con dos de my puño, y que mas fuerça hazen por verificalles en el Quirinal, que en esta Corte, quiçá porque han entendido el poco caso que aca se ha hecho destas imposturas. El intento Eminentissimo Señor, es danósissimo a los interesses deste Reino porque el fin no es otro, que de ponelle aun en peor estado con el Papa, que lo ha estado hasta agora, porque el intento no puede ser otro que aunarse con los españoles para prova de lo que ellos disen, prosuadiendo a Su Santidad que en Portugal lo mas de la noblesa está de su parte, y facilmente lo creerá quien creere que pude yo faltar a mis obligaciones siendo el hombre de maior confiança, con tantos empleos de embajadas quantos é tenido; esto es lo que se in-

[1] *Posto que esta carta de Francisco de Sousa Coutinho já seja escripta depois de elle deixar Roma e se recolher a Portugal, julgamos util inseril-a aqui, pela muita luz que ainda lança sobre as nossas negociações na Curia.*

tenta, porque provado, corrian de plano las consequencias, y es este el mayor servicio que nuestro protector puede hazer a los españoles, pues es la mas fuerte rason que se dá al Papa, y la que el tiene para no reconocernos: porque si non es esto, no sé qual pueda ser el intento, haviendo conseguido el echarme de ahy. A Vuestra Eminencia como quien es le suplico, por serviço delRey my Señor, y por haserme merced a my como tan Señor mio quiera apurar este negocio con todas las veras possibles, que no entiendo que será muy dificultoso; que bien que para Portugal no sea necessario, porque estoy aças conocido, soy tan escrupuloso en estas materias, que tuviera mucho que sentir, si huviesse en Roma uno solo que pudiese poner pecha en my fedilidad.

El negocio camina tan publico, que no puede dexar de haver llegado a los españoles, e si llegó, y lo consienten, es señal de que van de acuerdo con nuestro Protector; pero tambien se puede dar caso de que no les haya llegado la noticia, en lo que podrá obrar el fabor que espero de Vuestra Eminencia, que será pedir a Su Santidad que me tenga por mucho peor hombre, de lo que publicava de my, con tanto que no toque a la fidelidad, y que aun que el Duque de Tierra nova no esté en Roma, lo está el secretario de la embajada, que es esse Nicolaldes, para quien tambien fingieron cartas mias, y será muy facil de averiguar, si es hombre de bien, lo que en esto passa, y a nayde *(sic)* mas que a Su Santidad le incumbe esta obligacion, porque no ha de premitir, que un Cardenal poco veridico, un Jesuita tonto, y un seglar vellaco debajo de su autoridad, queran descomponer un hombre como yo, sin otro fin que descomponelle, solo porque pudo averiguar las falsedades y ignorancias de todos: y por disir todo a Vuestra Eminencia sepa que al tal Sebastian cogi papeles, ó papel, venieron a parar a mis manos, no se atreve a venirse a Portugal, siendo que es llamado ya por muchas cartas, y ultimamente se uzó con el de una traça por ver si le pueden arrancar de ahi: este particular fio solo a Vuestra Eminencia, bien entendido que no le incubro al señor Bracese.

De mis recomendados hará el señor D. Antonio relacion a Vuestra Eminencia para que continue en ellos la merced y favor que siempre me ha hecho, cuya Eminentissima *(sic)*[1]

[1] Arch. Nac., *Liv. mss.*, num. 1432 *(Copiador do Embaixador?)*, fol. 63 v.

ADDITAMENTO(*)

Carta do P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia, a el-Rei

1647 — Junho 10

Senhor. Continuando em avizar a Vossa Magestade do que passa. *(sic)* Ja disse a Vossa Magestade as deligencias que se fizerão comigo para que sem embargo da ordem de Vossa Magestade consentise que a Conezia de Evora se provese em Antonio Mendes filho do forragaitas e vendo que me não podião levar nem com fazerem dizer ao nosso Padre Geral da parte de hum Senhor grande *(sic)* que o Papa me mandava sair de Roma e que ja estava notificado asim por me meter nisto como por fazer lançar fora do Reyno ao Vice Coleitor *(sic)* e tudo publicarão e quizerão fazer crer aos Portuguezes aos quais principalmente dizião por me meter nestas couzas: e ao Padre Geral por fazer lançar o Vice Coleitor e vendo que nada disto bastava diserão ao Cardeal Datario e dizem fizerão disso memorial que bem podia ser provido Antonio Mendes em Evora porque na Sé de Lisboa todas as Dignidades erão Christãos novos nomeando os a todos por seus nomes e fazendo mais outro desaforo que foi buscar nos livros da Dataria se havia dispensações para estas pessoas para mostrar como sem embargo dos breves e prohibiçoens tinhão efeito as dispensaçoens para o ter tambem a de Antonio Mendes. Veja Vossa Magestade se he serviço seu que Fidalgos tão honrados e tão aparentados andem nas

(*) *Para obviar, quanto possivel, ao inconveniente de irem os documentos d'este volume em duas partes distinctas, a principal e o additamento, collocar-se-hão tanto os de uma como os de outra no indice na sua devida ordem chronologica, a fim que o leitor com relativa facilidade siga o progresso dos acontecimentos.*

Datarias e Tribunaes de Roma em tais memoriaes e quando isto fora verdade se era honra do Reyno dizerse ca ou se convem quebrarem se por os que hoje pretendem os privilegios do Reyno e das Seés ainda dado cazo que com consentimento dos Reys por razoens justificadas em diferentes pessoas e circunstancias se dispensase.

Porem nada disto bastou para Sua Santidade que tinha visto a carta de Vossa Magestade por mais instancias que por muitas vias se lhe fizerão eficasmente quizese darlhe a Conezia e está dada a Diogo de Souza mas querem largue o seu Chantrado que he tam bom como a Conezia o qual logo sahio juntamente dado a hum Mancebo que ha dous mezes veio desse Reyno e dizem he Sobrinho de Alvaro Soares de Castro Inquizidor de Evora. Nesta 2.ª provizão dizem interveo Fernando Brandão o qual se tem em tal maneira tirado a mascara que dis que se eu não fora Religiozo me ouvera de desafiar porque lhe faltei com a palavra de não fazer contra o Criado do Cardeal Albernós em escrever a Vossa Magestade sobre a materia pello qual Vossa Magestade escreveo ao Cabido de Lamego lhe não desse posse e alem disso fazendo aqui hum Espedicioneiro huma suplica em que pedia o mesmo beneficio de Lamego por não estar provido para hum Clerigo da Guarda disse ao mesmo Espedicioneiro que ninguem podia mandar fazer isto senão eu e asim o publicou por Roma e o que mais he parece avizou disso ao Cardeal Albernos porque mostra huma carta sua que pessoa muito fidedigna que a vio me afirmou dizia nella que se o Duque de Bragança não desse posse ao seu Criado por justiça lha faria aver e quando a justiça não bastace renunciaria o seu Criado. Se isto pode ser ou he bem feito e quem he inabil para ter se pode renunciar ou convem que Vassallo de Vossa Magestade aceite tal renuncia Vossa Magestade o mandará considerar e que castigo merece este Fernando Brandão em andar mostrando esta carta aos Portuguezes. Se he verdade como se afirma que Fernando Brandão entrou no provimento do Chantrado de Lamego deve querer nelle alguma pensão como ja dizem tem no Deado da mesma Sé e Deado do Porto e deste Deão dizem elles tambem que tem com elles parentesco e em todas as Seés andão esgaravatando se ha alguma Pessoa que tenha algum achaque para alegarem com elle em seu favor.

De tudo isto rezultou tambem que por se não impetrar a Conezia de Lamego sahio hum Nihil transeat na Dataria asignado pello Cardeal Datario de que mando a Vossa Magestade a copia e Vossa Magestade

mandará concíderar se he bem que hum Vassallo seu se faça parte contra os Privilegios do Reyno e queira fazer delles cauza ordinaria que sem os Cabidos serem ouvidos nem Vossa Magestade em primeira instancia se julgue aqui na Rota primeiro por sentença em juizo contradictorio e sendo huma ves revogados se proceda com sencuras a execução das dispencaçoens avidas em prejuizo de 3.º e do Reyno se enchão as Sees de pessoas inhabeis. *(sic)*

Acresentando a isto que Antonio Mendes e Fernando Brandão em cabeça de hum Sobrinho seo que aqui está tem mais de trinta beneficios simplices e todos os bons que vagão elles os alcanção e dis o Brandão que se esta porta das Conezias se abre não tem os Christãos velhos que esperar.

Remato esta com duas couzas a primeira que eu tenho rezistido ao provimento de tres Conezias em tres Seés e nem posso andar nestas demandas continuamente alem dos inconvenientes que dahi rezultão ainda ao serviço de Vossa Magestade em outras materias pella minha inquietação particular pois estes homens por todas as vias procurão disgostar me desautorizar me e calumniar me e ainda que não conseguem o intento como sou Religiozo não convem ser parte de Antonio Mendes e Fernando Brandão e asim Vossa Magestade mandará aplicar a isto o remedio que for servido e tomar rezolução conveniente do que se ha de fazer e que seja ella tão eficás que Vossa Magestade seja obedecido e se veja que contra sua vontade e direito se não ha de obrar e então se Vossa Magestade quizer consentir no que elles querem eu não sou parte. Todos aqui estão esperando o que Vossa Magestade ordena. O Abade de S. Nicolao me preguntou se se contentaria Vossa Magestade do provimento da Conezia em Diogo de Souza eu disse ao Abade que Diogo de Souza era hum Fidalgo honrado e que não cuidava que Vossa Magestade disgostaria de elle ser provido. E ainda que Antonio Mendes quis meter em seu favor o Embaixador de França não o alcansou.

A segunda couza que digo he que aqui ha outros homens que ainda que tenhão sangue da Nação são modestos e nesta ocazião se ouverão bem e estranharão muito estes excesos de Antonio Mendes e Fernando Brandão e alguns delles forão os que me referião parte ou principal do que asima digo.

Aqui está hum Francisco Barreto de Braga que sendo homem honrado anda dizendo que eu dei hum memorial de trinta e tantos provimen-

tos ruins em pessoas indignas feitos pello Cardeal Datario e não sei se o fas por comprazer a estes dous nomeados se por me malquistar com o Cardeal Datario. Mas Francisco Barreto he expulso da Companhia e não val testemunha contra mim. Guarde Deos a Vossa Magestade. Roma 10 de Junho de 1647.[1]

Carta do P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia, a el-Rei

1648—Junho 6

Senhor. Ainda que nesta ocazião escrevo varias a Vossa Magestade não tendo ha nove mezes carta nem resposta alguma de Vossa Magestade sobre negocios de muita importancia que a pedião faço esta pello que de novo sobreveio. No primeiro ou segundo deste mes chegarão aqui novas por Hollanda que a Nau Flor de Mayo que daqui partio em 9 de Fevereiro chegara lá a 8 ou 9 de Abril com esta nova vierão cartas a Fernando Brandão e Antonio Mendes como este me dise e vierão a outros e as cartas são de pessoas muito graves que elles nomeão em que dizem que eu tenho culpa de Vossa Magestade não aceitar os Bispados motu proprio ou porque sou de contrario parecer ou porque me deixo enganar de vans esperanças e com ellas entretenho a Vossa Magestade. E ao Cardeal Datario forão dizer tudo isto e tambem que eu fora cauza de lançarem o Vice Coleitor do Reyno o mesmo se tem dito a outros Senhores e se dirá aò Papa como ja se lhe tem dito outras vezes a fim de lhe persuadir que me não ouça nem me creia e muito mais que não defira a Vossa Magestade que he o intento dos que publicão isto dos que lá escrevem entendo que he o zelo que tem do bem das almas e dezejo de ver o provimento dos Bispados porque não poso imaginar de pesoas tão graves e zelosas do serviço de Vossa Magestade como se nomeão que com outro pensamento escrevão isto.

Porem fazem grande dano ao negocio e não responde seu bom in-

[1] *Copia*, fol. 235.

tento a *(sic)* que parece convem ao bem espiritual do Reyno e serviço de Vossa Magestade porque não tendo eu ordem para aceitar Bispos motu proprio mais que os tres que eu pedi a Vossa Magestade aceitase antes tendo a expresa não aceitar senão por ultimo ad suplicationem nos Bispados antigos fica o escreverse isto servindo so de o Papa cuidar que eu o engano e não me dar credito e dilatar a Provizão cuidando seus Ministros que dilação fará aceitar a Vossa Magestade ou não crerme a mim. E como não faltão os mesmos a quem vem estas novas e outros em escrever la ao Reyno que eu por intentos particulares meus quero vender ou vendo cá os de Vossa Magestade fico interesando de tratar estas materias ficar desacreditado com Vossa Magestade e com Sua Santidade com Vossa Magestade por mao vassallo e com Sua Santidade por enganador e pouco afeiçoado a Igreja.

E parece me que sou obrigado a dizer a Vossa Magestade as couzas seguintes A primeira he que se mal me não lembro ainda que por vezes escrevi a Vossa Magestade o que se dizia e os meios que se reprezentavão para Vossa Magestade ser reconhecido nesta Corte nunca eu de meu voto persuadi a Vossa Magestade fazer nenhuma couza de que a Seé Apostolica ou Sua Santidade se pudese sentir antes muitas vezes e quazi em todas as cartas pedi a Vossa Magestade defendese e amparase a Igreja e jurisdição Ecleziastica mostrando grande observancia e sua piedade para a Seé Apostolica porque alem desta ser a minha profição entendo he o meio certisimo de conservar o Reyno e Deos fazer a Vossa Magestade grandes mercés. Da mesma maneira não me lembra que persuadise a Vossa Magestade não aceitase a provizão motu proprio antes pedi aceitase os tres e os mais ad supplicationem como consta das cartas que tenho de Vossa Magestade.

Com esta será o papel que fis e dei a Sua Santidade sobre as razoens que Vossa Magestade tinha para não aceitar o motu proprio todas ellas são verdadeiras e todas sou eu obrigado a reprezentar a Sua Santidade e a Vossa Magestade por que não haja embaraços nem Vossa Magestade ou o Papa se queixem de mim com razão e pode ser que nem a todos advertem os que lá fallão nisto porque nem a todos toca nem a todos dá de todos. *(sic)* Porem eu a quem Vossa Magestade escreve o que he seu serviço serei infiel se não considerar tudo. Sei que não faltão pesoas graves nesse Reyno que escrevem mande as letras motu proprio a Vossa Magestade e lhe diga que se não quizer uzar dellas que as rasgue

esperando que vendo as Vossa Magestade as aceitará mas eu nem poso nem julgo convem fazer desordens contra o que Vossa Magestade expresamente me tem ordenado em materia tão grave ainda que soubese que Vossa Magestade mo não estranharia despois de feito.

A segunda couza que dizem he que eu engano a Vossa Magestade com vans esperanças me pareceo lembrar a Vossa Magestade que eu sempre dei conta a Vossa Magestade fielmente do que pasava com Sua Santidade e do que eu lhe dizia e elle a mim e do mais que soube segundo minha pouca capacidade despezas nem promessas não as fis antes podendo nas promesas pasar adiante segundo as ordens de Vossa Magestade atentei não só ao interese mas ao decoro se se chamar enganar a Vossa Magestade não dizer e persuadir com todas as rezoens aqui a alguns parecerá bem digo primeiramente que isto será pouco entender meu mas não enganar *(sic)* Porque quem dis a verdade do que passa e sente não engana eu não sou Conselheiro de Vossa Magestade. De Vossa Magestade he justo tudo ordenar o que for seu serviço se se chama engano não dizer a Vossa Magestade que Sua Santidade não quer fazer nada nem ha de fazer nada como daqui escrevem alguns Portuguezes lá Respondo que eu não poso dizer isso porque vejo que Sua Santidade está com escrupulo e mostra muito dezejo de acodir e todos me dizem que inste e que o Papa o toma bem e está inclinado a fazer o que pede a justiça e razão e seu oficio e se eu disese o contrario a Vossa Magestade sem nenhum fruto. *(sic)* Eu vejo que o Papa chora e fala nesta materia a muitos e dis que não pode estar asim e vejo que mais dependencia tinha a Igreja do Reyno de França e de Henrique 4.º e que pasarão muitos annos pedindo elle reconciliarse a Igreja sem ella o admitir era Papa Xisto 5º. muito rezoluto e pouco afeiçoado aos Hespanhoes e despois Clemente 8º. obrigado a elles o recebeo se bem despois de alguns annos. O que sei dizer a Vossa Magestade he que se não forão estes ditos e cartas pode ser estivera ja o negocio rezoluto. Porque as rezoluçoens desta Corte dependem dos accidentes e se tem esperança de com menos incomodo ou com dar menos se esperarem dilatar os negocios annos inteiros e he dictame que o Papa sempre ha de dificultar as pretençoens dos Principes para lhe dar menos e os ter dependentes e dizem que em não fazer e dilatar nunca ha tanto perigo como no apresar deixando quazi tudo ao beneficio do tempo.

Tambem dizem que nada faço nem farei e que nisto me engano e

engano a Vossa Magestade. Eu não quizera senão que os que diserem isto viesem cá com grande autoridade e muita despeza para se ver o que fazia *(sic)* eu confeço sou hum Pobre Religiozo que nem sei de rezoens de Estado nem tenho que dar nem tenho autoridade com tudo o Bispado de Ceuta esteve publicado em Consistorio por aprezentação de ElRey de Castela e se impedio com eu falar ao Papa e já mandei a Vossa Magestade o memorial que sobre isso fis e mais está ElRey de Castella de posse.

Para Etiopia se mandou o Bispo negro Dom Mateus por Vigario Apostolico, meu Antecesor fes grandes diligencias pello impedir que não fosse nomeado nem mandado e nada se alcansou. Falei ao Papa deilhe memorial temlhe revogado a ordem dada e por que lhe pudese chegar pedi segunda via que tenho em meu poder para a mandar ao Cairo aonde elle está e ninguem cuidou que isto se alcansase pois Sua Santidade mandou a Catalunha hum Bispo para fazer as funçoens episcopaes e não pode impedilo o Embaixador de França.

Agora de novo se pedião tres Bispos para Congo e que fosem a nomeação de ElRey de Castella e se fes isto com tanto segredo que primeiro foi recebido hum Capucho Castelhano por Embaixador de ElRey de Congo em prezença do Papa e Congregação de Propaganda que ninguem o soubese e logo se mandavão nomear os Bispos. Não teve mais de 24 horas de tempo fui ao Papa e a todos os Cardeais e impedio de maneira que se tem posto silencio e mandado que se não fale nisto mais e Domingo a tarde leo o Papa o meu memorial e a 2.ª feira pella manhã estava o seu Secretario em caza do Cardeal que tratava isto ordenandolhe Sua Santidade se não falase nesta materia e todos dizião que era imposivel impedirse e acresentoume o mesmo Cardeal que instase sobre os Bispos de Portugal e que acabaria este negocio e que Sua Santidade me ouvia porque via que eu lhe falava verdade com clareza.

Falei a Sua Santidade no Breve para Tributo de Goa para o sustento da Armada diseme que lhe desse a copia que o mandaria passar e porque Vossa Magestade ma não tem mandado não he pasado o Breve. Quizerão os Christãos novos sem escolha alguma ser providos nas Conezias desse Reyno estavão dispensados. Queria o Papa e a Senhora D. Olimpia o Cardeal Datario o Principe Ludovicio e outros muitos. Falei huma e outra ves ao Papa e impedio sem por isso ficar mal commigo o Papa.

Ouvese em nome do Cabido de Evora hum Breve prejudicial a Inquizição e ao serviço de Deos e negociouse com tanto segredo que pri-

meiro se expedio que eu o soubese falei ao Papa huma e outra ves e ainda que não tinha ordem de Vossa Magestade nem procura da Inquizição tem Sua Santidade remetido o memorial e he certo que se emendará se eu fizer instancia lá o tenho escrito ao Bispo Inquizidor Geral porque sem beneplacito de Vossa Magestade e da Inquizição eu não quero entrar em negocios seus e menos quando de lá escrevem a Antonio Mendes como elle me disse que o Santo Oficio teme lhe faça eu cá maos oficios mas não me conhece bem quem cuida isto de mim no que o Santo Oficio tiver razão. Nem he pouco defender e aclarar as falcidades que aqui cada dia que aqui *(sic)* se espalhão contra esse Reyno e procurar manterlhe sua reputação quando nem os Francezes me ajudão ou se dão hoje por achados nas couzas de Portugal porque tem outras aqui que lhe doem mais nem eu outra alguma ajuda humana tendo tantos que me desajudão com falcidades que cá e lá espalhão e não sem perigo das espingardadas que exprimentou o Bispo de Lamego e o eleito de Elvas e despois Nicolau Monteiro e agora em Munster Luis Pereira e ha poucos dias aqui o Governador de Roma porque dizem impedio ou falou em ir pam a Napoles e faltar em Roma se quem dis que se não fas nada e me enganão viera aqui exprimentar ou as arcabuzadas ou os enfadamentos desta Corte pode ser não disera e espero em Deos que ainda o mostrará cedo.

E porque tambem parece cuida alguem que eu faço isto ou engano a Vossa Magestade em vans esperanças por conservarme em tratar negocios ou intereses meus lembro a Vossa Magestade primeiramente que eu vim a Roma mandado dese Reyno pella Religião e que nem eu pedi nem Vossa Magestade me encomendou couza alguma de seu serviço nem a mim me veio ao pensamento tomar sobre mim este encargo. O Doutor Nicolao Monteiro me deixou os papeis de Vossa Magestade por ordem que tinha sua de os deixar a quem fosse asistente. Acertei eu de o ser e asim fiquei. Eu não levo ordenado não ei de pedir a Vossa Magestade satisfação ou sirva pouco ou muito não tenho pretenção nenhuma com Vossa Magestade para mi ou para meus parentes e he certo quis *(sic)* se eu quizera lhes pudera ter negociado graças e beneficios e isto se sabe mas nem o que vagou por Dom Bernardo de Atayde que Vossa Magestade tem dado a meu Sobrinho goza elle por eu não dizer ao Papa huma palavra e quem he tão desinteresado como isto pode fallar livremente.

Asim tenho feito a Sua Santidade com muito maior liberdade não só do que pede meu habito profição e estado mas do que ha de fazer o

maior Ministro que Vossa Magestade aqui terá tendo Embaixador nem do que falla nenhum Cardeal ou Senhor porque lhe tenho dito que he obrigado em consiencia e que se perdem as almas por sua conta e que não satisfas senão com prover em efeito e que Vossa Magestade cuida que o fas obrar a afeição de Castella e que não haja medo e que ajuda a Irlanda e não a Vossa Magestade e que ao seu Nuncio não ordena trate de meter a Vossa Magestade nas pazes e que por contemporizar com Castella perecem as almas e outras muitas liberdades que ninguem lhe ha de dizer e he milagre que ella me ouça e sofra e asim o dizem os mais prudentes desta Corte que sabem quam independente he Sua Santidade e como não quer que ninguem lhe diga couza que pareça menos respeito, e eu replico lhe huma e outra ves por palavra e por escrito porque como não pretendo graça para mim trato só do serviço de Vossa Magestade. Finalmente Senhor digo a Vossa Magestade duas couzas A primeira he que eu só quero o serviço de Vossa Magestade e que asim se Vossa Magestade acha que será mais conveniente encomendar isso a outrem me fará nisto duas grandes mercés huma prover que eu estimarei muito *(sic)* outra que eu ficarei com menos trabalho ouvindo menos ditos. A outra couza que digo a Vossa Magestade he que eu não tomo nem tomei sobre mim fazer se o serviço a Vossa Magestade deste ou daquelle modo: ahi mando a Vossa Magestade as razoens que ha sobre aceitar motu proprio Vossa Magestade tendo eu cuidado de acudir a isso me avize que eu executarei o que Vossa Magestade me ordenar.

Parece ha pouco que temer das Naus de Genova que vão a India por meio dos Ollandezes porque no primeiro porto de Espanha que tomarão lhe fugirão todos os Marinheiros que puderão de Genovezes e se sahiram seis moços que hião ver terra nem me espanto sendo as ordens que levavão mais estreitas que de huma estreita Religião. Guarde Deos a Vossa Magestade. Roma 6 de Junho de 1648.

Hum Livreiro imprimio aqui huns Misaes piquenos dedicados a Vossa Magestade com intento de que Vossa Magestade lhos fizese mandar as Indias. Podia haver algum bom concerto com algum Livreiro com que sem despeza de Vossa Magestade se lhe tomasem e o Livreiro ganharia e todas as ocazioens de fazerem os Estrangeiros semelhantes couzas são de estima. O Misal mandei já a Vossa Magestade. Sobre as couzas de propaganda escreverei outra a Vossa Magestade que importa.[1]

[1] *Copia*, fol. 236 v.

Carta d'el-Rei ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

1648—Junho 13

Padre Nuno da Cunha Eu ElRey vos envio muito saudar são tantas e tão grandes as demazias com que procedem os Cabidos deste Reyno e suas Conquistas por falta de Prelados e he de tam prejudiciaes consequencias o escandalo que os fieis Christãos recebem do governo Eclezias-tico no tempo prezente que tive por menor prejuizo na conformidade que tantas vezes me tendes escrito o temporal que pode receber o direito desta Coroa em premitir que os que tenho nomeados nos Bispados tirem por esta ves letras com clauzula motu proprio que o espiritual de deixar continuar por mais tempo tantas ofensas de Deos e atalhar o receyo de outras maiores cujo remedio posto que esteja a conta de Sua Santidade e só a minha evitar o dano da Coroa me rezolvi (não obstante ter determinado não falar mais nesta materia como vos escrevi o anno pasado) a o procurar principalmente tendo as couzas ehegado a estado na administração dos Sacramentos que para aver Oleos Santos neste Reyno e Ilhas do mar Oceano foi necesario que o Bispo meu Capellão deixase de fazer os Oficios da Somana Santa na Capella Real pellos fazer na Catedral faltando me em seu oficio nos dias mais solemnes do anno. E por o Bispo ser como sabeis doente esteve a risco o Reyno de ficar sem os Oleos sagrados couza jamais vista em Reyno Christão. Pello que se quando chegar esta carta não tiverdes alcansado confirmação dos Bispados por algum dos meios que se vos tem avizado os fareis expedir com a clauzula de motu proprio na forma que os tenho nomeados e não em outra sem mais diferença ou alteração do que se uzava mais que não se exprimir nas Bullas a minha aprezentação e por se em seo lugar a clauzula Motu proprio por esta ves somente. Porem não haveis de expedir Bullas como Ministro meu nem em meu nome ou da Coroa ou de concentimento meu mas como quem em nome dos providos tira despacho de huma graça que lhe toca nem aveis de remeter as Bullas a Sacretaria de Estado mas aos mesmos nomeados

sem lhe dizerdes que o fazeis de ordem minha mas que por entenderdes he serviço de Deos e meu dar Prelados as Igrejas ainda que seja naquela forma os expedistes expondovos ao perigo e dano de minha desgraça para com ellas procurarem aver meu consentimento para uzar dellas o que me pareceo avizarvos para estardes seguro que ainda que faça alguma demonstração que nisto me não averei por mal servido de vós.

Porem não aveis de vir nisto senão com duas condiçoens A primeira que as couzas e requerimentos de meus vassallos que tocão as ordens Militares as pensoens que posso dar nos Bispados com as mais couzas por que ordinariamente se recorre a Sé Apostolica em nome da Coroa ham de ficar correntes com advertencia que em especial se me ha de rezervar a quarta parte das pensoens que eu posso prover nos Bispados e quero dar aos Homens Nobres e Pobres deste Reyno como vos tenho avizado e sem esta rezerva não aceitareis nada. A 2.ª condição he que Sua Santidade ha de mandar logo Nuncio a este Reyno porque para remediar as necesidades espirituaes delle e suas conquistas não basta aver Prelados na forma sobredita se não ouver Nuncio que acuda a administração da Justiça ao governo das Religioens aos abuzos que se vam introduzindo que eu não posso remediar e para evitar os clamores de meus vassallos principalmente nas Conquistas que não podendo recorrer a Roma perecem sem remedio. Advertindo que o Nuncio ha de vir na forma que a Sé Apostolica costumava mandalos aos Reys de Portugal meus antepasados e se em qualquer outra maneira se mandar Ministro Apostolico a este Reyno nem eu ei de consentir que desembarque nelle nem vós o aceitareis lá.

E espero que Deos Nosso Senhor me agradecerá por outra via cortar eu tanto por meu direito e reputação contentandome com o que por muito menores cauzas fizeram sempre os Papas mandando Nuncios a Principes Hereges e Infieis só por conservar sua benevolencia e correspondencia politica com elles e com o que Sua Santidade fas com a Ilha de Irlanda ja que me não agradece procurar tanto se não perca a fé e obediencia a Igreja Romana em tantos Reynos como tem esta Coroa. Porem porque aqui se tem entendido que Sua Santidade vos vai entretendo com boas palavras adverti que isto ha de ser ate o primeiro de Dezembro deste anno de 648 em que faço nove annos de meu Reynado, porque pasado esse dia não tendes que falar mais ao Papa na materia e eu cuidarei que está vaga a cadeira de S. Pedro e que não tenho recurso a

ella e farei o que nesse cazo pede a extrema necesidade de meus vassallos e mandarei notificar a todos os Principes Christãos e ao Mundo a justificasão com que procedi e dos inconvenientes que se seguirem dará conta a Deos o Papa e quem o aconselha. Declarai o asim a Sua Santidade e aos Cardeais e avizai me por vias. Feita em Lisboa 13 de Junho de 1648.[1]

Carta d'el-Rei ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

Padre Nuno da Cunha Ainda que tinha rezoluto que se vos não respondese mais no que toca a provizão dos Bispados na conformidade da carta que vos escrevi em Junho do anno passado por aver feito para que Sua Santidade os provese mais do que era obrigado em consiencia cortando muito por minha reputação e direito do Reyno com tudo tem chegado as couzas a estado na administração dos Sacramentos *(segue como na carta anterior até* Reyno Christão *e depois continúa)* a disolução *(sic)* dos cabidos e pecados gravissimos que cada dia me fazem queixa se cometem nas Sés vagantes na administração da justiça e bens Ecleziasticos no governo das Religioens e abuzos muito prejudiciaes que me dizem se vão introduzindo e eu não posso remediar e por não deixar por fazer couza alguma pello bem ainda espiritual de meus vassallos. Por fazer este serviço a Deos Noso Senhor e por tirar ao Papa toda a ocazião de escuza para com Deos e para com os Homens rezolvi de meu poder absoluto cortar por tudo permitindo quando Sua Santidade não tenha determinado com efeito fazer me justiça que por esta ves somente não em meu nome e menos a requerimento meu mas na forma que vos parecer mais conveniente façais expedir os Bispados de que lá tendes nomeação motu proprio cada hum delles na pessoa que eu tenho nomeado e não em outra. Porem tudo isto com tal condição que Sua Santidade mande logo Nuncio a este Reyno na forma que convem para acudir as necesidades espirituaes de meus vassallos que sem isso se não podem remediar. De maneira que asim no Reyno

[1] *Copia*, fol. 232.

como em Roma fiquem as couzas correntes no tocante ao governo Ecclezíastico asim do Clero como das Ordens Millitares e Religioens e administração da justiça que tudo está perdido. Advertindo que na rezerva das pençoens e provimento dellas não aveis de ceder nada de meu direito na forma tambem que vos parecer conveniente.

Espero que Deos *(segue como na carta anterior até* o primeiro de Dezembro *e continùa)* deste anno de 1648 em que faço nove annos de meu Reynado porque pasado esse dia ei de mandar notificar a todos os Principes Christãos e ao Mundo a justificasão com que procedi e dos inconvenientes que se seguirem dará conta o Papa e quem o aconselha. Declarai o asim a Sua Santidade e a todos os Cardeais.[1]

Carta d'el-Rei ao P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia

Padre Nuno da Cunha Eu ElRey vos envio muito saudar A falta de Prelados neste Reyno o tem chegado a estado na administração dos Sacramentos *(segue como na carta de 13 de junho até* Reyno Christão *e continùa)* E posto que eu na materia de prover os Bispados tenho feito mais do que a rezão conciencia e direito do Reyno pedião como por outras vezes vos escrevi comtudo por impedir as disoluçoens e pecados gravisimos que cada dia me fazem queixa se cometem nas Seés vagantes e por não deixar pasar ocazião nenhuma de fazer o bem de meus vassallos e este serviço a Deos Noso Senhor e tirar ao Papa toda a ocazião de escuza para com Deos e para com os Homens se Sua Santidade mandar logo Nuncio a este Reyno na forma que convem para impedir os abuzos e pecados que se vão introduzindo e acudir as necesidades espirituaes de meus vasalos que sem Nuncio se não podem remediar deixo a vossa prudencia poder por esta ves somente aceitar os Bispados nomeados motu

[1] *Copia*, fol. 233.

Embora pareça que a presente carta e a que se lhe segue não passaram de rascunhos ou minutas sem effeito, e que a de 13 de junho, que as precede, foi a definitiva, não quizemos, na incerteza, deixar de imprimil-as, preferindo esta quasi duplicação a sermos taxado de omisso.

proprio: com tal condição que fiquem as couzas asim no Reyno como em Roma correntes no tocante ao governo Ecleziastico e administração da justiça e observancia das Religioens que tudo está perdido. E espero em Deos Nosso Senhor que me agradecerá cortar por meu direito *(segue conforme a dita carta até* o primeiro de Dezembro *e continúa)* deste anno de 1648 em que faço nove annos de meu Reynado porque pasado esse dia ei de mandar notificar a todos os Principes Christãos e ao Mundo a justificasão com que procedi. E dos inconvenientes que se seguirem dará conta a Deos o Papa e quem o aconselha e declaraio asim a Sua Santidade e a todos os Cardeais e avizaime por vias.[1]

Carta do P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia, a el-Rei

1648—Julho 4

Senhor. Nesta responderei a huma que recebi de Vossa Magestade de 24 de Mayo em cifra vejo tudo o que Vossa Magestade me ordena nesta materia que he mui conforme a piedade e zelo de Vossa Magestade e mais ainda o motivo que Vossa Magestade me fas merce dizer teve para asim o ordenar e como todas acçoens nella dependem da vontade e serviço de Vossa Magestade satisfarei á vontade executando na melhor forma que puder o que Vossa Magestade me ordena e a seu Real serviço e de Deos Nosso Senhor reprezentando o que julgo conveniente.

No mes pasado de Junho por vias de França e Ollanda escrevi a Vossa Magestade o que ultimamente pasara com Sua Santidade e como ficara com elle de me haver de deferir ate o dia da felis aclamação de Vossa Magestade e mandei o memorial que lhe li e deixei e juntamente huma carta em nome do Bispo Capellão mor em que relatava o estado do Reyno por falta de Bispos juntamente escrevi a Vossa Magestade como do Reyno se avizava a varias pesoas que eu tinha esta ordem que agora vejo *(sic)* e como de lá me punhão a culpa ou de se não ter obrado

[1] *Copia,* fol. 234.

mais nesta materia ou de não estar executado o em que a principio se não quis aceitar medindo as couzas pello suceso e atribuindo o não ser este qual se dezeja a eu me deixar enganar com boas esperanças e dalas em minhas cartas. De me porem a culpa me não espanto porque estou longe e não se sabe la o que ca passa. Eu sempre dei conta dizia *(sic)* obrava e ouvia e fis tudo o que pude com risco e incomodo meu grande e se me deixei enganar em palavras ou deixei de dizer tudo o que era obrigado e mais do que convinha a meu habito Vossa Magestade o pode julgar se lá ao Reyno chegarem as minhas cartas e os papeis que fis nestas materias e dei a Sua Santidade e por vias mandei a Vossa Magestade que devião de perderse. Mandesse Vossa Magestade informar e pode ser que ache que nem Embaxador nem Cardeal falou nunca a Sua Santidade tão claro nas materias que lhe tocavão.

Como a 22 de Junho falei ultimamente a Sua Santidade asim por lhe por termo a defirirme como porque eu não tenho audiencia ordinaria e os Embaxadores se as pedem fora do dia que tem cada mes as não dão facilmente e os Cardeais pasão muitos mezes sem poder aver mais que a publica do Consistorio não posso logo tratar do ajustamento que Vossa Magestade me ordena alem de que para poder fazer o que Vossa Magestade me manda e ajustar as condiçoens que se me apontão he necesario deixar com o tempo desmentir o escreverse de lá claramente aos Mercantes o que Vossa Magestade me ordena e sabendose e crendose isto não ha que esperar couza nenhuma ainda das necesarias porque esta Corte tem por estilo não se conceder ainda que se dezeja aquillo com que hum se contenta e finalmente he necesario falar não huma só ves ao Papa porque materias tão graves não se ajustão de huma ves nem em huma audiencia e tudo o com que eu me contentar ou pedir ha de parecer suspeitozo se se não levar por arte. Eu sei pouco de Politica mas para tratar aqui negocio não basta a das outras Cortes nem ao longe se pode ver ou dizer tudo. Porem ate o primeiro de Dezembro estarão as couzas ajustadas na forma que Vossa Magestade me ordena no melhor modo posivel.

No que toca ao serviço de Vossa Magestade reprezento em primeiro lugar a Vossa Magestade que he necesario avizar do que hei de fazer acerca das pensoens dos Bispados porque nesta forma de Provizão não entram como ja avizei a Vossa Magestade apontando outras couzas de que agora ja não trato. Em 2.º lugar reprezento a Vossa Magestade que os Bispados Ultramarinos tem mais necesidade de ser providos que os do Reyno es-

tão mais longe tem mais almas a sua conta tem menos quem acuda e se doa dellas alem de que não se provendo fica sendo o mesmo escrupulo e maior o risco de Sua Santidade se acabar de rezolver a provel os por sua via ou dar lhe administradores pois não ha rezão nenhuma para se admitir a provizão de huns asim e de outros asim e ver se ha Vossa Magestade em grandisimos embaraços e ocazioens de quebrar com Sua Santidade se o quizer impedir.

Ultimamente reprezento a Vossa Magestade que *(sic)* o qual teve este avizo mais de hum mes primeiro que eu me dis rezolutamente que ainda que me venhão sobre isto ordens apertadas as não execute sem elle ter resposta de Vossa Magestade do que sobre isto tem escrito ha mais de hum mes e que asim m o ordena com palavras mais apertadas. De todas estas couzas pode vir resposta em mais de quatro mezes que vão daqui ao termo que tenho asentado e asim se podera fazer tudo como Vossa Magestade ordenar na conformidade que convier a seu Real serviço que eu executarei pontualmente em qualquer maneira que for o que se me ordenar porque não tenho outro intento nem utilidade que o serviço de Deos e de Vossa Magestade e não faltar a minha obrigação que se fora pello interese meu não era piqueno acabar hoje este negocio como quer que fosse porem nem huma nem outra couza quero tomar sobre mim mais que o gosto e trabalho de servir a Vossa Magestade. Deos guarde a Vossa Magestade. Roma 4 de Julho de 1648.[1]

Carta do P.e Nuno da Cunha, Assistente da Companhia, a el-Rei

1648 — Agosto 1

Senhor. Parece me sou obrigado dizer a Vossa Magestade o dano que recebe o Reyno no temporal tam concideravel com o crecimento dos cambios que cada dia vão levantando mais os mercantes tirando a substancia do Reyno. Eu não trato de virem ou não virem tantos requeren-

[1] *Copia*, fol. 240 v.

tes a Roma porque disto ja dise a Vossa Magestade o inconveniente que era neste tempo. Saem se do Reyno quando alguns servem mais para as Fronteiras que para as Igrejas trazem reverendas ainda o *(sic)* que não sabemos se são habeis ou sabendo o não sam trazem o dinheiro e comprão tudo e sendo asim que Sua Santidade nisto he *(sic)* e fas esquizitar deligencias comtudo quem quer comprar sempre acha que lhe venda *(sic)* e era melhor estarem os beneficios vagos como estão os Bispados que serem mal providos e sobre tudo porque mais que eu diga ou se digo *(sic)* que está prohibido virem pretendentes e que se ha de prohibir vir ca dinheiro a experiencia cada dia mostra mais o contrario e não he proveitozo para o serviço de Vossa Magestade isto não tira averem de vir os pobres dispensantes e algum outro que tiver justa cauza.

Aqui ouvi praticar a pessoa de bom zello que Vossa Magestade poderia converter este exceso dos cambios e dano de seus Vasallos em utilidade dos mesmos Vassallos *(sic)* de sua fazenda em huma de duas maneiras ou tendo huma feitoria em Liorne ou em Genova aonde mandase vir como antigamente fazião os Senhores Reys de Portugal as suas drogas e fazendas e o dinheiro que dellas se fizese que sem gastos alguns se passa a Roma mandalo dar com ganho moderado a seus Vassallos prohibindolhe que o não possão tomar doutrem senão pello mesmo preço e fazendo a Vossa Magestade as obrigaçoens e ao seu Feitor as obrigaçoens que fazem aos mercantes com isto teria Vossa Magestade o avanço das mercadorias que tem os mercantes que as trazem ca e o ganho do interese do dinheiro e este fica todo no Reyno e não fica em Roma aos Estrangeiros os Vassallos ficão remediados com ventagem grande. Eu entendo pouco destas materias mas esta me pareceo de concideração para avizar a Vossa Magestade do que ouvi. Guarde Deos a Vossa Magestade. Roma 1 de Agosto de 1648.[1]

[1] *Copia*, fol. 241 v.

Estes sete documentos são copiados de um livro de miscellaneas mss. que tem por titulo «Collecção de varios papeis curiosos de varia epocha e assumpto», *e que actualmente pertence ao Director d'esta publicação.*

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1655)—Novembro 25 [1]

Do mar da Liguria dei conta a Vossa Magestade das cauzas que me obrigarão a dilatar e apressar a minha viagem, o bom successo que ate li havia tido; nesta direi como me acompanhou ate dentro de Roma, donde ha trez dias que sou chegado sam e salvo a Deos graças; e porque naquella carta que acuzo levava algũas couzas dinas de chegarem a noticia de Vossa Magestade repetirei nesta os pontos mais necessarios. Dizia a Vossa Magestade como me não ficara deligencia por fazer por ver se podia haver audiencia do Cardeal antes e depois das delRey, e da Raynha; esperei tanto que estive a risco de me ser a jornada demasiadamente dificultosa se Deos não acudira com hum tempo tal, que se não lembravão os homes de outro semelhante na duração; dezenganado com as expulsas expressas, e tacitas do Cardeal, que chegarão a ser com nota publica de pouca civilidade, tratei de dar comprimento as ordens de Vossa Magestade apressando a jornada assi pelo tempo ser já entrado como pelos avizos que desta Curia tinha recebido excepto o do Protector, que sempre foi constante no voto de que não viesse Embaxador, e como este tinha suspeição legitima, fui me com os mais desinteressados; ajuntava ce a isto haver eu visto o Nuncio poucos dias antes da minha partida, e fazendo lhe a saber como vinha a esta Curia me aprovou a missão e acrecentou que dissece ao Papa o modo com que elle se ouvera comigo naquella comissão, de que já tenho dado conta a Vossa Magestade, e o que mais foi (couza incrivel para os Ministros assi Francezes, como de Principes estrangeiros) veyo me visitar a minha propria estancia; de que os politicos tirarão não poder ser sem ordem expressa do Pontifice, e mais os que souberão de certo que Sua Santidade lhe mandara perguntar se era verdade que hia eu aquella Curia.

[1] *Data de mez e dia a um canto da primeira pagina por lettra egual á da carta. O mesmo em todas as outras cartas, menos nas de fol. 3 v., 29, 45, 49, 56 e 62, que a teem egualmente de anno, e na de fol. 26, em que não ha nenhuma.*

Negarão me os Ministros de França pedirem hũa gale a Republica de Genova para a passaje fazendo grandes sacramentos do bem que servião a Vossa Magestade em o não fazerem, que como tam castelhanos, mais danarião do que aproveitarião; não foi assi Lazaro Espinola Embaxador que foi naquella Corte, com quem professei amizade, pois a hũa carta minha escrita ao Senado por concelho seu me veio por reposta a Gale que me pos em Palos castelo do Duque de Braciano donde parti tanto que me chegou a carruagem, que seria pella meya noite, e entrei em Roma pellas sete, o que me dizem contentou muito ao Papa, por evitar eu acompanhamento, que era grande o que estava aparelhado para o dia seguinte; resolvi me que não convinha aguardar em outra parte ainda na incerteza de se me receberia o Papa, assi porque não estava seguro em nenhum outro lugar de Italia, como tambem porque he necessario ir entrando com pes de lan, e não a saltos, que o sentirão os Hespanhoes.

No mesmo dia que cheguei a noite me veio vizitar o Cardeal Orsino (contra o estilo, que he de não vizitarem nem a Embaxador sem serem primeiro vizitados). Tinha eu sabido que elle e o Rezidente de França me davão em culpa nomear me por Embaxador, e juntamente ter caza grande que aprovava *(sic)* sendo que havia de entrar como fidalgo particular, para com facilidade falar ao Papa, e poder negocear. Satisfiz ao Cardeal com lhe dizer que era nomeado Embaxador por Vossa Magestade, e que só no cazo que me prometecem melhor successo me apearia, que seria facil pois ate então não tinha feito função algũa de Embaxador; que ter caza luzida bem pudia ser sem *(?)* a dinidade pois tinha o exemplo dos fidalgos Portuguezes que aqui estavão, que sendo filhos familias a tinhão tam boa como a minha. Assentado que seria melhor não me nomear por então Embaxador, passamos ao modo que teriamos para eu falar ao Papa; disse me que não sendo Embaxador devia eu ir em pessoa ao Mestre de Camara na antecamara do Papa, pedir lhe audiencia, e que lhe parecia que ao primeiro dia a não teria, mas que ao segundo não duvidava e que avia de falar de joelhos; tornei lhe que era couza dura decer eu tantos degraos, sendo na realidade Embaxador como lhe constava ao mesmo Papa, cujo titolo encobria assi por saber levava d isto gosto, como porque me asseguravão era a melhor via de negocear; que se Sua Santidade não achace hũa melhor *(?)* para comigo, ate não avizar a Vossa Magestade não inovaria nada. Com poucas palavras mais nos despedimos, julgando o por homem candido, e que tirando lhe os pecados da omissão,

servira mui bem a Vossa Magestade para o que tratarei de o esporear, que he o de que necessita.

Tornei lhe a visita e disse lhe, que quanto mais cuidava na materia, tanto mais me resolvia a não admitir aquella forma que me tinha proposto, e que se não avia outra, que sem avizo de Vossa Magestade a não aceitaria; mas porque se me não culpace não querer falar a Sua Santidade como se culpou ao Bispo de Lamego lhe pedi dicesse de minha parte ao Papa que eu lhe queria falar como homem particular, mas que não havia de permitir Sua Santidade que fosse sem me assinalar dia, e sem me dar ao menos aquelle trato que da a Monsieur de Lione (que he passeando dar lhe audiencia) ficou comigo que no dia seguinte lh o diria, porque lhe hia por a estola, achando me já justiça no requerimento. Imagino nos averemos bem; fes me regalo de dous cavalos, e eu lhe dei dous galgos, que expressamente trouxe para elle, e sei foi o maior prezente que lhe podia fazer.

Entretanto mandei vizitar Saquete, pedindo lhe licença para o ver e levar lhe hũa carta que para elle tinha de Vossa Magestade; respondeu me com grandes comprimentos, que fosse mui bem vindo, que esperava não saisse infructifero o meu trabalho, pois era por hũa cauza tam justa e pia de hum Rey possuidor de quinze annos, que estivece certo que manus domini erat cum illo, e porque elle queria sem rezão de suspeita ser me companheiro nas deligencias me pedia deferice a vizita para quando não pudece danar, que esperava em Deos seria sedo.

Peloto me tem mandado muitos recados lembrando ce do compadrasgo, que contrahimos nessa cidade, não sei o que fará.

Vizitey Biche (que he o que positivamente pos ao Papa na cadeira de S. Pedro) fes me grande festa, e deu me vivissimas esperanças de bom successo, disse me viera a bom tempo, que fora mui acertada a missão, que tinha hum Pontifice de justiça, que a não havia de negar a quem a tinha tam clara; que elle não faltaria a ajudar me a nomeação e que deixe algum Bispado grande e pençois para Cardeais, e advertir me tudo o em que pudece; que Sua Santidade a vos de que vinha Embaxador de Portugal despachara hum correo haveria 20 dias a Madrid com avizo de que já não podia mais diferir e dar Bispos aquelle Reyno, e que lh o fazia a saber, porque se persuadia que Sua Magestade Catolica estaria no mesmo sentimento; sei tera Vossa Magestade disto avizo, e que não falta quem o queira prefilhar as *(sic)* suas deligencias; sem embargo do correio não

partir senão depois de eu estar em Italia eu lho concedo, porque não trato da gloria propria, senão da utilidade do Reyno, e do servtço de Vossa Magestade. Tambem me disse o Cardeal, que não tinha rezão o Protector no modo de audiencia, que por minha pessoa, e cargos por que havia passado, me daria Sua Santidade diferente tratamento do que elle dizia.

Os Cardeais neutrais todos querem comigo comonicação; comesso a vizitalos, em que não vou a perder nada porque não ha precedencias, e nenhum delles me nega o tratamento de Embaxador, todos me aconcelharão, e aprovarão depois esta ambiguidade do titulo *(?)*, em nada o tenho deminuido que prejudique a authoridade real.

Suposto que pareça sedo, não posso deixar de dizer a Vossa Magestade, que sem embargo da instrução, justificandome porem com a ultima condição della, não me ha de ficar por deligenciar a aceitação dos Bispos preconizados, porque acho pouca rezão neste Papa para insistir nisso, não sendo elle o nomeador, e muito danno a regalia de Vossa Magestade, se dahi quizesem chamarce a posse; e assi o hei de deixar para o ultimo desengano.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1655)—Dezembro 8

A 25 do passado tres dias depois de minha chegada a esta curia escrevi a Vossa Magestade por via de Liorne; entre as couzas de que fazia avizo a Vossa Magestade era hũa dellas o recado que tinha mandado a Sua Santidade pello Cardeal Protector, e porque me dizem alcansara esta carta o navio quero ajuntar a reposta que foi:

Que me queria falar, e ouvir de mui boa vontade, que por ora não seria como Embaxador, porem que como a Enviado (insinuando tacitamente que me daria o trato de Monsieur Lione) acrecentando que me

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 1.

dissece de sua parte, que quanto a seguridade da pessoa elle ficava por fiador, e tomava a seu cargo o responder pello menor disabor que se me fizece; que falasse o Cardeal ao Mestre de Camara, e que o dia que entre si acentacem me assinacem pelo da audiencia.[1] Falou o Protector e discorrendo pelos que faltavão desta somana acharão serem todos impedidos, com que a deferirão para o principio da que entra. Ex aqui Senhor o estado em que me deixa esta carta; não sei se me condenarão esta inovação, sendo que não fui mais que mero executor porque o concelho foi de todos os beneafectos a Portugal, e de todos os que dezejão o bom successo a esta missão, que a tem posto por raia para as materias de Portugal.[2] Considerei tambem para me haver de conformar com o voto dos mais, o entender que este negoceo havia de ser todo da conciencia, porque politica e respeitos pezão mais os de Castella; e então julgei por mais conveniente tratar de fazer penetrar ao Papa fosse qual fosse o titulo do informante aquellas circunstancias que o aggravavão mais; que verdadeiramente, Senhor, que quando não cahicem *(sic)* sobre os hombros de Sua Santidade outro encargo maior que os desmanchos que os frades obrão nesta Curia, por falta de collector nesse Reyno, que tinha muito de que dar conta a Deos, que he tanto o que tenho ouvido nestes poucos dias que aqui assisto, que me assombra a memoria; não falo nos que procedem como honrados, e como devem as suas calidades; entre os exetuados sou obrigado a nomear o Padre Pedro de Valadares porque he tal a exaggeração com que todos falão de sua modestia e custumes nemine discrepante, que lhe seria devedor se lho não fizece saber a Vossa Magestade; e mostralo ei melhor no que direi mais abaixo. Tambem dizia naquella carta que acuzo como não sabia ainda a tenção do Cardeal meu compadre, a reposta foi quasi aquella mesma do Cardeal Sachete (premita Deos seja a tenção a mesma) acrecentando que para os Portuguezes estava avaliado por Castelhano, não havendo nelle acção com que lho pudecem provar, que tudo nacera dos Ministros que ca vierão, dos quais elle nunqua se quizera fiar porque não caminhavão com aquella circunspecção que materia de tanta importancia pedia, efeito da pouca experiencia, que como fiava da minha mais, veria eu tudo pelo contrario, que me fazia a saber

[1] *Nesta altura tem na margem da pagina o seguinte, que não sabemos se faz parte da carta, e, fazendo-o, onde é o seu logar n'ella:* mandei perguntar ao Papa como queria que andace. Condestable *(?)* colona.

[2] *Aqui está na margem da pagina* nesta Curia *que ignoramos onde deve entrar.*

que erão poucos os que podião entrar na Congregação de Portugal, porque Sachette havia de ter suspeição dos Castelhanos, e que pella neutralidade, que elle sabe concervar, e os Portuguezes lhe quizerão imputar, havia de ser hum dos nomeados que passassem, que então pello que eu veria, dezenganaria a Vossa Magestade, e a seus Ministros; que me não fiasse de Jesuita nenhum, excetuando porem o Padre Pedro de Valadares, que so delle podia ter inteira confiança; he este padre geralmente bem visto de todos os prelados; elle desfes algũas desconfianças, que o Protector tinha de minha pessoa, causadas de mexericos, agora vera Vossa Magestade como não sou pertinaz nas opiniões, tive a diferente delle, pelas informações assi o avizei a Vossa Magestade, vejo agora o contrario, e como trato so da verdade e do serviço de Vossa Magestade, não me peza desdizerme quando hũa couza e outra me obriga a fazelo.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1656—Janeiro 14

Senhor—Receby nesta posta de França carta do Padre frei Domingos do Rosario, e com ella os despachos de Vossa Magestade; cauzou me dous sentimentos, foi o primeiro o confirmar me na desesperação com que sahi daquella Corte, do pouco que se podia esperar da inconstancia e pouca fe daquelles Ministros, e principalmente trazendo frustrado o intento que bem que para o decoro e reputação das Coroas estava capitulada a liga em melhor forma; comtudo sabia eu com toda a ciencia moral que se podia ter da materia que a não havião de aceitar; muitas vezes por conversação a propus ora ao Cardeal ora ao Conde de Brianna, e nem hum nem outro deixou de me rechaçar o alvitre outras tantas; querem dinheiro, e mais dinheiro, e do modo pertinas com que insistirão nos pagamentos estando de acordo em tudo mais, se ve claramente que a tenção he mais de embolçar, que de damnejar ao inimigo. Frei Domingos me

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 2 v.

diz que não sabe como pude soportar o trato daquelles homens tanto tempo; he muito pouco o que ha que elle esta em Paris para o julgar; espero em Deos que me va elle canonizar a Portugal por Marter, ja que da minha pouca fortuna não posso esperar que por tam servidor de Vossa Magestade. O segundo sentimento he de me não acharem naquella Corte as ordens de Vossa Magestade, que ainda que as que trouxe o Padre Dom Camillo me derão campo para a resolução que tomei (de que me não tenho ainda arrependido) são tam apertadas as ordens dos Reys, que quaisquer longes de transgressão bastão para culpar qualquer Ministro, o que suposto ainda que daquella mesma Corte dei conta a Vossa Magestade da minha jornada, e dos motivos della, e otrosi o fiz tanbem dos mares de Italia, e depois de minha chegada a Roma por duas vias resumirei nesta as cauzas porque parti, porque entrei e porque tenho obrado diferentemente do que contem estas ordens de Vossa Magestade que agora receby. Sahi me de Paris sem esperança algũa de se poder negocear naquella sezão com aquella Coroa; fiz todas as deligencias possiveis, e o fruto de cada hũa dellas era hum desengano; e tanto os repetirão, por me eu fazer desentendido, que chegarão a faltar a boa correspondencia, que se devia a hum Ministro de Vossa Magestade, com que me vim a persuadir, que não so era inutil a minha assistencia, por não haver negoceo, mas que havendo o poderia a minha pessoa mais retardalo que adiantalo. Sou mal visto daquelles Ministros alleguen elles as rezões que quizerem, que para mi não tem otra mais que ser eu so de quem não receberão hũa ves de agoa, sendo o que mais demora fes naquella Corte. Como não posso estar sem trabalhar ao menos por adiantar o serviço de Vossa Magestade e ali não poder ser pelas considerações que digo, voltei a cara a jornada de Roma para donde me chamavão todos os avizos que daquella Curia recebia, e as peranças *(sic)* que prometia hum Pontifice avaliado não menos que por santo. Comessava a entrar o inverno, qualquer dilação me podia de todo impossibilitar o caminho, e juntamente sem esperança de avançar aquelle retardar este negoceo; pezadas estas considerações parti de Paris, e continuei a viagem ate Marselha adonde achando hũa gale com que me acudio a Republica de Genova tomei porto em Palos castelo do Duque de Braciano seis legoas distantes da Curia Romana; dali sahi logo pela meya noite e entrei pelas nove do dia com meus criados aparelhados para todo o accidente; pareseu me isto o mais acertado assi porque para estar siguro não podia haver lugar que o fosse mais que

Roma, como porque me parecia demasiado rigor o que se uzace com o novo Pontifice, querer, que no *(sic)* recebece a primeira nova da minha chegada, que ao menos para satisfazer com ambas as partes havia de mostrar ce erresoluto, e ainda quando acentace receber nos logo o não havia de fazer sem primeiro se declarar com elRey d Espanha; alem de que Senhor a meu juizo esta he a ultima deligencia que Vossa Magestade ha de fazer com a Sede Apostolica rezão he logo tentar todos os caminhos suaves que se nos oferecerem. Sabia eu que o Papa tinha ja entendida a minha vinda, e que dezejava que fosse não como Embaxador, para que sem embaraço comessace a tratar comigo, concelhara me *(sic)* todos que o devia assi fazer, porque se se negoceace recebido Embaxador pouco ou nada tinhamos perdido, e se o não fosse menor mal fazia a repulça a hum particular, que a hum Embaxador. Calificou a experiencia todo este discurço. Falei ao Papa, que me recebeo com toda afabilidade, e me despedio cheo de boas esperanças; sigurou me o poder andar por Roma sem receo algum; tem mando *(sic)* dous correios a Madrid sobre as couzas de Portugal apertando o quanto pode, conforme me disse o Cardeal Bichi. Nem contra isto fas *(sic)* as novas do Cardeal Orsino, que foi o unico que achei contra a opinião comua, porem como ha causa legitima para ser suspeito, não lhe admeti o voto; he certo Senhor que o Cardeal não quer Embaxador, e que se se executara a ordem de Vossa Magestade elle fizera com que o secretario se voltace com a negativa o mais depressa que pudece; e o que diz de que Sua Santidade dava a entender, que Embaxador não receberia por ser couza temporão, a que não era obrigado, salva pace tanti viri, parece me seu, porque a nenhum outro o ouvi, e elle não tem tanta entrada, que com elle so se abrisse Sua Santidade. Logo que chegei me disse a mi quazi o mesmo de que Bispos se darião logo, porem que recepção de Embaxador não era praticavel, a que lhe tornei que a ensacar *(sic)* isto vinha que se Sua Santidade se não resolvece a fazer justiça depois de tentados todos os meyos eu me sahiria de Roma, donde não entraria Ministro outro algum de Vossa Magestade, e que nem Protector havia de ter. Ficou hum pouco suspenso, e nunca mais trouxe semelhante pratica; e sempre eu fora de parecer que Vossa Magestade lhe dese a entender que oje o seu requerimento era da recepção do seu Embaxador, que a obrigação de dar Bispos a Portugal incumbia ao Papa, e que Vossa Magestade os propunha como sequela do reconhecimento; não tirara isto a eu os receber quando não tenha outro remedio, mas fara a

que o Protector se não pegue a hũa so couza e Vossa Magestade se não mostre sentido de se lhe negar o que se lhe deve por tam justos titulos; espero eu em Deos que antes da reposta desta tenha eu conseguido hũa couza e outra, e que não serão necessarias estas deligencias. Orsino Senhor he mais dependente do Papa, que de Vossa Magestade; não he elle o que ha de fazer aquella ultima deligencia, nem convinha que fosse senão hum Ministro vindo espresso so a esse efeito; se vier o cazo, o que Deos não permita fie Vossa Magestade de mi que o saberey dizer ao mesmo Papa cara a cara.

Em hum daquelles despachos foi Vossa Magestade servido conformarce com o meu parecer de se não haver de fazer embaxada de obediencia; e posto que assi o entendi, com tudo segundo as ordens de Vossa Magestade publiquei o contrario, e não me parecia oje peor a opinião pelas considerações que Vossa Magestade fas naquella mesma carta; pareciame a mi que se podia tomar hũa media via; que visto eu estar ja ca se escuzace aquella entrada solenne, para o que havia eu de tornar a sair, porem não os outros gastos, que sempre hão de ser necessarios; ponha nos Deos a isto que cuido sempre farey o que for mais do serviço de Vossa Magestade.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Maio 18

Por via de Livorne, e pella de França lhe dei a Vossa Magestade conta do estado em que ultimamente ficava o negoceo da minha missão; e porque nesse mesmo tempo se partio o Papa para Castel Gandolfo, ate sua vinda que sera vespora da ascenção não tenho de que avizar a Vossa Magestade, muito si de que me lamentar, porque metendo sesenta e quatro annos doentes, e cansados ja do continuo trabalho e incomodidades de trezentas legoas de caminhos, desprezando o risco, que com repetidas

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 3 v.

cartas me fazião inevitavel, so pelo zelo do serviço do meu Rey, e da minha patria; e sendo este so o fim porque me vou dilatando, esperando com a paciencia vencer as dificuldades que ao Papa se lhe reprezentaram não faltão calumniadores que me imputem a crime capital o não me sahir da Curia, dizendo que folgo de estar em Roma, e que por essa rezão me não enfastio das demoras com que me vão entretendo, podendo haver conjecturado dellas a impossibilidade da minha recepção (assi o dezejão estes porque seus interesses particulares caminhão melhor sem Embaxador). Eu Senhor nem asseguro nem desespero, e como a politica ensina ser a negoceação mais propria para os cazos dificultozos, vou trabalhando no que posso; porque não conjeturarey mais piamente de hum Pontifice, que ategora não tem desmerecido a boa opinião com que foi exaltado ao Pontificado; porque esperarey mais delle hũa acção vituperada de todas as nações politicas, do que hũa tam justificada; seria ofender ou a sua integridade, ou as rezões de Vossa Magestade. Não falta tambem quem della escreva ser contra a reputação o haver falado privadamente. Henrique 4° hum dos mais briosos Monarchas entre os repetidos embaxares *(sic)* que mandou ao Papa foi hum o Duque de Nevers, e mandandolhe ao caminho Clemente 8° o P. Antonio Possenino Jesuita, que se detivece e não entrace em Roma, fes suas instancias ate que o mandarão chamar, e ultimamente falou ao Papa não como Embaxador, senão como homem privado, e veyo por este meyo a encaminhar o negoceo ao fim dezejado; e achão Senhor estes mesmos que he mais decorozo o dizer publicamente o Cardeal Protector, que he Vossa Magestade tam pio, que se contentara so com Bispos, inda que lhe não recebão seu Embaxador; disera eu Senhor que fizece Vossa Magestade todas as summisoes possiveis, e quando ellas e os meresimentos da couza não bastem, então serão mais justificados todos os resentimentos, e precisamente necessarios para a reputação.

Aqui se afirma por certo estarem lançadas as vistas dos Reys para Outubro, que sera em Bayona donde se tratàra da pas, a mi me disse hum dia destes o Rezidente de França vindo me vizitar, que seu Rey tinha hũa nova queixa contra o Papa, que vinha a ser haver mandado hum breve aos Bispos em que os exhortava a persuadirem a elRey a concluzão da pas *(?)* acrecentando..... mui bem que os Ministros o *(?)* desuadião estando..... nada a elle *(?)*.

Esta he Senhor o em que hoje havemos de trabalhar mais; eu não

sesarey de me ajudar da piedade do Pontifice, mostrando lhe quam contrario sera a ella, e ainda a quietação universal que elle sulicite a Christandade, o não fazer com que sejamos incluidos nella; e cuido eu que se o não alcansarmos aqui, que de França não temos muito que esperar, bom sera com tudo fazer as deligencias em todas as partes.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Junho 3

Foi Vossa Magestade servido mandar me aprovar em carta de 17 de Março tudo o que nesta missão tinha obrado sem embargo de haver sido contra as ordens, e com palavras tam honrosas, e favores tam pouco ordinarios (principalmente em mi) que lhe bejo a Vossa Magestade a mão por merce tam grande; assegurando a Vossa Magestade que na minha estimação excede todo o poder real, porque me destruirão o desgosto com que vivia, de não acertar no serviço de Vossa Magestade, não sendo o meu trabalho nem o meu desejo a outro fim, e espero me restituão a saude, que a melancolia de servir sem aprovação me tinha estragada; e porque Vossa Magestade veja que me não contento da gloria de haver acertado com a mancha de haver faltado nas ordens, sera Vossa Magestade servido de mandar cotejar a instrucção, que o Padre Dom Camillo me trouxe, com as minhas cartas, e então vera Vossa Magestade se as condições, que aquella traxia, e as rezões, deligencias, e repostas, que nestas insinuava haver feito e recebido, me davão largo tempo para a resolução que tomei dentro dos termos da instrucção.

Do que tem resultado tenho dado largas noticias a Vossa Magestade, e ainda que me consta se perderão muitas cartas, mandei duplicados por França, com que algũa das vias ha de haver chegado as mãos de Vossa Magestade. Ultimamente fazia avizo do recado que tive de Sua Santidade, e como no mesmo tempo se partira para Castel Gandolfo, de donde ha oito

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 5.

dias que chegou, anticipando ce ao que determinava por rezão da peste que arde em Napoles, que como esta tam vizinha he necessario toda a deligencia para se guardar esta cidade. Estas ocupações, juntas a brevidade do tempo, imagino forão cauza de me não haver dado audiencia, como me deixou prometido antes da sua partida, para logo que voltace. Roma que toda he discurciva, e que a força de ingenho os mais graves, e mais ocultos negocios do mundo preve muito antes que se reprezentem a vista, tem a minha receção por infalivel, e das mesmas demoras tira argumentos para ella; eu Senhor não me atrevo a tanto, mas ousarei afirmar que o Pontifice sabe, e conhece a justiça de Vossa Magestade, que he avaliado por rectissimo, cuja opinião cada instante crece, e o seu intento ao que mostra, he fazer prevalecer as maximas sperituaes as temporaes; se isto he bastante conjectura para tirar hũa esperança bem fundada Vossa Magestade o julgue, que eu confesso de mi que me deixo levar della, não de tal sorte porem, que não entenda quão fragil seja a condição humana, e quam pouco baste para se perverterem os mais santos propositos, e para se o cazo vier, do que Deos nos livre, serei sempre de parecer que Vossa Magestade me prefina *(?)* tempo ao requerimento, deixando me sempre porem caminho a eu poder estender se vir que pode ser util, e com ordem para aquellas demonstrações, que o sentimento da continuação de tantas semjustiças a vozes esta pedindo, porque Senhor muitas vezes no seculo nos vem a ser nociva a demasiada piedade; he tempo de resolução ganhando ate onde chegar o poder dentro dos limites de Rey Catholico; firmissimamente espero que não sera necessario, porem bom he aparelhar para toda a fortuna.

As pazes não estão tam adiantadas como la se imagina; as desconfianças da França contra o Papa cada dia crecem, com que me venho a persuadir que ou se não tratara da pas, ou França a querera fazer suo Marte, sem permitir a intervenção do Pontifice, e para la cuido que caminha o lançarem as vistas para Bayona; o que se for he certo que não quererem *(sic)* concluir acordo, e a esse fim são todas estas carrancas, com que me parece intempestiva a missão; e inda para o cazo que se comesar *(sic)* a tratar da pas, fora eu de parecer que estudacemos algum caminho, para que nos não sucedece o que em Munster; eu não cessarei de fazer as deligencias que puder aqui, e se me parecer necessario mandar como Vossa Magestade me ordena a França, ou ao lugar do congresso, de que não ha toda *(?)* certeza o farey.

Tam longe estou de mauales de Fradres *(sic)* para materias de negoceo, que alem de ser contra o meu genio, elles me tem quasi impossibilitado o poder tratalos tendo ce amotinado contra mi por haver reprezentado a Sua Santidade no papel, que lhe dei, que de não haver Nuncio em Portugal nacia virem a esta Curia tantos religiosos, vivendo muitos delles com o escandolo, que era notorio; e excetuando eu muitos que viviam como devião, todos quizerão entrar na regra geral, e nenhum na exceição, com que me comessarão a fiscalizar as acções, e ainda a alevantarme figura; o certo he que tudo danão.

Ao Cardeal Orsino mostrei hum capitolo da instrucção de Vossa Magestade em que me ordena, que ainda no cazo que me dem Bispos, assi, e da maneira que Vossa Magestade os pede, não desista da pretenção de ser reconhecido por via de seu Embaxador; e sendo elle ate gora de opinião, que se não falace em tal, que era materia impraticavel obrou tanto a ordem, que tres vezes, que depois disso nos vimos, me dise que era necessario comessar o requerimento na receção, e he isto ja tam acentado entre todos, que ninguem duvida que seja inseparavel por militar a rezão da duvida igualmente em hũa cousa e outra, e que teve suas desconfianças, e eu as minhas; satisfislhe aquellas de que se elle deu por contente, e eu por desentendido destas.

As cartas de Malta remeti logo, não tive noticia ate gora de que seja es....ido o Priorado, nem a podia haver; as mais deligencias guardo fazer *(sic)* ao tempo assinalado por Vossa Magestade, entre ellas as dos capuchinhos missionarios, de que Vossa Magestade perca o cuidado, porque eu saberey mostrar quantas obras de supernegação fez Vossa Magestade em obsequio da propaganda fide; e eu cuido que o conhecerão elles assi, porque depois da confisão de Frei João Francisco de Roma não poderia aver queixa justificada contra Vossa Magestade, e seus menistros se não premitissem a extrangeiro algum a passagem.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 6.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Junho 12

Em hum capitulo de hũa carta de 3 do corrente fazia avizo a Vossa Magestade como ficava amotinada a maior parte dos frades contra mi por rezão de haverem lido no meu papel, que dei a Sua Santidade, que de não haver Ministro Apostolico nesse reyno nassia virem muitos religiosos a esta Curia com dispendio grande da fazenda dos conventos, e o que peor era que com a ocazião de sahirem fora todas as vezes que querião vivião muitos com aquelle escandalo, que a todos era manifesto, pelos cazos que tinhão succedido; e porque a insolencia passou a mais pareceu me dar conta a Vossa Magestade nesta carta particular do que foi, de quem acho culpado, do que comesso a obrar, e do dano que pode fazer ao serviço de Vossa Magestade pelas circunstancias e tempo para que consideradas Vossa Magestade mande resolver nisso o que convier mais a seu real serviço, que a mi não me toca mais que relatar e dizer o meu sentimento.

Quem mais se deu por ofendido foi frei João Riscado religioso do Carmo que havia sido antes Jesuita, e pudera eu dalo a conhecer por outras qualidades se o meu natural não fora mais de incobrir defeitos, que publicalos; chegou me a queixa que fazia, e fis eu com que se lhe respondece que excetuava muitos, e que cada hum delles podia presumir de si viver de sorte, que se tivece por excetuado; que o meu intento não era dizer mal delles mas mostrar ao Papa quantos desmanchos se seguião, e que elle era obrigado obviar; mas como elle buscava pretesto para fazer mal ao serviço de Vossa Magestade e a mi não se dando por satisfeito publicou hũa escritura que intitulou reposta ao papel do Embaxador de Portugal, e não havendo sahido nenhũa, nem dos mesmos Castelhanos, e saberce juntamente que o author era Portugues, comprobou hum axioma, que os Castelhanos trazem ordinariamente, e tratão de o persuadir nesta Curia, que vem a ser, que os mais dos Portuguezes estão violentados, e que dezejão tornar ao dominio de Castella, que bem se ve dos que aqui

assistem que são afectos a Castela falão contra o Rey e o Reyno com poco respeito: o principal ponto do papel era responder ao dos frades, em sustancia hũa satira contra a minha pessoa, e domesticos, metendo hainda aquelles, que fora della *(sic)* conhecia por bem affectos ao serviço de Vossa Magestade, como são os padres Ribarola, e Dom Camillo, fis deligencia pella escritura, e pelo autor, todos era riscado, que era fora *(sic)* o que o dera a lus; e probou ce mais, porque hũa das testemunhas, que sem figura de juizo perguntei, dando o a elle por author, dizia de mais, que no dia seguinte depois de lh o haver comonicado, e saber que eu lhe andava no alcanse lhe havia ido a rogar e por se lhe de joelhos, que o não quizese dar por author, porque era perdelo; ultimamente lhe mandei dizer que hum papel que elle lera a fulano e fulano m o mandace, e juntamente dizer de donde o ouvera; ficou fora de si, e sem saber responder largo espasso de tempo no fim d elle rematou com a negativa, com o que o dei por convencido; e trato com o Cardeal Protector que o fassa ir para esse reyno, para o que elle mesmo se offereceo; Vossa Magestade agora d esta narrativa tirara o que convem a seu serviço que se fassa com este tal religioso, que toda a demonstração lhe sera a Vossa Magestade necessaria para exemplo de muitos que ca ficão, quasi d este mesmo pano.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Junho 26

O Secretario de propaganda fide pedio ao capucho que os missionarios de la mandarão hũa relação do que havia passado com os Ministros desse Reyno; elle a fez na forma, que Vossa Magestade sendo servido podera ver pela copia que com esta remeto, que me mandou o mesmo Secretario que afecta muito o mostrar ce parcial e confidente de Vossa Magestade; quis que eu a visse antes de dal a a Sua Santidade perguntando me o meu parecer sobre a verdade da narração, a que lhe respondi

[1] Archi. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 7 v.

que não tinha outra falta mais que ser diminuta nas miserias que aquelle Reyno padecia, que resolutos estavamos ja para lh o buscarmos[1] não alienando nos nem pervertendo nos da verdadeira fe, como e que esta não podia faltar nunca aos Portuguezes, mas buscando aquelles caminhos que o direito concede dentro dos termos da verdadeira fe, que bem cria eu que a prudencia e justiça da Santidade de Alexandre 7° porveria estes inconvenientes e os atalharia o mais suavemente que pudece e que fiava eu de Sua Senhoria que lh o saberia reprezentar na ocazião prezente com o mesmo zelo que eu o fizera; com esta reposta lh o tornei a mandar, e em verdade que se o nos o lançaramos não podia ser mais a preposito para ó nosso intento.

A peste de Napoles vai em aumento, e nos ja aqui tevemos rebates della; os que habitão alem do Tiberi estão serrados, e prohibida a comonicação com elles; a Minerva convento de S. Domingos esta entaipada, e levarão della para Lazareto hum frade Napolitano, que dizem estava ferido; mandou Sua Santidade tirar as corenta oras, que custumão estar todo o anno por repartição das Igrejas, por rezão dos ajuntamentos; não se fizerão as procissões de Corpus, prohibirão ce as festas, e o botar agoa benta nas pias, serrarão ce as escolas, e oje os tribunaes, presume ce se fara quarentena na cidade, com que todos se provem e os mantimentos tem chegado a hum preço excessivo, e as mais cidades de Italia nos tem ja bandido, ajunte ce a isto diser ce estar a armada dos Ingleses nestes mares com que estamos com receos de peste fome e guerra, e o povo quasi amotinado contra os Castelhanos, que como barbaro quer afirmar que lhe meterão a peste na cidade mui de pensado, e disem publicamente que são castigos que Deos manda por não acabarem de receberem o Embaxador de Vossa Magestade.[2]

[1] *Referencia á palavra* remedio *riscada.*
[2] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 8 v.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Julho 30

Sem embargo de haver dado a Vossa Magestade conta de tudo o que tenho passado nesta Curia, e das rezões em que fundava a esperança de hum successo, oje que entendo tera mudado de facie a negoceação, ser me ha necessario tornar a repetir des do principio, para que se veja que forão diversos os motivos, e por isso o forão os juizos, que então fiz, e agora fasso.

As rezões que tive para entrar em Roma foi Vossa Magestade servido aprovalas, baste para justificação; as em que livrei as esperanças de fazer negoceo forão a fabilidade com que Sua Santidade me recebeo, pedindo me em escrito as rezões que em vos lhe insinuei; e tardando alguns dias em lho dar, mo mandou pedir, depois de dado ainda que me não deu audiencia, todas as vezes que a pedia era a reposta do seu mestre de Camara com tal brandura, que mostrava que convinha assi para melhora do negoceo. Foi cobrando forças a opinião de que o Papa estava resoluto a receber me, passou a Ministros mayores, ouviu ce dos mesmos domesticos de Palacio, e de alguns Cardeaes; ouve Sua Santidade de sair de Roma, e por que eu não concebece algũa desconfiança me mandou por hum secretario seu de cifras hum recado, que continha as rezões por que me não havia dado segunda audiencia, que não imaginace que nacia de se não lembrar do meu requerimento; a estas rezões que me parece são bastantes para formar juizo de que a negoceação caminhava ajunto outra a meu ver não inferior, tiro a de hũa conjura ordida entre o Embaxador de Hespanha, Cardeal Protector, e Rospigliosi Secretario de Estado, que ainda que seja tido por bom homem foi Nuncio em Hespanha, donde foi compadre daquelle Rey; era o fim da conjura o lançarem me daqui; o que suposto parece que como homes de dentro virão o negoceo feito, ou ao menos caminhar e temerão que se concluisse, porque de otra sorte superflua fora esta deligencia feita com tam grande empenho como Vossa

Magestade entendera pela narração do facto, com toda a verdade, e com toda a modestia. Deu principio a ella haver dito ao Cardeal hum nacional nosso, por entender nelle que tinha pouco gosto de que entrace nesta Curia Ministro de Vossa Magestade, que eu entrara sem ordens antes contra ellas, e que as primeiras que me viessem serião para me recolher, porque a tenção de Vossa Magestade não era senão, que so no cazo, que Sua Santidade de bono et equo me quizece receber, entrace em Roma, e tendo quaisquer longes de dificuldade, lhe deixace as nominas para que elle como Protector tratasse das Igrejas, com o que Vossa Magestade se daria por contente; e daqui tirou elle motivo para dizer sempre, e a mi algũas vezes, que a piedade de Vossa Magestade era tam grande que no cabo de quinze annos so com Bispos se contentava.

Isto suposto derão entender *(sic)* ao Papa que Vossa Magestade me ordenava que me fosse, e que ficando as nominas ao Cardeal poderia Sua Santidade como e quando quizece acudir as Igrejas de Portugal, prometendo elle de as aceitar como lhas quizecem dar sem ser necessario vir a actos mayores tanto em prejuizo delRey de Hespanha; provace esta parte com *(?)* que me constou.... que por vezes mandou o Papa o Secretario de Estado a caza do Cardeal a saber se erão vindos os despachos de Portugal e não imagino tinha que fazer o Secretario com os despachos mais..... fim, e não so o soube pelas minhas deligencias, senão que o mesmo Cardeal mo disse; como virão que as que vierão forão tam contrarias ao que imaginavão, e ao seu intento tratarão de outro meyo, e foi o lançaremme e para isso dise o Cardeal ao Papa que eu me hia, e a mi pedindolhe que me ouvece audiencia de Sua Santidade me trouxe por reposta, que o Papa dizia, que se era para irme, que ma daria, porque ja lhe tinhão dito que eu para esse fim a pedia; pareceume, na primeira instancia, que o Papa se escandalizaria de me eu resolver a ir sem primeiro haver tido reposta sua, e tratei de que chegace ao Papa a verdade, onde achei no Cardeal muitas contrariedades, e fui descobrindo a tramoya; o primeiro que me veio advertir foi hum Monsegnor de boa calidade, que tem comigo correspondencia com a espectativa de ser Nuncio em Portugal diseme que por hum amigo seu que tinha entrada em caza do Embaxador de Hespanha soubera como tratavão os daquella facção com o Protector de me lançarem daqui; no mesmo dia me disse hum frade Bernardo Portugues, e bom religiozo, que vindo de confessarce de hum convento de Hespanhoes donde esta hum Portugues lhe referira este

que hum capellão do Embaxador de Hespanha afirmara por couza certa, que eu me hia dentro de poucos dias; e o mestre de Camara do Papa mandando lhe pedir audiencia respondeo que não havia lugar e se era certo que era para me eu ir, e a Vossa Magestade escreve que eu lhe disera que me pedisse audiencia, porque de otra *(sic)* não me podia ir.

Ha demais que contra o estilo fes e admitio vezita ao Embaxador de Hespanha, e achando ce leso na conciencia, me veio dar satisfações, e forão ellas tais, que aggravarão mais, porque dis que foi para hũa compra de hũas cazas cuja venda ultimamente se desmanchou com que tiramos fora fingido o pretesto alem de ser fraca cauza para vizitar hum Ministro do enemigo.

Passo aos esforços que tem feito, e inda oje fas por me tirar as nominas; não he crivel Senhor qual seja a sua ancia; a primeira ves que mas pedio lhe dise, que nos não haviamos de desavir, que ainda que obrigação de lhas dar era depois do negoceo feito, eu lhas entregaria a primeira lus que ouvece de que se tratava da materia, porque para as ter fechado em hum contador de *(sic)* tambem o saberia fazer; tornou apertar por escrito, e respondendo lhe quasi o mesmo, acrecentava que antes me devia dar as antiguas para as remeter a Vossa Magestade; não so o não fes, mas mandou buscar ao Padre Dom Camillo em hũa carrosa, a quem depois de lhe dar as queixas que contra mim tinha neste particular, lhe pedio com todo o encaresimento que acabace comigo darlhe as nominas instando sempre sem respeito a resão, antes concedendo ma para a repulsa em que lhas dese; quando vio que por esta via se cansava de balde, foi buscar ao Cardeal Bichi, e queixando ce lhe do que lhe fazia o dezenganou este que nenhũa rezão tinha no requerimento, apontando lhe os exemplos de França, e alguns sucedidos nelles *(sic)* como quem já reprezentou o cargo, e prezentemente o exercita; que quer Vossa Magestade que lhe respondece; que lhe fizece merce sem embargo daquellas rezões de me persuadir saltem por cortezia, a que lhe desse as nominas; quanto mais apertava tanto mais me hia eu firmando na minha opinião, que debaixo de tam extraordinarias deligencias latebat anguis; e não parece que o deixa de provar a pregunta que fes Rospigliosi a hum creado do Cardeal, se tinha ja colhido as nominas, ao que respondeo que não, porque o Embaxador estava forte; e tornou lhe o Secretario que não disese nada ao senhor Cardeal daquella sua curiosidade, por ventura temendo ce de que não queria o Cardeal que se soubece. E o datario dise

ao Padre Petrucci, grande servidor de Vossa Magestade, que aqui havia muitos Embaxadores de Portugal, aludindo aos poderes que Orsino dis que tem; e para que lhe arrimemos todas as considerações que fazem contra o Cardeal direi a Vossa Magestade o estado, que *(sic)* esta com os Franceses.

Quando foi o conclave ficarão mal satisfeitos delle, por rezão de se haver deixado levar dos enganos, e das promesas dos Medicis; agora prezentemente quis renunciar hũa Abadia, que tem em França (os franceses dizem que com receos de lha tirarem, ou de a perder passando ce a Castella) não sei que verdade tenha mas sei que elRey lho não permitio, antes lhe mandou dizer que lha renunciasse nas suas mãos, que elle depois lhe daria outra maior, porque o pretexto da renuncia era o pouco que lhe rendia, mas elles que lhe entenderão a flor, querião ver se lha podião tirar de todo. E sobretudo he morto o Duque de Braciano, que he quem o levou, e o conservou na facção Franceza, que nem seu pai nem irmãos me vizitarão nesta minha entrada, para o que não ha outra rezão que o respeito de Hespanha.

Depois de espalhada a vos de que me eu hia, in continente se perdeo a opinião que como digo corria da minha recepção, e o Papa me foi sempre negando a audiencia, sem expremir, nem dar a entender cauza algũa; e ainda que queirão muitos que seja por rezão da peste, que o tras *(sic)* mui temoroso os rebates que cada ora aqui se dão, e assi mo quer fazer crer o Cardeal Bichi, com tudo Senhor eu me não aquieto com ella, porque esta rezão poderia ser boa para desculpar o não acabar de resolver ce, porem não para totalmente me não ouvir, havendo precedido tanto tempo antes sem o haver feito; que se bem para aquella primeira dilação tinha cauza, por querer ouvir a outra parte, depois de ouvida não ha rezão que possa dar cor a tanta repulsa.

De sorte Senhor que da mesma maneira que inferi da audiencia do Papa, do papel que me pedio, e de mandalo a Hespanha, que o negoceo *(sic)* de me não querer ouvir oje, do que tem ordido Orsino, e dos recados que me tras infiro que o negoceo se não esta de todo desfeito tera dado muitos passos atras; qual seja o remedio que isto tera se entendera pela cauza que o atrazou, ou para os que forem de opinião que o negoceo não teve principio, a rezão porque o não teve foi assegurarem ao Papa assi o Embaxador de Castella como o Cardeal que nunca Portugal virá a demonstração maior por mais que o Papa fassa contra elle, e os

mesmos portuguezes o afirmão assi, porque não lhes convem a seus interesses nem Embaxador nem Bispos; sirva de prova o que passou aqui com hum cortezão, que ouvindo que se admetia Embaxador se resolveo dir, a rezão que dava era, que havendo Bispos poucos beneficios virião a Curia, e esses que viessem repartiria o Embaxador por quem quizece; de sorte Senhor que convem desmentir esta opinião o como concelho tem Vossa Magestade tam atinado, e tam zeloso das maximas que olhão para a conservação do Reyno, e a reputação de Vossa Magestade que saberão mui *(sic)* apontar os remedios, de que infermidade tam perigoza necessita; so protestarei por descargo de minha conciencia, que em nenhum cazo convem que as nominas se entreguem a Orsino, ainda em caso que Vossa Magestade seja servido mandar me sair da Curia sem maior demonstração, e com a mesma correspondencia com o Protector, porque se seguira hum grande perjuizo ao serviço de Vossa Magestade; porque se o Papa quer dar Bispos que rezão ha para m os não dar a mi, antes por boa politica parece que me havia de querer consolar nesta parte quando não pudece, ou não quizece em tudo. Eu vou continuando com as minhas importunações, e agora dei hum memorial, que contem as rezões de minhas queixas, como Vossa Magestade vera pela copia; para depois d esta deligencia guardo o fazer memorial a todos os Cardeaes, para que se va espalhando a justificação de Vossa Magestade, e ver se o move a querer conservar nos[1] ja que não a justiça, porque de todo o Collegio não pode deixar de haver algum que cuido *(sic)* na morte, que ache por descargo de sua concia *(sic)* ser obrigado a dizer a verdade; depois d estas *(sic)* espero as que Vossa Magestade me mandar, querera Deos que venham a tempo, que não sirvão.[2]

[1] *Em vez de* querer conservar nos *estava e foi riscado* a vergonha, *o que fazia sentido com o que segue.*

[2] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 11.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Outubro 3

Por repetidas vias dei conta a Vossa Magestade da pouca felicidade com que navegava a minha negoceação, sendo o mesmo piloto quem conduzia a náo aos cachopos; avizava que mandava pessoa com as provas, e juntamente com aquellas noticias, que me parecião convenientes chegarem a Vossa Magestade para se resolver em materia de tam grande pezo como he a prezente, porem ate oje não me foi possivel fazelo sair que tal he o aperto com que se guardão as estradas; ofereceu ce de novo hũa proposta que me fes o Cardeal, a que lhe dei repulsa insinando me assi a minha instrucção, e como dissimulo com elle ate ter ordem de Vossa Magestade, conferi sobre a materia, sei, e vi o que escreve a Vossa Magestade;[1] não curo de converterlhe a falsidade, porque tudo prova a dizer a Vossa Magestade que he traidor, que lhe colhi cartas para nossos inimigos sobre os nossos negoceos, que por vender bem a sua negoceação dizia que se receava, sem embargo das suas deligencias, e de fazer quanto pudia, não lhe viessem a ser frustradas, e tirar dahi a perda de seus interesses; suposta esta verdade, ou a *(sic)* que me propunha era falso, ou verdadeiro, se he o primeiro que creo indubitavel, não havia para que mostrarlhe que comessavamos a seder, se o segundo, da siencia que eu tinha do seu trato, que o não fazia por nosso bem, pois o seu fim he so impedirnos as melhoras, e grangearnos o peor; toda esta machina merece degerirse com grande consideração; para ser acertada *(?)* he precisamente necessario que Vossa Magestade e seus Ministros tenhão todos os documentos e advertencias dos que estão com este estudo entre mãos, quem mando cuido sabera mui bem fazer esta função; se antes delle chegar Vossa Magestade se resolver de tirar este traidor do posto que tem,

[1] *Nesta altura estão á margem umas palavras que não se entendem e não se sabe onde devem entrar.*

antes tiraremos pro que damno, e quando não servira ao menos esta para que se não crea nada do que escrever, e se suspenda a resolução ate ser ouvido o meu inviado, que imagino ira esta somana, porque chegou ja aqui hũa barca de Civita Vechia com quem ando ajustando.

Monsieur de Lione vai continuando com o tratado das pazes, os Castelhanos a publicão por feita, a que assentem muitos dos Francezes, porem os que discurção sem paixão problematicamente defendem hũa e outra parte; tomou o Duque de Modena Valenza; muitos querem que esta melhora retarde a concluzão da pas, outros que a presse. Os Ministros de França esperão que com esta preza se ajustara a França com o Papa, e que vira Embaxador, que senpre ajudara os nossos interesses; sobre as pazes fasso as deligencias que posso; ao Cardeal Mazarino escrevo, e entre os parabens do bom successo de Italia lhe lembro as amizades de Portugal.

A peste aqui antes crece que diminue muitos Cardeaes fechados, com tudo as prevenções são taes, que morrendo muitos, não falta quem inda duvide se a ha. Deos nos acuda.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Outubro 7

Depois de haver dado conta a Vossa Magestade da conferencia que tive com o Cardeal Protector sobre a proposta dos Bispos, havendo lhe eu dito que não convinha, comesou a publicar que eu lhe impedia executar as ordens que de Vossa Magestade tinha, e se queixou a frei Manuel Monis, e a outro cortezão, e não contente com isto foi buscar o assistente e fes lhe a mesma queixa; bem he verdade que lhe mudou algũas guardas, para justificar ce, porque dizia lhe, que o Papa os queria dar ad nominationem dilecti filii Joannis 4, havendo me dito a mi que a proposta vinha da parte dos Castelhanos e em bem diferente forma; publicou ce a

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 14.

minha repulsa, e dela hũa murmuração contra a minha pessoa, que queria impedir o que tanto nos convinha; mandei buscar em hũa carrosa o assistente combinamos o que lhe disse, e o que me disse, sem semelhança nenhũa, antes totalmente contria, *(sic)* com que o assistente mudou de opinião; e fico[1] tam colerico de no fim de quinze annos andar mostrando este Cardeal esta carta de Vossa Magestade, que ainda quando os ouvecemos de aceitar naquella forma, não convinha nunca comessar mostrando tal ordem; mas elle em tudo e por tudo da sinal de si.

Vay aqui morrendo muita gente, oje se serra o Papa; e passou a melhor vida o Secretario[2] de estado Rospigliosi e Deos *(?)* por sua divina mizericordia[3] lhe não pessa contas das couzas de Portugal, que podia ser que se não livrase bem d ellas; não posso deixar de reparar de que havendo nos sido este homem poco affecto sendo tam grande Ministro primeiro soube que era morto do que doente; junto isto ao que tenho descuberto, e dado conta a Vossa Magestade: bem se pode esperar algũa melhora no requerimento, Deos a fassa e grande *(?)*.[4]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Novembro 8

Chegou a hora de poder sair daqui o Enviado, de quem tenho feito menção em todas as cartas que de Agosto para ca escrevi a Vossa Magestade, e no mesmo tempo tive avizo de ser chegada a Livorne náo de Lisboa; não me embaraçarão a resolução as ordens de Vossa Magestade, porque não receby despacho algum, que venho *(?)* a não haver tido mais de hum em o curço de hum anno que ha, que assisto nesta Curia; he cousa bem para admirar; receby porem hũa carta de Gaspar de Faria Severim, que como de Ministro tam de dentro tenho por oraculo tudo

[1] *Desde* fico *até* Cardeal esta *acha-se riscado; mas, como sem taes palavras não ha sentido, não duvidamos copial-as.*

[2] *Desde* Secretario *até* Deos *idem, idem.*

[3] sua divina misericordia *idem, idem.*

[4] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 15.

quanto me diz. Aviza me que sobre as materias de Roma se fazião repetidos concelhos de estado, e o que ouvia geralmente era, que visto escreverem de ca todos ser sem esperança de bom fruto toda a deligencia que se fizece nesta Curia, parecia que a minha demora em Roma passando de anno era damnosa a reputação, e serviço de Vossa Magestade, e que mais conveniente seria fazer me voltar a França; por fim se remetia as ordens, que diz me vinhão de Vossa Magestade, que não chegarão; muito me darião que sentir se me obrigacem a executar contra o que entendia ser do serviço de Vossa Magestade, e com o escrupulo de que o não ordenaria assim sendo informado de verdade, e de algũas circunstancias que la se não tem alcansado; agora que estou livre deste receo fasso embarcar o Padre Mestre frei Manoel Pacheco dentro de dous dias em hum navio, que de Civittà Vecchia vai direito a essa barra; fiz eleição da sua pessoa por ser pratico das materias desta Curia, e testemunha donde não foi agente de todas as nossas couzas, e tenho experimentado nelle bom zello para o serviço de Vossa Magestade; a mi inda que prezentemente me venhão ordens de me hir, me não sera possivel sair de Roma, nem inda que se dera cazo, achara pratica em Reyno outro algum; premitira Deos que cesse este mal neste inverno (como se espera) entre tanto chegara la o portador, e em breve me podera vir a ultima resolução de Vossa Magestade, que depois desta deligencia feita, obedecerey sem escrupulo.

As couzas de Roma inda mal porque estão em tam mao estado, neste particular concordo com os que o avisão assi desta Curia, não porem em o *(sic)* ter por totalmente infrutuosa toda a deligencia, e por remedio da reputação o sair me de Roma; e nace a rezão da diferença em que a nenhum dos que escrevem quer que possa vir cazo em que aja Embaxador de Vossa Magestade nesta Curia, porque lhe não convem assi para seus interesses; e para remedio deste damno, folgarião muito de me ver fora, porque então julgarião prudentemente ficarem livre de susto ao menos neste Pontificado.

Eu ao contrario como não tenho outro dezejo mais que ver a Vossa Magestade reconhecido em toda a Europa por Rey legitimo de Portugal, e conheço que em saindo daqui perco a esperança de o poder ver em minha vida, de toda a deligencia que me fica por fazer espero conseguir o que não hei podido com as que estão feitas.

Hum anno ha Senhor que estou em Roma, em lugar de melhorar ce,

e adiantar ce o negoceo, peiorou ce de tal sorte, que nem o Papa me quer dar audiencia, nem ouvir me por terseira pessoa; isto mesmo que aos que estão de fora (e ainda com bom zelo do serviço de Vossa Magestade) parece que he bastante repulsa e dezengano para se não esperar nada do Papa, nem fazer mais demoras, me fas a mi prova de que são necessarias, porque comesando o Papa a falar me, a ler papel meu, depois de lido mandar me o recado pelo Secretario de Cifras, como tenho avizado a Vossa Magestade, depois disto sem innovação minha algũa fechar ce, não me querer ouvir, não pode ser que seja so o respeito de Hespanha como querem os mais, porque para isso melhor lhe estava ou não comesar, ou comesar com as deficuldades; logo parece infalivelmente que ouve outra cauza, esta foi Orsino com o que lhe disse ordido entre elle Embaxador de Hespanha, e Rospigliosi, como tenho ja escrito a Vossa Magestade, e o portador leva bem digesto; e de caminho o ajudarei com o que me disse o Cardeal Bichi, lamentando me com elle hum dia destes da sem rezão do Papa, que emquanto não tiracem o Cardeal Orsino, que enganava ao Papa, não tinha eu de que me cansar; como *(?)* seja este engano já o escrevi a Vossa Magestade por vezes, colhido Orsino traidor, que quando não ouvera a carta que se leva, e os mais documentos, a inconstancia, e contrariedade das cartas que tem escrito a Vossa Magestade bastaria para se conjecturar que não caminhava de bom pe; com o tirar Vossa Magestade fas duas diligencias, a primeira dezenganar ce o Papa do que lhe mete em cabeça, e resolver ce ou a tratar comigo, ou a dezenganar me; a segunda comesa Vossa Magestade com as couzas de Roma com mais resolução, e o receo de que passe a mayor pode obrigar ao Papa a fazer contas consigo; porque Senhor sahir de Roma em, *(sic)* carta minha de 3 de Junho, se Vossa Magestade for servido mandal a ver achara que no mesmo tempo em que tinha boas esperanças de despacho, pedia a Vossa Magestade limitação de tempo, para o cazo de se me não deferir, mas com aquellas demonstrações, que se podem e devem fazer, que sair simplesmente não repara a reputação antes a perde de todo; em que opinião nos tera o mundo que estando com olhos pendentes desta Embaxada, a vista de tão notorias sem justiças, me virem sair carregado de afrontas. Eu Senhor não sou inquizidor, mas sou politico firmissimo Catholico, leo as historias, e acho nellas e *(sic)* o que obrarão os Reis, que tinhão teoligos, e inquizidores. elRey Dom Fernando por hũa provizão de hum bispado feita pello Papa em hum parente seu se opos de sorte por não haver pre-

cedido nomeação sua que ordenou que sahissem de Roma todos os Castelhanos, e mandandolhe o Papa hum Embaxador estando ja dentro de Hespanha lhe protestou que se tornace, queixandoce de que o Papa o não tratava como merecia filho tam obediente da Igrêja. Seu Pay elRey Dom João não consentio que tivece efeito a provizão do arcebispado de Saragoza feita por Sixto 4 na pessoa do Cardeal Ausias Despuch *(sic)* e sequestrando os bens, e rendas do Cardeal, e maltratando os parentes o obrigou a renunciar; pois se cauzas tam inferiores a nossa obrigarão a estes reyis a tais demonstrações, quanto mais justificadas serão as nossas. França em o Papa lhe faltando com aquella igualdade que professa entre as corôas como Pai comum tem lhe as pelas *(?)* ate que a desaggrava, como de prezente vimos nas materias do Cardeal de Rets. A Vossa Magestade lhe darão outros pareceres, suponho que serão melhores que os meos, confesso que os não alcanso, porque como singulares devem de fundarce em rezões particulares; folgarei ao menos que me fassão capaz dellas, para que não erre sempre.

Ainda que ha hum anno que estou em Roma, foi fatal pellos accidentes para a negoceação; alem das cauzas apontadas deu a peste, com que em os 7 mezes dormirão todas as negoceações, e so as de salvar a vida se frequentavão; por rezão de Retês estava o Papa em não boa corrispondencia com França, e a Politica, que não reyna aqui menos que a conciencia, não julgou acção fativel querer o Papa em o mesmo tempo descontentar ambas as coroas; agora se ajustarão, vão *(sic)* Nuncio, e vem Embaxador, que dizem he Monsieur de Valansé, nelle teremos hum procurador ao menos para o dezengano, que verdadeiramente não me pode aquietar o juizo com dezenganar esta negoceação sem tentar a ultima pedra; tenho dito o que entendo, Vossa Magestade me mandara o que julgar mais do seu serviço, que a tudo darei comprimento, fazendo sempre aquellas advertencias que julgar convenientes.

Ir a França de Roma sera com aquella mesma obediencia com que parti de Lisboa a segunda ves sem embargo dos protestos dos medicos de que hia a perder a vida, ainda que a idade hoje me fas os mesmos para jornada tam dilatada por terra, e a hir a sofrer outra ves os rigores daquelles frios, comtudo sendo util ao serviço de Vossa Magestade, ate o ultimo spirito non recuso laborem; mas lembro a Vossa Magestade, que ir a França, só por hir a França, e so por sair de Roma, que nem he util, nem de reputação; não he util (falando não havendo nova negoceação)

porque sobre a pas de que se trata, melhores officios posso fazer aqui sem o risco das afrontas de França; explico me, se França quer fazer a pas nenhum cazo ha de fazer de nos, e la nem ouvir me ha de querer, se a não quer fazer (como dizem) sem as nossas deligencias, ou com as que de ca eu puder fazer, faremos a nossa obrigação, e estando eu aqui pode acontecer, que dezenganado o Papa de que se não concluira a pas deferira a Portugal; não digo que isto he infalivel mas que he fativel, e quem lhe aconselhar a Vossa Magestade o contrario, que lhe aconselhe o remedio.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1656)—Novembro 9 (?)

Crecendo os progressos da peste se vierão a infestar os Lazaretos de sorte, que mais morrião e morrem os enfermos do horror, que da malinidade do mal; obrigou isto aos Hespanhoes a fazerem hum Lazareto para as nações sugeitas aquella Coroa, e como são tam politicos que de tudo lanção mão, publicarão que os Portuguezes se curarião la com o mesmo amor, porque todos erão filhos; e assi o mostrarão na ocazião, porque adoecendo do mal hum cortezão Portugues, o forão buscar com toda a presa, e comodidade, se não que se conta com hũa circumstancia mais, que no mesmo tempo se lhe tinha dado recado para hum espanhol, e quizerão primeiro levar o Portugues; mandei eu alugar hũa caza para quatro frades franciscanos que quizerão sair de Ara Celi por estar fechado, mas com tam ma fortuna, que logo morrerão dois, e ao terceiro ferido levarão os Hespanhoes ao seu Lazareto, que escapou; frei Francisco de Assis disse que queria antes morrer naquella caza que ir ao Lazareto dos Castelhanos; morreo, e os que o servião; vi me embaraçado com estes acidentes, chamei a Congregação de Santo Antonio e pedilhes, que quizem *(sic)* fazer hum Lazareto para a nossa nação porque o pediam assi

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 17.

as rezões da piedade e da politica, a que elles como tam bons Portuguezes devião de acudir, principalmente havendo heredado vinte mil cruzados, que hum portugues lhe deixou hum dia destes, que se não podião expender em obra mais meritoria que esta; puzerão mil duvidas, e se me não excluirão a pretenção, hião com as dilações mostrando a pouca vontade, que o hospital dos Castelhanos era muito rico, que podia suprir as expesas que os Lazaretos fazem, porem não o de Santo Antonio que era muito pobre; comtudo pus os pes a parede, obrigeime a buscar o lugar e aparelhalo de tudo o necessario, fis pedir licença a Congregação da Saude, não faltando muitos que duvidacem de se nos conceder couza em que se mostrace que se premetia a separação da Coroa de Hespanha, mas foi muito pelo contrario porque achei nelles toda a cortezia, e assistencia, obrigando a hum cidadão a darme hũa quinta, que não queria; preparei a, fis todos os concertos necessarios que se fazem para remedio assi dos doentes como de preservar os saos que ficão de dentro; os de Santo Antonio forão tambem de sua parte obrando tudo o que convinha com que fica o Lazareto dos Portuguezes o mais celebre em Roma, indo a velo todos os dias a maior parte de Roma por rezão do aceyo; estão dentro todos os oficiais, medico por sincoenta escudos de Roma cada mes e barbeiro e surgião por 35 que não foi pouco achalos, porque são ja mortos setenta medicos; depois disto não adoeceo portugues, e espero eu em Santo Antonio que nos hade livrar a todos; ja o que adoecer ira ao nosso Lazareto, e afirmo a Vossa Magestade que tive particular gosto de acabar esta obra, porque me persuado que fiz a Vossa Magestade hum assinalado serviço, e de reputação; tem custado dinheiro mas tam bem empregado seja tudo.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 19.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei[1]

Dous dias depois da partida de frei Manoel Pacheco me chegarão as 2.as vias dos despachos de Vossa Magestade e como supoem primeiras e as não tenho recebydo ategora, *(sic)* presumo que de Livorne as mandarião a Genova por virem debaixo de cuberta de algum mercante de ali, para donde dizem vinha em direitura o navio, e por rezão de hum temporal passara ao que tomou; mando alcançalo com esta carta, e a que prosigua a sua viagem, visto não poder eu ser o informante em execução das ordens de Vossa Magestade; não cauzara a sua missão hum instante mais de dilação a minha assistencia nesta Curia, porque a primeira possibiledade sem esperar reposta algũa farei quanto Vossa Magestade me ordena; mas porque he mui fativel, que continuem os embaraços, que inda mal porque prog. *(sic)* e as carrancas do mal ameação mayores apertos, e neste meyo tempo posso receber, com mais clareza, e com algũas circunstancias mais que aponto a Vossa Magestade, para se la parecerem convenientes, reposta de Vossa Magestade, que vindo pelo primeiro baxel, que estiver para dar a vela nesse porto, em breve me pode chegar as mãos; *(sic)* e se fara com toda a solennidade esta acção, que como de tanto pezo, e premeditada em dezaseis annos, pede toda a circunspeção.

Frei Manoel hia a dar a Vossa Magestade conta do obrado ate qui, e do termo que tinha feito esta nossa doença; pedia remedios mais violentos, porque estavão ja exgotados os da brandura; leva provas das obras do Cardeal; apontava eu os caminhos que se podião tentar, porem Vossa Magestade prevendo tudo, com a prudencia, que custuma, me manda executar o mais acertado; me lamentava da missão por me parecer que não hia servir a Vossa Magestade, e o que eu mais dezejava, como se vera pellas minhas cartas *(sic)*; e em verdade que não sei que rezão ouve de duvidar da minha pontualidade no compri-las, para se me terem as cla-

[1] *Posto não tenha data, pela collocação no ms. e pelo assumpto, parece ser aqui o seu logar.*

sulas e condições, inda que entendais ser mais do meu serviço, e que se me não acudiria com ordenados, se não sahise em Outubro, e recebo as ordens a doze de Novembro. Eu Senhor não tenho remora nesta, nem em outra parte não podia receber mayor merce de Vossa Magestade que o premetir me o recolher me a minha caza, nem a vaidade me poderia lisongear principalmente donde não sou reconhecido Embaxador; provera a Deos Senhor que pudera eu ter ja feito o que Vossa Magestade me manda que he o mesmo que eu pesso, que eu fora o portador desta, que bem necessario me era para me descarregar dos delitos de haver dado papel, sem permissão de Vossa Magestade, como se o papel, que era hum memorial, contivera outra couza mais que o que tinha dito na audiencia, mais profuso com a diferença que fas a escritura a vos.[1] O Cardeal Orsino falar bem de mim deve o assi fazer, e o mesmo fizera eu se me governara mais por interesses e favores particulares, que pelo serviço de Vossa Magestade; desde que comesei a desconfiar do seu procedimento, me não pareceo nada do que fazia bem, ate que ultimamente Deos me deparou com que provar a minha preposição; e em verdade que me espanto de da mesma maneira que o desculpão de que inda *(sic)* mal porque tinha rezão em dizer que me não havião de receber, como não reparão em que seis annos ha que dis que lhe dão os Bispos, e cada instante me dis que quando se os quizer *(sic)* logo se me darão; emfim Senhor la vai tudo mais claro que a lus do dia.

Eu fico serrado pello accidente que em minha caza ouve, de que morreo hum filho do Secretario, e hũa ama sua; corenta dias he o termo, se Deus for servido, que se não ate o mal, porque se morrer ou adoecer outra qualquer pessoa, comessão a contar de novo; e com tal rigor se guardão, que hum tostão que de minha caza say, se não recebe sem se passar primeiro pelo vinagre; o numero dos mortos passa de duzentos todos os dias, são mortas mais de des mil pessoas, estes sinco foi com mayor violencia; e ainda que o Papa mezes ha que se tem retirado de concistorios e de audiencias, ainda de Embaxadores, de ontem para ca se serrou de todo, sem comonicar com mais que com hum so criado que meteu consigo; cessarão todas as deligencias, e so a conservar a saude e vida se atende; os frades e passageiros, que dezemparando as suas negocea-

[1] *Aqui principia a fol.* 26 v., *e no alto d'ella lê-se o seguinte, que parece uma lembrança de materia que se havia de desenvolver:* por tres não o mandei; não chegar não he culpa minha; por frei Manoel o torno a mandar.

ções por medo da peste vão neste patacho informarão da recreação em que fico, donde he necessario tantos apertos para me tirarem.

Donde tirara Vossa Magestade a minha impossibilidade para dar comprimento a estas ordens; nem posso sair, nem falar, nem se me admitira carta; nem poderei caminhar a piquenas, nem a grandes jornadas; he forçozo esperar que cesse este castigo de Deos, e se me não abranger, logo, logo, que tiver lugar, comesarei a obrar, mas estou certo pelo que vejo que inda me vira a tempo reposta desta, por Olanda, por Inglaterra, ou por França. Quizera eu Senhor que a primeira acção fora tirar Orsino, e oito dias depois de publicada esta ordem, escrever a carta, e no fim o mais que Vossa Magestade quer que se fassa; mas acrecentara eu, se assi parecer a Vossa Magestade, notificar a todos os vassalos, que não forem moradores, que se sahião da Curia, que não he necessario que se cumpra ad unguem, porque huns como escondidos, outros com este ou aquele pretexto, se podem ir tomando *(?)* do caminho, e de muitos sei que folgarão de sair; as nominas levarei comigo, porque deixal as he mostrar que o nosso sentimento, e consecutivamente a demonstração não he tam grande, e se me deixão ir bem se mostra que não hão tam depressa de tratar desta materia; tempo havera para se tornarem a mandar se for necessario, que ir me e deixar as ordens isso he o que querera e Orsino o pede desde que aqui entrey. As cartas que para elle vem se me chegarem determino deter pelas cauzas que nesta ocazião lhe serão a Vossa Magestade notorias; a carta he quasi o mesmo que no papel disse a Sua Santidade salvo o ir esta de melhor estilo; fie Vossa Magestade de mim, que ira em mui boa forma; e se não eu a hei de levar quando tiver acabado a função, e receberey o castigo que merecer a minha inorancia confiada.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 26.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

1657 — Janeiro 6 *(?)* [1]

Em carta de 11 de Novembro foi Vossa Magestade servida mandar me continuasse dous mezes mais com a minha Embaxada, dando se me por adjunto nelles outra ves o Cardeal Protector, e que espirado o termo se se me não diferisse, tratasse de obrar tudo quanto elRey meu Senhor que Deos tem tinha ordenado, cuja execução se deferio ate oje por haver durado o impedimento de que ja tenho feito repetidos avizos; e como vay cessando com o favor de Deos espero bastara esta prorroga de tempo para que ao mesmo passo que crecem as rezões de nossa justiça, subão as demonstrações do nosso sentimento; e sem embargo de não esperar reposta desta carta, direi a Vossa Magestade o meu sentimento se a impensado *(sic)* dor com tantas circunstancias aggravantes na minha pessoa me deixar livre em algũa parte o discurço.

As materias de Roma Senhora tem dous caminhos, he o primeiro a brandura, este se tem tentado em o discurço de desaseis annos, sempre rogando, e sofrendo ja em perjuizo da dignidade Real, todos os Ministros inimigos nossos, e ate aquelle que aparentemente fazia as nossas partes foi sobornado e ganhado, tanto em damno do nosso requerimento; valião se da piedade de quem esta no *(sic)* Ceos para impedirem a justiça tanto em oprobrio da Sede Apostolica desenganados deste, he forsoso lançar mão dos rigores, porem de tal sorte que não pareça ameaço, e ainda que não seja mais que carranca prometa a tempestade rayos que o temor de que podem cair obrigara a considerar no perigo.

Eu tenho para mi que estes dous mezes forão utilissimos, se procedera o tirarem Orsino, porque se desenganaria o papa que so comigo havia de tratar, mas como se fas mais cazo delle que do Embaxador, não se

[1] *Na fol. 28 ha um principio d'esta carta, que não passou das primeiras quatro linhas, e n'elle é que está a data, que aqui pomos em duvida, á falta da que devia ter a copiada.*

me dando credito a couza de que fassa avizo, mal se pode organisar esta negoceação; dizia que tinha em tratado em *(sic)* disconfianças com o Cardeal, e quanto mais o tratava me hia confirmando na opinião; e podendo isto bastar para se hirem com elle muito atento, desviãoce as ordens que se lhe mandão do meu masso, tendo elle copia de tudo quanto me vinha, fazendo mais confiança delle para os secretos da Embaxada do que de mim para lhe entregar as cartas; aprendi das Embaxadas mandarce ao Embaxador copia de tudo quanto se escrevia ao Protector, porem não que as ordens do Embaxador se enviassem em copias ao Protector, ainda que algũas vezes ao summo se escreva ao Embaxador que comonique com elle; e isto Senhora quando se esta com a mayor confiança, que vira a ser quando em todas as cartas avizey do seu procedimento, ate que a opinião passou a ciencia. Fico bem reprendido porque o não cri, e não nacia a minha incredulidade por me parecer que era facilissima a minha recepção, como la se entendeo, senão que juntamente me dizião que logo se darião bispos, e sempre tive para mim que erão inseparaveis.

O intento de tirar Orsino não o fundei nunca mais que em ordem ao serviço do meu Rey; presumia delle mais que por conjecturas que enganava a mi e ao Papa, e que para tirar este inconveniente convinha tiralo; era o intento seu dar a entender ao Papa que eu excedera as ordens, e que as suas erão muito moderadas, e para isso sahio com a carta em que Sua Magestade lhe ordenava annos atras aceitace os Bispos ad nominationem regis possidentis, e que elle inda deseria daly, com que se remedeava e contentava as duas partes; que ainda que la pareça tam facil que com hũa palavra se pudião despachar, não he tam facil o chegar a ella pella opposição da contria *(sic)* parte. Ora Senhora se o intento de me mandar sair depois de dezenganado he querer pello menos mostrar, que havemos de estudar no remedio que isto pode ter, e que himos desenganados de justiça neste tribunal, como se pode compadecer com a continuação de Orsino copias das ordens que me vem, para que se saiba logo, que todas as vezes que o Papa quizer pegar, e entabolar a negoceação, ficava ordem ao Assistente; não se conhecem la os Romanos; hão me deixar ir, e voltando as costas fazer muitas promessas ao Assistente, e comessar a entreternos, que he o seu entento; que pella profecia da rezão se me deixarem ir, não hão senão constragidos do temor chegar a dar nos Bispos.

Imaginei que o Papa movido da conciencia acudisse as materias de

Portugal, e se não foi fingido assi o foi mostrando no principio; oje que ja se tem declarado mais em favor dos Castelhanos, ou seja por affecto ou por falta de valor he necessario amedrontalo, e tanto mais, quanto em principio de novo governo, aproveitandoce Vossa Magestade da grande opinião que por todas estas partes lhe tem grangeado o seu juyezo *(sic)* e prudencia; logo que por aqui correo a nova, que foi alguns dias antes que eu recebesse esta carta, se publicou pellos Romanos, que aora se saberia fazer justiça a Raynha se lha não quizecem fazer; convem Senhora acabar por hũa ves com este negoceo, mandarme sahir, e todos os nacionáes; fizerano *(sic)* Reys Catholicos por muito menores cauzas; oje Senhora ja se confundirão, por não dizer prefererirão *(sic)* as maximas espirituáes, e temporáes; mostremos valor assas de exemplos temos antiguos e modernos, não nos argumentem com a nossa paciencia, contra a nossa rezão. Tirar Orsino, levar nominas, mandar sahir Portuguezes, que estes estrondos servem a dous fins, aggravão *(sic)* a opinião do Papa, ao que elle pode ser que queira acudir, e justificarnos, e moralmente falando persuadome que ha de aproveitar; e se não recorreremos a Deos, que para todos os males ensinou remedio. Deus guarde *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(1657)—Janeiro 13

Na somana passada fiz avizo de como tinha recebido os despachos de Vossa Magestade; esta não servira de mais, que de acompanhar a copia da carta que escrevi a Sua Santidade dando principio ao novo requerimento, vestido demais de novas acções e direitos depois de lhe dar algum tempo para se conformar nelles, e na união dos Portuguezes; apertarei pella concluzão, e faltando dentro do termo limitado por Vossa Magestade, executarei o mais que se me tem ordenado, para que com a brevidade que eu puder va informar de boca a Vossa Magestade miudamente

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 29.

do que por ca tem passado; bem he verdade que o nome[1] de Vossa Magestade os tem metido em grande aprehenção, e temor, e os discurcivos untando *(sic)* isto a circunstancia de ser ja segundo possuidor; sem embargo do poder de Hespanha tem para si que o Papa ha de tomar algũa resolução, porque estimão impiedade desamparar a cauza de Deos so por hum motivo temporal; faltando lhe ainda a justiça com que se possa corar, não tardara muito o desengano.

No dia de ontem tive vizita do Duque de Braciano, e seguio se logo a de seu filho o Cardeal Orsino; fel a com toda e serimonia, e com luto grande; afirmo lhe a Vossa Magestade que me lastima e enfurece juntamente o seu proceder; cauza o primeiro o meu natural compassivo, e o ver lhe arruinara a estimação o saber ce o que tem feito tanto contra as leis de Principe, porem o segundo pode mais como tam jusficado *(sic)* com o que tenho apalpado, e com a opinião que tenho de que me perdeo devendo ajudar me o meu requerimento; porem se nos não admitirem, nunca convinha *(sic)* Protector fosse qual fosse; si o contrario podera recorrer a piedade de Vossa Magestade que lhe sabera encobrir a falta, porque ja então não nos podera damnar.

Mando a Vossa Magestade hũa carta que me escreveo o Cardeal Mazarino em reposta de hũa minha, em que na ocazião de novo Nuncio lhe encomendava as materias de Portugal, que o meu espirito não aquieta nem deixa por tentar todos os meyos que podem conduzir ao fim da minha negoceação; se a fortuna egualara a vontade forão grandes os meus serviços, mas como naquella nem mereço nem desmereço sirva ce Vossa Magestade de reconhecer esta, que me bastara por premio de todas as minhas peregrinações.[2]

[1] *Tem na entrelinha* a opinião.
[2] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 30 v.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(1657)—Fevereiro 1

Depois de haver dado conta a Sua Santidade da morte de elRey meu Senhor que esta em gloria (não havendo tido em reposta nenhũa civilidade) se me offereceo o Cardeal Orsino haverme audiencia do Papa, em que eu lhe pudece insinuar da parte de Vossa Magestade as rezões que crecerão a nossa cauza; ouve no dia seguinte Consistorio em que o Papa o ouvi *(sic)* largamente, no dia seguinte me trouxe por reposta que Sua Santidade me não pudia ouvir, porem que estivece certo de que ate dezaseis de Fevereiro teria os Bispos assi e da maneira que convinha a authoridade Real, e que se seguiria logo o mandarce Nuncio a Portugal, porem que a recepção do Embaxador estava ainda muito verde; da implicação d esta reposta, e do conhecimento do seu animo entendi que me enganava (como sempre) trabalhei por ver se podia fazer chegar ao Papa hum memorial meu (deligencia não muito facil) porque unido o Cardeal com o Secretario de estado todo Hespanhol me tem fechadas todas as estradas; encontrei *(sic)* contudo com Monsieur de Laubortiere Frances de Nação, e Camareiro de honor do Papa; este me vizitava algũas vezes, nesta ultima me disse que se me podia ser de prestimo em algũa couza, que ainda que ariscase a merce que o Papa lhe fazia, o faria por serviço do seu Rey, porque julgava mui unidos os interesses de hũa e outra Coroa; agradesilhe o termo, e aproveiteime da ocazião pedindolhe quizese dizer ao Papa me quizece ouvir; os Franceses são fogozos no que emprender *(sic)* logo se avistou com o Papa, e tomando sua salvaguarda primeiro expos o que lhe eu disera; o Papa lhe respondeo que ouvirme por então não podia, que falase com Dom Mario (que he seu irmão) e que elle o sertificaria da sua vontade; incontinenti o buscou, e propondolhe o que tinha passado lhe disse Dom Mario, que daquella materia não tinha ouvido falar jamais, que . . . .ria a Sua Santidade que se deixace ver no dia seguinte para a reposta, sendo que parecia que aquillo devia correr pello

Protector, ao que elle torñou, que lhe falava com liberdade Francesa, e que por isso o assegurava que nem o Embaxador nem o seu Rey se fiava de Orsino; licenceo se o Frances, e com muita alegria me veio dar parte da conferencia; entre a esperança e o amor passei todo aquelle dia, esperando a resolução, quando me entra pella porta o Frances trocada a alegria em liberdades (couza nelles ordinaria na paixão) e em poucas palavras me referio como Dom Mario o mandara chamar, e lhe respondera que Sua Santidade não queria dar me audiencia, porque não havia para que; que como a particular já ma tinha dado, como a Embaxador não queria, porque nem me conhecia por tal, nem ao meu Rey; replicou o Frances, que elle se metera naquelle negocio mais por serviço da Sede Apostolica, porque sabia que ao Embaxador o mandava seu Rey ir, e que lhe parecia que por aquelle caminho se poderião as couzas compor, e evitar hum publico escandolo, que cauzaria o ver ce sair hum Embaxador de hum Princepe Catholico depois de tam longa demora sem despacho algum; respondeo Dom Mario (couza incrivel) porque não acabava de me ir, quem era o que me tinha mão; corre a reposta por esta Curia com tal universal escandolo, que os mesmos facionarios da contraria parte tratão de o cobrir o mais que podem; de maneira Senhora que havendo oje maiores rezões para o Papa nos deferir, Orsino lhe tem virado de tal sorte o animo, que não so me falta com aquella brandura com que principio, *(sic)* senão que publica hũa repulça com hum termo tam indecente; agora se vera o que resulta de se não dar credito aos Ministros; eu me preparo para a viagem logo que espirarão os dous mezes, a que lhe não faltão muitos dias, farei as ultimas formalidades, como se me tem ordenado; tenho já escrito a Livorne que se me frete hum navio, que me venha recolher a Civita Vechia, porque tudo o mais esta impedido. La farei relação a Vossa Magestade de tudo quanto obrei, e do que aprendi; sobre ella podera Vossa Magestade mandar tomar a resolução que for mais conveniente e decorosa a Magestade. *(?)* [1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 31.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(1657)—Março 18

Ja fiz avizo a Vossa Magestade da aspereza com que o Pontifice me fez responder por seu irmão Dom Mario na negoceação que encaminhei pela via do Abade de Laubortiere; continuo com aquellas deligencias, que me são possiveis, e sem embargo de não ter outra reposta mais que o silencio, fasso o que se me tem ordenado, e me vou dispondo para as ultimas, que ja tivera executado se me fora permetido o sair daqui; logo que vi que se hia chegando o tempo prefruido *(?)* a minha demora nesta Curia, escrivi a Livorne para que se me fretasse hum navio que me viesse aqui embarcar, ja que eu não podia ir a buscalo; respondeu ce me, que não havia navio que quizece vir a Civita Vechia, assi pelo receo da peste, como tambem porque sabião quam rigurosamente os tratavão em Portugal pela mesma cauza; tenho replicado para o primeiro vaxel que ouver naquelle porto, assi por ser ja quasi de todo extincto o mal, e comesar ja o comercio vinte milhas em torno, como tambem porque indo eu nella *(sic)* lhe asseguro que não sera a quarentena naquelle rigor com que se fes fazer a frei Manuel Pacheco, de que todos hão tido ja reposta das cartas que levou, e so eu nem o avizo de ser chegado senão por terceiras pessoas; a necessidade me obrigara a esperar inda novas suas que Deos nolas mande melhores que as que os Castelhanos hão publicado por aqui, não sei se porque recearão algũa resolução no Pontifice, se por querer contrapezar as que primeiro vierão do bom successo do nosso exercito, e as que se dão dos nossos tratados com a França, que as Gazettas dizem estarem ja concluidos muito a nosso favor, não porem que eu o saiba por frei Domingos porque não hei tido carta sua depois que chegou a Paris, com que venho a ser o que sabe menos das nossas couzas; queira Deos encaminhar tudo em bem e guardar a Vossa Magestade.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 32.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(1651)—Abril 21

Chegou navio a Livorne, mas sem despachos de Vossa Magestade; entendo, conforme se *(sic)* referem algũas cartas de particulares, vem na nao Marabotto, que se cuidou partice primeiro e não pode tardar muito; não são elles os que me detem, senão a impossibilidade de poder sair, e assi julgei mais conveniente ao serviço de Vossa Magestade passar em silencio as ultimas demonstrações, que se me tem ordenado, para ver se me manda Vossa Magestade acrescentar, ou deminuir, que não sera muito, que havendo ce mudado o principal, se alterem os accidentes. A cidade esta de todo livre Deos louvado, dado o comercio na maior parte do estado ecclesiastico, com que se espera que dentro de dous mezes ao mais tardar, o permitão os princepes vizinhos; não me descuido em procurar vaxel porem ategora não hei tido noticia de algum, podera acontecer que o que vem de Portugal me queira levar, quando não me passarei a França logo que ouver passo.

As couzas em Roma estão no mesmo estado menos carrancas e asperezas, porem nem por isso melhores esperanças; com impaciencia aguardo as ordens de Vossa Magestade por ver o que resulta dos ultimos dezenganos, que muitos querem afirmar não me deixara sair o Pontifice pello universal escandalo que cauzara, porem eu, se espero, egualmente temo.

Ouve creação de Cardeaes, foi o primeiro o sobrinho, e seguirão ce logo sinco mais, foi bem aceita pella eleição dos sugeitos por serem todos benemeritos, e os mais delles capaces de Pontificado, couza não uzada em nossos tempos, que como vão sempre com os olhos na conservação da caza sempre fazem homens de quem o sobrinho se possa servir, e não quem queira pretender para si; fizerão ce grandes fogos, porem veio agualos a nova que chegou no mesmo tempo da morte do Emperador sucedida em dous do corrente de hum acidente que o levou em brevissimas oras; cauzou grande confuzão nesta Curia, e dara muito em que entender a toda

Europa, ameaçado o imperio pello Turco por lhe não haver querido dar passo contra os Venezianos, os eleitores com a ocazião de poderem lograr o dezejo com que estão a tanto tempo de tirarem da Caza de Austria o imperio, que como hereditario sem *(sic)* tem conservado nella o espaço de mais de trezentos e sincoenta annos, morendo sem haver rey de Romanos o que não sucedeo ha muitos annos; variamente se discurça, aqui o avalião por hũa das felicidades de Portugal, mas para a sua obstinação nada aproveita; o que eu mais creo he, que por Portugal lhe veio o castigo depois da aleivozia que cometeo na entregua do Senhor Dom Duarte, perdeo molher, filho e ultimamente acabou elle, e he mui verosimil que perca o imperio a sua Caza; recease que aja sisma, e que os Protestantes unidos com Suecia tomem hum partido, e os Catolicos outro; não falta quem diga em favor dos Hespanhoes que sera eleito o Archiduque por estar com as armas nas mãos, e passarem de 4 *(?)* mil homens, e que visto não ter terras consideraveis no imperio, elRey de Hespanha como a quem tanto lhe vai a conservação do imperio, por rezão de Italia e de Flandres, fara com que lhe renuncie Boemia e Ungria o sobrinho, a este cazalo com a filha, e fazelo Rey de Hespanha; não vão mais fora do caminho os que julgão ser esta a ocazião em que elRey de França se podera fazer Emperador, porque sendo infalivel, que o imperio he necessario que tenha Princepe poderoso para sustentarce, porque por si so consiste mais preminencia *(sic)* do titulo *(?)* que no senhorio, e que assi ou na Caza de Austria pello arrimo de Hespanha, ou nelRey de França pello seu poder; *(sic)* e estando este hoje mais perto, mais victorioso com a Alsacia sua, e outras terras no imperio, seus confederados os Princepes Protestantes, e ainda dos Catolicos seu obrigado *(?)* o Treveris em cuja defença rompeo com Hespanha a França, julgou *(sic)* que se deveras abraçar a impreza podera sair com ella; he bem verdade que lhe ha de ser necessario expender grandes cabedaes, e que para se refazer lhe sera necessario concluir a aliança de Portugal de donde julgão tirara tudo quanto quizer, assi pello muito que ha como pello muito que nos convem; eu conheço a verdade da segunda prepozição, e dezejo que prevaleça a opinião da primeira pela regra de quanto tienes tanto vales; ocazião podia esta ser em que Vossa Magestade por hũa ves acabace com estes tratados de que estão pendentes inimigos, e neutraes, darselhe tudo quanto se lhe puder dar ja por titulo de dote ja de emprestimo e que for de avanço, *(sic)* que não importara menos que a perpetuidade, e concervação de Vossa Magestade. Ex

aqui que se conjectura, e o que se afirma de antemão he que Hespanha nesta grande perda, ainda quando por boa fortuna torne a reunir o imperio na sua Caza, não podera porem remediar os dannos que nesta campanha recebera em Milão, e inda em Flandres, porque como estava seguro *(sic)* com os exercitos que vinhão de Alemanha, que havia de governar o Duque de Mantua, não fes aquella preparação que sem elles era necessario; oje o Archiduque não pode largar de si aquella gente, com que Espanha quando muito se metera na defensiva; nesta pertubação não pesso a Deos mais que o que convem a sua Igreja, e a conservação de Vossa Magestade, que guarde por largos e felices annos como *(sic)*.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, á Rainha

(1657)—Abril 22

Intenta o Pontifice hũas obras em S. Pedro e querendo saber o cabedal que tinha para a fabrica, o Cardeal Barberino lhe assinou pelo de mais consideração o que paga Portugal da bulla da Cruzada, de que se devia muitos annos; mandou chamar Sua Santidade ao Padre Virgilio Espada, irmão do Cardeal Espada, e de quem elle fas muita confiança, para saber daquelle dinheiro e elle não lhe sabendo dizer mais senão que não estava pago sem saber a cauza, lhe tornou o Pontifice que eu poderia fazer nisso com que se lhe pagasse, e de sua parte me trouxerão essa lista, que com esta vai; e como o interesse he reciproco e não sei a tenção de Vossa Magestade, não me atrevi a fazerlhe outra reposta mais que a diferença da moeda devia de ter suspenso os pagamentos, que de resto este dinheiro não corria por mão dos officiaes de Vossa Magestade; dou conta a Vossa Magestade para que mande tomar o expediente que for mais de seu serviço, e por quem então aqui se achar mandar lhe responder.[2]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 34.
[2] Idem, *idem*, fol. 35.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1654?)—Maio 26

Chegou a hum mez a Genova a esperada nao Marabotto, e não so não tenho recebido cartas de Vossa Magestade mas nem ainda avizo algum em que possa fundar a esperança de me virem; anno e meyo ha que assisto nesta Curia, em todo este tempo não receby mais que tres despachos; o primeiro a aprobação do modo d entrada, a que se seguio logo a ordem de me sahir com toda a pressa debaixo das cominações, e penas que cabem no *(sic)* delitos mayores, porque se imaginou que chea esta condição que punha o Cardeal Protector teriamos logo os Bispos, como assigurava, e inda oje nas porrogas, que se lhe vão dando, cuido eu que vinha esta mesma esperanza; e ja que o não pude esvancer *(sic)* com fato nem com discurço apelarei para o tempo, pai da verdade, que ainda que tarde, e sem fruto elle nos dezabuzara; o ultimo forão os dous meses mais que a mi e a Orsino se derão pela fatalidade d elRey nosso Senhor que esta em gloria. Seja Vossa Magestade servido de julgar qual sera a minha ansia neste embaraço, faltando me ordens por onde governar me, e sendo eu igualmente censurado pelo que fasso, que pelo que deixo de fazer. Frei Manoel Pacheco me aviza que pedindo estes despachos na secretaria lh os não quizerão entregar, e em suma pelo que ouvia me escreve que ao Protector lhe asinão dous meses, e que não dando nelles Bispos como tem prometido, se lhe tira a Proteção, porem que não sabe o modo, a mi que continue ate se acabarem as mutações, e que se neste meyo tempo não for deferido, me possa recolher. Com este simples e poco claro avizo não poderei obrar nada, dizer si, e muito. Os dous mezes do Cardeal parecem mais concedidos a fim de sustental o a toda a lei que por esperar d elles fruto algum porque depois de outros, que ja se lhe derão, e passaram quatro depois da carta da promessa como se fosse a primeira para nos enganar ..... avizos e informações que ..... feito *(?)* não sei donde se tira a conjectura para se esperar d elle couza boa; e segue ce que

continuando no lugar não faltara naquelles maos officios que nos tem feito, senão que oje crece o empenho de servir aos Hespanhoes, no mesmo tempo que se imagina deixado da nossa parte, porque os dois mezes como vem debaixo de hũa condição empossivel he o mesmo que despedilo com sua comodidade; se eu descobrira nelle alguns longes de que pudessemos esperar qualquer couza em nosso favor, sempre me parecera bem ir dando tempo ao tempo, mas demselhe dous annos, quatro, e seis e se no fim delles tirarmos outra couza mais que ulcerarce a ferida de modo que seja incuravel ponho em pena da minha affirmativa a minha cabeça; saiba Vossa Magestade que o que por ca vai não se pode julgar de la, que os que ca estamos he necessario muitas vezes cativar o juizo por não escandalizarmonos *(sic)* tanto o que ouvimos.

Instava o Cardeal de Pernon *(sic)* pella absolvição de Henrique 4°, e resoluto ja Clemente 8 a ella, quizerão os da facção de Hespanha divertirlhe o intento com insinuarlhe os progressos que as armas catholicas fazião na Picardia, ao que o Santo Pontifice respondeo, que as fortunas temporaes não tinhão connexão algũa com as materias espirituaes; de contrarias repostas pella corrupção dos tempos estão cheas estas orelhas, conhecem ser materia spiritual o requerimento de Vossa Magestade e confessão a justiça da nossa cauza, mas exaggerão para o não fazer o poder de Castella que he mui vezinho pellos senhorios de Italia, e que com o ouro e ferro de Napoles senhorea toda de toda *(sic)* a Curia, e que os Galeões de Portugal estão lonje para os defender, e que elRey Catholico protesta tirarlhes a dataria se innovarem contra sua vontade nas materias de Portugal couza algũa; toda esta pratica teve hum Cardeal com Pessoa da minha caza, e note Vossa Magestade sendo servido, que elRey de Hespanha pode e ameaça deffato ao Pontifice obrigandoo a sustentar hũa injustiça, aproveitandoce das materias espirituaes para com ellas melhorar a sua pertenção no temporal; que ser a nomeação de Vossa Magestade não lhe tira, se algũa ora se achace com forças e fortuna o tornarce a fazer senhor de Portugal, e a *(?)* Vossa Magestade não faltara quem sustente, que não podera fazer outra couza que ter paciencia.

Senhor a defeza he de direito natural este prefirace sempre ao positivo; he obrigado Vossa Magestade a defender a regalidade e o decoro da Magestade, a todo risco, e so in obsequium fidei pode Vossa Magestade embainhar a espada da sua justa indignação; não ha ja sofrer tanto desprezo, ja nos cospem no rosto, e se isto vem a presecrevercesera irre-

mediavel, e pella conferencia, que assima apontei, e do que tenho avizado da do irmão do Pontifice, he necessario esperar que Hespanha não tenha forças para se nos deferir aqui; estão mui confiados em que da parte de Portugal não faltara mais a paciencia, ainda contra vontade de Vossa Magestade; firmarão ce mais neste proposito pelo avizo que tiverão dos inquisidores sobre a materia da bolça, de que eu fui sabedor a muitos dias por via de hum comissario do Santo Officio dominicano, e nesta náo chegou o edito, não quero dizer o que ouço, por respeito que devo a Coroa e ao tribunal, a resolução nem aprovo, nem desaprovo, porque em fim não cabe na minha esfera, porem o modo salva pace tantorum virorum, principalmente na ocazião, foi sumamente escandalozo, e aruinou toda a esperança que se podia ter de bom successo se havia algũa; argumentão de menor a maior negative, que conclue quanto mais convinha a vassalos Portuguezes com repetidas cartas importunar o Pontifice e expor lhe os perigos[1] que faria *(?)* fazer grande pendor a authoridade de hum tam eminente tribunal, e quando não o pezo da materia he tal, que pedia que em corpo unido viessem a Roma como ja o fes algum Papa para ..... de hũa pas com bordões nas mãos a acabar com este negoceo, mas por nossos pecados exprimentamos tanto o contrario que temos mais que temer do que vemos, a clausola Senhor geral do Breve do Papa não comprehende os Reys, que ..... mais a que dis, nem nenhũa outra pessoa ...

Ao Senhor Rey Dom João 4 Pai de Vossa Magestade apontei exemplos das demonstrações *(?)* que os Reys Catholicos, e os Christianissimos de França fizerão em desavenças que tiverão com os Pontifices, e em materias que erão mais para dessimuladas, que oje são as nossas; firmalos ei com outros mais modernos, e de Princepes mais inferiores, e são mui equivalentes a materia sujeita.

A republica de Veneza nas dissenções que teve com Paulo V fes hũa grande arca de ferro, e quantos breves hião de Roma, os beijavão com todo o respeito e metião dentro da arca protestando que aquillo não era impedir a execução, mas diferil a para quando Sua Santidade lhes fizece justiça.

Mais fes Oduardo Duque de Parma vasallo da Igreja pellos estados nas duvidas que teve com Urbano 8 sabendo que lhe hia hum interdito

[1] *Á margem, correspondendo a esta palavra, tem uma chamada, mas illegivel.*

geral chamou a si os Bispos, e prelados de todas as religiões a quem disse, que de certa ciencia sabia que o Pontifice estava resoluto de mandarlhe hũa *(sic)* interdito geral, e que elle conselhado pelos melhores theolegos que tinha estava seguro de que o não ligava, e que assi os chamara para ver se estavão do mesmo parecer, porque quando não lhes pedia que por não desgostarem nem ao Pontifice de quem erão suditos, nem a elle de quem erão vassalos se saissem dos seus estados, porque elle não havia de consentir que se puzece tal excumunhão nos seus estados, fundada nos interesses e paixões particulares dos Barb. e todos se conformarão com elle, e o que he mais os Padres jezuitas fizerão o mesmo, so acrecentarão que farião o que o Ordinario fizece; por resolução chegou o interdito e não se deu a execução; so a Vossa Magestade não ha quem lhe aconselhe o que todos os Princepes Catolicos fizerão, e fazem, e por isso se ve a diferença, que elles acabarão com suas pertenções, e nos ha desasete annos que cada ves himos a peor, e se continuarmos, continuarão na repulça muitos mais, praza a Deos que seja ruim profeta. Eu não me atrevo ja a conselhar nesta materia, so *(sic)* arrimandome as ordens, que dizem me vem, e pello que me dizem os homens praticos desta Curia; firmemente são todos de parecer que Vossa Magestade tanto que em Agosto entrar na maioria fassa hũa carta para o Pontifice, em que em breves palavras insinue a paciencia que o Senhor Rey D. João Pai de Vossa Magestade teve nos seus requerimentos nesta Curia, e que sem embargo de ver o pouco fruto se me ordenara continuar da parte de Vossa Magestade por esgotar todos os meyos humanos, e que vendo que tudo era debalde pelas deligencias de seu contrario, podendo elle mais para hũa injustiça que Vossa Magestade para hũa justiça, e que assi não podendo ja seu Reyno, nem o permitindo a authoridade de Vossa Magestade, me ordenava, que fazendo os ultimos esforços, e não conseguindo nada dentro de dois mezes, fazendo primeiro hum protesto a Sua Santidade se *(sic)* recolhece ao Reyno, para que com as minhas informações, convocado *(sic)* Vossa Magestade os letrados do seu Reyno, estudassem o remedio, que no *(sic)* Vigario de Christo se tinha por impossivel dalo.

Terei meio para que chege ao Papa, e depois correra pela Corte, conseguimos com isto, que o temor do protesto lhe podera fazer algũa couza, antes de vir, que feito como se me ordena, por brio pode ser que não queira mostrar que o fes do medo do protesto; e no modo com que vier a carta quando mais resulta, *(sic)* mais lhe dara em que cuidar; e

por fim lhe digo a Vossa Magestade que se desengane que se não for por este meyo, nem Vossa Magestade nem seus filhos hão nunca de tirar rezão de Roma, porque a rezão que dão milita para daqui a sem annos, e ao Castelhano *(sic)*.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1651)—Junho 4

Ou hei de continuar o mesmo estilo das queixas ou me ha de faltar sugeito sobre que escrever; determino eu que sejão estas as ultimas asi por não enfadar tanto a Vossa Magestade com repetições, como por ter achado que são debalde as minhas vozes, e que quantos passos dou por ver se posso melhorar o negoceo, tantos o vou apressando ao precipicio, por não dizer que ja lhe pus a ultima mão. Chegarão outros dous navios de Portugal, dous avizos receby de Vossa Magestade sobre hũa mesma coiza; o primeiro de 15 de Abril continha a nova da chegada do exercito Castelhano, o segundo de 20 relação do numero de gente, e o pouco que tinhão avançado, estandoce actualmente pelejando sobre ocupar posto; passados alguns dias me veyo outro sobre a resolução dos inquisidores, das materias de Roma nem hũa so palavra; ao contrario o senhor Cardeal Protector recebeu seis despachos, e num delles (conforme dis) se lhe remetem as nominas; bastava esta narração para quem tivece noticia dos antecedentes por recopilação de todas quantas queixas eu pudesse formar, mas tem tam pouca fortuna este meu zelo, que ainda individuando, e mostrando ad oculum as minhas rezões, ou as de Vossa Magestade para o dizer com mais propriedade, não tenho duvida que sairei vencido como ate qui, que ainda que pelo discurço pareça impossivel havendome Sua Magestade que Deos tenha em gloria aprovado não lhos *(sic)* haver querido consinar sem embargo das excessivas deligencias que fes, e apontado eu em que as fundava, e quanto nos havia de ser nocivo, contudo

[1] Arch. Nac., Gab, I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 36.

a experiencia me tem ensinado ha ter tudo por fativel, e principalmente havendo visto que apezar de quanto tinha escrito se repos na protetoria, e se lhe vão dando prorogas.

Sempre me persuadi que os meus despachos forão tomados por Orsino, porque me constava das deligencias que fazia, e por essa cauza quando se foi frei Manoel lhe adverti que m os mandasse com toda a cautela; porem tirou me desta opinião o alcansar eu que Orsino prometia Bispos ad nominationem Joannis 4 Regis Portugaliæ, que Sua Santidade no primeiro consistorio depois da minha partida (que esta era a condição) comesaria com os primeiros quatro maiores, e depois continuaria com os mais. Ora como isto se teve por certo não havia para que escrever, não so não dependendo de mi este negoceo, mas pelo certo que estou do que ha de acontecer ser eu total impedimento a elle; bem pudera isto dar me alguma complacencia, porem ferem me tanto n alma estas materias que foi tam grande o sentimento, que me aumentarão hũas sesoins de que hia melhorando, e oje fiquo em bem mao estado; he bem para notar que sendo o avizo de Orsino de 10 de Fevereiro a nomeação havia de ser Joannis 4, e mais que havendo ce tido ao menos por fativel o que Orsino escreve se lhe mandem ordens para a execução sem se reparar que elle não pode obrar se narra verdade sem me eu sair primeiro, esta experiencia não se pode fazer continuando eu, he incompativel com a minha assistencia; e assi me espanto como se me não ordenou que me saisse, para o Cardeal ter direito de pedir ao Papa o implemento da promessa tendo de sua parte chea a condição que havia de preceder; e eu prevendo esta duvida lhe escrevi que se estava ainda o negoceo na mesma altura, que me avizace porque queria obrar como se me ordenace *(?)*, porem elle não respondendo ao ponto sahio agora com hũa nova escuza que logo apontarei.

De tudo isto se tira que a mi se me não da credito a couza que escreva, que se me calão de ca e de la as noticias . . . . . se quer concluir este negocio *(?)* que me tem *(?)* por parte para com o Cardeal Orsino como se tivece com elle algum letigio, ou pertenção sobre beneficio, que me tirace. Os Embaxadores Senhor tem grande autoridade para com o seu rei, seus avizos são oraculos, por isso se escolhem os homens de maior prestimo, e maior verdade. Os embaxadores não tirão instrumentos de testemunhas, os seus avizos fazem plenaria fe, sem entrarem em juizo contraditorio, nem se examina juridicamente os cargos que elles dão, de quem não he vassalo principalmente; he tam essencial

o defenderem os Reys a parte dos seus Embaxadores, que ainda na acção *(?)* bem sabida de Monsieur de Tre, que não foi ora a mais justificada, o Cardeal de Rochielu *(sic)* a tomou tanto a peito, que se virão os Barbarinos bem enfadados, e apezar de Urbano foi remandado a Roma, sem embargo de pedir o mesmo Pontifice que mandasem outro; o Embaxador de Hespanha correndo hum letigio entre o correio mor de Napoles e hum particular, porque aquelle quis appelar para a Camara apostolica com pretesto de que se comprara o oficio sem aprovação do Pontifice estando em suas terras, authoritate propria tomou o Embaxador o correio, e tirou a posse delle ao Marques Tarsis, e o meteo dentro de sua caza onde fica. Quis elRei Catholico encomendar os negoceos ao Cardeal Lansgrave facionario de Hespanha, e vassalo pelas rendas e porque o Embaxador replicou se suspendeo o despacho; se quizer apontar exemplos não acabarey em muitos dias estes; *(?)* não concorrem em mi estes requisitos, não he culpa minha sim de quem me aprovou para a missão, hũa ves aprovado ei de ir pela regra geral de os tratar *(?)* he ruina dos negoceos[1] e o mesmo he avizar eu de hum velhaco contra quem escreveo ja o Secretario Pedro Vieira a Orsino dizendo que se não fiace delle que era inconfidente, que ..... cujo avizo lhe veio por Hespanha e alcansou a instancias do Embaxador Castelhano Pimentel, que falava livremente e zombava do que lhe mandava advertir, que não ter reposta, e aprovar Pedro Vieira com hũa sua que deu de que não importava nada o que tinha feito. Ordename Sua Magestade que veja se posso alcansar o Chantrado de Evora para o filho de Gaspar de Faria Severim, e pedindo eu aos que sabia que me podião fazer maior opposição não pelos merecimentos senão pelas valias que não quizecem falar naquelle beneficio pois Sua Magestade levava gosto de que fosse provido nelle Francisco de Faria Severim, não so não tiverão respeito a carta, mas com termos poco honestos tratou quem o levou, que foi hum expulso Jesuita com hum irmão que actualmente serve em Napoles, e lhe grangea estas inteligencias de desautorizar o Embaxador, e desprezar o rogo, que alias podia ser preceito; emfim la o mexeu de sorte, que se partio o beneficio, em que eu não quis entrar. Vãose enchendo os nossos cabidos de semelhantes dinidades por ardis dos Castelhanos, e destes Ministros ecclesiasticos *(?)* seus faciona-

[1] *Deve ir aqui o que, sem chamada, se lê á margem desde* não concorrem *até* negoceos *(?)*.

rios ..... como he o datario para que ao menos possão ir fazendo hum partido no ecclesiastico;[1] no tempo de Innocencio se proveo hũa igreja de Castela por concurço, e ficou segundo em votos hum Cortezão, Valenciano, se me não engano; vagou outra igreja, que o Embaxador pedia, por ordem d elRey, como dizia, e intimou os Cortezões que a não prendessem; não se atreveu nenhum, por que rogace la com outras cartas; o Pontifice, que não levava gosto de prover o que lhe propunhão, e não havendo quem lhe pedisse o beneficio, sem supplica algũa o conferio naquelle segundo em votos, que assima apontei; pois havendo annos que era feito este provimento, e sem da parte do Cortezão haver delito algum, inda hoje não tem tomado posse. Este mesmo Jesuita nas orações da Somana Santa tendo se lhe advertido que encomendase elRey Dom Afonso 6, o não quis fazer, e tendo me eu enfadado logo que lhe vi a falta, fes hum papel em sua defensa que correo por Roma tanto em meu descredito; sendo custume nas igrejas nacionáes emcomendarem se os Reys, na de Hespanha pella união com o Imperio juntamente encomendão Imperatorem necnon Regem nostrum Philippum, na de França elRey de França sem menção de Emperador; ja não falta mais que as bofetadas.[2] Passo a Orsino escrevo o quanto obrava em nosso danno, as contrariedades em que em cada instante o colhia, em suma por essa carta que lhe escrevi a elle mesmo, que parece lhe não devia apontar senão a verdade, vera Vossa Magestade tudo quanto tem feito e dito, se não de mais que escrevi que era hum traidor e bastando dizelo hum Embaxador não bastarão as provas que mandei mais claras que a lus do dia; quanto mais encarecia que se hia perdendo o negocio nas suas mãos tanto mais lhe vinhão despachos favoraveis, como elle me escreveo forão estes ultimos; para que he remar contra agoa; quer Orsino que eu me va, porque inda que depois o colhão na falsidade da promessa ja tem logrado o intento de me haver feito sair, e não se sabe *(?)* qual seja o util; fassa se lhe a vontade, e eu de merce pesso a Vossa Magestade por meus serviços me mande ordem, sem deligencia algũa mais, nem protesto, que não pode obrar nada, com estes antecedentes; estou debalde gastando o dinheiro de Vossa Ma-

[1] *Depois, entre duas linhas riscadas, ha o seguinte, que parece deixou de o ser por esquecimento:* porem fece tam pouco cazo que não tive reposta

[2] *Desde as palavras* Este mesmo Jesuita *até aqui está riscado, pomol-as comtudo por curiosas; e ao lado, não riscado, lê-se o seguinte, que parece uma nota:* avisando eu disto não se me respondeo e elle ainda zomba de mim

gestade sem util algum, e o peor he, que sem esperança, porque em erva me corta as que nacem o Cardeal Orsino, como inimigo com capa de Amigo, fiando-ce d'elle todo o coração de Vossa Magestade, ainda do que esta por obrar. Senhor os ardis, e estratagemas dos Castelhanos, e seus facionarios que são os mais são finissimos, eu não os posso contraminar sendo contra mi Orsino, e as ordens que lhe vem, como posso logo sustentar-me nesta fronteira? Sahio agora a publico hũa a dous fins, ou para cohonestar a intenção do Pontifice, ou para disculpa do Cardeal Orsino, que esta com elles não alcansar estes Bispos, que ultimamente prometeo. Divulgou-ce nas Gazetas que eu mostrara hum bufete cheo de joyas para ao Cardeal Sobrinho, e na sua promoção que lhe mandara hum relogio de diamantes, de valia de doze mil escudos; ha ja dias que se machinou outra maior, que foi publicar-ce ser degradado hum frade porque de minha parte oferecera a Dom Mario vinte sinco mil dobrões pela provizão dos Bispados; dizem que o Pontifice enfado *(sic)* disera de *(sic)* que não vendia a Igreja, e pelo atrevimento o mandara degradar. Ate-gora duvidei do fatto porque me parecia que não cabia em juizo de homens crer-ce que sendo a justiça de Vossa Magestade clara, e confessando-a todos e constantado que de medo de Castella se não fas, havião setenta mil escudos, que para hum criado de Dom Mario era pouco, de pezarem mais que todo aquelle receo, principalmente sendo este Pontifice tam alheo de dinheiro, e affetando tanto esta virtude, que aquelles officios venáes que o uzo tinha ja aprovado de todo tirou, e pagando-os aos compradores, sendo mais dificultozo desembolçar, que o não embolçar, os fes graciosos; como logo havia eu de persuadir-me que poderião mais 70 mil escudos que a mesma conciencia; contudo esta tam recebido por certo que o frade falou, e que foi degrado *(sic)* que me parece que ou fora lançado pelos Castelhanos, ou que o frade movido da conciencia falase a Dom Mario, e como são tam odiosas as nossas materias, por fechar as portas a que nenhum outro se atrevece o degradacem, e por cohonestarem o degredo lhe desem a cauza que apontão; na copia que vai da carta que escrevi a Orsino lhe dou outras rezões mais que me parece escudo *(sic)* tornar a repetir aqui. Pega nisto agora Orsino dizendo que o Papa não quer dar os Bispos, que tinha prometido, por esta promessa que eu fis fazer; de la me não ajudão para desfazer estas machinas, por mi não vem authoridade, nem forças tenho para mais que saber defender-me; seja Vossa Magestade servido de ponderar esta recopilação que ao mesmo Cardeal

mandei dos serviços que tem feito a Vossa Magestade, e pelos meus pessoaes humildemente a Vossa Magestade prometo deixar este posto em que estou tam combatido, e por que não aja mais demora, se me pode mandar hũa embarcação, porque dificultozamente a poderei haver estando ainda a peste em Italia, Genova peor que nunca, e Roma ainda não admetida ao comercio.

Sobre os editaes dos Inquizidores *(?)* tenho ja dito o meu sentimento; o que farei sera escondelos, e não se verem nas minhas mãos; não sei Senhor que tem com o foro interior... perderce o respeito a Magestade, nem debalde elles levão conezias sem as pedirem, e outros as pedem allegando os serviços que tem feito a Sede apostolica, e vem a ser este combater com Vossa Magestade como contra hum enemigo da fe, dar por escomungados os que aconcelharão ao Senhor Rey D. João de felice memoria Pai de Vossa Magestade, donde se segue que tambem elle morreo escomungado; dizem homens que virão o breve de Inocencio que elle não atrevera nunca a mandar, como se a *(sic)* não atreveo a reprovar o parecer que sobre isso ouve,[1] se não fosse stimulado hũa e muitas vezes para isso, e assegurado do successo igual ao seu intento; de Alexandre consta que jamais falou na materia, como testemunhara o P. Tavora; em fim Senhor isto não he da minha profissão, e por isso passo em silencio o mais que podia dizer, e que ouço a cada passo.[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1657)—Junho 16

Em carta de 4 de Junho dizia a Vossa Magestade que não mandava a Orsino o papel por hum accidente que sobreviera, e que defiria o mandala *(sic)* a Vossa Magestade ate que fosse tempo de que a *(sic)* visse o Cardeal; mas vou com tanta circunspeção nesta materia, vendo que pelejo, não contra Orsino so, mas contra inimigos mais poderosos, que me não

[1] *Á margem:* que não levava censura algua

[2] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 37 v.

atrevo a mandarlha, *(sic)* porque se não diga, que foi ella *(sic)* cauza delle não dar os Bispos como prometia, e este foi o motivo da suspenção; mandey a Vossa Magestade a copia assì em Italiano como em Portugues, porque me persuado que no Concelho de estado não se explicão as cartas do Cardeal, que tenho por empossivel que dellas mesmas se não conhecece as suas tramoias; seja Vossa Magestade servido de que se lea toda no Concelho; de tudo quanto vai nessa carta tenho provas, e vou tirando certidões, ja que a miseria do Embaxador chegou a tanto, que basta hũa simples promessa do Cardeal que so a paixão a pudera dar por boa para[1] se lhe escrever com tanto agrado e favor, não reparando quantas da quell..... não baste nada como se fosse hum traidor, e falso nas na..... colhido em muitas, e como me tratão, com vergonha Senhor li a carta ..... Orsino,[2] e elle handa mostrando por toda esta Corte ... porque de duas não pode escapar ou discredito da nossa Corte, ou do Embaxador; praza a Deos seja a segunda, nelle não fallo porque ja sabe que todos o conhecem por homem sem pejo. Como Senhor se compadece que queira o Papa dar Bispos, e que fazendo hum tam grande beneficio a Portugal, não queira que este Ministro que aqui esta tal qual he lhe beje o pe pella graça, que elle sabe mui bem, que para Portugal ainda sem recepção de Embaxador he inextimavel, porque quem aceita Bispos ad nominationem possidentis (como mostrou o anno passado ao Papa em hũa carta de Sua Magestade que Deos tenha em gloria) muito mais se contentaria com elles ad nominationem regis Alfonsi e não lhe ser necessario meter condições de que me eu saia primeiro, e logo comesar com quatro Bispos; não se ve este vitio patentemente na carta?

O Senhor que he grande dor do coração ver que ho Orsino nos ha de estar metendo a lança, e que ha de haver quem o sustente, sem atentar nos dannos irremediaveis; espero com alvoroço o nosso gentilhomem, e mando sair o meu embaxador so dito por erumnia se podia crer; não que não seja mais que tempo de me eu sair, porem como convem, e não como Orsino dis enganandonos como a meninos; que duvida ha em que me va, quando Vossa Magestade mo ordenar, *(?)* e ser eu o correio que leve os Bispos quando não seja necessario que preceda a ida,[3] man-

[1] *Á margem:* o crerem logo

[2] *Desde* vergonha *até antes de* Orsino *está riscado.*

[3] *Não sabemos se o que vae desde as palavras* espero com alvoroço *até* ida *deve ir onde o puzemos; mas suppomol-o, e que é para substituir o que logo abaixo está riscado*

dar sair[1] o Embaxador ja he mais que tempo, porque Orsino promete Bispos, he necessario ir com os estrangeiros sempre com a sonda na mão porque facta pro infectis haberi non possunt; não ha fiar de quem se tem sospeitas, não quero que sejão evidencias, como devião ser; basta hũa testemunha para diminuir o estado que alias era illeso, e não ha de bastar tantas affirmativas de hum Embaxador; e grande miseria.

Moreo o Cardeal Bichi unico amparo meu, e servidor de Vossa Magestade; sendo o Cardeal Orsino de facção Franceza não lhe encarregou os negoceos, antes deixou poder e authoridade a hum seu secretario, que continuace com a Corte, e lhe escrevece ate que Sua Magestade Christianissima ordenace a quem se ouvecem de entregar os papeis. O embaxador de Hespanha cujo exemplo apontei ja em outra, não sei se *(?)* suspendeo a ordem de elRey, mas finalmente ficão os negocios ao secretario sem dependencia de Cardeal algum havendo tantos da facção; para que he cançarme em arrezoar que não topa *(?)* isto em defeito de rezões.

Busquemos algum alivio por cartas de Olanda de mercadores se diz que se confirma a nova da vitoria que tivemos contra os inimigos havendo ja levantado o sitio; que chegou navio a Ingalaterra com cartas de 6 de Mayo, e por França se dis que em Galiza tivemos outro successo em nosso favor; bem necessario era este avizo na Curia, ao menos ao senhor Cardeal Protetor.[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1657)—Julho 7

Dois mezes e meio depois de chegada a náo Maraboto me vierão as mãos as nominas, e despachos de Vossa Magestade, mas em estado tal que mal poderão servir, que em respeito da peste e reprova *(?)* se fazem aqui as deligencias tam apertadamente, que do fogo e vinagre ficão os pa-

[1] *As palavras* mandar sair *estão riscadas.*

[2] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 41.

peis de modo, que com trabalho se lem. Ordena me Vossa Magestade que sem embargo das desconfianças de Orsino trate de unir me com elle, e elle comigo procurando ambos a confirmação dos Bispos, de que tanto necessita o Reyno. Confesso a Vossa Magestade que me vira bem embaraçado pugnando de hũa parte o preceito de Vossa Magestade que he a minha unica ley, e da otra o meu entendimento, os meus olhos, e a minha honra e fidelidade, (sem embargo de me mandar escrever Vossa Magestade por verba dubitantis *(?)* que pudera ser que nacessem as desconfianças mais de zelo, que de paixão particular, o que eu imagino foi inadvertencia, ou pensamento de quem escreveo, que de Vossa Magestade estou firmissimo em que entende o contrario, e que não havia de querer afrontar me em duvidar da minha verdade) para tornar a buscar a hum traidor que não tratou mais que de arruinar nos. Quis Deos livrar me d este enleo, e lembrar ce d esse Reyno resolvendo ce Sua Santidade a dar os Bispos como já lhe tem prometido, e Vossa Magestade nesta conformidade os esta esperando, como eu fi *(sic)* por hũa carta que Vossa Magestade lhe escreveo, e elle me fes ver; com que nem eu tenho ja que negocear, antes servirão de embaraço as minhas deligencias, e quando não não livrarão *(sic)* nunca de ociosas, pois são para aquelle mesmo fim, que ja temos alcançado; não he necessaria a minha união, pois se pede antes por condição a desunião, que he o sair me, e deixar lhe a elle o campo livre. E agora se firmarão la mais nesta opinião, e na vitoria que contra o meu parecer se alcançase *(?)* com o que se segue.

Esta somana me veio buscar o Assistente da Companhia e me dixe debaixo de grandes sacramentos que indo falar a Sua Santidade sobre negoceos da sua Companhia, no fim lhe advertira as necessidades, e miserias d esse Reyno e suas conquistas, que quizece Sua Santidade por os olhos em tantas almas que se perdião vivendo ja os Catholicos nas partes da India mais na ley da natureza que da graça, e que o Pontifice respondera que este negoceo de Portugal era o que mais o opprimia, e trazia na imaginação, que ao Cardeal Orsino tinha dito tivece os papeis correntes para quando elle se resolvece, e logo tornou sendo que a elle lhe não importava dal os ou ao Cardeal, ou a elle assistente. Replicando lhe que m os desse a mi, que eu me sairia, e iria com elles contente, oferta de animo candido si mas não de homem de talento, e visto nos regiros e cavilações da politica, tornou lhe o Papa que de mi estava queixoso porquanto a força quizera ser Embaxador, o que se não ouvera feito me dera

as audiencias todas as vezes que as eu quizece, porem que oje tinha pejo em receber como a particular hum Embaxador, que assi a minha estada antes danava, que aproveitava o negoceo; respondeo o Assistente que elle faria comigo com que me saisse a Tusculo, ou outro qualquer lugar, para que Sua Santidade pudesse prover as igrejas, que não podião esperar, ou que Sua Santidade me mandasse que me saisse, que eu o faria logo (não sei com que poder fazia estas promessas) mas Sua Santidade lhe tornou que não costumava mandar sair; quis saber delle se seria em breve o provimento, não lhe deferio. Esta he em suma a pratica, escusada he a apologia, e com o que o Cardeal Bichi que Deos tenha em gloria respondeo ao Pontifice quando lhe dava estas escuzas me bastava a mi, apertava eu com elle que me ouvece audiencia, pedia, e o Papa sempre lhe respondia isto mesmo, a que elle tornou Beatissimo Padre isso são pretextos que desvanecem a vista da rezão; o Assistente he muito virtuozo, e o tenho por muito servidor de Vossa Magestade, mas no mesmo tempo o julgo mais a preposito para a sua cela, que para as sutilezas de Roma; bem se vio, que tendo tanto que replicar ao Papa, a nada sahio; apontalasei para que se veja debaixo disto latet anguis in herba. Ser Embaxador não consiste no numero dos criados, nas carrozas, e no Palacio, senão nos frocos, e no tratamento da audiencia; pois se eu nem trago aquelles, e na audiencia me sujeitei as leis de particular, como me fis Embaxador, de mais de que eu vim a Roma mandado pelo meu Rey bem sabia o Papa que hum homem da minha calidade de 16 annos de Embaxador, do Concelho de estado, que não havia de vir por residente, se aceite *(sic)* as audiencias apeandome foi movido de exemplo para que me ouvice o Pontifice, porque estava certo em que se elle era quem eu cuidava, que em me ouvindo trataria de remedearme, alem de que mais havia de mes que eu era chegado quando Sua Santidade me deu audiencia, e comtudo ja tinha a mesma caza que tenho, ou algũa couza maior, igual Palacio, e mais Sua Santidade nem me deixou de dar audiencia, nem me disse cousa algũa em que eu entendesse que encontava *(sic)* ao seu gosto; e quando lhe tornei a pedir audiencia foi o pretesto de dilucação *(sic)* o estar vendo a minha escritura, e quando se foi para Castel Gandolfo seis mezes depois da minha entrada, me mandou vizitar pelo Secretario Salviete, e prometer audiencia para quando viece, pois então não era Embaxador, e depois sim; mais se esta era a cauza de me não dar audiencia, porque quando lhe propus que me assinace hum Ministro

com quem eu negoceace, que levace a Sua Santidade as rezões minhas, e me trouxece as repostas, o recusou, como me respondeu seu irmão, que nem ao meu Rey, nem a mi por Embaxador me conhecião, e agora Bisbos *(sic)* ad nominationem Alphonsi Portugaliæ Regis; quer dar Bispos, e podendo darmos a mi, e mandarme contente com algũas esperanças mais quer elle me saya primeiro com universal escando *(sic)* não lhe aproveitando depois o provimento para lhe curar a opinião. Sabe Vossa Magestade o que querem, que com esta promessa me saia eu sem protestos, e então de tempos em tempos procurar pelas nominas, mandarem estas novas a Portugal, e irnos entretendo com replicas e treplicas dando tempo ao Castelho, *(sic)* que elles tem por firmissimo de que se hão *(sic)* de senhorear outra ves desse Reyno; porem eu em refrescando me sahirei se me for possivel, fazendo os meus protestos, e se a Vossa Magestade lhe parecer o contrario, mandeme avizar com pressa, que cuido ja me não achara a carta, sendo que eu não sei por donde me hei de ir. De Genova não ha esperar navio, porque morrerão nesta somana 2800 pessoas, e outras tantas feridas; Livorne não me quer vir tomar, porque se tornou a bandir Roma por alguns cazos que de novo acontecerão, porem couza de pouca importancia; para passar a França não tenho gale, faluca, ou barca, não estão os mares para isso; tenho pedido a Vossa Magestade me mande hum navio ha mais de quatro mezes, porem não se me defere, eu estou quebrando as sollas *(?)* por me sair, porque ja de todo perdi as esperanças das de lla digo, que de ca muitos tempos ha que eu tinha esta estrada por impossivel; pois se Olivença se tomou como aqui se publica então sera ella. *(sic)* Ahi mando a Vossa Magestade tres copias que o Embaxador de Hespanha publicou por esta Curia, com que nos avalião bem mal; e he grande dor do coração, que chegando nesta somana hum navio olandes a Livorne, que esteve oito dias nessa barra, e trouxe cartas de 16 de Mayo não ouve duas regas *(sic)* para mi para poder desmentir aos enemigos; elles cada mes, e cada quinze dias tem avizos, e nos atromentão, espero em Deos que por junto lhes daremos os desgostos.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 42 v.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1658 — Fevereiro 13

Em carta de 22 de Agosto dei conta a Vossa Magestade como por hum novo, e exorbitante accidente, que pocos dias atras havia sucedido, e do que em opposição eu obrara, ficava despachando o Dezembargador João de Roxas de Azevedo, que fechando os olhos as dificuldades e perigos, que se consideravão quasi invenciveis, partio a dois de Setembro por Marcelha em hũa faluca, porem a fortuna lhos pos tanto em pratica, que excederão a expeculação; navegou no Mediterraneo quatro mezes e meio (couza sem exemplo) lidando com a morte quasi todos os dias, sem nunca poder lograr o fim do seu trabalho; perdeu ce no porto de Ligorne a embarcação, afogando ce oito pessoas que sabião nadar, se salvou milagrosamente sem ter a arte; ali sem embargo de o tirarem meyo morto, e estar quatro dias de hum riguroso inverno despido em hũa lagea no meyo do mar, se tornou a embarcar em hum patachete ingres, que levava vinhos a Cadis para a armada; virão se perdidos muitas vezes, e duas arrivou a Argel, ate que nos ultimos de dezembro tornando a profiar com a fortuna em busca do estreito, encontrarão hũa esquadra de dez fragatas Ingrezas[1] e sabendo o que levava fes com que o navio os acompanhace; foi o Secretario ao Almirante (que assi intitulavão ao cabo) e lhe propos como hia em serviço de Vossa Magestade a negoceo de importancia, que fosse servido pois estavão tam perto do estreito, que não serião mais que trinta legoas, obrigace o navio que o trouxera ate li a deital o em Tanger, pois lhe tinha ja pago o frete com obrigação de o levar no *(sic)* Algarve se achase a frota, e se a não achace a Lisboa; servia de lingoa hum mercante Ingres, que depois de ser Consul doze annos em Sevilha, residia actualmente em Portugal, e tam longe esteve de o favorecer no

[1] *Á margem como nota, suppomos:* lançarão ferro em Motril e ali descarregarão o vaxel

requerimento, que foi cauza de que o Almirante não so lhe não deferice, senão que ate nas cortezias lhe faltace, exaltado contra elles por afecto a Hespanha e da sua propria confissão o alcançou o Secretario, de mais a mais fes tornar o navio para Argel, com que de todo se ..... a passagem, porem hum capitão da fragata Fartas *(?)* sobrinho de Cromuel o foi buscar ao patacho, e como entendia o Frances achou tam notificado o seu requerimento, que lhe prometeo que elle acabaria com o Almirante, que visto andar de vagar por aquelles mares buscandos *(sic)* os Malorquinos o mandase em hũa d aquellas fragatas ao menos ao estreito, e que elle se oferecia para isso; mas por mais que trabalhou e porfiou nada pode vencer, com que o trouxe para o seu navio, e o tratou com toda a cortezia, e regalo, reprovando o termo do seu cabo; em fim o Secretario se achou no fim de sinco mezes outra vez em Roma, fatalidade grande; e vendo eu que convinha muito muito ao serviço de Vossa Magestade o ser informado por pessoa que o pudece fazer como convinha, e satisfazer por hũa vez a todos os meyos por donde se podia encaminhar este negoceo, e o Secretario não chegar em estado para tornar a repetir com pressa (como convinha) a viagem, não me ficava mais que o Padre Dom Camilo San Severino, que pudece servir a Vossa Magestade nesta missão; muitas difficuldades se lhe reprezentarão, porem o dezejo que tinha de servir a Deos e a sua religião lh as facilitou; o em que mais reparava era, que como a missão do Secretario fora em tempo de desavenças com o Pontifice que ameaçavão passar adiante, e ir elle a persuadil o, vendo lhe sustituir o lugar se imaginaria em Roma hia ao mesmo intento, couza alhea da sua profissão, que poderia elle bem entendel o assi, ou assi *(sic)* porem que solecital o de nenhũa maneira; esta se venceo com fazermos chegar ao Pontifice mesmo qual era o fim da sua missão, que elle expora a Vossa Magestade de tal sorte, que me persuado eu que ninguem melhor; e então tendo Vossa Magestade por hũa vez tudo bem degerido se podera escolher com toda a prudencia o que convem mais ao serviço de Vossa Magestade; e porque elle se não quer ingerir nas primeiras materias, que parece que são mais do brio secular que da paciencia de hum religioso, narrarei succintamente o fato, e o meu pensamento; do primeiro podera testimunhar interrogado como de couza publica, do segundo não sei se o aprovara, sei porem que lhe hão de faltar rezões, se *(?)* o quizer reprovar, e com o silencio de necessidade o aprovara.

Havendo escrito a Vossa Magestade o Cardeal Orsino que Sua San-

tidade estava resoluto em dar os Bispos ad nominationem dilecti filii Alfonsi VI Portugalliæ Regis, a condição, porem, que eu me sahisse primeiro, e havendo o mesmo Pontifice com grandes ambiguidades, e quasi por oraculo dado huns longes disto ao Padre Assistente, trabalhei por chegar a rais da verdade deste negoceo, e a pocos passos alcansei, que o Papa caminhava a motos proprios, e que Orsino desviada a minha assistencia, senhor absoluto do campo, e da negoceação, prometia aceitalos da maneira que lhos quizecem dar, e tacitamente insinuava que os Bispos de Portugal estavão do mesmo sentimento; para a minha siencia sobejavão me provas, porem como para Portugal era necessario discutilas em tela de juizo, apertei mais as deligencias; dellas tirei por fruto hũa supplica em que a Manoel de Saldanha Bispo eleito de Coimbra lhe fazia graça Sua Santidade de lhe quitar 24$ escudos que devia ao Bispado de Viseu, e pedindolhe tres mil escudos de ouro de penção annua *(?)* no Bispado de Coimbra, não so lhos mudou, e concedeo no Bispado de Viseu donde fora preconizado por Innocencio 10, senão que não quis que se nomeace Bispo eleito de Coimbra, a ellação he clara se dava Bispos ad nominationem dilecti etc. que inconveniente era consinarlhe os tres mil escudos no Bispado de Coimbra donde estava nomeado, principalmente sendo mais rico, e outros *(?)* que inconveniente havia de nomealo por Bispo de Coimbra; pela informação do que correo com este requerimento que vai incluso, vera Vossa Magestade as replicas, e treplicas que nisto ouve, o que disse o datario, e os confidentes que la tem; passo a outra conjetura que como juris et jure, não admite prova em contrario.

Este clerigo da India de cuja negoceação fiz ja avizo a Vossa Magestade depois de varias consultas, em que não achavão outro inconveniente maior que a re.....cia delRey de Hespanha (res pudenda) me mandou dizer o Secretario de propaganda fide Monsenhor Albricci *(?)* que apontace pessoas capazes para a missão da India, que Sua Santidade os faria Bispos para acudirem as desordens que por falta de Pastores padecião aquelles estados, e perguntando o modo deslavadamente disse que de motu proprio; *(sic)* se isto he querer dar Bispos ad nominationem dilecti filii etc. a minha logica não me insinou assi.

Mais tem persuadido ao Pontifice, que não so deve não deferir, mas que mostre fazer pouco cazo de nos, politica que lhe não sei descobrir o util, porem prova ce evidentemente. Vimos que Urbano 8 naquelles primeiros annos em que a estimação do poder de Hespanha estava tanto

em seu ponto, que parecia que em pocas horas nos reaquistaria, mandou fazer suas congregações sobre o que devia fazer, da pessoa do Bispo de Lamego fes toda a estimação; Innocencio decimo fes tambem congregações, a Manoel Alvares Carrilho tratou com toda a suavidade, e estimava muito, e dezejava poder agradalo com que não fosse no essencial, ofereceu lhe hũa conezia de Evora, que elle com valor recusou, nas audiencias o ouvia com toda atenção, falando lhe muitas vezes em liberdade; e parecendo nos, que não so sobice, mas que em dezoito annos se terminace, baixou tantos pontos, que sem embargo da diferença da justiça de então a oje (digo pelos accidentes) e do caracter da pessoa que a solicita, nem por pensamento se falou mais em congregação, fazendo grande sacramento de me tratar luzido, e dar a ocazião de me preconizar o povo por Embaxador; para diminuir ainda esta aura popular o mesmo era saber ce que falava eu em qualquer graça que conferirem na n outrem, senão que não escolhião os mais dinos, para pretexto; falei no beneficio de Pedro Severim, com ordem de Sua Magestade que Deos tenha no Ceo, e quando m o não tirarão de todo partirão no, e no que concederão mostrarão que não a mi senão a Orsino se concedia; a hum sobrinho do Mestre de Suas Altezas perdeo hum beneficio so porque levou hũa atestação minha em como era sobrinho do Bispo d aquella diocesi, e o derão a hum pobretão sem merecimento algum; beneficio a homem que elles conheção por afeiçoado a minha casa de nenhũa maneira se da, não aponto todos os cazos bastão estes para exemplo, bem vejo que não são de grande pezo, porem servem bem para indicios da vontade, e para justificação da minha concluzão; ao Marques de Castel Rodrigo se lhe mandarão as listas dos beneficios, e depois se não conferia nenhum senão a gosto da Marqueza. Deixo demonstrações de alegria em a preza de Olivença havendo publicos onde assistião . . . . . e sobrinhos do papa, sendo maiores do que forão os pezames na recuperação de Tenedos pelo Turco.

Foi tanto em aumento esta politica, que querendo eu festejar a maioridade de Vossa Magestade dia de S. Bernardo, assi para que não cuidacem estes senhores que com a perda de Olivença de todo estava descorsoado, como elles julgavão, como tambem por me ajustar a ordem que de Vossa Magestade tinha recebido em que me ordenava que fizece as demonstrações de alegria, que me fosem possiveis, no dia da coroação de Vossa Magestade, e como aquellas cartas me chegarão quasi fora de tempo, o transferi para este dia, e como pela calamidade nossa não podia

ser como devia reduzi tudo a hũa boa carrosa, libre luzida, e hũas tochas nas janelas do meu Palacio. Como nesta Curia tudo são espias apenas o intentei quando o soube o Papa, e quando faltacem estas o Protector, não sei a que fim, por hum dos seus lacayos se mandou informar dos meus, que festas fazia, e não se contentando com me achar tão metido dentro das conchas, ate isto quis desviar. Vespera de S. Bernardo mandou o Governador a caza de Dioguo de Souza, e de Francisco Nunez intimar lhe que não puzecem naquelle dia luminarias, de sorte que tirou a devação aos portuguezes que as quizesem fazer a S. Bernardo, so porque se não julgace que erão ao seu rey, como se fora pagão o Turco; e como tanto que se comessão atrever, vão sempre avançando chegou a tanto a ousadia, que pello mesmo escrivão criminal se mandou fazer a deligencia comigo (res inaudita) era o recado: que o senhor Governador soubera como eu queria celebrar a maioria do meu Rey, e como prezentemente não convinha, me ordenava da parte de Sua Santidade me quizece abster daquella demonstração. Confesso que se me anticipou a colera, porem pela não mostrar disse ao escrivão que metece *(?)* em escrito o que continha o recado, o que elle fez logo, mas quando lhe disse o assinace fez reflexão, e me pedio quizece permetir lhe ir dar primeiro conta ao Governador, pois o seu poder se não estendia a tanto; tornei lhe que fosse muito embora, advertindo lhe que emquanto m a não puzece em escrito, me não dava por notificado, e que no interim dicece ao Governador que parecia couza incrivel que se me impedisse por quatro tochas na minha janela, quando pella coroação de Sua Santidade e ainda pella creação do Senhor Cardeal Gigi as puzera, e que com mais larga mão por ventura que nenhum Principe fez em Roma, porque em tudo quis mostrar conformar ce meu obsequio com o gosto de Sua Santidade; que não queria *(sic)* impedir me que no meu Palacio festejace a maioria do meu Rey, quando o Embaxador de Castella não so o fazia por toda Roma, mas ainda era acompanhado de Sua Santidade, e de seus Ministros; foi ce, e trouxe o outro dia por reposta, que o Governador me mandava dizer que era muito meu servidor, e que aquella ordem fora do oraculo de Sua Santidade, que quizece eu dissimular com aquella demonstração, pois era preceito do Pontifice: respondi lhe que obedecia mas que lhe advertia que aquelle pequeno fogo que por então me impedia, podia acontecer que acendece outro mayor, que com dificuldade se pudece apagar; em fim padecemos esta afronta aos olhos de todo o universo julgada por tam demasiada, que não ouve

quem a não vituperace, e nos injuriace pelo sofrimento. Eu depois de varios discursos, todos com os homens de maior juizo, e maior confiança, resolvi me com bem premeditado concelho a repellere vim vi, e assi no dia de Sam Bernardo me desaggravei fixando nas portas do meu Palacio hum edicto em nome de Vossa Magestade em que ordenava a todos seus vassalos que dentro de tres mezes se sahissem da Curia, cujo vai incluso; deu muito em que falar, e tirou por fruto o comessar o Pontifice por enterpostas pessoas a querer dar satisfações, e seu *(sic)* eu que as mandou a todos os Principes Catholicos, e a Vossa Magestade lhe constara pelos papeis que leva o portador. Estou bem certo que fora muito maior, se lhes não assegurarão de Portugal que o sofrimento não havião *(sic)* de ter limite, e que por mais que fizecem mais haviamos de sofrer; e aqui bem que no primeiro dia ficarão todos como pasmados, e o Protector me mandou dizer, que havia sentido a resolução de Sua Santidade, que visse o que queria que elle obrace na materia, e aos mais portuguezes dise, por não falar nunca verdade, que tinha a mesma ordem de mandar sair os portuguezes, porem que era quando Sua Santidade não quizece deferir, o que ate então não havia. Dei conta a elRey Christianissimo do que se me fez e do que fiz; fis o mesmo aos Cardeaes Mazarino, Grimaldi, e Este, que todos extranharão o excesso do Pontifice, e julgarão por necessaria a minha resolução porem caindo mais em si diserão que fora arrojamento meu, e que por exceder as ordens havia de ser reprehendido: so *(?)* donde me he forsosa não sei o que vira: a tudo me sacrifiquei pela authoridade do meu Rey; resolução Senhor Roma abusa da nossa piedade, não a avalião por tal, senão por pusilanimidade, he necessario mostrar lhe que assi como sabemos sofrer, sabemos tambem vingar as afrontas; não são materias de fe ter tochas nas janelas, e o que se podia cobrir com hũa ambiguidade de serem no dia de S. Bernardo, não quiserão perder ocazião em que não mostracem o affecto e condicção servil que professão a Hespanha, ou o desprezo que nos tem grangeado a nossa dissimulação. Sairem os cortezões de Roma, não vir dinheiro de Portugal a esta Curia, sospender a provizão dos Beneficios, por ventura que tanto serviço fora de Deos que com isso tivera Portugal Pastores, e que se remedearão tantos dannos, que com tão boa conciencia deixa o Pontifice a continuação delles; e porque não digo nada sem o estudo que pede a importancia da materia lhe mando a Vossa Magestade hũa copia do parecer que se deo a Philippe 2° nas desavenças que teve com Paulo 4° cujo exem-

plo se pode imitar pois he de hum Rey que elles por ca avalião pella unica *(?)* culuna da Christandade, e bastou o parecer para o Pontifice ceder, e ajustarce, e o mesmo fora se virão em Portugal peito, e resolução; convem que Vossa Magestade sustente esta o feito[1] tam justificada e aprovada, que veja o Pontifice que se exgotou a paciencia; sempre porem serei de parecer que se ouver algum atalho, inda que dificil, e que custe o passar por elle gotas de sangue, que sera pequeno preço, por não chegar a quebrar lanças; porem se o não ouver, ou se se não puder facilitar, ja não he tempo de tornar atras; mostrar sentimento da afronta, e resolução de não querer sofrer mais de sorte que cheguem ca as carrancas, que sempre servirão para facilitar e adiantar o que o portador vai propor, mandandome Vossa Magestade ordem para as executar em cazo que não tenha efeito a outra negoceação; com que tenho dado fim a esta embaxada, em que me parece tenho servido com tantos perigos, trabalhos, e zelo, que não terei muitos exemplos se Vossa Magestade o julgar como merecem meus serviços; aças de premiados ficão, e se a minha desgraça os fizer escurecer e desviar da lus da verdade, esteja Vossa Magestade certo que ficarei castigado com a pena capital, porque não podera durar a vida a hum homem que professa honra, alcansando por premio de suas fadigas e sua refinada fidelidade condenação do seu Rey. Cuja. *(sic)*[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1658)—Março 2

Senhor—Chegarão navios de Portugal, e recebo nelles hũa unica carta de Vossa Magestade de 30 de Setembro, que contem a resolução dos Estados, fomentada, e ajudada pelos Castelhanos, a exorbitancia dos artigos que propuzerão, concedidos por elRey Catholico, que do alheo sempre se promete largo, cuja imitação querião que seguicemos; a repulça não so foi de hum Rey valeroso, prudente, e firmissima coluna da fe, senão que pudera ella grangear nesta Curia a Vossa Magestade, não

[1] o feito *é emenda de* minha resolução, *com o que ficava boa a concordancia grammatical.*
[2] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 45.

o comprimento da sua justiça porque não são novos merecimentos, mas favores grandes, e novas honras, com que custumão os Pontifices decorar as acções dos Reys Catholicos; a corrupção dos tempos tem feito que so se avaliem os serviços que olhão para a concervação do temporal, e fazem pouco cazo do spiritual; previ a deligencia que Vossa Magestade me ordena fassa por donde me achar, porque a dor da perda dos navios da frota sendo em tempo que o Pontifice abominava a liga de França com Ingalaterra, e a entrega da praça de Mardic, em mãos de Hereges, fez com que o Cardeal Antonio lhe dicece, se a que fazia elRey de Castella com os Olandezes, erão *(sic)* com alguns Cartuxos, ou se erão *(sic)* contra os Turcos, sendo contra o territorio onde se concerva com maior pureza a fe; corri Hespanha, vi o Norte, resido em Italia, e posto que em sientes muito cabe, mais em particular o experto sabe; acrecentava que este formidavel poder de Hespanha em hum Rey cognominado Catholico por antonomasia, capitula entregar as praças dos seus vassalos (como que não são seus vassalos) e não he delito, e entregar França para melhorar de partido contra seu inimigo Mardic e Heregia; que Portugal desprezando este novo inimigo não menos formidavel por mar, que o primeiro por terra so por concervar seus vassalos na fe que professão, *(sic)* que o interesse não chega a despeza que promete a guerra, não so lhe não concedem a benção apostolica, mas se o quizer imprimir se me ha de prohibir o lastimoso tempo? *(sic)*

A fatalidade da jornada do Secretario da Embaxada havera feito tardarem tanto as resoluções, que imaginei quando o despachei, que ja oje seria voltado com o despacho, com que ou os negocios mudarião de face ou eu estaria ja em Portugal; e porque crecerão os motivos da esperança substituio o seu lugar pela sua impossibilidade o Padre D. Camilo San Severio, *(sic)* cujo talento, prudensia, e zelo ao serviço de Vossa Magestade depois de bem discutida *(sic)* passou em couza julgada, leva campo aberto para Vossa Magestade poder lograr o que ha tanto tempo se suspira nesse Reyno, e de mais a mais podera Vossa Magestade com pouco custo do publico defender os professores da doutrina da Igreja Catholica Romana contra o mayor inimigo que ella tem, e ameaça que vencidos aquelles passos, ha de entrar em busca da cabeça d ella; se Vossa Magestade promete fazer guerra a todo o mundo por defender a pureza da fe, ocazião e esta em que Vossa Magestade com hum so premio lograra hum e outro fruto.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 48.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1658—Março 23

Sebastião Pereira de Eça me entregou os despachos que para mim trazia, e no dia antecedente havia recebido ja outro duplicado dos termos, e clausulas com que Vossa Magestade foi servido ordenar me me saya logo da Curia; vejo claramente que estara Vossa Magestade persuadido de que tenho algũa conveniencia em dilatar me, de que se segue a restencia *(sic)* de sair me, e não o serviço de Vossa Magestade, ou que são tantos os deserviços que tenho obrado, e prudentemente se pode recear que obre ao diante, que se julgou necessario, e mais do serviço de Vossa Magestade ordenar ce me que a todo o risco deixace Roma, e não esperace por reposta dos negoceos importantissimos que o Secretario da Embaxada levava, do que por hũa piquena de paciencia mais ouvir a hum Ministro por cujas mãos e estudo tinha passado toda esta machina de gyros e tramoyas, com que lido a dois annos e meyo; e como o meu pretexto ate gora não foi outro mais, que o escrupulo de que faltaria aos Ministros de Vossa Magestade a certeza demonstrativa que eu tinha, facilmente se me tirava com se me dizer ouvimos o enviado e sem embargo executay. Qualquer alternativa d estas ofende tanto a reputação, que a honra não aquieta com estar segura de que se podera defender na prezença de Vossa Magestade, com que emquanto o tempo m o não permite sirva me esta carta de procurador. Se nisto Senhor ouvera pena talionis bem comprara eu a risco d esta afronta que se me faz ver pagar aos meus inimigos as cavilações com que tratão de me enxovalhar tanto em deserviço de Vossa Magestade, ja nos negoceos, ja na reputação do seu Embaxador, porém eu de contado levarey a queda dada aos olhos de toda Europa, e depois com hum encolher de ombros, e hum não cuidem purgão a mora os que fazem valer a Vossa Magestade e a seus Ministros que isto é o que convem a seu Real serviço.

Vou a prova ..... de hũa e outra .....; em nenhũa carta

minha se vera haver eu pedido proroga de tempo, senão aquella que se entendesse necessario para executar os meyos que apontava;[1] e quem propoem hum acto de certo modo parece que quer que ou tudo ou nada se lhe conceda, e assi faltando o modo, não . . . . . a dilação. Repetidamente importunei a Vossa Magestade com a merce de me querer mandar hum navio em que me fosse; a petição e de quem estava bem disposto a partir ce, porque se viesse, claro estava que eu não podia deter me hũa so ora fazendo vagar demoras, *(sic)* e menos tornar a mandar o navio; e não se pode dizer que estava eu certo de que se me não havia de mandar, que so teria lugar esta malicia quando eu pedise couza ou imposivel, ou tam dificultoza que o parecesse, e não tam ordinaria, que quasi se pode dizer do direito das gentes, que não e outra couza, que o uzo que todos aprovarão: o Papa mandou os seus Nuncios em quatro gales; França a Monsieur de Leone lhe mandou hũa de Genova, e ao Cardeal Antonio quatro navios de guerra, e comboiando a sua alfaya chegou os dias passados outro; o Duque de Terranova esteve seis mezes partindo cada instante esperando gales de Hespanha, que ultimamente vierão; não quizera eu estimar me em menos, se não por Francisco de Souza, por Embaxador delRey de Portugal; e tanto mais forte e este argumento, quanto eu me contentava com que se me mandasse navio fretado que fosse de força e não o que aqui podia tomar, que quando o achase seria como o que em *(sic)* foi o Secretario, de que lhe resultarão os trabalhos, e naufragios que padeceo, logrando hoje a vida por nova graça da omnipotentia; e eu Senhor ja que não posso viver na minha terra honrado, perseguindo me os meus mesmos parentes em favor de hum estrangeiro, e tal estrangeiro, quizera ao menos ir morrer a patria, para isso é me necessaria passagem segura estando o mar cheyo de corsarios; e isto me moveo escrever muito antes ao Embaxador Francisco de Mello quizece tratar o alcançar me hũa licença do Protector para que estas fragatas que aqui andão, em que se salvou o Secretario, me conduzicem; e quem fas estas deligencias Senhor não quer estar em Roma, senão emquanto serve em Roma a Vossa Magestade. Lembra me que quando fui de França com a liga a todo o preço, que ou a minha desgraça, ou a malicia de outrem, impedio, vendo eu o mal que seria recebido dos Ministros daquelle Rey com

[1] *Aqui, em entrelinha, tem a palavra* direcção *junto a outras riscadas, e que parece deixou de o ser por esquecimento.*

o despacho que levava, e juntamente a boa saude que tinha me fizerão mostrar ma vontade a jornada, escreveo o Secretario Gaspar de Faria Severim das Caldas a Pedro Vieira da Silva, que se voltando elRey, que seria dentro de tres dias, me não achasse embarcado, seria forçado a vir a demonstrações; agora o mesmo *(sic)* ameaços se me não sair. Valha me Deos; ameaços se não entro no serviço, porque vejo que não posso servir bem, ameaços se não desejo o serviço, porque vejo que sirvo assim melhor; se e rega *(sic)* de politica saberem mais os praticos que os expeculativos, havendo nos ensinado os animaes e os homens rusticos mais que os dotos, que rezão a de aver para que aos *(?)* 66 de edade, e poco menos de experiencia de todas as cortes da Europa, depois de haver manegado *(sic)* hum negocio que por boa rezão . . . deve de saber mais d elle que nenhum outro Ministro, em couza nenhũa se conformem a seu parecer, e se siguão os ditames de quem não sabe da materia mais que por noticias; pois em verdade Senhor que não imagino que em todo este tempo ajão sido as faltas grandes, porque se a especulação dos Ministros fez avaliar hũa acção *(?)* por delito merecedor de grandes penas, acudio por mim a experiencia, e . . . fes com que se trocasse a pena em premio, as reprehenções em agradecimento, e bem pudera este exemplo moderar a paixão dos homens que contra mim erão.[1] O Conde Duque se pagava muito do adagio Portuguez rou rou fassace o que elRey mandou; porem esta maxima so *(sic)* para Ministro que quer governar como elle fazia e a seu prazer, e absoluta, *(sic)* e sem explicação, mas eu prezentemente a olhos fechados sigo as ordens de Vossa Magestade naquillo que posso; ao Padre Dom Camillo San Severino despachei havera mez e meio, e suposto que o que leva a comonicar a Vossa Magestade pedia esperace pela reposta, que em dois mezes mais não se murchão tam verdes esperanças, e não poderem dizer os que me tem tomado a sua conta que são

[1] *Desde as palavras* e bem pudera *até aqui está escripto á margem e, posto não se indique o logar em que deve entrar, parece-nos ser este o proprio.*

Pouco mais abaixo e tambem á margem ha o seguinte, que aqui copiamos por ignorarmos onde pertence: da noticia . . . . . que conforme a ella . . . . . maior demora executar . . . . . interpretara . . . a rezão e clara; a instrucção funda se na rezão que se deve . . . na corte a que se vai tratar, pela maior parte falta esta base porque se não obra como se deve senão como os accidentes o pedem, se o Ministro se não governar por elles, explicando a mente do seu Principe, jamais podera acertar principalmente sendo vassalo, e o temor do castigo lhe fara ponderar com concelho o que deve fazer; não melita esta rezão no eminentissimo Senhor, não o atemorizar o temor da pena corporal, que da pecuniaria a Principe serve liberal, que lhe sabera recompensar a perda

embargos de materia velha, com tudo eu me preparo desde logo para a partida, me despedi ja do meu Palacio, largei parte da familia, ... e tomei hũa caza por hum mez, donde aguardarey ocazião de poder passar, e de vaxel. Hũa couza e outra me falta, inda não temos pratica com Ligorne, nem convem que me va expor no dominio do Gran Duque a esperar por Navio; Dom Camillo leva o requerimento de se me mandar de lla embarcação, espero da rezão de Vossa Magestade que ouvido *(?)* julge por conveniente a seu serviço o deferir ce me com efeito, com que se escuzarão replicas, e treplicas, e comesara a luzir o fruto de outra melhor negoceação.

A segunda parte. Os meus serviços nesta Curia ainda que meus inimigos tratem de os escurecer, hão sido tam claros, que sempre hão de conservar algũa lus; que rezão pode haver Senhor para que podendo ce fazer a experiencia da promessa de Orsino e sustentar me na authoridade, se não fassa; em Portugal quando muito se a de duvidar do que eu escrevo e do que escreve Orsino; nesta perplexidade (que eu mereço) não era o melhor caminho examinar ce a verdade sem me afrontarem; não seja este traidor e aleivoso o que o averigue como averigou; aqui não esta o Cardeal Antonio Principe, Ministro delRey de França, e tão amigo do Cardeal Orsino, que dezejou muito que eu me ajustace com elle; quem melhor que elle podera mostrar a verdade; que o Papa se lhe dissece que si, não avia de tornar atras, porque com o Christianissimo vão muito atento, que ainda que a parcialidade que tem de Hespanha nos iguale, na inimizade, os respeitos, que pela maior parte são filhos do temor, e mais nesta Curia constitue *(sic)* hũa gram diferenza; e se lhe dissece que não prometeo *(?)* tal podia me eu então ir com mais honra, e pode ser que com mais util; bem se deixa logo de ver Senhor que o parecer que la se tomou foi so em meu odio, e a meter me tanto debaixo dos pés de Orsino que ainda aquelles protestos cujo segredo se me encomendou debaixo de tantos sacramentos e que nem o alcançace o Protector oje vem a sua disposição, para maior mortificação minha;[1] paciencia ja que assi o quis o meu fado; as ocaziões e o medo fazem os negoceos, muitas vezes me persuadi que se seguice la o meu parecer, poderiamos conseguir o intento; oje se seguir *(sic)* não obrara nada, a rezão e porque como nesta Curia tem grande força o medo, se em Portugal se armace hũa trovoada,

[1] *Á margem:* ..... aqui se trabalhei

havia de dar muito em que cuidar a Roma, e nem todas Senhor lanção rayos que se la fazem reparos, tambem ca os fazemos; e não se havera visto em carta minha, que aconcelhace fazer Bispos, ou outras inovações, que alem de me não meter no que não me toca, bem lhe concidero os inconvenientes; para as carrancas não a nenhuns, porque não se ha de dar fianças a executalos, fazelos sim de modo que parecece que ja os executavão; oje não se tirara fruto, porque se sabe que eu sou o que quero ex..perar essa paciencia constante, e de ca solicito os rigores, e o que e violentado não e eficax; dirseme á que para quando eu for terão lugar estas demonstrações ponderadas depois com a minha assistencia, a que respondo que quem em papel não sabe aconselhar, muito peor o fara em vox; de mais de que ja então não a lugar de enganar, se não chegar a romper, e quem repara nos ameaços que fara nas resoluções.

O meu temor foi sempre e e inda hoje de motus proprios; dirão a Vossa Magestade não os aceitaremos: de vagar Senhor com licença de Vossa Magestade; esta Curia sabe muito bem o furor em que eu entro quando se me fala em tal pratica, não assi o Cardeal Orsino, que so para la e a promessa ad nominationem dilecti filii etc; nestas nossas desavenças, e opiniões elle sahio com a sua aprovado *(sic)* por Ministro, e reprovado eu; e não de qualquer maneira, senão que dis que se lhe encomenda que me busque gale, ou navio em que me fassa ir que e o mesmo que mandarme para me castigarem dos meus erros; da o Pontifice motus proprios, aceita o Senhor *(?)* hum Ministro aprovado donde fica o lugar de replica; isto Senhor não a de ser em juizo onde e necessario mostrar a procuração; a prezunção nestes termos esta contra Vossa Magestade, choverão escumunhões, não ligão como injustas; digo que Chumasero embaxador de Castella no seu memorial ao Papa dizia haver em Portugal tres sortes de homens fieis, rebeldes, e neutraes; isto e equivoco, e assi digo o mesmo mudando so os fieis em rebeldes, e os rebeldes em leaes, os neutraes em descontentes; cada hum destes Senhor interpretara a seu modo, e provo com o que me disse Sebastião Pereira de Eça, que alem de ser homem de mui boa rezão mostra a experiencia e familiar trato dos Ministros, que se temia em Portugal que estas semrezões do Papa não fizece ao Povo entrar em desconfianças do direito de Vossa Magestade; o *(sic)* quantas vezes escrevi a Vossa Magestade que nos não argumentacem da nossa paciencia contra o nosso direito, e é tanto assi que o Cardeal Antonio respondeo a hum que lhe falou nestas materias pocos dias

á que quando elRey de Portugal quizece renunciar ao seu direito e a melhor regalia que tinha, so por não mostrar ao povo caminho para duvidar da sua justiça o não devia fazer; aqui Senhor não atribuem a piedade o nosso sofrimento, discurção logo sobre hũa de duas, ou que e tam grande ainda o partido de Castella entre nos, que prudentemente dissimula Vossa Magestade para evitar as ocaziões, ou que e tam pouco o direito que não acha Vossa Magestade em seus vassalos rezão[1] para obrigar o Pontifice a hũa injustiça. Tenho sido hum pouco largo, quis dizer por hũa ves tudo, e tambem como ja não esta o negoceo nas minhas mãos, pode ser me achem rezão.[2]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1658)—Abril 5

Logo que receby os despachos de Vossa Magestade tratei no modo que me foi possivel mostrar a dispocição para a execução das ordens; e não tendo ocazião de embarcação segura, nem menos me convir ir fazer quarentena no estado do Gram Duque, havendo pedido a Vossa Magestade me quizece mandar hum navio, tenho entrado em esperanças me podera aqui chegar em tres dias, que vindo a Civita Vechia ainda em tempo que comecem ja as calmas, não me serão ellas de impedimento; e tem me dado conjectura a este pensamento o ver que as tres mezadas que Vossa Magestade foi servido mandar se me remetecem logo não são chegadas, por ventura porque virão na mesma embarcação que me ouver de levar; mas porque nem o Reyno, nem os Bispos se queixacem da minha demora como impeditiva de hum tam grande bem, a hum recado que por Sebastião Pereira de Eça me mandou o Cardeal Orsino dei por reposta o que Vossa Magestade sendo servido vera de hũa certidão narrativa sua, que em tal miseria de credito me puzerão os emulos; não discurço, so pesso

[1] *A palavra* rezão *está riscada; mas copiou-se porque sem ella não ha sentido.*
[2] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 49.

à Vossa Magestade queira fazer reflexão naquellas palavras (nem em parte donde saibão da resolução) que so tem lugar quando forem *(?)* em pro do Reyno, sendo eu hum grande traidor, ou o que e mais certo que a de ser ella tal, que estando eu em qualquer parte de Italia, havia eu de vir pello meu zello a impedilo com todas as minhas forças, e deligencias; por estas e outras apressão a minha ida, e eu mostrarei a Vossa Magestade documentos originaes, porque se não escuzem com os avaliar por inventados. Deos guarde. *(sic)*[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1658)—Abril 20

Não servira de mais a prezente que de insinuar a Vossa Magestade como não ei saido de Roma por haver faltado nas diligencias, porque no dia de hoje me acho de todo prestes para todas as vezes que se oferecer ocazião de poder partir; e não a sido pouco, sem embargo de se me ordenar por despacho de Vossa Magestade que fosse no mesmo dia, sendo necessario entrouxar o fato, esperar mare . . . . . partem para Aldea Galega, e por terra alem do impedimento do comercio, não basta para desatar este enigma senão depois de saido de Italia. A mi Senhor convem mais o sair me de Roma, porque quanto mais depreça o fizer tanto mais sedo se verão os erros e os acertos; tive novas de que em Civita Vechia estava hum navio de força, despachei logo hum gentilhomem meu para o ajustar, como testimunhara Sebastião Pereira de Eça, e Monsegnor Mendez, que foi quem me deo o avizo, mas achei que era navio framengo fretado pelo Principe Pamphilo para ir em favor dos Venezeanos contra os Turcos. Escrevo por remissões as testemunhas que so em mi e pratica, não admire Vossa Magestade o extranho estilo de Embaxador que não fasa exemplo. Fas *(?)* Deos merce a Vossa Magestade que ja não estou em estado para tornar a representar, entrarão outros na luta, com melhor fortuna si, mas

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 51.

com mais forças não. De me Vossa Magestade licença sendo servido para hũa ponderação. Escrevi a Sua Magestade que esta em gloria, em ocazião que Sua Santidade me mandou hum recado por hum Monsegnor Secretario de cifras mandando me dizer que não estranhase a dilação, que antes era porque trabalhava com todo o cudado no meu requerimento, que vindo de Castel Gandolfo, me daria audiencia; tirei daqui algũa esperança, assi por havermos chegado a hum ponto, que ate então se não praticou, vir as minhas antecamaras hum Ministro do Papa, e mandar recado publico que portava una embasciata de nostro Signore, são formaes palavras suas, como tambem por ser a direita estrada das negoceações; respondeu ce me que muita graça me achavão em fazer cazo daquelle recado podendo o Papa com hũa so palavra deferir me. Escreve o Cardeal Orsino que o Papa quer dar Bispos ad nominationem etc. mas com condição que me saya primeiro; escrevo eu o que alcanso pelos mais Cardeaes, os atos *(sic)* que o Papa faz, que são os correyos da dispozição; a ambiguidade com que falou ao Padre Assistente, porque nunca disse o modo dos Bispos, nem lhe quis aceitar a oferta de me eu sair com a stipulação; o ser contrario aos ditames dos que caminhão com a verdade sem *(?)* cavilações, pois o mesmo Papa mo podia dizer a mi ou ao Cardeal Antonio quando le *(sic)* fala nestas materias; e não o querendo fazer, não achão a este inaudito modo de negocear graça; a pari passu comigo caminhou o Cardeal Bichi, sendo homem daquella opinião, a pari passu[1] o Cardeal Antonio Ministro de França, nenhũa conta nem estimação destes, e tanta em dos *(?)* de Orsino. Dir se me ha que perdemos em fazer a experiencia; respondo que as couzas que são contra a rezão, e contra toda aparencia, que por si so desvanecem o fazer a experiencia e mostrar que não chegamos a alcançar as couzas com a lus da resão; e e discredito grande enganar Orsino a hum Reyno, quando em Roma o não podera fazer a hum minino de sinco annos; da minha authoridade ja não falo, que sou membro podre. Torno donde me deverti aos Mendez tenho pedido me busquem embarcação, são correspondentes e amigos de Gaspar de Faria Severim poderão apadrinhar me com a verdade para os calumniadores que quizerem que este meu retiro onde fico seja mais afectação, que sincera disposicação. *(sic)*[2]

[1] *Á margem das linhas onde está esta palavra e as que se seguem até* respondo *acha-se escrito o seguinte:* que alem do perigo de que ja dei conta

[2] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 51 v.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1658)—Maio 6

Em 20 de Abril escrevi a Vossa Magestade dando lhe conta das diligencias que tinha feito, e as que hia fazendo para a minha embarcação, e imaginando eu que fosse a ultima, trouxe me ontem o Padre Assistente materia para esta carta. No dia antecedente havia estado com elle o Cardeal Orsino, com cujas persuações, e as[1] a ir falar ao Papa, que sendo dificultosissimo no dar audiencias pedindo a ao sabado ao domingo pela menha se achou aos pes do Pontifice; refere que muito incolerizado lhe dissera que eu abuzava de sua paciencia, e que se me não fosse me mandaria meter em hum carcere, e que ja estivera para o fazer; que se tinha determinado fazer algũa couza não seria emquanto eu aqui estivece; as palavras com que lh o disse forão as formais si aliquid faciendum statuimus, e reparando eu que excluhião a promessa que Orsino tinha de parte de Sua Santidade, porque então disera quod faciendum statuimus, tornou me, ou quod faciendum; que dava por motivo para a colera que me metia em negoceações e ainda praticas secretas de noite. Esta vem a ser a narração, Vossa Magestade dara licença para o discurso: o primeiro reparo que se oferece e para que foi esta deligencia? não sabe o Assistente que emquanto me eu não for não so se não querem dar Bispos, senão, que nem falar no modo; não sabe mais que Vossa Magestade me manda sair; não tem visto com os seus olhos deixar o meu Palacio enviar os meus criados Frances *(sic)* a França fazendo o gasto com que os podia sustentar hum anno largamente em Roma; não ve vender as minhas carrosas, e cavalos, vender as armacações, *(sic)* e todo o mais movel de minha caza; não lhe consta demais que para sair de Roma ou ei de entrar nas terras do Papa, ou nas de Castella, nas deste fasso muito por me não encon-

[1] *Depois de* e as *lê-se riscado* de Sebastião Pereira de Eça o induzirão *o que faz sentido ligado com as palavras* a ir *etc.*

trar com elle *(sic)*, nas daquelle ja Vossa Magestade tera visto como se não dão por satisfeitos, ate não estar em parte donde não saiba da resolução; vem a ser logo o fim querem me *(sic)* amedrentar para que eu me meta em hũa barca, e me passe a França; mas inda me não tem entrado, e deficilmente imagino o acabarão comigo, que so abraçara este perigo, quando com elle comprara o serviço do meu Rey e da minha patria; mas a sabiendas perder a vida, ou a liberdade, e por fruto tirar novos embaraços ao Reyno, se parece bem a outros, eu não sou obrigado a fazel o. O Senhor Rey Dom João Pai de Vossa Magestade, quando me ordenou vir á Italia, repetidamente me encomendou a segurança de minha pessoa, e se se da la tanto credito ao Cardeal Orsino podião ver o que disse que os Castelhanos fazião ja por me colher antes de entrar em Roma, ja por me enxovalhar depois de estar nella; agora experimento que nem Vossa Magestade foi servido encomendar me que me saisse com toda a cautela, e segurança, senão, que me não detivece nem hum so dia, sem se repar *(sic)* nos inconvenientes; pois imaginão Senhor que isto não nace porque se entenda la que se darão Bispos, couza e a que me não persuadirão ja mais, porque não a conjetura nenhũa donde possão deduzir as esperanças, e muitas probabilidades para o contrario. Em Roma não a pessoa algũa que se não ria da credulidade fundada na simples promessa de hum homem tirado geralmente por mentiroso, e affeto a Hespanha; se Sebastião Pereira de Eça escrever a verdade como imagino fara dira não haver falado com homem nesta Curia, que nos termos em que estamos crea se dem Bispos como a Vossa Magestade lhe convem; o Padre Assistente e muito grande religioso, igualmente servidor de Vossa Magestade, a sua singeleza se foi boa para mestre de noviços, não o pode ser para saber levar bem hum negoceo tam intricado como o que temos entre mãos; e necessaria muita experiencia das Cortes, e não dos claustros para poder decifrar estes inigmas, muita prudencia para partejar bem palavras tam prenhes, com as com que o Pontifice lhe falou por duas vezes, e tendo lugar de poder colher a tenção pelas palavras, nem replicou, nem discursou; quatro embaxadores se contão nesta Curia de Vossa Magestade, a mi se me da o titolo honorario, mas sem exercio, *(sic)* cometendo este, e as instroções secretas ao Cardeal Protector, Padre Assistente, e Sebastião Pereira de Eça, e he muito para ver as repetidas sessões *(?)* destes tres a vista de toda esta Curia, que tudo quer tirar pelo discurço, dando grandes rizadas dos meus edictaes, e demonstrações com o Cardeal Orsino; e

daqui naceo o proromper o Pontifice naquellas escandalozas palavras de que me meteria num carcere, porque estima por delito do querer eu ser mais Portuguez do que e Vossa Magestade, e o seu Concelho, tendo por ofensa muito particular atreverme eu ao que nem Vossa Magestade mandou fazer, e todo o Concelho estranhou tanto, que não ouve quem o não vituperace e me estimace por escumungado; a prova clarissima é, Vossa Magestade bem sabe o que de mi disse o Pontifice naquella ocazião; dos Ministros de França se pode Vossa Magestade informar dos officios de satisfação que da parte do Pontifice passou o Nuncio com elRey de França, oje passa a meaços publicos; donde tanta differença? direi brevemente; sabe o Pontifice que la se tem avalido *(sic)* por deserviços as minhas resoluções nesta Curia, que a desfazelas veio Sebastião Pereira de Eça, e ainda que Vossa Magestade foi servido escreverme, que seus negoceos o trazião, *(sic)* e eu o protesto assi por salvar a minha honra; nem Italianos, nem Portuguezes se aquietão com esta explicação, porque e costume inviolavel não admitirem o que se não caza com o juizo. Sebastião Pereira tras mesada de sincoenta escudos de ouro cada mes, quinhentos escudos de ajuda de custo, o credito enviado por mãos do Secretario, que nestas materias serve de estado; deixar o seu cargo, isto por tres negoceos, ou cauzas, que diz o obrigarão a vir tão frivolas, que me espanto eu delle, sendo homem alias de boa rezão, o insinualas; *(sic)* os cortezões, como lhe tocou no vivo expendem isto com mais miudeza, dizem pede Sebastião Pereira um canonicato in partibus vem cartas de Vossa Magestade para hum neto de Ruy de Moura Telles, carta para um filho do Marques de Niza tam benemerito por serviços de seus avos da Sede apostolica, e neste concurso e preferido Sebastião Pereira; quem me sabera encobrir *(sic)* a rezão; elle não estava dado quando vierão as cartas de Vossa Magestade porque oje neste dia se proveo, e porque ja que não a conezia, porque não o chantrado? a se de dar a hum homem particular; não e mais ajustado a hum filho do Marques de Niza, ou Conde de Val de Reys, principalmente a petição de Vossa Magestade; e quando não valem os rogos de Vossa Magestade para hum canonicato sem contradição de parte, como valera a nomeação para os Bispados tam impugnada mais pelo confirmante *(?)* que pelo terceiro; pelo amor de Deos Senhor, que não interponha Vossa Magestade seu nome em vão, não mendiguemos as afrontas.

Ja vimos o fim que levou Orsino em pedir a audiencia e o Papa em lha conceder, vejamos o fruto, e logo discurçaremos sobre as cauzas;

arrojarse o Papa a dizer que meteria hum Embaxador de Vossa Magestade num carcere, por materia bem mais pezada disse Xisto V ao pai do Conde Duque que lhe mandaria cortar a cabeça, mas ouvio por reposta, que não faria, *(sic)* porque tinha Rey que pella vingança cortaria tantas que sem remedio se arependeria Sua Santidade; e o Marechal d'Etré fazendo hum criado seu hum delito tam exorbitante como tirar um condenado a gales das mãos de toda a justiça, e querendo mandalo a França pelo livrar, porque o Papa jurava de o casticar e ir *(?)* prendelo a sua caza, os mais dos dias sahio com elle em carrosa a encontrarce com os Barbarinos, nunca ouzarão senão comporse com a magoa *(?)*, ate que o descobrirão em descampado, onde lhe atirarão a espingarda; muitos exemplos pudera apontar dos Principes inferiores, mas e dar vozes em deserto, e eu ja estou ensinado da estrada por donde caminhamos, e não posso fiar de mi tanto, que me persuada que poderei fazer mudar a via real. Não sabe o Pontifice que dando promessa de Bispos ad nominationem dilecti filii etc. que me ei de ir logo; pois se o dexeja tanto para que mendiga pretextos, se com dizer eu darei Bispos ad nominationem dilecti etc. vasse logo logo, lograva o fim; e se a deu a Orsino tantas ves *(sic)* porque não hũa ao Assistente; note Vossa Magestade sendo servido que a promessa de Orsino foi em Fevereiro do anno passado, em Mayo morreo Bichi, e hum mes antes de morrer me desenganou, que pelo caminho que levavamos me não cançase; vem o Cardeal Antonio dis me o mesmo, e cudo o escreveo a Vossa Magestade; que é isto Senhor como se enterpreta no Concelho de Vossa Magestade esta certeza, que me afirma Sebastião Pereira que se tinha por de fee. Diz o Pontifice cœpit miscere se in negotiis etiam nocti; não dismintamos Sua Santidade (que bem pudera ser sem sentir mal delle) estas praticas ou tratados não deve de ser contra o Papa, claro esta, logo seguece que seria contra Castella, pois em que ofendo eu ao Papa em fazer o mal que puder ao inimigo do meu Rey e da minha patria; não faz mal sendo Pai comum na eleição do Emperador, que devia ser livre, em trabalhar que seja hereditaria na caza de Austria de quem e partialissimo, e encontrar aos Franceses, sendo que estes querem o Baviera Principe Catolico, que e so o motivo por que elle devia acodir, e julga por crime contra a Sede apostolica o meterme em negoceos, de que resulta util a minha patria. A este engano deu causa porque queixandoce os Castelhanos da minha asistencia, e respondendoselhe que com me não deferir Sua Santidade lhes tirava a cauza, e lhes não fazia

dano, replicarão que eu tinha tratados sobre as praças de Italia, e revoluções de Napoles que me carteava com o Duque de Modena, o Cardeal Mazarino me escrivia em muitas postas, conferencias com o Residente de França Cardeal Antonio, e o Padre Doneli todo confidenti do Cardeal Mazarino; isto é o que atormenta ao Papa, e daqui vem o não aceitarem o sairme de Roma, e o estar em Italia, porque como não e para dar Bispos, senão por estes receos, de qualquer parte que *(sic)* eu estivece em Italia puderia fazer o mesmo danno por isso trabalhão a que seja *(?)* logo porque se temem desta campanha; outra prova inovace a duvida de que não a nominas de Vossa Magestade senão as velhas; porque lhe pareceo que isto me deteria mais esperando que me viessem diz que ja tem ajustado com o Papa, e que não importa (e assi e que não importa) de sorte que a nomeação e proposta do Cardeal a de ser ad nominationem do Senhor Rey Dom João, e a confirmação de Vossa Magestade; para que e deter o discurço nisto; que seja isto falso não me canso em o mostrar, porque não necessitão estes Ministros nem de concelho, nem de deligencias, que são muito finos, e dinheiro não lho posso eu dar; bem se ve lo *(sic)* logo a falsidade e boca *(sic)* entidade desta prezunção. O Papa parte oje para Castel Gandolfo praza a Deos que quando venha me ache ja fora daqui, quem a de dezejar estar hũa so ora em Roma, porque alem dos perigos o Papa em odio comigo *(sic)* (do que me eu prezo muito) De Portugal pelas ordens de Vossa Magestade, e pelo que me avizão meus parentes sei quam mal avaliados estão meus serviços sem emperança *(sic)* de melhorarem ca os negoceos; pelejo contra Castelhanos, contra Italianos, e o que e para chorar com lagrimas de sangue contra os mesmos portuguezes. Deme Deos em que me por em Portugal, porque não quizera levar de encomenda estes ossos a Castella, que não ei de fazer boa mercancia. Acabo esta carta com duas novas; seja hũa graciosa por nos aliviarmos de tanta tragedia, e otra seguira o mesmo estilo lastimoso, e digno de toda a compaixão. Havera oito dias que parecerão a vista de Civita Vechia alguns navios grossos, expedirão logo hum correio a esta Curia com nova, *(sic)* e foi tal o medo que entrou nesta Monarchia clerical que se mandarão fechar logo tres portas da cidade, como se ouvecem de vir lançar ancora aos muros; taes são como isto.

Os Venezianos mandavão vinte gales, e hũa galeaça a hũa empreza, pecados dos Catolicos fizerão com que os elementos pelejacem em favor dos Turcos, e o que elles não puderão alcançar em tantos annos bastou

a tempestade de hum dia para se perderem quasi todas, consistindo nellas quasi todas as forças da Republica; estace aqui em grande aprehenção, Deos por sua misericordia nos acuda e guarde.[1]

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1658)—Maio 29

Tornou outra vez a Raynha de Suezia a Roma, e havendo dado nos primeiros dias materia larga ao genio discurcivo desta Curia sobre o motivo da vinda querendo muitos a trouxece a conquista de Napoles, como se faltacem capitaens a elRey Christianissimo para hũa empreza de tam grandes consequencias, como são as da total destruição do seu inimigo, para se valer de hũa molher; conhecerão bem os sezudos e dezapaixonados que erão pretextos com que querião encobrir e mascarar a parsialidade, não deixando de conhecerem elles mesmos de quam grande escandalo e a christandade ver aquelle affecto paterno que devendo igualmente repartir ce pelos filhos, esta com tanta segueira todo dedicado a hum so. Vimos a menos de dous annos não haver altar onde se não puzece esta nova columna da fe catholica, hospedal a o mesmo Pontifice no seu Palacio, onde a vizitou; inscripsões ad perpetuam rei memoriam fausto felicique ingressui[2] na porta por donde fes a entrada solemnissima, as graças distribuirem ce por sua valia, comedias e festins todos os dias; oje (o misera e fragil condição humana) não sahio a recebel a nenhum da familia do Papa; ate agora lhe não tem dado audiencia, senão repetidas repulças; o seu Palacio todo cercado de gente militar, com ordem quem *(sic)* não deixem passar de noite pessoa algũa, e as que entrarem de dia se fassa relação ao Pontifice; não a disgosto que lhe não fação, e inventem, para bem a mortificar; o Marques Santenelli *(?)* seu valido tinha concertado cazar com hũa Senhora molher que foi do Duque de Cheri, havendo durado hum

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 52 v.

[2] *As palavras* fausto felicique ingressui *estão á margem, e pomol-as aqui por conjectura.*

anno esta pratica, e estando elle assistente aqui; aguardarão a chegada da Raynha para mandar prender com grande estrondo de soldadesca a este Senhor, e ao pai do Marques degredado de todo estado eclesiastico, e ao mesmo Marques que não entre em Palacio; tinha precedido ir o Cardeal Antonio ao Papa dizerlhe da parte delRey de França que a Raynha vinha a Roma debaixo da sua protecção, que pedia a Sua Santidade não que lhe fizece honras particulares senão que a deixace viver nesta Curia para sua consolação, e como que se ja não fora Catolica. Vimos a repentina mudança do Pontifice nacida de não conservar a amizade com Castella, e ser asi toda Franceza; e da que temer aos prudentes que ocazione algũa desgraça,[1] e que esta faisca incite algum grande incendio, porque a Raynha esta sentida em sumo grao, e de grande juizo, e como molher vingativa. França a quem toca a Proteção, assi porque a ofendem nesta desigualdade de trato, como pela amizade e interesses comuns com a Coroa sueca mgino *(sic)* se empenhara. O Sueco ainda que em parte estimara o que se fas a Raynha para a motejarem, e porque imaginão[2] que com isto concervão milhor nos seus povos o odio com que os crião contra o Pontifice, comtudo o sangue e o pundonor não hão de faltar a sua obrigação; este e o estado em que ficão estes principios de rompimento, querera Deos desviar as consequencias.

Quando chegou a Raynha estava o Papa em Castel Gandolfo, no mesmo dia a vizitou o Cardeal Antonio, e falando em mi dise que folgaria muito de me ver que se lembrava da minha embaxada; dissemo logo o Cardeal Antonio acrecentando que me corria obrigação de vela assi por esta cauza, como por ser de devação Franceza; no dia seguinte disse a Raynha a frei Lourenço residente que foi seu nesta Corte, que querendo eu vela me daria todo o tratamento que se devia a Embaxador de hum tam grande Rey e amigo da sua Coroa. Vizitei a e não faltou ao prometido antes escedeu na afabilidade com que me tratou; quis saber de mim e estado das nossas couzas nesta Curia, e referindolho eu replicoume que estava mui bem informada, e que lhe parecia que pelo caminho da sumissão não conseguiriamos couza algũa, que ella no que valia e podia se oferecia por medianeira; tornelhe que Sua Magestade sempre faria brecha ainda na rocha viva, que eu me tinha ja abstido das diligencias por

[1] *Desde* e ser *até* Franceza *está riscado; e o mesmo desde* que temer *até* desgraça, *menos a ultima syllaba d'esta palavra; entretanto copiou-se tudo, para completar o sentido.*

[2] *Esta palavra está riscada.*

infrutuosas, que por instantes aguardava ocazião de embarcar me de volta ao Reyno. Licenceou me, e logo deu tanto em que falar esta vizita, e foi tal o ciume, que não tendo cauza com que acuzal a, recorrerão a esta causado na *(sic)* Napoles que é a pedra do escandolo, de hũa fazendo ja sinco, principalmente o nosso Protector, que verdadeiramente não perde ocazião de exaltar e engrandecer o nome de Vossa Magestade. Vizitou ao *(sic)* o Padre frei Joseph de Alencastre, exaggerando o não acabar eu de ir me (certo que lhe esta Vossa Magestade bem obrigado porque a ansia com que esta de eu me não sair por não perder a ocazião dos Bispos é incrivel) passarão a vinda da Raynha, disse lhe o Padre frei Joseph que sem duvida eu teria audiencia, pelo conhesimento antigo, replicou elle com grande colera, não o tratara como Embaxador; mas sucedeu lhe a profecia como no demais.

Vizita este Ministro de Castella, da satisfação como leso na conciencia da vizita, allegando que hia a tratar sobre o dar dos Bispos, que ja não duvidão disto. Ora seja Vossa Magestade servido de me dar licença para dizer, que parece isto couza de mininos; excluem os Ministros de Portugal deste negoceo, e trata ce com os de Castella, isto e salutare ex inimicis nostris, com hũa diferença que quando vem a salvação por mão de nossos inimigos, e cuidando elles que nos fazem mal, mas aqui é concorrendo elles para o bem; mas a este Cardeal como lhe falta a base da verdade da com hum pe no outro, e não tem firmeza no que diz, porque no mesmo tempo se deixa dizer que lhe propunha o Sobremonte que fosse ad supplicationem detentoris, com que honra bastantissimamente a Vossa Magestade, de sorte que hũa vez da a entender que estão de acordo os Castelhanos, se isto e verosimel mande o Vossa Magestade considerar melhor, outra vez que e sem elles o alcançarem, como se não tivecem intelligencia; assi estiveramos nos seguros em alcançal os, como elles estão certos de que o Papa não fara senão o que elles quizerem. Deos *(sic)*[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 55.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1658—Setembro 4

Serenado o animo do Pontifice das nuves que os embelecos de nossos inimigos lhe tinhão alevantado com as chimeras de Napoles passarão os nossos negoceos em calma estes dias, voltando nelles os olhos a esta empreza de Badajos, que sendo hũa e outra fortuna de tanta consequencia para os interesses e reputação do Reyno vivemos entre o temor e a esperança; bem e verdade que as novas sempre favorecerão as nossas melhoras, que não é para desprezar, pois são os dispensadores os Castelhanos mesmos, por cuja via se sabem aqui; permita Deos verifical as, e julgar esta cauza conforme os merecimentos della. Não sei se desta vos de vencedores, se istimulado da conciencia pela facilidade com que creo as calumnias, que me impuserão em hũa audiencia particular que o Cardeal Antonio teve do Pontifice depois de lhe haver deferido aos requerimentos e tratado com a brandura, que ate aquelle tempo não tinha uzado, lhe perguntou che fa il vostro Dom Francesco? a que respondeo o Cardeal que lhe não podia dizer mais que o sentimento que em mi havia de ter encontrado em Sua Santidade não so a renitencia de tratar hum negoceo de tanto pezo, que se podia chamar todo spiritual, sem mescla de temporalidade, mas ainda averção a minha pessoa particular, estando eu seguro em meu animo não haver faltado no obsequio a Sua Santidade, nem haver .... outro delito mais que ter servido bem a seu Rey, o que não podia ser se em algũa couza ouvece delinquido contra o respeito devido a Vossa Santidade, sendo o principal ..... e o mais recomendado pello seu Rey o respeito e a obediencia aos minimos acenos de Vossa Santidade. Porem como seja ordinario nos homens quererem sustentar a primeira opinião quanto mais Summus homo, passou a dar queixas minhas mas com diferente termo ja do que referio o Padre Assistente; e forão todas daquelle mesmo teor que tantas vezes tem escripto Orsino, e eu feito apologias; mas não deixarei de repetir hũa nova de donde co-

lhera Vossa Magestade claramente como são pretextos mendigados, por não haver fundamento; dis que nos edictaes que pus não so me fizera Embaxador mas que puzera Embaxador a Curia Romana, quasi dicerem, que podia vir a outrem, e não a elle, como se não fosse o mesmo! quem diz Corte sem Principe? quem Curia Romana sem Pontifice? Embaxador a Corte do Christianissimo dizemos vulgarmente. Estas, e outras semelhantes forão as queixas; o Cardeal lhe tornou que fiava de mi, e do modo com que eu tinha procedido, que saberia justificarme de sorte que Sua Santidade ficasse satisfeito, e que essa era a rezão por que elle o não fazia sem primeiro conferir comigo. Quis saber de mi o Cardeal o que daria em reposta, a que lhe tornei que eu esperava despachos de Vossa Magestade dentro de oito dias o mais tardar, que a audiencia de Sua Eminencia para então seria, não custumando ellas a ser tam a miudo, que com elles seria a reposta mais categorica, e nisto ficamos. Havendo eu tirado, asim da brandura com que refere lhe falou o Pontifice em mi, como em ser elle o author, não querendo poucos tempos á nem ouvir falar em algũa mudança no animo do Papa, faxit Deus, o Cardeal tambem reparou no rostro com maliça, e servirmeha toda esta narração para refutar hũa vos que espalhou o Cardeal Orsino, e que imagino a havera escrito, que so para esse fim a inventou, e quando elle não fosse a sua beata não faltaria; este mancebo que aqui veyo esquecido daquella affectada modestia com que se ouve no principio temselhe metido em cabeça, que não querendo o Pontifice Embaxador admitira hum ministro inferior, e que emquanto as replicas vão e vem sobre o ajustamento do modo da provizão dos Bispados podera elle fazer esta função; para este efeito esta tam cazado com Orsino que jamais sai da sua caza e da sua carrosa e por me fazer esse pezar todo se cansa em louvores de sua *(?)* valia e verdade. Atequi sofrera eu, mas passa a desfazer com excesso no Cardeal Antonio e a unirce com Orsino por me descompor a mi; hum e outro publicarão que eu estava quebrado com o Cardeal Antonio, e não a menor *(sic)* alevozia no fatto que na cauza. Dizem que querendo Antonio averiguar a verdade da promessa de Orsino sobre os Bispos, e que mandando a esse efeito o seu Abade Bracesi ao Cardeal, eu temendo que se descobrice a verdade com pretexto de que Antonio fazia as partes de Orsino rompera a amizade; e podera Sebastião Pereira se tivera o juizo livre, e não o ofuscara com a ambição da Ministraria lembrarce do que o Cardeal Antonio lhe dise dos procedimentos de Orsino, e da falcidade da promessa,

que bem apostaria eu que o não havera escrito; e Vossa Magestade ja imagino tera sabido pelo Embaxador Monsieur Cominges o que o Cardeal Antonio lhe escreveo sobre estas materias emquanto na *(sic)* fazia a ultima deligencia com o Pontifice como da França se lhe escreveo; e tem havido algũa dilação assi por pedir o negocio ocazião, e destreza, como porque estavão as couzas da França, e de seus Ministros por respeito da Raynha de Suecia, e outros ciumes mais em pouca correspondencia, sendo que so para justificação minha para com Vossa Magestade dezejo a deligencia, que para o demais com toda a sciencia moral que se pode ter sei ser mais que falsa a promessa. Dizem mais estes dous senhores da liga que a mi me viera ordem para me deter, havendo o Padre Dom Camillo informado de sorte, que se alterarão as primeiras, de que o Papa estava mui enfadado; e tudo isto tirão de haver chegado navio, e nem o Cardeal ter carta, nem se me repetirem as cominações que Sebastião Pereira me trouxe; publica mais o Cardeal que em minha caza não a segredo, e que o Papa sabe tudo quanto se diz, e faz nella; provera a Deos fosse assi, que nem elle concebera a sinistra opinião, que de mim teve, nem o Cardeal lhe metera em cabeça as falsidades com que nos destruio; nem o meu requerimento tem materias de grande segredo, que donde é necessario por mais espias que tenhão concervace e de fatto se ve; isto vem de estamago danado porem *(?)* não me a de colher cartinha, nem papel. Esta é a minha verdade Senhor se sem embargo d ella prevalecer outra couza sera força dos astros, e contra os Ceos não valem mãos.

Do meu natural, de não fazer nem dizer mal de ninguem sera boa testemunha a secretaria, onde se acharão todas as minhas cartas em discurço de 17 annos de embaxadas; porem como a defença é natural e eu tinha ja previdо *(?)* parte do damno d este Ministro quis informar a Vossa Magestade para que saiba qual é a verdade, e qual o fim d este homem.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 56.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1658)—Setembro 6

No mesmo dia que escrevi a inclusa fui vizitar o Cardeal Antonio, e estando prezente o seu Abbade Bracesi lhe chegou hum recado da parte do Cardeal Orsino, que continha ficar esperando por elle em a Igreja mais vezinha, e que lhe importava muito darlhe hũa palavra; sospeitamos o que poderia ser, e por mais que me detive, mais foi a demora que o Abade fez com o Cardeal, pois lhe levou toda a tarde; ao dia seguinte pela manhã me veyo logo buscar Bracesi a darme conta do que tinha passado, resumece *(?)* o tratado a dois pontos: o primeiro queixas de que o Cardeal Antonio se metera a falar nas materias de Portugal com o Papa, o segundo pedirlhe me quizece persuadir a que me fosse, porque esse era o gosto do Pontifice, e que assi insinuara Sua Santidade ao mesmo Cardeal Antonio. Respondeulhe Bracesi quanto a primeira parte que seu amo se não metia no tocante aos particulares de seu cargo como de Protector, porem que nas materias mais relevantes que excedião o poder de hum Cardeal, e pedião braço mais potente falava não como Cardeal senão como Ministro de França, em execução das ordens que recebia da Corte, que em todas lhe recomendavão os interesses de Portugal, e que se persuadia que nisto servia a elle Cardeal Orsino pois caminhavão todos ao mesmo requerimento, onde havia mais rezões para lho agradecer, que para queixarce: (e se caminhara liso assim fora) quanto ao segundo, que mal podia o Cardeal Antonio tomar sobre seus hombros o persuadirme a ida contra o sentimento da França, e de todos os amigos, salvo se Sua Eminencia lhe quicese escrever hum escrito em que lhe dissece que Sua Santidade queria dar os Bispos ad nominationem dilecti filii etc., mas que queria que primeiro se fosse o Embaxador, porque em cazo que se faltace a esta promessa serviria o escrito de Vossa *(sic)* Eminencia para seu descargo; a que tornou o Cardeal Orsino, que o não podia fazer porque o Papa não queria que o Embaxador o soubece; replicoulhe Bracesi

Vossa Eminencia o dis em vos a todos quantos fala nesta materia, escreveo a Portugal, mandao dizer ao mesmo Embaxador pelo Assistente e outros religiosos, que vem a ser isto senão querer que o saiba o Embaxador; de mais de que quem havera de juizo, que se persuada, que peze no animo do Pontifice mais esta ma vontade que tem a este Ministro (com cauza, ou sem ella) do que a sua conciencia, e o bem spiritual daquelle Reyno; e se não tem outro motivo a suspenção que a averção a este Ministro pelas faltas, ou obras, que lhe imputão, quanto mais castigado fica no mesmo tempo em que elle elle *(sic)* publica, e escreve que a promessa é inventada, sair Sua Santidade com a promoção dos Bispos; que opinião grangeara Vossa Eminencia em Portugal, e quam abatida ficara em toda a parte a do Embaxador. Em concluzão Senhor Cardeal não pode meu amo abraçar tam immensa provincia, sem segurança da promessa, principalmente não havendo Sua Santidade dado huns longes de que teria gosto da ida do Embaxador, como Vossa Eminencia accena, mas nem ainda hũa so palavra falou sobre a jornada; depois de algũas replicas de pouco momento se acabou a conferencia, della podera julgar Vossa Magestade o animo deste Cardeal, que eu me contento por ora com relatar simplesmente.

O Cardeal Antonio favorece a huns frades portuguezes da Trindade, que vierão a esta Curia em favor da cauza do Geral, por haver recebido carta da Corte em que lhe dizião que se se não obedecece ao Geral Frances, em França se não obedeceria aos Geraes de Roma; e é bem para notar que mandando elRey de Castella que ao Vizitador Apostolico se obedecece em quanto não prejudicace ao direito do Geral, em Portugal apezar de hum Embaxador Frances, que ahi assiste atropelarão o Geral, e nem esta clausula lhe meterão na posse, que se mandou dar a contraria parte; sirvace Vossa Magestade de considerar que á muitos que nos tratão de nos desviar as amizades, e que não á mais seguro caminho para os mal intencionados que o manto da religião. Aqui se deu na congregação de regulares hum memorial em nome das provincias de Castella, em que pedem se lhes permita obedecer antes a seu Geral inda que de nação inimiga, que ao Vizitador Apostolico; e elRey favorece esta parte, com quanta mais rezão o deve Vossa Magestade de fazer.

Miseravel o que se chegou a conhecer por bom servidor de Vossa Magestade; que perseguições lhe não machinão, que testemunhos lhe não alevantão, ate lhe não tirarem a vida, ou ao menos a honra e os bens não

cessão. O Padre Mestre Ribarola, que nos serviços que cabem na sua esfera bem *(?)* imagino eu que não aja outrem que os fizece nem com mais trabalho, nem com mais zelo, nem com mais util que elle, depois que vim a Roma e comessou a frequentar a minha caza, apontado pello author dos livros, que aqui se imprimirão, e por ser hum dos que não aprovavão o procedimento de Orsino, e de outros mal affetos de la e de ca se tramou hũa conjura sendo o principal e publico solicitador o Padre frei Boa Ventura provincial eterno de Santo Agostinho; emfim Senhor ao bom velho de 77 annos lhe foi necessario na canicula sair ce de Roma por fugir a hum ergasto a que estava destinado e passar ce a França havendo no mar tido seus sobresaltos de piratas, e tempestades, quadrando lhe a epistola de São Paulo periculum in mari, periculum in terris, periculum in falsis fratribus. Senhor se se não gastigarem estes desaforos cobrarão grande animo os malevolos, padecera grandes quebras a Magestade, que os polos em que se conserva são premio e castigo, timuerunt peccare mali formidini ..... não deixarei hũa observação de Sebastião Pereira que veio tam industriado, que prezando ce de amigo dos ingenios e dos doctos, sempre fugio delle, e nunca lhe quis falar, e so quando se foi me veyo dizer mui juvial, que o Cardeal Orsino lhe disera que o Papa lhe dera o bando; foi Deos servido leval o a salvamento, e eu o recomendei ao Cardeal Mazarino por perseguido por respeito de Vossa Magestade.

Chegou a Roma o celebre Bispo Dom Matheus, veyo me vizitar com todas as sumissões, mas pareceu me logo raposa; elle negocea, porem eu fasso quanto posso por lhe impedir os requerimentos, como testimunharão os Padres da Companhia contra quem tras afiada a navalha.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. 1, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 57 v.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1658)—Outubro 19

Tenho avizo ser chegado a França o Padre Dom Camillo, roubado porem, e sem os despachos de Vossa Magestade ao mar[1] mas como nestas náos que vem em direitura a Italia provavelmente se duplicarão as ordens, ou a explicação dellas, pouco ou nenhum vem a ser o danno. Pello que tenho escrito a Vossa Magestade e o Cardeal Antonio ao Embaxador da França que ahi reside tera Vossa Magestade entendido a tramoya de Orsino; acabara de chegar o Padre Dom Camillo, que ao mais sera dentro de oito dias, e então farei evidente e palpavel tudo quanto alcancei e alcanço, que não vira a ser mais que confirmação do que comesei escrever a Vossa Magestade a poucos mezes de assistencia desta Curia; e por experiencia sabera Vossa Magestade quanto importa adherir mais as informações do seu Embaxador, cujo interesse (quando não seja amor) é concluir aquelle negoceo a que é mandado, e não padece duvida, que a de fazer mais estudo dos meyos de o conseguir, que nenhũa ontra pessoa; aquella tempestade que a calunia e enveja incitarão contra mi no animo do Papa acalmou; ja avizei a Vossa Magestade como Sua Santidade perguntara por mi ao Cardeal Antonio, e as queixas que contra mi deu; fis hum papel como escrito ao Cardeal em que respondia a tudo o com que me quizerão malquistar com o Papa, remeto a Vossa Magestade a copia. Vai a Castel Gandolfo o Cardeal, onde e ido a recrearce o Papa, para lho mostrar, e de caminho com mais clareza falar lhe nas materias de Portugal, como lhe eu tenho pedido e de França lho encomendarão; e se me não engano as couzas estão em estado de poderem mudar face, não podendo haver firmeza em tanta variedade de accidentes; mas quando prevaleça a sem rezão em breve sairemos de Roma dezenganados, mas não enganados.

[1] *A redacção primitiva era*: porem havendo primeiro deitado ao mar todos os despachos de Vossa Magestade, *o que está riscado desde depois da palavra* porem, *menos* ao mar.

Acabarei esta carta com hum panegirico de Sebastião Pereira de Eça; darmea Vossa Magestade licença para que me alarge hum pouco, e sacrificolhe aos pes de Vossa Magestade em recompença a minha paciencia, que por ventura que me desacredite ella mais, que o que elle a este fim inventa, publica, e escreve. Este mancebo Senhor, de quem escrivi ja a Vossa Magestade que me parecia homem de boa rezão, e no seu canonicato, sabendo eu que se lhe não dera senão a titolo de Ministro que vinha devaçar de mi, culpei a quem lho fizera dar, e não a elle no modo de o procurar; hoje sou forçado a expor a Vossa Magestade com toda a verdade que professo que não aquenta o sol homem mais malino preverso, caluniador e perjudicial ao serviço de Vossa Magestade; depois que veio, não havendo passado eu com Orsino a mais que a não vizitalo, e escrever a Vossa Magestade o que entendia delle, oje são tais as embrulhadas, que se Orsino fora outrem podera temer mayor rutura, e se eu não temera que se dicesse o mesmo que elle publica de que inventara hũa carta, e que a mandara a Portugal, por onde julgarão ao Cardeal por inconfidente, eu tirara hũa devaça dos procedimentos deste máo homem; mas como não á de alcançar fe apontarei os cazos para que Vossa Magestade se informe delles, e seja servido no que me cabe fazerme justiça; e por recopilação do que de mim dis mande Vossa Magestade a Dom Alvaro de Abranches mostre hũa carta que de aqui lhe escreveo em Agosto, que ainda que dis taes couzas que Dom Alvaro de Abranches como meu parente e amigo a de querer incobrir ame de ser tam facil convencer a falcidade, que me importa muito que venha a lus. Veiome a noticia por via de hum dos seus confidentes, que ajudandolhe a dizer mal de mi lha leu, e o outro por servir a dois senhores me fez fazer avizo debaixo de grandes sigillos; julga por necessario para a fabrica da sua fortuna e a do Cardeal a minha ruina, sobre esta maxima funda todos os seus disvelos, e não poupa testemunho algum que lhe possa ser util a este fim; canonizace por hũa das grandes pessoas do Reyno trazendoo o Cardeal na carrosa no seu mesmo espaldar, lugar que ocupa todo o Embaxador e Principe que com elle vai a passeo; são os seus aliados os Padres frei Ventura das Chagas, e frei Francisco de Macedo, do primeiro bem informado estara Vossa Magestade, e do segundo quando o não esteja cito ao Conde Camareiro mor, que elle dira quem e; com estes pois unido é o seu primeiro moto comesar pela inconfidencia, e ja que lhes parece que na minha pesoa seria de dificil digestão, passão aos meus criados, e que-

rem que o sejão principalmente Francisco de Azevedo, que ja pelo serviço de Vossa Magestade esteve a risco de perder a vida, perdendo a quietação, e fugindo de Roma para França por cujo respeito o meti la em minha caza; o Padre Mestre Ribarola cujos serviços lhe são a Vossa Magestade bem prezentes não quiz nunca falar este *(sic)* homem, dos seus escritos publicavão que erão sandices (uzo do seu verbo) e a sua incorrupta fe canonizavão por traição, e publicou logo que chegou que em Portugal lhe tinhão ja tirado a porção que Vossa Magestade lhe tinha consinado; passarão a mais tramou ce hũa conjura cabeça d ella o Padre frei Boa Ventura das Chagas que por via de Peloto, e Sebastião Pereira de Orsino, induzindo o com a rezão de que elle era o que mais mal escrevia a Portugal, se deu inculpa ao Pontifice que elle era o aserrimo defensor do direito de Vossa Magestade, e das suas acções, imprimindo em Roma os livros em descredito das prematicas, e que fora o que fizera o papel sobre a validade do contrato com a bolça, e de ser licito in jure sangrarem ce *(sic)* os Bispos em Portugal, quando Sua Santidade não quizece deferir como era obrigado a Vossa Magestade; e por que diga tudo ajuntarão a isto hũa *(sic)* outro delito ou inventado, ou tam inveterado, que excedia ja a memoria dos homens; para hũa couza e outra debaixo de gram segredo se mandou a Portugal por ordem do Pontifice a pedir certos papeis que se aguardavão na primeira náo, que por cauza dos olandezes tardou tanto; neste meyo tempo fui eu avizado, que estava imminente neste pobre velho a sua ruina; foi lhe necessario em Julho no rigor das calmas com 77 annos mudar trajo e nome fugindo de Roma para França donde a dous mezes que e chegado, e ja creyo ter escrito de la a Vossa Magestade; ao Padre Dom Camillo não sabe outro nome que de Castelhano, e porque lhe friza melhor fal o Napolitano, e não Genoves; com nenhum homem que de mim lhe possa dizer bem, ou lhe não diga mal trata; vizitou ao Cardeal Antonio e porque de mim lhe não disse mal e de Orsino disse o que entendia, nunca mais o vio, o mesmo o Abade De Laubortiere, e *(?)* Mendes sendo quem o prove, porque não e meu inimigo não lhe agrada. Seja Vossa Magestade servido de me dar atenção a este enfado com que de prezente fico so pela refinada maldade d este monstro.

Sucedeo havera mais de dous mezes que huns quatro cortezões portuguezes em que entrava hum criado meu colherão a hum Paulo Pinto em hum descampado, e por cauza de que era maldizente, e os lacerava na honra, lhe meterão pimenta na boca, e lhe derão alguns empurrões;

passou isto, e nem o offendido falou na materia, nem a mim me chegou senão depois de vinte dias, e como todos negavão não fis mais que extranhar o excesso; depois de hum mes passado deu o ofendido querela, o Governador como quem não via prova, e por respeito da minha caza o foi entretendo, e ultimamente me mandou dizer que tentace fazelos amigos; assi se fes, e todos lhe pedirão perdão e se derão as mãos; mandei dar conta ao Governador, respondeu me que lhe havia feito hum particular favor de o livrar das impertinencias do acuzante, formaes palavras suas, e que os acuzados podião passear seguramente; para este ajuste pedi a atenção; foi tal a paixão deste malino, que dando lhe o mosso conta do que tinha passado, e como tinha perdoado, se levantou da cadeira e o não quis mais ouvir, e dahi a poucos dias se foi ter com o Cardeal Orsino, que era caminho este para me descompor, que fora hum delito exorbitante, e que não era rezão que tivece eu tanto poder, que o fizece pasar em silencio, e como pouco basta aqui para os crimes mecheu de tal sorte Orsino, que de novo se fica tirando devaça com todo o rigor; bem é verdade, que por via do Cardeal Antonio em segredo me fes assegurar o Governador que hia forçado, e que não passaria do estrondo por satisfação. Ex aqui Senhor o que é este homem o que se segue é peor.

E parecendo lhe (com rezão) que o caminho mais direito para destruir me, é por me mal com os Concelheiros de estado publica (quiças *(?)* para o escrever .....) que eu que digo mal de todos, e so quem estuda em fazer mal a torto e a direito pudera inventar o que este homem dis; de minha pessoa ca desacredita com a pouca opinião que la dis que tenho, e os muitos enemigos, la com que não tenho segredo na minha caza, muitos inconfidentes, e outras couzas que por ora me não é licito exprimir; so tem rezão em dizer que estou ja tonto, não de agora senão de muitos tempos atras, e quando não ouvera outro sinal bastante prova era enxovalhar me Sebastião Pereira e contentar me em fazer queixa delle como mininos mais. *(sic)*

Este homem que quando me fala poem os olhos no chão e protesta e jura que não veyo mandado por Vossa Magestade, quando melhor fora que para os extranhos o mostrace, e nos publicos que são os que danão, *(sic)* e perguntara lhe eu a que fim teve audiencia do Embaxador de Veneza hũa ves na propaganda, e outra em caza do dito Embaxador, para que solicitou audiencia do Papa, e sucedendo que na primeira que por via de Orsino lhe derão, s....do, e elle vendo ce embaraçado com

não saber outra lingoa mais que a sua pondoce de giolhos com hũa benção do Pontifice se acabou, e porque os cortezões fazião disto grasejo, tornou a empenhar a Orsino a que lhe ouvece outra, mas sem auditorio, nisto anda a mais de hum mes, não sei o em que parara; anda entretanto fazendo um rol de traidores, e anda jugado aos dados porque mete a muitos que não tem interesses em Portugal; emfim Senhor em *(sic)* não sei definir a maldade deste homem, nem me atrevo a ocupar Vossa Magestade mais com esta impertinente leitura.

Não posso deixar de advertir a Vossa Magestade os immensos thesouros que vem a Roma por via de Frades, Senhor é coiza incrivel para quem o não esta vendo com olhos como eu; creditos de 10, 12, 14 mil escudos, o que tras dous mil escudos é mal ouvido neste tempo em que escrevo; hum religioso de S. Francisco depositou no mesmo dia em que entrou quinhentas doblas para hum negoceo, e depois de feitos os mais gastos dos fragmentos vendeo 730 grãos de diamantes; se isto é ruina do Reyno, e estes Ministros emquanto tiverem este lucro lhes a de gradar mais Portugal no estado em que esta Vossa Magestade o mande considerar, e consultar o remedio.

Aconselhava me com grande aperto que me fosse, respondia lhe que para isso me aparelhava mas que levava atraveçado o perigo; tornou me se sabia eu o que em Portugal se queria acerca dos Bispos, e dizendo eu que pella minha instrucção não se aceitarião de outra sorte senão ad nominationem dilecti filii etc. tornou me surrindo que elle vinha de Portugal e sabia de certo, que se havião de aceitar de moto proprio; e quem na minha cara dis isto julge Vossa Magestade o que dira ao Cardeal e aos mais; a dous fins tirava o primeiro que eu vendo ser inutil a minha demora, pois queria impedir o que la se dezejava, me fosse, e com isto servia a Orsino, o segundo ver se com a paixão rompia contra os Ministros que tal aconcelhavão.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 59.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

(1658)—Novembro 2

Por hũa náo que de Veneza parte escrivi a Vossa Magestade a posta passada fazendo lhe avizo do que tinha alcançado dino de sabecer ce *(sic)* emquanto não chegava o Padre D. Camillo S. Severino, que o espero aqui amenhã; por esta nao de Ligorne duplico o masso, e so acrecentarei nesta hum avizo que me deu o Abade Bracesi dos enredos com que o Cardeal Orsino, e este mancebo portuges andavão para me descompor; pouco cazo fizera dos do primeiro, ainda que maior pessoa, mas fasso o grande do segundo porque emfim sabe as pancadas ao vinte, e pode acertar por onde seja a ferida mais penetrante; e justamente receo porque posso assegurar sem ter p^te^ nenhum affecto, que se não pode formar na idea hum tam mao homem como na realidade é Sebastião Pereira de Eça. Andão agora com escritos, que dis se acharão de mim para o Embaxador Terra nova, e delle para mim; nisto, e na cifra que dizem que tomou o Cardeal Rospilhiosi Secretario, não me detenho porque o Secretario Gaspar de Faria Severim tem *(?)* a relação desta poco delgada e verosimel invenção, e não e materia para se perder nella o tempo: passo a pertinacia com que sustenta a minha quebra com o Cardeal Antonio vendo me ir la muitos dias, e o Cardeal ao meu Palacio, e os mais o Abade Bracesi não sair delle, e sendo a correspondencia tam estreita, que em Roma quem quer valia para o Cardeal busca a minha caza; pode mais a paixão neste mosso, que a mesma rezão, pois lhe não mostra quam facil é de convencer a sua mentira; esquecido do que escreveo em tempos passados ao Secretario Gaspar de Faria, que a quebra era pela averiguação da promessa, como avizei a Vossa Magestade em 4 de Setembro por duas vias, da lhe agora outra cauza, e diz que se colheu um masso, que eu mandava a Portugal onde se acharão queixas, que eu fazia do pouco que obrava o Cardeal neste meu requerimento, e que se mostrarão ao Cardeal donde viemos a rompimento, porque pedia eu que se desse a Protecção ao Car-

deal Grimaldi; Vossa Magestade sabe mui bem o que sobre isto tenho escripto, com que se convencera a poca habilidade destes opostos; e julgara Vossa Magestade a refindada maldade deste homem, e quam prejudicial sera a sua assistencia nesta Curia tanto que me eu for, que emquanto eu aqui estiver eu lhe saberei cortar os herpes.

Acompanhou me na segunda vezita que fiz a Raynha de Suecia, e como se eu fosse tam simples, que o ouvece de levar a parte onde pudece ser testemunha de algum *(sic)* acção que fosse de meu descredito dis que a Raynha me teve em pe, e descarapuçado, mas como tem poca noticia o pobre moço desculpo o. Os Embaxadores não tem acento;... vezitas particulares depois de nos cobrimos, e anda *(sic)* nas publicas, se costuma ter o chapeo na mão nas demais *(?)* por concluzão não a couza em que me não abata, e no mesmo tempo se poem sobre as estrelas; se não fora tam nocivo compadecera me das suas doudices, mas são muitas prejudiciaes, e temo que o sejão mais.

Morreo o Duque de Modena com sentimento geral de toda Italia exceto os seus inimigos, perdeu ce nelle hum grande Principe, e hum grande soldado; presume ce que não fosse natural a morte, por ser o accidente hũa dor de estomago revea, *(?)* que o foi consumindo; não cuido mudarão os negoceos de Italia porque os interesses do Cardeal oje ficão mais unidos sendo o Duque mesmo marido de sua sobrinha.

Morreo em Paris a pocos dias chegados o Padre Mestre Ribarola, perdeo Vossa Magestade nelle hum bem cordeal servidor falo com a experiencia de seis annos ja por carta ja em vos. Deos o tenha na gloria, pois o livrou de tantas perseguições quantas lhe inventarão os inimigos da Coroa.[1]

[1] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho*, fol. 61.

Carta de Francisco de Sousa Coutinho, Embaixador em Roma, a el-Rei

1658 — Dezembro 11

Não sei se aquella constelação, que influio a desgraça das nossas armas sobre Badajos, foi a mesma que pos a raia na desesperação dos interesses em Roma, poderei si afirmar que a nossa direcção os acabou de arruinar de todo; authoriza esta opinião o que eu previ, e escrivi da vinda de Sebastião Pereira antes de ser chegado, e de o conhecer, que sera agora que lhe vi as entranhas, que apalpei com as mãos os seus enredos, e que experimentei que quem soto capa agenciou a sua vinda a Roma, não foi o lume de palhas, senão que agora para impedir que elle se não sahice da Curia, como Vossa Magestade lhe ordenava lhe vierão mil cruzados da nossa moeda para imprimir a genealogia da Rainha nossa Senhora com cujo pretexto se detem; escolheo bom territorio e bom tempo para a impressão;... é negoceo de grande importancia, deme Vossa Magestade licença para dizer que era mais proprio para hum escudeiro[1] que para a esclarecida Caza de Sua Magestade cuja genealogia anda eternizada na memoria[2] de toda a Europa, mas a teima, e paixão de tudo se aproveita. Dois dias depois da chegada de Dom Camillo, que foi a 5 de Novembro, pedio o Cardeal Antonio audiencia a Sua Santidade; o Cardeal Protector que a previo lhe meteo primeiro na mesma manhã Sebastião Pereira, que esteve com o Pontifice largos tres quartos de hora, couza incrivel, estando esperando o Cardeal que elle acabace; entrou e achou ao Papa tam alterado, que afirma que ficou frio da mudança, do que tinha precedido alguns dias antes como avizei a Vossa Magestade; o que lhe disse[3] escreve a Vossa Magestade o Cardeal Antonio e vera Vossa Magestade se se pudera escolher outro Monstro igual a este para vir a

[1] *Em entrelinha:* como que tambem me tentou com outra

[2] *Em entrelinha:* voz

[3] *Aqui, á margem, ha o seguinte:* deixo conject *(sic)* mais que provaveis *com uma chamada para a palavra* disse *que fica em frente.*

Roma;[1] ouve de mais que o Ministro de Hespanha escluio quatro sogeitos Teatinos so por serem amigos de Dom Camillo e o que mais espanta é que mandou Sua Santidade confirmar a exclusiva, e prender D. Camillo ate se acabar o capitulo, e no ultimo dia desterral o; empenhou ce o Cardeal Antonio em nome da França, e chegou as palavras do cabo; nada aproveitou, e o que era peor, que tinhamos avizo que os Castelhanos o querião apanhar as mãos, e que ao Papa não lhe pezaria; mandou acompanhar o Cardeal Antonio pelos seus gentishomens, e Francisco de Azevedo que tambem já la vai ate lugar seguro. Ex aqui Senhor o que se fas a quem serve cordealmente a Vossa Magestade, pois inda publicão mais os enimigos, que tam mal se a de receber a sua fineza delles em Portugal como em Roma;[2] Vossa Magestade fara o que for servido que sempre sera o melhor, mas eu perco a paciencia e o entendimento vendo que toda a Curia se desvela nos aprestos para receber Penharanda Visorei de Napoles, agasalhado em Palacio, servido com guardas, com trato egual a todos os Principes livres de Italia, e que a Vossa Magestade o não diferencem do mais vil Tirano que se possa conciderar em Europa; se não é que salvão isto com que volenti, et consentienti non fit injuria; cobrou forças o odio e o desprezo a vista da nossa negligentia; refiro por mayor, porque quero ir relatar pessoalmente, o que parece incrivel e a reveria o seria mais. Em todo o acontesimento dentro de quinze dias serei fora de Roma, e o mais depreça que puder em Portugal para que Vossa Magestade se sirva de tomar as resoluções que forem mais convenientes a seu Real serviço; que neste estado não se pode melhorar *(?)* o Reyno, arruinar é infalivel espero da[3] misericordia de Deos, e depois da prudencia de Vossa Magestade não so a concervação senão os augmentos em repetidas victorias de nossos inimigos *(?)* para sua confuzão.[4]

[1] *N'esta palavra ha outra chamada, e em frente, á margem, sem signal egual:* deixo para a vista nem falo nas *(estas tres palavras riscadas)* tramoyas com o Embaxador de Veneza tendo quatro audiencias dizendo que erão negoceos de grande pezo, *e pouco abaixo:* erão muitos os interessados o Protector exclamava publicamente contra elle

[2] *Aqui ha outra chamada que não sabemos se é para as palavras á margem a que já nos referimos:* erão muitos os interessados *etc.*

[3] *Está riscado até aqui, menos a palavra* Reyno *desde* que neste estado; *mas, apesar d'isso, copiou-se para melhor intelligencia do que segue.*

[4] Arch. Nac., Gab. I, *Borrador de Francisco de Sousa Coutinho,* fol. 62.

FIM DO DECIMO TERCEIRO VOLUME

INDICE

1645 PAG.

Janeiro 1. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei. Suppõe que o dr. Nicolau Monteiro estará já perto de Roma. Recebeu carta de Fernando Brandão dando-lhe conta da graça que sua santidade lhe havia feito. Falla nas instancias que fez para impedir a separação da provincia de S. Domingos da India, bem como ter conseguido que o geral se não servisse para as cousas do reino do secretario castelhano, mas só do de França. 1

Janeiro 2. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, dizendo que emquanto durar a missão do dr. Nicolau Monteiro não se deve nomear outro agente em Roma; que espere, pois, Fernando Brandão melhor tempo para a sua pretenção 2

Janeiro 2. Outra, ordenando-lhe que não parta para Roma sem a certeza de que será admittido, para se não dar o caso que se deu com o bispo de Lamego. Indo, porém, e não sendo recebido dentro de um mez, sairá immediatamente de Roma, salvo a condição que aponta 3

Janeiro 2. Outra, remettendo-lhe copia de um papel, cujas razões pareceram conformes a seu serviço, e ordenando-lhe que o encaminhe bem, visto serem representadas em nome da rainha de Inglaterra 4

Janeiro 2. Outra, participando-lhe que se enviou ordem aos respectivos ministros para que não consintam se execute despacho ou breve

1645 PAG.

a favor da separação da provincia de S. Domingos da India, e que advirta João de Mattos e frei Fernando de Menezes do que devem praticar a tal respeito 4

Janeiro 2. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, dizendo-lhe que se for a Roma, e der aos cardeaes cartas suas, ponha nas firmas que foram em branco o tratamento de *vós*, e no sobscrito o de *primo*, como uza el-rei de França. Quanto ao negocio do Santo Officio com os padres da Companhia já está prevenido na fórma que mais convinha .....

Janeiro 2. Carta d'el-rei ao padre João de Mattos, assistente da Companhia de Jesus. Não se conformando os procedimentos que no reino se teem sobre os particulares da sé apostolica com os discursos que elle lá faz, vê-se obrigado a dizer-lhe que a sua piedade não se governa pelas leis da politica de Italia, mas pelas da christandade de Portugal, com que se governaram os reis seus predecessores 6

Janeiro 2. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, participando-lhe que, em vista das suas cartas a respeito do Fernando Brandão, lhe fez mercê de duzentos cruzados de pensão annual nos fructos do bispado de Lamego; que o negocio da cruzada lh'o satisfez o commissario d'ella, e o bispo de Targa o da sua conezia 6

Janeiro 9. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei, dizendo que monsieur de Gremonville levava para Roma mui recommendadas em sua instrucção as instancias que ha de fazer pelos negocios de sua magestade juntamente com o cardeal Bichi. 7

Janeiro 13. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao cardeal Bichi. Relativamente á sua embaixada extraordinaria responde ao padre assistente, e mais largamente escreve ao dr. Nicolau Monteiro, que lhe communicará as razões que lhe envia; que o negocio ia bem recommendado a monsieur de Gremonville, etc. etc. 8

Fevereiro 1. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França. Não deve partir para Roma em quanto o dr. Nicolau Monteiro não mandar dizer o estado em que acha os animos dos ministros da sé apostolica, relativamente ás cousas d'estes reinos 9

Fevereiro 1. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei. Trata das expedições dos bispados vagos, e da nomeação de protector, não se sabendo ainda quem el-rei christianissimo faz seu protector. Avisará do que for succedendo 10

Fevereiro 9. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França. Fica informado do que montou a jornada de frei Diniz a Roma,

1645 PAG.

e quão desnecessarias foram as instancias que ali fez sobre particulares de sua religião, etc. 10

Fevereiro 9. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, dizendo-lhe que, pelas instrucções que mandou dar ao dr. Nicolau Monteiro, verá como se preveniu o que elle conde apontou a respeito do enviado ao duque de Parma, e da pessoa que conviria despachar a Roma, a quem na sua carta se refere..... 11

Fevereiro 9. Outra, participando-lhe que houve por bem resolver que nos escriptos se désse aos cardeaes o tratamento de *vós*, como sempre fizeram os reis seus predecessores..... 12

Fevereiro 9. Outra, dizendo que, não se percebendo bem o que elle diz com respeito a pôr mais em breve nas cartas d'el-rei christianissimo a palavra magestade, queira esclarecer mais este caso. Quanto a dividir a protecção de seus reinos na curia de Roma entre dois cardeaes, conforme aponta, não é ainda occasião de tratar de tal assumpto 12

Fev. 18 e 19. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei. Conta o que se passou na entrevista que teve com o cardeal Mazarino relativamente ás cousas de Roma. Envia uma carta do dr. Nicolau Monteiro para sua magestade; etc. 13

Fevereiro 28. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, dizendo que houve por bem fazer mercê a Fernando Brandão de duzentos cruzados de pensão nos fructos do bispado de Lamego. 14

Março 18. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei, participando que, contra a vontade de sua magestade, se venceu fazer-se em Toledo o capitulo geral da religião de S. Francisco. Falla na separação da provincia de S. Domingos da India..... 15

Março 21. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, dando-lhe parte do que se passou na entrevista que o dr. Antonio Moniz teve com o conde de Brienne com respeito aos negocios de Portugal em Roma. Falla em monsenhor Maraldo, no cardeal Spada, em monsieur de Gremonville, nos cardeaes e prelados deputados para a congregação das cousas de Portugal, no bispo de Angola, em Fernando Brandão, etc. etc..... 16

Abril 3. Carta do dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, a el-rei, participando-lhe, entre outras cousas, que ao sair da egreja de Nossa Senhora do Populo foi acommettido pelos castelhanos com tiros de pistolas, e espadas nuas, ficando logo mortos um cavallo e um creado, e muito feridos o cocheiro e outro cavallo. Conta o que, a tal respeito, se passou entre monsieur de Gremonville e o papa..... 19

1645 PAG.

Abril 16. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei, dizendo que recebera carta do dr. Nicolau Monteiro contando o acommettimento dos castelhanos, o que monsieur de Gremonville tambem participára ao cardeal Mazarino 22

Abril 20. Breve *Cum ex onere*, declarando que os bispados de Portugal e Indias que forem providos o serão sem prejuizo dos direitos do rei de Hespanha á sua apresentação, ou nomeação ou supplicação 23

Abril 21. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, respondendo a tres cartas suas, uma das quaes se referia ao attentado contra elle, sobre o que faz varias observações. Falla no padre assistente, no cardeal Spada, em Pedro Vieira da Silva, em João de Rezende, etc..... 24

Abril 22. Carta d'el-rei ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, louvando-o pela deligencia que fez com o cardeal Barberino a respeito da nomeação do commissario aos religiosos de S. Francisco das provincias d'estes reinos, e dizendo que estimaria que essa nomeação cahisse ou em frei João de S. Bernardino, ou em frei Accursio de S. Pedro 29

Abril 22. Outra, para que empregue toda a deligencia em vencer os obstaculos e demora que tem havido na confirmação dos bispados vagos 29

Abril 22. Outra, ordenando-lhe que, no caso de sua santidade mandar passar bullas aos bispos nomeados por el-rei, sem differença das que se passavam no tempo dos ultimos reis seus predecessores, as acceite e as remetta, com tanto que sejam passadas *ad nominationem et præsentationem Joannis quarti Portugaliæ regis*, e com as mesmas, e formaes palavras, com que nos ultimos tempos se expediam as lettras dos prelados; etc..... 31

Abril 23. Outra, dizendo-lhe que agradeça, da parte d'el-rei, a monsieur de Gremonville os obsequios que lhe tem feito ácerca da expedição dos bispados, e recebimento de embaixador; etc..... 33

Abril 23. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei. Remette-lhe a gazeta que descreve o que os castelhanos fizeram em Roma ao dr. Nicolau Monteiro, e mais uma carta, tambem impressa, sobre o mesmo assumpto. Diz que a rainha christianissima fizera, por tal motivo, grandes queixas ao nuncio, recommendando-lhe a satisfação. Parece-lhe que seria justo que el-rei fizesse mercê aos parentes de Antonio Pinto, criado do sobredito dr., bem como a Braz Nunes Caldeira governador do hospital de Santo Antonio 34

1645 PAG.

Abril 25. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, ordenando-lhe que, logo que receba aviso do dr. Nicolau Monteiro de que o papa passou as bullas aos bispos nomeados por el-rei, parta immediatamente para Roma, deixando em seu logar Antonio Moniz de Carvalho com o titulo de residente; etc. 35

Abril 26. Carta d'el-rei a monsieur de Gremonville, embaixador de França em Roma, agradecendo-lhe muito os bons serviços que lhe tem prestado..... 36

Maio 3. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei, narrando o que se passou na audiencia que lhe concedeu o cardeal Mazarino, não só relativamente ao insulto feito ao dr. Nicolau Monteiro, como a outros assumptos..... 36

Maio 5. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, dizendo-lhe que, caso elle queira sair de Roma, poderá embarcar, bem como os portuguezes que com elle vierem, no navio que leva o cardeal de Valanciers a Civita-Vecchia, tendo-se passado ordens ao respectivo capitão para que os conduza com toda a segurança a Marselha; etc..... 39

Maio 8. Outra, fazendo algumas considerações a respeito da sua saida de Roma, e de Italia. Parece-lhe conveniente visitar o cardeal de Valanciers quando lá chegar; etc..... 41

Maio 19. Outra, dizendo que monsieur de Gremonville deve ir já seguindo seu caminho, ou que estará em Veneza. Deseja saber se elle dr. teve audiencia de sua santidade, e o que n'ella se passou. Diz que continúa o sitio de Rosas; etc..... 44

Maio 20. Carta do dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, a el-rei, referindo a resposta que sua santidade dera a monsenhor Spada, relativamente ao provimento das egrejas; o que elle dr. respondera ao monsenhor; a sua replica, e as contestações que tiveram sobre tal assumpto. Estava resolvido a não sair de Roma sem ter resposta de sua magestade; etc. 45

Maio 26. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, louvando-o pelas boas deligencias que tem empregado, conformes ao seu grande zelo, e juizo. Diz que os plenipotenciarios de França já reconheceram os de sua magestade em Munster, dando-lhes o devido tratamento..... 49

Junho 2. Outra, participando-lhe, entre outras cousas, que recebera cartas particulares dizendo que sua magestade nomeara o bispo de Coimbra arcebispo de Lisboa, e arcebispo de Braga o dos Algarves; que se esperava a nova da tomada de Rosas na Catalunha;

1645 PAG.

que o duque de Enguien partira para o Imperio com muito poder, e o de Orleans para Flandres 50

Junho 6. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, fazendo varias considerações sobre o provimento dos bispados de Miranda Vizeu e Guarda. Diz-lhe que, no caso de sair de Roma, seria conveniente trazer comsigo quantos portuguezes fosse possivel persuadir a que o seguissem, e porque era natural faltar dinheiro para o seu sustento, mandava ordem ao licenciado Pedro Mendes de S. Paio que, para tal necessidade, vendesse as joias e tudo o mais que elle conde lá tinha; etc. etc. 53

Junho 9. Nota de que a 9 de junho foi uma carta ao dr. Nicolau Monteiro avisando-o de que em 6 do dito mez lhe havia o conde da Vidigueira mandado um proprio, e que esquecera dizer-lhe que se entendia alli a cifra que elle mandava nas cartas de sua magestade, e que mandasse em papel á parte o que viesse em cifra, escripto na que se lhe mandou usar com França e Roma... 59

Junho 11. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei. Por carta do dr. Nicolau Monteiro soube que o papa provera em consistorio os bispados de Miranda Vizeu e Guarda nas mesmas pessoas que el-rei havia nomeado para elles, mas de motu proprio, sem fallar em sua magestade, nem dizer que o fazia por sua nomeação; que não se podia admittir nem acceitar tal provimento, etc. 59

Junho 12. Outra, referindo o que se passara na audiencia, que o cardeal Mazarino lhe concedera, relativamente á tomada de Rosas, e ás cousas de Roma 62

Junho 16. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, remettendo-lhe copia do que mandou dizer a el-rei, ácerca da conferencia que tivera com o cardeal Mazarino sobre as cousas de Roma, bem como as contestações que tivera com o nuncio a tal respeito 63

Junho 19. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei, narrando a conversação que tivera com o nuncio, ainda sobre as cousas de Roma 65

Junho 20. Carta d'elrei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, ordenando-lhe que não parta para Roma sem a formal declaração de sua santidade de que o receberá 66

Junho 22. Outra, dizendo que, visto o perigo que em Roma correu o prior de Cedofeita com o assalto dos castelhanos, resolveu mandar que se recolhesse logo ao reino, bem como as pessoas que n'elle teem beneficios, e assistem na curia; etc. 67

1645 PAG.

Junho 23. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico. Responde a uma sua carta, e diz-lhe que não entendeu o que lhe manda dizer em cifra porque não tem lá tal cifra; que lhe envie, pois, copia d'ella, ou que escreva pela que teem..... 68

Junho 30. Outra, estimando que gosasse boa saude para a sua viagem a Parma. Diz que vein carta de sua magestade agradecendo a monsieur de Gremonville o auxilio que lhe prestou em Roma; etc. 70

Julho 10. Carta de Fernando Brandão ao conde da Vidigueira, embaixador em França, fazendo varias considerações com respeito ao provimento dos bispados, bem como á ida do dr. Nicolau Monteiro para tal fim..... 71

Julho 20. Carta do dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, a el-rei, dando-lhe o seu parecer sobre o provimento das egrejas cathedraes do reino; se devem, ou não, ser providas por nomeação, e não por petição de sua magestade..... 73

Agosto 4. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico. Pela carta que elle escreve a sua magestade viu tudo o que se passou ácerca da visita ao duque de Parma, e o que respondeu de Veneza. Diz mais que pelas cartas de sua magestade terá visto quão firme está el-rei em não acceitar motos proprios; etc..... 84

Agosto 11. Outra, remettendo-lhe uma exposição do que passou com o embaixador de Veneza, que reside na côrte de França, sobre o soccorro que sua magestade offerecia á sua republica. Por náos da India, que vieram a Hollanda, consta que os portuguezes e hollandezes chegaram a accordo na observancia das tréguas ... 85

Agosto 16. Carta d'el-rei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, dizendo-lhe que não se deve fallar em confirmação de bispados de motu proprio. N'este sentido se escreve ao dr. Nicolau Monteiro, a João de Mattos e ao rezidente da Companhia que lhe succeder; accrescentando que, emquanto sua santidade não tornar melhor a resolução ácerca dos tres bispados que confirmou, se lhe não offereçam papeis de nenhum dos outros bispados para que tem nomeado pessoas..... 87

Agosto 18. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico. Faz algumas observações ácerca do que elle passou com o cardeal Capponi. Falla no provimento dos bispados. Diz-lhe que se deve corresponder com o embaixador de Saboia, e com o rezidente da rainha de Inglaterra; etc..... 88

Agosto 19. Carta do dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico,

1645 PAG.

a el-rei, agradecendo-lhe o sentimento que mostra ter pelo assalto que lhe fizeram os castelhanos. Descreve qual foi o procedimento do papa ácerca de tal acontecimento, e diz que, por causa da má quadra do anno, só poderá sair de Roma no mez de outubro. 90

Agosto 25. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico. Faz algumas considerações ácerca da sua partida para Roma na qualidade de embaixador, e sobre o caracter do cardeal Pancirole. Falla na victoria que o duque d'Enguien alcançou dos bávaros..... 92

Setembro 1. Outra, felicitando-o por ter sido nomeado bispo de Portalegre. Falla na ida do generalissimo da ordem de S. Francisco, na saída de Roma do conde de Ciruela, e participa ter o duque de Orleans rendido já a praça de Bethune em Flandres 94

Setembro 15. Carta de Antonio Moniz de Carvalho, secretario da embaixada em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, dando-lhe os parabens por estar nomeado bispo de Portalegre. Deplora, pelas razões que aponta, ter o padre João de Mattos intromettido Fernando Brandão nos negocios de sua magestade. 95

Setembro 20. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei, accusando a recepção de varios maços de despachos para elle, e para os ministros de Roma, Munster, Hollanda, Inglaterra e Suecia, bem como da carta para a rainha christianissima agradecendo o procedimento do seu embaixador em Roma por occasião da aggressão feita pelos castelhanos ao dr. Nicolau Monteiro 96

Setembro 22. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, congratulando-se pela communicação, que lhe envia, de ter sido nomeado bispo de Portalegre. Ha muitos dias que faz do padre João de Mattos o mesmo juizo e conceito que elle dr. na sua carta revela; etc. 97

Setembro 26. Outra, dizendo-lhe que estimou muito saber que já estava livre do negocio do Santo Officio, conseguindo a expedição que desejava. Falla em frei Antonio das Chagas, em João Baptista, e na acertada deligencia que fez com o secretario do cardeal Barberino..... 98

Outubro 6. Outra, participando que viu as cartas que remetteu a el-rei, bem como a copia do papel feito para offerecer a sua santidade, quando, para isso, receba ordem de sua magestade, e que acha excellente. Relativamente ás queixas de Fernando Brandão responde em papel separado: as do padre assistente João de Mattos são de outra natureza. Conta o que se passou na audiencia que lhe concedeu o cardeal Mazarino..... 99

1645 PAG.

Outubro 13. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, dizendo que sem demora será remettida a sua magestade a carta que lhe envia, assim como a copia da resposta de Dom Vicente Nogueira, que lhe pareceu em tudo mui egual ao bom conceito que d'elle faz, quanto á sua fidelidade, zelo e prudencia, no serviço d'el-rei, e bem do reino em que nasceu. Falla em Fernando Brandão, em João Baptista Lopes, Escoto, e frei Diogo de Montroy..... 101

Outubro 18. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei. Remetteu aos respectivos ministros todos os maços de despachos e cartas de sua magestade, e com especial prazer a que veiu para o bispo eleito de Portalegre, pelo desejo vehemente que tinha em saber a resolução d'el-rei relativamente ao motu proprio de sua santidade 102

Outubro 20. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico. Deve já saber que sua magestade não acceitou a provisão do motu proprio. Diz que o nosso reino está muito florescente com a chegada das náos da India, que vieram riquissimas a Lisboa; e que se espera brevemente um galeão, tendo concorrido muitos navios de outras partes. Recebeu a visita do cardeal Bichi, que se veiu despedir, visto regressar ao seu bispado..... 103

Outubro 31. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, a el-rei, contando minuciosamente o que o dr. Antonio Moniz de Carvalho passou com o bispo de Babilonia, ácerca do bispado da Persia..... 104

Novembro 3. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, achando mui conveniente a diligencia que elle faz ácerca dos peregrinos que vão de Portugal para a curia sem passaportes..... 107

Novembro 7. Outra, dizendo que escreveu ao cardeal Francisco Barberino e á seu irmão Dom Thadeo, por terem levantado nas portas dos seus palacios as armas de França, remettendo a Pedro Mendes de S. Paio as respectivas cartas para lhes serem entregues 108

Novembro 17. Outra, pedindo-lhe que faça os maiores esforços para que seja feito commissario geral o padre mestre frei João de S. Bernardino, e não podendo ser este que o seja o padre frei Antonio de Guimarães. Remette uns papeis da madre prioreza do Sacramento, e pede a sua protecção 109

Novembro 23. Outra, dizendo que el-rei christianissimo, com a rainha regente, reuniu todo o seu conselho e mandou chamar a elle o nuncio de sua santidade; e, estando este presente, o chanceller do

1645 PAG.

reino apresentou contra sua santidade as quatro queixas que descreve; etc. 111

Dezembro 1. Carta do conde da Vidigueira, embaixador em França, ao dr. Nicolau Monteiro, agente do estado ecclesiastico, sobre o mesmo assumpto. Espera ancioso novas de Lisboa, visto haver sua magestade partido para a fronteira, por terem apparecido os inimigos com muitas tropas da parte de Olivença..... 113

1646

Janeiro 15. Carta de Fernando Brandão ao conde da Vidigueira, embaixador em França, dizendo que o bispo eleito partira para Portugal, e que fizeram assistente das provincias d'este reino o padre Nuno da Cunha..... 114

Janeiro 29. Carta d'elrei ao conde da Vidigueira, embaixador em França, agradecendo o que obteve do bispo de Babilonia relativamente ao bispado da Persia, cuja nomeação pertence a elle rei..... 114

Maio 6. Carta de frei Manuel Pacheco ao conde da Vidigueira, embaixador em França. Falla na pretenção do padre mestre frei André Telles; elogia o licenciado Pedro Mendes de S. Paio pelo seu serviço, e zelo; queixa-se muito do cardeal Pallota, e pede a sua intercessão para que el-rei o não mande sair de Roma, contrariando assim a vontade d'este cardeal..... 115

1647

Março 1. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia. Estimou saber o que elle passou com sua santidade, e que a chegada do vice-collector não desagradasse ao papa 119

Março 15. Outra, a respeito de uns portuguezes que entravam occultamente em casa do embaixador de Castella. Diz-lhe que faça constar ao papa e aos castelhanos que França nos offerece quatro mil cavallos montados, dezeseis mil infantes, e trinta náos, pago tudo á sua custa, emquanto a guerra durar; e á rainha de Suecia dois mil cavallos, seis mil infantes, e dez galiões, na mesma fórma; que o cardeal Ursino desejava ser protector de Portugal, o que sirva de avizo; que é conveniente que se informe com certeza do que ha relativamente ao dinheiro que foi de Portugal para Jerusalem, e que o geral de S. Francisco deu ao viso-rei de Napoles; etc..... 120

Março (?) Outra, dizendo que recebeu a cifra que lhe enviou, da qual mandou, por duas vias, copia a sua magestade; que passou alli um correio de Madrid para Munster, suspeita-se que leva a ratificação das pazes de Hollanda 122

Abril 5 Outra, declarando que lhe consta ter chegado a Lisboa uma ca-

1647 PAG.

ravela da Bahia com a noticia de que, tendo os hollandezes acommettido os portuguezes levantados do Rio de S. Francisco, ficaram mortos no campo trezentos hollandezes, retirando-se os outros. Falla no manifesto da saída do vice-collector; em estar concluida a companhia entre hollandezes e genovezes; no accrescentamento da pensão de Dom João Baptista; no padre frei Francisco de S. Agostinho, etc. 123

Abril 5. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, a frei Manuel Pacheco, dando-lhe a noticia do acommettimento dos hollandezes. Falla, tambem, na companhia entre hollandezes e genovezes; no modo de se passarem as bullas dos bispados; em frei Francisco de Souza; em frei Francisco de S. Agostinho, etc... 125

Abril 19. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, participando-lhe a partida do marquez de Fontenay para Roma. Fará com que lhe vão ordens, bem como aos cardeaes d'Este, Grimaldi, e abbade de S. Nicolau, para apertarem pelos negocios de Portugal, conforme elle Nuno da Cunha com elles assentar. Refere-se a um annel que deveria ser dado ao papa. Entende que o cardeal Ursino se contentará com a protecção de Polonia em vez da de Portugal, e que esta se deverá dar ao cardeal Farnèse, se elle a quizer. Diz que el-rei folgará muito se elle impedir que a conezia de Evora se dê ao forra gaitas. 126

Abril 19. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, a frei Manuel Pacheco. Suppõe que sua santidade proverá ao mesmo tempo os bispados, receberá embaixador, e mandará nuncio a Portugal, porém quando? Pede-lhe que entregue a Francisco Vieira a carta que lhe envia em resposta á que elle escreveu remettendo os papeis de frei Francisco de Souza; etc. 128

Abril 26. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, agradecendo-lhe a diligencia que fez para que o forra gaitas ficasse sem a conezia. Remette copia das novas que teve pelos navios que chegaram de Lisboa. Indica qual o tratamento que, nos sobscritos, sua magestade deve dar aos cardeaes; etc. 129

Maio 17. Outra, dizendo que lhe pareceram acertadas todas as diligencias que fez com Panzirole e o prégador do papa, e que pode metter na conta dos bispos mortos o de Cabo Verde; o do Funchal está em Lisboa incapaz de voltar á ilha, tendo noventa annos; etc. 130

Maio 24. Outra, em que lhe diz que pela carta, cuja recepção accusa, viu que não tinha ficado descontente com a larga audiencia que

1647 PAG.

o papa lhe concedeu. Estima saber a boa intenção que mostram Capponi e Cornaro. Não duvida que em Roma lhe furtem as cartas, visto ser esse o uso da terra; etc. 131

Junho 2. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, dizendo que, á vista da sua carta, escreve a el-rei para que lhe envie em segredo as nomeações de Farnèse para protector, e de Pallota para comprotector. Já tinha dito a sua magestade que nomeasse logo todos os bispos, e que era necessario remetterem-se a elle, Nuno da Cunha, oito mil cruzados para peitas. Entretanto, vá cautelosamente averiguando se Farnèse e Pallota acceitarão estes cargos. 133

Junho 10. Carta do padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, a el-rei. Narra as deligencias que se fizeram para que elle consentisse que a conezia de Evora se provesse em Antonio Mendes, filho do forra gaitas; foi, porém, dada a Diogo de Souza, sendo o seu chantrado logo dado a um sobrinho de Alvaro Soares de Castro, inquizidor de Evora. Queixa-se de Fernando Brandão e de Antonio Mendes pelos motivos que expõe, e pede a sua magestade as devidas providencias 515

Junho 13. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, felicitando-o por se não deixar vencer do seu geral na questão do forra gaitas. Entende que sua magestade deve dar ao cardeal que fôr protector tres mil cruzados de pensão nas egrejas vagas, e logo cinco em dinheiro de ajuda de custo, e ao comprotector metade, ou mais se assim convier. Parecem-lhe idóneos os que elle aponta, mas hão de pôr as armas de Portugal nas suas portas, segundo o costume. Diz que visto ter já as nomeações dos arcebispados de Lisboa e Braga, e dos bispados do Porto, Portalegre, Meliapor, Angola, Malaca, e Japão, provendo-se estes, pouco importa que el-rei retarde as outras nomeações 134

Junho 20. Carta de Antonio Moniz de Carvalho, secretario da embaixada em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia. Trata da fórma em que os plenipotenciarios do imperador consentem já que seja comprehendido sua magestade na paz do Imperio com a rainha de Suecia entre os reis seus alliados, que ella nomeia, figurando el-rei com seu real titulo. Faz varias considerações sobre este assumpto 136

Junho 23. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia. Diz que, tendo fallado com o cardeal Mazarino sobre os negocios de Roma, elle dissera que o marquez de Fontenay levava ordem para fazer as diligencias

1647 PAG.

necessarias, e, portanto, que combine com elle o que se deve fazer. Falla em Francisco Nunes Sanches o forra gaitas, e em Gaselete, a quem se devem dar as vinte e cinco pistolas 140

Junho 29. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, dizendo que grande bem seria para tudo que as revoltas de Napoles e Sicilia continuassem; que sua santidade deve resolver-se a fazer justiça a Portugal, porque esperar pela paz é esperar pela vinda d'el-rei D. Sebastião. Aconselha-o a que se não fie de francezes 141

Julho 4. Outra, que conviria que o papa provesse os bispados, na fórma conveniente, antes que lá chegasse a nova de haver o principe de Condé levantado o sitio de Lerida; que Diogo de Sousa obtivera mui boa conezia; que el-rei escrevera ao bispo eleito de Elvas, que está em Roma, ordenando-lhe que, logo que os negocios estivessem correntes, pedisse em seu nome ao papa licença para que D. Francisco Lobo, sobrinho d'elle marquez, filho do barão, podesse comer com o habito de Christo, que já tem, umas pensões. 142

Julho 9. Outra, dizendo que tornou a recommendar ao conde de Brienne os negocios de Roma; que sendo natural que Fontenay trate primeiro dos outros, e deixe para o fim os de Portugal, convém que elle assistente falle quanto antes ao papa. Por um navio que chegou a Londres, e que, com difficuldade, se escapou de Lisboa, consta que em todo o reino havia embargo geral nos navios por motivo de uma grande armada naval que se aprestava..... 143

Julho 12. Carta d'el-rei ao marquez de Niza, embaixador em França, ordenando-lhe que avise frei Manuel Pacheco, residente em Roma, que de muito boa vontade acceitará as bullas vindo com a cláusula que elle indica. Em tal caso, mandará elle marquez dar de alviçaras vinte mil cruzados para uma só pessoa, ou para repartir por mais, podendo accrescentar ou diminuir esta quantia conforme entender..... 144

Julho 19. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, a frei Manuel Pacheco, accusando a recepção de quatro cartas. Já escreveu ao abbade de S. Nicolau, e no seguinte correio escreverá ao marquez de Fontenay. Nada de novo tem que dizer sobre o negocio do padre frei Martinho commissario geral..... 145

Julho 25. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia. Diz que soube pelo conde de Brienne que o cardeal Mazarino não consentia que o marquez de Fontenay fallasse em negocio algum, emquanto o seu não estivesse concluido. Em vista do que diz, resolveu escrever a Manuel Rodrigues de Mattos, que está em Liorne, a carta que

1647 PAG.

envia aberta, para que ponha á disposição d'elle assistente um credito de oito mil cruzados, quando lh'o mandar pedir, e com elle comprará as joias, ou dará o mesmo credito, que ainda será mais estimado; isto, porém, só depois de concluido o negocio (provimento dos bispados ou recebimento de embaixador), recebendo com uma mão o despacho e dando as alviçaras com a outra, sem se fiar em palavras 146

Agosto 1. Carta d'el-rei ao marquez de Niza, embaixador em França. Participa-lhe que manda responder ao padre Nuno da Cunha, que se conforma com o seu parecer, relativamente á confirmação dos bispados, e o que a tal respeito deve fazer. Quanto á eleição de cardeal protector, não convém tratar d'isso por emquanto. De D. Diogo Lobo e de Luiz Pereira de Castro tem a lembrança que pedem seus grandes merecimentos..... 148

Agosto 2. Outra, dizendo-lhe que, realisando-se as esperanças do padre Nuno da Cunha ácerca da confirmação dos bispados, não tem logar o alvitre de frei Manuel Pacheco; ao contrario, executar-se-ha o que elle rei lhe escreveu a respeito de tal proposta 149

Agosto 2. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, assegurando que o embaixador de França, por mais que lhe prometta, não fallará em nossas cousas, em quanto não obtiver resolução favoravel ás suas, e ao capello de Mazarino. No correio antecedente mandou a Manuel Rodrigues de Mattos uma carta com o credito de oito mil cruzados para os entregar a elle assistente, caso sejam necessarios para o negocio (provimento dos bispados, etc.). Teve noticia que chegou a Roma o vice collector 150

Agosto 2. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, a frei Manuel Pacheco. Estimou receber o papel italiano, que lhe enviou, e que mandará traduzir em portuguez para o remetter a sua magestade. Contentar-se-hão, por emquanto, com o provimento das egrejas, e com mandar sua santidade nuncio a Portugal. Não duvida que Bagtaline seja monsenhor, porque o seu dinheiro, mal ganho, para muito mais dá. As revoltas de Napoles e Sicilia vão por deante, o que é muito conveniente para tudo..... 151

Agosto 16. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, approvando o que disse ao abbade de S. Nicolau, visto que o marquez de Fontenay não fallará ao papa nos negocios de Portugal emquanto o padre Mazarino não fôr eleito cardeal. O imperador, cunhado do rei de Castella, e seu dependente, tem feito muito em consentir que a rainha de Suecia nomeasse nos tratados sua magestade..... 151

1647 PAG.

Agosto 23. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, dizendo que estimava que tivessem mandado sair de Roma Luiz Alvares de Tavora, seu parente, e o padre Cavalente *(sic)*; que deve confiar em tudo o que lhe disser Francisco Taquet; que estima muito saber os bons serviços que o cardeal d'Este, marquez de Fontenay e abbade de S. Nicolau teem prestado nos negocios de Portugal; e que consta que chegou sem perigo á Bahia o mestre de campo general Francisco Barreto com as caravelas que de Lisboa partiram com munições e mantimentos, e quatrocentos soldados 152

Agosto 30. Outra, advertindo que se os castelhanos se ensoberbeceram com o levantamento do sitio de Lerida e tomada de Landresis, tambem se deverão humilhar com a presa de Dismunde e Labasea, e com as revoltas de Napoles e Sicilia. Conta com grandes soccorros de França e de Suecia; quanto aos primeiros, está fazendo o respectivo tratado juntamente com o marechal de Vilha Roey, o conde de Brienne, e monsieur de Telhier secretario de guerra; e em Suecia está fazendo o outro João de Guimarães, nosso rezidente, e o gran-chanceller d'aquelle reino; etc. etc... 154

Setembro 6. Outra, tendo por grande novidade pôrem os Ursinos junto com armas de França as de Portugal. Esta demonstração parece indicar o desejo de serem nomeados, um protector de Portugal, e o outro embaixador, á imitação do duque Savely, que o era do imperador. Trata de varios outros assumptos 155

Setembro 6. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, a frei Manuel Pacheco, fazendo-lhe algumas observações sobre varias materias 157

Setembro 18. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia. É evidente que emquanto o frade (Mazarino) não fôr nomeado cardeal, e os Barberinos estejam inteiramente accommodados, não tratará Fontenay dos negocios de Portugal. Agradece-lhe o que diz relativamente a Brandão e Diogo de Sousa 158

Setembro 20. Outra, dizendo que em uma barca, que mandou partir de Bordéos para Vianna, enviou a el-rei um creado seu com avisos de importancia, relativos a todos os negocios que trazem entre mãos; bem como que tenciona partir para Portugal no fim de outubro, se o padre Antonio Vieira, que aguarda, não trouxer ordens em contrario; que recebeu carta de Fernando Brandão, participando que as duas prebendas de Portugal foram providas em Francisco Barreto e em Christovão de Tavora; etc..... 159

Setembro 27. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, a frei Ma-

1647 PAG.

nuel Pacheco, accusando a recepção da sua carta, bem como as de Diogo de Sousa e do marquez del Bufalo, que vinham inclusas. A que, em resposta, remette a este ultimo vae sem sobrescrito para lá lh'o pôr com os respectivos cargos. Congratula-se por continuarem as revoltas de Italia..... 160

Outubro 4. Carta do marquez de Niza, embaixador em França, ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia. Diz que já deviam ter chegado a Toulon os tres navios, que os francezes pediam, commandados por João de Sequeira Varejão; que ainda não recebeu as cartas d'el-rei, por ser portador d'ellas o padre Antonio Vieira, que espera muito brevemente. Faz algumas reflexões sobre a carta que el-rei lhe envia, que julga dizer respeito á justiça que se fez em Lisboa em Domingos Leite. Quanto ao cardeal Pancirole, suppõe que lhe fallou como politico, mas não como catholico..... 161

Outubro 15. Outra, dizendo que, pelos motivos que aponta, espera que sua santidade entre na razão com respeito aos negocios de Portugal; que el-rei não está por emquanto resolvido a nomear cardeal protector; que partia no dia seguinte para Moret com o padre Antonio Vieira; que o secretario Pedro Vieira o avisa de que se escreve a D. João Baptista, e que se lhe mandam duzentos mil réis de ajuda de custo; etc..... 163

Outubro 17. Outra, declarando-lhe que, a respeito de Hollanda, discorda muito do seu parecer, e expõe os motivos; que Taquet o avisou de que lhe tinha já remettido a saphira de 97 carátos para o papa, caso a mereça. Tanto a rainha como o cardeal e o conde de Brienne o trataram muito bem nas audiencias que lhe concederam, por saberem já da chegada dos nossos tres galeões a Toulon, que, sem demora, partiram a juntar-se com a armada de França. Visto já estar feito cardeal o padre Mazarino, pediu ao conde de Brienne que escrevesse a Fontenay tratasse agora do negocio de Portugal..... 164

1648

Março 6. Carta d'el-rei ao marquez de Niza, embaixador em França, dizendo-lhe que ainda não é tempo de fallar em cardeal protector, e menos em embaixador; quando fôr, terá em vista o que lhe diz a respeito do duque de Brexano, e do cardeal Ursino... 165

Junho 6. Carta do padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, a el-rei, fazendo muitas considerações sobre o provimento dos bispados, e dando-lhe varias noticias..... 518

Junho 13. Carta d'el-rei ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia. Se ainda não tiver obtido a confirmação dos bispados por

1648 PAG.

algum dos meios já enunciados, os fará expedir com as cláusulas e condições que lhe indica..... 524

Carta (minuta?) d'el-rei ao padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, no sentido da antecedente 526

Outra (rascunho?), no mesmo sentido 527

Julho 4. Carta do padre Nuno da Cunha, assistente da Companhia, a el-rei. Depois de algumas considerações, diz que até o primeiro de dezembro estarão cumpridas as suas ordens no melhor modo possivel. Pergunta o que deve fazer ácerca das pensões dos bispados, e diz que os bispados ultramarinos necessitam mais de ser providos que os do reino, e a razão porque 528

Agosto 1. Outra, tratando do exaggero dos cambios, e do modo de remediar tal excesso. Diz, tambem, que estarem vagos os beneficios, como estão os bispados, melhor seria do que serem mal providos. 530

Setembro 5. Carta d'el-rei ao marquez de Niza, embaixador em França, avisando-o de que manda agradecer a frei Manuel Pacheco o cuidado e acerto com que trata em Roma dos negocios do reino; que da sua parte, e da d'elle rei, lhe renda graças, tambem, pelo que fez relativamente aos bispos e missionarios de Angola; etc. ... 166

Outubro 11. Instrucção ao dr. Manuel Alvares Carrilho, agente do clero. 167

Outubro 14. Carta d'el-rei ao marquez de Niza, embaixador em França. Pela copia da instrucção, que inclusa remette, verá os motivos e ordens com que, e porquê, manda partir para Roma o dr. Manuel Alvares Carrilho. Recommenda que lhe faça as necessarias advertencias sôbre tal assumpto..... 176

Dezembro 28. Carta do dr. Manuel Alvares Carrilho, agente do clero, ao marquez de Niza, embaixador em França, dando as razões porque lhe não escreveu mais cedo. Diz que achou o negocio dos bispados em estado differente do que se imaginava no reino, visto o zelo do padre assistente o ter muito adeantado..... 177

1649

Março 1. Outra, dizendo que, com relação aos bispados, assentou com o padre mestre frei Manuel Pacheco que se fizesse a offerta de cem mil cruzados sob as condições que aponta, e pede o seu parecer a tal respeito. Irá cumprindo a instrucção que levou, apesar dos castelhanos que vieram de Napoles para o desfeitear, porque não sabe de que côr é o medo 178

Outubro 8. Carta dos Tres Estados do reino de Portugal escrita ao papa, sobre o desampáro de suas egrejas pela falta de bispos 180

Outubro 17. Carta do inquisidor geral ao papa perguntando-lhe o que deve fazer com respeito ao alvará de 6 de Fevereiro d'este anno, que exemptou os convictos de heresia do confisco dos seus bens... 186

1650 PAG.

Maio 16. Breve *Pro munere solicitudinis*, ao inquisidor geral, declarando nullo e invalido o sobredito alvará, assim como outros quaesquer diplomas no mesmo sentido, e mandando-lhe que os contrarie com todas as forças 186

Outubro 15. Breve *Præstantem fraternitatis*, ao bispo da Guarda, inquisidor de Portugal. Louva-o, assim como aos seus collegas, pelo seu zelo, e espera d'elles que, combatendo as falsas doutrinas do alvará de 6 de Fevereiro de 1649 e dos escriptos que no reino se publicaram ácerca da provisão dos bispados, procurarão applicar-lhes o possivel remedio 188

1651

Abril 12. Carta do clero de França ao papa persuadindo-o a dar bispos a Portugal 189

1652

Janeiro 15. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em França, a el-rei, dando-lhe minuciosa conta do que fez, quando chegou a Paris, relativamente ao provimento dos bispados, e do mais que occorreu a tal respeito 191

1652?

Principio? Outra, sobre o mesmo assumpto 197

1652?

Carta da rainha ao cardeal Ursino, protector de Portugal. Espera que, com a sua nomeação, obtenham os negocios relativos a Portugal o bom despacho que não poderam alcançar em tantos annos. Segue a carta que o nomeia protector 202

1653

Maio 16. Carta d'el-rei ao cardeal Ursino, protector de Portugal, participando-lhe o fallecimento do principe D. Theodosio, seu prezado filho 203

1653?

..... 17. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em França, ao cardeal Ursino, protector de Portugal. Tem a convicção de que a França permittirá que se dêem bispos á Catalunha a nomeação de Castella, se, na mesma fórma, os derem a Portugal, nomeando-os sua magestade. Pede-lhe, pois, que trabalhe n'este sentido, caso sua santidade esteja resolvido a dar satisfação a Portugal 203

1654

Setembro 4. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em França, ao padre mestre Ribarola, dando-lhe algumas instrucções, e fazendo varias considerações sobre o provimento dos bispados, e admissão do nosso embaixador 205

1654?

PAG.

Carta d'el-rei a ....?, residente em Roma, com respeito ao papa não incluir este reino nas pazes que se tratavam na Dieta, sobre o que faz varias considerações..... 208

1655

Novembro 25. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, participando-lhe ter chegado a Roma, e narrando o que até então occorrera, bem como o que se passou na conferencia que teve com o cardeal Ursino; etc. etc. 532

Dezembro 3. Outra, dizendo qual a resposta que o papa déra ao cardeal protector, isto é, que de mui boa vontade o ouviria, por emquanto, porém, não como embaixador, mas como enviado; que ficava por fiador, quanto á segurança da sua pessoa; etc..... 535

1655?

Dezembro 21? Carta d'el-rei a Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, remettendo-lhe copia da carta que envia ao cardeal Ursino, sobre a petição do beneficio de chantre de Evora, vago por fallecimento de Manuel de Faria Severim. Ordena-lhe que se empenhe pelo bom exito do requerimento 211

1656

Principio? Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, narrando minuciosamente o que occorreu desde que se dispoz a partir de Paris até á sua entrada em Roma; bem como as praticas que, então, teve com alguns cardeaes. Segue uma memoria de tudo que passou na primeira audiencia que teve de sua santidade em 14 de dezembro de 1655..... 211

Janeiro 14. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, expondo as causas porque saiu de Paris, porque entrou em Roma, e porque tem obrado de modo diverso do que sua magestade ultimamente lhe ordena..... 537

Janeiro 18. Breve *Col maggiore e col migliore*, ao rei de Hespanha, consultando-o a respeito do provimento dos bispados de Portugal.. 269

Janeiro 28. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Manda copia do memorial que enviou ao papa, e faz algumas reflexões sobre tal assumpto. Queixa-se do cardeal Ursino, pelos motivos que allega. Dá parte do fallecimento dos cardeaes Cesio e Trivulce; etc..... 229

Janeiro 28. Memorial de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao papa, representando-lhe o estado das coisas em Portugal; o excesso dos males a que está reduzido o christianismo no seu vasto imperio; a recusa da Santa Sé durante tanto tempo de attender á justiça de el-rei; os inconvenientes d'ahi derivados, que augmentam cada dia; e a urgencia de sua santidade

1656 PAG.

prover a tudo de remedio, o qual consiste em reconhecer D. João IV como rei de Portugal..... 235

Janeiro 28. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, pedindo a mezada de dois mil cruzados, attendendo á carestia de Roma, e ao que precisamente é necessario a um embaixador de sua magestade..... 258

Janeiro 31. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Mazarino, agradecendo as seguranças que lhe dá de favorecer os negocios de Portugal na Curia 260

Fevereiro 10. Supplica de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao papa, pedindo-lhe que proveja o chantrado de Evora, vago pela morte de Manuel de Faria Severim, no sobrinho d'este Francisco de Faria Severim 261

Fevereiro 12. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, fazendo varias queixas, e expondo as razões que para isso tem 262

Fevereiro 25. Outra, no sentido da antecedente..... 267

Março 12. Outra, participando ter chegado a Roma um clerigo, que diz ser secretario da inquisição de Goa, e que, entre outras novas, que lhe deu, attribue a D. Braz de Castro a perda das fortalezas de Camboli, Barcelor, Mangalor e Honor. Quanto á expulsão do conde de Obidos, e á nomeação de D. Braz de Castro, diz o clerigo que tão pouco justificada foi a primeira, como exorbitante a segunda, e que nem o conde será castigado, nem D. Braz merecerá coroas de louro..... 272

Março 16. Outra, pedindo-lhe a mercê de um alvará para que Filippe Serrão Pimentel, que fôra condemnado á revelia, se podesse apresentar, e livrar por procurador 274

Março 24. Outra, participando o encontro que teve com o duque de Terra Nova, embaixador de Castella, que o cumprimentou com toda a cortezia. Diz que teve carta do conde de Brienne, queixando-se muito do papa. Sabe que sua santidade mandou o seu memorial ao nuncio que tem em Madrid, ordenando-lhe que o mostrasse a el-rei, e lhe pedisse da sua parte que lhe respondesse, porque elle não se atrevia a fazel-o. Espera ter brevemente audiencia do papa; etc. 276

Abril 1. Outra, dando-lhe varias noticias politicas 280

Abril 22. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Gaspar de Faria, seu compadre, queixando-se do padre Valladares, de Pedro de Almeida, e do cardeal Ursino, nosso protector, ludibrio dos cardeaes, homem de quem no sacro collegio se não faz caso algum, que começara a vida com a

1656 PAG.

caça e com as putas sem tratar de outra cousa, que assim continuava, e assim havia de acabar..... 283

Abril 22. Carta (resumo da) de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Pedro Vieira da Silva, enumerando os negocios mencionados na dita carta..... 286

Maio 18. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, lamentando-se pelas calumnias que lhe assacam. Diz que se affirma estarem marcadas para outubro as entrevistas dos reis, e será em Bayonna que se tratará da paz..... 540

Junho 1. Carta (resumo da) de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Pedro Vieira da Silva, mencionando os assumptos exarados na dita carta..... 287

Junho 3. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, agradecendo as honrosas palavras com que o distingue, apesar de não ter cumprido as suas ordens. Diz que as pazes não estão de tal modo adeantadas quanto em Portugal se imagina; as desconfianças da França contra o papa cada vez são maiores; está, por isso, persuadido que, ou se não tratará da paz, ou França a quererá fazer sem permittir a intervenção do pontifice; etc... 542

Junho 12. Outra, dizendo que entre os frades que se rebellaram contra elle, distinguiu-se um frei João Riscado, religioso do Carmo, publicando um escripto intitulado «Resposta ao papel do embaixador de Portugal», uma satira contra elle e seus domesticos, negando, porém, sempre ser elle o auctor. Trata com o cardeal protector fazel-o recolher ao reino, com annuencia d'elle proprio... 545

Junho 26. Outra, participando que a peste de Napoles vae em augmento, e que já em Roma houve alguns rebates d'ella. Está prohibida a communicação com os que habitam além do Tibre; não se fizeram as procissões de Corpus, fecharam-se as escolas, etc. etc. O povo, quasi amotinado contra os castelhanos, diz publicamente que são castigos que Deus manda por não se resolverem a receber o embaixador de sua magestade..... 546

Junho? Supplica de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao papa, instando para ser recebido n'essa qualidade e mostrando o grande zelo d'el-rei pelas coisas da Fé, assim como os tramas dos hespanhoes contra Portugal junto da Curia..... 288

Julho 1. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Depois de varias reflexões a respeito de muitos religiosos portuguezes, que estão em Roma, e de quem se queixa, trata dos quatro padres da Companhia, que de lá partiram para Portugal, Tinoco, Cabral, Almeida e Valladares. Dá conta minuciosa do que se passou com respeito ao chantrado e canonicato de Evora.

1656 PAG.

Elogia o padre Petrucci, frei José de Lencastre, frei Nuno Viegas, frei Guilherme procurador de S. Bernardo, o provincial da Trindade, frei Manuel Moniz, frei Agostinho de Mello, o assistente, Teixeira e Bello 291

Julho 1. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Tratando do conciliabulo feito n'aquella côrte por alguns frades e outros seculares, que não queriam embaixador em Roma nem bispos e nuncio em Portugal, refere o que o papa praticou a tal respeito, e expõe o inconveniente comportamento de Ursino n'este assumpto 302

Julho 15. Outra, descrevendo o lastimoso estado de Napoles por causa da peste, e o panico que lavra já em Roma por tal motivo. Continúa a queixar-se do cardeal Ursino. Em papel á parte relata a conferencia que teve com o cardeal Bichi 306

Julho 24. Outra, queixando-se do cardeal Ursino pede a el-rei que, sem demora, envie uma ordem para lhe revogar a protectoria, promettendo, porém, não se servir d'ella senão em ultimo caso. Falla no provimento dos bispados 313

Julho 24. Outra, tratando do escandaloso provimento no beneficio da thesouraria da Sé de Braga em um tal Manuel Furtado, natural de Evora, queixa-se do cardeal datario, e pede a el-rei que ordene ao cabido de Braga lhe não dê posse, quando se apresentarem as respectivas bullas 317

Julho 28. Outra, avisando que em Genova se preparam dois navios para Lisboa, com os quaes e com todos os que forem de Italia deve haver toda a precaução, por causa da peste. Faz muitas e varias reflexões a respeito do cardeal Ursino, a quem sua magestade deve escrever uma carta approvando o procedimento d'elle embaixador por lhe não entregar as nominas, bem como outra ao cardeal Bichi agradecendo-lhe o que faz e deseja fazer em seu serviço. Dá conta do que o cardeal datario disse ao padre Petrucci relativamente a elle embaixador; etc. 320

Julho 30. Outra, dizendo que, tendo sua santidade saído de Roma, lhe mandou por um secretario de cifras um recado com as razões porquê lhe não havia dado segunda audiencia. Trata da conjuração urdida entre o embaixador de Hespanha, cardeal protector, e Rospigliosi secretario de estado, a fim de o expulsarem de Roma, bem como dos esforços do cardeal Ursino para lhe tirar as nominas, que por caso nenhum convem que se lhe entreguem; etc. 548

Julho ... Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Ursino, protector de Portugal, sobre o assumpto das nominas, e processos dos bispados 329

1656 PAG.

Julho ... Resposta que Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, deu, por intermedio do padre D. Camillo, ao cardeal Ursino, protector de Portugal, relativamente ás queixas que d'elle fez ao sobredito padre 331

Agosto 22. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Receando que, por causa das quarentenas, sua magestade não tenha recebido as suas cartas, fica despachando um proprio por quem saberá o estado em que está a negociação, e os entraves que teve para se não concluir 335

Agosto ou Setembro? Outra, fazendo minuciosa analyse da resposta que, passados sete mezes, appareceu contra o memorial que deu a sua santidade. Saindo da primeira mão em castelhano, passou a segunda para se traduzir em latim; não acredita, porém, que se fizesse por mandado nem ainda com o consentimento do duque de Terra Nova, embaixador de Hespanha; etc. 336

Setembro 18. Outra, dizendo o que consta relativamente ao tratado da paz. Escreve a Duarte Rodrigues Lamego, seu correspondente em Paris, para que avise e vá avisando o secretario Pedro Vieira da Silva do que souber e fôr sabendo a tal respeito. O cardeal Bichi lhe assegurou que os negocios de Portugal não mudaram de face, estão, porém, retardados por causa da peste, pelas desavenças de França, e por outras que não devia ignorar 355

Outubro 3. Outra, queixando-se do cardeal Ursino pede a sua magestade que se resolva a tirar este traidor do posto que tem. Diz que monsieur de Lione vae continuando com o tratado da paz; que o duque de Modena tomou Valenza; e que a peste em Roma, em vez de diminuir, cresce 553

Outubro 6. Outra, elogiando, e defendendo, o padre frei Boaventura das Chagas, provincial que foi de Santo Agostinho, que, segundo consta, sua magestade fôra servido declarar por pouco fiel ao reino, por obrar contra seu serviço 358

Outubro 7. Outra, queixando-se do cardeal Ursino pelo que disse e fez depois da conferencia que com elle teve relativamente á proposta dos bispos. Diz que tem fallecido muita gente em Roma; que o papa se encerra n'este dia; e que passou a melhor vida o secretario de estado Rospigliosi, a quem Deus, por sua divina misericordia, não peça contas das cousas de Portugal 554

Outubro 21. Outra, dizendo que não tem sido possivel sair de Roma o proprio, que tencionava enviar-lhe, e que no dia 16 teve o papa consistorio, e nomeou n'elle dois nuncios extraordinarios a França e Castella para o tratado da paz. Consta-lhe que em um Conselho de Estado, feito sobre as materias de Roma, se resolvera *uno ore*

1656 PAG.

que sua magestade o mandasse recolher ao reino, levando comsigo todos os portuguezes; a este respeito faz varias reflexões... 362

Outubro 23. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Antonio Barberino, para que interceda com o cardeal Mazarino, a fim de que o novo embaixador francez continue favorecendo na Curia os negocios de Portugal..... 365

Outubro 23. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Mazarino, lamentando a falta de embaixador de França na Curia, e os prejuizos que d'ahi teem vindo a Portugal, alegrando-se pela vinda do novo e pedindo que corôe os favores já feitos com a sua vigorosa interposição junto de sua santidade nos nossos negocios 367

Outubro ... Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Pedro Vieira da Silva. Sabendo que o cardeal Ursino escreve a sua magestade a respeito de duas conferencias que ultimamente com elle teve, pede que não acreditem o que o dito cardeal sobre tal assumpto disser, em vista dos documentos que envia pelo mensageiro que n'aquella semana deve partir para o reino. Diz que é forçoso demittil-o de protector, e que com menos motivos tirou França a protectoria ao cardeal Antonio, e Castella ao cardeal Colonne..... 368

Novembro 8. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, dizendo que chegou a occasião de poder sair d'alli o enviado, a que se tem referido; que está em Roma ha um anno, e, em vez de progredir, tem peorado a negociação. Attribue o facto ao cardeal Ursino, a quem se deve retirar a protectoria, e a respeito do qual faz as advertencias que julga convenientes; etc... 555

Novembro 9(?). Outra, participando que, attendendo ao progresso da peste, e apesar de muitas contrariedades, conseguiu erigir um lazareto para os portuguezes, que fica sendo o melhor de Roma; tem medico por cincoenta escudos cada mez, e barbeiro e cirurgião por trinta e cinco escudos 559

.... Outra, accusando a recepção dos despachos de sua magestade, a respeito dos quaes faz varias reflexões. Diz que fica encerrado por lhe ter morrido em casa um filho do secretario e uma sua ama; que o numero dos mortos passa de duzentos por dia; que são mortas mais de dez mil pessoas; que o papa está completamente encerrado, tendo só communicação com um criado que metteu comsigo; etc..... 561

Novembro 11. Outra, enviando-lhe pelo padre mestre Manuel Pacheco uma comedia em musica, e outra, tambem com seus assomos de comedia, mas que, em Roma, se canta em egrejas particulares nas

1656 PAG.

sextas feiras e domingos de quaresma na fórma que expõe. É auctor de ambas Marco Ferracioli, musico do papa, mais conhecido pelo nome de Marco del Arpa. Manda, tambem, uma caderneta que lhe deu uma freira, composição que se fez para ella só cantar á rainha de Suecia. Descreve a moça e o seu modo de cantar. Referindo-se ao titulo de conde, que requerera, e que promoveu zombaria, mostra quão injustas foram as nomeações dos condes de Odemira, Ericeira, Prado, Villa Pouca. Alegrete, Villar Maior, Soure e Villa Verde..... 370

Novembro 14. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Pedro Vieira da Silva, respondendo ás suas duas cartas recebidas na vespera, na segunda das quaes se lhe ordena que faça traduzir em italiano o protesto que ha de fazer na occasião de sair de Roma, o que fará logo que cessem as difficuldades ou impossibilidades. N'este caso terá suas duvidas em deixar as nominas ao padre Francisco de Tavora; etc..... 373

1656?

Protesto do embaixador em Roma Francisco de Sousa Coutinho..... 374

1656
Novembro 14. Instrucção do papa ao nuncio em França. Refere-se a traços largos á união de Portugal á Hespanha e á Restauração, facto que enfraqueceu as esperanças de se obter a paz geral que se tratava e trata ainda. Sente-o sua santidade, tanto mais que se vê perseguido pelos portuguezes para admittir os seus ministros como de principe legitimo e pelos hespanhoes para os não admittir, o que o colloca em grandes difficuldades, porque por um lado não deixa de conhecer a razão dos portuguezes, quanto o reino soffre com a falta de pastores, o perigo de lavrar a heresia, e a diminuição dos proventos da Santa Sé, e pelo outro receia descontentar os hespanhoes e as consequencias que d'ahi virão. N'este estado, e sendo mediador da paz entre França e Hespanha, vae adiando a decisão do reconhecimento, porque, se os hespanhoes a troco de a Santa Sé o não conceder, cederem na questão da paz, não se deve por causa d'aquelle perder tão grande e publico beneficio, deixando para depois satisfazer os interesses de Portugal, e tambem porque os hespanhoes lhe pedem que retarde a sua decisão alguns mezes, durante os quaes esperam invadir o reino por diversas partes, com o que cessará o motivo da posse de dezeseis annos allegada pelo governo portuguez para alcançar o reconhecimento da Santa Sé..... 375

..... Avisos da Secretaria de Estado Pontificia a ....? rebatendo as

1656 PAG.

queixas de Portugal transmittidas pelo nuncio de França de que a Santa Sé não cuida dos seus interesses, antes se mostra contente de que o reino seja infestado pelas armas hespanholas..... 379

Novembro 22. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Queixa-se de que sejam tão mal avaliados os seus serviços, e que julgassem os ministros de sua magestade que, para elle sair de Roma, eram necessarias as tres canonicas admoestações que indica, mandando-o recolher com affrontas. Diz que d'este dia em deante começam de novo os quarenta dias do seu encerramento, por ter havido outro caso de peste em sua casa, não podendo, por isso, deixar Roma antes do Natal. Lamenta que se dê inteiro credito ao que dizem os quatro padres da Companhia que foram para o reino, e ao que outros velhacos escrevem de Roma, e nenhum ao que elle affirma. Poderá temer que provem tudo quanto contra elle disserem, porque já o grande Affonso de Albuquerque se queixava dos homens da India que o quizeram fazer puto, e o peor foi que lh'o provaram; etc. etc... 382

Novembro 27. Outra, dizendo que provavelmente sairia n'este dia o mensageiro que lhe enviava, que desde julho estava prestes a partir para o reino, e que se achava ha muitos dias embarcado esperando tempo favoravel. Pede que se lhe não ponha impedimento ás audiencias, como se fez ao padre D. Camillo. Fazendo varias observações com respeito aos despachos ultimamente recebidos, diz que, servindo sua magestade ha muitos annos, se nunca mereceu honras, não julga que, pelo menos, mereça affrontas; etc. etc..... 388

Dezembro 2. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Pedro Vieira da Silva. Apesar de não haver materia nova servirá esta de acompanhar uma carta para sua magestade, segunda via da que na passada semana mandou por França, visto já ter partido o seu mensageiro. Queixa-se de, no fim de sessenta e cinco de edade e de trinta e quatro de serviços, ter tirado por maior premio d'elles ser tratado de mentiroso, de nescio, e de inobediente, expondo as razões d'este dito..... 391

1657

Janeiro 6 *(?)*. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha. Após varias observações, queixa-se de se enviarem directamente as ordens ao cardeal protector, em vez de irem no seu maço, dando-se-lhe copia de tudo quanto ia para elle embaixador, fazendo-se mais confiança do cardeal para os segredos da embaixada, do que d'elle para lhe entregar as respectivas cartas. Julga conveniente pôr-se termo a esta negociação mandan-

1657 PAG.

do-o voltar ao reino com as nominas, bem como a todos os portuguezes que estão em Roma, e demittindo Ursino do logar de protector..... 564

Jan. principio. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao papa, dando-lhe parte da morte de D. João IV, da coroação de D. Affonso VI, e de ter sido nomeada regente a rainha viuva. 393

Jan. principio. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Ursino, protector de Portugal, pedindo-lhe, em vista da morte d'el-rei D. João IV, que reserve a sua visita para occasião opportuna..... 394

Janeiro 13. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha, enviando-lhe copia da carta que escreveu a sua santidade, dando principio ao novo requerimento. Não obtendo resolução, irá, com a possivel brevidade, informar vocalmente sua magestade do que se tem passado. Teve visita do duque de Bracciano, e logo a seguir a de seu filho o cardeal Ursino. Remette uma carta do cardeal Mazarino, em resposta a outra que lhe enviou por occasião de novo nuncio, recommendando-lhe os assumptos de Portugal..... 566

Janeiro 13. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Pedro Vieira da Silva. Com os despachos da rainha, recebeu na semana anterior a confirmação do fallecimento d'el-rei. Mostra-se resentido por sua mercê tomar a defesa do cardeal Ursino contra tudo o que d'elle tem dito, dispensando-lhe mais confiança e mandando-lhe copia das ordens que iam para elle embaixador, etc. etc. Analysa o comportamento dos quatro padres da Companhia Tinoco, Cabral, Almeida e Valladares; etc. 395

Janeiro 29. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Mazarino. Pede-lhe que se dê por bem servido por monsenhor del Aubertière, que fallou ao papa a favor dos nossos negocios, embora sem resultado favoravel. Toda a fortuna se espera da conclusão dos de Portugal com França; e aconselha-o a que, tendo de enviar por cumprimento ao reino algum embaixador, o proveja das ordens necessarias para tratar esses negocios com a rainha regente..... 399

Fevereiro 1. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha, dando-lhe minuciosa conta do que passou com monsieur del Aubertière, camareiro de honor do papa, relativamente á audiencia que elle embaixador desejava obter de sua santidade. Prepara a sua partida para o reino, para o que já mandou fretar um navio que o vá buscar a Civita-Vecchia, e então fará sua magestade sciente de tudo quanto obrou, e aprendeu..... 568

1657 PAG.

Março 18. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha, dizendo que não havia navio que o quizesse ir buscar a Civita-Vecchia, não só pelo receio da peste, mas tambem porque sabiam quão rigorosamente os tratavam em Portugal por tal motivo. Continúa fazendo as possiveis diligencias para o obter, e fica esperando as novas de frei Manuel Pacheco..... 570

Abril 7. Outra, contando o que se tem passado com respeito á sua saída de Roma, e allegando as razões porque o não tem feito. Dá varias noticias politicas, e envia, impressa, a resposta que deu a um papel, que alli se publicou por ordem do embaixador de Castella, contra o memorial que elle tinha dado ao papa, a quem tambem manda um exemplar..... 400

Abril 13. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao papa, de congratulação pelo acabamento da peste, e pela purpura concedida ao cardeal Chigi, seu parente, esperando que sua santidade contará entre as prosperidades do seu pontificado a de remediar a miseria espiritual de Portugal..... 407

Abril 21. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha, participando-lhe que a cidade está livre da peste, e que os nossos negocios estão no mesmo estado. Houve creação de cardeaes, sendo o primeiro o sobrinho do papa, seguindo-se logo mais cinco. Fizeram-se grandes festas, porém veiu agual-as a nova, que no mesmo tempo chegou, da morte do imperador. Julga-a castigo de Deus, pela perfidia que commetteu na entrega do senhor D. Duarte; perdeu a mulher, o filho, e ultimamente morreu, e é muito verisimil que perca o imperio a sua casa. A este respeito faz varias considerações..... 571

Abril 21. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, queixando-se de não receber despachos nem noticias do reino, tendo que mendigal-as de porta em porta. Diz o que tem obrado relativamente á confirmação da eleição do padre frei André Telles, a respeito do que faz varias reflexões, bem como sobre o provimento dos beneficios no reino. É seu parecer que em Portugal se não deve passar carta de naturalisação a italiano algum que haja de viver em Italia, e expõe os motivos..... 408

Abril 22. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha, enviando uma nota do que Portugal devia á bulla da cruzada havia muitos annos. Contando o papa com esta quantia para umas obras que intenta fazer em S. Pedro, assim o participa elle embaixador a sua magestade para que mande tomar o expediente que fôr mais de seu serviço..... 573

Abril 27. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma,

1657 PAG.

ao cardeal d'Éste, acompanhando um exemplar do escripto que publicou em resposta a outro dos hespanhoes e no qual estes contrariavam as suas pretenções na Curia..... 411

Maio 6. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Mazarino com outro exemplar do mesmo escripto... 412

Maio 19. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao marquez de Gouveia, dizendo não o poder servir na sua pretenção, por já estarem passadas as bullas do canonicato de Pedro da Silva de Faria em favor de seu sobrinho, accrescentando que os beneficios do reino se não davam senão á mais vil escoria d'elle; na thesouraria da Sé de Braga foi provido um Manuel Furtado, criado de um conego de Evora a quem servia de moço de cego; n'um canonicato de Evora um Gregorio de Pina, expulso da Companhia, filho de um barbeiro de Santo Antonio do Tojal, etc. etc..... 413

Maio 26. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Diz que ha anno e meio que está em Roma, e que em todo aquelle tempo não recebeu mais que trez despachos, que enuméra, e sobre os quaes faz varias e curiosas observações. É de parecer que logo que sua magestade, em agosto, entrar na maioridade, escreva ao pontifice uma carta no sentido que indica... 574

Maio 31. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Ursino, protector de Portugal, pedindo que lhe mande por escripto o que communicou a el-rei em 10 de fevereiro ultimo, isto é: que sua santidade lhe dissera que estava resolvido a dar bispos *ad supplicationem Joannis 4ⁱ Portugaliæ Regis*, e que no primeiro consistorio proveria os principaes bispados, e os outros nos seguintes..... 415

Junho 1. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Pedro Vieira da Silva. Pelos motivos que allega, reputa-o seu inimigo, e quer que como tal o considere tambem. Para tudo o que diz tem provas na sua mão, sufficientes para seu descredito. Pode ir afiando as armas para quando elle embaixador regressar a Portugal; se até aqui teem luctado com a penna, chegarão a arcar, e quem melhor oração souber melhor a diga. 416

Junho 2. Outra, dizendo que escreve a el-rei pedindo-lhe que haja por bem que, sem outras provas juridicas, sua mercê não falle nem escreva em materias que digam respeito a elle embaixador; e caso sua magestade lhe não queira deferir sem precederem provas legaes e juridicas, convirá a ambos que de si mesmo se queira dar por suspeito, pelos motivos que aponta..... 418

Junho 2. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma,

1657 PAG.

ao bispo capellão mór. Respondendo ao que lhe expõe, caso sua santidade confirme as egrejas, diz que em Roma, em França, em Hollanda, e em todas as partes onde esteve, foi e é tão grande o seu credito que, se n'este mesmo dia o papa nomeara os bispados, e elle não tivera remessas do reino, na mesma hora tirara as bullas de todos. Acredite, porém, que, emquanto Ursino fôr protector, nem bispos, nem cousa boa deve esperar de Roma; etc. 419

Junho 4. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, dizendo que ou ha de continuar o mesmo estylo das queixas, ou lhe faltará materia sobre que escrever. Recebeu tres avisos de sua magestade, mas sobre os negocios de Roma nem uma só palavra; ao contrario, o cardeal protector recebeu seis despachos, e n'um d'elles se lhe remettem as nominas; a este respeito faz muitas e varias reflexões. Trata ainda de outros assumptos, e pede que lhe mandem uma embarcação para se recolher ao reino, porque difficilmente a poderá obter estando ainda a peste em Italia 578

Junho 7. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Ursino, protector de Portugal, passando em revista os actos por este praticados, antes e depois de elle embaixador chegar á Curia, os esforços que fez para que elle não viesse, os seus enredos, falsidades, ligações com o embaixador de Hespanha, etc., d'onde proveiu acharem-se em tão mau estado os negocios de Portugal na Côrte Pontificia 421

Junho 16. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Envia-lhe copia da carta que escreveu ao cardeal Ursino, mas que não se atreve a mandar-lhe, pelos motivos que expõe. Pede-lhe que a mande ler em conselho, e diz que tem provas de tudo quanto n'ella se contém. Faz varias observações a tal respeito. Participa que morreu o cardeal Bichi, e que, sendo o cardeal Ursino de facção franceza, não lhe encarregou os negocios, ficando estes entregues ao secretario, sem dependencia de cardeal algum havendo tantos da facção 583

Julho 7. Outra, dando conta do que se passou entre o assistente da Companhia e sua santidade, relativamente aos negocios de Portugal; a este respeito faz varias considerações. Tenciona partir de Roma quando o tempo arrefecer, caso lhe seja possivel, visto que não ha esperar navio de Genova, porque durante a semana morreram duas mil e oitocentas pessoas, ficando outras tantas acommettidas; de Livorne não o pode esperar, etc. 585

..... Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma,

1657 PAG.

á rainha. Trata do bispo inquizidor geral D. Francisco de Castro, de Sebastião Cesar, do inquizidor Pedro de Castilho, do cardeal Astalli, do padre frei Sancho de Faro, de Pedro de Almeida jesuita, do capellão mór, de Pantaleão Rodrigues, do secretario Pedro Vieira, dos condes de Odemira e de Cantanhede, do bailio de Valence, de Pedro de Valladares, do padre mestre Ribarola, do marquez Tarsis, e do cardeal Ursino de quem se queixa amargamente 434

Agosto 3. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Por falta de avisos anda mendigando de porta em porta, dos homens de negocio, as novas do reino. Prosegue nas queixas contra o cardeal Ursino. Diz-lhe que se desengane com Roma, se quer ter bispos diga que os não quer, e que quer aproveitar-se das rendas d'elles. Discorre sobre os provimentos dos bispados, e sobre outras materias, dando varios conselhos a sua magestade. Diz que no mez de setembro deve chegar o cardeal Antonio para substituir o fallecido cardeal Bichi, que fazia officio de protector de França na ausencia do de Este, e que vem com o titulo de superintendente nos negocios de Roma, e de toda a Italia. 441

Agosto 13. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha, dizendo-lhe o que entende relativamente ao irregular comportamento dos inquizidores com a gente de nação, etc. Trata da nomeação dos bispos de *motu proprio*. Diz que sairá de Roma logo que para isso receba ordem, e lhe seja possivel fazel-o, posto que muito contra seu parecer pelos motivos que expõe; etc... 450

Agosto 20. Ordem de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma. Intima em nome de sua magestade a todos os seus vassallos de qualquer qualidade ou condição, que, no praso de trez mezes, recolham ao reino, e se apresentem ao dito senhor, ou aos respectivos ministros, sob pena de confiscação de bens, e de ficarem desnaturalisados 456

Agosto 21. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Mazarino. Dá-lhe parte de que o papa não consentiu que puzesse luminarias, nem que a egreja de Santo Antonio e os portuguezes festejassem esse facto, pelo que elle embaixador mandou a todos os subditos de sua magestade que no praso de trez mezes deixassem Roma..... 457

Agosto 21. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao conde de Brienne, contando-lhe os factos mencionados, como é intento do papa prover os bispados de *motu proprio*, confiando no auxilio de França, e pedindo-lhe que dê as ordens necessarias para em Marselha passar sem quarentena o seu secretario

1657 PAG.

Roxas de Azevedo que manda a Portugal para participar o acontecido..... 459

..... Carta da Secretaria de Estado Pontificia ao nuncio em Paris, a respeito do acima referido, dando as razões do procedimento de sua santidade, e censurando o de Francisco de Sousa Coutinho..... 459

..... Carta da Secretaria de Estado Pontificia ao nuncio em Allemanha, para que procure persuadir o conde de Porzia, conselheiro director do rei de Hungria, á necessidade que ha de tomar a Santa Sé uma resolução nos negocios de Portugal, referindo o parecer que alguns cardeaes e theologos deram a sua santidade a tal respeito, depois da prohibição ao ministro portuguez, e da ordem d'este, e recommendando-lhe que, apenas haja opportunidade, suggira qualquer projecto sobre o mesmo.. 462

Agosto 25. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, dizendo que, quando se preparava para fazer as demonstrações de alegria no dia da coroação de sua magestade, e conforme tinha feito por occasião da promoção do sobrinho do papa a cardeal, e na exaltação de sua santidade, mandou o governador, por ordem d'este, notificar-lhe que o não fizesse, a pretexto de evitar ajuntamentos. Conta por alto o que praticou a tal respeito, porque mais minuciosamente o saberá sua magestade pelo secretario da embaixada João de Roxas de Azevedo, que está despachando para o reino..... 464

Setembro 1. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha, pedindo-lhe que ouça particularmente, e dê inteiro credito a tudo o que João de Roxas de Azevedo, secretario da embaixada e portador d'esta carta, disser relativamente ao estado das cousas de Roma, intenção do papa, conluios do cardeal Ursino, etc. etc..... 466

Outubro 22. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Mazarino. Tendo o cardeal protector arruinado os negocios de Portugal em vez de favorecel-os, como devia, o remedio era tirar-lhe a protecção; tratando-se porém d'isto, apparece em Lisbôa uma carta de sua magestade christianissima a el-rei para que o conserve n'aquelle cargo, o que participa a sua eminencia, por julgar que o não sabe, pedindo-lhe ao mesmo tempo que evite os effeitos da dita carta..... 468

Outubro 22. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao abbade Ondedei, secretario do cardeal Mazarino, no mesmo sentido, e pedindo-lhe que coopere para estorvar os ditos effeitos..... 469

1657 PAG.

Novembro 12. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Mazarino. Pede-lhe que communique para Lisbôa o seu parecer favoravel a elle não se retirar da Curia, pelo abandono em que ficariam os negocios; queixa-se de o protector o desacreditar dando-o como privado da graça de sua magestade christianissima e d'elle cardeal, mentira que lhe supplica faça desvanecer ante o papa; acha acertado o seu alvitre de não deixar Roma sem sua santidade prometter ao cardeal Antonio Barberino receber novo embaixador; manda-lhe copia de umas cartas do protector por onde verá para o que este serve, e da carta que escreveu ao mesmo (a de 7 de junho d'este anno), e folga de haver estimado as instrucções ao nuncio em Paris ácerca de Portugal, que lhe mandou e que brevemente completará (o doc. de pag. 459) 471

Novembro 19. Outra, agradecendo-lhe os seus sentimentos a seu favor e a favor de Portugal; encarece os serviços que ao reino tem prestado o abbade Braccese, e espera com a vinda do cardeal Antonio Barberino ver maiores fructos da graça de sua eminencia 474

Dezembro 24. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Antonio Barberino. Põe-o ao facto dos negocios de Portugal na Curia; folga com a sua vinda, e espera do favor d'elle e do cardeal Mazarino a execução do alvitre d'este, isto é: que, antes de elle embaixador se retirar do seu posto, sua santidade prometta a sua eminencia receber novo embaixador e prover os bispados 475

Dezembro 31. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Mazarino. Agradece-lhe ter recommendado ao cardeal Antonio Barberino os negocios de Portugal; remette-se a quanto este lhe escreve sobre precisar ordens suas immediatas para o conteúdo das cartas de sua eminencia ao abbade Braccese (a promessa de sua santidade, segundo parece), e espera que a estas horas esteja a ponto de concluir-se a liga entre Portugal e França, o que será a melhor das razões para mover sua santidade nas nossas pretenções 477

1658

Fevereiro 13. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Diz que João de Roxas de Azevedo tendo partido a 2 de setembro, depois de navegar no mediterraneo cinco mezes, lidando com a morte quasi todos os dias, viu-se obrigado a voltar para Roma, motivo porque envia em seu logar o padre D. Camillo de São Severino. Trata succintamente do provimento dos bispados, dos beneficios, das manifestações que desejara fazer no

1658 PAG.

dia de S. Bernardo festejando a maioridade de sua magestade, etc. etc., e manda uma copia do parecer que se deu a Filippe II nas desavenças que teve com Paulo IV, cujo exemplo se pode imitar..... 589

Fevereiro 16. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, aos conselheiros de estado, participando que, em logar do secretario João de Roxas, envia ao reino o padre D. Camillo de São Severino, visto ter escrupulo em o fazer repetir a viagem. Expõe o seu parecer com respeito aos negocios de Roma..... 478

Fevereiro 16. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao conde de Odemira. Pede-lhe que queira ouvir, e dar inteira fé, a tudo o que lhe disser o padre D. Camillo de São Severino, que envia em vez do secretario João de Roxas. Queixa-se de frei Boaventura das Chagas; etc..... 480

Fevereiro 16. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao secretario Pedro Vieira da Silva, dizendo as razões porque lhe pediu que fosse servido de não fallar em cousas que lhe dissessem respeito. Pede-lhe que queira ouvir o que o padre D. Camillo disser relativamente ao estado em que se acham os negocios de Roma, e como n'elles se deve proceder..... 483

Março 2. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Pelos navios que chegaram de Portugal recebeu uma unica carta de sua magestade, datada de 30 de setembro, que contém a resolução dos Estados, fomentada e ajudada pelos castelhanos, sobre o que faz varias apreciações, bem como sobre a ida do padre D. Camillo de São Severino em substituição do secretario da embaixada..... 595

Março 23. Outra, fazendo muitas e varias reflexões relativamente aos termos e cláusulas com que sua magestade foi servido ordenar-lhe que saisse immediatamente de Roma. Falla no provimento dos bispados; etc..... 597

Março 23. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, á rainha, dizendo a razão porque não pode sair de Roma com a brevidade que se lhe ordena. Descreve o irregular procedimento do cardeal Ursino desde que elle embaixador entrou n'esta cidade; trata do provimento dos bispados; e faz varias considerações a respeito dos iniquos termos com que o tratam, depois de trinta e cinco annos de serviços, sessenta e seis de edade, e quinze de cinco embaixadas..... 484

Abril 5. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei. Julga que dentro de poucos dias poderá chegar o navio, que pediu a sua magestade, para o transportar ao reino, tanto

1658 PAG.

mais que ainda não recebeu as trez mezadas, que foi servido mandar se lhe remettessem logo, e que, provavelmente, virão na dita embarcação 602

Abril 20. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, dizendo que está preparado para sair de Roma, o que fará logo que se offereça occasião. Falla no provimento dos bispados, e diz que tem pedido aos Mendes que lhe arranjem uma embarcação que o conduza ao reino 603

Maio 6. Outra, referindo o que o papa disse ao padre assistente na audiencia que lhe concedeu. Desconhecendo a utilidade d'esta diligencia, faz a tal respeito muitos e variados reparos. Diz que tendo os venezianos mandado a uma empreza vinte galés e uma galeaça, bastou a tempestade de um dia para se perderem quasi todas 605

Maio 11. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao conde de Odemira. Diz que faz as possiveis diligencias para apressar a sua jornada, mais por obedecer ás ordens de sua magestade do que aos dictames do seu entendimento, deplorando que fique com a direcção dos negocios o cardeal Ursino, depois de tantas experiencias de como os trata, e tem tratado em sete annos de protector; etc. etc. 499

Maio 29. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, participando-lhe que voltou a Roma a rainha de Suecia, que, tendo sido tão bem recebida na primeira vez, é agora tratada com a maxima desconsideração, bem como o marquez Santenelli *(?)* seu valido, e o pae d'este. Visitou-a, e foi recebido com a maior affabilidade, etc. 610

Setembro 4. Outra, dando conta do que se passou em uma audiencia particular que o papa concedeu ao cardeal Antonio. Refuta uns ditos propalados pelo cardeal Ursino; etc. 613

Setembro 6. Outra, communicando o que se disse na conferencia que o cardeal Ursino teve com o abbade Braccese. Trata de uns frades portuguezes da Trindade, que o cardeal Antonio favorece, e diz que o padre mestre Ribarola teve de sair de Roma para França a fim de fugir a um ergástulo a que injustamente estava destinado 616

Setembro 14. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Antonio Barberino, defendendo-se das calumnias que os seus inimigos lhe assacaram, e em que sua santidade alludiu a sua eminencia, quanto ao seu procedimento na Curia, para que o faça saber a sua santidade 503

Outubro 19. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma,

1658 PAG.

a el-rei, enviando lhe a copia de um papel, como escripto ao cardeal Antonio, em que respondia a tudo o com que o quizeram malquistar com o papa. Vae o cardeal a Castel Gandolfo, onde elle está, para lh'o mostrar, e ao mesmo tempo fallar-lhe com mais clareza nas materias de Portugal. Queixa-se amargamente de Sebastião Pereira de Eça, e faz uma extensa resenha dos seus inqualificaveis actos. Falla nos immensos thesouros que vão a Roma por via de frades; etc..... 619

Novembro 2. Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, a el-rei, queixando-se do cardeal Ursino e de Sebastião Pereira de Eça, expondo os motivos que para isso tem. Participa o fallecimento do duque de Modena, e o do padre mestre Ribarola... 624

Dezembro 11. Outra, referindo-se aos mil cruzados da nossa moeda, que se enviaram a Sebastião Pereira de Eça para imprimir a genealogia da rainha nossa senhora, com cujo pretexto se detem em Roma. Falla na audiencia que o papa concedeu ao cardeal Antonio; diz que o papa confirmou a exclusão, feita pelo ministro de Hespanha, de quatro sujeitos theatinos só por serem amigos de D. Camillo de São Severino, e que mandou prender este até se acabar o capitulo, desterrando-o no ultimo dia. Assegura que dentro de quinze dias estará fóra de Roma, e o mais depressa que puder em Portugal..... 626

..... Carta de Francisco de Sousa Coutinho, embaixador em Roma, ao cardeal Ursino, a respeito de um beneficio de cantor da sé de Evora..... 506

..... Outra, relativamente a uma ordem de sua magestade, ultimamente recebida..... 507

..... Outra, pedindo que lhe diga se já enviou a el-rei as nominas e processos antigos que tinha em seu poder, ou se lh'os quer mandar a fim d'elle embaixador os remetter..... 508

..... Carta (do secretario de estado?) ao cardeal Ursino, dizendo que sua magestade sente bastante as desavenças que se teem dado entre elle cardeal e o embaixador, e que são muito em seu desserviço..... 509

..... Carta d'el-rei (ao cardeal Ursino?), dizendo que manda ordenar a Francisco de Sousa Coutinho que escreva a sua santidade a carta cuja copia encontrará inclusa; e que outrosim lhe ordena que recolha ao reino, caso se lhe não tenha deferido dentro de um mez. Encommenda-lhe, pois, que, por todos os meios justos e possiveis, procure persuadir sua santidade a que lhe defira... 510

..... Carta d'el-rei a ....? Dado o caso que o embaixador Francisco de Sousa Coutinho sáia de Roma, com desengano de se

PAG.

deferir ás justas pretenções de sua magestade, não sendo, por isso, alli necessarios ministros seus, encommenda-lhe que os despachos para a expedição dos que tem em seu poder os mande entregar todos a Francisco de Tavora, assistente da Companhia n'aquella Côrte. Agradece-lhe os bons officios que lhe fez..... 511

1659
Janeiro 11. Carta do cardeal Antonio Barberino a el-rei. Participa-lhe a partida do embaixador, de Roma; louva-o pelos seus serviços e e pela sua prudencia e força de animo, que resistiram a todas as contrariedades e intrigas, e declara que não achou nada quanto á segurança que se deu a sua magestade de prover as egrejas logo que o dito embaixador partisse..... 511

Julho 2. Carta de Francisco de Sousa Coutinho ao cardeal Antonio (Barberino) agradecendo-lhe os obsequios que sempre lhe dispensou. Constando-lhe que o cardeal Ursino, com o auxilio do padre assistente e de Sebastião Pereira, continúa falsificando assignaturas e cartas, apparecendo agora com uma ou duas do seu punho, pede-lhe, em serviço d'el-rei, o favor de averiguar este negocio, o que não será muito difficil, pois não pode permittir que um cardeal pouco verdadeiro, um jesuita tonto, e um secular velhaco, á sombra da sua auctoridade, o queiram vilipendiar, só porque pôde averiguar as suas falsidades e ignorancia; etc..... 513

ERRATAS

PAG.	LIN.	EM LOGAR DE	LEIA-SE
19	7	Coalheiro e rendo	Coalheiro, e rendo
23	8	habita	habita
25	1	hora	hora
63	10	Cirvela	Ciruela
109	1	Franca	França
145	23	quatro carta	quatro cartas
195	14	differisse	differisse *(sic)*
204	19	Sua Santidade	Sua Santidade *(sic)*
327	21	do sen	do seu
349	19	logo *(sic)* *vœ*	logo *vœ*
409	10	mareantes	marcantes
425	13	Pontificii *(sic)*	Pontificii
440	27	os ridltos	os riditos
449	26	conhecem ou o	conhecem ou o *(sic)*
456	17	**657 — Agosto 20**	**1657 — Agosto 20**
563	15	tomando *(?)*	tornando
567	19	com toda e	com toda a
584	ultima	*está riscado*	*está riscado.*
637	17	mutu proprío	*motu proprio*
639	34	sobscritos	sobrescritos

JX
821
A4
t.13

Academia das Sciencias de Lisboa
Corpo diplomático português

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY